



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ROBERTA FERREIRA GONÇALVES

**AS AVENTURAS D' O TICO-TICO:
FORMAÇÃO INFANTIL NO BRASIL REPUBLICANO (1905-1962)**

Niterói, RJ

2019

ROBERTA FERREIRA GONÇALVES

AS AVENTURAS D' O TICO-TICO:
FORMAÇÃO INFANTIL NO BRASIL REPUBLICANO (1905-1962)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História.

Área de concentração: Contemporânea II

Orientadora: Prof^a Dr^a Giselle Martins Venâncio

Niterói, RJ

2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

G635a Gonçalves, Roberta Ferreira
As Aventuras d' O Tico-Tico: : Formação Infantil no Brasil
Republicano (1905-1962) / Roberta Ferreira Gonçalves ;
Giselle Martins Venâncio, orientadora. Niterói, 2019.
360 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.09282197719>

1. Brasil Republicano. 2. Infância. 3. Imprensa. 4.
Educação. 5. Produção intelectual. I. Martins Venâncio,
Giselle, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense.
Instituto de História. III. Título.

CDD -

ROBERTA FERREIRA GONÇALVES

AS AVENTURAS D' O TICO-TICO:
A FORMAÇÃO DA CRIANÇA CIDADÃ NO BRASIL REPUBLICANO (1905-1962)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em História.

Área de concentração: Contemporânea II

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Giselle Martins Venâncio - UFF
Orientadora

Profº Drº Paulo Knauss – UFF
Arguidor

Profª Drª Karoline Carula – UFF
Arguidor

Profª Drª Patrícia Tavares Raffaini – UNIFESP
Arguidor

Profª Drª Gabriella Pellegrino Soares – USP
Arguidor

À Inês, que ilumina os meus dias.

AGRADECIMENTOS

Com a finalização da tese, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente agiram para que o desenvolvimento e conclusão deste trabalho fosse possível. Foram quatro anos e quatro meses intensos de pesquisa, leituras, dedicação à escrita, mas também de ansiedade, dúvidas, surpresas, alegrias e muitas viagens entre Rio e Goiás. Agradeço a todos que ajudaram para que essa etapa da minha formação fosse concluída em meio a um contexto político desanimador de anti-intelectualismo e descrédito com a educação e pesquisa públicas.

À Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) agradeço pela bolsa concedida desde o início do doutorado, que garantiu que fosse possível dedicação exclusiva à tese. Agradeço também pelos quatro meses de licença maternidade que possibilitaram que eu dirigisse toda a minha atenção à nova vida que acabava de nascer.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História da UFF e ao Departamento de História, entre coordenadores, professores e demais funcionários, pela atenção e pela solicitude nas ocasiões de entrega de relatórios, durante a realização do estágio docente e nas dúvidas em relação ao processo de licença maternidade.

Agradeço também aos funcionários do arquivo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, que me ajudaram na consulta aos exemplares dos Almanques d'O Tico-Tico. Igualmente agradeço a Azilde Andreotti pela ajuda na consulta ao Acervo Histórico do Livro Escolar, da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo.

À Prof^a Dr^a Giselle Martins Venâncio agradeço por ter aceitado a orientação, mesmo diante de uma série de dificuldades, como a minha mudança para outro estado, o período de desânimo com a escrita, a gravidez e o nascimento da Inês. Suas sugestões e leituras, sempre muito atentas e estimulantes, ajudaram a construir um caminho singular para o trabalho, ampliando o escopo inicial, trazendo novas inquietações que foram essenciais para o aprofundamento das questões elaboradas inicialmente. Sua energia e disposição foram também um grande incentivo nos momentos em que a distância da universidade e a saudade da família e amigos desencorajavam o prosseguimento do trabalho. Nunca esquecerei do carinho que recebi quando informei sobre a gravidez, não planejada mas muito desejada. “A maternidade é o nosso trabalho mais gratificante” foi mais ou menos as palavras que ouvi e que ainda hoje, entre planejamentos furados e noites de sono mal dormidas, me dão conforto e força para continuar a trilhar o caminho do trabalho acadêmico.

Agradeço também aos Profs. Drs. Paulo Knauss e Patrícia Tavares Raffaini pela leitura do material da qualificação e pelas excelentes ponderações e contribuições. Ao Prof^o Dr^o Knauss agradeço pela leitura refinada e erudição ímpar que permitiram identificar tanto as carências gerais do trabalho, como os desacertos específicos de cada capítulo. A Prof^a Dr^a Raffaini agradeço pelas sugestões de leitura e pelas contribuições em relação a história da infância e literatura infantil. Sem dúvida, este trabalho não teria sido o mesmo sem as suas contribuições.

Aos colegas orientandos da Prof^a Giselle Venâncio, agradeço pelas discussões nas reuniões, pelas sugestões, pelo apoio na entrega dos relatórios e pela oportunidade de ler seus excelentes trabalhos que, com certeza, ajudaram a abrir caminhos para a minha própria pesquisa. Agradeço em especial a André Furtado, Nayara Galeano, Valério Negreiros, Cristiano Rangel e Everton Vieira Barbosa. A Mariana Tavares agradeço pela amizade, carinho e parceria na condução da disciplina *História do livro e das práticas de leitura no Brasil nos séculos XIX e XX: objetos, métodos e práticas*, durante nosso estágio docência. Foi um grande prazer poder dividir a organização e desenvolvimento da disciplina, assim como as dúvidas e inquietações do magistério no ensino superior.

Durante os anos de 2016 e 2017 a atividade do doutorado coincidiu com a atividade docente como professora temporária no Instituto Federal Goiano, Campus Trindade. Agradeço aos colegas que me proporcionaram trocas e discussões interessantes sobre educação e pesquisa. Agradeço também a direção e coordenações que me permitiram ausências temporárias para a participação em eventos acadêmicos e reuniões de orientação no Rio de Janeiro. Agradeço em especial aos colegas Priscila, Rosana, Rute, José Geraldo, Wendryll, Luiz Bacural, Natália e ao diretor Julio. Aos alunos agradeço por sempre me instigarem a refletir sobre a atividade docente e sua relação com a pesquisa. Obrigada também por sempre me lembrarem da importância dos afetos na educação.

Agradeço também aos meus queridos amigos Rogério e Marcus Vinícius por entenderem minha ausência e distância. Agradeço também por permitirem que nossa amizade se fortaleça mesmo diante de mudanças que levam nossas vidas a caminhos imprevistos. Meu carinho e afeto por vocês vai muito além de rodas de conversa e cerveja.

Nada teria sido possível sem o apoio da minha mãe Maria Elisabete e das minhas irmãs Ingrid e Erika. Obrigada por acreditarem no crescimento humano pela via da educação, por terem investido em mim e por sempre estarem ao meu lado nas minhas escolhas, mesmo que elas nem sempre nos aproximem. Agradeço a minha mãe e Erika, que estiveram mais

próximas, pelo cuidado e disposição em me ajudar sempre e por cuidar da Inês para que eu realizasse o estágio docência. Aos meus sobrinhos, meu carinho e alegria. Ao meu pai Roberto, você sempre estará comigo. Obrigada por tudo!

E por fim, agradeço ao meu companheiro Ivan. Obrigada pelas trocas intelectuais, pelas orientações e observações sempre criteriosas e provocadoras. Certamente suas ponderações ajudaram muito no desenvolvimento desse trabalho. Agradeço pelo companheirismo, carinho, paciência e por partilhar comigo projetos de presente e futuro. Obrigada por ter se entregado a experiência da paternidade e por ter dividido comigo as dificuldades e alegrias de se ter um bebê. Obrigada por ter cuidado da Inês, muitas vezes deixando em segundo plano suas obrigações, para que fosse possível concluir os últimos capítulos desta tese.

À Inês, por todos os momentos que fazem de mim a cada dia uma pessoa melhor, obrigada!

RESUMO

O Tico-Tico é uma das revistas ilustradas infantis mais longevas do país. Lançada em 1905, circulou com periodicidade diversa até 1962. Foi criada durante o processo de segmentação de impressos da *Sociedade Anônima O Malho* e, com isso, representa etapa relevante da história da organização de uma das primeiras estruturas empresariais do ramo no Brasil. Idealizada por um grupo de intelectuais mediadores atuantes na imprensa e na educação pública, a revista nasceu sob o impacto das discussões públicas que viam a educação como saída para o atraso no qual se posicionava o país. Marcada também pela República então proclamada há pouco mais de dez anos, a revista se constituiu como uma ação informal de apoio à formação de crianças e jovens, pensados como futuros cidadãos de uma República que deveria se projetar como moderna e civilizada. Fundamentada em uma “pedagogia da nacionalidade”, *O Tico-Tico* estabeleceu uma ideia singular de formação infantil que envolvia não apenas a aquisição de competências didáticas, mas também a constituição de valores, padrões de comportamento e de sensibilidades modernas. Conforme procuramos demonstrar, defendemos que o projeto formativo da revista se constituiu a partir de quatro pilares principais: educação cívico pedagógica; o ensino da História, em especial da história pátria; a difusão da língua portuguesa, através da leitura e da escrita e a educação para o consumo. Por meio do divertimento infantil – através das histórias em quadrinhos, jogos de armar e brincadeiras lúdicas – a revista buscou se aproximar de questões relacionadas à valorização da infância, a expansão do sistema escolar e dos debates sobre educação, do desenvolvimento do público leitor, especialmente infantil, no mercado editorial do país.

Palavras-chave: Educação. História da Infância. História da leitura. Revista Ilustrada

ABSTRACT

With its first issue dated from 1905 and its lastest issue published in 1962, *O Tico-Tico* is considered one of longest time published Brazilian illustrated magazine for kids. Published during the process of segmentation of press from the *Sociedade Anônima O Malho*, it is part of a bigger organization of one of the first entrepreneurial structures of presses in Brazil. *O Tico-Tico* was conceived by a group of intellectual mediators working on printing press and public education acting under the impact of public discussions attesting the role of literacy to overcome what was seen as a national delay and the recently proclaimed Republic. In this sense, the magazine was an informal statement of support to the formation of young Brazilians, seen as future citizens of a country that was projected to be modern and civilized in the near future. Based on what we can call “nationality pedagogy”, *O Tico-Tico* developed an unique idea of child formation that involved not only the acquisition of didactic skills but also the constitution of values, behavior patterns and modern sensitivities. Tthe formative project of the magazine, as we argue in ths thesis, was based on four main pillars: civic pedagogical education; History, especially Brazilian History; Portuguese language through reading and writing; and education for consumption. Through comics, paper toys and a number of activities for entertainment purposes *O Tico-Tico* approached issues related to the valuation of childhood, the expansion of the school system and debates about education, development of readers – especially children – in the country's publishing market.

Keywords: Education; History of Childhood; History of Lecture; Illustrated Magazine.

ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem 1: Capa da revista O Malho com Angelo Agostini	27
Imagem 2: Oficinas d'O Malho com as rotativas Marinoni	28
Imagem 3: Oficinas d'O Malho com as rotativas Marinoni	28
Imagem 4: Vencedor do primeiro concurso da revista O Tico-Tico	38
Imagem 5: Capa do 1º número da revista O Tico-Tico	39
Imagem 6: Por Causa de um Cachorro	43
Imagem 7: Primeiro número de <i>Desventuras de Chiquinho</i>	55
Imagem 8: <i>Desventuras de Chiquinho</i> . Inspiração em Litle Nemo	61
Imagem 9: Propaganda da Livraria Laemmert com Chiquinho	63
Imagem 10: Capa da edição de novembro de 1952	65
Imagem 11: Comparativo do logotipo da revista em dois momentos distintos	70
Imagem 12: Logotipo de A arte de Formar Brasileiros	90
Imagem 13: Ilustração de Angelo Agostini em A arte de Formar Brasileiros	93
Imagem 14: Comparação entre estados brasileiros e países europeus em A arte de Formar Brasileiros	97
Imagem 15: Comparação entre estados brasileiros e países europeus em A arte de Formar Brasileiros	97
Imagem 16: Pela Defesa Nacional	108
Imagem 17: Primeira estrutura da seção Escotismo	116
Imagem 18: Logotipos da seção Escotismo	118
Imagem 19: O Dever do Escoteiro, <i>Desventuras de Chiquinho</i>	121
Imagem 20: Mensagens à Juventude	132
Imagem 21 A Juventude do Presidente Getúlio Vargas	137
Imagens 22: Ilustrações de desfiles cívicos, por Florentino Barbastefano	138
Imagem 23: Ilustrações de desfiles cívicos, por Florentino Barbastefano	138
Imagem 24: História do Brasil em Figuras. A conspiração de Tiradentes	151
Imagem 25: História do Brasil em Figuras. Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI	155
Imagens 26: Ilustração da revista <i>O Tico-Tico</i> em História do Brazil em Figura.	157
Imagem 27: Ilustração a partir de fotografia em <i>Semana Illustrada</i> .	157
Imagem 28: Perfil biográfico de Antonio Vieira em <i>Gavetinha do Saber</i>	163

Imagem 29: Perfil biográfico de José do Patrocínio, em Gavetinha do Saber	163
Imagens 30: Retrato da <i>Galeria de personagens Célebres da História</i>	169
Imagem 31: Ilustração do conto <i>A mala Voadora</i>	169
Imagem 32: Mapa resultado do Concurso dos Grandes Vultos do Brasil	173
Imagem 33: Ilustração da seção História da Nossa Pátria, em número sobre o Presidente Prudente de Moraes	179
Imagem 34: Quadros da Nossa História	183
Imagem 35: Capa e contracapa em homenagem ao meio centenário da Proclamação da República	192
Imagem 36: Capas em comemoração a Proclamação da República	194
Imagem 37: As Aventuras de Chiquinho	210
Imagem 38: Gramática Infantil pela Imagem	213
Imagem 39: Lições do Vovô	223
Imagem 40: Lições do Vovô	224
Imagem 41: História do livro – O Jornal	229
Imagem 42: Adaptação em quadrinhos de O Guarany, de José de Alencar	240
Imagem 43: Sherlock Holmes contra Arsênio Lupin, de Álvaro Marins	244
Imagem 44: Propaganda dos livros da Companhia Editora Nacional	248
Imagem 45: Capa do romance A Ilha do Tesouro	254
Imagem 46: Duas versões do romance As Viagens de Gulliver	256
Imagem 47: Desventuras de Chiquinho	275
Imagem 48: Buster Brown sets even with the postman	276
Imagem 49: O Zé Macaco	278
Imagem 50: Máscaras de carnaval	283
Imagem 51: Bloco carnavalesco d'O Tico-Tico	288
Imagem 52: Carros carnavalescos infantis	289
Imagem 53: Crianças fantasiadas para o carnaval	290
Imagem 54: Propaganda das Águas Caxambu	294
Imagem 55: Propaganda de cigarros	296
Imagem 56: Propaganda do Cinearte Álbum de 1931	300
Imagem 57: Propaganda de livros da Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico	300
Imagem 58: Fotografia do sorteio do Grande Concurso de Independência de 1933	307
Imagem 59: Concursos – soluções de leitores	309

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O Tico-Tico: história em memória	13
1.1 A revista <i>O Malho</i> e a nova imprensa empresarial	17
1.1.1 A segmentação dos impressos de <i>O Malho</i>	24
1.2 Publicando para crianças: o lançamento da revista <i>O Tico-Tico</i>	35
1.2.1 Os objetivos formadores da revista em suas diversas fases	48
1.2.2 De Buster Brown a Chiquinho: a transformação de um personagem em símbolo da revista	56
1.3 O estabelecimento e a consolidação de uma memória sobre o <i>O Tico-Tico</i>	66
CAPÍTULO 2 - A arte de formar brasileiros: moral e civismo	81
2.1 O futuro cidadão brasileiro pelo olhar de Angelo Agostini	86
2.2 A campanha de Olavo Bilac e o Escotismo n' <i>O Tico-Tico</i>	102
2.2.1 O Escotismo	111
2.3 Mensagens à Juventude Brasileira: o homem novo de Getúlio Vargas	125
2.3.1 <i>Por que me orgulho de ser brasileiro?</i> : novas mensagens à Juventude Brasileira	131
CAPÍTULO 3 - Brasil em Figuras: Usos do passado e cultura histórica	140
3.1 O conhecimento histórico nas páginas d' <i>O Tico-Tico</i> : entre lições e figuras	145
3.2 As biografias na revista: aprendendo com a trajetória dos homens célebres	158
3.3 A construção do cidadão diante da redefinição da identidade nacional republicana	173
3.4 A história pátria no cruzamento entre dois regimes de historicidade	185
CAPÍTULO 4 – A Biblioteca d’<i>O Tico-Tico</i>: o ensino da língua, a criação, difusão e canonização da literatura infantil	197
4.1 O ensino da língua portuguesa na formação do futuro cidadão	202
4.1.1 Os acordos ortográficos e afirmação da língua nacional	210
4.2 Ler e escrever na revista <i>O Tico-Tico</i>	218

4.2.1 A ciência da leitura e da escrita	222
4.3 O que ler na infância: indicação de leituras e construção de cânones	230
4.3.1 Os perigos dos romances e das histórias de aventuras	236
4.4 A Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico	251
CAPÍTULO 5: A Gaiola d'O Tico-Tico: consumo e interação infantil	262
5.1 O consumo das cidades: espaço de sociabilidades e festividades	270
5.1.1 Zé Macaco e Faustina e a inadequação a cidade moderna	277
5.2.1 Carnaval e interação infantil	283
5.2 A publicidade e a construção de uma noção de consumo para as crianças	291
5.3 Os concursos: interação e atividade educativa	301
5.4 O consumo e a interação infantil como estratégia educativa	310
CONSIDERAÇÕES FINAIS	312
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	317
ANEXOS	
I Biblioteca do Tico-Tico	330
II Galeria dos Brasileiros Ilustres	332
III Galeria dos Homens Célebres	334
IV Grandes Episódios da Nossa História	339
V Grandes Figuras do Mundo	340
VI História do Brasil em Figuras	341
VII História da Nossa Pátria	343
VIII Quadros da Nossa História	345

INTRODUÇÃO

Quarta-feira era o meu dia mais esperado e feliz da semana, pois era às quartas que geralmente chegava a Cruz Alta o último número d’*O Tico-Tico*. Eu costumava ir buscá-lo à livraria do Doca Brinkmann, um homem de barbicha alourada, olhos claros atrás dum pincenê erudito. Eu entrava na livraria com um certo temor no coração e perguntava com voz mal audível: “Chegou *O Tico-Tico*?”. E ficava com os olhos, o coração, todo o meu ser, em suma, preso aos lábios do seu Doca. Com sua calma imperturbável, ele olhava em torno, lento, e depois, arrastando os pés, aproximava-se dos pacotes recém-chegados da agência do correio e apanhava o novo número da revista, entregando-o ao alvoroçado assinante. Não infrequentemente o livreiro informava: “*O Tico-Tico* não chegou. Esta semana está atrasado”. Minha decepção ante a terrível notícia tinha um caráter quase catastrófico. Como se teria livrado o bravo conde de Cavaignac da cilada que os inimigos haviam armado? Três contra um, na calada da noite, numa ruela deserta de Paris! Quanto tempo mais terei eu de esperar para ver a continuação do drama?

(Érico Veríssimo)¹.

No relato das memórias de Érico Veríssimo, o autor faz um breve comentário sobre sua experiência de leitura da revista *O Tico-Tico* quando era apenas um garoto em Cruz Alta, Rio Grande do Sul. O menino, nascido no mesmo ano da revista que marcou a sua infância, comenta sobre a expectativa do recebimento da publicação, que para os leitores das regiões mais distantes da capital, era marcado pelo sentimento de espera. Essa expectativa era uma característica da leitura do periódico. Para meninos e meninas de diversas partes do país era

1 VERÍSSIMO, Érico. *Solo de Clarineta*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

necessário esperar o próximo número para conhecer o desenlace das aventuras de Chiquinho, Benjamin e Jagunço, das trapalhadas do casal Zé Macaco e Faustina, saber como Robinson Crusóe deixara a ilha², conhecer o resultado de concursos, ver seu texto, desenho ou fotografia publicados na página da revista. E como mostra o artista, a experiência poderia ser também de frustração, caso as oficinas não rodassem a tempo as edições da semana, o correio atrasasse ou extraviasse o número aguardado.

As memórias deixadas pelos leitores nos dão algumas pistas sobre como crianças de diferentes gerações leram e consumiram a revista *O Tico-Tico*. Muitos tiveram seu primeiro contato com clássicos da literatura através das adaptações publicadas em folhetins. Ou conheceram as histórias em quadrinhos, nova linguagem que se tornava popular nos Estados Unidos e Europa, através do periódico infantil. Alguns puderam ver suas imagens, textos e desenhos sendo compartilhados por outros leitores, experiência incomum em um mundo sem redes sociais. Quando a revista não mais agradava ao público jovem, mais interessado nas histórias de aventura que a revista tanto viu com desconfiança, a empresa precisou se reinventar aproximando-se do universo escolar e reafirmando seu compromisso educativo.

A experiência de leitura dos “meninos do Tico-Tico”³ era diversa, podendo ser individual ou coletiva. O leitor poderia adquirir a revista pelas mãos dos vendedores ambulantes das cidades, em livrarias ou através de assinatura. Caso não fosse possível obtê-las, a leitura poderia se dar através de empréstimos de amigos e parentes ou em grupos de colegas da vila, da rua ou da escola. Aqueles que não quisessem ler a revista inteira, poderiam apenas se deleitar com as imagens, rir com os quadrinhos, brincar com os jogos e passatempos. Alguns recortavam as páginas para guardar os encartes, construir os brinquedos de papel e vestir as bonecas com os modelos publicados. Outros decalcavam as imagens para criar outras histórias, rabiscavam as seções de passatempos e a resolução dos concursos. Os leitores ainda poderiam colecionar seções, encadernar romances em série ou simplesmente descartar após a leitura, afinal de contas, ao contrário do livro, que carregava um alto valor simbólico, a revista era um impresso efêmero.

A diversidade de possibilidades em torno do consumo da revista é indício das variadas

2 No seu poema Fim, Carlos Drummond de Andrade também comenta da expectativa com a leitura de Robinson Crusóe, conhecido por ele nos folhetins da revista *O Tico-Tico*. ANDRADE, Carlos Drummond. Fim. In: **Boitempo**: menino antigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

3 Referência a crônica de Luís Câmara Cascudo publicada no jornal *A República*, de Natal, reproduzida na revista *O Tico-Tico*, de maio de 1949, Nº 1962, Ano XLIV

expressões da leitura já existentes ou em processo de experimentação nos anos de circulação da revista. Entre 1905 e 1962, a revista procurou criar e renovar as expectativas de um público em transformação. Se nas primeiras décadas, apostava no discurso moral liberal, na visualidade e humor característico das revistas ilustradas, na década de 1930 procurou apostar em uma ideia de infância mais voltada para a coletividade, na moral cristã e no discurso cívico, por vezes em consonância com o discurso autoritário. Entre os anos 1940 e 1950, a revista tentou retomar o humor que lhe foi característico durante os primeiros anos e investiu no diálogo com um público infantil, com acesso a uma gama variada de produtos de consumo, além das experiências do rádio e da TV.

O Tico-Tico circulou em um período de grandes mudanças não apenas nos sentidos da infância, mas também nos processos culturais e políticos do país. Ao mesmo tempo protagonista e expectadora dos processos de modernização em curso, a revista elaborou e conduziu um projeto singular de formação infantil, voltada para a construção da criança republicana e futuro homem moderno. Esse projeto formativo foi reflexo de um amplo debate público que tomava conta da intelectualidade brasileira no início do século XX. Estes debates pretendiam refletir sobre os problemas nacionais e propor caminhos e estratégias para a construção do Brasil que desejavam no futuro. Destas visões de futuro surgiram várias interpretações sobre o país, cada vez mais inserido no projeto de modernidade de uma sociedade urbano-industrial.

As mudanças políticas recém-estabelecidas na passagem do século XIX para o XX – a Abolição (1888) e a República (1889) – forçavam os intelectuais a refletirem sobre a identidade nacional, aquilo que particulariza e ao mesmo tempo universalizava o brasileiro. Alguns anos mais tarde, a Revolução de 1930 e a década de 1950, impuseram realidades que mais uma vez colocaram a intelectualidade brasileira na dianteira das reflexões sobre o país. Para Tania Regina de Luca, em conjunturas de transformação, ruptura e crise, se debruçar sobre os problemas nacionais tornava-se quase uma compulsão para os intelectuais da imprensa. Buscar compreender os fundamentos da nação, assim como aquilo que a particulariza diante das demais nações estrangeiras, conhecendo suas peculiaridades e potencialidades era algo que ganhava novo sentido⁴.

A elite intelectual via-se, portanto, como portadora de uma missão redentora que as

4 LUCA, Tania Regina de. **A revista do Brasil: um diagnóstico para a Nação**. São Paulo: Editora Unesp, 1999. P. 18.

forçava ao mesmo tempo a revelar a “verdadeira face da nação”⁵ e propor projetos e soluções de intervenção social e cultural. Estes sujeitos se tornaram figuras estratégicas na política e cultura, revelando uma variedade de práticas intelectuais, que foram da produção de ideias e diagnósticos, até a intervenção política e mediação cultural.

Neste trabalho encontramos uma categoria de intelectuais vulgarizadores⁶, ou como propõe Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen, *intelectuais mediadores*, que, ao mesmo tempo em que se apropriam e fazem circular discursos políticos, constroem redes, renovam e produzem significados⁷. Estes intelectuais, frequentemente desconsiderados, sem lugar no *hall* de “grandes intérpretes do Brasil”, são figuras singulares na medida em que se apropriam de textos, ideias e saberes para a construção de bens culturais diversos⁸. No caso de uma revista infantil, estes intelectuais assumiam perfis distintos: eram editores, redatores, ilustradores, diretores de arte, muitas vezes figuras anônimas, cujo trabalho não era simplificar a linguagem, mas construir novas formas de comunicação de massa, capazes de selecionar, representar e levar a um público específico – o infantojuvenil – debates acalorados relativos a construção da nação e do cidadão brasileiro.

Portadora de um projeto formador das futuras gerações, a revista *O Tico-Tico* se estabeleceu por meio de uma *pedagogia da nacionalidade*⁹. Ao mesmo tempo em que aparecia ao público como uma publicação moderna, lúdica e variada, procurou produzir, selecionar e acumular saberes que permitissem aos leitores construir referências e leituras sobre o Brasil¹⁰. A leitura da revista seria uma forma das crianças e jovens brasileiros se conectarem ao mesmo tempo com o Brasil e com a modernidade.

Essa *pedagogia da nacionalidade* encontrada na revista também seguia a lógica de *ensinar brincando*, muito difundida à época, em que se discutia a importância de levar aos leitores infantojuvenis novas experiências de aprendizagem. Ainda que a revista se mostrasse

5 Ibid. P. 19.

6 Jean-François Sirinelli chama atenção para o caráter polissêmico da noção de intelectual, que engloba criadores e mediadores culturais, até intelectuais que se definem a partir de seu engajamento. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. P. 242.

7 HANSEN, Patrícia Santos & GOMES, Angela de Castro. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. P. 13.

8 Ibid. P. 18.

9 DUTRA, Eliana de Freitas. **Rebeldes Literários da República**. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

10 DUTRA, Eliana de Freitas. A nação nos livros: a biblioteca ideal na coleção Brasileira. In: DUTRA, Eliana de Freitas & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na vida política do Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006. P. 305.

portadora de um projeto formador, as lições que se apresentavam em suas páginas deveriam ser leves e acessíveis, facilitando a leitura e aquisição de conhecimentos morais, cívicos, históricos e científicos¹¹. O uso de imagens, jogos e o incentivo à participação dos próprios leitores na publicação eram formas não ortodoxas de educar as crianças e jovens nas coisas do Brasil e no conhecimento universal adquirido.

As publicações voltadas para a infância costumam ser consideradas um gênero menor do que aquelas voltadas aos adultos. Geralmente são associadas a simplificação, ao efêmero, pois seus leitores são vistos como inexperientes e imaturos¹². Enquanto do mundo adulto abundam estudos que visam refletir sobre a relação leitor, autor e o objeto impresso, a experiência, no caso do leitor infantil, é pouco explorada, muitas vezes desprezada, como se da relação entre a criança e a prática da leitura não houvesse uma mediação criativa, apenas a obtenção passiva de saberes, ideias, práticas e valores.

A produção de textos e imagens para crianças é permeada por interpretações, padrões estilísticos, cânones e relações de poder do mundo adulto. E ainda que os códigos e relações de poder adulto/crianças sugiram uma interferência autoritária e educacional do adulto, o controle sobre a interação da criança-leitora com o texto não é tão facilmente determinado. O modo como um leitor ou uma comunidade de leitores qualificados compreendem, interagem e criam sensibilidades a partir de um texto depende de sua capacidade de decodificar os códigos de leitura, linguísticos e semânticos, de uma obra. E estas formas de decodificação diferem no caso de um *leitor em desenvolvimento*, como a criança. Como aponta Peter Hunt, as leituras infantis partilham de padrões culturais diferentes dos leitores adultos. Diferente dos leitores mais experientes, as crianças “possuem” os textos, construindo sentidos próprios e privados¹³.

Trabalhar com a história dos impressos para a infância traz uma série de desafios. Ao mesmo tempo que é essencial pensar a criança como um agente social ativo, capaz de produzir e interferir na cultura infantil, não se pode deixar de considerar a ingerência complexa dos adultos no mundo da criança. Afinal de contas, estes impressos, escritos por adultos e não pelas próprias crianças são carregados de “visões de infância” que ajudam a construir o mundo social e cultural a sua volta. Além disso, é tarefa das mais difíceis reconhecer as “vozes da infância”, constantemente caladas pelo mundo dos maduros que lhes

11 RAFFAINI, Patrícia Tavares. A livraria Garnier e a tradução e edição de livros para a infância (1890-1920). In: HANSEN & GOMES. Op. Cit. P. 89.

12 HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010. P. 48.

13 Ibid. P. 135.

impõe padrões de comportamento, disciplina e hierarquias.

Os estudos acerca da sociologia da infância, que também orientam a condução dos trabalhos em história da infância, surgiram entre os anos 1980 e 1990, com as críticas a uma sociologia tradicional que dava peso excessivo a noção de socialização. Estes trabalhos que partilhavam de uma visão estanque da socialização estabeleciam a criança como um ser passivo na interiorização de normas e valores emanados de instituições, como a família, a escola, a igreja. Uma sociologia renovada da infância pretendia romper com esse modelo, introduzindo as crianças como um componente da cultura e da sociedade, como atores sociais em sentido pleno¹⁴.

A releitura crítica deste posicionamento em relação a infância também esteve relacionada a necessidade de dar voz a história dos grupos marginalizados, como as mulheres, os homossexuais, os negros¹⁵. No campo da história, o trabalho de Philippe Ariés¹⁶, vindo na esteira da história das mentalidades e da vida privada, foi fundamental para trazer à tona esse personagem escondido no mundo privado. Para Ariés, a modernidade é um período singular para o aparecimento da infância como ser social. Ainda que a recepção de Ariés entre os historiadores tenha sido problemática, já que estabelece uma visão eurocentrada da infância e baseada na análise sobre um grupo específico, o aristocrático, seu trabalho traz importantes vestígios das transformações que inauguram a infância como um período da vida diferente do mundo adulto.

Grupos como *New Social Studies Of Childhood* e *New Paradigm In The Sociology Of Childhood*, nascidos nos anos 1980, estabeleceram novos paradigmas para os estudos sobre a infância, definindo-a como construção social, que supõe a historicização da ideia de infância e o rompimento com a noção de que a criança não vale por aquilo que ela é, mas pelo adulto que virá a ser. Na perspectiva destes grupos era necessário engajar-se na reconstrução da infância na sociedade, não apenas através de estudos e análises, mas também dando voz a própria criança¹⁷.

Estes trabalhos, no entanto, por negarem o processo de socialização enquanto constitutivo do sujeito infantil, revelam o fato de que a realidade da criança também é cercada

14 SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, Nº 112, Março/2011. P. 19.

15 CORSARO, William. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011. P. 18

16 ARIÉS, Phillipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

17 PIRES, Flavia. *Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças*. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, 2008. P. 136-138.

pelo mundo adulto. Para corrigir estas distorções nos estudos sobre a infância, William Corsaro procura conciliar o modelo determinista tradicional com a perspectiva construtivista, propondo a ideia de *reprodução interpretativa*, que vê as crianças como agentes sociais que contribuem socialmente através da negociação e produção criativa de culturas. Ao mesmo tempo em que contribuem para reprodução da sociedade, colaboram na sua modificação. As crianças, segundo o autor, não se limitam a imitar e internalizar o mundo que está em torno delas, elas também se esforçam para interpretar e dar sentido a esse mundo, participando ativamente em sua cultura¹⁸.

É fundamental não perder de vista estas contribuições para os estudos com os impressos infantis, já que o leitor é uma presença que não pode ser negligenciada neste tipo de atividade. Há sem dúvida uma complexa rede de mediações que envolvem pais, crianças, professores e autores, sem contar destes últimos com editores, ilustradores e livreiros que interferem tanto nos processos de produção e venda, como nas práticas de leitura¹⁹. Nosso trabalho, portanto, encontra-se na interseção entre a história da infância e a história da imprensa.

A imprensa no Brasil foi um espaço privilegiado para a atuação intelectual. Jornais e revistas não eram apenas espaços singulares para a proposição e o encaminhamento de projetos de nação, como também espaços importantes de profissionalização. As redações tornaram-se espaços de formação de redes profissionais, funcionando como círculos alternativos de debates e circulação de ideias. A atuação intelectual na imprensa trouxe maior dinâmica ao campo intelectual que encontrava também ressonância no campo político, já que a trajetória de muitos intelectuais esteve intimamente relacionada ao Estado. Fora dos cargos de ministros e deputados, eram os encontros nas redações, nas oficinas e nos cafés após o expediente que suas ideias encontravam ressonância social através das redes de sociabilidades construídas nestes espaços²⁰.

A imprensa como instrumento de intervenção na vida pública remonta o seu surgimento no Brasil no século XIX, quando ainda eram importantes ferramentas de

18 CORSARO. Op. Cit., P. 36.

19 RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Pequenos poemas em prosa**. Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 e 40. Tese (Doutorado em História Social), USP, 2008. P. 26.

20 Jean-François Sirinelli chama atenção para a formação de “um pequeno mundo estreito”, onde intelectuais constituem laços e definem redes em torno de espaços como redações de jornais, revistas ou editoras. A estruturação do campo intelectual através dessas redes se mantém através de forças antagônicas de adesão e exclusão. SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit. P. 248-249.

legitimação de práticas políticas²¹. Com a evolução técnica da imprensa periódica e o surgimento das revistas ilustradas, a ideia de que a imprensa servia a disseminação de ideias, mas também de gostos, valores e práticas se ampliou²². A imprensa foi vista também como um veículo importante para prática pedagógica e formação de leitores, o que favorecia plenamente a atuação destes intelectuais engajados sobre os leitores em formação.

Benedict Anderson comenta sobre o papel impactante da imprensa como mercadoria chave para as novas ideias²³. Pensando o nacionalismo como um produto cultural da modernidade e a imprensa como uma das principais formas de empreendimento capitalista, sua função na criação de legitimidades em torno da ideia de nação foi fundamental. A imprensa ajudou a formular, como nenhum outro veículo, identidades em torno da nação, fundando sentimentos de comunhão e pertencimento a algo soberano, que parecia estar acima dos homens.

A criança, que progressivamente vai assumindo lugar privilegiado na família burguesa com o advento da modernidade, ganha um papel importante na construção das mudanças necessárias ao país. A família, com a anuência de outras instituições de poder, como o Estado, torna-se símbolo da moral e civilidade que se buscava solidificar. E a criança, como um ser social em desenvolvimento, à semelhança da nacionalidade brasileira ainda incompleta, acabou se tornando o foco de muitos destes projetos de nação. Formar a criança era construir a nação.

Com este trabalho, nosso objetivo principal é compreender o projeto formador da revista *O Tico-Tico*, que em nossa hipótese se constitui a partir de quatro elementos que se entrelaçariam como aspectos essenciais na formação do futuro homem moderno: a moral e o civismo, a história, o aprendizado da língua e a formação de leitores, e o consumo. As escolhas realizadas durante a pesquisa e escrita desta tese não pretendem, no entanto, esgotar as possibilidades de trabalho com a revista. A opção por trabalhar com todo o período de circulação do impresso foi uma tentativa de observar como esse projeto formativo se constitui, adapta e se modifica ao longo dos anos.

Poucas obras – entre livros, teses e dissertações – se dedicaram à análise de todo o

21 BARROS, Mariana Monteiro de & MOREL, Marco. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. P. 21.

22 COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA & MARTINS (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. P. 30.

23 ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

tempo de circulação da revista. Neste ponto se destaca o livro de Zita de Paula Rosa²⁴, que procurou analisar tanto aspectos editoriais como educativos da revista. Segundo a hipótese da autora, *O Tico-Tico* apresentaria um conjunto de representações da infância projetadas pelas classes privilegiadas, engajadas em transformar uma visão do Brasil como lugar do atraso. O trabalho de Rosa, apresenta uma visão panorâmica da revista, que a autora teve acesso através de acervos privados e de edições da Biblioteca Nacional que ainda estavam disponíveis para consulta²⁵.

Outro trabalho que se dedicou a pesquisa de todo o periódico foi a dissertação de Maria Cristina Merlo²⁶, defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. A autora realizou uma espécie de inventário da revista, sem se preocupar com análises profundas sobre a publicação. Sua dissertação se destaca pelo esforço de catalogação de artistas, colaboradores e editores, além de seções, personagens, formato, periodicidade, preço e distribuição. Além do trabalho de catalogação, a dissertação se distingue pela entrevista com artistas, editores e leitores. Assim como o trabalho de Rosa, a pesquisa de Merlo foi realizada em um acervo particular, na biblioteca privada do Dr. José Mindlin. Atualmente este acervo está em fase de catalogação na *Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin*, na Universidade de São Paulo.

Boa parte da bibliografia sobre a revista buscou fazer recortes específicos, como é o caso da tese de doutorado em educação de Luciana Borges Patroclo²⁷, que buscou analisar como as relações de gênero aparecem na revista, em especial como a mulher é retratada dentro do espectro da educação e da formação de leitores. Em sua tese, a autora trabalha com um recorte específico da revista: as seções voltadas para meninas, em especial a *Secção para meninas*, que deixa de circular em 1921. Talvez em função desse recorte, as análises da autora acerca da revista acabaram por reproduzir as interpretações tradicionais da bibliografia, com a

24 ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

25 Em 2010, a Biblioteca Nacional suspendeu a consulta dos exemplares da revista em seu acervo, em função de um roubo ocorrido naquele mesmo ano, que levou a uma investigação pela Polícia Federal. MIRANDA, André. Biblioteca Nacional sofre com furtos de importantes obras de seu acervo e compra de material superfaturado. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 nov. 2011. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/biblioteca-nacional-sofre-com-furtos-de-importantes-obras-de-seu-acervo-compra-de-material-superfaturado-2763993>>. Acesso em: 22 maio 2019.

26 MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico**. Um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962). São Paulo, 2003. Dissertação (mestrado em comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, USP.

27 PATROCLO, Luciana Borges. **As mães de famílias futuras**: a revista O Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921). Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, PUC-Rio.

repetição de pioneirismos e de uma memória da revista como publicação educativa.

Outro trabalho que analisa a revista a partir de um recorte específico na fonte é a dissertação de Patrícia Maria Garcia Alencar²⁸. O trabalho de Alencar se restringe a seção *Meu Jornal*, uma espécie de encarte, publicado em *O Tico-Tico* entre 1935 e 1940. O objetivo do trabalho é perceber a interação entre os leitores e a revista neste espaço, que era dedicado exclusivamente à colaboração de textos e imagens de leitores. A autora busca perceber elementos da formação cívica, moral e educativa da revista na escrita infantil. Com exceção do trabalho de Merlo, as demais obras dialogam com o campo da educação, privilegiando deste modo, leituras acerca do caráter educativo da publicação infantil.

A tese de doutorado de Lígia Regina Máximo Cavalari Menna²⁹ utiliza a revista como fonte a partir de um recorte temático. Defendida pelo Programa de Pós-graduação em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, o trabalho se concentra em analisar como o jornal português *O Senhor Doutor* e a revista *O Tico-Tico* atuaram na difusão de literatura voltada às crianças. Ela parte da hipótese que no Brasil e em Portugal, os jornais, revistas, almanaques e suplementos se constituíram como importantes germinadores e divulgadores da literatura, em especial da literatura infantil. A tese se distingue pelo tratamento diferenciado das fontes, que analisa não apenas os folhetins e contos publicados na revista, mas também outros suportes, como as histórias em quadrinhos. Recentemente foi publicada em livro pela Editora Bonecker³⁰.

Outro trabalho que usa a revista *O Tico-Tico* como fonte é a tese de doutorado de Patrícia dos Santos Hansen³¹. O objetivo de seu trabalho é analisar a literatura infantil de caráter cívico durante a Primeira República. Segundo sua hipótese, essa literatura infantojuvenil, onde ela inclui a revista *O Tico-Tico*, ajudou a difundir entre as crianças um projeto nacional através da construção de uma analogia da criança com o país. Essa literatura apresentaria o Brasil, assim como as crianças, ainda em estágio de infância e só se

28 ALENCAR, Patrícia Maria Garcia. **A revista O Tico-Tico e a escrita infantil em circulação no encarte Meu Jornal: seus autores e leitores (1935-1940)**. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

29 MENNA, Lígia Regina Cavalari. **A literatura infantil além do livro: as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-Tico**. 2012. 314f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

30 MENNA, Lígia Regina Cavalari. **A literatura infantil além do livro**. Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

31 HANSEN, Patrícia dos Santos. **Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República**. 245 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

concretizaria em todas as potencialidades no futuro. Para a autora, a literatura cívico-patriótica ajudava a estabelecer uma pedagogia moral, com a função de reiterar postulados de civilidade, padrões e hábitos para os futuros cidadãos republicanos. Como o seu recorte é a Primeira República, a autora trabalha com a revista até 1930, em especial com a seção *A Arte de Formar Brasileiros*, de Angelo Agostini. Dos trabalhos acadêmicos citados, o de Hansen é o único defendido em um programa de pós-graduação em História, o que mostra que a revista *O Tico-Tico* é fonte privilegiada para trabalhos em diversas áreas, como comunicação, educação, literatura e história.

Boa parte destes trabalhos foram iniciados antes da liberação do acervo da Biblioteca Nacional pela Hemeroteca Digital Brasileira, em 2014. As dificuldades com a consulta do acervo, assim como seu volume, podem ter sido um dos obstáculos para a utilização da revista em sua totalidade. A possibilidade de acessar este acervo de maneira digital abre caminho para novos trabalhos, como a dissertação de Alexandre Rocha da Silva, a ser defendida no Departamento de História da Unicamp, sobre as representações do negro na revista.

Para orientar a leitura desta tese, optamos por organizar os capítulos como se fossem seções da própria revista. Pela grande diversidade de material publicado no periódico e diante do volume pesquisado, foi necessário selecionar um grupo de seções que no decorrer da pesquisa pareceram representativos, seja pela longevidade, popularidade observada na seção de cartas ou por opções editoriais. Seguindo essa orientação, escolhemos o personagem *Chiquinho* como uma espécie de condutor da narrativa, por isso, pegamos emprestado o título de suas aventuras para compor também o título desse trabalho. *Chiquinho* foi o primeiro personagem da revista e, com o passar dos anos, foi se tornando personagem símbolo das transformações da publicação. *Chiquinho* também remete a outro personagem da literatura infantil³², que possivelmente inspirou o nome que Buster Brown recebeu no Brasil.

No primeiro capítulo realizamos uma breve introdução à revista, analisando as condições editoriais e empresariais e de seu nascimento. Apresentamos as características principais da revista a partir de seu lançamento, procurando enfatizar algumas mudanças editoriais e de conteúdo que a levaram a construir uma memória sobre si mesmo, que muitas vezes é reafirmada pela bibliografia sobre a revista.

32 *Chiquinho*, *Enciclopédia da Infância* foi o título traduzido do livro *Francinet*, de Augustine Fouillée, publicado pela Garnier, em 1873. Apesar do enredo do *Chiquinho* de Fouillée não se assemelhar ao do *Chiquinho*, do *Tico-Tico*, ambos são personagens que conduzem narrativas infantis de efeito moral.

No segundo capítulo nos ocupamos das leituras sobre a educação moral e cívica na revista. Angelo Agostini, importante nome da publicação em seus primeiros anos, oferece uma leitura original da formação moral e cívica da criança republicana na Primeira República. Para compreender sua ideia de cidadão renovado pela república, procuramos analisar a seção *Arte de Formar Brasileiros*, por ele escrita e ilustrada. Procuramos analisar também a recepção da campanha patriótica de Olavo Bilac e a divulgação do escotismo na publicação, que tomava o menino escotista como o futuro cidadão brasileiro ideal. Por fim, nos debruçamos sobre a integração da Juventude Brasileira, criada por Getúlio Vargas em 1940, aos objetivos formativos do periódico.

No terceiro capítulo procuramos analisar os usos do passado na revista e a criação de uma cultura histórica singular. Tomando a história, em especial a história pátria como um aspecto fundamental no conhecimento do país pelos pequenos brasileiros, observamos a construção de algumas seções, como *História do Brasil em Figuras*, *História da Nossa Pátria* e *Quadros da Nossa História*. Também procuramos refletir sobre a importância dada pela publicação às celebrações de datas históricas e às biografias.

No quarto capítulo tratamos da difusão da leitura através do ensino da língua portuguesa, expressa nas recomendações dos editores nas seções de cartas, no incentivo à colaboração de leitores e em seções didáticas, como *A Gramática Vivente*. A difusão da língua e a prática da leitura eram aspectos fundamentais na educação infantojuvenil, essenciais à formação de uma comunidade de leitores. A disseminação do livro e da leitura estão intimamente relacionados à expansão da escolarização observada desde o século XIX e à crença da educação como elemento salvador da nação. Neste capítulo procuraremos analisar a produção e a propagação da literatura na revista, desde a publicação dos “contos da carochinha”, até os folhetins e a criação da coleção *Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico*.

E finalmente no quinto capítulo analisamos o consumo na revista. Nosso objetivo é pensar o consumo de maneira ampliada, desde a veiculação de publicidade, o consumo da cidade moderna e seus espaços de sociabilidades culturais até o consumo da própria revista por seus leitores. No contexto da implantação da sociedade de massas no Brasil, o consumo era um dos elementos fundamentais à vivência do mundo moderno.

CAPÍTULO 1

O Tico-Tico: história e memória em revista

Nos anos que se sucederam a Proclamação da República, uma série de projetos de caráter intelectual procurou debater e encaminhar os rumos da nação diante da nova ordem política³³. Diagnósticos sobre a inviabilidade do país mestiço³⁴, marcado pelo passado colonial e pela dependência europeia, contrastavam com análises que argumentavam as possibilidades de um país onde tudo ainda estava por fazer³⁵. Abria-se um horizonte de expectativas, para usar a expressão de Reinhardt Koselleck³⁶, que poderia significar não apenas a modernização das estruturas políticas, mas também a renovação das dinâmicas sociais com a possibilidade de maior inserção de setores da sociedade, antes alijados das decisões públicas.

Esse futuro em aberto era acompanhado de convicções ufanistas e patrióticas, que sustentavam que as riquezas e potencialidades do país, indicavam um futuro marcado por uma caminhada intensiva e orientada ao progresso. Para esses intelectuais que partilhavam de uma visão otimista do porvir, o Brasil estava a poucos passos de se concretizar como nação moderna. Essa interpretação idealizada dos destinos do país se amparava na descrição pormenorizada dos recursos naturais, e entendia a mestiçagem como aspecto positivo da constituição social brasileira. Dentre os intelectuais que se destacaram nesta perspectiva está

33 Lucia Lippi de Oliveira, em obra já clássica sobre a Primeira República, analisa uma série de leituras e perspectivas acerca da construção da nação. Para a autora, mesmo diante da grande diversidade de projetos, seria possível identificar interpretações que apontavam para uma leitura da condição histórica da formação do país, fosse através da valorização do papel do Estado português ou da necessidade de rompimento com o passado colonial e imperial. Ela também identifica visões que qualifica como “pessimistas”, por entenderem a questão da raça como um impedimento para a concretização da nação, e leituras “otimistas”, que apostavam no futuro do projeto republicano para a concretização de um destino de grandeza para o país. LIPPI, Lucia de Oliveira. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

34 Lilia Moritz Schwarcz mostra que a partir da segunda metade do século XIX, no contexto de urbanização acelerada e fluxo migratório em direção às cidades, o modelo evolucionista se torna o principal mecanismo para a compreensão do atraso brasileiro. O investimento intelectual na divulgação do trabalho científico e na proposição de políticas inspiradas nestes modelos, cujo principal exemplo é o higienismo, trazia a sensação de aproximação com os ideais de civilização e progresso europeus. SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

35 Referência ao artigo publicado em *A arte de formar brasileiros*, publicado no número 38, de 27 de junho de 1906. Essa ideia de “país novo”, onde o futuro parecia em aberto, foi analisado em outros textos e discursos intelectuais em HANSEN, Patrícia. Sobre o conceito de “país novo” e a formação de brasileiros nas primeiras décadas da República. In: **Iberoamericana**, XII, 45 (2012), P. 7-22.

36 KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

Afonso Celso, que com seu *Porque me ufano do meu país*, defende que o Brasil reuniria elementos que o colocariam em lugar de primazia diante dos demais países do globo³⁷. Essa interpretação também era amparada por uma crença na ciência, na medida em que se esperava que o desenvolvimento científico permitisse a exploração mais eficiente do território³⁸.

O progresso da nação, visto como algo necessário ou até mesmo inevitável, era motivo de debate intenso entre um conjunto heterogêneo de intelectuais, que esperavam estar na dianteira das mudanças em curso. Interessados na superação dos males que teriam assolado o país durante o período colonial e imperial, procuraram investigar as origens e propor soluções para combater o atraso nacional. Integrados a redes de sociabilidades diversas, viam na ciência e no debate público de ideias, instrumentos para garantir a modernização e o progresso nacional³⁹. Em boa parte dos projetos formulados, a educação assumia lugar central, como condição essencial para garantir a conclusão do processo de transformação sociocultural e político iniciado com a República.

Esse ideal da educação redentora⁴⁰ foi um dos mitos mais difundidos neste início do século XX, e ainda hoje inspira debates entre políticos e cidadãos que a enxergam como único veículo de mudança social. Além de representar uma saída positiva dentro dos debates sobre os diagnósticos de atraso, naquele contexto a educação respondia à necessidade de ampliação da mão de obra qualificada. Também atendia aos ideais de formação de uma camada de cidadãos, ainda pouco acostumada a participação política. É importante lembrar que a Constituição de 1891 estabelecia “saber ler e escrever” como condição essencial para o acesso ao voto. Ainda que, como ressalta José Murilo de Carvalho, a extinção do voto censitário ao fim do Império não tenha representado a ampliação da representatividade política, já que a maior parte da população era iletrada⁴¹, ela abria precedentes ao indicar a alfabetização como condição necessária para a efetiva participação política. Educar a população era, portanto, um caminho necessário para a construção do novo cidadão da República.

37 CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Laemert & C. Liveiros – Editores, 1908. (Versão para ebook).

38 VERGARA, Moema. A divulgação da ciência e a ideia de território na Primeira República: a fase José Veríssimo na Revista Brasileira (1895-1900). In: HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). **Ciência, civilização e República nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010. P. 137-156.

39 GOMES, Angela de Castro. História, ciência e historiadores na Primeira República. In: HEIZER, Op. Cit., P.11.

40 BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil: a Nação em busca de seus portadores sociais**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.

41 CARVALHO, José Murilo de. **A cidadania no Brasil: o longo caminho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 P. 41.

A educação, naquele contexto, significava, portanto: de um lado, investir na disciplinarização e modernização daqueles que precisariam se adequar ao novo regime em construção, e de outro, dedicar-se à formação de crianças e jovens já nascidas sob o signo da República, prontas para serem moldadas nos novos interesses em jogo. Garantir a modernização da sociedade e orientar sua evolução constante em direção ao progresso dependeria da construção de uma “sociedade escolar”⁴², em que a noção de formação penetrasse profundamente em todos os setores da vida pública e privada. A noção de formação, ultrapassando a ideia de um simples letramento ou instrução, era entendida como o fio condutor do projeto de modernização em curso, abrangendo a educação humanista, científica, moral e patriótica.

Como futuros cidadãos da pátria em vias de reconstrução a partir do projeto republicano, as crianças ganharam espaço essencial nos projetos de modernização. Elas passaram a ser vistas como essa classe especial de pessoas que representava um Brasil ainda em infância, mas disposto a construir um futuro triunfante⁴³. E para garantir que fossem capazes de romper com velhos vícios e encaminhar a construção de um país novo e moderno, a educação deveria estar presente na vida infantil para além da instrução escolar. A educação da infância deveria tomar a vida pública e privada das famílias e estar presente também nos objetivos de intelectuais e políticas de Estado.

Se para a chamada “infância desvalida”, jovens e crianças pobres das cidades, o caminho era a educação profissional, para as crianças das classes burguesas o trabalho educativo passava pela aquisição de competências e valores, comportamentos e gostos partilhados como modernos e universais. A escola, lugar de formalização de conteúdos e rotinização da disciplina, não poderia ser o único espaço destinado à aprendizagem. A atividade educativa deveria se seguir aos momentos de ócio, através da leitura, da educação do olhar e do consumo.

42 Marta Maria Chagas de Carvalho trabalha com a noção de sociedade da escolarização para falar dos instrumentos de disciplinarização que estabelecem a escola e os métodos pedagógicos como mecanismos de controle e estabelecimento de padrões sociais idealizados nas primeiras décadas do século XX. Para a autora, a modernidade pode ser caracterizada como uma sociedade de escolarização, na medida que constrói a infância como objeto de intervenção higiênica e disciplinar. Semelhante ao uso que faz a autora, utilizamos o termo “sociedade escolar” para representar como, no contexto de implantação da República no Brasil, a noção de formação moral e científica tomava intensamente a vida cotidiana, pública e privada, da sociedade. CAVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da higienização de pessoas. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2016. P. 235.

43 HANSEN, 2012, Op. Cit.

Ainda durante o século XIX observa-se a entrada de uma produção literária voltada ao público infantil no Brasil. Na Europa, o processo de alfabetização massiva levou a um aumento considerável da produção de impressos infantis, escolares e não-escolares⁴⁴. Esta produção chegava ao mercado brasileiro a partir de traduções portuguesas, por meio das quais geralmente travava-se contato com os contos de Perrault, Grimm e Andersen. As primeiras adaptações para o português brasileiro só ocorreram no fim do século XIX, com Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen⁴⁵, e uma produção genuinamente nacional somente nos primeiros anos do século XX, quando a literatura infantil se tornou um caminho profissional possível a escritores que já se dedicavam a prática literária voltada aos adultos⁴⁶.

Escrever para crianças, no entanto, obedecia a critérios diferentes da escrita para adultos. Naqueles primeiros anos da literatura infantojuvenil acreditava-se que esta era uma tarefa patriótica. As narrativas voltadas a infância procuravam além de alegrar o espírito infantil, educar através de lições de moral e civismo. Buscava-se com esses textos reforçar os laços com a família, a religião e a nacionalidade, exaltando a natureza brasileira, seus símbolos e sua história. A literatura infantojuvenil foi também um canal privilegiado de difusão da língua e disseminação da leitura e da escrita. A imprensa infantil, que também surge no Brasil durante o século XIX na esteira da produção literária, seguia estes mesmos objetivos formativos⁴⁷. Inicialmente editados em escolas primárias e secundárias, estes impressos confirmavam o caráter educativo do veículo. Mais tarde, lúdicos e voltados a um consumo amplo e variado, os impressos ganharam, inclusive, status de divulgadores da literatura infantojuvenil nacional. Sobre a importância destes impressos, escreve Arroyo

O jornal preenchia, sem dúvida, o lugar do livro, então mais difícil e que pouca atenção ainda merecia dos livreiros e editores brasileiros. É possível, também, que os jornais ficassem mais baratos e atendessem melhor ao complexo criador dos meninos, já ensaiando diversificada reação à literatura infantil que nos vinha de Portugal [...]⁴⁸

44 RAFFAINI, 2008. Op. Cit.

45 Essas adaptações foram publicadas na *Biblioteca Infantil*, pela Livraria Quaresma, especializada na edição de livros populares. EL FAR, Alessandra. A disseminação do livro popular nas duas últimas décadas do século XIX e a trajetória editorial de Pedro Quaresma, proprietário da Livraria do Povo. **Anais do I Seminário Brasileiro sobre livro e História Editorial**. FCRB/UFF, 2004.

46 LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileiras: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1985.

47 ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

48 Ibid. P. 210.

E neste contexto, unindo a experiência visual, a leitura e o consumo, foi lançado em 11 de outubro de 1905, na cidade do Rio de Janeiro, uma das mais longevas revistas ilustradas infantis: a revista *O Tico-Tico*. Foi criada a partir das aspirações de um grupo de intelectuais, como Renato de Castro, Cardoso Júnior e Manoel Bomfim⁴⁹, diante dos interesses jornalísticos de Luís Bartolomeu de Souza e Silva, dono e editor da revista *O Malho* (1902-1954). Naquele ano, *O Malho*, uma das revistas ilustradas de maior vendagem nos primeiros anos do século XX⁵⁰, voltada ao consumo das famílias, iniciava mudanças que impactariam em seus projetos editoriais. A compra de novas rotativas prometia uma grande transformação na empresa que passaria a garantir maior qualidade do material impresso, maior escala de cores e, devido a maior rapidez na impressão, possibilitava a diversificação de seus impressos.

Em 16 de setembro de 1905, na edição comemorativa de aniversário da revista *O Malho*, os editores divulgam uma nova publicação, “completando assim o número de suas publicações”⁵¹. Esse novo lançamento estaria destinado às crianças e seria uma revista ilustrada nos moldes da revista *O Malho*, mas voltado ao público infantil. *O Tico-Tico*, prometiam os editores, procuraria divertir as crianças com páginas cheias de ilustrações, de contos e “histórias fáceis”, mas sem deixar de lado a instrução. Além de agradar as crianças, com jogos e brinquedos de montar, *O Tico-Tico* garantia não descuidar do lado útil e moral, fortalecendo e orientando o espírito daqueles que chamavam de “grandes homens do amanhã”. Assim começava a história da revista *O Tico-Tico* e iniciava-se a construção de sua memória como a mais célebre revista infantil brasileira. Antes de analisar o nascimento desta revista, torna-se essencial refletir sobre aquela que lhe deu origem – a revista *O Malho*.

1.1 A revista *O Malho* e a nova imprensa empresarial

A revista *O Malho* foi criada em 1902 pelos jornalistas, administradores e políticos

49 Na edição do quinquagésimo aniversário da revista *O Malho*, Eustórgio Wanderley cita somente Renato de Castro e o poeta Luiz Pistrarini como responsáveis pelo lançamento da revista. No entanto, esta informação não é confirmada por outras edições de aniversário e na bibliografia sobre o tema. *O Malho*, setembro de 1952, Nº 152.

50 LOBATO, Monteiro. **A caricatura no Brasil**. In: Ideias do Jeca Tatu. São Paulo: Globo, 2008. p. 37.

51 *O Malho*. Ano IV, 16 de setembro de 1905, Nº 157. P. 39.

Luiz Bartolomeu de Souza e Silva⁵² e Antonio Azeredo⁵³. Os dois já eram atuantes no mercado jornalístico brasileiro e iniciaram sua parceria na direção do jornal *A Tribuna*, vespertino de grande circulação nos primeiros anos do século XX. Antes d' *A Tribuna*, Luiz Bartolomeu dirigiu o jornal *O Tempo* e atuou em *O Paiz* e *A República*. Foi deputado federal pelo Paraná por um breve tempo, ao contrário de Antônio Azeredo, que dedicou boa parte de sua vida a atividade legislativa. Azeredo também começou sua vida profissional como jornalista, atuando na *Gazeta da Tarde* e no *Diário de Notícias* antes de fundar *A Tribuna* e *O Malho*, mas sua atuação principal acabou se transferindo para a política.

Estar à frente da administração d'*A Tribuna* e, posteriormente d'*O Malho*, permitiu aos dois jornalistas e políticos a criação de laços de sociabilidades que integravam campo intelectual, artístico e político⁵⁴. A imprensa no Brasil, desde a sua criação, era um tradicional meio de propagação de ideias e aspiração de grupos políticos, que além de divulgar seus interesses e orientações ideológicas, também serviam como expressão simbólica de poder e prestígio⁵⁵. Além da influência e notoriedade que era possível garantir estando à frente de um órgão de imprensa, os diários e periódicos ajudavam a construir e disseminar imagens de figuras públicas. Antônio Azeredo, por exemplo, que apesar de seu envolvimento empresarial n'*O Malho*, não atuou como jornalista na revista, tinha suas fotos oficiais e familiares constantemente publicadas e era sempre mencionado na folha como “eminente senador”,

52 Luís Bartolomeu de Souza e Silva nasceu em 1866, na cidade de Rio Preto, em Minas Gerais. Iniciou seus estudos ainda em Minas Gerais, mas transferiu-se para São Paulo, onde terminou o ensino secundário. Mais tarde ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Foi deputado pelo estado do Paraná, onde viveu durante seu mandato legislativo. De volta ao Rio, dirigiu o jornal *O Paiz* (1891-1894), em que também foi proprietário durante um curto período, em 1892. Em 24 de abril de 1893 encerrou suas atividades no órgão, seguindo para a Europa, e depois para a China, em trabalho da embaixada brasileira. Foi proprietário e diretor dos jornais *A Tribuna* e das revistas *O Malho*, *O Tico-Tico*, *Leitura Para Todos* e *Ilustração Brasileira*. Faleceu em 25 de julho de 1932.

53 Antônio Francisco de Azeredo nasceu em 22 de agosto de 1861, na cidade de Cuiabá, no Mato Grosso. Ainda em sua cidade de nascimento iniciou sua participação na imprensa. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha, seguindo depois para a Escola Politécnica e para a Faculdade de Direito, onde bacharelou-se, em 1895. Foi deputado, eleito em 1890, e senador, de 1897 até 1930. Foi fundador da *Gazeta da tarde* e do *Diário de Notícias* e proprietário d'*O Malho* e da *A Tribuna*. A partir da Revolução de 1930 partiu para exílio na Europa. Faleceu no Rio de Janeiro em 8 de março de 1936.

54 A noção de redes de sociabilidades intelectuais construída por Jean-François Sirinelli e desenvolvida para o caso brasileiro por Ângela de Castro Gomes, foi essencial para a condução do trabalho. Para Sirinelli, a compreensão dessas redes através de revistas, jornais e editoras oferece um instrumento precisos para a compreensão do movimento das ideias. SIRINELLI, Jean-François. Op. Cit. P. 249. Para a historiadora, as redes de sociabilidades auxiliam a compreensão da dinâmica entre os grupos intelectuais e a sociedade e com o campo político. Ela também chama atenção para o fato de que estas redes iluminam os projetos culturais desenvolvidos por estes intelectuais. GOMES, Ângela de Castro. **Essa gente do Rio...: Modernismo e Nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. P. 26.

55 COHEN, Ilka Stern Diversificação e segmentação de impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008. P. 104.

“grande patriota republicano” e “político apaziguador”.

A proximidade da imprensa com o universo da política era, portanto, significativa e mesmo desejada. Ainda que a classe política fosse o grupo preferencial para as críticas mordazes dos jornalistas da Primeira República, era interessante ver seu nome circulando na opinião pública, ainda que ligados a escândalos e contendas. As relações entre imprensa e política costumavam ser tão profundas que podiam, inclusive, saltar das folhas integrando a vida privada de seus participantes⁵⁶. Essas relações que extrapolam a esfera pública e interferem no privado são um exemplo de como os dois campos estavam integrados e funcionavam como espaços de sociabilidades e interesses variados.

Graças às relações mantidas com o campo político, *A Tribuna* se notabilizou pelas notícias e furos jornalísticos, como ressaltou Eustórgio Wanderley em comentário sobre a folha⁵⁷. A parceria de sucesso entre Azeredo e Souza e Silva n'*A Tribuna* foi o “pontapé inicial” para entrada no mundo dos impressos ilustrados, marcado pelas revistas de variedades. As revistas despontavam no início do século XX como veículos preferenciais para a divulgação do moderno⁵⁸. Elas representaram, como nenhum outro conjunto de impressos, o avanço da imprensa diante de um mercado editorial ainda pouco dinâmico, marcado por um pequeno número de leitores, em uma população em sua maioria analfabeta⁵⁹. Mobilizadas pelo espírito cosmopolita que tomava conta das cidades e anunciava uma “revolução cultural silenciosa”, como observou Jean-Yves Mollier ao tratar da Belle Époque francesa⁶⁰, essas revistas investiam na visualidade, com a formação de uma nova cultura do olhar, que era acompanhada também por novas práticas de leitura. Essa visualidade característica das revistas ilustradas expressava e, ao mesmo tempo, reverenciava o desejo de modernização

56 Além das relações mantidas entre Antonio Azeredo, que permaneceu por mais de 30 anos na política nacional, e Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, que assume de maneira mais efetiva o controle das publicações realizadas em conjunto, o filho de Souza e Silva, Luiz Bartolomeu de Souza e Silva Filho, mais conhecido como Barthô, casou-se com a filha do senador Lindolfo Collor, Leda Collor.

57 Em seu texto de homenagem a Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, publicado na edição do quinquagésimo aniversário da revista *O Malho*, Eustórgio Wanderley, importante colaborador da revista por diversas décadas, resalta a relação próxima do proprietário com figuras políticas de poder, como Pinheiro Machado e Lauro Sodré. Ele também sublinha que *A Tribuna* se caracterizava por “furos políticos” em assuntos de “interesse partidário”. *O Malho*. Setembro de 1952, nº 152.

58 LINS, Vera; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta. *Moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1889 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

59 MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. P. 42.

60 MOLLIER, Jean-Yves. O surgimento da cultura midiática na Belle Époque: a instalação de estruturas de divulgação de massa. In: *A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 175-190.

cultural e transformação social no Brasil, e de certa expectativa de aceleração histórica, que fosse capaz de superar o passado para abrir caminho a um futuro imaginado nos moldes da civilização europeia. Investir no nascente mercado das revistas ilustradas era, portanto, investir em novos padrões de consumo e em novas práticas de leitura.

Com a criação da revista *O Malho*, os dois jornalistas traçam um caminho que se tornaria referência no mercado jornalístico: a diferenciação entre o jornal e a revista. Enquanto *A Tribuna* perseguia o acontecimento, o “furo jornalístico”, *O Malho* buscava a variedade de temas, a oferta de diferentes mecanismos de prazer a partir do impresso – o riso através da crítica jocosa e da troça, a crônica através de imagens, charges e caricaturas. Ao unir estes dois importantes eixos da atividade jornalística, a partir de 1902, – o jornal diário e a revista – Azeredo e Silva montaram a estrutura de uma das primeiras empresas jornalísticas do país: a *Sociedade Anônima O Malho*, que só se concretizaria de fato em 1909. Utilizavam o mesmo endereço d' *A Tribuna* – a Rua do Ouvidor, primeiro no nº 136, depois no nº 164 –, localização privilegiada para o fazer jornalístico.

Com a criação da revista, sob a direção artística de Crispim do Amaral⁶¹, que acabava de voltar da França onde tornara-se conhecido no ofício da caricatura, a revista trazia também grandes nomes da arte do traço, como Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro. Logo após a inauguração da revista, *O Malho* se tornou mais que um impresso que reunia intelectuais, artistas e políticos em suas páginas. Também o espaço da redação se tornou lugar de circulação de intelectuais e artistas. O prédio ocupado pelas duas folhas na Rua do Ouvidor oferecia um salão que logo se tornaria espaço de encontro de figuras marcantes da cena carioca. Ali ocorriam saraus literários, visitas de jornalistas e políticos e exposições de arte. Em 26 de outubro de 1902, o referido salão já abria suas portas para a exposição do pintor Helios Seelinger, com suas obras produzidas no período em que esteve na Academia de Munique⁶². Seelinger foi colaborador da revista *O Malho* e também atuou na revista *O Tagarela*, sendo próximo dos caricaturistas que fundaram as duas revistas.

A relação entre as duas revistas, aliás, não deve ser desprezada. *O Tagarela* foi criada em 1º de março de 1902, por Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro, e logo se tornou sucesso

61 Crispim do Amaral nasceu em Olinda, Pernambuco, em 1958. Começou seus estudos com o pintor e cenógrafo francês León Chapelin. Depois, se mudou para Belém, no Pará, onde trabalhou no Teatro Providência e no Teatro do Paz. Publicava caricaturas na imprensa e em viagem à Paris publicou também no *Le Rire e Dum-Dum*. Depois de condenado pela justiça francesa pela publicação de charges proibidas, volta ao Brasil. No Rio de Janeiro foi diretor artístico da revista *O Malho*, *A Avenida* e *O Pau*. Faleceu em 1911.

62 *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1902, nº 299.

graças a qualidade de seu trabalho humorístico, crítico e artístico. Surgido alguns meses depois, *O Malho* tratou logo de fechar colaboração com os mesmos artistas que atuavam na revista, inclusive com Renato de Castro, que mais tarde se tornou redator-chefe da publicação⁶³. As críticas aos artistas Calixto e Raul levaram *O Tagarela* a publicar aviso em seu expediente para evitar dúvidas:

Declaramos aqui, por um egoísmo que muito nos enaltece, que Raul Pederneiras e Calixto Cordeiro, não são redactores artísticos do O Malho, que hoje começa a ser publicado nesta capital, mas tão somente simples colaboradores.

Estes dois distintos artistas são, bem como Augusto Santos (Falstaff), Peres Junior, Antonio de Freitas e José Gamarra, redactores e únicos proprietários do TAGARELA.

Esta declaração é feita por causa de umas línguas que por ahi andam a dizer que o Raul e o Calixto passaram, com armas e bagagens, para outra banda⁶⁴.

Mesmo com a nota da revista, Calixto Cordeiro acabou se tornando um dos diretores da revista *O Malho*, chegando a negociar como representante do periódico em viagem a São Paulo⁶⁵. A relação entre as duas revistas, ao que tudo indica, era amistosa. Não faltavam referências uma a outra nas duas publicações. As revistas partilhavam de interesses e preocupações semelhantes, como o preço e a distribuição de papel no Brasil⁶⁶. Receio, aliás, que afligia boa parte da imprensa naquela época que dependia da circulação e do bom custo do material para garantir suas vendas.

Não podemos deixar de sublinhar também que a redação d' *O Tagarela* se localizava na Rua Gonçalves Dias, nº 24, bem próximo de outro grande ponto de encontro de literatos, pensadores e artistas - O Café Papagaio, que ficava no nº 42. O Café Papagaio foi um importante personagem da boêmia carioca nos primeiros anos do século XX. Recepcionados pelo papagaio Bocage, escritores, artistas e jornalistas trocavam experiências, esboçavam escritos, faziam duelos de poesia até altas horas da noite. Sobre esse verdadeiro espaço informal de sociabilidades, escreve Mônica Pimenta Velloso: “(...) as reuniões do Papagaio após o expediente significavam o esplendor, a felicidade e a liberdade. Lá era possível

63 Renato de Castro foi editor-chefe da revista *O Tico-Tico* até 1922. Foi substituído por Carlos Manhães, que ficou no cargo até 1939. Antonio A. de Souza e Silva assume a função de editor após a morte de Manhães.

64 *O Tagarela*. Rio de Janeiro, 20n de setembro de 1902, nº 30.

65 *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1902, nº 332.

66 *O Tagarela*. Rio de Janeiro, 01 de outubro de 1903, nº 84.

imaginar um outro mundo e discutir todas as reformas necessárias para instaurá-lo”⁶⁷. Para o cronista Luís Edmundo, o Café Papagaio teria sido precisamente o lugar onde teria nascido não só *O Malho*, como outras folhas ilustradas do mesmo gênero⁶⁸.

As relações entre intelectuais, artistas, políticos e a imprensa muitas vezes eram costuradas de maneira tão sólida, que além das reuniões no Papagaio, das visitas nas redações e encontros nas comitativas que acompanhavam políticos e autoridades, os impressos de maior envergadura participavam de torneios esportivos, com a formação de times de futebol, vôlei, natação, etc⁶⁹. Formados por funcionários e mesmo profissionais, os jogos entre *O Malho* e *Fon-Fon* poderiam, por exemplo, revelar grandes nomes do esporte nacional, como Barthô, como ficou conhecido Bartholomeu de Souza e Silva Filho, filho do então proprietário d'*O Malho*. Barthô tornou-se jogador de futebol profissional, atuando no Fluminense Football Club e na seleção brasileira, mas teve sua carreira interrompida por um grave acidente de carro que o levou a óbito.

A imprensa brasileira vivia um tempo de euforia nas primeiras décadas do século passado, não apenas por conta do ambiente político que garantia grande liberdade de publicação às folhas, mas também porque aquele era um excelente momento de experimentação, com a modernização e introdução de novas técnicas. Ela progressivamente abandonava a experiência da oficina artesanal e a verve opinativa, característica marcante dos impressos publicados no século anterior⁷⁰, para ganhar aspecto mais moderno, em diálogo com a velocidade e espírito de síntese na linguagem que aquele tempo anunciava. Para além da introdução do novo maquinário e da dinâmica dos daguerreótipos, fonógrafos, gramofones e cinematógrafos, estava em jogo também as mudanças no aspecto das cidades e na percepção de mundo cada vez mais urbano. Telégrafos, cabos submarinos, rotativas e agências de notícias também ajudavam a dar dinamismo à prática jornalística. E a grande quantidade de periódicos que surgiam, muitas vezes de vida efêmera, permitia o estreitamento das relações entre os profissionais da área.

A revista *O Malho* foi, portanto, um dos expoentes das mudanças que se operavam na imprensa brasileira nos primeiros anos da República. Em pouco tempo, a *Empresa O Malho*,

67 VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro**: Turunas e Quixotes. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. P. 145.

68 EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003. P. 334.

69 Como exemplo desses torneios é possível consultar o número 0001, da *Gazeta de Notícias* de 1923.

70 MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS & LUCA. Op. Cit., P. 37.

como foi chamada inicialmente, conseguiu expandir suas oficinas, adquirindo maquinário mais moderno e diversificando suas publicações. Na coluna *O Binóculo*, de Figueiredo Pimentel, publicada na *Gazeta de Notícias*, o jornalista relata sua visita às dependências da empresa:

O prédio vai da rua do Ouvidor à do Rosário. Tem quatro andares. Estão ahi installadas todas as officinas onde se fazem as quatro alludidas publicações [*A Tribuna*, *O Malho*, *O Tico-Tico* e *Leitura Para Todos*], e mais a *Illustração*, a apparecer no fim do corrente mez. Esses ateliers, claros, frescos, ventilados, não têm luxo, mas tem todo o conforto necessário.

Trabalha-se ali com satisfação. O serviço interno ocupa 230 homens. As machinas são as melhores, mais aperfeiçoadas que existem. Entre vários trabalhos alli executados, com inexcédível perfeição, vimos o cartaz anunciando a *Illustração*. Assina-o o artista francês George[sic] Scott. É uma obra perfeita, irreprochavel, das melhores do gênero que temos visto.

Os Ateliers Bartholomeu são actualmente dos maiores, mais importantes e mais bem installados, que existem no Brasil⁷¹.

Ainda que a troca de gentilezas entre órgãos de imprensa e jornalistas fosse prática comum, vale ressaltar algumas características mostradas por Pimentel, que revelam o investimento da empresa recém-criada na aquisição de um prédio próprio, maquinário moderno e na contratação de um grande número de funcionários. A publicação d' *O Binóculo* também revela uma conduta que se tornou corrente na empresa: os vínculos mantidos com impressos estrangeiros. Ao falar da revista *Illustração Brasileira*, lançada naquele mesmo ano, o jornalista ressalta a contratação de Georges Scott⁷², um dos principais ilustradores da revista francesa *L'Illustration*. Scott foi contratado para realizar o cartaz e ajudar na divulgação da nova revista, cujo formato era inspirado na *magazine* francesa. Além de Georges Scott, a nova revista contou com a colaboração de outros artistas estrangeiros, como Sabatier, René Jelers e Macchiatti, da revista *Je sais Tout*, Haennen, do *London Illustrated News* e Lucien Metivet, da *Le Rire*⁷³.

71 *Gazeta de Notícias*, 18 de março de 1909, nº 77.

72 Georges Bertin Scott de Plagnolle nasceu em Paris, em 10 de junho de 1873. Estudou Belas Artes e começou a trabalhar como ilustrador na revista *L'Illustration* (1843-1944), em 1892. Ficou conhecido pelas suas ilustrações da Primeira Guerra Mundial e pela cobertura da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Faleceu em Paris à 14 de janeiro de 1943.

73 *O Malho*, 13 de março de 1909, nº 339.

A participação destes artistas e a clara inspiração das revistas da empresa nos impressos franceses, assinalada inclusive no título, revela as intensas circulações sociais e culturais que envolviam a imprensa brasileira e estrangeira. Evidencia também uma importante característica do mercado de livros e impressos nos primeiros anos do século XX, que não é apenas circunscrita a circulação de impressos, mas também a circulação transatlântica de pessoas, notadamente artistas e intelectuais. A heterogeneidade dessas circulações ajuda a desmontar a ideia de cópia e imitação, que leva a supervalorização da experiência estrangeira, sobretudo europeia, sobre a nacional. É mais importante, portanto, estar atento as conexões entre as experiências brasileiras e europeias, pensando em como elas se adequam ao espaço de desenvolvimento empresarial e da cultura de massas experimentado no Brasil, do que tão somente observar a entrada de ideias e mercadorias vindas da Europa⁷⁴.

1.1.1 A segmentação dos impressos de *O Malho*

Não é possível compreender a evolução da imprensa periódica e diária no Brasil sem levar em conta os aspectos técnicos que influenciavam decididamente no desenvolvimento das empresas e do próprio mercado de livros e impressos. E nesse sentido, o ano de 1905 foi fundamental para *O Malho* e *A Tribuna*. Em agosto, as oficinas da empresa começaram a trabalhar com as rotativas Marinoni⁷⁵. Essas rotativas já eram utilizadas no Brasil desde o fim do século XIX na imprensa diária⁷⁶, mas seu uso para a impressão de revistas ainda não era difundido. A chegada das novas rotativas causou uma grande revolução técnica na empresa, que naquele momento iniciou seu processo de segmentação de impressos. Literatura e artes, moda e conteúdos para a infância saíram das páginas da revista *O Malho* para integrar novas e renovadas revistas.

Como era comum na imprensa da época, os avanços técnicos eram celebrados como grandes novidades e símbolos do progresso do país. Em *O Malho*, a aquisição das rotativas tomou vários números da revista, com propagandas, fotografias e ilustrações. No nº 148, a

74 ABREU, Marcia. **Romances em movimento**. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. P. 13.

75 As rotativas Marinoni foram criadas em 1866 por Hippolyte Marinoni e foram apresentadas pela primeira vez na Exposição Universal de 1867, em Paris. Nos primeiros anos do século XX, elas eram adquiridas diretamente pela Casa Marinoni e custavam cerca de 140 réis. Ver BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**: história da imprensa brasileira, volume 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

76 O primeiro diário a adotar as novas rotativas foi o Correio da Manhã, em 1880. Ver BARBOSA, Marialva. **História da Imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

revista apresenta as rotativas com uma propaganda de página inteira e ilustrações de J. Carlos. A aquisição das rotativas é justificada no texto pelo grande sucesso de público da revista. Ao mesmo tempo em que se celebra a modernização de suas oficinas também aproveitam para exaltar a publicação e apresentar-se como uma revista diferenciada na imprensa nacional:

Para corresponder à aceitação extraordinária que o público lhe tem dispensado e as necessidades de sua enorme tiragem, *O Malho* que ninguém poderá negar ser a publicação de maior sucesso feita até agora no Brasil, encomendou há mais de um anno, como em tempo annunciámos, machinas rotativas Marinoni, typo ultimo o mais aperfeiçoado para a impressão.

(...)

Revistas, de formato muito menor e de grande número de páginas, impressão de clichês, especialmente de photogravuras, e exigência de brochuras, etc., assim como *O Malho*, ainda hoje, até mesmo na Europa se imprimem nas velhas machinas em que se tem impresso este semanario, que vai, portanto, ser o primeiro, nesta parte da América, a usar de rotativas⁷⁷.

Mais à frente na mesma propaganda, *O Malho* apresenta sua expectativa de crescimento da revista a partir do trabalho das rotativas e projeta o número de leitores da revista até aquele momento:

As novas machinas d'*O Malho* podem tirar em tres horas a mesma edição que tiram, trabalhando, durante quatro dias, as machinas das typografias que até agora elle tem sido impresso.

Vai *O Malho* andar mesmo sempre em dia, andar mesmo na hora em todos os assumptos e ficar um mimo de impressão, tornando-se digno de seus actuaes 120 mil leitores, pois que cada exemplar é lido pelo menos por quatro pessoas, e dos 500 mil que dentro em breve neste caminhar esperamos obter.

Até aquele momento, a tiragem divulgada pelo periódico era de 33.000 exemplares, porém, levando em consideração as diferentes formas de circulação e leitura dos impressos naquele contexto, a revista projeta um número quase quatro vezes superior de leitores. O mesmo acontece quando idealizam um aumento de 380 mil leitores a partir do uso das novas rotativas. Ainda que as máquinas Marinoni possibilitassem maior rapidez e qualidade de

⁷⁷ *O Malho*, 15 de julho de 1905, nº 148.

impressão, não haveria indícios que seu uso impactaria diretamente no número de leitores.

A estratégia da empresa era, no entanto, diversificar suas publicações e já neste número apresenta o lançamento de *Leitura Para Todos*, mais uma revista de inspiração francesa. Nos moldes das *Je sais tout* e *Lecture pour tous*, a nova revista prometia trazer assuntos diversos – científicos, literários, acontecimentos nacionais e estrangeiros. Ela se dirigia, segundo os editores, aqueles que não teriam muito tempo disponível à leitura e ainda apresentaria o apoio de fotografias dos acontecimentos mais importantes. Como era costume em *O Malho*, a publicação de um novo periódico era acompanhada de um questionário, onde consultavam os leitores sobre aquilo que gostariam de ler na nova publicação⁷⁸. Os questionários eram também uma maneira eficaz de verificar o interesse dos leitores através do número de cartas que recebiam na redação.

Além de *Leitura Para Todos*, *O Malho* ainda apresenta o lançamento de *Portugal Contemporâneo*, obra realizada em colaboração com escritores portugueses. Não se tratava de um periódico, mas de uma obra avulsa, que versava sobre diversos aspectos da vida cultural, política e social de Portugal, com fotografias e ilustrações, publicada em uma versão de luxo e em versão popular. Essa foi a primeira investida da empresa na publicação de uma obra não periódica, o que voltou a ocorrer mais tarde, por meio da Editora Pimenta de Mello e da Biblioteca d'O Tico-Tico.

No número 153⁷⁹, quando as rotativas são finalmente inauguradas, a edição aparece com 55 páginas, cerca de 10 páginas a mais que as edições anteriores, mas mantendo o mesmo preço de 300 réis no número avulso. Ela também divulga um aumento do número de exemplares de 33.000 para 35.000 e a publicação de um suplemento de moda chamado *Rio Chic*, dirigido por Branca de Villa Flor⁸⁰. As novas rotativas são mais uma vez celebradas neste número com uma bela ilustração na capa, criada por Angelo Agostini.

78 Esse questionário foi publicado na edição de Nº 150, de 29 de julho de 1905.

79 *O Malho*. Ano IV, 19 de agosto de 1905, Nº 153. P. 15

80 Existem poucos registros acerca de Branca de VillaFlor. Sabe-se apenas que além de assumir a direção do suplemento Rio Chic em *O Malho*, foi tradutora da Editora Garnier, especializada na adaptação de textos e contos infantis. LEÃO, Andréa Borges. Publicar contos de fadas na Velha República: um compromisso com a Nação. **Comunicação & Educação**. Ano XII, Número 3, Set.-Dez. 2007, P. 15-22.

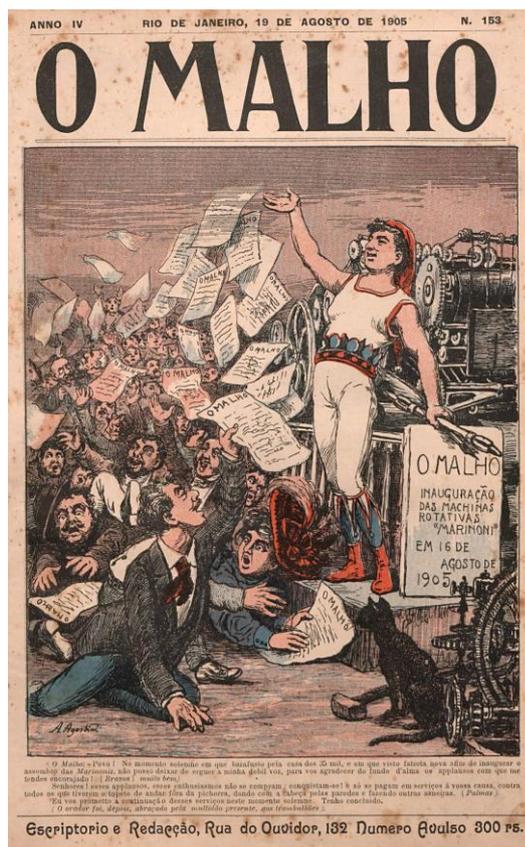
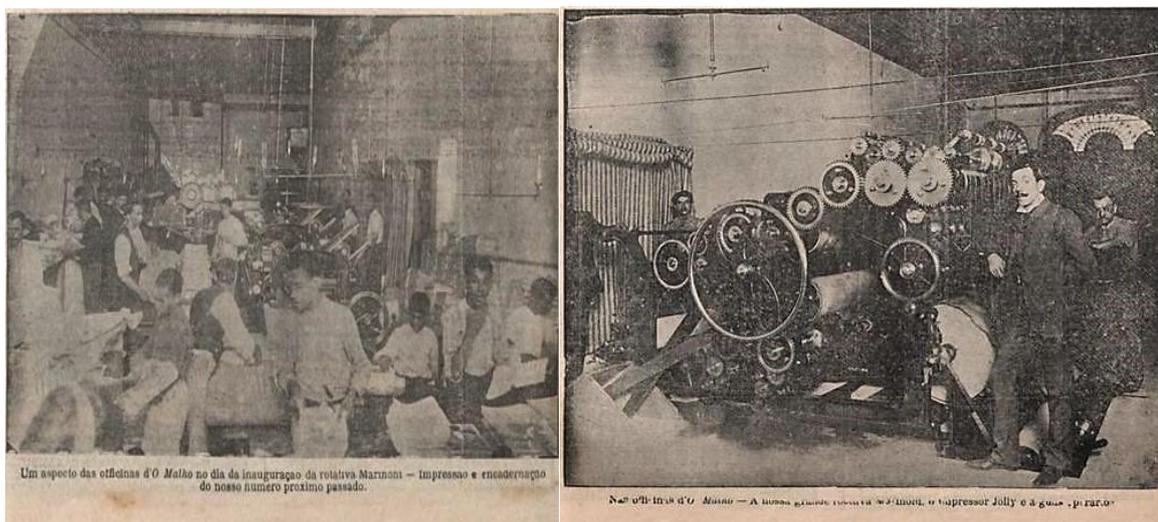


Imagem 1
O Malho, 19/08/1905, Ano IV, Nº 153.

Na imagem, vemos com destaque o personagem símbolo de *O Malho* (um bobo da corte), apresentando ao público a nova rotativa. Da máquina saem dezenas de exemplares da revista, que os leitores, com olhares de espanto, lutam para garantir. Na parte de inferior da imagem, observamos um homem boquiaberto, que parece ser o próprio Angelo Agostini, olhando com admiração para a nova máquina. A imagem de Agostini apresenta um contraponto interessante: ele, um artista veterano, celebrado pelas ilustrações e charges a bico de pena ou feitas com o lápis gorduroso, do outro lado, a máquina, símbolo da modernidade, da novidade. A imagem de Agostini de joelhos em frente à rotativa sugere uma submissão do antigo ao novo.

Nos números seguintes, a revista publica uma série de fotografias das oficinas da empresa, mostrando a dinâmica de trabalho com as novas rotativas. Ainda que a máquina apareça no centro das fotografias, elas estão sempre acompanhadas pelos operários das oficinas. A intenção das imagens provavelmente é mostrar ao público a integração dos funcionários com a rotativa, revelando como a máquina ajudava também na consolidação do progresso das relações de trabalho. Dessa forma, *O Malho* se colocava frente ao público como uma empresa moderna em todos os sentidos.



Imagens 2 e 3: Oficinas d'O Malho com as rotativas Marinoni
O Malho, 26/08/1905, Ano IV, Nº 154 e *O Malho*, 23/09/1905, Ano IV, Nº 158.

Com a aquisição das rotativas, a publicação da revista *O Tico-Tico*, alguns meses depois, e em 1909, da já citada *Ilustração Brasileira*, a Sociedade Anônima *O Malho* parecia consolidar seu projeto de ampliação e diversificação de impressos. Além das revistas, a empresa ainda publicava dois almanaques e um álbum no fim do ano: o *Almanaque d'O Malho*, o *Almanaque d'O Tico-Tico* e o *Álbum do Para Todos*. *O Malho* também passava a contar com uma sucursal em São Paulo, situada na Rua Direita nº 7. Em 1922, o capital da empresa é avaliado em 1.000.000\$000, dobrando um ano depois. O crescimento e posterior solidificação da empresa faz com que S. A. *O Malho* receba, o prêmio de maior empresa editora do país durante a Exposição Internacional do Centenário da Independência.

Na década de 1920, no entanto, muitas das características iniciais da revista *O Malho* já haviam desaparecido. Caracterizada em seus primeiros anos pelo que Saliba chama de

“desilusão republicana”⁸¹, que marcou o ideário intelectual daqueles que se viam portadores de um projeto de nação pouco encampado na nova conjuntura política, a revista se destacava por um sentimento de desesperança com os destinos da República após a sua proclamação. Essa mágoa com a “república que não foi” dava a tônica das publicações políticas da revista, que contrastavam com a euforia e o otimismo com as mudanças na paisagem da cidade-capital, que ainda que trouxessem transtornos aos moradores e transeuntes, indicavam a adesão a um projeto moderno de futuro.

A orientação ideológica da revista em seus primeiros anos não parecia descolada da atuação política de seus proprietários. Antônio Azeredo e Luís Bartolomeu de Souza e Silva eram ambos formados pela Escola Militar da Praia Vermelha, conhecido reduto das ideias positivistas no Brasil⁸². A crença no progresso, na vanguarda do militar-cidadão, na superioridade da intelectualidade e de seu dever de guiar o “poviléu” à civilização, fizeram parte da formação dos dois jornalistas e políticos. Ainda que não seja possível encontrar nas páginas d'*O Malho* o estilo panfletário que marcara a imprensa de outrora, o espírito crítico e mordaz e a livre veiculação das posições políticas e ideológicas não foram totalmente abandonados: a atividade jornalística no Brasil sempre teve forte cunho político.

Se a crítica através da caricatura continuava sendo uma das marcas da publicação desde seu lançamento, ela passava cada vez mais a dividir espaço com muitas páginas de publicidade, esportes, artes e *fait divers*. Na década de 1920, as quase 60 páginas semanais do periódico ganharam aspecto moderno com a direção artística de J. Carlos⁸³, que integrou o primeiro grupo de caricaturistas da revista e depois transferiu-se para a *Careta*. A volta de J. Carlos trouxe um design renovado ao conjunto de publicações d'*O Malho*⁸⁴, e impactou profundamente o periódico, que ganhou ares de revista de variedades.

Essas mudanças são acompanhadas também por transformações na empresa, que em 1921, transfere parte das ações para a editora Pimenta de Mello & Cia. A família Pimenta de Mello possuía uma longa história no mercado de impressos. José Pimenta de Mello nasceu em Coimbra, em Portugal, e no fim do século XIX foi diretor da *Cia. Typografica Commercial*.

81 SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

82 CARVALHO, José Murilo. **Formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

83 J. Carlos assume a direção artística das revistas da S.A. *O Malho* em 1922, onde permanece até 1930.

84 Sobre a atuação de J. Carlos em *O Malho* e *Para Todos* ver LOREDANO, Cássio (org.). **O vidente míope**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

Também esteve à frente da tipografia Pereira Braga e Cia até a criação da editora Pimenta de Melo & Cia, que contava também com a presença de Pimenta de Mello Filho⁸⁵. Não se tem conhecimento dos motivos que levaram Luiz Bartolomeu de Souza e Silva a vender boa parte de suas ações para a família Pimenta de Mello, porém acredita-se que o negócio deve ter sido bastante vantajoso a ambos, já que com Pimenta de Mello, o número de publicações ligadas a revista *O Malho* aumenta consideravelmente. Além das já citadas, a Editora Pimenta de Mello em conjunto com a Sociedade Anônima *O Malho* passa a editar *Moda e Bordado*, *A arte de bordar*, *O Papagaio*, *Anuário das Senhoras* e uma importante revista dedicada ao cinema nacional e estrangeiro, *a Cinearte*, que também contava com um álbum comemorativo no fim do ano. Além disso, a Editora Pimenta de Mello abre, próximo ao prédio da S.A. *O Malho*, uma livraria onde vendia obras literárias por ela publicadas, além dos periódicos⁸⁶. Em 1930, as ações da empresa S. A. *O Malho* voltam a família de Luiz Bartolomeu de Souza e Silva, primeiro para o seu irmão Antônio de Souza e Silva e depois para Oswaldo de Souza e Silva. No entanto, as relações entre S.A *O Malho* e Pimenta de Mello & Cia permanecem até a morte de José Pimenta de Mello, em 25 de abril de 1940.

Apesar do grande desenvolvimento experimentado pela empresa durante o período em que Pimenta de Mello esteve em sua direção, a passagem dos anos 1920 para 1930 trouxe graves consequências para as publicações d' *O Malho*. Em 1929, a vida política brasileira encontrava-se agitada pela candidatura de Getúlio Vargas à presidência. Organizados através da Aliança Liberal, oligarquias dissidentes ao esquema político protagonizado pelas lideranças de Minas Gerais e São Paulo lançaram a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas para presidente, e de João Pessoa, da Paraíba, como vice. Nas páginas d' *O Malho*, os novos grupos políticos eram ridicularizados, criticados por uma suposta ausência de legitimidade.

Já na edição de 22 de junho de 1929, a revista *O Malho* condena o rompimento da aliança entre Minas Gerais e São Paulo. Faz duras críticas aos jornais que, com seus editoriais, desejariam afundar o país em uma Guerra Civil. Para eles, a aliança entre os dois estados representava a força de união da República:

Mas, por patriotismo, ninguém deseja esse choque entre os dois

85 FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra**. Introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. P. 414.

86 LUCAS, Taís Campelo. **Cinearte**: o cinema brasileiro em revista (1926-1942). Dissertação de mestrado, UFF, 2005. P. 84.

grandes Estados. Porque a verdade é que delle nada pode resultar de bom para a Nação. Minas e São Paulo unidos são a Verdun da Republica, que hade offerecer uma resistênciã inquebrantavel a todos os ataques desfechados contra a integridade do regimen. Minas e São Paulo são duas forças poderosas e conscientes que, conjugadas nos seus esforços, prestarão ao Paiz, no terreno político, social, financeiro e economico, os mais valiosos serviços⁸⁷.

A revista critica em especial o governador de Minas Gerais Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, que resolve apoiar Getúlio Vargas, enquanto o paulista Julio Prestes é exaltado como um grande patriota.

Os acontecimentos posteriores ao pleito eleitoral, que levaram através da Revolução Getúlio Vargas ao poder, trouxeram consequências aos jornais que fizeram oposição à Aliança Liberal. No dia 24 de outubro de 1930, grupos populares em manifestação pelas ruas do centro da Capital, depredaram e incendiaram as redações de grandes órgãos de imprensa. Além d'*O Malho*, *O País*, *A Vanguarda*, *A Gazeta* e *A Crítica* foram fruto de depredações e saques. Após o episódio, a revista *O Malho* deixou de circular por um breve momento, enquanto as demais publicações passaram a ser impressas nas gráficas Pimenta de Mello. Ao retornar as atividades, em 1931, a revista aparecia levemente modificada. O conteúdo político havia praticamente desaparecido, sobrando apenas o noticiário vazio e oficioso. A exceção foi a publicação do suplemento *O Trancinha* dentro da revista que se encarregava de fazer críticas ao governo através do redator fictício “O Cardoso”. No suplemento as críticas vinham acompanhadas de muito humor, seguindo a tradição da revista. *O Trancinha* e seu simpático personagem-redator “O Cardoso” só sobrevivem alguns meses do ano de 1931.

Apesar da crise instaurada na empresa no início da década, *O Malho* continuou investindo em novas tecnologias de impressão que reforçassem o caráter moderno da publicação. Na edição de 27 de maio de 1933, os editores apresentam o que chamam de o “Novo O Malho”, com a sua principal revista passando a ser impressa em off-set e retrogravura. O cabeçalho da revista também aparece modificado, com estilo mais moderno. Na apresentação do N° 1588, os editores ressaltam que os melhoramentos com as novas formas de impressão possibilitariam aos leitores conhecer mais profundamente a diversidade cultural do Brasil e do mundo:

87 *O Malho*, ano XXVIII, 22 de junho de 1929, n° 1397.

O leitor, com o novo O MALHO em off-set e retrogravura, poderá percorrer todas as regiões do globo, subindo com os excursionistas os montes asiáticos, visitando os templos do Hymalaia, assistindo às perigosas caçadas dos excêntricos ingleses nas florestas da África, encontrando-se com o presidente Roosevelt na Casa Branca, em Washington. Se residir no Norte do Brasil, ficará conhecendo as quedas do Iguassú, no Paraná. Uma lavoura de café, em São Paulo, ou o Christo do Corcovado na capital da Republica. E se residir no Sul vae ver como se cultiva o cacáo na Bahia, o que é uma salina no Rio Grande do Norte ou a belleza de uma paisagem amazonica⁸⁸.

Junto com a nova tecnologia de impressão, apresentam também o conteúdo da revista renovada, com seções de literatura e poesia, cinema, música, floricultura e horticultura, charadas, anedotas e caricaturas, e um novo suplemento dedicado “às senhoras”, com modelos de vestidos, bordados e receitas. As discussões políticas não aparecem como referência no “Novo O Malho”, ainda que eventualmente pudessem tomar algumas páginas da publicação, principalmente pelo traço de Alfredo Storni⁸⁹ e Max Yantok⁹⁰.

A transformação do perfil para uma revista de variedades parecia finalmente concluído, como já estava anunciado alguns anos antes. Esse movimento de mudança na imprensa após a década de 1930 não foi exclusivo de *O Malho*. Naquele contexto, muitos jornais e revistas mudaram de direção, linha editorial, e alguns chegaram mesmo a desaparecer⁹¹. *O Malho* conseguiu se manter ainda por algumas décadas, mas sensivelmente modificado. Publicidade, cinema, artes, literatura e o noticiário do Brasil e do mundo dividiam o espaço com publicações oficiais sobre o governo, principalmente após 1937, com o Estado Novo. A empresa também parecia ter encontrado dificuldades em manter o padrão de

88 *O Malho*, 27 de maio de 1933, Nº 1588, Ano XXXII.

89 Alfredo Storni nasceu em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, em 4 de novembro de 1891. Iniciou sua carreira como jornalista e caricaturista ainda em Rio Grande do Sul, com as revistas *O gafanhoto* e *O Bisturi*. Começou a trabalhar na revista *O Malho* ainda como colaborador no Rio Grande do Sul. Em 1907, o caricaturista começa a trabalhar definitivamente na redação da revista e também em *O Tico-Tico*, onde criou importantes personagens, como a família Zé macaco, Faustina e Baratinha. Também trabalhou em outros periódicos, como *D. Quixote* e *Careta*. Faleceu no Rio de Janeiro em 20 de março de 1966.

90 Max Cesarino Yantok nasceu em Soledade, no Rio Grande do Sul, em 1881. Foi contador, jornalista, músico e caricaturista. Na Itália, trabalhou em revistas de humor e contribuiu com charges também para revistas francesas. De volta ao Brasil, em 1908, começou a trabalhar em *O Malho* e na revista *O Tico-Tico*. Na publicação infantil criou importantes personagens, como Kaximbown e Barão de Rapapé. Também publicou em outras revistas, como *O Imparcial*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *O Cruzeiro*. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1964.

91 MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. Op. Cit. P. 167.

crescimento que apresentara até a década anterior. Passados cinco anos do incêndio que prejudicou suas atividades, a empresa tentou entrar com recurso na justiça pedindo indenização ao Estado pelos prejuízos resultantes das ações do dia 24 de outubro. Na década de 1940, a publicação se torna mensal e sua singularidade para o público e colegas de imprensa passa a ser o fato de se tratar de uma revista “veterana”.

Nesta fase da revista, ela era dirigida por Antonio A. de Souza e Silva. Seu irmão Oswaldo de Souza e Silva, advogado e diretor da Associação Brasileira de Imprensa, assumiu o cargo de redator-chefe da revista, em 1927, atuando também na direção da empresa S. A. O Malho. Outro irmão, Luiz de Souza e Silva também fazia parte da diretoria da empresa, demonstrando que seu comando não deixara as mãos da família desde a sua fundação. Pelo seu trabalho na ABI, Oswaldo manteve boas relações com o campo jornalístico e com o campo político, o que deve ter ajudado a sustentar o prestígio da revista e garantir a vitalidade financeira da empresa.

Em 1941, a direção da revista *O Malho* ganhava outro nome de peso atuante tanto no jornalismo como na política. José Maria Belo iniciou sua carreira política por meio do tio Estácio Coimbra, governador de Pernambuco. Foi eleito deputado federal pelo estado em 1927, e empossado senador, em 1930. No entanto, perdeu seu lugar na magistratura com a ascensão de Getúlio Vargas e voltou a se dedicar ao jornalismo e a crítica literária no Rio de Janeiro. Também atuou como professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, escreveu livros e proferiu palestras sobre história, em especial sobre a história recente da República. Em março de 1941, foi anunciado na direção da revista ao lado de Antonio e Oswaldo de Souza e Silva. Apesar de distante da política, mantinha relações próximas com o prefeito Henrique Dodsworth e não escondia seu apreço pelo presidente da República. Belo se manteve na revista até julho de 1943, quando assumiu a direção da revista *Universal*.

As críticas ao presidente ficaram no passado durante o período em que estiveram à frente da direção da empresa. Em abril de 1943, a revista publicou uma edição especial, com 245 páginas especialmente dedicada ao presidente Getúlio Vargas em ocasião de seu aniversário. Nessa edição José Maria Belo escreveu que

(...) de todas as constantes do senhor Getúlio Vargas, é a tolerância que melhor o afirmou nas simpatias dos brasileiros. E a tolerância é a expressão das melhores virtudes da inteligência e dos sentimentos, forma de compreensão superior da vida, certeza moral

da relatividade humana, fonte perene da paciência e tenacidade no esforço, e seiva onde se alimenta o desejo de esquecer, perdoar e seguir avante...⁹²

Não há nenhuma indicação de que com o texto, que apela para a capacidade de tolerância e perdão do presidente, José Maria Belo estivesse falando da posição do chefe de Estado em relação à revista, que no passado teria se posicionado contrário à revolução que o empossou no poder. Nem podemos afirmar também que com o texto o autor faria uma crítica ao posicionamento da redação à época, porém é importante registrar as tentativas dos editores e diretores da empresa em se aproximar do presidente durante o período do Estado Novo.

Apesar do conteúdo da revista evitar as discussões e o panorama político nacional e internacional, preferindo os conteúdos de moda, artes, literatura e cinema, as capas da publicação que costumavam estampar retratos, voltaram a mostrar a antiga disposição à crônica política a partir de maio de 1945. Inicialmente, o alvo era a política externa, com o clima do pós-guerra e as disputas entre União Soviética e Estados Unidos, sob a caneta de Luiz Sá⁹³. A partir de 1946, a crise econômica, a carestia e as disputas políticas durante o governo de Enrico Gaspar Dutra (1946-1951), com as caricaturas de Luiz Sá e Théó⁹⁴.

No retorno de Getúlio Vargas ao poder em 1951, a postura da revista já foi diferente daquela observada durante o Estado Novo. Gozando de maior liberdade de crítica, as capas de Théó deixavam no ar certo clima de desconfiança com o novo governo. Na capa da edição de maio de 1951, duas representações das classes populares, o pedreiro Waldemar e o Jeca, comentam sobre a posse do novo presidente. No diálogo o primeiro afirma: “— Você vai ver como ele fará um governo novo!” E é respondido pelo Jeca: “— Mas o pessoal que o cerca é um bocado antigo”⁹⁵. Na edição de natal de 1952, a capa mostra Getúlio Vargas vestido de

92 *O Malho*, abril de 1943, Nº 39, Ano XLII.

93 Luiz Sá de Araújo nasceu em Fortaleza em 28 de setembro de 1907. Mudou-se para o Rio de Janeiro no fim da década de 1920 e começou a trabalhar como colaborador, enviando ilustrações para diversas revistas ilustradas. No mesmo ano começou a trabalhar na revista *O Malho* e *O Tico-Tico*, onde criou os populares personagens Reco-Reco, Bolão e Azeitona. Também trabalhou com curtas de animações e com ilustrações para TV. Foi funcionário do Serviço de Educação sanitária, ilustrando panfletos e criando cartilhas de saúde destinada a crianças. Faleceu no Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1979.

94 Djalma Pires Ferreira, mas conhecido pelo pseudônimo Théó, nasceu em Salvador, em 2 de julho de 1901. Começou a trabalhar como jornalista e caricaturista, publicando em jornais como *A tarde* e *Diário de Notícias*, entre os anos 1918 e 1922. Já no Rio de Janeiro, publicou também na revista *D. Quixote*, *O Malho*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Careta*, *Revista da Semana*, dentre outras. Durante esse período também trabalhou no Ministério da Agricultura e do Trabalho. Na revista *O Tico-Tico* criou o personagem Tinoco, o caçador de feras. Faleceu em 1991.

95 *O Malho*, maio de 1951, Nº 136, Ano XLIX.

Papai Noel levando abacaxis ao povo brasileiro em seu saco de presentes⁹⁶.

Em 1954, a revista deixou de circular, por isso, não sabemos como repercutiria o suicídio do presidente, a quem parece ter se aproximado e afastado de acordo com a conveniência política do momento. Para Zita de Paula Rosa, da década de 1940 até seu desaparecimento, tanto a revista como a empresa viviam a reboque de sua revista mais popular, *O Tico-Tico*. O público infantil parecia a última trincheira da empresa, que na década de 1950 investiu na criação de mais três publicações mensais infantis: *Tiquinho*, lançada em janeiro de 1950, voltada para crianças em fase de alfabetização, *Cirandinha*, em abril de 1951, voltada ao público infantil feminino, e *Pinguinho*, em março de 1954, também destinada a crianças mais novas. Essas revistas tiveram relativo êxito, em especial *Tiquinho*, com a publicação de almanaques de fim de ano e edições especiais. No entanto, não se compararam ao sucesso e longevidade da primeira revista infantojuvenil do grupo.

1.2 Publicando para crianças: o lançamento da revista *O Tico-Tico*

A revista *O Malho* já publicava em suas páginas conteúdos voltados ao leitor infantil desde seu lançamento, em 1902. Contos da carochinha, *cartoons*, tirinhas e brinquedos de montar faziam parte da variedade de materiais disponíveis ao público infantil na revista *O Malho*. A variedade das publicações da revista era uma de suas características principais, acompanhado da visualidade. Além de uma quantidade considerável de fotografias, *cartoons*, ilustrações e caricaturas, o periódico publicava artigos de política e cotidiano, piadas, jogos, música, moda e esportes, além da seção de cartas – a *Caixa d'O Malho* – principal canal de diálogo entre o público leitor e os editores. Outra marca da publicação era o seu *Almanak*, publicado todos os anos em dezembro. Com exceção das seções de política e cotidiano da cidade, todos esses outros aspectos estiveram presentes também na revista *O Tico-Tico*. Ao invés do *Almanaque d'O Malho*, publicavam o *Almanaque d'O Tico-Tico*, e no lugar da *Caixa*, as cartas ficavam na *Gaiola d'O Tico-Tico*. Pelo menos nos primeiros anos de publicação, *O Tico-Tico* parecia uma transposição d'*O Malho* para o público infantil, uma espécie de *O Malho* em miniatura. Nas primeiras propagandas do periódico infantil veiculadas n'*O Malho*,

96 *O Malho*, dezembro de 1952, Nº 155, Ano L.

os editores gostavam de salientar que assim como os adultos, com *O Tico-Tico* as crianças passariam a ter o seu próprio “jornal”.

Apesar das publicações voltadas às crianças nas páginas da revista *O Malho*, a experiência de publicar uma revista infantil era totalmente nova para a empresa. Ainda que os anos dedicados a imprensa para adultos, ajudassem a formar um *know-how* para os artistas e editores envolvidos no projeto, a nova publicação era influenciada e alimentada também por um conjunto de publicações estrangeiras e nacionais, que mostram uma circulação de saberes, temas e estética nas publicações infantis. O objetivo de ensinar divertindo era algo disseminado nas publicações infantis, tanto nos impressos seriados, como as revistas, almanaques, como nos livros infantis, publicados pela Livraria Quaresma e Francisco Alves, e obras estrangeiros que chegavam ao Brasil pelas editoras Garnier e Laemmert. A visualidade era também marca de algumas das publicações que circulavam no país, como álbuns e livros-brinquedo, o que põe em xeque a ideia de que a leitura infantil se restringia aos livros escolares. Outra característica identificada a essas publicações, era a preocupação com temas relacionados à educação moral, muito frequente na literatura infantojuvenil, mas também muito presente nas revistas católicas francesas que serviram de inspiração para a criação d’*O Tico-Tico*⁹⁷. A presença de temas nacionais e o entusiasmo pela ciência também aparecem, por exemplo, em obras estrangeiras como a *The Children Encyclopaedia* (1908-1910), de Arthur Mee, publicada no Brasil em 1920 através do editor W. M. Jackson, como *O Tesouro da Juventude*⁹⁸.

Como já citamos acima, as novas publicações d’ *O Malho* eram apresentadas através de concursos. Era uma estratégia de publicidade que, além de chamar a atenção do público leitor, ajudava os editores a conhecer melhor as expectativas acerca dos novos periódicos. O concurso da revista *O Tico-Tico* era voltado aos “meninos do Brasil”. No concurso, meninos de até 12 anos de idade deveriam encaminhar respostas à redação a seguinte pergunta “- Que é o que o menino quer ser?”. A revista definia como objetivo do concurso que os meninos mostrassem através de suas respostas seu estado de ânimo e seu valor, e que dessa forma fossem capazes de mostrar ao público a nova geração de brasileiros que faria o Brasil sonhado

97 CRÉPIN, Thierry & HACHE-BISSETTE, Françoise. **Les presses enfantines chrétiennes au XX siècle**. Paris: Artois Presse Université, 2008.

98 SOARES, Gabriela Pellegrino. O editor norte-americano W. M. Jackson e a difusão da britânica *The Children’s Encyclopaedia* ou *Tesouro da Juventude* na América Latina, dos anos 1900 aos 1950. In: SCHAPOCHNIK, Nelson & VENÂNCIO, Giselle Martins (orgs). *Escrita, leitura e edição na América Latina*. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016. P. 198-215.

no futuro. A ideia das crianças, em especial meninos, como futuros construtores do Brasil, já aparece antes do lançamento da revista e permaneceu forte nas páginas de *O Tico-Tico*⁹⁹. Para ganhar o interesse dos pequenos leitores, o concurso prometia o prêmio de cem mil réis para aquele que escrevessem a melhor resposta, que seria julgada por um júri de “pessoas eminentes”, cujos nomes não foram divulgados em nenhum momento. Além disso, uma seleção das melhores respostas seria publicada na revista *O Tico-Tico* junto a fotografias de seus autores.

Com a divulgação do concurso, a revista tinha também a possibilidade de conferir o interesse do público, além de demarcar o gênero e a idade média dos leitores da revista. Pela publicidade veiculada n'*O Malho*, os editores deixam claro a predileção da revista por leitores do sexo masculino ao defenderem que a revista teria como objetivo “*fortalecer e orientar o espírito desses que serão amanhã os nossos grandes homens*”¹⁰⁰. O protagonismo do público masculino não deveria afastar, por outro lado, as meninas, a quem os editores suplicam que “não se magoê nem vá agora ficar amuado ou fazer pirraça: para esse bello sexo, ainda em botão, abriremos muitos concursos depois”¹⁰¹. A publicidade do concurso já apresenta a tônica das publicações futuras da revista que priorizariam os meninos em detrimento das meninas, e ajudava a reforçar a separação de lugares entre homens e mulheres na sociedade e no futuro do país.

A fotografia e a resposta do vencedor foram publicadas na edição n° 7, de 22 de novembro de 1905. A resposta de Ismael Pinto de Araújo Corrêa ia de encontro com as opiniões e expectativas divulgadas pela revista quanto ao futuro cidadão desejado. O menino de 12 anos desejava ser militar, servindo a pátria como seu pai, avós e tios. Estudante do Colégio Militar e filho de um comandante que participara da Revolta da Armada, o vencedor do concurso parecia um legítimo patriota, em que as demais crianças deveriam se espelhar.

99 Em sua tese de doutorado, Patrícia dos Santos Hansen analisa uma seleção de livros infantojuvenis da Primeira República a noção de país grande, das crianças como futuro e a analogia do Brasil como uma criança. Ver HANSEN, Patrícia Santos. Op. Cit.

100 *O Malho*. Ano IV, 23 de setembro de 1905, N° 158. P. 13.

101 Id.



Imagem 4: Vencedor do primeiro concurso da revista *O Tico-Tico*
O Tico-Tico, 22/11/1905, Ano I, N^o7.

O primeiro número da revista *O Tico-Tico* foi lançado em 11 de outubro de 1905, uma quarta-feira, ao preço de \$200 reis¹⁰². A revista foi publicada no formato de 29,8 X 22 cm, com 16 páginas. O formato se manteve basicamente o mesmo durante toda a publicação, mas o número de páginas variou bastante durante os diversos anos de circulação, chegando a mais de 50 páginas em datas comemorativas e aniversários da publicação. A tiragem inicial foi de 21 mil exemplares, no entanto, o primeiro número esgotou rapidamente e precisou ser novamente impresso. No fim daquele mesmo ano a tiragem da revista já tinha alcançado 27.000 exemplares, um número expressivo se levarmos em consideração a especificidade dos leitores a que a revista se dirigia.

Logo na primeira página vê-se o logotipo desenhado por Ângelo Agostini. O nome da revista, que, aliás, é acompanhado de uma série de controvérsias¹⁰³, aparece cercado por crianças que parecem se divertir em torno das letras. Com os querubins, Agostini passa uma ideia idealizada da infância, marcada pela inocência. Este logotipo permaneceu inalterado até 1917, quando foi substituído por um novo, desenhado por Max Yantok¹⁰⁴. Logo abaixo do

¹⁰²O preço da revista se manterá inalterado até 1919, quando passa de \$200 para \$300. Novo aumento de preço só ocorrerá no número 1248, de 1929.

¹⁰³Não há um consenso na bibliografia acerca da escolha do nome *O Tico-Tico* para a revista infantil. Na edição comemorativa do 50^o aniversário da revista, atesta-se que o nome teria sido escolhido pelo próprio editor Luís Bartolomeu de Souza e Silva ao ver um pássaro Tico-Tico pousado em sua janela. No entanto, em entrevista para o *Correio da Manhã*, em 8 de dezembro de 1955 (N^o 19235), o ilustrador Vasco Lima, um dos artistas fundadores da publicação diz acreditar que o nome se deveria provavelmente a Manoel Bomfim, que muito teria contribuído para o sucesso da publicação. O nome faria referência, segundo ele, as escolas de primeiras letras que na época eram conhecidas como escolas tico-tico.

¹⁰⁴O novo logotipo de Max Yantok apareceu pela primeira vez no número 624, de 19 de dezembro de 1917. Ele foi novamente substituído por outro, com traços mais modernos, de J. Carlos, em 10 de novembro de 1923, no número 940. O último logotipo da revista foi inaugurado em 18 de julho de 1934, no número 1502, com desenho de Luiz Sá. Com exceção do logotipo desenhado por Ângelo Agostini, todos os outros traziam os

logotipo, ainda na capa, uma espécie de história em quadrinhos em cores apresenta o primeiro número da nova revista aos seus leitores.



Imagem 5: Capa do 1º número
O Tico-Tico. Edição fac-símile. Ano I, 11/10/1905, N.º 1.

A história pode ser dividida em duas partes: na primeira, que compreende os dois primeiros quadros, o personagem símbolo de *O Malho* se depara com um grupo de crianças exigindo um jornal feito exclusivamente para eles; no segundo, um pai é questionado por sua

personagens mais prestigiados em torno do nome da revista.

família para que compre *O Tico-Tico* para o divertimento das crianças. Observando a história da capa é possível perceber a centralidade das crianças, sempre colocadas no meio do quadro. Elas aparecem como sujeitos na imagem, tanto na primeira parte da história, quando questionam o personagem representante d'*O Malho* da necessidade de terem um jornal, quanto na família, ao exigirem do pai a publicação infantil. Inclusive o título da história – *Manda quem pode* – sugere o protagonismo das crianças tanto no espaço da rua como na família.

Os quadros que giram em torno do ambiente familiar também indicam o interesse de que a revista fosse consumida por toda a família. No último quadro da história, o pai volta para casa com exemplares para cada um dos membros da família, inclusive para si mesmo. No último quadro, todos os personagens aparecem juntos lendo a revista, sugerindo que a leitura de *O Tico-Tico* pudesse funcionar como um momento de divertimento familiar. A intenção de que a revista fosse consumida por toda a família aparece também em propaganda d'*O Tico-Tico* na revista *O Malho*, publicada em 14 de outubro. Essa ideia de resgate da infância a partir da leitura partilhada da revista pode ser observado no diálogo:

- Oh! Até tu de *Tico-Tico* na mão?!...
- Que remédio! A criançada fez hontem um barulho medonho, porque levei um só exemplar...
- Queriam mais?
- De certo! Cada um queria ter o seu nas unhas! E não eram só as crianças...A própria sogra...
- A sogra?
- Então!... Homem... até eu... Sim, não tenho vergonha de o dizer: até eu! Quem é que não gosta de rir? Quem é que resiste ao entusiasmo das crianças? E, depois, *O Tico-Tico* é bem feito, tem um aspecto alegre, com suas páginas bem coloridas e leves. Já o viste, não?
- Já sim!
- Então?...
- Então vou ver si arranjo mais alguns exemplares. [...]¹⁰⁵

Podemos pensar essa primeira página como uma espécie de síntese das expectativas e orientações da revista em relação ao público. Ainda que seja simplesmente uma apresentação da publicação aos seus primeiros leitores, esse é um momento importante na construção das primeiras referências que identificariam o periódico por muitos anos. Pela capa a revista

105 *O Malho*. Ano IV, 14 de outubro de 1905, Nº 161, P. 16.

precisava dizer ao que veio e convencer o público de que sua aquisição seria mais que recomendável, seria necessária. Por isso, a primeira página é carregada de símbolos e imagens, que veremos repetidamente na publicação. Uma dessas imagens é a da própria criança, o público leitor. Na capa, as crianças são tratadas como “pequenas esperanças da pátria” ou “futuros salvadores da pátria e mães de família futuras”.

A associação da criança à pátria e ao futuro da nação foi uma constante durante toda a revista. Essa foi também, segundo a historiadora Patrícia Hansen¹⁰⁶, uma das características mais marcantes da literatura infantil da Primeira República, onde podemos incluir a revista *O Tico-Tico*, que como veremos mais adiante, teve um papel importante no seu desenvolvimento e divulgação. A criança era vista como adultos em miniatura e para ela se estabelecia um lugar essencial nos destinos do país. Como futuros cidadãos da pátria, caberia a elas encaminhar o país ao progresso. Assim como a criança, o Brasil seria um país ainda em infância, mas que guardava grandes potencialidades no futuro. O percurso formativo tanto da criança como do país seria essencial para a realização positiva desse futuro idealizado. Cuidar da formação da infância a partir das páginas d'*O Tico-Tico* foi, portanto, um dos objetivos da publicação. A conclusão dessa finalidade passava pela seleção do conteúdo da revista que deveria tanto ser agradável ao deleite infantil, já que se tratava de um produto jornalístico e garantir sua venda era essencial para a manutenção da empresa, como deveria garantir a formação moral, científica e cívica da criança. Na apresentação da revista, escrevem os editores:

Contos, poesias, problemas, concursos, contribuirão, nas páginas do *Tico-Tico*, para, ao mesmo tempo, instruir e deliciar as crianças; e, de hoje em diante, ellas poderão dizer com orgulho: <<Os marmanjos têm os seus jornaes? Pois nós também temos o *nosso jornal*, que é feito para nós, exclusivamente para nós!

E não somente os pequeninos nos hão de agradecer! Todas as mãis, todos os que verdadeiramente amam as crianças hão de comprehender que a nossa tentativa é digna de apoio¹⁰⁷.

Desde 1903, a revista *O Malho* publicava conteúdo infantil sob o título de *Histórias para crianças* ou *Contos para crianças*. Esses contos infantis não constituíam seção fixa da revista, ou seja, não apareciam com regularidade, mas o estabelecimento de um título, demonstra interesse dos editores em destinar um espaço aos pequenos leitores. Essa seção contava com contos ilustrados, concursos e histórias infantis de caráter moral aliado ao

106HANSEN, 2007. Op. Cit.

107*O Tico-Tico*. Ano I, 11 de outubro de 1905, Nº 1. P.3.

humor, geralmente expresso de forma imagética, através de caricaturas, *cartoons*, charges ou tiras cômicas. Nessas histórias, geralmente protagonizadas por crianças, elas eram castigadas por desrespeitarem um adulto ou por um comportamento inadequado. Esses castigos, muitas vezes físicos, eram naturalizados, com forte apelo cômico.

Por causa de um cachorro, de Angelo Agostini¹⁰⁸ foi uma das primeiras tiras infantis ilustradas a ser publicada em *O Malho* e ilustra bem as relações estabelecidas entre o humor, a infância e o grotesco nestas publicações infantis. O enredo conta a história de Oswaldo e Zezinho, que no caminho para a escola encontram com cachorros e desatam a correr. No meio da correria, os cachorros são apanhados pela carrocinha. No meio da confusão, a vizinha D. Quitéria foi buscar seu cachorro e na disputa com o laçador que queria apreender o animal, seu corpo é despedaçado. Na cena final, D. Quitéria segura a cabeça do seu cão, enquanto o homem toma seu corpo ensanguentado.

A tragédia da cena parece sugerir que ao desviarem de seu caminho para a escola, as crianças poderiam se ver envolvidas em confusão. Na história, que termina no número seguinte, os meninos aproveitam a confusão para correrem para a escola “receiosos de apanharem cutiladas”. O conto de Agostini também pode estar relacionado à proibição do prefeito Pereira Passos à circulação de cães no centro da cidade, em 1904.

108 *O Malho*. Ano III, 15 de outubro de 1904, Nº 109. P. 38.

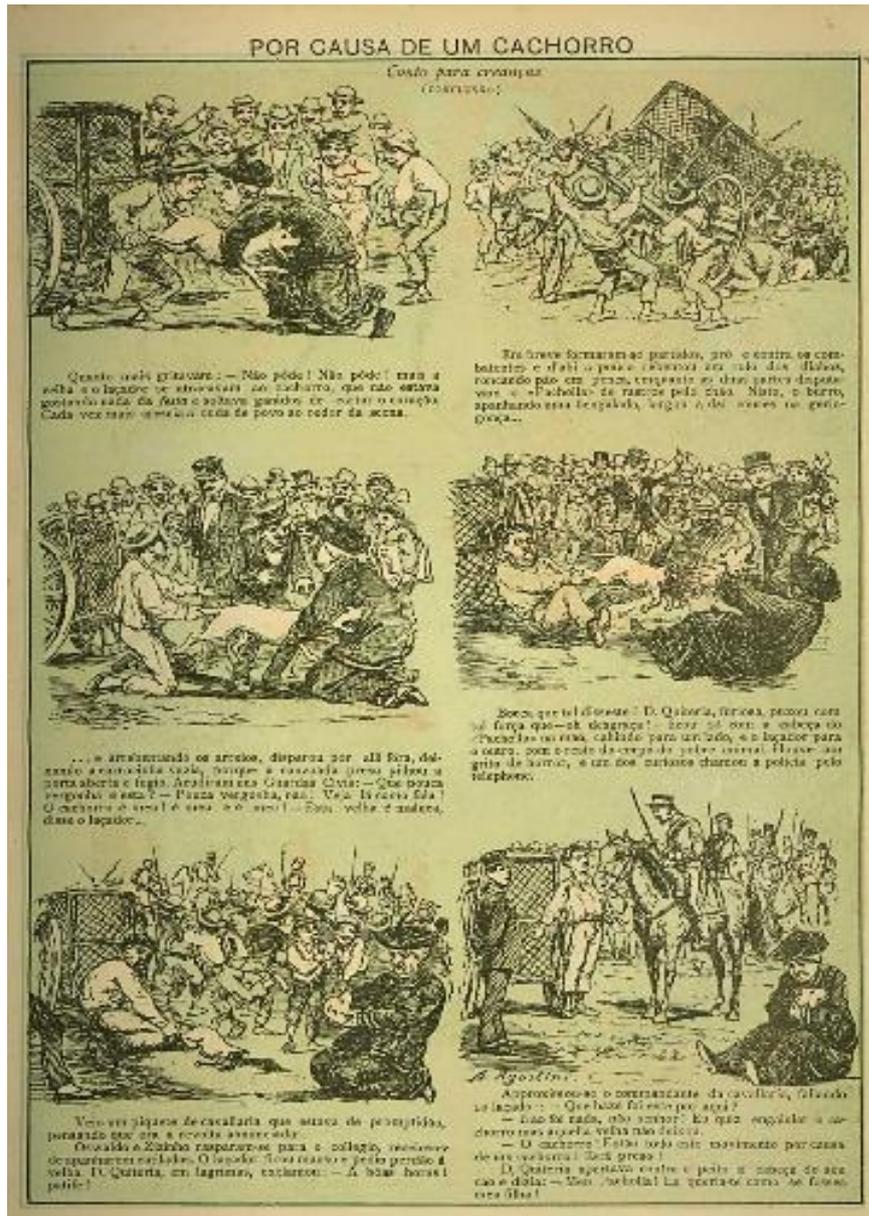


Imagem 6: Por causa de um cachorro
O Malho. Rio de Janeiro, 22/10/1904, Ano III, Nº 110. P. 38.

Esse tom trágico, ainda que recheado de humor, aparece também em outro conto ilustrado, denominado *Travessura fatal*¹⁰⁹. Assinado por Leônidas¹¹⁰, a história conta a travessura de Zequinha, que comia tudo o que via pela frente. Certo dia, após comer terra e

109 *O Malho*, 11 de fevereiro de 1905, Nº 126, Ano IV.

110 Leônidas Freire, também conhecido pelo pseudônimo Léo, nasceu em 19 de novembro de 1912, em São Benedito da Serra de Ibiapaba, no Ceará. Iniciou sua carreira no *Correio da Manhã*, transferindo-se para *O Malho*, em 1904. Foi um dos primeiros artistas a trabalhar na revista *O Tico-Tico*, ilustrando a seção *Brazil em Figuras*, em 1906. Trabalhou em outros órgãos de imprensa, como *A Manhã* e *A Noite*. Faleceu em 11 de novembro de 1943.

um caroço de jaca, viu crescer uma jaqueira em seu estômago. O conto termina com a morte de Zequinha e com a imagem do pai lamentando a perda de seu filho em frente a jaqueira plantada no cemitério. No último quadro, vemos a jaqueira já crescida, com frutos de onde saíam pernas e mãos que assustavam os próprios defuntos do cemitério.

Mais uma vez, o grotesco e o trágico se unem ao humor na construção do conto infantil. Assim como Angelo Agostini, também Leônidas cria uma história baseada no cotidiano infantil, mas utiliza um desfecho fatal para fins pedagógicos. O humor, assim como a brincadeira e o jogo, podia ser visto como uma forma de aprendizado, de conhecimento a partir da experiência mediada¹¹¹. No entanto, mais do que a utilização do riso, do jocoso para fins educativos, as tiras publicadas em *O Malho* mostram que não havia muita clareza dos limites entre a publicação de material para adultos e para as crianças na revista. As manifestações dos leitores contrárias a publicação da tira de Angelo Agostini deixam clara essa dificuldade de adequação de conteúdo¹¹². Apesar dos jornalistas e artistas entenderem a necessidade de publicar para crianças, um público em potencial na família, não havia muita clareza do que era adequado aos gostos infantis.

Para parecer adequado ao consumo infantil, os artistas inseriam lições de moral nestas publicações. Além da condenação às travessuras infantis, parecia importante tentar aliar valores como o estudo, a coragem, o cultivo aos bons sentimentos, ao humor característico da publicação. No conto ilustrado denominado *A Armadilha*¹¹³, Leônidas narra a história de Lulu e Nelson que queriam pregar uma peça em seu vizinho, o estudioso menino Carlinhos. Em época de exames escolares, Carlinhos gostava de se sentar no terraço da casa e estudar com afinco para não “levar bomba”. Os meninos armaram uma arapuca para derrubar Carlinhos assim que ele sentasse na cadeira para estudar. A arapuca deu certo e o menino levou um grande tombo, mostrando que o objetivo da cena de humor havia sido bem sucedido. No entanto, a última frase revela que “apesar disso, foi ele aprovado no exame”. A história é mais um exemplo de como a moral aparece como lição final, mas ainda desconexa do objetivo da cena humorística.

A simplicidade das histórias e o humor cotidiano e familiar indicava, além da experimentação de uma linguagem própria ao público infantil, que estas leituras deveriam

111 Pirandello fala do humor como uma reflexão moral e de suas possibilidades pedagógicas em PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.

112 ROSA, Zita de Paula. Op. Cit. P. 23.

113 *O Malho*, 14 de janeiro de 1905, Nº 122, Ano IV.

servir também aos demais membros da família. Como já foi sublinhado, a revista *O Malho* era, antes de tudo, uma revista voltada ao consumo familiar e mesmo essas publicações destinadas aos filhos deveriam ser atrativas também aos pais. As primeiras tiras e contos ilustrados para crianças publicados na revista *O Malho* mostram que os editores ainda não tinham a compreensão exata de como se dava o consumo destas publicações pelos leitores infantis. A publicação de material para crianças na imprensa era uma experiência recente, e ainda que os editores tivessem em mãos publicações estrangeiras mais experimentadas neste tipo de linguagem, era importante tentar aproximar as experiências estrangeiras com as tradições da imprensa nacional.

Para os colaboradores e artistas da revista *O Malho* experimentar a linguagem impressa para crianças parece ter sido fundamental antes de lançar definitivamente sua revista infantil. Ensaaiar a linguagem e construir a noção de humor aliada ao aprendizado foi um importante caminho para consolidar a fórmula de sucesso empregada na publicação. Isso exigia compreender as necessidades e interesses do público infantil e, principalmente, de pais e educadores que mediarão o consumo da revista pelas crianças. Uma das maneiras encontradas para garantir essa mediação foi o lançamento de um concurso no suplemento *Rio Chic*¹¹⁴, de 22 de setembro de 1905¹¹⁵. Neste concurso, os editores perguntavam: “Deve admitir-se a ficção e o maravilhoso na educação das crianças? No caso afirmativo ou negativo, por que?”.

O suplemento de moda era consumido em sua maioria por mulheres, muitas das quais mães, avós e educadoras. Não é estranho, portanto, que o questionamento, realizado pouco mais de um mês antes do lançamento da revista *O Tico-Tico*, ocorresse justamente nesse espaço da revista *O Malho*. Na explicação do concurso, os editores escrevem:

É uma questão passional essa da educação infantil e temos a esperança de que até os nossos litteratos, num bom movimento de bonhomia, esquecendo a nossa humildade, quererão dar a sua opinião.

Nós desejaríamos que todos, todos, os profissionaes e os leigos, nos

114O suplemento *Rio Chic*, destinado ao público feminino, versava sobre moeda, culinária e vida familiar. Foi publicado pela primeira vez no número 154 da revista *O Malho*, em 19 de agosto de 1905. Era dirigido por Branca de Villa Flor, uma das principais tradutoras de Arthur Conan Doyle para o português, publicando nas editoras Garnier e Francisco Alves.

115O *Malho*, Ano IV, 22 de setembro de 1905, Nº 158. P. 48.

dissessem alguma coisa¹¹⁶.

As respostas ao concurso publicadas no suplemento em sua maioria se posicionaram contrários ao uso da ficção e do maravilhoso na educação infantil. As respostas dos leitores, no geral, defendiam que o excesso de fantasia e a tendência à imaginação criariam falsas ilusões na criança, o que afetaria sua inteligência e capacidade de discernimento sobre o real quando adultos. Nessas cartas, defendia-se, no entanto, os contos com moralidades e as fábulas simples, inclusive aquelas que apelassem para o civismo das crianças. O uso da ficção foi considerado antagônico ao conhecimento científico, que deveria ser privilegiado na educação das crianças, como mostra a resposta de José Campello, do Recife:

Nada pior do que encher-se de preocupações romanescas, mysticas, etc., a pequena cabeça de uma criança, hoje que a sciencia tudo isto baniu. Impossibilita-o para a vida pratica, no futuro e para uma seria orientação.

Uma educação assim é incompatível com o gráo de civilização consciente, a que chegou a humanidade nesta hora de seu deseenvolvimento (sic) progressivo¹¹⁷.

Em outra resposta, o leitor ou leitora C. Salles defende que a educação das crianças deveria se basear no conhecimento dos grandes feitos do homem, através de bons exemplos, nobres ações e atos heroicos. Novamente apresenta-se a ideia de que a educação moral seria mais adequada às crianças. Enquanto a educação por meio de exemplos fortaleceria a personalidade da criança, contos ficcionais, principalmente aqueles com foco na fantasia e no faz-de-conta, serviriam como escapismo, contribuindo pouco para o desenvolvimento moral e educacional da criança.

Dentre todas as cartas publicadas, somente uma defendia o uso desse tipo de literatura na educação infantil. Assinado por J. J. Perné, o texto defende que histórias de magos e fadas ajudariam a desenvolver o prazer da leitura pelas crianças¹¹⁸. Segundo o leitor, o aperfeiçoamento desse gosto ajudaria na prática da leitura, no conhecimento da língua e na divulgação da oralidade, já que estas histórias seriam recontadas pela criança entre seus colegas e familiares.

116Id.

117O *Malho*, Ano IV, 2 de dezembro de 1905, Nº 168. P. 49.

118O *Malho*, Ano IV, 23 de dezembro de 1905, Nº 171. P. 51.

Ainda que as respostas dos leitores possam ter sido previamente selecionadas pela redação para fortalecer seus interesses e objetivos com a nova publicação infantil, é interessante perceber como buscaram em outra publicação da empresa o diálogo, a interação e a atenção dos leitores, em especial do sexo feminino. Os concursos do suplemento *Rio Chic* confirmavam que *O Malho* era uma publicação destinada à família e que este poderia ser mais um canal da empresa para unir os interesses das suas três publicações.

Mesmo antes de publicar estas respostas descritas acima, o suplemento lançava um novo concurso sob o título *História para Crianças*, título usado em suas publicações infantis¹¹⁹. Este concurso prometia prêmios em dinheiro e a publicação na revista *O Tico-Tico* das melhores histórias infantis enviadas pelos leitores. Na descrição do concurso, os editores fazem uma pequena reflexão daquilo que esperavam desses contos.

Não é muito fácil este gênero de literatura, atendendo aos requisitos a que é obrigado.

Para que os contos divirtam têm que ser imaginados de forma que as crianças sigam os lances com interesse apaixonado, sem cansaço, que não provoque o terror e que não lhes exaspere a sensibilidade.

Tanto na forma, como no fundo, essas histórias devem ser simples, claras pertençam elas à ficção ou à escola real. Evitar como medida de bom senso digressões inoportunas, longos preambulos e as palavras pomposas.

As comparações feitas em imagens nítidas e a moral acessível ao raciocínio das crianças, em número limitado de personagens cujo carácter se depreenda dos factos. São estas as qualidades indispensáveis a este género de litteratura e temos a certeza de que não damos nenhuma novidade.

Não é possível saber se essa síntese presente na descrição do concurso foi ou não mediada por um conhecimento prévio das respostas enviadas no concurso anterior, que terminara em 26 de setembro. No entanto, ela mostra que os editores tinham uma ideia já estabelecida sobre aquilo que buscavam nestes textos, apresentando certos argumentos de autoridade ao definir o que seriam as características principais de um texto destinado à infância. Apesar das consultas e tentativas de experimentação com a linguagem, apresentar ao leitor argumentos de autoridade era fundamental para que os editores demonstrassem estar

119 *O Malho*, Ano IV, 28 de setembro de 1905, Nº 163. P. 47.

familiarizados com o universo das publicações infantis. O importante neste caso não é questionarmos a natureza das respostas apresentadas, mas refletirmos sobre a interação da revista com seus leitores na construção de um novo produto.

Mesmo após essas consultas e outros concursos que *O Malho* viria a fazer para alimentar o interesse e mesmo as páginas d'*O Tico-Tico*, percebe-se que entre os editores e colaboradores da publicação infantil não havia ainda muita clareza do que ela viria a ser no futuro. A participação dos mesmos artistas em uma publicação e outra, assim como as tentativas de diálogo entre as mesmas publicações da empresa, mostram que editores e colaboradores não separavam de forma tão definitiva aquilo que fazia parte do mundo dos adultos e do mundo infantil. Assim, podemos afirmar que não havia entre eles uma concepção estabelecida de infância. Ao lado das lições de história pátria, de civismo e das histórias com moralidades, que poderiam ou não dispensar elementos do universo fantástico, estavam as histórias de peraltices infantis, o humor grotesco e caricato das tiras e personagens dos quadrinhos. Os objetivos formativos que viriam a guiar a revista nas suas publicações vão se construindo à medida que ela amadurecia e, ainda assim, não deixaram frequentemente entrar em contradição com outras partes do semanário.

1.2.1 Os objetivos formadores da revista em suas diversas fases

Durante o longo período que circulou, podemos dizer que a revista *O Tico-Tico* passou por diversas fases. Procurando articular tanto os aspectos empresariais e de organização da imprensa, como a visão da infância partilhada pelos editores que impactavam nas escolhas gráficas e de conteúdo das edições, foi possível esboçar uma cronologia da revista. Uma primeira fase que vai de seu lançamento em 1905 até 1923, a revista apresenta predominância de conteúdo visual, com um grande número de histórias em quadrinhos e cartoons, muitos de origem estrangeira. Havia na revista uma preocupação em parecer moderna, e por isso, percebe-se o interesse em mostrar ao público as inspirações estrangeiras, sobretudo francesas e norte-americanas do impresso. O grande investimento na apresentação de novas linguagem visuais também ajudava a construir a ideia de que a revista se empenhava na difusão de material lúdico que auxiliasse a educação infantil.

As histórias em quadrinhos, os *cartoons* e as histórias ilustradas valiam-se de um humor descompromissado, com travessuras infantis, crianças e adultos pregando peças uns

nos outros e confusões envolvendo animais. Ainda que as lições de moral fossem frequentes nesses materiais, o humor costumava acompanhar essas narrativas. Nessa fase há também uma tentativa levar aos leitores obras consagradas da literatura universal através dos folhetins. Adaptadas de forma a ficarem mais leves, facilitando a sua compreensão pelo público leitor, a revista publicou dezenas de obras com o objetivo de aproximar as crianças brasileiras dos cânones da literatura infantojuvenil universal e da nova literatura que se tornava popular na Europa. Além disso, uma variedade de conteúdos provenientes de colaboração infantil, como textos, desenhos, brinquedos de montar, traduções e músicas tiveram espaço privilegiado nesta fase da publicação.

Em 1923¹²⁰ observa-se a primeira grande mudança gráfica da revista, que se expressava pela capa, que deixava de apresentar as tradicionais histórias em quadrinhos de Chiquinho e outros personagens para estampar uma grande ilustração que geralmente fazia referência a um poema que vinha abaixo ou a alguma história publicada nas páginas internas¹²¹. Neste período, Carlos Manhães¹²² acumulava os cargos de editor e redator-chefe e J. Carlos era o diretor artístico da revista. A partir deste período, a revista passou a apresentar um número mais reduzido de histórias em quadrinhos, o que já vinha acontecendo desde 1918, investindo mais em contos infantis, histórias ilustradas e poesias. Apesar do aumento no volume de textos, a revista não deixa de dar relevância a imagem, já que as ilustrações passaram a compor toda a página, em muitos casos em articulação com os textos e seções. Era comum ver pequenos personagens desenhados por J. Carlos em interação com os textos e seções. Neste período, a contribuição dos leitores é reduzida, a não ser pelas fotografias que ganham maior destaque. A publicidade também ganha maior visibilidade na revista, ocupando tanto as primeiras e últimas páginas, como as partes centrais da publicação.

Neste período que vai até 1930, há a sensação que a revista ficava mais séria. As histórias infantis aprofundaram seu conteúdo moral e seções como *O Escotismo* apelavam

120A mudança gráfica ocorre na edição número 940, de 10 de outubro de 1923, edição em que a revista comemora 18 anos de publicação.

121As histórias em quadrinhos voltam a capa no fim de 1927, com as aventuras de Jujuba e Carrapicho, personagens criados por J. Carlos. Ainda assim, se alternam com ilustrações de página inteira que se referem a alguma história infantil ou poema publicado na revista.

122 Infelizmente dispomos de poucas informações biográficas sobre o jornalista e escritor Carlos Manhães. Ele foi funcionário público dos Correios e telégrafos e professor da Escola Superior de Comércio. Em 1915, começou a trabalhar como revisor em *A Tribuna*, publicação da empresa S. A O Malho. Foi redator-chefe da revista *Para Todos* e *O Tico-Tico*, onde ficou até o seu falecimento em janeiro de 1939. Também foi diretor da Associação Brasileira de Imprensa.

para o civismo, assim como os textos de Rachel Prado¹²³, para os bons sentimentos e valores cristãos. A religião também se torna assunto mais frequente na revista, especialmente com a seção *História Sagrada*¹²⁴. Ainda que desde os primeiros anos de circulação o conteúdo da revista fosse povoado por histórias e seções de moral e civismo, neste período o contraponto com o humor fica menos evidente, e a ideia de uma infância mais comprometida com o futuro do país parecia se consolidar.

Durante os anos 1930, os quadrinhos voltam a circular com mais frequência na revista. Neste período, O Tico-Tico investiu na publicação de histórias em quadrinhos de personagens de sucesso, como *Mickey Mouse*, de Walt Disney, publicado inicialmente como *As aventuras do ratinho curioso*, e depois como *As aventuras do camondongo Mickey*; *As aventuras de Gato Félix* ou *As proezas de Gato Félix*, de Pat Sullivan; *Krazy Kat*, de George Harriman, publicado como *As aventuras do gato maluco*; e *Aventuras de Brocoio, o marinheiro Poppeye*, de Elzie Crisler Segar. Todos os personagens apareciam com exclusividade na revista e sua publicação foi, provavelmente, uma tentativa da revista enfrentar um mercado de revistas infantis em mudança. Geralmente esse material era colorido, ainda que nesse período, a revista passasse a utilizar poucas cores, indício de dificuldades econômicas e técnicas da empresa. Não foi incomum, por exemplo, ver os quadrinhos de *As aventuras de um ratinho curioso* com quadros inteiros e balões em branco¹²⁵.

Em 1931, O Tico-Tico começa a publicar também *Reco-Reco*, *Bolão e Azeitona*, de Luiz Sá, quadrinho que logo se tornou sucesso. Com esses personagens, voltava à revista a publicação de histórias de personagens infantis travessos, que gostavam de pregar peças na família, em transeuntes e autoridades. Sua publicação pode ter sido uma maneira de manter o espírito de uma infância mais alegre e descontraída, ainda que o compromisso com a moral e com o civismo continuasse permanente na revista, se fortalecendo, inclusive, com o advento do Estado Novo, em 1937. *Reco-Reco*, *Bolão e Azeitona* foram, ao lado de *Chiquinho*, um dos personagens mais marcantes da revista.

Outro aspecto destacado desta fase foram os concursos. Durante esse período, a revista

123 Virgília Stella da Silva Cruz nasceu em Curitiba, em 20 de março de 1891. Em 1909, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Publicou textos em diversos órgãos de imprensa sob o pseudônimo de Rachel Prado, como em *O Malho*, *O Tico-Tico*, *Ilustração Brasileira*, *Fon-Fon*, *Correio da Manhã*, *Revista da Semana*, *Eu Sei Tudo*, entre outros. Escreveu obras voltadas ao público infantil. Faleceu em 25 de dezembro de 1943.

124 A Seção denominada História sagrada começa a circular em 1919 e circula esporadicamente até 1932.

125 Um exemplo pode ser visto em *O Tico-Tico*, 28 de setembro de 1932, Nº 1408, Ano XXIX.

passou a organizar grandes concursos, como os de Natal, São João e Férias, além dos concursos cívicos, que costumavam receber um grande número de inscrições a ponto dos resultados correrem pela loteria federal e serem apresentados em teatros lotados de crianças. Em especial após 1937, alguns destes concursos também recebiam apoio do Ministério da Educação e Saúde e de secretarias de educação estaduais. As colaborações infantis também voltam a revista através do suplemento *Meu Jornal*, que circulou entre 1935 e 1940¹²⁶.

Em agosto de 1941, inicia-se uma nova fase da revista, quando ela se transforma em mensário. A partir do número 1869, a revista volta a ser ricamente ilustrada e a qualidade do material impresso também melhora sensivelmente. Também observa-se um aumento no número de páginas, de cerca de 30 para 50. Por ser publicada apenas uma vez por mês, a revista dedicava suas edições a um tema, geralmente histórico ou pátrio. O número de estreia dessa nova fase, por exemplo, foi dedicado ao Dia do Soldado, comemorado em 25 de agosto. Uma outra característica desta nova fase foi a publicação do calendário do mês, com feriados, comemorações cívicas, homenagens a personalidades nascidas ou falecidas naquele período. Esse tipo de publicação não existia anteriormente quando a revista era semanal ou quinzenal, apenas nos almanaques de fim de ano.

Pelo menos até 1945, com o fim do Estado Novo, a revista investiu no conteúdo cívico, com seções como *Histórias Vocacionais*, em formato de quadrinhos com exemplos de profissões que deveriam ser seguidas pelos leitores, *Exemplos para você*, com biografias de heróis nacionais, *Mensagens à Juventude*, com relatos de autoridades e intelectuais sobre o que é ser brasileiro, etc. O conteúdo educativo também cresceu com seções que dialogavam com as disciplinas escolares, como *Quadros da Nossa História*, *Museu Escolar*, *Corografia Pitoresca*, entre outros. É possível que essas seções auxiliassem os professores nas aulas e os alunos nas atividades e pesquisas escolares.

Apesar da predominância deste conteúdo cívico e escolar neste período, a revista investe também na interação com seus leitores, com páginas de armar, charadas, desenhos, oficina de brinquedos e páginas para colorir. O conteúdo religioso também aumentava, movimento que vinha ocorrendo desde a década de 1930. Até nos editoriais das *Lições do Vovô* é possível observar um aumento progressivo nas referências a Deus ou a narrativas religiosas. O humor também não deixa de se fazer presente com os quadrinhos e personagens

126 Sobre esse suplemento ver ALENCAR, Patricia Maria Garcia. Op. Cit.

de Yantok, Luiz Sá e outros, e, eventualmente nas histórias infantis escritas por autores nacionais. Mas ainda que estes conteúdos ajudassem a dar suavidade a revista, ela parecia mais voltada para a escola do que para o deleite infantil.

Esse direcionamento da revista ao material didático se concretiza definitivamente em 1959, com as edições especiais, quando *O Tico-Tico* passa a produzir material para ser utilizado diretamente em sala de aula. O primeiro número é um álbum corográfico do Brasil, que os editores apresentam como “um deliberado esforço para agradar nossos leitores e no sentido de emprestar útil colaboração à obra grandiosa dos que se dedicam à obra de ensinar”¹²⁷. Seguem após esse, edições variadas com noções de botânica, história, geografia, biografias. Na prática, a revista não circulava mais nesse período, se restringindo a edições especiais para serem utilizados em sala de aula pelos professores com seus alunos. Elas aparecem até 1962, quando deixam definitivamente de ser editadas.

Durante esse longo período de circulação, algumas seções se destacaram tanto pela longevidade, como pelo nível do diálogo que mantiveram entre leitores e editores. *Lições do Vovô* foi a primeira seção apresentada aos leitores de *O Tico-Tico* e também a mais longa: circulou do primeiro ao último número da publicação. Nessa seção, uma figura mais velha e familiar apresentava assuntos diversos aos leitores. Lições de ciências, história, geografia, assuntos cotidianos, aconselhamento moral faziam a mediação dos leitores com o editor-chefe, geralmente o responsável pela escrita da seção, que era assinada apenas como Vovô.

A presença de uma figura familiar como a de um avô neste tipo de publicação era uma estratégia bastante utilizada nas publicações voltadas ao público infantil. Ela ajudava a reforçar os laços familiares e estabelecia a presença de figuras mais velhas e experientes como autoridades educativas. A experiência do personagem mais velho se contrapunha à inocência da criança, que era considerada um ser desprovido de educação, mas que estava pronta para ser “iluminada”. A revista francesa *La Semaine de Suzette* utilizou do mesmo artifício em suas páginas, por meio da tia Edith¹²⁸. A publicação infantil italiana do jornal *Corriere della Sera*, chamada de *Corriere dei Piccoli*, também usava recurso semelhante através da *Zia Mariú*, pseudônimo de Paola Lombroso, filha do conhecido antropólogo Cesare Lombroso¹²⁹. O uso

127 *O Tico-Tico*, janeiro/fevereiro de 1959, Nº 2078.

128 PIGNOT, Manon. Suzette contre Fillette: la grande guerre de deux illustrés français. In: CRÉPIN, Thierry & HACHE-BISSETTE, Françoise. Op. Cit. p. 213.

129 CARLI, Alberto. Paola Lombroso. Tradition and innovation in the planning of Corriere del Piccoli. In: *SIGNS – Studies in graphic narratives*, s./v., n. 2, jan.-jul. 2010, p. 63-68.

dessa estratégia pela revista corrobora com a ideia de que havia uma circulação de assuntos, estratégias e práticas editoriais nas publicações infantis.

O primeiro número da seção era assinado por E. Bomfim, assinatura que nunca mais se repetiu em nenhuma publicação da revista, e apresentava técnicas de desenho e proporção. Ao que parece, neste primeiro número ainda não estava definida a função da seção como um espaço de aconselhamento, mas a noção ampla de lição, que poderia ser de ciências, história, geografia, política e mesmo moral. Ela costumava ocupar uma ou duas colunas, logo após o Expediente, que trazia informações sobre preço, assinatura e endereço da redação. Com o passar dos anos, no entanto, a seção foi ganhando mais evidência. Na década de 1920, a seção já ocupava uma página inteira e se tornara a página de apresentação da publicação, o que se manteve até o último número.

Outra seção permanente da revista aparece também já no primeiro número – a *Gaiola de O Tico-Tico*. Tratava-se de uma seção de cartas, em referência à *Caixa d'O Malho*, que também buscava o diálogo dos leitores com os editores e redatores do semanário. Ela não publicava as cartas, apenas a resposta dos redatores, o nome e cidade ou estado do leitor. A seção tratava principalmente do recebimento de colaborações de leitores, através de textos e ilustrações, prática estimulada pela revista. Não seria incorreto afirmar que nos primeiros anos de circulação, a colaboração de leitores não apenas era desejada como necessária, já que muitos conteúdos publicados eram produzidos por leitores.

Boa parte das respostas dirigidas aos leitores ocupavam de uma a duas linhas. Os redatores acusavam o recebimento de fotografias, textos e ilustrações, resultados de concursos, pedidos e geralmente teciam breves comentários. Como só é possível conhecer as respostas, não temos como auferir a veracidade de muitas destas cartas, mas, ainda assim, é interessante perceber como este canal de comunicação entre leitores e redatores funcionava também como um espaço pedagógico, destinado tanto ao aprendizado sobre o uso correto da língua, como à correção moral. Sabemos que na revista *O Tico-Tico*, a prática da leitura e da escrita era bastante incentivada, integrando uma parte importante da formação infantil: o conhecimento e a difusão da língua portuguesa.

Na resposta publicada na edição de número 200, de 1909, o redator responde a carta do leitor R. R. T. U: “*O Tico-Tico* não se ocupa com esses assumptos. E seria bom que o senhor também não se ocupasse. Em vez de pensar em amores, trate de estudar um pouco de grammatica. O pensamento dirigido a sua amada tem um erro de portuguez grave, d'esses

chamados — de palmatoria”¹³⁰. É possível perceber que neste caso o nome completo do autor da carta foi ocultado. É possível que os redatores não desejassem constranger o leitor ou que o objetivo real fosse mandar uma mensagem aos leitores de que este tipo de tema não seria aceito nas contribuições à revista. Em diversas cartas o redator alerta aos leitores que não aceitariam histórias românticas e contos amorosos. Defendiam que este tipo de assunto não era adequado às crianças, que deveriam se ocupar dos estudos e das brincadeiras.

Outro problema bastante comum na *Gaiola* era a ocorrência de plágios. Alguns eram detectados pelos próprios redatores e outros eram indicados pelos leitores em cartas enviadas à redação. Eram frequentes os avisos na seção de que o plágio seria proibido:

Serão excluídos do número de nossos colaboradores todos aqueles que nos mandarem, para publicar, trabalhos de outrem, e sob os quaes venham suas assignaturas como legitimos auctores. Com isso queremos dizer que o collaborador que quizer publicar um trabalho n'O Tico-Tico deve ele próprio imaginal-o e escrevel-o e não, como muitos têm feito, aproveitar os escriptos de outros.

A *Gaiola d'O Tico-Tico* não foi a única seção de cartas da revista, que também contava com a *Correspondência do Dr. Sabetudo*, criada em 1909, e depois substituída pela *Gavetinha do Saber*, de 1933. Essas seções de cartas, no entanto, se diferenciavam da primeira porque eram destinadas a resolução de enigmas e de dúvidas de leitores sobre assuntos diversos, de história, política à ciência e religião.

Outro importante conteúdo da revista apresentado já em seu primeiro número é o quadrinho *Desventuras de Chiquinho*. O personagem Chiquinho se tornou um símbolo da revista e sua aparição era obrigatória em todos os números. No primeiro número, no entanto, o Chiquinho que vemos é bastante diferente do personagem que conheceríamos posteriormente. Assinado por Mary, a história em quadrinhos foi publicada em preto e branco, com traços simples, cenário pouco definido e bastante diferente do personagem originalmente desenhado pelo cartunista norte-americano Richard Felton Outcault, *Buster Brown*. A publicação de *Desventuras de Chiquinho*, que muitas vezes saía sob o título *Aventuras de Chiquinho*, é uma das páginas mais curiosas da história da revista *O Tico-Tico*. Ela evidencia a transformação de um personagem estrangeiro em símbolo de uma revista e representação

130 *O Tico-Tico*, Ano V, 9 de agosto de 1909, nº 200.

simbólica da infância no Brasil. Do ponto de vista editorial, demonstra as imbricadas relações das publicações d'*O Malho* com a imprensa internacional e sua apropriação como uma espécie de guardião da memória da revista.

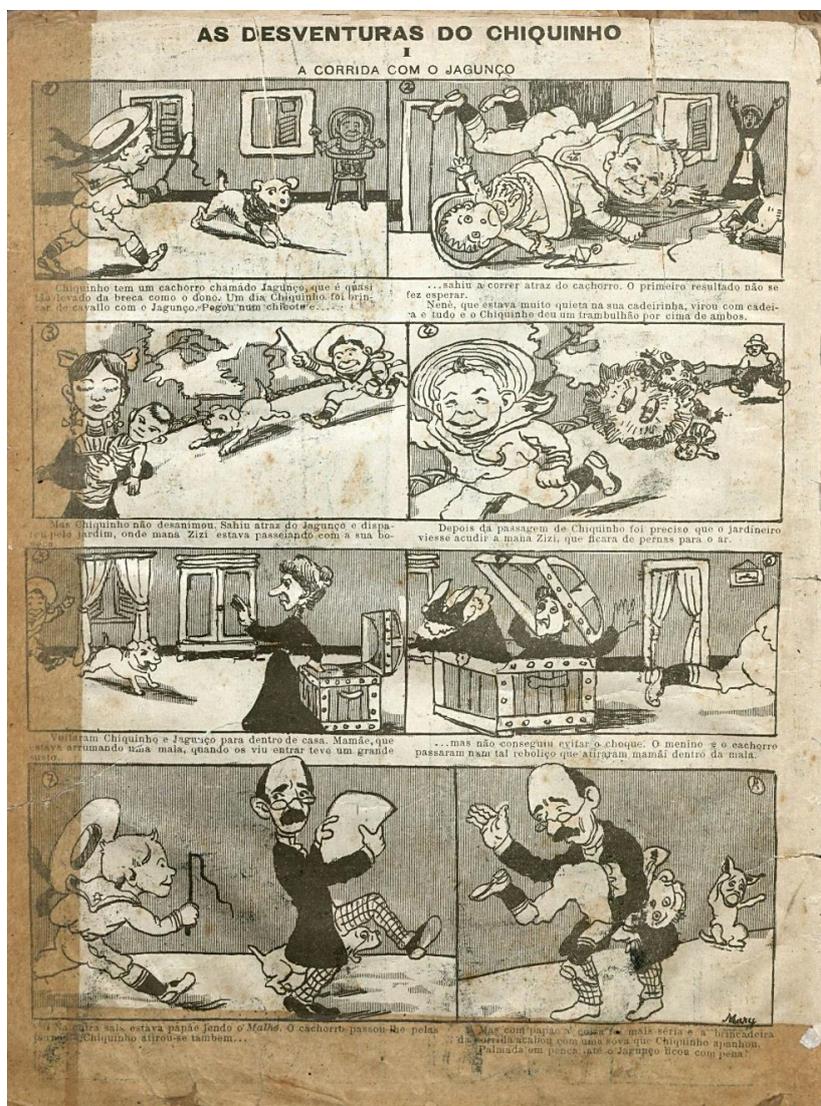


Imagem 7: Primeiro número de *Desventuras de Chiquinho* *O Tico-Tico*, Ano I, 11/10/1905, Nº 1.

Estas três seções, já presentes no primeiro número da revista, foram as mais longevas da publicação, o que nos leva a indagar sobre o porquê de sua manutenção por mais de cinquenta anos. Em uma revista tão longeva, com conteúdo variado, em que as seções costumavam desaparecer em alguns números ou mudar de nome com frequência, a resistência desses conteúdos na revista exige uma reflexão mais aprofundada. O que *Lições do Vovô*, *Gaiola d'O Tico-Tico* e *Desventuras Chiquinho* comunicariam aos leitores que a tornariam diferentes de outras seções que acabavam desaparecendo subitamente? É possível notar que

cada uma dessas seções dialogava de maneira diferenciada com os objetivos formativos da revista. Enquanto em *Lições de Vovô*, o objetivo educativo era mais explícito, já que Vovô oferecia lições aos seus leitores “netos”, na *Gaiola* e com *Chiquinho* o discurso moral estava subentendido. Nas cartas, os editores elogiavam o comprometimento com os prazos e as regras, o conhecimento da língua e o domínio da leitura, enfatizavam a importância do estudo e da dedicação para que os textos estivessem perfeitos para serem publicados naquele que seria o “seu jornal”. Nos quadrinhos de *Chiquinho*, em meio às traquinagens infantis, buscava-se enfatizar o desagrado dos adultos quanto ao comportamento inadequado das crianças. Neste sentido, utilizava-se o humor como ferramenta pedagógica para mostrar o tipo de criança ideal: o menino branco de classe média, como *Chiquinho*, mas que ao contrário dele era obediente, estudioso e dedicado.

Outra interpretação possível para a relevância destas três seções relaciona-se aos níveis de comunicação estabelecidos com a criança. Nas *Lições*, quem comunica a mensagem é o homem vivido, experiente, uma figura familiar cativante que se aproxima do leitor a partir de sua visão da infância. Suas lições, muitas vezes chamadas de “palestras”, são narrativas, histórias contadas sobre assuntos variados. Nas cartas é o homem adulto que se aproxima da criança, que assim como o pai ou o professor é exigente, cobra excelência, mas faz questão de parabenizar publicamente quando os objetivos são alcançados. Já *Chiquinho* é a própria criança, que interage livremente com a casa, com os familiares e com os colegas. Precisa ser domesticada, civilizada, mas vive intensamente seus desejos que se expressam nas brincadeiras infantis.

1.2.2 De Buster Brown a Chiquinho: a transformação de um personagem em símbolo da revista

Richard F. Outcault foi considerado um dos pioneiros na linguagem quadrinizada, iniciando seu trabalho com a publicação de *comics strips* no *New York World*, em 1894. Neste jornal, assim como em *O Malho*, foi o avanço técnico com o maior uso de ilustrações e a publicação de tiras cômicas em cores, que possibilitou o sucesso deste novo tipo de publicação. O grande êxito do artista veio com a publicação de *Yellow Kid*, em 1895, considerada a maior contribuição do artista para a história dos quadrinhos, responsável por

definir os caminhos artísticos e sua dimensão comercial¹³¹. Enquanto *Yellow Kid* habitava um bairro pobre da cidade, sendo um legítimo representante das classes trabalhadoras e das minorias imigrantes da cidade de Nova York, *Buster Brown*, criado em 1902, era um fiel exemplar de uma família *WASP* (white, anglosaxonic, protestant)¹³². A construção desse ambiente para o personagem *Buster Brown* adequava-se ao público de outra folha diária, o *New York Herald*, que contava com leitores de classes mais privilegiadas, formadas preferencialmente pelas camadas médias urbanas. Este novo personagem encarnava um outro tipo de família, onde prevalecia uma moral burguesa e um diálogo mais frequente com a vida moderna.

Enquanto com os meninos das classes menos privilegiadas de *Hogan's Aley*, bairro onde vivia seu *Yellow Kid*, o espaço da rua era o cenário preferencial de suas brincadeiras, as histórias de *Buster Brown* geralmente giravam em torno dos cômodos da casa e da vida familiar. Um convívio familiar marcado por festas e jantares, homens e mulheres bem-vestidos, que tinham sua paz perturbada pelas brincadeiras infantis. A relação com a rua também era diferenciada. Em *Yellow Kid*, a rua seguia o imaginário dos cortiços de imigrantes, tomados por personagens diversos, como comerciantes, cachorros, ambulantes e policiais. A rua em *Buster Brown* era um espaço aprazível, com homens de casaca, automóveis, lojas modernas e bondes. Seus quadrinhos também se diferenciavam por outro tipo de humor, mais leve e infantil, com um apelo moral e educativo. Ao lado de seu cachorro *Tige*, *Buster Brown* corria pela casa ou pelas ruas de um bairro privilegiado da cidade de Nova York pregando peças em desconhecidos ou em familiares, sendo sempre repreendido exemplarmente por seus pais. O quadro final apresentava com irreverência as suas resoluções, indicando que havia “aprendido a lição” e não mais repetiria atos de indisciplina, o que voltava fazer nas novas confusões que se envolvia a cada número.

O sucesso de *Buster Brown* não esteve restrito às páginas do *World* ou *Herald*. Em 1908, sua imagem foi licenciada para a venda de produtos variados¹³³, inaugurando um tipo de propaganda que se consolidou algumas décadas mais tarde com outros personagens de histórias em quadrinhos, como *Batman*, *Super Homem*, *Homem Aranha*. *Buster Brown* se

131 GORDON, Ian. **Comic strips and consumer culture, 1890-1945**. Washington/London: Smithsonian Institution, 1998. P. 25.

132 LUYTEN, Sonia M. Bibe. A geração de meninos traquinas. In: SANTOS, Roberto Elísio & VERGUEIRO, Waldomiro. **O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil**. São Paulo: Ópera Gráfica, 2005.

133 GORDON, Ian. Op. Cit., p. 38.

tornou uma espécie de garoto propaganda para sapatos, meias, cintos e até cigarros. Chegou também a se tornar com *Tige* personagem principal de uma peça de teatro infantil que alcançou grande público. O sucesso da história de *Outcault* e o licenciamento de produtos com a marca do personagem garantiram a ele um futuro confortável, o que não era tão comum a artistas gráficos na época¹³⁴, que geralmente tinham que se desdobrar em diversas atividades, atuando ainda na publicidade. Para Gordon, *Buster Brown* foi uma das primeiras personalidades do mundo moderno. Apesar de ter uma vida restrita às folhas de jornal e à imaginação infantil, ele inaugurava um tipo novo de circulação moderna: o mundo das celebridades, posto ocupado mais tarde pelas estrelas cinematográficas de Hollywood. *Buster Brown* simbolizava o nascimento dos ícones da cultura de massa¹³⁵.

O êxito de *Buster Brown*, portanto, pôde ir além do espaço do jornal. Depois de sua aparição em 1902, *Buster Brown* e *Tige* saltaram das páginas do jornal não apenas para *outdoors*, caixas e latas de produtos, mas atravessaram o oceano, onde inspirou a criação de outros personagens como ele¹³⁶. No Brasil ganhou o nome de Chiquinho, protagonizando com seu cachorro Jagunço, travessuras típicas das crianças de todo o mundo. Ao contrário do original americano, Chiquinho não apresentava as resoluções no último quadro. Na versão nacional o quadro era substituído pelo castigo, geralmente uma palmada no bumbum da mãe ou do pai.

A publicação do personagem de Outcault no *Tico-Tico* apresentava algumas particularidades. As primeiras aventuras de *Chiquinho* eram copiadas quase que integralmente do original. Seguindo o mesmo padrão das revistas francesas, os diálogos eram traduzidos e transferidos para a parte inferior do quadro, funcionando como uma espécie de legenda. Essa característica também pode ser tomada como uma tradição da imprensa ilustrada brasileira que, desde o século XIX colocava legendas nas caricaturas. Angelo Agostini, descrito por muitos estudiosos como o pioneiro da arte dos quadrinhos no Brasil¹³⁷, também utilizava do

134McCARDELL, Roy L. Opper, Outcault and Company. The comic supplement and the men who make it. In: MARESCA, Peter (org). **Society is nix**. Gleeful anarchy at the dawn of the america comic strips. 1895-1915. Palo Alto, CA: Sunday Press Books, 2013.

135GORDON. Op. Cit., p. 45.

136Para Sonia Bibe Luyten, Buster Brown inspirou a criação de *Sjors*, história em quadrinhos criada em 1932, por Frans Piët, que alcançou grande sucesso na Holanda. E também nos Estados Unidos, o sucesso de Buster Brown teria mobilizado a criação de outro personagem loiro com roupa de marinheiro, Perry Winkle. Winnie Winkle foi criado nos anos 1920, por Martin Branner, circulando também na França e Holanda. In: VERGUEIRO, & SANTOS. Op. Cit. P. 46

137A construção de uma memória do artista como um precursor do gênero quadrinhos no Brasil é analisada em GOMES, Ivan Lima. Angelo Agostini como primeiro autor de quadrinhos no Brasil? Notas críticas em torno

mesmo recurso¹³⁸. As histórias em quadrinhos ainda não apresentavam um estilo definido, mas a utilização dos balões foi se tornando progressivamente um traço característico da narrativa quadrinizada.

Além da retirada dos balões e do último quadro com as resoluções do personagem, em *Desventuras de Chiquinho* a organização da narrativa nos quadros costumava ser simplificada. As histórias de *Chiquinho* costumavam ter de quatro a seis quadros, enquanto no original de *Outcault* a página era um espaço de experimentação, com a utilização de texto dentro dos quadros, mesmo sem o artifício dos balões, e com o aproveitamento do cabeçalho. Em *Buster Brown* o quadro era parte da narrativa e podia mudar de tamanho e forma de acordo com o interesse da mensagem. As histórias apresentadas n'*O Tico-Tico* tendiam a certa padronização dos quadros, geralmente em tamanho simétrico. Algumas modificações, no entanto, passam a ser inseridas na revista entre os anos 1920 e 1930. Seu aspecto mais moderno vai causar alterações também nos quadros de *Chiquinho*.

Não foi possível saber ao certo como ocorria a aquisição pela S. A. *O Malho* dos exemplares do *New York Herald*. Infelizmente ainda existem poucos trabalhos que tratam das relações entre impressos brasileiros e empresas distribuidoras, como os Syndicates. O conhecido trabalho de Gonçalo Júnior, *A Guerra dos Gibis* é um dos poucos existentes no Brasil sobre o assunto, mas trata principalmente das publicações de Adolfo Eizen e da *Ebal*¹³⁹. Ainda que o decalque não fosse uma prática incomum na imprensa ilustrada nos primeiros anos do século XX, parece-nos que a relação entre as duas publicações foi mais complexa. No número 215, de 1906, *O Malho* noticia a publicação de seus desenhos no *The New York Herald*, o que pode sugerir uma troca de colaboração entre as duas publicações. Segundo a revista, teriam sido publicados na edição de 30 de setembro do jornal norte-americano trabalhos de Lobão, Angelo Agostini, Vaz, Augusto Rocha e Storni que teriam sido publicados na edição nº 203, de 4 de agosto d'*O Malho*¹⁴⁰. Na revista *O Malho* é possível perceber que muitas notícias internacionais chegavam através da leitura do *New York Herald*, que era inclusive citado como fonte em diversas matérias jornalísticas.

do debate sobre as origens das histórias em quadrinhos. In: **Viñetas Serias**. Congresso Internacional de Historietas y humor graphico. Buenos Aires, 2014. Actas 2014. P. 16-30.

138 SILVEIRA, Guilherme Lima Bruno. Os balões na revista *O Tico-Tico*: esqueceram de desenhar? **Revista história, movimento e reflexão**. Revista do Curso de História da Faculdade Barretos. Barretos, SP, V1, Nº1, 2013. <http://revistadigital.unibarretos.net/index.php/historia/article/view/19/20>. Data de acesso: 18/05/2015.

139 JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis**. A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964. São Paulo Companhia das Letras, 2004.

140 *O Malho*. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1906, Ano V, Nº 215.

Se os desenhos eram copiados diretamente do original, o processo de tradução permitiu a adaptação da linguagem e do cenário. Na edição número 16, de 24 de janeiro de 1906, a aventura de Chiquinho é ambientada em conhecidas ruas do Centro do Rio de Janeiro¹⁴¹. Ainda que *Chiquinho* não fosse de fato um personagem brasileiro, era importante reforçar sua presença em espaços referenciais da cidade e disseminar no imaginário infantil alguns dos símbolos da República brasileira. Em outro número, *Chiquinho* e sua prima *Lili*, que na história original norte-americana recebe o nome de *Mary Jane*, leem o *Almanaque d'O Tico-Tico*¹⁴². Nesse caso, os personagens do quadrinho são usados na propaganda de outro produto da empresa.

Outra adaptação bastante expressiva nas histórias de *Chiquinho* foi a inserção de um novo personagem na série. Em 1915, ele ganha um amigo de travessuras ao lado de *Jagunço*. *Benjamin* era um menino negro que mantinha uma relação dúbia com *Chiquinho*, ora se comportando como colega, ora como empregado. Esse personagem não existiu no original de *Outcault*, o que mostra que certa autonomia foi se construindo em relação ao quadrinho norte-americano. No entanto, Benjamin pode ter sido inspirado no personagem principal de *Pore Lil Mose*, que chegou a protagonizar uma história com *Buster Brown*, em 1902¹⁴³. Inspirado ou não nos originais de *Buster Brown*, Benjamin parece ter encontrado êxito ao lado de *Chiquinho*, já que permaneceu em aparições ora mais frequentes, ora mais esparsas até o fim da revista.

As aventuras de Chiquinho também se tornou espaço para a interação com outros conhecidos quadrinhos estrangeiros, como *Little Nemo*, que também foi publicado pelo *New York Herald*. Ainda na primeira década de circulação da revista, o personagem de Winsor McCay, é substituído por *Chiquinho* nas aventuras fantásticas e surreais para ser publicado em *O Tico-Tico*. Não se sabe ao certo qual foi o objetivo de publicar a obra de McCay adaptando-a ao quadrinho de *Chiquinho*, já que personagens de outras histórias estrangeiras ganharam espaço próprio na revista, como *Bécassine*, *Mutt and Jeff*, entre outros. É possível que a adaptação tenha sido uma saída para a ausência de novas histórias de *Chiquinho* ou que os editores quisessem testar a publicação de *Little Nemo*, verificando o interesse do público. Mas para além das motivações que levaram a essa fusão entre as duas histórias em quadrinhos,

141 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1906, Ano II, Nº 16.

142 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1910, Ano VI, Nº 226.

143 CASTELLI, Alfredo. Opper, Outcault and Compan. The comic supplement and the men who make it. In: MARESCA. Op. Cit. P. 14-15.

podemos perceber que *As Aventuras de Chiquinho* poderia funcionar como uma síntese das influências dos quadrinhos estrangeiros na revista.

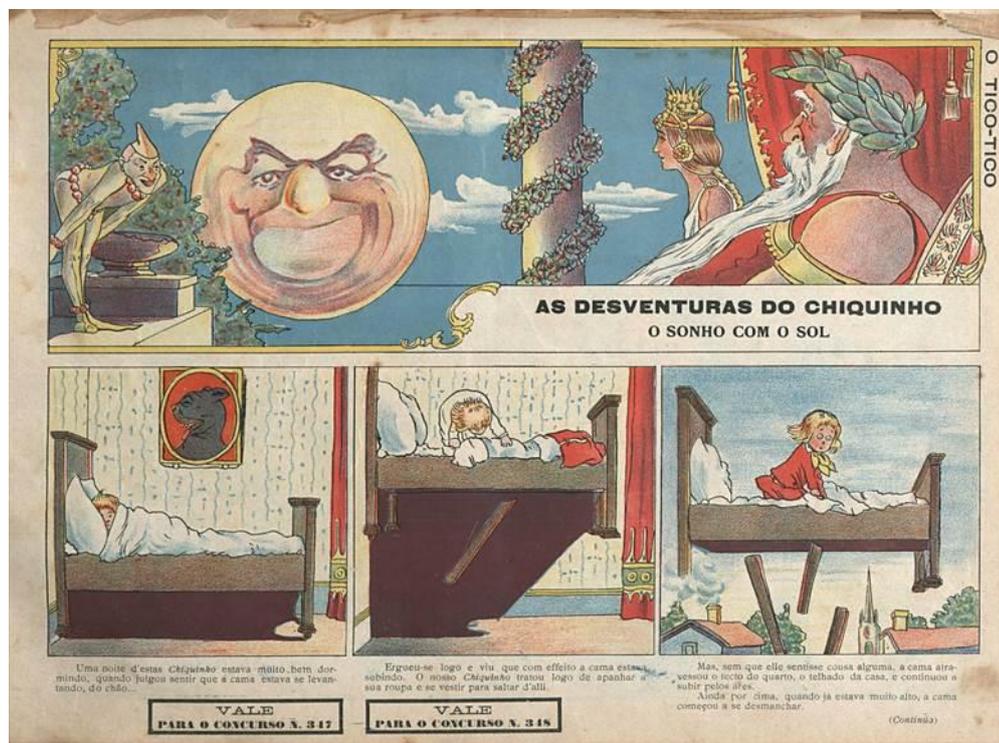


Imagem 8: Desventuras de Chiquinho.
O Tico-Tico, 21/04/1909, Nº 185.

Na medida em que *As aventuras do Chiquinho* se tornava popular, o personagem começava a deixar o espaço enquadrado, iniciando sua circulação por outros ambientes da revista. Aos poucos, *Chiquinho* vai aparecendo na capa apresentando datas comemorativas, como carnaval, natal, e aniversários da publicação. Com essa maior independência em relação ao quadrinho, *Chiquinho* circulou também em outras histórias da revista, com o personagem *Juquinha*, também um menino loiro e traquinas que, no entanto, não fez o sucesso esperado¹⁴⁴, e mais tarde, com *Lamparina*, criada em 1928, ambos por J. Carlos.

Chiquinho teve grande circulação também pelas páginas de reclames. Se nos Estados Unidos *Buster Brown* era sucesso na propaganda, *Chiquinho* também estampou uma série diversa de propagandas em *O Tico-Tico*. Ele e Jagunço eram os personagens favoritos para a venda de produtos, como os fonógrafos da *Casa Edison*, onde a simplicidade do manejo do produto é reforçada pela curiosidade do personagem:

144 CARDOSO, Athos Eichler. *Memórias d'O Tico-Tico*. Juquinha, Giby e Miss Shocking. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

É um phonógrafo tão perfeito e de machina tão simples que até o Chiquinho já sabe armá-lo e mudar as músicas. O Jagunço também é grande apreciador do phonographo Odeon que se vende na Casa Edison na rua do Ouvidor n. 105¹⁴⁵.

Propagandas como essas geralmente vinham acompanhadas por ilustrações de seu desenhista à época ou mesmo de outros artistas da revista. No entanto, enquanto *As aventuras de Chiquinho* não eram assinadas, em alguns casos, essas ilustrações recebiam a assinatura do desenhista, como é o caso da propaganda da *Água de Caxambu* para o número 19, ilustrada e assinada por *J. Carlos*¹⁴⁶. Outro exemplo é a propaganda do alimento infantil *Manah*¹⁴⁷, ilustrada por outro artista atuante na revista, Vasco Lima¹⁴⁸. Esses artistas não tinham uma atuação restrita a um periódico ilustrado. Além de circularem por diversas redações, os trabalhos para a publicidade eram uma maneira cada vez mais difundida de garantir rendas extras. Assinar uma ilustração em um reclame era também uma forma de publicizar seu nome junto a outros anunciantes.

O nome de *Chiquinho* parecia reforçar o valor dos produtos entre o público infantil. Um bom exemplo é a propaganda da *Livraria Laemmert* que faz a publicidade de seu catálogo infantil com o título *Livros do Chiquinho*¹⁴⁹. Ao mesmo tempo em que o nome do personagem reforça o poder de venda da coleção, ela torna implícita a defesa da leitura pelo personagem.

145 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1906, Ano II, Nº 53.

146 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1906, Ano II, Nº 19.

147 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1909, Ano V, Nº 173.

148 Vasco Machado de Azevedo Lima nasceu no Porto, Portugal, em 6 de setembro de 1883. No Brasil colaborou com charges, caricaturas e ilustrações em diversos órgãos de imprensa, como a *Gazeta de Notícias*, *Pátria Portuguesa*, *O Malho* e *O Tico-Tico*. Também ficou conhecido pelo pseudônimo Hugo Leal, que usou quando criou e dirigiu a revista *O Gato*, com Álvaro Marins, também conhecido como Seth.

149 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 5 de junho de 1907, Ano III, Nº 88.



Imagem 9: Propaganda da Livraria Laemmert
O Tico-Tico, Ano II, 12/06/1907, Nº 88.

Chiquinho chegou a sair das páginas d'*O Tico-Tico* em uma aparição não-oficial em *A Carochinha Suplemento Infantil*, da revista *O Gato*. *A Carochinha* apresentava o quadrinho *As proezas de Lulu*, desenhado por *Vasco Lima*, que em *O Gato* assinava com o pseudônimo de *Hugo Leal*. *Lulu*, assim como *Chiquinho* usava roupa de marinheiro, vestuário muito comum entre as crianças da Primeira República, e protagonizava histórias de traquinagens infantis. Com um traço um pouco mais simples, geralmente sem cenário definido, a história, assim como o suplemento, emplacou poucos números. Nas primeiras quatro edições *Lulu e Chiquinho* travaram uma disputa. Para Athos Eichler Cardoso, a briga entre os personagens no periódico teria sido alimentada por ressentimentos dentro da redação de *O Malho*¹⁵⁰. Enquanto *Chiquinho*, *Jagunço* e *Lulu* se enfrentavam com rasteiras e caretas, o personagem d'*A carochinha* divulgava aos policiais o segredo de *Chiquinho*:

Afinal foram os dois para a Delegacia. Fez-se um interrogatório em regra. E *Chiquinho* cahiu em contradicções... Disse que era brasileiro e ficou provado que ele é da América do Norte e tem um nome arrevezado...¹⁵¹

Ao que tudo indica a disputa entre os dois personagens, assim como a revelação da nacionalidade de *Chiquinho* não alcançou grande repercussão. O *Suplemento Infantil A Carochinha* desapareceu após o número 9 e *Chiquinho* continuou a ser adaptado em *O Tico-*

150CARDOSO, 2008. Op. Cit. P. 43.

151*O Gato*, Rio de Janeiro, 1912, nº 58. *A Carochinha* Suplemento Infantil, nº 4.

Tico.

Na revista, o personagem passou por diversas modificações que acompanhavam as mudanças estéticas e de público da própria revista infantil. Inicialmente *As Desventuras de Chiquinho* eram decalcadas, adaptadas e criadas por Loureiro. Com a saída de Loureiro, em 1920, Augusto Rocha¹⁵² passou a assumir o desenho de *Chiquinho* e a ele se seguiram Alfredo Storni, Paulo Affonso, Oswaldo Storni¹⁵³ e Miguel Hochman. Além das transformações nas feições do personagem, onde cada artista se esforçava para dar caracteres próprios na sua recriação, um aspecto interessante dessa remodelação foi o progressivo crescimento de *Chiquinho*. Nos primeiros anos de publicação, quando o decalque era o principal instrumento de transposição das histórias, *Chiquinho* era um menino no início da idade escolar. Nos últimos anos da publicação, no entanto, o personagem era um jovem quase adolescente. *Chiquinho* crescera junto com seu público.

A transformação do personagem em símbolo da revista é emblemática. *Chiquinho* parecia encarnar perfeitamente a infância imaginada e mesmo desejada pelos editores: um menino branco pertencente a uma família de classe média, que apesar de traquinias, qualidade característica da infância e, por isso, não era vista com demérito, sempre aprendia sua lição. *Chiquinho* não vivia a dificuldade das ruas ou dos bairros pobres da cidade, era protegido no seio familiar, educado, bem vestido, e mesmo que vacilasse tentando burlar as regras, era constantemente retratado como um menino esperto, estudioso e, com o passar dos anos patriota.

152 Augusto Rocha começou a trabalhar na revista *O Tagarela*, em 1902. Além de publicar charges e ilustrações, também publicava partituras com peças musicais de sua autoria. Começou a trabalhar na revista *O Tico-Tico*, em 1905. Boa parte de seus trabalhos foi inspirado em *Benjamin Rabier*, que se notabilizou pelos desenhos de animais. Faleceu em outubro de 1939.

153 Nasceu no Rio de Janeiro em 25 de abril de 1909. Filho de Alfredo Storni, começou ainda criança a colaborar com ilustrações na imprensa. Trabalhou na revista *O Malho* e *O Tico-Tico* por mais de 20 anos. Foi também escritor e ilustrador livros infantis. Faleceu em 10 de julho de 1972.

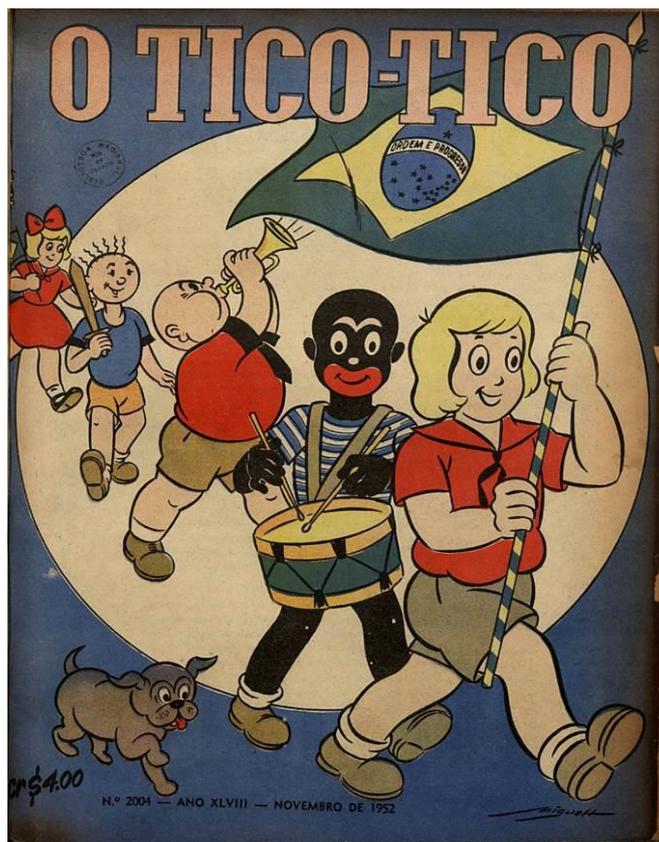


Imagem 10: capa da edição de novembro de 1952
O Tico-Tico, Ano XLVIII, 11/1952, N° 2004.

O crescimento do personagem também foi acompanhado de uma mudança expressiva em sua personalidade. Se nas primeiras décadas, *Chiquinho* aprontava grandes confusões com seus amigos Benjamin e seu cão Jagunço, nas décadas de 1940 e 1950 ele se tornava um menino respeitador das regras, com sede de conhecimento e vontade de descobrir o mundo. *Chiquinho* era uma criança que amadurecia e aprendia a lição. A mudança no personagem faz parecer que *Chiquinho* não mais dialogava com a infância da época, marcada pelas histórias de super-heróis e pelos programas de rádio. Sugere também que a revista teria deixado pra trás o humor, investindo em uma ideia idealizada e mais ingênua da infância. No entanto, as mudanças na personalidade do menino traquinas e sua aparição em diversos lugares da revista, principalmente na capa e em páginas especiais, onde geralmente conduzia os personagens de sucesso da publicação, mostram que *Chiquinho* carregava a memória d'*O Tico-Tico*. A partir da década de 1940, quando passa a circular mensalmente, a revista sobrevive em um culto a si mesma, criando e estabelecendo uma memória positiva de si como a primeira e mais importante revista infantil do país. Uma revista, que como enfatizou poeta

Carlos Drummond de Andrade, estava marcada na memória dos brasileiros.

1.3 O estabelecimento e a consolidação de uma memória sobre o *O Tico-Tico*

As edições de aniversário de *O Tico-Tico* eram uma oportunidade para a revista se celebrar e construir uma memória para a publicação. Desde o primeiro número estabeleceu o título de “primeira revista infantil do país”, reservando um lugar especial para si no mercado de impressos. Ainda que *O Tico-Tico* tenha se tornado uma das mais importantes referências da imprensa infantil graças à longevidade alcançada em função do investimento editorial da empresa *O Malho*, outras folhas a antecederam e diversas publicações buscaram caminhos semelhantes ou singulares com o público infantil após seu trajeto trilhado na imprensa¹⁵⁴. No entanto, ao marcar seu lugar na história dos impressos infantis era importante afirmar seu diferencial diante das demais publicações, o que a revista buscou fazer em diversas ocasiões.

A primeira edição em que aparece a tentativa de afirmar o pioneirismo da revista *O Tico-Tico* no país encontra-se no número 523, comemorativo do 10º aniversário da revista. Neste número os editores afirmam inclusive um suposto pioneirismo na América do Sul. Dizem eles que “Um jornal para crianças, exclusivamente para crianças, nunca se fizera em nossa terra e, mesmo até hoje, não existe em toda a América do Sul”¹⁵⁵. Assim como no Brasil, a experiência do periodismo infantil na Europa pode ter inspirado empreendimentos em outras partes da América¹⁵⁶, no entanto, mais importante do que verificar a veracidade dos argumentos apresentados na revista é observar seu esforço em apresentar-se como uma revista inovadora e moderna.

154Em dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e artes da Universidade de São Paulo, em 2003, Maria Cristina Merlo realizou um levantamento das principais publicações infantis que circularam no país antes, durante e após o fim da revista *O Tico-Tico*. Aquelas que circularam até 1905 foram, em sua maioria, publicações pouco longevas e algumas relacionadas a grupos escolares e associações religiosas. Com a chegada das histórias em quadrinhos estrangeiras diversas outras publicações ilustradas passaram a concorrer com a revista *O Tico-Tico*, como *O Mirim* e o *Suplemento Infantil*, ambas dirigidas por Adolfo Aizen. MERLO, Maria Cristina. Op. Cit.

155*O Tico-Tico*, 13 de outubro de 1915, N°523, ano X.

156Não foram encontrados trabalhos de síntese sobre o periodismo infantil na América Latina e, infelizmente, o mapeamento dessas atividades fora do Brasil foge ao escopo de análise, porém sabemos da existência de revistas semelhantes ao *Tico-Tico* no Chile, como é o caso de *La revista de los niños*, de 1905, *Chicos i Grandes*, de 1908-1909 e *El Peneca*, que começa a circular em 1908. Sem falar do caso mais conhecido, a revista *Biliken*, da Argentina, que, no entanto, só começa a circular em 1919. Sobre essas revistas ver FLORES, Jorge Rojas. **Historia de la infancia em el Chile Republicano, 1810-2010**. Santiago: JUNJI, 2010. P. 291.

A capa da edição de aniversário de 1915, criada por Kalixto, já mostra o personagem *Chiquinho* como um símbolo absoluto da revista. Na imagem, ele e seu cão *Jagunço* são levantados em um trono e levados em um cortejo por uma multidão de admiradores. Entre o público que o admirava, estavam outros personagens publicados na revista. A edição de aniversário foi publicada com 34 páginas. Os números anteriores apresentavam cerca de 25. Além de ressaltar seu pioneirismo, em texto comemorativo publicado na terceira página, os editores afirmavam que *O Tico-Tico* seria “o órgão da infância e da adolescência não só do Brasil como dos países próximos e até na Europa”¹⁵⁷.

A disseminação de uma memória de que a revista era amplamente consumida no país e fora dele foi uma estratégia bastante utilizada para dar sentido moderno à publicação. Para os editores era importante afirmar que mesmo diante das dificuldades técnicas e dos transportes, a publicação alcançava todas as regiões do país, inclusive os estados mais afastados e o interior. A publicação de fotografias, cartas e colaborações de leitores de diversas partes do país era acompanhada pelos endereços, o que ajudava a reforçar o argumento do grande alcance da revista em solo nacional. Essa abrangência nacional ajudava a criar um sentimento de unidade, afinal o que era lido pelas crianças da capital não era diferente daquilo que chegava aos rincões mais afastados do país.

Na galeria de leitores da revista também não era incomum ver fotografias de leitores estrangeiros ou de brasileiros que viviam no exterior. O mais comum eram leitores de Portugal, principalmente de cidades como Lisboa, Matosinhos, Vizeu, Aveiro e Porto. O número de leitores em Portugal chegou a mobilizar uma seção de ocasião, denominada *“Tico-Tico” em Portugal*. Os editores também se orgulhavam de seus leitores argentinos, belgas e dinamarqueses, como é possível perceber na publicação de 1912, em que agradecem a seus leitores estrangeiros publicando alguns fac-símiles de cartas remetidas à redação¹⁵⁸. Ao que tudo indica, a revista era enviada pelo correio a essas regiões, e seus leitores, principalmente em Portugal, eram assíduos participantes de sorteios e concursos¹⁵⁹. Essa participação, no entanto, ao que parece poderia ser problemática, já que os prêmios, inicialmente pagos em dinheiro só poderiam ser entregues no endereço da própria redação no

157 *O Tico-Tico*, 13 de outubro de 1915, N°523, ano X.

158 *O Tico-Tico*, 14 de agosto de 1912, N° 358, ano VII.

159 Segundo José Sobral, a revista *O Tico-Tico* era consumida em Portugal como se fosse uma revista nacional e sua circulação teria inspirado o nascimento de revistas ilustradas infantis portuguesas. SOBRAL, José. *O Tico-Tico de além-mar*. In: SANTOS & VERGUEIRO. Op. Cit.

Rio de Janeiro. Se disseminar um sentimento de unidade nacional era visto como um dos méritos da revista, outro era a universalidade de seu conteúdo. Mostrar seus leitores no estrangeiro era uma forma de mostrar que, ao mesmo tempo em que era lido no Brasil, *O Tico-Tico* poderia ser consumido também na Europa e em outras partes da América. Reforçava-se assim a ideia de uma comunidade internacional de leitores.

Na edição de aniversário do ano de 1918¹⁶⁰, *O Tico-Tico* resolveu homenagear uma das figuras responsáveis pela sua criação: o poeta Cardoso Júnior. Como o periódico não costumava publicar informações sobre editores e redatores em seu expediente, pouco se sabia sobre a fundação da revista para além de sua relação com *O Malho* e seu fundador Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Para falar da importância de Cardoso Júnior na elaboração do semanário utilizaram a seção *Lições do Vovô*, que também servia para comentar as datas comemorativas da publicação. A lição apresentada começava com a história de uma criança de sete anos que foi levada à redação pelo seu pai, no ano de 1908. Ao chegar à redação, o pai pediu alguns exemplares da revista e o menino mostrou saber de cor todas as histórias publicadas nos números daquele ano. O pai contou que quando a revista havia sido lançada, o menino tinha pouco mais de quatro anos e se esforçou para logo aprender as pequenas letras para que pudesse livremente consumir a publicação. Logo depois, Vovô emenda a citação à Cardoso Júnior, poeta e jornalista, naquele momento já falecido, que teria sido um dos responsáveis pela elaboração da publicação. O texto ressalta o talento e o coração do poeta e também seu lugar de pai de família.

Com a apresentação de Cardoso Júnior, mais que guardar a memória de um dos homens responsáveis pelo nascimento da revista, o objetivo era mostrar como ela foi elaborada por uma intelectualidade comprometida com as futuras gerações, afinal, além de jornalista, Cardoso Júnior era um homem de letras e pai de família, o que significava dizer que mantinha algum tipo de relação, de interesse ou responsabilidade pela educação infantil. A história do menino que aprende a ler através d'*O Tico-Tico* e de seu fundador se conjugam justamente neste ponto – entre o mundo das letras e o da educação. Para a revista, construir a memória de uma publicação comprometida com a educação de crianças e jovens brasileiros também ajudava a consolidar sua importância histórica.

A ideia de que *O Tico-Tico* figurava como uma revista educativa aparece mais uma vez

160 *O Tico-Tico*, 9 de outubro de 1918, N° 679, ano XIII.

na seção *Lições do Vovô* para a edição do 15º aniversário¹⁶¹. Neste número, o autor do texto volta a destacar a importância da revista na formação das crianças brasileiras, que passados 15 anos já seriam homens úteis à família e à pátria. O redator apresenta uma imagem idealizada dos leitores da revista, identificando-os como “homens de valor” no magistério, nas artes, no comércio, nas letras e nas indústrias. Ele também relaciona a formação moral da revista à constituição da personalidade futura de seus leitores:

[...] alguma dúvida de que parte daquillo que conhecem, daquillo que os tornou bons, doces, applicados ao trabalho, estudiosos, illustres mesmo, adquiriram na leitura dos contos, das narrações do nosso jornal? Não. Nem um de vocês, meus netinhos, quando crescer, deixará de se recordar daquillo que viu e leu n'O Tico-Tico, das palavras que, todas as semanas, deixo nesta página, indicando a todos os meus netinhos o caminho do estudo, do cumprimento do dever¹⁶².

A seção *Lições do Vovô*, funcionando como uma espécie de porta-voz dos interesses e convicções da revista, coloca-se neste texto como principal agente da formação moral dos leitores. Ao lado dos contos infantis, pelo qual a revista se destacava com a publicação de clássicos da literatura infantil universal e autores consagrados da literatura nacional, constituiriam um quadro de leitura essencial à formação infantil, garantindo o aspecto moral e intelectual necessários à educação de crianças e jovens. Essa ideia de que a revista se apresentava como uma leitura sadia e que sua preocupação moral ajudava a formar o caráter do futuro brasileiro foi defendida com vigor e aparece ainda mais fortalecida nas edições de aniversário, a reforçar sua importância não apenas instrutiva, mas principalmente moral.

No trigésimo aniversário, celebrado em 1935¹⁶³, esse aspecto aparece mais uma vez a confirmar a conformação de uma memória da revista *O Tico-Tico* como uma publicação educativa. É importante considerar que na década de 1930, a revista não mais gozava da mesma popularidade de outrora. O incêndio das dependências d' *O Malho* e o breve interrompimento de suas publicações, assim como a saída de J. Carlos da direção artística da revista, trouxe considerável impacto à qualidade da revista. A qualidade do papel e as

161 *O Tico-Tico*, 13 de outubro de 1920, N° 784, Ano XV.

162 Id.

163 No ano de 1925, quando a revista completou 20 anos de trajetória, não houve nenhuma edição comemorativa de aniversário. Naquele momento, a revista encontrava-se remodelada sob a direção de Carlos Manhães e direção artística de J. Carlos.

imperfeições no processo de colorização das histórias são expressões das dificuldades encontradas pela publicação em se manter íntegra mesmo diante das dificuldades enfrentadas pela empresa.



Imagem 11: Comparativo do logotipo da revista em dois momentos distintos. O Tico-Tico, Ano XXIV, 23/10/1929, N° 1265 e O Tico-Tico, Ano XVIII (sic), 01/04/1931, N° 1330.

Além dos problemas técnicos e editoriais, a entrada de histórias em quadrinhos estrangeiras no Brasil através dos Syndicates¹⁶⁴ e o posterior surgimento dos suplementos infantis impactaram a publicação e ameaçaram sua soberania entre o público infanto-juvenil¹⁶⁵. A criação do *Suplemento Infantil*, de Adolfo Aizen, em 1934, trouxe novas formas de consumo e leitura entre as crianças. Mas o êxito dos novos super-heróis colocava em cheque o projeto da revista *O Tico-Tico* e renovava as expectativas infantis quanto ao

164A revista *O Tico-Tico* também chegou a adquirir histórias em quadrinhos da King Features, uma das principais empresas a fornecer pacotes de histórias em quadrinhos americanas ao Brasil. No entanto, os personagens destas histórias não eram muito populares e diferiam bastante dos super-heróis que despontavam no gosto infantil. Foram publicados *Ming Foo*, de Brandon Walsh, *Cazuzinha e o homem de bom coração*, de Swinneton, *As aventuras de Tillie*, sem identificação de autoria, e *As aventuras de João de Malempeor*, de C. D. Russel

165 *Suplemento Infantil* foi publicado a partir de 1934, por Adolfo Aizen, no jornal *A Nação*. Ele se destacava pelas histórias em quadrinhos de heróis americanos, como *Buck Rogers*, *Flash Gordon*, *Jim das Selvas*, *Mandrake*, *Tarzan*, entre outros. JUNIOR, Gonçalves. Op. Cit.

consumo de impressos. Por esse conjunto de motivos, o caráter educativo se tornou a trincheira capaz de garantir prestígio a publicação.

Adolfo Aizen, por sinal, trabalhara nas redações d'*O Malho* e da revista *O Tico-Tico*, nos primeiros anos da década de 1930. Apesar de trabalhar também para Roberto Marinho na redação de *O Globo*, o que era comum entre os jornalistas, publicou matérias especiais na revista até 1934. Em 1931, foi convidado por Octavio Guinle, então presidente do Touring Club do Brasil, a ocupar o Comitê de Imprensa¹⁶⁶. Em 1933, Aizen embarcou para os Estados Unidos para participar da Exposição Universal, em Chicago, e acabou se tornando correspondente da instituição nos Estados Unidos. Como correspondente especial, continuou a publicar matérias em *O Malho* e *O Globo*, e estabeleceu seus primeiros contatos com os *syndicates* para a publicação de *comics* em suplementos de jornais e revistas.

Segundo Gonçalo Júnior, ao voltar para o Brasil, Aizen não conseguiu vender a ideia para *O Globo* e *O Malho*, devido aos altos custos da empreitada. No entanto, alguns amigos da redação da revista *O Malho* foram procurar João Alberto Lins de Barros, do Jornal *A Nação*. Chefe da polícia de Vargas e um dos responsáveis por sufocar o movimento constitucionalista de São Paulo, em 1932, Barros tinha grande circulação política e apoio governamental. Ele aceitou a proposta de Aizen que, junto a alguns colegas d'*O Malho*, criaram o *Suplemento Infantil*. O primeiro número, publicado em 14 de março de 1934, saía com a capa de outro antigo integrante da redação d'*O Malho* – J. Carlos¹⁶⁷.

No número 1566¹⁶⁸, os editores celebraram sua longevidade com uma pequena coluna na página 5. Em vez de utilizar o prestigiado espaço da capa, resolveram dedicá-la a descoberta da América e ao seu principal personagem, Cristovão Colombo. Ao contrário de outros números em que os editores enalteciam a popularidade da revista entre as crianças e jovens de todas as partes do país, neste resolveram exaltar a longevidade da revista, novamente marcando-a como primeira publicação exclusivamente dedicada às crianças a circular no Brasil. Substituem, dessa forma, a ideia de popularidade pela noção de prestígio e estima, indicando que seu consumo naquele momento estaria relacionado mais a sua história e a uma memória afetiva de seus leitores do que ao seu conteúdo. Procurando mais uma vez ressaltar que os objetivos educativos estavam na gênese de seu projeto, afirmavam a memória

166 *O Malho*, 1 de agosto de 1931, N° 1493, Ano XXX.

167 GONÇALO JÚNIOR, Op. Cit., P. 30-31.

168 *O Tico-Tico*, 9 de outubro de 1905, N° 1566, Ano XXXII (sic).

de que a revista teria contribuído para o desenvolvimento da educação nacional:

De então até hoje, conservando o seu ideal de recrear e educar os pequeninos, com seus contos, suas historias illustradas, onde sempre a acção caridosa dos bons recebe a recompensa da virtude e a dos maus o devido castigo, tem O TICO-TICO merecido da infância brasileira o *prestígio* querido de sua *estima*. É dessa estima que O TICO-TICO vive. É com essa estima que esse jornal vem realizando, com firmeza, uma obra grandiosa de educação nacional¹⁶⁹.

Mas é finalmente no cinquentenário da publicação¹⁷⁰ que vemos a consolidação de uma memória que leva em conta todos esses aspectos mencionados anteriormente: da afirmação d'*O Tico-Tico* como a primeira revista infantojuvenil brasileira até sua definição como uma revista educativa. A celebração dos 50 anos mobilizou não apenas a revista e sua redação, mas também a editora, outros órgãos de imprensa e assembleias legislativas, que prestaram homenagens em plenária a mais longeva publicação infantil brasileira¹⁷¹. Nesta comemoração, celebrada com pompas pela empresa, não bastava dialogar com os leitores, a ocasião exigia a mobilização de outros grupos na exaltação da memória da revista.

Além dos tradicionais textos comemorativos, foi editado um número especial dos cinquenta anos da revista posteriormente publicado em brochura pela *Sociedade Anônima O Malho*¹⁷². Essa edição, vendida ao preço de 10 Cruzeiros, estava recheada com depoimentos, homenagens e discursos de intelectuais, políticos e celebridades que teriam sido leitores ou colaboradores da revista. A capa foi desenhada por Miguel Hochman e trazia o personagem principal da revista – *Chiquinho* – em dois momentos: ainda pequeno, como em suas primeiras aparições na revista, e um jovem quase adolescente, como foi desenhado por este mesmo ilustrador nos últimos anos da publicação. *Chiquinho* era um símbolo do amadurecimento da publicação e, ao mesmo tempo, síntese das lições aprendidas pela sua história.

169Id.

170Infelizmente não foi possível consultar a edição de aniversário dos 40 anos da revista, pois as edições relativas ao ano de 1945 não se encontram disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Edições da revista *O Tico-Tico* também não foram encontradas em outros acervos públicos.

171*O Tico-Tico*, Outubro de 1955, N° 2039, Ano LI.

172**Cinquentenário de O Tico-Tico**, retrospecto da vida de *O Tico-Tico*, da sua fundação até nossos dias. Noticiários e homenagens diversos a tradicional publicação. Rio de Janeiro: Sociedade Anonyma O Malho, 1956.

Na edição regular da revista, publicada no número 2039, os editores foram mais contundentes em afirmar que em 1905, ano de lançamento d'*O Tico-Tico*, não havia no Brasil “uma só revista infantil”¹⁷³. Na seção *Lições do Vovô*, o texto publicado serviu mais uma vez como a expressão dos sentimentos da redação em relação ao evento. Novamente a narrativa de Vovô apela para aquilo que, segundo eles, diferenciava o periódico das demais publicações infantojuvenis do momento. Ele ressalta que *O Tico-Tico* se notabilizou em seus cinquenta anos de história em construir uma infância saudável, que recorria aos bons sentimentos e a observância dos valores morais. Segundo o texto, era importante ressaltar

[...] o esforço continuado, ininterrupto, constante, que aqui se mantém, para dar a vocês, cada mês, uma revista que agrade, e que não lhes leve nenhuma semente de maldade, de erro, de desvio moral ou de simples quebra daquilo que deve ser a observância do código de ética prescrito pela consciência do homem de bem¹⁷⁴.

O mesmo texto apresenta ao fim conotação religiosa, característica que se torna forte na revista apenas entre as décadas de 1940 e 1950. Ao contrário das revistas francesas que inspiraram a publicação em seus primeiros anos¹⁷⁵, muitas de origem católica, essa particularidade não esteve muito clara na revista em suas primeiras décadas, em que a noção de república laica era objeto de defesa importante. O autor escreve no último parágrafo que aquele era o momento em que

“[...]todos erguemos o pensamento a Deus, pedindo forças e inspiração para cumprir cada vez melhor a tarefa que nos impusemos, com devotamento, idealismo, e principalmente fé nos destinos do país, que amanhã será dirigido por vocês”¹⁷⁶.

Neste ponto é importante realizar uma breve análise sobre o contexto que inseria a revista *O Tico-Tico* em disputas acerca da definição do que seria considerado uma publicação infantil saudável, indicada ao desenvolvimento moral e intelectual da criança. Desde a década

173 *O Tico-Tico*, Outubro de 1955, N° 2039, Ano LI.

174 Id.

175 Sobre as raízes francesas da revista *O Tico-Tico* ver CARDOSO, Athos Eichler. Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse: a verdadeira origem francesa d'*O Tico-Tico*. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1506-1.pdf>.

176 Id.

de 1930, as histórias em quadrinhos e as revistas infantis que a publicavam começaram a receber uma enxurrada de críticas. Desde o início desta década, este novo tipo de linguagem se tornava bastante popular entre crianças e jovens, e setores da sociedade começaram a protestar contra este tipo de leitura que seria responsável por deturpar a evolução moral e intelectual da criança.

Na Itália, ainda sob o regime fascista de Benito Mussolini, defendia-se a tese de que os *comics* norte-americanos, utilizados inclusive como propaganda durante a Segunda Guerra Mundial, seriam responsáveis por um processo de “desnacionalização” das crianças. Em 1938, uma lei de censura estabeleceu o banimento dos quadrinhos estrangeiros na Itália e, a partir desse evento, grupos alinhados a ideologia do Eixo, mobilizaram diversas campanhas pela nacionalização dos quadrinhos, condenando as publicações infantojuvenis norte-americanas por sua suposta imposição de valores e padrões de comportamento¹⁷⁷.

No Brasil, essas ideias chegaram através de comunidades imigrantes e grupos religiosos que denunciavam, sobretudo em jornais e revistas católicas, essa nova linguagem impressa que seria responsável por deturpar a imaginação de crianças e jovens brasileiras. Durante o regime Vargas, o discurso nacionalista tomou conta também das publicações infantojuvenis. No entanto, apesar da simpatia do estadista brasileiro com o fascismo italiano e mesmo certa aproximação ideológica, as críticas aos quadrinhos não chegaram a se tornar política do governo. O DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em 1939, não se ocupou especificamente das publicações dos *comics* americanos, mas sua atuação no campo da censura e na definição de padrões de leitura considerados adequados às crianças, acabou influenciando os projetos editoriais dos impressos infantojuvenis em circulação¹⁷⁸. Estas publicações deveriam atender ao furor patriótico *estadonovista*, inclusive no culto ao seu líder.

Na revista *O Tico-Tico*, Getúlio Vargas se transformou em símbolo da nação e foi alçado ao lugar de herói da República, ao lado de Tiradentes, Rio Branco, Rui Barbosa e outros¹⁷⁹. Na edição de número 1816¹⁸⁰, a revista publica uma página inteira com retratos do presidente desenhado por leitores, incentivando-os posteriormente a escrever legendas elogiosas a sua figura. Ele também foi objeto de concursos variados e assunto das *Lições de*

177JUNIOR, Gonçalo. Op. Cit. P. 77-78.

178Ibid. P. 83-84.

179*O Tico-Tico*, Novembro de 1942, N° 1884, Ano XXXVII.

180*Tico-Tico*, 24 de julho de 1940, N° 1816, Ano XXXV.

Vovô, que com frequência lhe prestava homenagens pelos avanços realizados no país graças ao seu governo. Foi também protagonista de uma biografia ilustrada, escrita por Calmon Barreto¹⁸¹, e seu aniversário em 19 de abril, tornado Dia da Juventude Brasileira, passou a ser comemorado em todas as edições do mês de seu nascimento. A revista também chegou a publicar material didático autorizado pelo DIP em suas páginas¹⁸². Passada a crise com a sua eleição em 1929, a empresa se esforçou nos anos posteriores em demonstrar alinhamento com o governo e com a nova modernidade em questão. Conteúdos históricos, textos patrióticos e colaborações voltadas a educação moral e científica ganharam mais espaço em relação aos *cartoons* e publicações de humor.

Mas é, no entanto, entre as décadas de 1940 e 1950 que este debate acerca da definição da leitura moral ou imoral para crianças e jovens se intensifica. Esse movimento, que não foi exclusividade do Brasil, se inicia no pós-guerra e é resultado do estabelecimento de uma cultura de massas, sobretudo da entrada de bens culturais norte-americanos na Europa no entre guerras. Acompanhado do cinema, a publicidade e a música, gêneros da literatura popular – o romance policial, a ficção científica, os heróis – invadiram boa parte do mundo a partir de 1945. Na França, que se tornou um caso exemplar, a popularidade das histórias em quadrinhos vendidas pelos consórcios *King Features* e *Cino del Duca* ajudaram a soterrar definitivamente uma série de revistas ilustradas, muitas de base católica, como *La Semaine de Suzette*¹⁸³, que teria inspirado a criação da revista *O Tico-Tico*¹⁸⁴. No entanto, é nesse contexto de popularidade das histórias em quadrinhos norte-americanas que surge a *bande dessinée* francesa e seus principais ícones – *Tintim*, *Spirou* e *Asterix et Obelix*.

O surgimento da *bande dessinée* esteve intimamente relacionado a lei de 16 de julho de 1949 que definia parâmetros às publicações destinadas a infância e juventude. Ela estabelecia que os impressos voltados a este grupo não deveriam conter ilustrações, histórias ou crônicas que sugerissem violência, ódio, falsidade, mentira e outras características que fossem imorais ou perversas à infância. Para pascal Ory, essa lei é um belo exemplo da

181A juventude do Presidente Getúlio Vargas. *O Tico-Tico*, abril de 1943, N° 1889, Ano XXXVIII.

182Na edição de número 1882, *O Tico-Tico* publicou *Quem foi que disse? Quem foi que fez?*, uma publicação do Departamento de Imprensa e Propaganda. *O Tico-Tico*, Setembro de 1942, N° 1882, Ano XXXVII.

183ORY, Pascal. Mickey Go Home! La Desaméricanisation de la bande dessinée (1945-1950). In: **Vingtième Siècle**. *Revue d'Histoire*, n° 4, octobre 1984. P. 77. Disponível em http://www.persee.fr/doc/xxs_0294-1759_1984_num_4_1_1718.

184A personagem principal de *La Semaine de Suzette*, Bécassine, foi publicada na revista em histórias sob o título *Aventuras de uma criada*, a partir de 1912.

entrada das sociedades ocidentais na Guerra Fria¹⁸⁵. Uma atmosfera moralizante vai culpar o cinema e as publicações imorais como difusoras do mal comportamento que levaria à delinquência infantil, em crescimento na Europa em boa parte pelas dificuldades financeiras do pós-guerra.

Movimentos e leis voltadas à determinação de padrões para as publicações infantis e juvenis e mesmo a imposição de regras para os impressos vão se tornar frequentes no continente europeu. Neste caso, mais do que uma reserva de mercado ou o alinhamento a uma ideologia, o que estava em jogo é a definição de modelos adequados à formação da infância e juventude na modernidade inaugurada no contexto do pós-guerra. No Brasil, o debate se tornou público entre as décadas de 1940 e 1950, mas não chegou a adquirir força de lei. De julho a novembro de 1944, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* publicou um estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) que constatava que revistas em quadrinhos podiam estimular a violência e prejudicar o desenvolvimento escolar infantil. Indicava também que os estrangeirismos, uso excessivo de gírias e os erros ortográficos poderiam prejudicar o aprendizado da língua.

A partir do estudo do INEP, esse tipo de literatura popular começou a ser alvo de críticas de pais e educadores de todo o país. Essas críticas certamente ajudaram a influenciar uma série de mudanças no mercado de impressos destinados à infância e a juventude. A Ebal – Editora Brasil-América Limitada, de Adolfo Aizen, por exemplo, se esforçou para editar material educativo, como adaptações literárias em quadrinhos, revistas patrióticas e até biografias de santos, ao lado das histórias em quadrinhos norte-americanas que continuavam populares entre os leitores¹⁸⁶. Em 1955, o projeto de lei nº 379/1955, de autoria do senador Nestor Massena (PSD/MG) pretendia criar normas rígidas para a publicação de periódicos ilustrados e demais publicações infantis. Ela previa que ilustrações e conteúdos obscenos ou imorais deveriam ser proibidos e que 50% das ilustrações e 25% dos textos publicados em periódicos voltados à infância e juventude deveriam ser de autoria de artistas nacionais¹⁸⁷. Durante o governo de Jânio Quadros (1961) houve uma nova tentativa de regulamentar a publicação dos quadrinhos norte-americanos e apoiar a iniciativa de artistas nacionais na

185ORY. Op. Cit. P.80.

186JÚNIOR, Gonçalo. Op. Cit. P. 114-115.

187Essa lei foi arquivada em 29 de maio de 1973. O texto da lei está disponível em <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=175983>. Acessado em 19 de janeiro de 2018.

defesa do uso educacional das HQ's. As ações do governo teriam levado a criação de associações e cooperativas de desenhistas, com o objetivo de proteger os artistas e o quadrinho nacional da hegemonia das HQ's norte-americanas¹⁸⁸.

Para a revista *O Tico-Tico*, que desde a década de 1930 enfrentava dificuldades em concorrer com as publicações infantojuvenis das editoras de Adolfo Aizen e Roberto Marinho, o rótulo do educativo se tornou a trincheira onde se proteger das críticas. As histórias em quadrinhos de terror, aventuras e heróis tampouco faziam parte de sua estrutura editorial, que sempre foi mais voltada para o humor. Se nesta altura o título educativo não era capaz de garantir novos leitores, ao menos assegurava prestígio entre pais, educadores, intelectuais e autoridades, dispostas a homenageá-la em ocasiões solenes como a de seu cinquentenário.

A ideia de que a revista chegava aos cinquenta anos cumprindo seu papel educativo tomou o discurso de diversos intelectuais, que tiveram a infância cruzada pelas histórias da revista *O Tico-Tico*. Fazendo, como escreve Beatriz Sarlo, do presente o tempo próprio do recordar¹⁸⁹, na fronteira entre a memória afetiva da infância e o dever social da lembrança, Carlos Drummond de Andrade é um dos que escreve sobre a revista, em texto intitulado *O Passarinho*. Em meio a tantos homens importantes, como Gilberto Freyre, Arthur da Távola, Arnaldo Niskier, que deixavam ali também suas memórias infantis, o poeta escreve:

“O Tico-Tico” era, de fato, a segunda vida dos meninos do começo do século. É pai e avô de muita gente importante. Se uns alcançaram importância mas fizeram bobagens, “O Tico-Tico” não teve culpa. O Dr. Sabetudo e o vovô ensinaram sempre a maneira correta de viver, de sentar-se à mesa e de servir à pátria. E da remota infância esse passarinho voa até nós, trazendo no bico o melhor do que fomos um dia¹⁹⁰.

Cinquenta anos depois, quando a revista *O Tico-Tico* completou seu centenário e já deixara de ser publicada, duas obras foram lançadas em comemoração ao aniversário da revista. Mesmo tendo deixado de circular efetivamente em 1962, essas obras tenderam a seguir o caráter de celebração observado na revista em seus últimos anos. O perfil dessas publicações teve caráter híbrido, aliando memorialismo e estudos acadêmicos consistentes.

188GOMES, Ivan Lima. **Os novos homens do amanhã**. Projetos e disputas em torno dos quadrinhos na América Latina. (Brasil e Chile, anos 1960-1970). Curitiba: Editora Prismas, (no prelo). P. 47-49.

189SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012. P. 10.

190ANDRADE, Carlos Drummond. “Um passarinho”. In: Op. Cit., 1956. P. 53-55.

Mesmo diante dessa peculiaridade ajudaram reestabelecer determinadas memórias sobre a revista, que de um modo geral, respaldavam a própria tentativa da publicação em criar para si mesma uma leitura em torno da sua longevidade, importância e pioneirismo. Aliando a celebração à pesquisa, essas obras criaram outras interpretações que acabaram sendo reiteradas pela bibliografia acerca da publicação infantil.

Uma das mais importantes foi *O Tico-Tico: centenário da primeira revista em quadrinhos no Brasil*, organizada pelos pesquisadores Waldomiro Vergueiro e Roberto Elísio dos Santos¹⁹¹, que compõe o Observatório de Histórias em Quadrinhos, grupo de estudos da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Foi publicada em capa dura e papel *couche*, nas proporções de 26,5 x 36,5 cm, com uma edição fac-símile do primeiro número. Ainda que a obra apresente caráter memorialístico, boa parte dos artigos é escrito por acadêmicos de diversas áreas, como história, educação e comunicação. A publicação apresenta 26 artigos com alguns aspectos interessantes, como o papel da mulher, a publicidade na revista e a inspiração de periódicos estrangeiros em personagens e histórias em quadrinhos.

Como a obra não possui estrito compromisso acadêmico, aspectos relacionados aos contextos históricos e editoriais em que se inseria a publicação são pouco privilegiados nas análises. Seu apelo à celebração faz com que os artigos apresentem informações repetidas e pouco aprofundadas, funcionando mais como um objeto de desejo para aqueles que tiveram sua trajetória infantil marcada por *O Tico-Tico*. A publicação reafirma o caráter educativo da revista, dando pouca consideração ao aspecto empresarial que colocava a *Sociedade Anônima O Malho* no centro de um processo dinâmico de mudança no mercado de impressos. Também ratifica o pioneirismo da revista na imprensa infantil unindo-o a ideia de que *O Tico-Tico* foi a primeira revista a publicar quadrinhos no Brasil. É importante ressaltar que, para além da discussão sobre o surgimento do gênero no Brasil, apesar de publicar histórias em quadrinhos originais e estrangeiras, *O Tico-Tico* publicava conteúdo variado, sintetizando de forma híbrida e original novos conteúdos e formatos com a tradição das revistas ilustradas que antecederam a revista. Ao definir *O Tico-Tico* como uma revista de quadrinhos, a obra de Vergueiro e Santos acaba erigindo um cânone, que determina uma trajetória mais ou menos homogênea em torno do surgimento das HQ's nacionais.

191SANTOS & VERGUEIRO. Op. Cit.

Um ano depois o *Almanaque d'O Tico-Tico, edição comemorativa*¹⁹² foi organizado por Arnaldo Niskier, jornalista, professor e escritor, pertencente a Academia Brasileira de Letras. Antigo colaborador da revista *O Tico-Tico*, Niskier publicava textos sob o pseudônimo Aldo Meyer e atualmente é um dos principais colecionadores da revista no Brasil. Seu acervo é considerado um dos mais completos, superando o existente na Biblioteca Nacional. A obra é patrocinada pela empresa Esso Brasileira de Petróleo, com a colaboração do Instituto Antares. Foi publicado em capa dura e *papel couche*, nos mesmos moldes da obra de Santos e Vergueiro. Também foi concebido como um livro-presente, no mesmo modelo dos almanaques publicados ao fim do ano pela revista *O Tico-Tico*. Os textos que compõe a obra repleta de imagens pretendem fazer um percurso pela história d'*O Tico-Tico*, ao mesmo tempo que as reproduções relembram aos leitores os personagens e histórias mais marcantes da revista. Neste sentido, também traz apelo afetivo aos leitores que de alguma maneira marcaram sua trajetória pela revista.

Os artigos que compõe a obra receberam a colaboração de Zita de Paula Rosa, cuja tese de doutorado sobre a revista, defendida em 1991, na Universidade de São Paulo, foi publicada em livro em 2002. A obra de Rosa é uma referência importante para os estudos sobre *O Tico-Tico*, pois procura privilegiar tanto a dimensão educativa existente na revista como seu aspecto editorial. Dessa maneira, não vemos na obra de Niskier a mesma tendência a corroborar com certa memória de pioneirismo propagandeada pela revista, ainda que o tom celebratório seja recorrente na publicação. No entanto, a ideia de que *O Tico-Tico* foi uma revista de ação pedagógica traz de maneira ainda mais contundente o aspecto educativo defendido pela publicação.

Ao analisar estas obras recentes de tom memorialístico, o objetivo não é estabelecer críticas a esse tipo de edição ou definir interpretações corretas ou falsas acerca da publicação infantil. A intenção é refletir sobre como se dá a recepção de uma memória estabelecida pela própria revista quando ainda estava em circulação e procurar examinar as diferenças e aproximações no caráter celebratório. É possível observar nas duas publicações uma tendência a unir o aspecto comemorativo a análises acadêmicas, o que mostra que passados quase cinquenta anos do fim da revista, além de objeto de culto memorialístico, abre-se a possibilidade de observá-la como objeto de estudo. Ainda assim é interessante perceber que

192AAVV. *Almanaque d'O Tico-Tico*. Rio de Janeiro: Edições Consultor, 2006.

por sua característica editorial específica, as obras de celebração tendem a focar-se na análise do objeto festejado, o que faz perder de vista as dinâmicas e os contextos específicos que integram o objeto a uma realidade complexa.

CAPÍTULO 2

A arte de formar brasileiros: moral e civismo

A primeira condição para um homem ter civismo é conhecer bem a história e as leis do país, porque só assim poderá se interessar pela vida nacional. Quem vive indiferente à vida e aos destinos da nação não tem civismo.

Quanto mais conhecemos a nossa história, as nossas tradições, as nossas glórias, tanto mais amamos o nosso Brasil. Mas quando não se pode conhecê-las minuciosamente é de dever conhecer todas as phases por que temos passado e os factos copitães ocorridos, guardando os nomes e feitos dos grandes homens, nossos antepassados, que trabalharam e morreram para nos legar uma terra tão grande e unida¹⁹³.

O texto acima foi escrito por Benjamin de Almeida Sodré¹⁹⁴, mais conhecido como Mimi Sodré, jogador de futebol do Botafogo e da Seleção Brasileira, entre os anos 1910 e 1916. Militar de carreira, na revista *O Tico-Tico* Sodré era mais conhecido como *Velho Lobo*, um dos principais promotores do escotismo no Brasil. *Velho Lobo* foi um dos responsáveis pela criação da União dos Escoteiros do Brasil, seguindo os ensinamentos de Robert Baden Powell, tenente-geral do exército britânico, o fundador do escotismo. As obras escritas por Sodré eram referência para o movimento escotista em todo o país e foram publicadas sistematicamente na revista *O Tico-Tico* em uma seção denominada *Escotismo*, da qual falaremos mais adiante.

A defesa do escotismo foi uma das facetas da educação moral e cívica na publicação infantil. Acreditava-se que o menino escoteiro encarnava todas as qualidades que o futuro brasileiro deveria ter: amor a pátria e a sua história, disciplina, coragem, respeito às hierarquias e aos valores morais, bom desenvolvimento físico e mental. Na seção *Lições do Vovô*, ao comentar as homenagens à Independência do Brasil realizadas por grupos de

1930 *Tico-Tico*, 10 de abril de 1935, Nº 1540, Ano XXXII(sic).

194 Benjamin de Almeida Sodré nasceu em 10 de abril de 1892, na cidade de Mecejana, no Ceará. Foi jogador de futebol no Rio de Janeiro e ingressou como estudante da Escola Naval em 1910. Presidiu a Fênix Naval – Associação de alunos da Escola Naval, em 1913. Foi promovido a segundo-tenente, em 1914, primeiro-tenente, em 1917, capitão-tenente, em 1923 e capitão-de-corveta, em 1933. Comandou o V Distrito Naval, como contra-almirante, de 1949 a 1951. Participou da criação e se tornou primeiro presidente da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). Participou do movimento militar de 11 de novembro de 1955, liderado pelo Marechal Henrique Lott, para garantir a posse do presidente Juscelino Kubitschek. Além de incentivador do escotismo no Brasil, escreveu diversos livros que foram utilizados como guias do movimento. Faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1982.

escoteiros de São Paulo e Paraná, o autor declara que através do escotismo “a infância aprende a ser forte, a ser corajosa, a contar somente consigo para vencer as dificuldades, os perigos, e também a prestar grandes serviços à Pátria, na paz e na guerra”¹⁹⁵. Em suma, o escoteiro é o resultado da infância idealizada pela revista, moldado para ser o cidadão desejado para o futuro.

O avanço do movimento escoteiro no Brasil está diretamente relacionado a dois fatores interdependentes: a importância que ganha a criança e o jovem não apenas no interior da família, mas como um potencial motor da sociedade¹⁹⁶ e a crença na educação como elemento fomentador do progresso no país. A transformação da sociedade com a criação de novos indivíduos assume um lugar de destaque a partir da Primeira República e, por isso, foi acompanhada de uma série de ações educativas formais e informais. No campo da educação formal, as mudanças esperadas na formação do jovem e da criança viriam através de uma sucessão de reformas de ensino¹⁹⁷, que passavam pelo estabelecimento de leis que determinassem de maneira mais racional a incumbência da federação, dos estados e municípios na promoção da educação nacional, o aumento na oferta de vagas, com a construção de novas escolas, e a renovação dos programas de ensino com a introdução de novos métodos e ideias.

O advento da república possibilitou a entrada de novos conceitos pedagógicos, inspirados na evolução dos estudos em psicologia experimental. A racionalização das políticas educacionais exigia a introdução de novas metodologias de ensino-aprendizagem, mais condizentes com a realidade da moderna educação que se desejava implantar. No início do

1950 *Tico-Tico*, 3 de outubro de 1917, N° 626, Ano XII.

196 SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

197 A primeira reforma a ser aprovada durante a Primeira República foi a Reforma Benjamin Constant, (1890-1891) que estabeleceu o regime seriado e ampliou o currículo das escolas. Estabeleceu também o Ginásio Nacional como padrão para as escolas secundárias. A Reforma Epitácio Pessoa (1901) corrigiu parâmetros e fez adaptações regionais a reforma anterior. A Reforma Rivadavia Correia (1911) retirou a interferência do Estado na área educacional, dando total liberdade aos cursos secundários, que não mais precisavam se equiparar ao Ginásio Nacional ou ao Colégio Pedro II. Com o fim dos exames preparatórios, cabia às faculdades realizar exame de admissão. A Reforma Carlos Maximiliano (1915) revogou muitas das decisões da reforma anterior, reestabelecendo a certificação ao fim da escola secundária, a equiparação dos colégios públicos estaduais ao Colégio Pedro II. Estabeleceu exame especial para a entrada na faculdade, além da posse da certificação da escola secundária. Em 1925, a Reforma Rocha Vaz criou a disciplina de Moral e Cívica e criou o curso ginásial, de seis anos de duração e frequência obrigatória. A década de 1920 foi marcada pelas reformas estaduais: Reforma Sampaio Dória (SP, 1920), Reforma Lourenço Filho (Ceará, 1922), Reforma Carneiro Leão (RJ, 1922-1926), Reforma Góis Calmon (BA, 1925) Reforma Francisco Campos e Mario Cassamata (MG, 1927), Reforma do Distrito Federal (1928), Reforma Carneiro Leão (PE, 1929-1930).

século XX, o método intuitivo e as Lições de Coisas¹⁹⁸, que tinham Rui Barbosa como um de seus maiores defensores¹⁹⁹, atraíram a atenção de intelectuais, artistas, professores e pedagogos. Nos Estados Unidos e na Europa, o método fazia sucesso desde o século anterior por enfrentar a ineficiência escolar, em especial em leitura, escrita e cálculo, áreas consideradas como essenciais na sociedade industrial em desenvolvimento, que exigia indivíduos letrados capazes de raciocínio rápido e criativo²⁰⁰. Muitas dessas ideias impulsionaram a confecção de materiais didáticos e influenciaram também as estratégias informais de educação no Brasil. Baden-Powell procurou se inspirar nas teorias de educadores, como Johann Heirich Pestalozzi e Frederick Jahn²⁰¹. Na revista *O Tico-Tico* a interferência destas ideias também é visível na criação de brinquedos de montar, desafios aos leitores, concursos, etc.²⁰²

As reformas educacionais também envolviam a qualificação para o trabalho, tanto no ambiente industrial e urbano, que se queria crescente, como na área rural, ainda majoritária no país. Os investimentos em educação ocorridos nos primeiros anos da Primeira República estavam intimamente relacionados a introdução do modelo liberal capitalista e à emergência da sociedade industrial, urbana e cosmopolita²⁰³. Mesmo as estratégias educativas informais procuravam se dedicar a ações voltadas aos jovens das classes médias e baixas, que formariam as classes trabalhadoras na sociedade urbano-industrial. Além do sentido de dever

198O método de ensino intuitivo ou Lições de Coisas chegou no Brasil no fim do século XIX. Ele tem origem nas ideias de Heinrich Pestalozzi e foi posteriormente aprofundado com o trabalho de Henry Bernard, Horace Mann e Norman Allison Calkins. O método consiste no desenvolvimento de competências educacionais através da observação, deslocando a centralidade do processo pedagógico da descrição verbal. Antes de aprender a falar, as crianças deveriam ser apresentadas a realidades simples, dando liberdade a exploração das formas. O método questionava o processo de escolarização que priorizava a memorização e a repetição, dando maior ênfase ao conhecimento sensível e na intuição do aluno. Segundo esse método, a educação deveria primar pelo uso de objetos lúdicos, como esferas, cubos, prismas, cilindros, dobraduras, recortes e desenhos. Esses materiais, que apelariam aos sentidos dos alunos, ajudariam a desenvolver o olfato, a visão, o paladar, o tato e a audição. O trabalho com os sentidos deveria anteceder o conhecimento das coisas em si. DUQUE-ESTRADA, Luiz Carlos. **Lições de cousas**. Sentidos, formas e cores. Methodo Calkins. Rio de Janeiro: Typ. A Tribuna, 1902.

199Rui Barbosa traduziu para o português o trabalho *Primary Object Lessons*, de Norman A. Calkins, e tentou transformá-lo em manual dirigido aos professores do ensino público no Brasil. Sua tradução intitulada *Lições de Coisas* foi publicada em 1886, pela Imprensa Nacional. Ver JOHNSON, Phil Brian. **Rui Barbosa e a reforma educacional**: “as licoes de coisas”. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

200VALDEMARIN, Vera Teresa. O método intuitivo: os sentidos com janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Demerval [et al.]. **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014. P. 86.

201SAVAGE. Op. Cit., P. 103.

202Sobre a influência do método intuitivo e lições de coisas na revista *O Tico-Tico* ver GONÇALVES, Roberta Ferreira. **A escola disfarçada em brincadeiras**: intelectuais e ideias na criação da revista *O Tico-Tico*. Dissertação de Mestrado, UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

203BOTELHO, 2002. Op. Cit. P. 23.

cívico e cristão imbuídos nessas ações, o intuito era enfrentar a ideia de degeneração, em uma tentativa de controle das populações pobres do meio urbano. E neste sentido, os métodos de aprendizado que envolviam a experiência lúdica e manual harmonizavam-se com as demandas do novo regime, que desejava educar as crianças e através delas civilizar o povo, criando novas sociabilidades e uma nova civilidade²⁰⁴.

Uma “escola nova”²⁰⁵ inspirava as ações intelectuais e falar dela significava falar da nação²⁰⁶. Na concepção destes letrados mais do que um investimento em instrução, a educação deveria ser um processo total. Com o passar das décadas e a discussão sobre os rumos desejados para a República, a ideia de uma necessária “reconstrução nacional” deveria passar pela escola formal, mas também pela educação moral, patriótica e física. Na escola formal, determinadas práticas escolares, como a incorporação de um programa de educação moral e cívica, prometiam garantir a inculcação de valores patrióticos. Estes valores ajudariam a formar a nova geração de brasileiros que construiriam a nação civilizada. Os valores morais e cívicos eram instrumentalizados em sala de aula e, neste ambiente surgiram os desfiles e festas patrióticas que se tornaram populares nas escolas em todo o país²⁰⁷.

A verdadeira educação, no entanto, só poderia resultar de um esforço coletivo, que envolvesse toda a sociedade, não apenas a escola e o Estado. Ela era vista como um dever patriótico e por isso, mobilizava ações informais de diversos agentes. O movimento escotista, neste sentido, atendia aos propósitos destes grupos que apostavam também em estratégias informais, em ações políticas não institucionais de promoção da educação infantojuvenil. A ideia de formar um menino-soldado dialogava não apenas com a formação moral e nacional do indivíduo republicano, mas com a ideia de uma geração de homens saudáveis, fisicamente preparados para os desafios de um mundo que passava por um duradouro estado de guerra.

204 GOMES, Angela de Castro. "A escola republicana: entre luzes e sombras". In: ALBERTI, Verena; GOMES, Angela de Castro & PANDOLFI, Dulce Chaves (coord.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002. P. 399

205 O movimento *escolanovista* foi um movimento heterogêneo de ideias que buscavam refletir e encaminhar propostas para a renovação da ação educacional no Brasil. Ele ganhou força na década de 1920, inspirado pela entrada de novos métodos de ensino no país. A escola nova inspirou as reformas estaduais, principalmente aquelas lideradas por Sampaio Dória, Lourenço Filho, Carneiro Leão, Anísio Teixeira, Francisco Campos, Mario Cassanata e Fernando de Azevedo. Nos anos 1930, a disputa entre os educadores pelos caminhos que a escola deveria seguir rivalizou católicos e pioneiros, estes últimos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, assinado em 1932.

206 FREITAS, Marcos Cezar. Educação brasileira: dilemas republicanos nas entrelinhas de seus manifestos. In: BASTOS, Maria Helena Camara & STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, Vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 166.

207 BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. In: BASTOS & STEPHANOU. Op. Cit. P. 75.

Desde o primeiro ano de publicação, a preocupação com a educação moral de jovens e crianças aparece na dianteira dos objetivos da revista *O Tico-Tico*. Um periódico infantil, mesmo produzido por uma empresa jornalística, deveria ter como princípio básico a formação integral de seu leitor. E essa formação incluía, além de diversos outros aspectos que serão abordados ao longo deste trabalho, a propagação de experiências que servissem ao engrandecimento moral, a promoção de bons sentimentos, ao gosto pelos estudos e pelo trabalho, ao asseio e ao respeito mútuo. A imposição de valores, hábitos e comportamentos foi parte integrante do projeto formador do periódico, cuja finalidade, além de garantir lucro a empresa que o promovia, era auxiliar na construção do futuro cidadão brasileiro, moderno e civilizado.

A educação patriótica, que passava pela divulgação do civismo, funcionava como parte integrante deste ideal de formação. O amor pela pátria, o respeito pela história, geografia e língua nacionais, o apego a construção dos destinos do país agregavam valor a formação do caráter do jovem brasileiro. Ainda em seus primeiros anos, a revista engajava-se na ideia de formação das primeiras gerações de crianças nascidas sob o signo da República e estimular a educação do futuro cidadão republicano era garantir que o futuro do país seria mais próspero, em contraponto com o passado, visto como lugar de atraso. A criança, assim como a nação, estava em pleno processo de desenvolvimento e esperava-se que se concretizaria no futuro – a criança intelectual e moralmente instruída, a nação exuberante pelas suas belezas naturais e potencialidades econômicas.

Nas décadas seguintes, os ideais formativos tiveram que obedecer a novos padrões de futuro e a novos olhares sobre a experiência republicana. Se nas primeiras décadas do século XX valorizava-se a relação individual com a nação e a ideia de um dever social e político de construir o futuro almejado pela coletividade, a partir da década de 1930, principalmente após o Estado Novo, a relação do homem com o Estado se fortaleceu. O Estado passa a ser o centro da experiência da nacionalidade, o único capaz de fazer funcionar plenamente o organismo social²⁰⁸. A pátria continuava sendo elemento essencial ao conjunto de valores necessários à formação do homem moderno. Ela era garantia da estabilidade, da conquista de identidade e

208VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. P. 148.

unidade social²⁰⁹.

Muitas seções e conteúdos diversificados foram publicados na revista *O Tico-Tico* com o objetivo de formar o leitor no que chamavam de ideal patriótico, cívico e moral. Podemos dizer, inclusive, que esse conjunto de valores se encontrava diluído nas seções de aconselhamento, nas respostas às cartas de leitores, nos *cartoons* e histórias em quadrinhos, nos contos e histórias infantis. Essa diversidade de conteúdos de temática voltada à educação moral e cívica é indicativa da pluralidade de representações e projetos que incluíam a infância na construção do país. Diante da longa trajetória do periódico, podemos dizer que *O Tico-Tico* ajudou a construir e renovar diferentes perspectivas sobre o que seria o futuro cidadão moderno, educado nas coisas da pátria, civilizado pela educação moral e científica universal.

Sem procurar esgotar essas diferentes interpretações construídas na revista, organizamos o capítulo em quatro partes. Na primeira, trabalharemos a seção *A arte de formar brasileiros*, que apresenta de maneira singular as concepções de Angelo Agostini sobre a construção do futuro cidadão. Na segunda parte analisaremos a influência da campanha de Olavo Bilac na revista e o movimento escotista. Na terceira parte procuraremos investigar a recepção das campanhas patrióticas de Vargas, sobretudo a criação da Juventude Brasileira, que inspirou diversos números da seção *Lições do Vovô* e a criação da seção *Mensagens à Juventude Brasileira*. Acreditamos que cada uma destas partes pode nos ajudar a refletir sobre como a revista *O Tico-Tico* articula este aspecto formativo – a moral e o civismo – em diferentes contextos e leituras da modernidade.

2.1 O futuro cidadão brasileiro pelo olhar de Angelo Agostini

Em 1906, pouco menos de um ano de seu lançamento, surge na revista *O Tico-Tico* a seção *A arte de formar brasileiros*, escrita e ilustrada por Angelo Agostini. Não há consenso na bibliografia sobre a autoria da seção²¹⁰. O uso do pseudônimo e a presença de ilustração de

209DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário**: imaginário político no Brasil dos anos 1930. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. P. 139-140.

210Para Cardoso e Merlo a autoria da seção é exclusiva de Angelo Agostini, no entanto, Hansen, ao tratar da seção, prefere não definir sua autoria. Ver CARDOSO, Athos Eichler. “Nhô-Quim e Zé Caipora”. In: LUSTOSA, Isabel. (Org.). **Agostini**: obra, paixão e arte do italiano que desenhou o Brasil (1843-1910). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. P. 319; MERLO. Op. Cit. Anexo; HANSEN, Patrícia. “A arte de formar brasileiros”: um programa de educação cívica nas páginas da revista *O Tico-Tico*. In:

outros artistas torna imprecisa essa autoria, no entanto, não há dúvida que Agostini exerceu papel de referência, estabelecendo a própria imagem como símbolo da seção. Podemos delegar a Agostini, nesse caso, a “função-autor”, que para Michel Foucault não se atribui apenas a autoria individual, mas se relaciona a diferentes formas de apreensão e circulação de textos na sociedade²¹¹. Em uma imprensa de massa em pleno desenvolvimento, observamos o alargamento da noção de autoria.

A seção teve vida breve, circulando apenas em 18 números, de maio a outubro, mas sua existência foi emblemática tanto por se dedicar à formação moral e cívica dos leitores, em conciliação com os objetivos da revista, como por ter oferecido espaço a um conhecido artista do traço, celebrado no passado por suas críticas a monarquia e suas instituições, para tratar de assuntos como república, cidadania, infância e modernidade. A imagem de Angelo Agostini é repleta de canonizações. Ele é celebrado por ser o “primeiro autor de histórias em quadrinhos no Brasil”²¹², por ter sido um dos principais nomes do movimento abolicionista²¹³ e um republicano convicto. Os trabalhos do artista em seus últimos anos foram, no entanto, pouco considerados pela bibliografia e revelam nuances diferentes de sua personalidade²¹⁴.

Agostini foi contratado pela revista *O Malho* em 1904, ocasião que foi celebrada com entusiasmo pela redação²¹⁵. O nome do artista dava ainda mais robustez ao corpo de caricaturistas da revista, que na época contava com Isaltino Barbosa, A. Cruz, Alfredo Candido, Malaguti, Falstaff e J. Arthur. Na revista *O Malho*, o trabalho do artista ficava restrito às celebrações e registros artísticos de grandes acontecimentos, como a *Guerra Russo-Japonesa* ou a tragédia com a balsa *General Slocum*. Seu traço, que remetia a tradição acadêmica de valorização do detalhe, contrastava com as técnicas da caricatura do século XX que privilegiavam a distorção fisionômica, e eram frequentemente usadas na revista. Talvez por isso, sua especialidade naquele espaço tenha sido a construção de grandes ilustrações de

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo & XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

211FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. v. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.

212GOMES, Ivan Lima. Op. Cit., 2014.

213Marcelo Balaban, em sua tese de doutorado, defende que essa memória abolicionista em torno de Agostini é resultado de uma tentativa de eleger lideranças brancas para o movimento. BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro (1864-1888)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

214GOMES, Ivan Lima & GONÇALVES, Roberta Ferreira. *Imagens de uma república infantil: Angelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico*. Revista Maracanã, Vol 12, nº 14, jan/jun 2016, p. 225-240.

215*O Malho*, 1904, 28 de maio, n. 89, ano III.

página inteira, que funcionavam como uma espécie de registro dos acontecimentos.

Com o lançamento da revista *O Tico-Tico*, Angelo Agostini ficou responsável pela elaboração do cabeçalho. Também ilustrou as capas das edições de natal²¹⁶ e ano novo²¹⁷, onde, assim como no cabeçalho, representava uma infância etérea. Antes de iniciar a seção, ainda contribuiu na revista com *História de Pai João*²¹⁸, um conto folclórico que se tornou popular a partir do fim da escravidão. O conto narra a história de um escravo que se torna feitor. A violência e perversidade com que Pai João trata os escravos da fazenda faz com que estes peçam a volta do feitor branco. Ao fim da história, Pai João é levado ao tronco e açoitado pelos próprios escravos. Antes de iniciar a história, Agostini faz um breve comentário sobre esse período da história do Brasil:

Os meninos sabem que o Brasil já teve escravos? Infelizmente é uma verdade. O escravo não era pessoa, era cousa; vendia-se como se fosse um animal irracional. Comprava-se gente como se compra burros. Fazia-se trabalhar essa gente durante muitos anos, toda a vida, sem lhe pagar um vintém e quasi sempre debaixo de muita pancada, empregando-se ainda instrumentos de supplicio, como o tronco, a gargalheira, e outros. Nas fazendas os escravos habitavam em senzalas ou casebres de páo a pique e telha vã, onde viviam todos misturados, dormindo pelo chão. Os feitores tomavam conta dessa gente escrava e de seu serviço. Quando eram bons a cousa ia bem; mas a maior parte eram ferozes, e a vida do escravo era tão cheia de torturas, que muitos preferiam morrer e suicidavam-se. Felizmente, a 13 de maio de 1888 acabou-se com essa desgraça, abolindo-se a escravidão. A Historia de Pai João, que é verdadeira, é um pequeno panno de amostra dessa triste época²¹⁹.

Agostini apresenta a escravidão como uma “triste época”, felizmente superada pela abolição. Seu objetivo com a narrativa é pedagógico: mostrar os horrores do cotidiano do escravo, os maus tratos, sua objetificação, através de uma história com conteúdo ambíguo. Ao assumir o lugar do feitor branco, Pai João rompe com a imagem do escravo submisso, no entanto, os traumas de um regime violento e cruel leva a ações desumanas por uma população embrutecida. O mais curioso na história de Agostini é que, enquanto Pai João é o escravo violento, o “nêgo feiticeiro”, o feitor branco é aquele cuja a função era apenas “organizar o

216 *O Tico-Tico*, 27 de dezembro de 1905, N° 12, Ano I.

217 *O Tico-Tico*, 10 de janeiro de 1906, N° 14, Ano II.

218 *O Tico-Tico*, 8 de novembro de 1905, N° 5, Ano I.

219 Idem.

serviço e aumentar a produção da fazenda”. O Angelo Agostini que escreve e ilustra a *História de Pai João* não estava mais engajado com as críticas ao regime escravocrata, mas destinava sua atenção à moral do trabalho.

É na seção *A arte de formar brasileiros* que a preocupação de Agostini com a organização do trabalho e a racionalização da vida moderna aparece mais claramente. Naquele espaço encarnava a figura de um homem experiente, o Tio José, convicto da importância da consolidação da República e do papel dos brasileiros na construção de seu futuro. Logo abaixo do título da seção, uma ilustração que serviu como uma espécie de cabeçalho para alguns números, traz Angelo Agostini rodeado de crianças, como se preparasse para contar uma história. Meninos e meninas olham atenciosos em sua direção e uma criança sentada no chão lê a revista *O Tico-Tico*. A ilustração lembra outra seção da revista, *Lições do Vovô*, em que um homem mais velho dirige lições aos meninos e meninas mais novos. Essa imagem é uma referência educativa repetida em diversos espaços na revista. Logo abaixo da ilustração, o redator anuncia o objetivo da seção: “Cousas que precisam saber os meninos que se querem tornar homens fortes – Cousas uteis que os pais devem ensinar aos filhos – O que o menino deve saber para mais tarde vencer as dificuldades da vida – A saúde, nosso melhor bem”²²⁰.

Afinado com as preocupações da literatura cívico-pedagógica da época²²¹, Agostini apresenta lições, que ele qualifica como “palestras” e “conselhos”, para que os meninos se preparassem melhor para a vida adulta. O tom das lições mostra que o chiste e a pilhéria, que marcou seu trabalho no passado, n'*O Tico-Tico* é substituído pelo estilo solene característico de um homem mais velho que se dispõe a transmitir conhecimentos aos mais jovens. É interessante reparar que pela descrição da seção, Agostini destina seus aconselhamentos não apenas aos leitores infantis, mas também aos pais, sugerindo a necessidade de que essas lições chegassem também aos adultos. As lições deveriam auxiliar os pais preocupados com o futuro de seus filhos e, em extensão, poderiam servir a eles mesmos, enquanto cidadãos e parte da sociedade brasileira.

220 *O Tico-Tico*, 1906, 30 de maio, n. 34, ano II, P. 10.

221 HANSEN, Op. Cit., 2008, P. 46.



Imagem 12: Logotipo de A arte de Formar Brasileiros
O Tico-Tico, 30/05/1906. Ano II, Nº 34.

Pelo que é possível perceber tanto pelo título como pela descrição do primeiro número, a seção concentra-se em refletir sobre a vida da criança em seu futuro. Em suas lições não há nenhum tipo de análise sobre a infância, ela se detém nas expectativas do mundo adulto. No entanto, Agostini estabelece uma dicotomia ao falar da infância e da vida adulta. Ele apresenta a infância como uma fase ingênua, sem preocupações, em que as crianças são protegidas por seus pais, referências já utilizadas pelo artista anteriormente. A vida adulta, por outro lado, seria marcada pelo fardo da escolha da profissão, pelo sofrimento e pelo trabalho.

Ao mesmo tempo que a seção revela um Agostini amoroso, é possível perceber em seu texto certa amargura da vida adulta. A experiência, que lhe serve de guia para essas lições, nem sempre parece tomada de memórias positivas. É importante lembrar que Angelo Agostini veio da Itália para o Brasil ainda adolescente e começou a trabalhar muito cedo na imprensa paulista. Sobre a vida adulta ele escreve:

Enquanto se é criança a vida é risonha, vocês têm os carinhos de seus pais, nada preocupa os meninos e meninas que só pensam em folguedos, mas é preciso que vocês saibam desde já que, esse belo tempo não dura para sempre, chegando a uma certa idade é preciso que cada um trabalhe para si próprio e para a sua família, e então uma pessoa começa a encontrar dificuldades para fazer frente à inveja, à maldade e ao egoísmo dos outros, entretendo lucta

terrível, cheia de embaraços e contrariedades²²².

O primeiro número da revista, conforme anuncia o título é dedicada ao cuidado com a saúde. A preocupação com a saúde e a valorização do corpo eram parte integrante do discurso educacional voltado à regeneração do povo brasileiro. Tornar os homens e mulheres do país saudáveis, disciplinados e produtivos era um dever republicano e deveria mobilizar as instituições, como a escola, mas também a família e a elite intelectual dirigente, a quem cabia comandar o processo de transformação do país²²³.

A infância, em especial, se tornou objeto de preocupação e mesmo intervenção higiênica durante a Primeira República. Esse projeto disciplinador estava em consonância com o discurso científico e higienista que decretava guerra a epidemias e miasmas urbanos, e que levaram aos projetos grandiosos de intervenção urbana no início do século XX²²⁴. A educação do corpo ajudaria a suplantar as teses deterministas, e por isso vistas como pessimistas, que postulavam o clima e a miscigenação como aspectos que impossibilitariam o pleno desenvolvimento do país. Uma nova geração de crianças, desde cedo educada a cuidar da saúde, dedicada ao esporte e ao trabalho do corpo e do intelecto, seria capaz de reabilitar a crença no progresso.

Acreditando na capacidade regeneradora da infância bem-educada, Agostini defende uma íntima relação entre as práticas saudáveis e a inteligência. Para ele apenas um corpo saudável poderia garantir ao homem a expressão de suas potencialidades. Para um homem idoso, que provavelmente era obrigado a lidar com as limitações de seu corpo físico, uma vida produtiva, dedicada ao trabalho e aos estudos dependia de cuidados essenciais com a saúde:

Um homem só pode mostrar o vigor de sua intelligencia, ser activo, trabalhador, emprehendedor, quando é sadio, quando gosa de saúde; todo aquelle que doente, fraco, não póde ser util a si mesmo, nem aos outros.

Evitar as molestias deve ser a nossa constante preocupação.

(...)

Antes de se esforçar por aprender as sciencias necessarias, para ser um personagem illustre, convem cuidar em fortalecer o corpo. De que vale ser um sabio, mas sempre enfermo e fraco; um homem

222 *O Tico-Tico*, 1906, 30 de maio, n. 34, ano II, P. 10.

223 CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

224 BENCHIMOL, Jaime. Reforma Urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. Cit. P. 231-286.

doente até nem pode estudar com capricho e trabalhar com actividade. Antes de tratar do cultivo de nossa intelligencia, devemos cultivar as forças de nosso corpo. Um homem forte, educando também sua intelligencia nos moldes que lhes vou ensinar, isso é que é o ideal! Pode sempre vencer na vida muito mais facilmente do que os que vivem cheios de doenças²²⁵.

Para garantir o cuidado com corpo, Agostini recomendava moderação nas ações: tanto a alimentação, como os exercícios físicos deveriam ser moderados, regrados, orientados. A ideia não era incentivar um culto ao corpo pela criança, muito menos levar suas habilidades às últimas consequências. O corpo deveria também ser disciplinado, objeto de cuidados e não de exageros. A educação do corpo deveria levar ao aperfeiçoamento físico, em equilíbrio com o aperfeiçoamento moral e intelectual.

No número seguinte, Agostini tratou da escolha da carreira e sua relação com o mundo do trabalho. Esse assunto tomou muitos números da seção, ganhando contornos diferenciados na medida em que se avançava no argumento. O artista defendia que as crianças e jovens procurassem seguir a sua verdadeira vocação profissional, pois assim seriam mais felizes e teriam maiores possibilidades de realização financeira. E para descobrir seus interesses e habilidades, as crianças deveriam dedicar tempo de sua formação na observação das profissões e aquisição de experiência variada. Suas críticas se dirigiam principalmente a escolha da carreira pelos pais ou sua tentativa de influenciar os filhos, indicando profissões consideradas de sucesso, como a medicina, a carreira militar, o direito. Para Agostini, o trabalho é uma atividade essencial na vida do ser humano e profissionais felizes seriam mais produtivos. A satisfação e o bem-estar no mundo adulto estaria diretamente relacionado com a capacidade produtiva e de trabalho do homem.

Em uma das ilustrações da seção, que naquele número ocupava a metade superior de duas páginas, ele retrata um menino observando uma série de profissionais. Através da ilustração esperava oferecer aos leitores exemplos de algumas atividades, que apesar de muitas vezes serem desprezadas socialmente, poderiam constituir a verdadeira vocação dos consumidores da revista. Diz a legenda:

Ha muitas maneiras de trabalhar, prestando serviço a sua pátria e ganhando meios para viver feliz. A bordo dos navios, lavrando a

2250 *Tico-Tico*, 30 de maio de 1906, N° 34, ano II.

terra, construindo machinas ou fazendo-as trabalhar, tratando dos doentes, defendendo os infelizes, educando o povo com discursos, livros e jornaes, e de muitas outras maneiras um homem pode ficar célebre e se tornar riquíssimo²²⁶.



Imagem 13: Ilustração de Angelo Agostini em A arte de Formar Brasileiros
O Tico-Tico, 06/06/1906, Ano II, Nº 35.

No número 38, Agostini continua sua exposição sobre a importância da escolha da profissão para o futuro da criança. Neste número, ele defende que o menino, quando for adulto, deva preparar-se para assumir outras funções caso esteja insatisfeito naquela que escolheu. Ele deve aprender várias coisas de utilidade geral e garantir habilidades que o façam enfrentar qualquer trabalho. O autor dirige suas críticas a preocupação bacharelesca dos pais, que para ele, seria uma característica no Brasil. Ao invés da escolha de profissões em função do título, defende a honradez de qualquer tipo de trabalho e que o homem não deve se envergonhar de trabalhar em atividades menos prestigiadas. Segundo o autor:

Convém que os meninos, nossos amiguinhos, se convençam que a maior desgraça deste paiz é a preocupação de ter um título, todos querem ser médicos, advogados, engenheiros, militares ou empregados públicos, e como neste paiz, que é novo, com pouca

226O *Tico-Tico*, 6 de junho de 1906, Nº 35, ano II.

população, com obras importantes, não pode haver trabalho para tanta gente nessas condições, o resultado é que depois de terem consumido metade da vida, até os 22 ou 25 ou 30 annos, se preparando para essas carreiras os homens mal aconselhados começam a a receber provações, que pouco a pouco os vão desanimando e tirando a coragem para procurar meios de vida em outro genero de trabalho.

(...)

No nosso paiz, onde tudo está por fazer, o commercio, a industria, a lavoura, as artes offerecem campo vasto para quem tiver aptidões, constância, força de vontade, e estiver preparado para a concorrência dos outros. A electricidade e a mecanica e muitas outras são carreiras de grande futuro, de modo que é para poder trabalhar em qualquer dessas carreiras que – todo menino deve ir se preparando para ser um homem feliz²²⁷.

A preocupação com o título de doutor, característica das classes médias e elite brasileira, seria, para Agostini, incompatível com a experiência republicana e moderna, que valorizava os espíritos práticos e os *self made men*. Para o artista de origem italiana, em um país grandioso como o Brasil, “de território immenso, riquíssimo, cheio de thesouros naturaes”²²⁸, a juventude não poderia desperdiçar sua energia formando uma classe de bacharéis.

As críticas ao bacharelismo e a uma república de doutores que se formava em extensão ao *ethos* imperial, estavam difundidas nos discursos de uma série de intelectuais que criticavam a importação das ideias estrangeiras em detrimento dos valores da verdadeira nacionalidade brasileira. Os bacharéis eram aqueles que se interessavam apenas pelo conhecimento enciclopédico, com a verbosidade superficial e com o status garantido através do título. Esses homens, muitas vezes identificados à classe política, eram acusados de desconhecer a realidade brasileira, os verdadeiros costumes e a cultura do homem nacional. Perdidos em conhecimentos abstratos, pouco valiosos à vida prática, o bacharelismo era identificado como um dos sintomas do atraso brasileiro.

Dois dos principais críticos ao bacharelismo, Manoel Bomfim e Eduardo Prado, viam o bacharel como um entrave ao progresso do país. Para Bomfim, no Brasil, assim como no restante da América, os intelectuais e a classe dirigente não eram capazes de compreender as reais necessidades do país, apenas inspiravam-se nas realidades estrangeiras, no que liam nos

227O *Tico-Tico*, 27 de junho de 1906, N° 38, Ano II.

228O *Tico-Tico*, 1 de agosto de 1906, N° 43, Ano II.

livros, mas pouco conseguiam compreender sobre as carências de seus países. Para Eduardo Prado, o político era a encarnação precisa do bacharel. Falava pelo povo como se fosse escolhido por ele, mas era desprezado da realidade e não conseguia ultrapassar as aparências, os modismos da ciência e do saber para transformar suas convicções em atitudes concretas²²⁹.

Já Lima Barreto chamava o bacharelismo no Brasil de “doutomania”, segundo ele uma ideologia que se encontrava difundida em todas as classes sociais. Aquele que ostentava o título de doutor era por si só admirado socialmente como o mais sábio, mais hábil e mais honesto. O diploma no Brasil funcionaria, segundo o escritor, como um “passaporte” para a entrada em uma casta da sociedade formada pelos melhores. Ele possibilitava contatos, facilitava casamentos e garantia acesso ao serviço público. Mesmo pobres e iletrados eram socialmente admirados e seu lugar almejado²³⁰.

Esses valores arcaicos, identificados com o império, com o passado, não fariam mais sentido diante da nova conjuntura política. Ainda que o Brasil andasse vagarosamente em direção ao progresso, era importante garantir que este futuro se concretizasse. Por esse motivo, a lição de Agostini se dirige aos filhos, persuadindo-os, inclusive, a não aceitar a imposição de carreiras pelos seus pais. Nesse caso, a desobediência não é vista como um defeito, mas como uma virtude, já que, como representantes do futuro, cabia às crianças construir o país a partir de novos valores.

No número 43²³¹, Agostini faz novas críticas não apenas ao apetite bacharelesco de setores da sociedade, mas também a crença generalizada de que o sucesso material só seria possível nas cidades. Ele defende um olhar sobre o campo, suas riquezas e possibilidades. Para ele, um dos maiores problemas do país era a ignorância do trabalhador rural, que fazia com que a riqueza do território ficasse quase toda abandonada. As crianças educadas, os homens bem instruídos deveriam também se dedicar ao trabalho na lavoura. O homem educado, inteligente e estudioso seria capaz de superar a ineficiência da terra, retirando dela os recursos que ali se esconderiam. A dedicação aos tesouros do país, a geração de riqueza através da terra seriam, para ele, um exemplo de patriotismo.

O discurso da beleza, exuberância e riqueza das terras brasileiras foi recorrente no

229ARMANI, Paulo Henrique. **Discursos da Nação**: historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. P. 107-109.

230LOPES, Silvana. **Lima Barreto e a educação**: os limites históricos de uma concepção crítica da educação escolar Brasileira. 2002. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. P.50-74.

231O *Tico-Tico*, 1 de agosto de 1906, N° 43, Ano II.

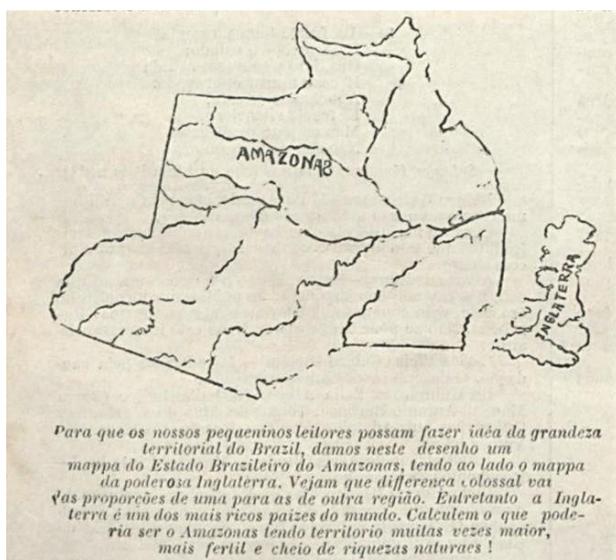
discurso republicano e aparece em alguns números da seção. Essa opulência do território contrastava, no entanto, com o atraso, com a ignorância, com a preguiça – palavras usadas pelo autor para caracterizar a ideia de abandono e subdesenvolvimento. A principal causa da situação de descaso do país seria a falta de conhecimento e interesse do próprio povo brasileiro sobre seu território. Ele atribui, portanto, a falta de produtividade da terra ao homem do interior, inculto e incompetente, quase em estado de inocência. No entanto, todo esse quadro poderia ser revertido através da educação.

Para confirmar seu argumento de que o problema do Brasil residia na ignorância do povo, o autor faz um exercício de comparação do tamanho do território do Brasil com diversos países da Europa. Mais uma vez fundamenta sua alegação na concentração de pessoas nas cidades, onde viveriam amontoadas, em péssimas condições de higiene e conforto. No Brasil essa situação não seria necessária, já que contava com um território imenso, capaz de abrigar nações inteiras. Em um território da imensidão do Brasil, onde seria possível construir centenas de cidades, com maiores condições de vida do que nas cidades europeias, bastava racionalizar o espaço do campo: “Países gloriosos como a França, a Inglaterra, a Itália e outros são menores do que muitos dos seus Estados. Só o Estado de Goyaz é maior que estes três países juntos. O Estado do Rio de Janeiro, um dos menores do Brasil, é do tamanho de Portugal inteiro”²³².

A análise é respaldada pelo recurso das imagens. Os mapas demonstram que o tamanho do território indicaria nossa possível superioridade frente aos países civilizados. Esse argumento, somado a ideia de que o Brasil era um “país novo”, “onde tudo está por fazer”, que só se concretizaria no futuro, garantia as futuras gerações um sentido de dever patriótico. Caberia a criança formando-se um adulto educado, civilizado e instruído o dever de realizar o destino glorioso da pátria²³³.

232 *O Tico-Tico*, 11 de julho de 1906, N° 40, Ano II.

233 HANSEN, Op. Cit., 2008. P. 50.



Imagens 14 e 15: Comparação entre estados brasileiros e países europeus
O Tico-Tico, 11/07/1906, Ano II, N° 40

No número seguinte²³⁴, continua a exposição de argumentos que atestam a superioridade em recursos da pátria brasileira. Para o autor, bastava considerar que “O Brasil está em primeiro lugar, como grandeza e opulencia, porque todo o seu solo é fértil, aproveitável, magnífico”. O pressuposto é que ao contrário de Rússia e China, com dimensões continentais como o Brasil, o nosso território poderia se tornar integralmente produtivo, desde que o engenho humano assim desejasse. Ao estabelecer um lugar central de descoberta, domínio e aproveitamento do território aos futuros brasileiros, a seção recorre novamente a ideia de que a criança naquele momento carregava consigo a obrigação de construir o futuro notável. Essa obrigação, no entanto, traria riqueza também aos brasileiros. O dever com a pátria era em extensão um investimento no futuro pessoal:

Tudo depende de nós e de vocês, que desde já devem ir se acostumando à ideia de que não é só nas cidades que se enriquece, para isso temos ahi o Brazil inteiro, como um grande thesouro à disposição dos homens fortes, intelligentes e resolutos que saibam conquistá-lo.

[...]

Pode-se dizer que temos um paiz em que tudo está ainda por fazer. Essa tarefa cabe a vós, meninos de hoje que amanhã sereis homens. Cabe-vos esse trabalho que vos dará riqueza e glória, porque

²³⁴O Tico-Tico, 18 de junho de 1906, N° 41, Ano II.

tornará o Brasil próspero e feliz²³⁵.

Nos números que se seguem, o autor se dedica a falar das áreas que deveriam ter mais investimentos profissionais entre os meninos, pois seriam capazes de garantir a exploração do território e empregos em abundância no futuro. Ele discorre sobre a importância da indústria e sobre como o Brasil seria um dos países mais preparados, graças as jazidas minerais que alimentariam este tipo de atividade. Também comenta sobre a eletricidade, área capaz de tornar possíveis invenções modernas, como o telefone e o gramophone. No entanto, investir nessas áreas não seria possível sem a força moral do jovem brasileiro. Existiriam valores e traços de caráter que necessitariam ser formados no jovem menino para que ele pudesse encontrar sucesso em sua jornada.

A partir do número 47²³⁶, o autor começa a elencar um conjunto de valores importantes ao futuro cidadão da também jovem república. O primeiro deles seria a paciência. Homens que se irritam com facilidade, que perdem a calma ou desistem facilmente, não teriam espírito para as conquistas da vida e acabariam se prejudicando física e moralmente. Dominar os ímpetos, ter perseverança, não desanimar diante das contrariedades seria o caminho para vencer na vida. O segundo seria a prudência. Ser prudente significava “não confundir força de vontade com teimosia”²³⁷. Seria importante pensar, refletir, usar a inteligência antes de tomar decisões e agir sempre com calma e persistência. O terceiro seria a compreensão de que o tempo é mais importante que o dinheiro. Os leitores deveriam entender que o tempo é o elemento mais precioso da vida do ser humano. Sem método e regra para lidar com o tempo, não se consegue ser próspero e feliz. As crianças devem aprender a aproveitar bem o seu tempo, através do estudo e também, porque não, do trabalho, para ir se acostumando com as exigências do futuro. Outra qualidade importante a ser preservada entre os meninos era o asseio. O asseio, identificado com a saúde, seria um dos principais atributos do ser humano. Um menino ou menina deveria cuidar da sua saúde, ser forte, robusto, cuidar da higiene e da aparência.

Podemos observar que na perspectiva do autor, desde a infância, a educação deveria ser orientada para a vida prática, até porque, o futuro cidadão deveria estar consciente de seu papel na sociedade e na família. Mesmo ao tratar da educação moral, os argumentos

235Id.

236O *Tico-Tico*, 29 de agosto de 1906, N° 47, Ano II.

237O *Tico-Tico*, 5 de setembro de 1906, N° 48, Ano II.

escolhidos para compor a narrativa das lições são de caráter pragmático, voltado sempre a uma ideia de sucesso e prosperidade futura. Há uma tentativa de difundir uma moral burguesa e moderna, conflitante com o estilo de vida do brasileiro, naquele momento identificado pelo autor como ignorante, preguiçoso, doente e, em alguns casos, elitista. Tendo como perspectiva de comparação os principais países da Europa e os Estados Unidos, os conselhos de *Tio José* se filiam ao modo de vida identificado com as noções de civilização e progresso.

Apesar de identificar o tempo todo a barreira do atraso ligado tanto ao Brasil como aos brasileiros, a narrativa é otimista, na medida em que consegue identificar caminhos de superação. As crianças, ou melhor, o menino, já que as meninas só são mencionadas nos números que tratam de valores morais, são descritas por ele como “uma força e uma vontade” ou “um elemento poderoso de trabalho, de progresso, de grandeza”²³⁸ e estariam no centro das transformações do país.

Nos primeiros anos da revista, o sentimento cívico-patriótico estava relacionado a formação do caráter da criança e jovem republicano. Tanto nas lições de Angelo Agostini como em outros espaços da revista, o desenvolvimento de determinadas qualidades individuais estavam ligadas à construção do futuro da nação. O cuidado com a saúde, o investimento nos estudos e na escolha de uma boa profissão, que aparentemente estavam mais relacionados às aspirações privadas do que a um dever público, pareciam suficientes aos jovens que no futuro construiriam a nação. Os bons sentimentos, a coragem e o respeito mútuo eram igualmente valores individuais almejados pela criança em formação.

No entanto, ao mesmo tempo em que a revista publicava seções de aconselhamento moral, que indicavam padrões de comportamento a serem seguidos pelos jovens leitores, outros conteúdos acabavam funcionando como discursos dissonantes. Ao mesmo tempo em que seções como *O que os meninos não devem fazer*, que circulou em alguns números durante o primeiro e o segundo ano de publicação, aconselhava os meninos a não desobedecer os familiares e professores, não jogar, não beber e fumar, as páginas de publicidade estampavam anúncios de marcas de cigarros e tabacarias²³⁹. Ainda que este tipo de publicidade fosse voltada aos pais e não às crianças, sua presença revela que nem sempre os discursos estavam

238 *O Tico-Tico*, 13 de junho de 1906, N° 36, Ano II.

239 No número 18, de 7 de fevereiro de 1906, além do anúncio já tradicional da Tabacaria Santa Rita, a revista apresenta anúncio de página inteira da Grande Fábrica de Cigarros e Fumos do Globo. Uma ilustração representando crianças fazendo uma ciranda circundam o anúncio. Na parte inferior da publicidade lê-se: “Vamos todos fazer roda a este anúncio para que ninguém o veja. Vamos!”.

afinados e que a adesão a determinado pensamento político ou ideológico não era mecânica, mais plural e complexa.

As histórias em quadrinhos e tiras também publicavam exemplos de traquinagens infantis que desafiavam normas e comportamentos estabelecidos. Ainda que muitas dessas histórias apresentassem final exemplar, que em muitas vezes representava a punição da criança pelos adultos, as travessuras infantis eram exaltadas até mesmo como símbolo da inteligência peculiar da criança. Nesses casos, o humor servia como o contraponto, e ajudava a tensionar o ambiente de regras que impunham a educação dos hábitos e a moderação dos sentimentos.

Para Henri Bergson, uma das principais referências na teoria cômica, o riso e o humor tem sua essência na sociedade, é um fenômeno que ganha sentido no social²⁴⁰. Também Luigi Pirandello sustentava que o humor seria capaz de revelar as máscaras sociais, desmistificando a realidade ou levando a sua lógica ao limite²⁴¹. Durante a Primeira República, o humor como estratégia de contraste foi bastante usado na imprensa periódica, tradição que vinha das revistas humorísticas criadas ainda no século XIX. O próprio Angelo Agostini se tornou célebre pelo uso do humor integrado à imagem em sua *Revista Ilustrada*.

Um exemplo das contradições explicitadas pelo humor na revista é uma história ilustrada publicada na seção *O Talento do Juquinha*²⁴², personagem semelhante ao *Chiquinho* criado por J. Carlos. O protagonista sai a passeio com sua mãe pela Rua do Ouvidor. Eles compram costeletas salgadas e vão ao dentista. Porém, Juquinha foge da consulta “a pretexto de admirar as transformações da nossa capital”. Em seu passeio, Juquinha encontra um morador de rua que dormia no banco da praça. Pensando em pregar uma peça amarra as costeletas no casaco do homem que, ao fim da história, é perseguido por cães famintos.

A história de Juquinha foca a sua atenção no humor da pilhéria infantil. Nesse caso, o comportamento exemplar é deixado de lado em função do objetivo maior da história, que é provocar o riso e divertir o leitor. A crueldade do personagem e até mesmo a linguagem não aparecem suavizadas nesta história, em que o morador de rua é chamado de “vagabundo”. O humor também ajuda a revelar o contraste entre o estilo de vida das classes médias urbanas e a beleza da cidade-capital com a pobreza e indigência dos mais pobres. Enquanto a mãe e o

240SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. P. 22.

241Ibid. P. 27.

242O *Tico-Tico*, 30 de maio de 1906, N° 34, Ano II.

menino são caracterizados com roupas chiques e da moda, o homem é maltrapilho e sujo.

Histórias como essas, em que o humor oferece um contraponto ao ambiente rígido dos moralismos cotidianos eram frequentes na revista. O próprio personagem *Chiquinho*, cujas histórias fechavam com humor cada edição, suavizando os discursos normativos presentes em algumas seções, representa em muitos momentos as vozes dissonantes na revista. *Chiquinho* é muitas vezes flagrado pregando peças humilhantes em trabalhadores da casa ou das ruas da cidade. Os ideais de bondade, humildade, caridade e humanidade, nesses casos, poderiam ser transgredidos porque o objetivo educativo não estava explícito. As histórias de humor pareciam oferecer uma pausa aos deveres da educação moral infantil.

Se *Chiquinho* podia ser um dos ícones dissonantes destes discursos moralistas, em contrapartida foi também seu porta-voz preferido. Para além das lições finais, o personagem costumava protagonizar histórias que ajudavam a corroborar com as opiniões dos editores. Ao mesmo tempo que ele poderia romper com o moralismo do discurso dos editoriais e seções de aconselhamento, poderia se tornar também principal seu principal mensageiro. No número 549²⁴³, por exemplo, as aventuras de *Chiquinho* começam com uma aula de cidadania e guerra por parte de sua mãe. Denominado *A Defesa da Pátria*, nessa edição o personagem treinava tiro ao alvo com uma espingarda de brinquedo no meio da sala de casa. Ao ver a cena, a mãe diz ao filho que fazer guerra não era só pegar em armas e brigar, era preciso sustentar um exército, conseguir munições e alimentos. Ela explica a *Chiquinho* que não se é forte apenas com armas, mas que a verdadeira força começa com os livros, ou seja, com o estudo, principal maneira de se tornar útil ao país.

No número seguinte, a história continua e *Chiquinho* adormece lendo os livros sugeridos pela mãe. Ele sonha com uma República poderosa e forte por suas riquezas e pelo progresso. Ela é representada na imagem como uma mulher com barrete frígido, característica na iconografia da época²⁴⁴. O seu sonho, então, logo se modifica mostrando a realidade presente: um gigante adormecido, coberto de teias de aranha. *Chiquinho* acorda assustado e reflexivo com o sonho. No último quadro, a legenda diz:

E lembrou-se do que tem lido no Tico-Tico. O grande mal do paiz tem por causa a tolice dos brasileiros que, em vez de trabalhar com os recursos do solo, têm a mania de ser doutores para descansar a

243O Tico-Tico, 12 de abril de 1916, N° 549, Ano XI.

244CARVALHO, José Murilo. **A Formação das Almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

vida inteira, como funcionarios publicos²⁴⁵.

Mesmo dez anos distante das considerações de Angelo Agostini, a imagem dos doutores, dos bacharéis como símbolos do atraso do país persiste nos discursos da revista. E neste caso é o personagem ícone que se torna porta-voz da mensagem. Mas ao mesmo tempo em que essas críticas endereçadas a bacharéis e funcionários públicos eram publicadas na revista, as páginas seguintes estampavam as fotografias de leitores, notícias de batizados e nascimentos de filhos autoridades públicas. Mesmo que a reprovação a esses grupos aparecessem vez ou outra nas seções e histórias infantis, não podemos esquecer que muitos dos leitores da publicação faziam parte de uma elite intelectual e econômica formada justamente por estes grupos que os editores pareciam criticar. Essas ambiguidades mostram as dificuldades em manter um discurso afinado entre editores e artistas. Demonstrem também possíveis embaraços na difusão da opinião de um grupo variado de colaboradores e na afirmação destes discursos moralistas. A defesa da educação e da pátria, no entanto, como uma bandeira ampla, ajudava a encobrir possíveis radicalismos.

2.2 A campanha de Olavo Bilac e o Escotismo n'*O Tico-Tico*

Orientar as crianças e jovens a seguir os desígnios modernos, abandonando determinadas posturas tradicionais, identificadas como arcaicas e antiquadas, naquele primeiro momento parecia coerente com os interesses republicanos em jogo. Partilhava-se, então, da ideia de que indivíduos civilizados formariam uma sociedade civilizada. Essa postura, no entanto, vai se equilibrando ao longo do tempo com perspectivas mais direcionadas à coletividade, que passam a ganhar a simpatia dos editores e redatores do periódico. A formação cívico-patriótica estaria cada vez mais submetida aos interesses e projetos de caráter público, dialogando diretamente com a realidade política e cultural do país e do mundo.

O escotismo foi um desses movimentos de caráter formativo coletivo a ganhar a simpatia dos editores. Conforme mencionamos acima, ele nasceu das aspirações de um tenente-general do exército britânico conhecido pelo nome de Robert Stephenson Smyth

245 *O Tico-Tico*, 19 de abril de 1916, N° 550, Ano XI.

Baden-Powell, em 1907. Ainda que não seja nosso objetivo discorrer sobre o nascimento do movimento e a instauração de seu programa e ideologia, uma breve exposição das condições de seu estabelecimento nos ajuda a pensar nas distintas formas de enraizamento cultural do movimento²⁴⁶, que assumiu contornos diferenciados nos lugares onde floresceu.

Baden-Powell nasceu em Londres, em 22 de fevereiro de 1857 e faleceu em 8 de janeiro de 1941. Ele ingressou no exército britânico em 1876 e, depois de uma carreira substancial, em que lutou pela Coroa Britânica contra levantes em diversas colônias, tornou-se general. Em 1907, entrou para a reserva, quando começou a se interessar pela formação cívico-nacionalista dos jovens ingleses. Neste mesmo ano começou a colocar suas ideias sobre educação em prática, a partir de experiências vividas com jovens em acampamentos. No ano seguinte publicou o livro *Scouting for boys*, com os principais preceitos de sua pedagogia escoteira.

A pedagogia de Baden-Powell se centrava em um tipo de experiência coletiva, que valorizava a formação do caráter e a aquisição de habilidades físicas, como forma de engrandecimento da nação. Desenvolvida no contexto do aparecimento da Escola Nova, os preceitos dessa pedagogia rompiam com a formação tradicional infanto-juvenil, apostando na aquisição de práticas e vivências ao ar livre, que estreitavam as relações entre teoria e prática. Os adeptos do escotismo valorizavam a formação de valores morais, que adquiriam através de palestras e lições passadas por indivíduos mais experientes aos mais jovens. O cuidado com o corpo e com a saúde era parte integrante da formação de valores, na medida em que a prática regrada de exercícios físicos levaria à disciplina. Os acampamentos e os jogos, frequentes entre a juventude escoteira, também sintetizavam esse ideal pedagógico, na medida em que ajudavam a formar a ideia de coletividade e colaboração²⁴⁷.

O crescimento do movimento escoteiro também está diretamente relacionado a expansão do ideário nacionalista. Os jovens do movimento tomavam para si uma espécie de missão civilizatória destinada a conduzir a nação ao seu pleno desenvolvimento. O escotismo, como outros projetos formativos informais voltados à infância e juventude, teria sido um dos vetores dos projetos políticos nacionalistas surgidos naquele momento²⁴⁸. Devido a essa

246NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Porto Alegre: Imago, 2008. P. 9.

247HEROLD JÚNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da revista O Tico-Tico (1921-1933). **Movimento**. Porto Alegre, V. 12, nº 2, abr/jun,2013. P.303-316.

248NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na

relação próxima com o ideário nacionalista, muitos movimentos ganharam contornos autoritários e militaristas. No Brasil, sua relação com a valorização da figura do militar é inegável e relaciona-se a certa identificação do movimento às ideias de Olavo Bilac em sua campanha lançada em 1915 e a formação da Liga de Defesa Nacional, que foi sua principal divulgadora.

A campanha cívica de Bilac se iniciou com um discurso realizado na Faculdade de Direito de São Paulo, em 9 de outubro de 1915. Uma parte deste discurso foi publicado em artigo na revista *O Tico-Tico*, de 3 de novembro de 1915, intitulado *A campanha de Bilac*. Para o redator do artigo, o programa de sua campanha deveria ser conhecido por todos os brasileiros, “especialmente pelos moços, que representam o futuro de nossa pátria”. No trecho publicado, Bilac fala de um sentimento de indiferença corrente entre os brasileiros em relação a nacionalidade. E propõe a militarização da sociedade a partir do alistamento militar obrigatório. Em sua fala:

Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e física obrigatória²⁴⁹.

Em seu discurso à juventude, Bilac se diz preocupado com os rumos do país e o sentimento de apatia e desesperança que se abatia sobre o povo. Ele propõe a redenção pela educação militar, que, como mostra o trecho acima, seria a garantia da formação total do homem brasileiro, já que explora tanto os atributos morais e cívicos, como os cuidados com o corpo e a higiene. Ele pregava “a escola dentro do quartel e o quartel dentro da escola”²⁵⁰, como meio de revelar às novas gerações os verdadeiros valores nacionais. E suma, Bilac defendia a formação do cidadão-soldado, ideia muito próxima daquela que defendia também o movimento escotista que se formava no Brasil.

O discurso de Olavo Bilac na Faculdade de Direito pode ser visto como um momento de inflexão na carreira do poeta. Ainda que manifestações de cunho patriótico já aparecessem

primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo de Patto Sá (org.). **Culturas Políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. P. 42 e 43.

249 *O Tico-Tico*, 3 de novembro de 1915, Nº 526, Ano X.

250 BILAC, Olavo. **A defesa nacional**. Rio de Janeiro: Liga de Defesa Nacional, 1917.

em textos na imprensa e voltados ao público infantojuvenil, esse discurso inaugura sua campanha cívico-patriótica e seu papel de “vulgarizador”. Com a fala dirigida aos jovens, Bilac demonstra o seu grande talento como orador e sua capacidade de mobilização de diversos grupos em torno de uma ideia. O carisma do poeta, somado às especificidades do local e do público escolhido para sua fala – em sua maioria jovens pertencentes às elites brasileiras –, reforçam o impacto de seu discurso e seus desdobramentos, que levaram a construção de uma memória de Bilac como intelectual patriota²⁵¹.

Para a revista *O Tico-Tico*, Olavo Bilac era uma referência fundamental. Tanto como poeta, amante das letras, como patriota, Bilac condensava as aspirações da revista para a formação infantil naquele momento. Foi em diversas ocasiões descrito na publicação como um dos maiores, senão o maior poeta brasileiro²⁵². Costumava receber homenagens pelo Dia da Bandeira em função da letra do hino e seus discursos eram lembrados em *Lições de Vovô*. Em celebração a sua morte, dedicaram uma página inteira nesta mesma seção, onde relembrou seu cortejo fúnebre e ressaltaram suas qualidades como poeta e protetor da infância:

Olavo Bilac não era apenas “Príncipe dos Poetas”. Quem alli jazia inanimado, e ia partir, e ia desaparecer para sempre, fôra também o amigo da infancia e da mocidade, que elle adorava e enaltecia com entusiasmo, pois as queria ver instruidas, fortes e animadas de civismo, para a garantia da pátria²⁵³.

Apesar da grande admiração pelo poeta, são os textos cívicos do autor que ganham maior visibilidade na revista. O Bilac parnasiano fica em segundo plano diante da personalidade cívica, que escreve diretamente à juventude brasileira. Além do interesse pelo tema, a valorização dessa faceta do intelectual pela publicação também se dá porque seus discursos tinham forte apelo educativo. A educação era, para Bilac, a melhor maneira de imbuir a infância e juventude dos valores nacionais. Na sua fala, ele também era veemente no

251 Patrícia Hansen observa que a partir de 1965, nas comemorações do centenário de seu nascimento, as obras dos anos finais de vida de Bilac ganham mais evidência. Naquele contexto, são suas obras de caráter cívico e patriótico que ganham visibilidade em detrimento de sua obra poética. HANSEN, Patrícia Santos. A Defesa Nacional de Olavo Bilac, entre o patriotismo cívico republicano dos anos 1910 e o autoritarismo militar dos anos 1960. In: HANSEN, Patricia Santos & GOMES, Angela de Castro (orgs.). Op. Cit. P. 409.

252 Um exemplo é a resposta à carta de um leitor sobre o melhor poeta brasileiro, publicada na seção Correspondência do Dr. Sabetudo. *O Tico-Tico*, 10 de setembro de 1913, N° 414, Ano VIII.

253 *O Tico-Tico*, 8 de janeiro de 1919, N° 692, Ano XIV.

ataque ao analfabetismo, que considerava como um dos mais graves problemas nacionais e incompatível com a democracia. Sua concepção de educação, no entanto, ia além da aquisição de conhecimentos referentes às ciências, letras e artes, deveria se estender também ao corpo e a alma. E era a disciplina militar um das mais importantes caminhos para a realização deste ideal educativo²⁵⁴.

Sua campanha, iniciada com o discurso de São Paulo, mas que se seguiu com outros no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná, recebeu grande atenção da publicação. No número 529, a seção *Lições do Vovô* usou a ocasião do Dia da Bandeira para falar, assim como fez Bilac, da apatia do povo em relação aos destinos do país. Ele ressalta a fala de Bilac, remetendo ao discurso proferido na Faculdade de Direito de São Paulo, para dar respaldo aos seus argumentos: “O grande poeta Olavo Bilac bem o disse em seu admirável discurso de São Paulo; o maior mal de que o Brasil está sofrendo é o desanimo, a falta de fé em nós mesmos, em nossa terra, em nosso futuro”²⁵⁵.

O autor da seção, assim como fazia Agostini em seu *A arte de Formar Brasileiros*, culpa as administrações anteriores pela situação de desemprego, miséria e pelo alto custo de vida, mas ressalta que a culpa pelo estado de abandono do país era principalmente dos próprios brasileiros que não trabalhavam como deviam para retirar de sua terra suas verdadeiras riquezas. Também critica a cultura bacharelesca e defende a conquista do campo pelo homem instruído e o investimento em carreiras na indústria e engenharia. As crianças, a quem se destina realizar as mudanças necessárias à regeneração do país, estariam mais preparadas que no passado, graças ao investimento na educação do corpo através dos esportes e, por isso, se tornariam mais capazes de construir um futuro próspero:

Hoje, a pequenada tem a intelligencia mais viva; atira-se aos *sports* e o resultado é que, está-se preparando para nossa terra uma geração mais forte, mais solida, mais resoluta, composta de rapazes que tem adquirido, no exercicio constante do *foot-ball*, do *remo*, do *basket-ball*, do *lawn-tennis*, qualidades de energia, de coragem, de resistência physica e de disciplina, que hão se ser preciosas ao futuro do Brasil.

254RANQUETAT JÚNIOR, Carlos Alberto. A campanha cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga de Defesa Nacional. **Publicatio UEPG**. Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Ponta Grossa, 19, N° 1, Jan-Jun. 2011. P. 11.

255O *Tico-Tico*, 24 de novembro de 1915, N° 529, Ano X.

Nota-se que os argumentos usados em *Lições de Vovô*, principalmente quanto a educação do corpo, vão de encontro às propostas de Bilac em seu discurso e a referência a ele não é acidental. Para dar ainda mais ênfase à valorização dos esportes, ao lado da coluna é publicada uma imagem de um esporte inglês chamado *Pig-Stickming*, em que um cavaleiro tenta acertar com uma lança uma imagem de um porco em uma tabuleta que se movimenta. A imagem dirige a curiosidade dos leitores sob a chamada “*Sports Excêntricos*”.

A campanha pelo alistamento obrigatório e de valorização da militarização da infância chegou a influenciar uma campanha publicitária do *Elixir de Nogueira*, um complemento alimentar voltado para a infância. A propaganda é publicada no número 572 da revista, em forma de tira criada pelo artista Rubens. Ela baseia seu argumento no desejo de uma criança de entrar para a Escola Militar. A tira é intitulada *Pela Defesa Nacional*, em referência a criação da Liga de Defesa Nacional. Nas legendas lê-se:

- Olha, papai, eu quero ser militar – dizia o Zezinho quando era pequeno, sempre que via passar os soldados em forma.
- Mas Zezinho era doente, muito fraquinho, com o sangue viciado por hereditariedade. Papai, desejando fazer a vontade de seu único filhinho...
- ...deu-lhe o maravilhoso depurativo de sangue, para ambos os sexos e em qualquer idade, ELIXIR NOGUEIRA. Zézinho se tornou um forte e robusto rapaz, e afinal, satisfêz sua vocação, assentando praça na Escola Militar²⁵⁶.

256 *O Tico-Tico*, 20 de setembro de 1906, Nº 572, Ano XI.



Imagem 16: Pela Defesa Nacional
O Tico-Tico, 20/09/1916, Ano XI, N° 572.

A campanha de Bilac não se restringiu aos discursos proferidos aos jovens, e em 7 de setembro de 1916 foi criada a Liga de Defesa Nacional. Além de Bilac, a recém-fundada liga recebia a colaboração de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Outros fundadores seriam Rui Barbosa, Wenceslau Braz, Coelho Neto, Pandiá Calógeras e general Caetano de Farias. As bases da Liga foram definidas em discurso na Biblioteca Nacional no dia 7 de setembro, e o local se tornou diretório central da instituição. A Liga, que tinha como princípios a defesa do alistamento militar obrigatório e a educação cívica, nascia no contexto da Primeira Guerra Mundial e do debate sobre o envio de tropas brasileiras ao front, ao lado dos Aliados²⁵⁷. O momento propício para a discussão sobre pátria e nação fez com que um ano depois surgisse também a Liga Nacionalista do Brasil, com sede em São Paulo.

As referências a Liga de Defesa Nacional no *Tico-Tico* eram sempre acompanhadas do nome de Olavo Bilac, que dava sustentação e prestígio a instituição. Tanto na revista, como em uma memória sobre a LDN, os nomes dos demais fundadores são praticamente esquecidos. Isso se deve ao capital simbólico do artista²⁵⁸, que tinha grande circulação na imprensa e fazia questão de cultivar uma memória de si mesmo como uma figura cultural e

257OLIVEIRA, Lucia Lippi. Op. Cit.

258HANSEN & GOMES. Op. Cit. P. 411.

politicamente ativa.

Pouco menos de um mês depois da criação da Liga, a revista *O Tico-Tico* publicou uma breve notícia sob o título *Defesa Nacional*. Ela é acompanhada por uma fotografia de um jovem fardado, em posição de continência. A legenda esclarece que se trata do uniforme da companhia de manobras dos alunos da Escola de Medicina. Na notícia escrevem que “a mocidade brasileira compreendeu patrioticamente a necessidade de receber instrução militar para estar apta a manter nossa independência e defender a honra nacional”²⁵⁹. O texto sugere que a campanha voltada para a educação cívica e militar já causava efeitos na juventude que abarcava o projeto.

É interessante perceber que, neste caso, toda a página se comunicava. Ao lado da notícia e da fotografia, uma matéria sobre esporte, mais precisamente sobre um jogo pela taça Rio-São Paulo. A valorização do esporte, como já foi comentado, fazia parte do programa cívico da campanha e, provavelmente, o objetivo da publicação era aproveitar o espaço para propagar o gosto pelo futebol aos seus leitores. Duas fotografias mostravam os times de Rio e São Paulo no gramado antes da partida.

Alguns números depois, a seção *Lições do Vovô* publica um texto sobre o “Juramento à Bandeira”²⁶⁰. Mais uma vez as comemorações do Dia da Bandeira são pretexto para falar da Campanha de Bilac. Novamente, a revista busca marcar a adesão da juventude às ideias da Liga. Neste texto relacionam o civismo ao cuidado com o corpo, sublinhando a importância da juventude se manter sadia, forte e ágil, em condições de proteger e agir a favor da pátria em caso de guerra:

A mocidade ouviu o apelo eloquente de homens superiores como Olavo Bilac, Pedro Lessa e Miguel Calmon, a mocidade compreendeu que a grandeza e a força do Brazil dependem da robustez, da instrução e da dedicação de seus filhos; a mocidade compreendeu sua missão de preparar para o Brazil uma população forte, adestrada, instruída e resoluta. Forte pela solidez de seus músculos e por sua saúde perfeita, adestrada pela prática dos sports, que robustecem e dão agilidade, pela prática dos exercícios militares, que dão a cada homem as condições necessárias, para ser um bom soldado no dia em que fôr preciso defender nosso território; instruído pelo estudo, pelo preparo intelectual e profissional, que dará a cada homem os meios de ganhar a vida e

259 *O Tico-Tico*, 4 de outubro de 1917, N° 574, Ano XI.

260 *O Tico-Tico*, 25 de outubro de 1917, N° 577, Ano XI.

conquistar fortuna por seu próprio trabalho, resoluto pela consciencia de que a Patria conta com a dedicação de todos para a sua glória²⁶¹.

Não podemos deixar de considerar que crianças e jovens vivenciavam pela primeira vez a experiência da guerra, ainda que a distância. A guerra na Europa era exaustivamente noticiada nos jornais e revistas, que publicavam fotografias, ilustrações e informações enviadas pelas agências de notícias. Mesmo a revista *O Tico-Tico* eventualmente publicava notícias ou curiosidades sobre a Primeira Guerra, interessando-se principalmente pelas inovações tecnológicas trazidas pela guerra, como o uso de porta-aviões.

A revista também abriu espaço para a manifestação de leitores sobre o programa cívico da Liga de Defesa Nacional. Em 30 de janeiro de 1918, o leitor Sylvio V. Vaz publica o texto “Salve Mocidade!”. O texto, de tom patriótico, fala do amor à pátria e do dever de seus filhos de honrar a confiança depositada neles para levar o país ao posto de destaque entre as nações civilizadas. Ele parabeniza a iniciativa dos ilustres fundadores da Liga, dando especial atenção a Olavo Bilac:

Olavo Bilac tem percorrido os nossos Estados, fazendo a propaganda do serviço militar, dando provas de que é um verdadeiro patriota.

Agora trata de fundar uma Associação de Escoteiros, em nome da qual, como inscripto que estou, appello para a creançada leitora d’esta pequena revista.

É a Patria contente, com os resultados obtidos por essas iniciativas, dará o brado: “Salve, Mocidade!”

Na verdade, o objetivo do texto do leitor era conclamar a juventude a ingressar no movimento escoteiro, que ganhava mais uma associação com a benção da Liga de Defesa Nacional. Toda a sua argumentação patriótica converge para a convocação de outras crianças, como ele, a ingressar na nova Associação, vista como a síntese das iniciativas de Bilac e dos demais intelectuais.

261Id.

2.2.1 O Escotismo

O movimento escoteiro no Brasil nasceu a partir do *Centro de Boys Scouts do Brasil*, fundado no Rio de Janeiro, em 1910. Um grupo de oficiais da Marinha recém-chegados da Europa, fundou o Centro a partir da experiência que observaram do movimento de Baden-Powell. Diversas outras associações surgiram a partir de então, geralmente sob a iniciativa de militares. A Liga de Defesa Nacional, identificada com os interesses dos militares, foi uma das mais atuantes instituições na defesa do escotismo no Brasil. É importante lembrar que a defesa do serviço militar obrigatório foi um dos principais pontos do programa da Liga. Olavo Bilac defendia que o exército funcionaria como um laboratório de civismo para os jovens, ajudando-os a pensar a si mesmos como elementos constituintes da pátria e possíveis heróis da nação. Para ele, a supremacia da casta militar só poderia ser combatida com a aproximação da sociedade com as forças armadas. Tornar o cidadão também um militar, e principalmente, forçar essa relação desde a mais tenra idade a partir da educação, poderia ser uma saída para verdadeiramente construir um regime democrático no Brasil²⁶².

Olavo Bilac defendia o movimento escotista como uma estratégia inovadora na formação da consciência e educação cívica da juventude brasileira²⁶³. Essa aproximação ideológica levou a Associação Brasileira de Escoteiros (ABE), criada em São Paulo, em 1914, a se filiar à Liga, que ajudava no desenvolvimento da pedagogia escotista com o incentivo à formação de grupos regionais. Esse incentivo auxiliava, por outro lado, no fortalecimento político da ABE. O apoio da Liga garantiu prestígio ao escotismo que logo ganhou apoio institucional, com a sua implementação nas escolas públicas paulistas, em 1917²⁶⁴.

Desde o início do século XX, os exercícios militares já vinham sendo incorporados ao currículo das escolas primárias e escolas normais no Brasil, em especial em São Paulo. A inserção de práticas militares na cultura escolar levou a formação dos Batalhões Infantis, que funcionavam como uma corporação militar informal, integrada por grupos de jovens estudantes. Eles se reuniam fora do horário regulamentar das aulas, onde realizavam exercícios militares e celebrações cívicas. Apesar de não possuírem um sistema de instrução comum, esses batalhões tinham como objetivo principal desenvolver o sentimento patriótico,

262 *O Tico-Tico*, 3 de novembro de 1915, N° 526, Ano X

263 NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Op. Cit. P. 45.

264 SOUZA, Rosa Fátima. A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno Cedex**. Campinas. N° 52, nov. de 2000. P. 111.

infundir valores cívicos, moralizar os hábitos e instituir a disciplina. Eram, no entanto, muito criticados e acabaram em desuso com a Primeira Guerra Mundial. A prática do escotismo acabou substituindo os exercícios militares dos Batalhões Infantis²⁶⁵.

Na revista *O Tico-Tico* tanto os Batalhões infantis como o movimento escoteiro eram vistos com entusiasmo. A revista publicava com frequência fotografias dos desfiles e das atividades militares desenvolvidas pelos Batalhões em diversas localidades do país. Quanto ao escotismo, a iniciativa sempre foi apoiada pela revista que também lhe dedicava fotografias e diversos números da seção *Lições do Vovô*. Esses artigos buscavam esclarecer aos leitores uma série de pontos do programa escotista, como os exercícios físicos, a relação com a natureza, o cuidado com a higiene, etc.

Os artigos na revista sobre o escotismo começam a aparecer em 1914, com a criação da Associação Brasileira de Escoteiros. Sobre a Associação, a revista dedica uma pequena coluna no número 475, sob o título *Associação Brasileira de “Boys-Scouts”*. Inicialmente parabenizam a associação e publicam os 12 pontos de seu código de conduta. No entanto, ao final criticam o nome escolhido para o movimento, palavra, aliás, que até hoje nomeia o grupo. A crítica mostra uma preocupação purista da língua e uma tendência, muito comum na revista em suas primeiras décadas, de corrigir publicamente os erros gramaticais ou de estilo dos leitores:

Achamos a ideia das mais louváveis, mas, infelizmente, não podemos dizer o mesmo do nome adoptado.

Isso de traduzir a palavra inglesa scout (que significa, vedeta, explorador, espião, batedor, sentinella avançada), por escoteiro – é das mais lamentáveis.

Escoteiro, não só não é a tradução de scout, como não significa cousa alguma; não é palavra portugueza nem de idioma algum: é um neologismo horrendo, um disparate inventado há pouco tempo por alguns jornalistas de Lisbôa.

Mas a fantazia, aliás, desagradável de alguns jornalistas estrangeiros, não deve obrigar 25 milhões de brasileiros à adopção de uma palavra que não existe e nada significa.

Se acham difficuldade em traduzir scout adoptem para o caso, que é de criação ingleza, a palavra ingleza. Chamemo-nos boys-scouts, por que como usamos as expressões foot-ball, tennis, etc., podemos também usar essa, mil vezes preferível a escoteiro²⁶⁶.

265Ibid, P. 108-109.

266*O Tico-Tico*, 11 de novembro de 1914, Nº 475, Ano IX.

Mesmo diante desse estranhamento inicial, o nome acabou sendo aceito e a denominação inglesa, que para o autor seria a mais correta, caiu em desuso na publicação. A partir de 1917, as referências ao movimento escotista se tornaram mais frequentes. Até mesmo Eustórgio Wanderley²⁶⁷, poeta e jornalista que colaborava com textos na revista publicou um conto em homenagem ao escotismo. O título era *O Escoteirinho*²⁶⁸ e seu enredo funciona ao mesmo tempo como propaganda do movimento e recado aos pais que, preocupados com a orientação militarista do grupo, não deixavam seus filhos se alistarem em função da guerra.

O Escoteirinho contava a história de Marcos, menino de doze anos, pequeno e franzino que tinha saúde frágil pois seus pais não deixavam que ele fizesse exercícios físicos nem ficasse exposto ao sol. Quando o movimento escoteiro se organizou, Marcos pediu a seus pais que deixassem que ele se alistasse. Depois de muita relutância, seus pais aceitaram sua admissão. Em pouco tempo, Marcus se tornou um escoteiro de destaque. Gostava principalmente das atividades físicas e se destacava no remo e na natação. Mas quando as associações de escoteiros foram consideradas de utilidade nacional, os pais de Marcos tiveram medo que ele fosse convocado para a guerra e o proibiram de participar do grupo. Marcos logo adoeceu com a proibição. Depois de duas semanas enfermo, não compareceu aos exercícios. No entanto, ao perceber que um menino se afogava, pulou no Rio e conseguiu salvá-lo. Foi recebido como herói pelos escoteiros, mas ao chegar em casa foi criticado pelos seus familiares. No entanto, no dia 15 de novembro recebeu uma medalha de valor e seus pais passaram a entender seu lugar ao lado dos companheiros de pátria.

Em seu texto, Wanderley pretende mostrar que as atividades orientadas pelo movimento escotista voltavam-se para a construção da personalidade heroica do jovem. Por isso, atitudes como abnegação, disciplina, dedicação e esforço eram ressaltadas. A generosidade e bravura de Marcus contrastavam na narrativa com o egoísmo da mãe, que em seu apego superprotetor, não compreendia o objetivo educativo do movimento. A desconfiança dos pais com o escotismo parecia ser um dos entraves ao seu desenvolvimento

267Eustórgio Wanderley nasceu no Recife, em 5 de setembro de 1882. Dedicou-se a diversas atividades, como jornalismo, músico, poesia e teatro. Como jornalista atuou no *Diário da Manhã* e no *Jornal do Recife*, ainda em sua cidade natal. Transferiu-se para capital, onde trabalhou no *Correio da Manhã*, *A Noite Ilustrada*, *Jornal do Brasil*, *O Malho* e *O Tico-Tico*. Foi membro da *Academia de Pernambucana de Letras* e do *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco*. Faleceu em 31 de maio de 1962.

268*O Tico-Tico*, 28 de novembro de 1917, Nº 634, Ano XII.

neste momento e a revista se via investida do dever de esclarecer esse receio, promovendo o maior número possível de informações acerca do grupo.

Neste contexto, uma seção integralmente voltada ao escotismo começou a circular na revista em 28 de dezembro de 1921. Segundo o redator da seção, seu objetivo era preencher uma lacuna dentro da própria revista. O escotismo, assim como a revista “educa e instrue brincando”²⁶⁹ e era lastimável que até o momento *O Tico-Tico* não tivesse se tornado auxiliar deste movimento. Os objetivos da seção, definidos neste primeiro número seriam, em primeiro lugar, orientar os leitores em relação aos principais preceitos do escotismo; em segundo, atender as consultas e dúvidas de leitores acerca do movimento; e finalmente, em terceiro, notícias acerca da organização de grupos, reuniões e celebrações.

O redator sublinha que aquele número era dirigido também aos pais, para que eles compreendessem a importância de insistir na leitura para que seus filhos entrassem em comunhão com o programa patriótico do escotismo. Por isso, escrevem:

Quem vos escreve é também um pae, um pae que se interessa profundamente pela educação cívica dos seus e dos vossos filhos, e que não poupará esforços para que possamos offerter ao Brasil de amanhã uma geração sadia, entusiasta e nobre, que o erga ás alturas que há tanto tempo nós esperamos vel-o erguido.

Como eu, deveis estar fartos de ouvir lamurias, de que somos uma raça infeliz, fraca, sem moral. Somos, é facto, pessimistas e fracos. Mas está em nossas mãos corrigir estes defeitos e é o escotismo que isso fará²⁷⁰.

Nesta breve apresentação, o redator pretende chamar a atenção dos pais para o caráter cívico e patriótico do escotismo, remetendo, como era de costume nas publicações do gênero, a ideia de formação das novas gerações para a construção de um futuro mais próspero. Ele critica as interpretações pessimistas sobre o país que asseveravam em torno de sua fraqueza e inviabilidade, apostando na superação da condição de inferioridade através de uma transformação na educação cívica e pedagógica dos jovens.

No segundo número da seção²⁷¹ é a vez de dirigir-se às mães. O redator publica o relato de uma mãe que chegara à redação parabenizando a revista pela iniciativa. Na carta, a

269 *O Tico-Tico*, 28 de dezembro de 1921, N° 847, Ano XVI.

270 Id.

271 *O Tico-Tico*, 11 de janeiro de 1922, N° 850, Ano XVII.

mãe declara que em vez de dirigir-se aos pais, os redatores deveriam primeiro ter se dirigido às mães, que por sua maior afetividade com seus filhos, preocupavam-se com as longas excursões dos escoteiros e em deixar seus filhos nas mãos de estranhos. Em sua carta, no entanto, a mãe preocupada de um filho escoteiro, dizia se alegrar ao ver o filho em boas mãos, feliz e transformado pelo movimento.

Não cabe aqui afirmar a veracidade do relato mencionado pelo editor, sendo mais importante refletir sobre a escolha da revista em dirigir os dois primeiros números da seção aos pais, ao invés dos filhos. O respeito e obediência à família era um dos valores defendidos como fundamentais na formação do jovem escoteiro. Além disso, parecia importante conquistar os pais para garantir a comunhão familiar em torno do projeto escotista.

O primeiro número da seção foi publicado em página inteira, com uma estrutura bem simples. Não havia um cabeçalho, somente o título. No segundo número da seção, os editores adotaram um cabeçalho bem elaborado com ilustração que remetia a um acampamento escoteiro. Um menino em posição de destaque, vestido com o uniforme escoteiro carregava uma grande bandeira com o título da seção. O título, por sua vez variou entre *Escotismo* e *Escoteirismo*, este último mais comum entre o fim dos anos 1920 e início de 1930²⁷². Esse primeiro cabeçalho circulou até 1927, quando outro que também simulava um acampamento foi adotado provisoriamente. Um terceiro, com meninos com o chapéu de escoteiro entre as letras do título foi mais longo, aparecendo até 1930. Neste mesmo ano, quando a seção já era menos frequente, foram adotados três cabeçalhos diferentes, até que uma estrutura definitiva para a seção desapareceu e conteúdos sobre o escotismo passaram a aparecer em colunas esparsas.

²⁷²Na seção *Escotismo*, publicada no número 1016, de 25 de março de 1925, o autor esclarece a dúvida sobre a grafia correta do nome movimento. Segundo a Comissão de Lexicografia da Academia Brasileira de Letras, que teria sido consultada pela União dos Escoteiros do Brasil, o mais correto seria a utilização do termo *escoteirismo*, por ser palavra derivada no nosso vernáculo de escoteiro. A adoção do sufixo *ismo* serviria para exprimir o aspecto de doutrina. Em vista do parecer, o autor sustenta a adoção de *escoteirismo* ao invés de *escotismo*, no entanto, este último continua sendo usado eventualmente.



Imagem 17: Primeira estrutura da seção Escotismo
O Tico-Tico, 11/01/1922, Ano XVII, N° 850

As ilustrações que compunham a seção procuravam valorizar a ideia de coletividade presente no movimento. Elas procuram mostrar atividades em grupo, destacando a interação entre os jovens. Procuram também ressaltar as atividades ao ar livre, focalizando especialmente a movimentação do acampamento, com a montagem de barracas, fogueiras e divisão de tarefas. Eventualmente, uma criança aparece destacada, como na imagem acima, sugerindo o espírito de liderança que, apesar da noção de coletividade existente na proposta do movimento, era característica marcante nesse tipo de organização. As imagens relacionadas ao escotismo também procuram chamar atenção para a padronização, com crianças e jovens sempre uniformizados, sugerindo ao mesmo tempo uma aproximação com as instituições militares e com o espaço escolar, ressaltando seu caráter educativo.

Em seus primeiros anos a seção era assinada por Velho Lobo. Mesmo depois que deixou a seção, seus textos e comentários continuaram a ser publicados eventualmente na revista. Ela circulou de maneira diferenciada entre 1922 e 1930. Até 1925 foi bastante frequente e ocupava cerca de uma página inteira da revista. A partir de 1926 passou a ser cada vez menos frequente, até que deixou de ser publicada em 1930. Em 5 de agosto de 1931²⁷³, Velho Lobo escreve novamente na revista em uma tentativa de retomar a seção. Segundo ele, o fim dos artigos sobre o escotismo, antes frequentes, se deviam principalmente ao seu afastamento da capital. A seção voltou a aparecer em alguns números entre os anos de 1931 e

2730 *Tico-Tico*, 5 de agosto de 1931, N°1348, Ano XXVIII.

1933, mas sem o mesmo vigor de outrora. Acaba definitivamente em 1933, mas eventualmente notícias sobre o escotismo apareciam na revista, com menos espaço e lugar indefinido.

Pela diversidade de cabeçalhos é possível perceber que no fim dos anos 1920 e início da década seguinte não havia uma preocupação tão grande em manter a regularidade da seção. Matérias sobre o escotismo foram publicadas também nos almanaques de fim de ano. Os primeiros números foram dedicados a apresentação do movimento, suas regras, formas de organização e um pouco da história do nascimento dos *Boys-Scouts* na Inglaterra.



Imagem 18: Logotipos da seção Escotismo.

O Tico-Tico, Ano XVIII, 18/01/1923; Ano XXII, 12/10/1927; Ano XXV, 26/02/1930;
Ano XXV, 30/04/1930, Ano XXX, 13/12/1933.

No número 852²⁷⁴, a seção abordou algumas diferenças do movimento criado na Inglaterra e daquele estabelecido no Brasil. Para Velho Lobo parecia importante que os

²⁷⁴ 2740 Tico-Tico, 1 de fevereiro de 1922, N° 852, Ano XVII.

leitores compreendessem que as diferenças observadas não deveriam ser fruto de críticas, mas decorriam da necessidade de adequar o escotismo às realidades específicas do nosso país e sua juventude. Ele ressalta a importância dos novos grupos escotistas, por este motivo, se remeterem sempre aos parâmetros estabelecidos pela ABE. A defesa da capacidade organizacional da Associação revela que a seção mantinha relações estreitas com a instituição. No número 854, a questão é novamente levantada, enfatizando a necessidade do estabelecimento de associações que organizem os mecanismos de instrução propostos pelo escotismo: “Já lhes disse certa vez que os grupos são orientados pelas associações, cujo fim é unificar a instrução; que será o ideal quando tivermos uma só Associação orientadora, porque então o escotismo seria realmente orientado de uma maneira única”²⁷⁵.

Para além do fato de Velho Lobo ser um dos fundadores da UEB e, por isso, diretamente interessado em promover a associação do maior número possível de crianças e jovens nos grupos de escoteiros, a própria revista *O Tico-Tico* procurava incentivar a filiação de seus leitores. O consumo do escotismo não deveria, portanto, se restringir às leituras da própria publicação, seu caráter formativo coletivo pressupunha a intensa participação das crianças e jovens para que a intervenção educativa se realizasse plenamente.

Outra questão que aparece ainda nos primeiros números da seção é a participação feminina no escotismo. Velho Lobo comenta que a participação de meninas no movimento escotista vinha sendo muito mal compreendida. A maioria das pessoas, segundo ele, acreditava que o escotismo não deveria se estender às mulheres. No entanto, ele apresenta algumas orientações da ABE para a formação de *guais*, como eram chamadas as “escoteiras”. Sobre esse assunto, ele declara:

Certamente, se as meninas fossem imitar o escotismo dos rapazes, eu seria o primeiro a reprovar. Mas não há tal. O único ponto de contacto entre elles é que ambos procuram o ar livre, a pureza dos campos e mattas para revigorar e aperfeiçoar os seus filiados e adeptos.

Aliás, o nome *escoteira* presta-se á suspeita de semelhança com o escotismo dos rapazes. Baden Powell para evitar tal confusão, chamou-as *girls-guides* e recomenda bem que se evite o título de *escoteiras*.

Girls-guides...bellissimo e apropriado nome!

Podemos tomal-o para nós. Mas, se o formos traduzir jovens-guias,

275 *O Tico-Tico*, 15 de fevereiro de 1922, Nº 854, Ano XVII.

formaremos um feio cocophaton, sobretudo quando nos referirmos no singular (jov...enguia). Mas há uma solução: adoptaremos para as nossas escoteiras o nome de guias, simplesmente.

E é um nome muito adequado. Como futuras mães, vão ter o encargo de educar as gerações vindouras, vão ser as guias de nossos homens de amanhã²⁷⁶.

Mesmo com o incentivo à participação das meninas com o título bastante sugestivo de “guias”, fica claro que o lugar da menina no futuro do país é bastante diferente do menino: enquanto ele é formado para ser o futuro cidadão, a quem caberia construir o país sob novas bases, às mulheres são as futuras mães de famílias, a quem bastaria o trabalho de educar outras gerações segundo os valores familiares. A ideia de formação de meninos e meninas é diferenciada na pedagogia escotista e não fica muito claro se as mesmas atividades se aplicariam aos dois gêneros. Enquanto o menino era formado para sentir-se como um herói, parecia que às meninas bastava participar, mas sem perspectiva de protagonismo.

O tema do escotismo toma também outros espaços da revista, revelando sua relevância para os editores e, talvez, sua popularidade entre os leitores. Na edição de 14 de fevereiro de 1923, a capa apresenta uma história em quadrinhos em que *Chiquinho* e *Benjamin* são escoteiros. Na história, *Chiquinho*, que almejava entrar para o grupo de escoteiros, salva uma criança do atropelamento por cavalos. Pela sua coragem e atitude acaba ovacionado por todos e, ao invés do castigo de costume, recebe beijos da família. A educação escotista, como se vê na história, foi capaz de regenerar o menino traquinas, livrando-o das costumeiras palmadas.

276O *Tico-Tico*, 24 de maio de 1922, N° 868, Ano XVII.



Imagem 19: O Dever do Escoteiro, Desventuras de Chiquinho O Tico-Tico, 14/02/1923, Nº 906.

O escotismo ganha fôlego no Brasil na década de 1920. Na esfera educacional, os anos 1920 foram de grande aproximação com as ideias do escotismo, que tiveram participação proeminente nos festejos do Centenário da Independência, em 1922. Sua participação nos desfiles cívicos tinha como objetivo dar feição mais popular e reforçá-lo como evento patriótico²⁷⁷. Para Souza, esse foi um momento de ressurgimento da ideia de militarização da infância, que remontava a memória dos Batalhões Infantis. A sistematização e racionalização do movimento pelos órgãos de administração pública e pela Associação Brasileira de Escotismo garantiu a força do escotismo pelo conjunto da sociedade.

A ideologia do grupo também se fortaleceu com a expansão de movimentos de cunho autoritário, principalmente a partir de 1930. Essa aproximação foi especialmente sensível com a Ação Integralista Brasileira. A AIB reservava um papel importante na formação da juventude e seu programa também valorizava temas relacionados à ordem, pátria e moral.

277SOUZA, Rosa Fátima. Op. Cit. P. 115.

Ainda que os escoteiros evitassem filiações de ordem política, procurando esclarecer que o dever com a pátria superava grupos, partidos e orientações ideológicas, a AIB chegou a estruturar uma Divisão de Escotismo no Departamento de Plinianos, em 1936. A UEB se negou a incorporar os plinianos aos seus quadros²⁷⁸, mas se beneficiou de um novo fôlego no interesse da juventude no movimento.

A radicalização do discurso nacionalista e a proximidade com a Segunda Guerra também teriam reforçado a afinidade das forças armadas com o movimento escotista, que sempre contou com um grande número de militares nos quadros das associações. Interessante perceber, no entanto, que, na medida em que aumentava a aproximação com grupos políticos autoritários, a presença de conteúdo sobre o escotismo diminui na revista. Isso não significa que a própria revista não se mostrasse eventualmente simpática a ideologias de caráter autoritário, apenas indica certa resistência em responder intempestivamente a novas realidades políticas que se afiguravam.

Mesmo com a diminuição do conteúdo sobre o escotismo a partir dos anos 1930, não é difícil observar a relação estabelecida pela revista entre sua ideia de cidadania voltada ao público infantil e a formação do escoteiro. Mesmo que essa relação não estivesse diretamente explícita no texto, os comportamentos e valores do movimento iam de encontro com o moralismo e com a ideia de educação desenhada pela revista naquele momento. Se nas lições de Agostini a instrução da criança deveria assumir um caráter pragmático, voltada a construção de habilidades que possibilitassem seu sucesso profissional no futuro, a ação moral do cidadão, que deveria cultivar bons sentimentos e espírito altruísta passou a ganhar maior centralidade em alguns artigos publicados a partir da década de 1930.

Além da nova conjuntura política que se desenhava, é importante lembrar que a revista passava por uma fase de remodelação a partir do incêndio às dependências da empresa *O Malho*. Assim como a revista principal ganhou características novas, praticamente abandonando a verve crítica de outrora, a congênere infantil também passou a obedecer novos procedimentos. O aumento do conteúdo moralista e mesmo religioso é uma das características deste novo momento da publicação e as publicações acerca da formação cidadã e do escotismo caminhavam para a afirmação da ideia de que a criança e o jovem deveriam “fazer o bem a si, a seus semelhantes e, por consequência à Pátria”²⁷⁹

278NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Op. Cit. P. 47.

279Ao Escotismo. *O Tico-Tico*, 12 de agosto de 1931, N° 1349, Ano XXVIII.

No artigo publicado em *Lições do Vovô*, denominado “Como Formar Cidadãos”²⁸⁰, o redator defende que um bom cidadão é aquele que possui “um espírito educado na escola dos bons sentimentos, dotado de uma cultura científica e religiosa”. Esse cidadão “só pode querer aquilo que traga benefícios para o seu semelhante e para si mesmo”. Ainda defende que o verdadeiro cidadão deve realizar o “evangelho do homem na sociedade”, que significaria “agir pelo bem e para o bem”. Esse discurso que apela para a linguagem religiosa não era tão comum nas primeiras décadas da revista, onde a discussão de uma república laica ainda tomava os debates de políticos e intelectuais na imprensa.

A linguagem religiosa não se restringia a esta seção, que no mesmo número apresentava dois contos religiosos: *O Pastorzinho Isaias*, de Olavo Chaves, e *Reis Magos*, do editor-chefe Carlos Manhães. Estes contos, no entanto, dividiam o espaço da revista com as travessuras de *Chiquinho*, as aventuras de *Gato Felix*, e do ratinho curioso *Mickey Mouse*, as confusões de *Zé Macaco e Faustina*, de Alfredo Storni, e *Kaximborn e Pipoca*, de Max Yantok. A manutenção do humor através destes personagens indica que, apesar da aproximação com uma moralidade católica²⁸¹, a revista não planejava se tornar uma publicação religiosa.

O uso da linguagem religiosa ao tratar da educação moral contrasta também com a publicação de seções voltada as ciências, em especial às ciências da natureza, que se tornam cada vez mais frequentes na revista. A presença dessa diversidade de materiais servindo ao mesmo tempo às funções recreativas e educativas não parecia, no entanto, criar nenhum tipo de distensão no projeto da revista, que procurava naquele momento valorizar tanto a instrução técnico-científica, como a espiritual, moral e patriótica. Esse possível paradoxo é ainda mais irrelevante se levarmos em consideração a ativa participação de intelectuais católicos nas discussões públicas sobre a educação e mesmo o alinhamento observado durante a Era Vargas entre os interesses católicos e o Ministério da Educação e Saúde, ainda que estas relações se mantivessem com alguma tensão nos primeiros anos do Governo Provisório²⁸².

280 *Tico-Tico*, 7 de janeiro de 1931, Nº 1318, Ano XXVIII.

281 É importante sublinhar também que desde o seu estabelecimento no país, o escotismo manteve relações próximas com a Igreja Católica, que foi uma das mais entusiasmadas propagadoras do movimento. A formação da União dos Escoteiros do Brasil, em 1924, foi iniciativa de diversos grupos de escoteiros, inclusive da Associação de Escoteiros Católicos. As atividades do movimento eram constantemente citadas na seção sobre o escotismo na revista *O Tico-Tico*.

282 Esse alinhamento se deu principalmente pelas figuras de Francisco Campos e Gustavo Capanema, através do apoio de Alceu Amoroso Lima. BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Wanda Maria Ribeiro & SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. São Paulo: FGV, Paz e Terra, 2000. P.73-74.

Essa ideia de um cidadão abnegado, que trabalha para o seu crescimento pessoal e de seus compatriotas, moralmente educado para propagar o bem na sociedade parecia, portanto, adequado aos debates sobre educação que se acirravam no contexto. Ele aparece novamente em *Lições do Vovô*, no número 1359, cujo título é “Para ser bom cidadão”²⁸³. Em suas lições, Vovô o define o cidadão como

Dotado de predicados morais que o elevam no conceito de seus concidadãos, psosuidor (sic) de cultura solida, o homem necessariamente se inclina ao trabalho em prol da coletividade. E nesse trabalho, meus netinhos, é que qualquer indivíduo tem ou não ensejo de ser bom cidadão.

O estudo e o trabalho continuam sendo valores identificados como essenciais aos cidadãos que vão se formando ainda na infância, no entanto, a identificação destes comportamentos com a coletividade vai se fortalecendo no discurso dos redatores da revista. Não podemos dizer que há uma ruptura ou mudança em relação ao discurso anterior, mas a adaptação de novos conceitos identificados com a ideia de comunidade. Em “O que é preciso para ser bom cidadão”, em *Lições do Vovô*, de 1933²⁸⁴, o escritor da seção defende que a vida em sociedades civilizadas deve contar com indivíduos preparados, ou seja, instruídos e educados para vida útil. No entanto, estas virtudes não teriam valor sem uma moral sã. Para ele, o respeito, a obediência e a dedicação ao outro seriam essenciais na formação do cidadão, sendo que sua individualidade só poderia ser imposta através da dedicação ao próximo.

A identificação de um outro ou de um próximo, que ajuda a representar uma ideia de coletividade se torna mais presente nos textos voltados ao aconselhamento moral. A noção de individualidade aparece, então, submetida ao coletivo, em uma experiência cívica que poderia garantir a unidade nacional. A mobilização individual voltada para o interesse coletivo aparece em diversas práticas educativas durante o governo Vargas, em especial durante o Estado Novo. Um exemplo bastante conhecido é o do canto orfeônico, utilizado como prática educativa na mobilização de estudantes para a formação de corais de estudantes que se apresentavam em eventos culturais e festas cívicas no país. O canto orfeônico era uma modalidade de canto coletivo que substituíria na educação musical o canto lírico e o canto coral. Para Heitor Villa-Lobos, que encampou apaixonadamente o projeto, além de introduzir

2830 *Tico-Tico*, 21 de outubro de 1931, N° 1359, Ano XXVIII.

2840 *Tico-Tico*, 22 de fevereiro de 1933, N° 1429, Ano XXX.

a noção de disciplina, o canto orfeônico ajudava a suprimir a individualidade excessiva, reforçando a solidariedade humana necessária para garantir a participação humana nas grandes nacionalidades²⁸⁵.

Assim como a educação musical, a pedagogia escotista dirigia o objetivo formativo da criança e do jovem para a experiência coletiva. A ideia de uma educação que valorizasse mais a experiência coletiva em detrimento da individual era entendida por alguns intelectuais como etapa importante no processo de nacionalização do ensino. Oliveira Vianna, cuja atividade intelectual ganha grande envergadura no período, defendia que o sistema escolar se preocupasse em estimular a vida coletiva. O sentimento de coletividade, segundo o autor, seria a base da consciência cívica e do devotamento ao grupo nacional²⁸⁶.

Já na vigência do Estado Novo, a educação cívico-patriótica vai aparecer também associada aos interesses do Estado. O esforço educativo voltado à formação da personalidade da criança-cidadã não parecia apenas como uma tarefa individual e familiar, mas igualmente um espelho dos interesses coletivos imanados pelo líder da nação. O papel da revista não parecia ser apenas propor e encaminhar estratégias de formação moderna e republicana para crianças e jovens, mas também adaptar e dialogar com um projeto de formação infantojuvenil em curso.

2.3 Mensagens à Juventude Brasileira: o homem novo de Getúlio Vargas

Em 3 e 10 de abril de 1940, a revista *O Tico-Tico* publicou o Decreto-lei 2.072 do presidente Getúlio Vargas, que criava a Juventude Brasileira²⁸⁷. Este decreto tinha como objetivo garantir a obrigatoriedade da educação moral, cívica e física na infância. A Juventude Brasileira seria responsável por organizar e ministrar, dentro e fora das escolas, ações voltadas para a formação da consciência patriótica entre crianças e jovens de 7 a 18 anos. Antes do decreto, o projeto para a constituição da Juventude Brasileira foi alvo de controvérsias, já que suas bases se aproximavam de experiências estrangeiras, concebidas em regimes totalitários

285VILLA-LOBOS, Heitor. Educação Musical. Presença de Villa-Lobos, Rio de Janeiro: MEC/Museu Villa-Lobos, N° 6, 1971, P. 170. Apud PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945). *Artefilosofia*. Ouro Preto, N° 1, Jul. 2006. P. 154.

286BOMENY; COSTA & SCHWARTZMAN. Op. Cit. P. 91-92.

287*O Tico-Tico*, 3 de abril de 1940, N° 1800 e *O Tico-Tico*, 10 de abril de 1940, N° 1801, respectivamente.

fascistas, como Portugal, Itália e Alemanha.

O projeto original, apresentado ao presidente em março de 1938, propunha a criação da Organização Nacional da Juventude, que pretendia arregimentar militarmente a juventude brasileira. O projeto não contava com a participação do Ministério da Educação e Saúde, tendo sido sugerido pelo ministro da Justiça, na figura de Francisco Campos. O projeto pretendia transferir para o Estado a tutela da juventude e comandar a formação de uma milícia infanto-juvenil. A juventude, compreendida entre a idade de 8 e 18 anos, se prestaria a uma espécie de serviço militar, onde, além das atividades físicas, infundira-se o sentimento cívico e patriótico.

A Organização Nacional da Juventude ficaria sob o comando do Presidente da República, sendo dirigida por uma Junta Suprema, comandada pelo presidente, pelo Ministro da Justiça e pelo Ministro da Guerra. Além da Junta, a ONJ ainda contaria com um Conselho Nacional, formado por um secretário-geral e mais 15 cidadãos, sendo um deles um membro da Igreja Católica, todos nomeados pelo próprio presidente. O Conselho Nacional ficaria responsável por organizar as atividades da instituição e empreender a divulgação de suas ações. A ONJ também contaria com conselhos estaduais e municipais. Ou seja, uma vasta burocracia seria criada para atender aos interesses da nova instituição sugerida pelo ministro Francisco Campos.

A ideia de tornar a educação um instrumento de controle era parte integrante da política autoritária, que se estabeleceu, segundo Eliana Dutra, a partir de um movimento de fascistização observado na sociedade brasileira nos anos 1930. Imagens portadoras de uma finalidade totalitária passavam a integrar o discurso de intelectuais, parlamentares, religiosos, integralistas e empresários. Palavras como ordem, família, pátria, trabalho e moral vão confluir em uma ideia de ordem social²⁸⁸. A educação, como possível formadora da disciplina e da ordem, tornava-se objeto de disputa pelos grupos mais conservadores e autoritários do Estado. Observa-se, por exemplo, tentativas de vincular o exército ao sistema educacional, na tentativa de enraizar o espírito militar na consciência dos jovens brasileiros.

A ideia de militarização da sociedade civil retorna na década de 1930. Proposta por Olavo Bilac, em 1915, como vimos anteriormente, ela é retomada com vigor em especial no Estado Novo. Lembrado como um dos mais importantes propagadores da ideia do alistamento

288DUTRA, Eliana de Freitas. Op. Cit., 2012. P. 24

obrigatório, o poeta voltava a ser saudado pelas corporações militares. As conjunturas internacionais de guerra teriam ajudado nesta reaproximação com as ideias de Bilac. Assim como no contexto da Primeira Guerra, parecia interessante naquele novo momento político pensar em mecanismos de instituição de uma mentalidade militar no conjunto da sociedade civil²⁸⁹. Essa retomada da memória de Bilac aparece também com o Decreto-Lei 1.908, de 26 de dezembro, que instituía o dia 16 de setembro, data de nascimento do poeta, como Dia do Reservista. A figura de Bilac foi usada, neste sentido, para ajudar a promover o alistamento no contexto da Segunda Guerra Mundial. A ideia do soldado-cidadão transfere-se de uma noção abstrata de pátria para a filiação do Estado e ao regime de guerra²⁹⁰.

Mas apesar desse espírito totalitário presente principalmente na figura do Ministro da Justiça, o decreto recebeu muitas críticas tanto do Ministério da Guerra, que temia que o exército perdesse sua autonomia na preparação dos jovens para o alistamento militar, quanto do Ministério da Cultura e Saúde, que não concordava com a orientação militar dada ao projeto. Defendiam que mais importante seria formar cidadãos e não uma juventude militarizada, enfrentando a questão do analfabetismo, que não era preocupação, por exemplo, nos países que inspiraram o projeto. A Organização Nacional da Juventude teria sido um ensaio fracassado de fascistização do Estado²⁹¹.

A criação da Juventude Brasileira foi, então, resultado da transformação de um projeto de caráter fascista em um programa cívico e pedagógico. A ideia do Ministério da Educação e Saúde, que passava a centralizar a discussão, era padronizar o ensino e concentrar a gerência das atividades escolares no Estado e mais especificamente no Ministério. Ao contrário do projeto de Francisco Campos, o ministro da educação Gustavo Capanema esperava que a escola fosse protagonista na educação cívico-patriótica das crianças e jovens. A criação da Juventude Brasileira foi, então, um dos caminhos para a edificação de um projeto mais amplo de nacionalização do ensino.

Os princípios fundamentais da Juventude Brasileira, estabelecidos em decreto eram: prestar culto à bandeira nacional e adotar o hino nacional como expressão de seu fervor; a admissão de um cântico e bandeira como expressão de sua unidade moral; realizar a educação

289BOMENY, Helena M. B. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. P. 143.

290HANSEN, Patrícia Santos. Op. Cit, 2016. P. 412.

291BOMENY, Helena M. B. Op. Cit, P. 150.

moral, cívica e, eventualmente intelectual da juventude brasileira e, de acordo com o desejo dos pais, ministrar educação religiosa. As atividades da Juventude Brasileira seriam realizadas em centros cívicos especialmente destinados a essa finalidade. Esses espaços receberiam instalações apropriadas voltadas para as diferentes modalidades educativas propostas à Juventude Brasileira e receberia apoio do Ministério da Guerra e da Marinha em atividades pertinentes a essas áreas.

O projeto da Juventude Brasileira determinava distinções quanto aos objetivos da educação moral e cívica destinada a homens e mulheres. Partindo da premissa de que meninos e meninas teriam papéis diferentes no futuro do país, aos jovens do sexo masculino cabia disseminar o amor ao dever militar, a consciência da responsabilidade do soldado e o conhecimento de assuntos militares. À mulher caberia o aprendizado da enfermagem, para que pudesse cooperar com as atividades de guerra, caso necessário. Aos homens a ideia de dever com o país está o tempo todo explícito, já às mulheres seria necessário garantir especial consciência sobre seus deveres com o lar e com a família, assim como a difusão do gosto à vida doméstica e ao cuidado dos filhos.

Na revista *O Tico-Tico*, o projeto foi recebido com euforia. Nos números subsequentes a publicação do Decreto-lei várias páginas estampavam pequenos quadros com mensagens a Juventude Brasileira, conclamando os leitores a saudar e participar do projeto. As mensagens proclamavam: “É dever das crianças do Brasil pertencerem à 'Juventude Brasileira’”²⁹², “A 'Juventude Brasileira' é a esperança do Brasil”²⁹³, “Crianças do Brasil, teu lugar está a tua espera nas fileiras da organização 'Juventude Brasileira’”²⁹⁴, “Seja um entusiasta da 'Juventude Brasileira’”²⁹⁵.

Na seção *Lições do Vovô*, de 7 de agosto de 1940²⁹⁶, o autor comenta da proximidade das festividades do dia 7 de setembro e cita a Juventude Brasileira como uma iniciativa patriótica: “Que espetáculo maravilhoso será o da cidade, quando todos vocês, meus netinhos – mesmo sem estarem alistados a 'Juventude Brasileira' – conseguirem convencer os seus papais de que em cada casa deve ser desfraldada uma bandeira”. O autor deixa transparecer sua satisfação com o projeto e fala de alistamento à instituição. No entanto, no Decreto-lei

292 *O Tico-Tico*, 10 de abril de 1940, N° 1801, Ano XXXV.

293 *O Tico-Tico*, 17 de abril de 1940, N° 1802, Ano XXXV.

294 *O Tico-Tico*, 24 de abril de 1940, N° 1803, Ano XXXV.

295 Id.

296 *O Tico-Tico*, 7 de agosto de 1940, N° 1818, Ano XXXV.

não há nenhuma menção a qualquer tipo de alistamento por parte da criança. Todas as crianças e jovens em idade escolar estariam obrigatoriamente inscritos no programa, que atuaria também no espaço da escola. A menção a essa forma de adesão pode significar uma permanência no imaginário das discussões anteriores do projeto ou pode indicar sua imediata associação aos projetos fascistas portugueses, italianos ou alemães.

No número 1852²⁹⁷, mesmo sem citar o projeto da Juventude Brasileira, *Lições do Vovô* comenta sobre o grande avanço na educação nacional nos últimos anos e ressalta que esta melhoria teria origem no interesse de grandes patriotas, como o presidente Getúlio Vargas, em primeiro lugar, e o prefeito Henrique Dodsworth, do Distrito Federal. Ele ressalta ao fim a importância das crianças e jovens em fazer a sua parte para que esse grande trabalho de desenvolvimento da educação nacional continue:

Nunca, meus meninos, nunca como nos dias atuais, se cuidou tanto e tão interessadamente, no nosso Brasil, da instrução e da educação da infância. Nestes últimos anos, ou seja depois do início do governo do Presidente Getúlio Vargas, o problema da instrução, da abertura de escolas, do aperfeiçoamento dos métodos de ensino têm sido tratado com grande apreço, e em todos os Estados os Delegados do Govêrno Nacional teem seguido a mesma orientação louvável, tornando aos poucos realidade o belo sonho dos que desejam extinguir de uma vez o analfabetismo no Brasil.

(...)

Os esforços destes homens patriótas serão perdidos (sic) e inúteis, se vocês não colaborarem com êles. E como será essa colaboração? Estudando, meus netinhos, estudando e aproveitando as facilidades, os cuidados, o interêsse governamental. Isso não é apenas um dever que vocês teem para com vocês mesmos, com suas famílias e para com a Pátria, mas será uma forma de gratidão, uma forma de retribuição pelo que êles dão a vocês.

Nesta passagem é possível perceber certa mudança no discurso de Vovô. Em diversos momentos, o autor da seção e outros redatores se colocaram criticamente quanto ao desinteresse dos políticos em relação aos direitos fundamentais do cidadão, sobretudo no período da Primeira República. No contexto anterior, mesmo que o discurso da Pátria estivesse presente, havia uma certa desilusão na capacidade política de arregimentar esforços para o estabelecimento destas garantias. Cabia ao conjunto da sociedade, de posse de um

297 *O Tico-Tico*, 2 de abril de 1941, Nº 1852, Ano XXXVI.

sentimento cívico, construir uma harmonia de forças que levaria a um futuro mais próspero. A adesão ao regime do Estado Novo aparece, nesse caso, tanto na constatação dos avanços no campo educativo, propagado com grande vigor pelo Departamento de Imprensa e Propaganda²⁹⁸, como na ideia de gratidão e retribuição a obra destes homens. O esforço coletivo, neste caso, não se adequava mais ao discurso liberal de união da sociedade civil para o bem comum, mas visava corresponder a um esforço do chefe do Estado em relação aos interesses do povo. A ideia de uma cidadania que se expressaria na ampla participação da sociedade civil nos destinos da nação é substituída pela ideia de respeito às autoridades, harmonia e coesão²⁹⁹.

É em torno da figura do líder que a unidade nacional passaria a se estabelecer. Por isso, saudá-lo era um dever patriótico e atitude cívica. Em *Lições do Vovô*, de 16 de abril de 1941³⁰⁰ era o momento de comemorar o aniversário do presidente e comentar sobre a tentativa de criação do Dia da Juventude Brasileira naquela data. O aniversário do presidente se tornaria uma data cívica a ser comemorada por todos os brasileiros. O dia 19 de abril seria momento de homenagens ao nascimento do presidente e, em correspondência, a criação de uma instituição destinada a cuidar do futuro das crianças e jovens do país:

Todos nós sabemos como o nosso Presidente é devotado amigo das crianças e dos jovens, que constituem uma das mais sérias preocupações de seu governo.

Alguém propôs que a data de 19 de abril passe a ser considerada como o “Dia da Juventude Brasileira” e a medida foi mesmo decretada por vários interventores federais

Nada mais justo, meus netinhos, do que isso de se ligar por mais esse laço à pessoa do Chefe da Nação, a nossa juventude que jamais teve, em tempo algum, melhor e mais desinteressado amigo, nem melhor guia, nem melhor exemplo e paradigma.

Esse dia, em que o Brasil festejará mais um ano de seu unificador, renovador e chefe, não poderá ter, para a juventude brasileira, outro que o ultrapasse em satisfação, em júbilo, em alegria. Sendo a data que recordará “o menino de São Borja”, que viria a ser anos depois, um dos mais destacados estadistas da América, vai ficar a partir de agora assinalada fortemente na história da nossa cultura, pelo número de escolas que serão inauguradas à sua passagem, escolas que serão viveiros onde se desenvolverão os patriotas de amanhã, e

298 CAPELATO. Op. Cit., P. 229-247.

299 DUTRA, 2012. Op. Cit., P. 152.

300 *O Tico-Tico*, 16 de abril de 1941, Nº 854, Ano XXXVI.

onde se cultivará, acima de tudo o amor ao Brasil, seguindo o exemplo do criador do Estado Nacional.”³⁰¹

O dia 19 de abril passa a fazer parte das comemorações cívicas realizadas no interior da Juventude Brasileira, mas não passa ao calendário cívico oficial. Ainda assim, eram realizados desfiles patrióticos e paradas militares em homenagem à data, em muitos casos com a participação do presidente³⁰². No programa da Juventude Hitlerista, o aniversário do *Führer*, no dia 20 de abril, era comemorado com uma parada militar, em que os jovens alistados mostravam sua devoção ao líder, sua adesão ao regime e seu vigor físico. O dia 20 de abril se tornou também o dia oficial de adesão ao movimento alemão. A Juventude Brasileira também contava com outras datas em seu calendário cívico, como o Dia da Raça, em 5 de abril, e o Aniversário do Estado Novo, em 10 de novembro.

2.3.1 *Por que me orgulho de ser brasileiro?: novas mensagens à Juventude Brasileira*

Na edição de 9 de Julho de 1941³⁰³, a revista *O Tico-Tico* passou a publicar uma nova seção chamada *Mensagens à Juventude Brasileira*, que também contava com um subtítulo *Por que me orgulho de ser brasileiro?*. Nessa nova seção, ilustrada por Fragusto, a revista convidava personalidades para deixar aos leitores mensagens de orgulho patriótico. A ideia é que esses depoimentos, geralmente breves, estimulassem o patriotismo dos jovens leitores

Neste momento, a revista passava por uma fase de remodelação em seu conteúdo, passando a ser mensal. A revista contava com um grande número de histórias em quadrinhos nacionais e estrangeiras, seções de história e geografia do Brasil, curiosidades científicas, contos infantis, passatempos, brinquedos de armar e publicidade. Ao se tornar mensal, a capa da revista passa a dedicar cada mês a um evento diferente e as edições de abril eram dedicadas ao Dia da Juventude Brasileira.

No primeiro número da nova seção é apresentado aos leitores seu objetivo, que seria transmitir aos jovens do Brasil “mensagens de brasilidade e ardor patriótico (...) firmados pelos maiores vultos da nossa cultura”. O primeiro número apresenta a mensagem de Levi

301Id.

302STEIN, Cristiane Nunes. **Por Deus e pelo Brasil**: a Juventude Brasileira em Curitiba. Dissertação (mestrado). 2008. UFPR, Curitiba, 2008. P. 111.

303*O Tico-Tico*, 9 de julho de 1941, N° 1866, Ano XXXVI.

Carneiro³⁰⁴, escritor e advogado, membro da Academia Brasileira de Letras. Levi Carneiro responde a pergunta que dá nome à seção da seguinte maneira:

- pela beleza, pela feracidade, pela opulência da terra brasileira – desde as praias alvíssimas às montanhas verdejantes.
- pelo fulgôr da luz das estrelas e das estrelas de seus céus.
- pela índole boa e acolhedora, e pela inteligência clara da gente brasileira.
- pelo que os brasileiros teem realizado – conquistando, povoando, cultivando o imenso território do Brasil, e creando a sua grande Nação.
- pelo que será amanhã o Brasil³⁰⁵.



Imagem 20: Mensagens à Juventude. O Tico-Tico, 08/1941, Ano XXXVI, N° 1869.

304 Levi Fernandes Carneiro nasceu em Niterói em 8 de agosto de 1822. Formou-se em direito pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, atualmente Faculdade Nacional de Direito da UFRJ. Foi o primeiro presidente e um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Brasil e presidente do Instituto dos Advogados do Brasil. Foi Consultor Geral da República no governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1930 e 1932. Escreveu diversas obras na área do direito e entrou para a Academia Brasileira de Letras em 23 de julho de 1923, para a cadeira 27. Faleceu no Rio de Janeiro em 5 de setembro de 1971.

305 O Tico-Tico, agosto de 1941, N° 1869, Ano XXXVI.

A ilustração da seção seguia as orientações do texto, apresentando tom patriótico, com o desenho de uma fotografia do autor da mensagem, ao lado do mapa do Brasil. Levi Carneiro é desenhado com a farda da Academia Brasileira de Letras e rosto sério. As palavras publicadas na seção constantemente apelavam para as belezas naturais do país e para a índole de seu povo. Era um espaço também para os autores expressarem seu vasto conhecimento da língua, seus arroubos de poeta e para se vangloriarem do conhecimento e experiência em suas funções públicas.

Os colaboradores desta seção eram pessoas ligadas ao mundo das letras e da educação, em sua maioria membros da Academia Brasileira de Letras. O depoimento de Oswaldo Orico³⁰⁶, por exemplo, que era membro da ABL e Diretor do Departamento Extraescolar do Ministério da Educação, foi um dos mais celebrados. Orico, além de conhecido homem de letras, foi autor de alguns livros publicados pela *Biblioteca Infantil de O Tico-Tico*, como *Histórias de Pai João* e *Contos da Mãe Preta*. Em sua mensagem, o escritor não atribui o orgulho patriótico às belezas naturais, criticando que esse discurso seria “apenas vaidade, ostentação de bens materiais, que tem feito um grande mal às nossas gerações”. Ele confere seu orgulho ao suor e humildade ao “valor da gente”³⁰⁷.

No número seguinte, outro nome de peso a dar seu depoimento para a seção foi Pedro Calmon³⁰⁸. Naquela ocasião, além de membro da ABL, Calmon era diretor da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. O professor, escritor e historiador escreve um dos depoimentos mais extensos da seção e apela não apenas pelas belezas naturais e qualidades do povo, mais principalmente para a sua história. Escreve

306Oswaldo Orico nasceu em Belém, no Pará, em 29 de dezembro de 1900. Começou sua carreira nas letras como jornalista, onde atuou no jornal O Estado do Pará. Foi redator da Revista Guajarina, importante periódico modernista no estado. Em 1919 foi morar no Rio de Janeiro, onde estudou direito e se tornou professor da Escola Normal. Em 1935 voltou ao seu estado natal para assumir a Secretaria de Educação de Belém. Em 9 de abril de 1938 assumiu a cadeira 10 da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro em 19 de fevereiro de 1981.

307O *Tico-Tico*, Outubro de 1941, N° 1871, Ano XXXVI.

308Pedro Calmon nasceu em Amargosa, na Bahia, em 23 de dezembro de 1902. Em 1920 ingressou na Faculdade de Direito da Bahia, transferindo-se dois anos depois para a Faculdade Nacional de Direito na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Tornou-se sócio do Instituto Histórico Brasileiro, em 1926, que presidiu a partir de 1968. Foi Deputado Estadual e Federal pelo estado da Bahia e Ministro da Educação e Saúde (1950-1951) no governo Gaspar Dutra. Em 1934 tornou-se professor da Faculdade Nacional de Direito e diretor de 1938 a 1948. Também esteve a frente da Reitoria da Universidade do Brasil entre os anos de 1948 e 1950, e 1951 e 1966. Foi professor também da Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II. Ocupou a cadeira número 16 da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, em 16 de junho de 1985.

sobre os heróis e mártires da história do país:

Da humildade das origens, da nobreza da alma latina que nô-la deu como outro Portugal desabrochando na manhã laboriosa e sonora da nacionalidade, e da rijêza do braço mestiço que abriu, na selva primitiva, os roteiros, os limites e as “entradas”. Santa vaidade dos apóstolos evangelistas, dos pioneiros conquistadores, dos heróis-operários: jesuítas, sertanistas, soldados. Orgulho dos mártires, dos precursôres, dos construtores. Orgulho de suas ideias, de seus exemplos, de sua herança³⁰⁹.

Outro nome conhecido dos leitores da revista *O Tico-Tico*, que também escreveu a seção foi Gustavo Barroso³¹⁰. O controverso político, um dos mais atuantes membros da *Ação Integralista Brasileira*, escreveu o livro *Fábulas Sertanejas*, publicada pela *Biblioteca Infantil de O Tico-Tico*. Também publicou, em 1924, o livro *O anel das Maravilhas*, pela Editora Pimenta de Mello & C., sob o pseudônimo João do Norte. Em sua mensagem, Barroso apela para o significado do patriotismo ressaltando o amor à pátria, como “uma força espiritual superior, armazenada através das gerações”³¹¹. Barroso apela para a imagem da pátria como uma mãe que ama seus filhos e guarda laços superiores a ideia de orgulho.

Na seção ainda era possível encontrar espaço para enaltecer um colega de profissão. Herbert Moses foi chamado para deixar sua mensagem aos leitores d'*O Tico-Tico*, em novembro de 1942³¹². O jornalista era o presidente da Associação Brasileira de Imprensa desde 1931 e se manteve no cargo por 33 anos. Apesar de ter nascido no Brasil, Moses era judeu e filho de dois estrangeiros. Talvez por esse motivo, inicia sua mensagem defendendo que seu orgulho não estava no fato de ter nascido em uma bela terra, onde se entranhavam as maiores riquezas do mundo. Em seu texto, assim como fez Pedro Calmon, ele se remete aos homens que fizeram a história do país, aqueles que acreditam no futuro e às mães que instruíam seus filhos pela pátria e aos jovens que forjavam seu futuro. Um discurso patriótico

309 *O Tico-Tico*, Novembro de 1941, Nº 1872, Ano XXXVI.

310 Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso nasceu em Fortaleza em 29 de dezembro de 1888.

Iniciou seus estudos superiores na Faculdade Livre de Direito do Ceará, em 1911, concluindo o curso no Rio de Janeiro, pela Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil. Começou sua carreira nas letras como jornalista, atuando no *Jornal do Ceará*, no *Jornal do Comércio* e na *Revista Fon-Fon*. Foi deputado federal pelo Ceará, atuando em diversas secretarias de governo. Foi membro da *Ação Integralista Brasileira*.

Escreveu diversos livros e entrou para a Academia Brasileira de Letras, em 8 de março de 1923, ocupando a cadeira 19. Faleceu em 3 de dezembro de 1959, no Rio de Janeiro.

311 *O Tico-Tico*, maio de 1942, Nº 1878, Ano XXXVII.

312 *O Tico-Tico*, novembro de 1942, Nº 1884, Ano XXXVII.

bastante alinhado com a ideia de juventude que se pretendia defender naquele contexto.

A seção publicou cerca de 20 depoimentos³¹³ e circulou até 1943. Enquanto em 1941 cada número trazia uma nova mensagem, a partir do ano seguinte as mensagens vão ficando mais esparsas até que desaparecem. A última menção a seção aparece em *Lições do Vovô*, na edição de agosto de 1944, que faz referência ao depoimento de Gustavo Armbrust, publicado na edição 1886, de janeiro de 1943³¹⁴. Armbrust era presidente da Cruzada Nacional de Educação, e é celebrado por Vovô pela sua “Declaração de Guerra ao Analfabetismo”³¹⁵.

Apesar da referência a Juventude Brasileira presente no título da seção, que não deve ser desprezada, estas publicações remetem ao tom ufanista observado nas seções da Primeira República. A presença de homens de letras, intelectuais relacionados ao campo da educação e da cultura nos lembra a ideia de educação cívico-patriótica observada nas publicações das primeiras décadas da revista e passam a sensação de um certo protagonismo destes homens na proposição de ideias e diagnósticos sobre a nação. Nos depoimentos destas personalidades as referências a riqueza do território, a vontade do povo e a sua história são retomadas, indicando que ainda que houvesse um esforço de estabelecer o Estado e a figura do líder como condutores do processo de modernização e construção do futuro da nação, outros atores e projetos se faziam presentes e encontravam ressonância na revista. É importante não sucumbir a noções simplistas de ruptura com ideias e práticas anteriores, mas procurar compreender a diversidade de culturas políticas em jogo.

Em abril de 1943, a revista publicou uma edição dedicada ao Dia da Juventude Brasileira. A capa, ilustrada por Florentino Barbastefano, traz um jovem com um estandarte da instituição. A edição conta com 42 páginas e todo conteúdo é voltado para a celebração da data, que como bem lembra a seção *Lições do Vovô*, significa celebrar também o “aniversário de nascimento do seu maior estadista de todos os tempos”³¹⁶. E já que se comemoram as duas datas, a revista aproveita para prestar homenagens ao presidente com uma biografia ilustrada, realizada por Calmon Barreto, denominada *A Juventude do Presidente Getúlio Vargas*.

A ideia do autor era fazer do próprio presidente um exemplo para os jovens brasileiros. Ele começa a sua narrativa com o nascimento de Vargas, em São Borja. A ilustração desta

313 Infelizmente não é possível saber a quantidade exata de depoimentos publicados pela seção, já que alguns números não constam no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

314 *Tico-Tico*, Janeiro de 1943, N° 1885, Ano XXXVIII.

315 *Tico-Tico*, agosto de 1944, N° 1905, Ano XXXIX.

316 *Tico-Tico*, Abril de 1943, N° 1889, Ano XXXVIII.

passagem retrata uma mãe que carinhosamente afaga seu filho, demonstrando como o biografado recebeu atenção e amor de sua mãe. A imagem seguinte mostra o menino Getúlio Vargas na escola entre os colegas. A legenda ressalta seu comportamento exemplar e aplicação nos estudos. O jovem Getúlio Vargas, segundo a narrativa, preferia ler e estudar em vez de brincar. Seu pai, em contraste com a mãe carinhosa, é retratado como um homem severo, que ao término dos deveres da escola, perguntava ao filho sobre os feitos dos grandes heróis do Brasil.

Ao falar de sua juventude, a pequena biografia opta por comentar sobre a sua vida militar, que se inicia com 15 anos, no 6º Batalhão de Infantaria de São Borja. Apesar de ser um soldado disciplinado, segundo o autor, a carreira militar de Vargas não foi tão bem-sucedida. Narrar essa história exigia carregá-la com doses de injustiça e desejo de superação:

Embora filho de chefe político de projeção cumpria a disciplina sem nunca pedir regalias, dormindo em tarimbas da mesma maneira que seus companheiros dando, assim provas de viva compreensão de espírito de solidariedade.

Depois de prestar exames na Escola Preparatória e de Tática do Rio Pardo, ingressa na Escola de Guerra afim de seguir a carreira das armas. Em 1902, porém, acontecimentos imprevistos vieram prejudica-lo. Solidarizando-se com os colegas que se incompatibilizaram-se com um oficial, foi desligado da escola. Nada havia contra ele. Mas a nobresa de seu espírito, não lhe permitia ficar impassível ante a punição de seus camaradas, espontaneamente colocou-se ao lado dele, sofrendo o mesmo castigo³¹⁷.

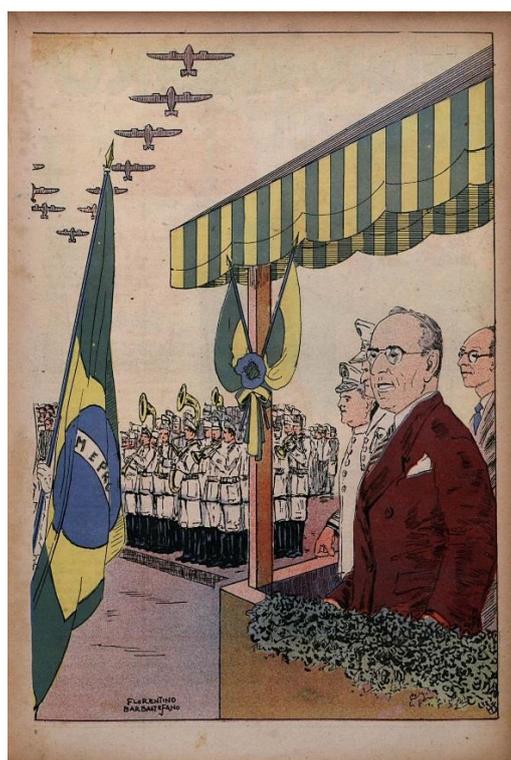
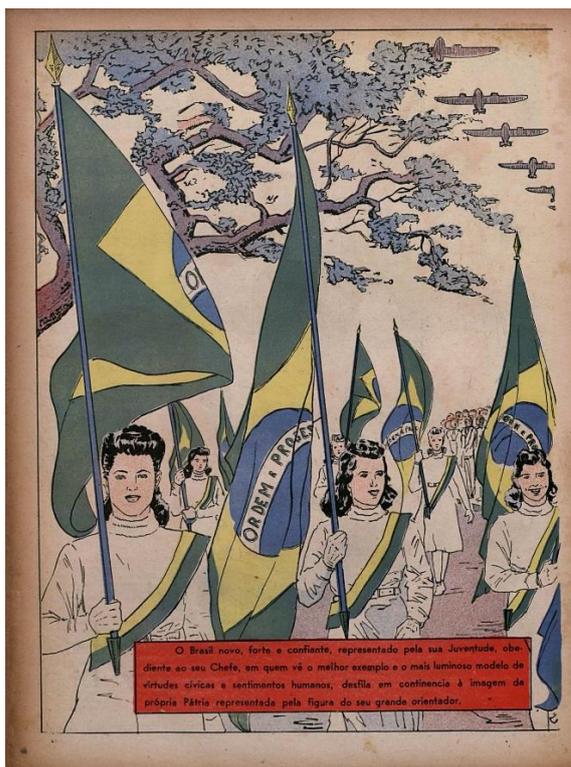
A narrativa usada para contar a história da juventude de Getúlio Vargas se assemelhava àquelas dos heróis, onde se privilegia seus traços de caráter, na intenção de convencer os leitores de sua condição especial e de mártir.

317Id.



Imagem 21 A Juventude do Presidente Getúlio Vargas
O Tico-Tico, 04/1943, Ano XXXVII, Nº 1889.

Além dos conteúdos tradicionais e da biografia da juventude do presidente, a edição também traz a história de Tiradentes, outro grande herói nacional erigido pela República, de Pedro Américo, por conta de seu centenário, e de Marcílio Dias, considerado herói da Batalha Naval de Riachuelo, durante a Guerra do Paraguai. Este último é descrito, inclusive como um dos precursores da Juventude Nacional, projeto que sequer era pensado na ocasião de sua morte em 12 de junho de 1865. Essa edição também abusou das imagens patrióticas, publicadas em página inteira, onde se celebravam as virtudes cívicas dos jovens brasileiros, geralmente retratados em desfiles cívicos e trajas militares e do chefe do Estado, como reflexos da própria pátria.



Imagens 22 e 23: Ilustrações de desfiles cívicos, por Florentino Barbastefano. O Tico-Tico, 04/1943, Ano XXXVII, N° 1889.

Como de costume, o número da revista é fechado com *Aventuras de Chiquinho*. Como se tratava de uma edição em comemoração ao Dia da Juventude Brasileira, Chiquinho e Benjamin e Jagunço, ilustrados por Paulo Affonso, protagonizam uma história sobre o tema. Vestidos de escoteiros, em nome do entusiasmo com a Juventude Brasileira, juntam dinheiro e metais para o esforço de guerra, destinado a construção de um avião para as tropas brasileiras em luta na Europa. Os meninos, no entanto, se surpreendem com um incêndio. Como bom jovem patriótico, Chiquinho arrisca a vida para salvar a bandeira nacional, principal símbolo da pátria e ícone de adoração da Juventude Brasileira. Como não poderia deixar de ser, o personagem Chiquinho, que já passaram pela transformação de menino traquinas à jovem exemplar, encarna com vigor os objetivos daquele número.

Apesar desse número voltado ao furor cívico-pedagógico da Juventude Brasileira, no ano seguinte esse conteúdo vai ficando de lado em favor de materiais voltados ao uso escolar e dos quadrinhos de humor, que voltam a ganhar cada vez mais espaço na revista. A seção *Lições do Vovô* permanecia, no entanto, com seu habitual discurso cívico, homenageando as datas comemorativas, em especial nas edições de novembro. Em 1944, a popularidade do

presidente já se encontrava ameaçada e o projeto da Juventude Brasileira próximo ao fim, o que ocorre um ano depois³¹⁸. Desde 1943 a Juventude Brasileira encontrava discordâncias internas e problemas administrativos que inviabilizavam o projeto. Muitos órgãos de imprensa denunciavam que a Juventude Brasileira, com seus desfiles patrióticos, que apenas forçavam uma farsa de adesão a um regime já desgastado³¹⁹.

Mesmo com o progressivo desaparecimento do conteúdo cívico, a defesa dos valores morais e cristãos continuavam a ser característicos na revista, principalmente nos contos infantis. Também as *Lições do Vovô* buscavam encaminhar reflexões relacionadas a datas comemorativas do calendário cívico, mas sem a exaltação política da fase anterior. No entanto, a ideia de formação parecia caminhar de encontro com a instrução escolar, com a presença de seções que visavam servir como objeto de estudo para os alunos após a aula ou mesmo para o uso pelo professor na classe. Como vimos no capítulo anterior, a construção de uma memória sobre si mesma foi o mecanismo encontrado pela revista O Tico-Tico para se manter ainda em circulação, por isso, mostrar seu compromisso com a educação escolar, com a publicação de materiais voltado para as disciplinas escolares, se tornou um novo caminho para o ideal formativo da revista. Outro caminho foi a publicação de histórias em quadrinhos que com um humor mais ingênuo, se diferenciava das revistas dos heróis norte-americanos.

318Infelizmente não foi possível analisar a recepção do fim da instituição e do regime na revista, pois as edições do ano 1945 não se encontram disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

319STEIN. Op. Cit. P. 162-163.

CAPÍTULO 3

Brasil em Figuras: Usos do passado e cultura histórica

A história é como um livro encantador de contos poéticos, lendas encantadoras. Prendem-nos a atenção, aqui, Calabar que surge, symbolisando a traição; Caramuru, o genio do fogo, apoiado em seu bacamarte, ouvindo a sinceridade angelical dos mortos, as canções de Santa Rita Durão; alli surge D. Pedro no brado immortal de 'Independência ou morte'; Tiradentes, o martyr, balouçando-se na forca, porque teve a ideia republicana; Deodoro, Floriano, Benjamin Constant, surgem numa trindade de luz, proclamando a República, sem derramarem uma só gota de sangue, caso raro, que só nós podemos nos ufanar de possuir; e, assim a nossa História Pátria é um conjunto tão harmonioso de fatos que, facilmente, o nosso espírito juvenil compreende, entende tão rapidamente, que qualquer um de nós sabe (e disso temos obrigação), os fatos mais notáveis de nossa história³²⁰

O trecho acima foi retirado de um artigo publicado na revista *O Tico-Tico* sob o título *História Pátria*. O texto foi escrito por Cyro Pacheco, leitor da revista e, na ocasião, oficial-aluno do Ginásio Federal, na capital da República³²¹. O texto de fundo poético procura apresentar uma reflexão sobre a história pátria e sua importância na educação do jovem brasileiro. Ainda que seja fruto da criatividade do leitor, ele nos ajuda a pensar sobre a educação histórica destinada aos jovens no contexto. Publicado em página inteira, apenas interrompido por uma faixa com modelos de roupa feminina destinados às leitoras, a publicação do texto demonstra a consonância das palavras de Pacheco com as ideias da revista.

Observamos que no texto do leitor, a história é tratada como uma ficção, uma narrativa de fácil compreensão dada a harmonia dos fatos que a compõe. Nessa história não há contradições, nem disputas, e a harmonia dos acontecimentos garantiria à história brasileira a leveza e o didatismo imprescindíveis ao seu conhecimento. A narrativa sugere uma aproximação da história com a literatura infantil ao se referir a ela como “contos poéticos” e “lendas encantadoras”. Apresentada na revista de maneira lúdica e divertida, o jovem autor sugere que o prazer do estudo da história pátria se assemelha a leitura de contos e histórias

320 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 7 de fevereiro de 1917, nº 592, ano XII.

321 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1917, nº 633, ano XII.

ficcionalis.

Essa aproximação entre a história e a literatura que o leitor evidencia em seu texto pode ser entendida como uma marca do periódico, na medida em que conteúdos da história nacional eram apresentados em textos que faziam uso de ilustrações, linguagem de quadrinhos e até mesmo em concursos e jogos. Ainda que esta apresentação do conteúdo de história na revista corroborasse com a ideia de “ensinar brincando” característica do periódico, a história também se apresentava como uma forma de aprender com o passado. A história era, ao mesmo tempo, uma distração interessante capaz de abrir os olhos infantis para outros mundos e realidades possíveis, e uma forma de aprender com a experiência humana passada.

Se a história no início do século XX lidava com os dilemas da sua profissionalização e seu estabelecimento enquanto ciência³²², nesta publicação destinada à infância o conhecimento histórico tinha uma função pedagógica primordial: educar por meio de exemplos. Integrado à noção de história *magistra vitae*, ela aparece como um conjunto de experiências educativas, de onde retiravam-se exemplos de virtudes e vícios³²³. Para Koselleck, a reconfiguração da história como um conceito moderno e sua aproximação com a ciência traz mudanças na tarefa moral da história. A capacidade da história em trazer ensinamentos, melhorando a experiência temporal do homem, não se extingue completamente, mas passa de uma função da própria narrativa e de objetivo do narrador à capacidade interpretativa do expectador. A história não perde sua importância educativa, mas deixando de ser a narrativa individual de fatos, passando a ser processualizada, ela transfere ao sujeito autônomo e moral a compreensão dos processos³²⁴.

Na revista, a história ao estilo da “Geschichte” permanece em lugar de destaque, principalmente nas narrativas de heróis e personagens célebres da história. No entanto, essa história com objetivo moral e educativo convive com outros regimes de historicidade³²⁵. Nas

322Sobre a institucionalização da História como campo científico durante a Primeira República ver GOMES, Angela de Castro. **A República , a História e o IHGB**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.

323Sobre o conceito de *Historia magistra vitae* e a transição para o conceito moderno de história ver KOSELLECK, Reinhart. Op. Cit, 2006. P. 41-60.

324KOSELLECK, Reinhart. **O conceito de história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. P. 148-149.

325A noção de regimes de historicidade proposta por François Hartog procura tratar da tensão resultante da distância entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, onde se estabelece o tempo propriamente histórico. Para Hartog, a contemporaneidade traz uma crise nessa relação entre experiência e expectativa, que faz com que experiencie-se um presente perpétuo, que ele chama de presentismo. A noção de regimes de historicidade pretende avaliar como essas tensões na relação entre presente, passado e futuro fazem com que determinados tipos de história sejam possíveis ou não em diferentes contextos. HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

publicações de história da revista é possível perceber complexas interações entre passado, presente e futuro. Percepções sobre o presente e expectativas de futuro passam a influenciar decisivamente as narrativas preocupadas em construir a modernidade. Além da possibilidade de entreter a partir do conhecimento desse conjunto de histórias individuais, essas narrativas tinham também um objetivo prático relacionado à constituição de uma cultura política republicana³²⁶.

Novamente podemos utilizar o texto do autor-leitor como exemplo: ao falar da harmonia dos fatos que marcam a história do Brasil, o autor-leitor dá a entender que ela se destacava pela ausência de conflitos, sugerindo que em nossa experiência histórica teria predominado a passividade e o consenso entre os diversos grupos que habitaram esse território nesses longos anos. Em outros momentos do texto, o autor chega a citar a postura do índio, que mesmo “indolente em demasia”, “abraçava a religião do novo Deus da paz”, ou, como descrito no trecho acima, a de Deodoro, Floriano e Benjamin Constant, referidos como a “trindade de luz”, que teriam proclamado a República “sem o derramamento de uma só gota de sangue”. Estes seriam exemplos de que o embate não fazia parte da história nacional, ainda que muitas das referências utilizadas no texto sejam provenientes de momentos de profunda agitação política. Esta interpretação sugere que a trajetória histórica do país teria sido um resultado inevitável de uma sucessão de fatos. A fraca resistência indígena na conquista portuguesa e a ausência de hostilidades na implantação da República demonstrariam a superioridade desses processos na superação do passado.

A importância que o autor garante à República é visível. A ideia implícita no texto, respaldada por um conjunto expressivo de publicações da revista, estabelece que a República, como expressão do presente político do país, teria sido o resultado inexorável de uma série de acontecimentos que só demonstravam o progresso em curso. Mostrar que a República era a versão mais acabada, a síntese da trajetória histórica do Brasil, parecia um dos discursos mais presentes nas primeiras décadas da revista. Essa narrativa foi reconfigurada de acordo com as mudanças políticas do contexto, assumindo outras características no governo Vargas e durante a “experiência democrática”³²⁷, ainda que guardando aspectos semelhantes, ou seja, reforçando a relevância dos processos políticos contemporâneos sobre o passado. Esta

P.37-41.

326GOMES, Angela. Op. Cit., 2009. P. 85.

327Essa expressão é utilizada por Jorge Ferreira e Delgado para designar os governos que se sucederam a Era Vargas e foram encerrados após o golpe de 1964.

narrativa servia plenamente à criação de uma cultura cívico-pedagógica, que tinha como inspiração a formação de cidadãos modernos. Na construção de um sentido para a história, a relação entre passado, presente e futuro interferia nestas narrativas voltadas ao ensino, e buscar o passado nacional era também uma forma de legitimar os novos regimes³²⁸.

Angela de Castro Gomes nos lembra que a Primeira República foi um momento importante na transformação dos parâmetros e formas de narrar a história nacional³²⁹, e mesmo fora dos gabinetes dos historiadores do IHGB, a história se tornava assunto importante diante da reconfiguração das identidades nacionais após a Proclamação da República, em 1889³³⁰. Mesmo passada a Primeira República, a busca de referências no passado e a recuperação de uma memória nacional continuaram sendo uma estratégia importante na legitimação de uma nova cultura política e outras leituras do passado irão aderir ao projeto de modernização³³¹. A preocupação com o passado, em especial com a recuperação do passado nacional brasileiro, foi um dos aspectos mais determinantes no ideal de formação da infância presente na revista *O Tico-Tico*. Assim como a preocupação com a difusão da língua portuguesa pela leitura, da ciência através de lições de vulgarização, e da moral cívica por meio da disseminação de padrões de comportamento, a educação histórica era entendida como um dos pilares na formação do futuro cidadão do Brasil moderno.

Ainda que não possamos tomar esse pequeno texto como referência imediata para toda a ideia de história propagada pela revista, ele nos mostra a relação entre o leitor e a publicação e o diálogo estabelecido em torno de uma determinada ideia de história. Tomando esse texto como um vestígio³³², ele pode nos ajudar a elucidar como uma determinada cultura histórica era apreendida pela revista e por seus leitores. Juntando-o a outros registros, é possível perceber como a própria revista criou uma cultura histórica singular.

Utilizamos o conceito de cultura histórica em articulação ao conceito de cultura

328GONTIJO, Rebeca & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. O presente como questão: a República nas histórias do Brasil de João Ribeiro (1860-1934) e a proposição de uma ética da atualidade. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & ROCHA, Helenice. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P. 366-389.

329GOMES, Angela de Castro, 2009. P. 66.

330GONTIJO, Rebeca. "Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como patrimônio cultural". In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. P. 55-79.

331 GOMES, Angela. "A cultura histórica do Estado Novo". **Projeto História**. São Paulo, Nº 16, fevereiro de 1998, P. 121-141.

332GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

política, tal como foi proposto por Angela de Castro Gomes³³³. Segundo a autora, o conceito de cultura histórica permite compreender as complexas relações dos indivíduos com o seu passado e o espaço que esse passado adquire na sociedade em determinados contextos específicos, especialmente aqueles marcados por transformações e crises políticas. Em certas conjunturas históricas há um esforço por parte de diversos setores da sociedade e de instituições públicas na articulação de políticas culturais a certas leituras do passado. A cultura política, como um sistema de representações que a sociedade atribui a determinada realidade social, liga-se à noção de cultura histórica a partir do momento em que uma sociedade produz e divulga uma determinada leitura política do passado. Trabalhar com essa noção de cultura histórica nos permite “entender ‘como’ uma interpretação do passado (do presente e do futuro) foi produzida e consolidada através do tempo, integrando-a ao imaginário ou à memória coletiva de grupos sociais, inclusive os nacionais”³³⁴.

Procurando analisar os usos do passado na revista e a constituição de uma cultura histórica em suas páginas, organizamos o capítulo em quatro partes: na primeira parte, buscamos observar as estratégias e sentidos utilizados pela revista nas publicações de história, diferenciando as lições apresentadas no impresso do conteúdo veiculado no ambiente escolar. Para isso usamos como exemplo a primeira seção de história publicada na revista, que narrava episódios da história do Brasil na linguagem de quadrinhos. Na segunda, procuramos analisar como que para o periódico a história era uma forma de “aprender com o passado”. Para isso,

333Preferimos aqui utilizar o termo cultura histórica em vez de consciência histórica, por sua articulação com a ação e cultura política. Para Jörn Rüsen, a consciência histórica é uma forma de experiência sobre o passado, regulada pela necessidade de entender o presente e presumir o futuro. A formação dessa consciência se dá através de diversas relações estabelecidas entre os indivíduos com a temporalidade, entre elas o ensino e a escrita da história. O exercício da memória seria também uma das seriam manifestações da consciência histórica, necessárias no processo de formação de identidade e orientação da vida prática. O conceito de cultura histórica, na proposição de Angela de Castro Gomes, seria mais fundado nas práticas culturais e políticas e, portanto, mais adequado ao nosso objetivo que é pensar como editores, colaboradores e leitores interpretavam o tempo histórico e faziam uso do passado na expectativa de formar o moderno cidadão republicano. O termo cultura histórica, nesse sentido, se articularia ao de cultura de história, que para João Paulo Pimente seria “*um conjunto de atitudes e valores que se expressam em noções, concepções, representações, conceptualizações, interdições e outras posturas, de uma determinada sociedade em relação a um passado que pode ser considerado como coletivo*”. Sobre essa discussão ver GOMES, Angela de Castro. *Cultura política e Cultura histórica no Estado Novo*. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. e GONTIJO, Rebeca (orgs.). **Cultura política e leituras do passado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Faperj, 2007; PIMENTA, João Paulo et al. “A independência e uma cultura de história no Brasil! **Almanack**. Guarulhos, Nº 8, 2º Semestre de 2014, P. 5-36; RÜSEN, Jörn. “Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011. Sobre a discussão entre o uso de cultura histórica e cultura de história ver também GONTIJO, Rebeca. “Sobre cultura histórica e usos do passado: a independência em questão”. **Almanack**, Nº 8, 2º Semestre de 2014, P.44-53.

334GOMES, Angela de Castro, 2007. P. 48.

analisamos o uso das biografias na formação moral, cívica e histórica do futuro cidadão da República. Na terceira, procuramos investigar as seções de história em dois momentos importantes da redefinição da identidade republicana, a partir de seções que circularam ao fim da Primeira República e do Estado Novo. A partir destas seções observamos como mudanças na concepção de República ajudaram a construir uma cultura política republicana. E por último, buscamos compreender como a construção de uma ideia de história pátria na revista, entre dois regimes de historicidade, a história exemplar e a utopia republicana. Para pensar sobre esses usos, centramos nossas análises nas celebrações de datas comemorativas na revista.

Com o fim de trabalhar os referidos temas, escolhemos privilegiar um grupo de seções de destaque na revista, ainda que conteúdos relacionados a história pudessem ser encontrados de maneira dispersa por toda a publicação. As seções escolhidas e as análises aqui privilegiadas não esgotam os usos do passado na revista, no entanto, pretendem apresentar um panorama das publicações acerca da história em diferentes momentos da publicação. Serão analisadas as seções *Lições do Vovô*, em circulação entre os anos de 1906 e 1958, *Galeria dos Homens Célebres*, que circulou com alguns intervalos entre os anos de 1909 e 1941, *História do Brasil em Figuras*, entre 1905 e 1907, *História da Nossa Pátria*, de 1928 a 1929, e finalmente, *Quadros da Nossa História*, entre os anos 1941 e 1943.

3.1 O conhecimento histórico nas páginas d'*O Tico-Tico*: entre lições e figuras

Os sucessivos períodos de governo da República Brasileira, desde a Proclamação até os nossos dias, formam uma sequência interessante de fatos e ocorrências, que aqui vai apresentada e devidamente ilustrada, para facilitar aos leitores seu melhor manuseio e mais ampla apreciação.

Não pretendemos fazer História. Visamos, isto sim, ao lado das imagens, que poderão ser úteis aos nossos leitores estudantes, a sintetizar em seus acontecimentos principais a vida do regime proclamado pelos nossos maiores a 15 de novembro de 1889³³⁵.

O texto acima é um trecho retirado da apresentação da edição especial denominada

335 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, julho/agosto de 1961. Nº 2093.

Noções de História Pátria – Presidentes da República, publicada em 1961. Desde 1959, a revista *O Tico-Tico* só aparecia em edições especiais, as chamadas *Edições Instrutivas de O Tico-Tico*, com cerca de 30 páginas, que apresentavam uma temática definida. Além de história, essas edições instrutivas publicaram números sobre geografia, leitura, história natural e ciências. Essas revistas ocuparam bibliotecas escolares e eram utilizadas por professores de escolas públicas e privadas como material complementar em suas aulas.

Mesmo antes de assumir esse formato mais didático, *O Tico-Tico* já evidenciava interesse em tratar de temas históricos em suas páginas. A história sempre encontrou espaço na revista, fosse através de lições esparsas, histórias em quadrinhos ou seções criadas para esse fim. O trecho acima sintetiza uma característica importante do conhecimento histórico veiculado na revista, que foi o uso de ilustrações como recurso para garantir a comunicação com o público leitor. Ao sublinhar que não pretendem “fazer História”, os editores atestam que a revista não possui compromisso com os métodos e procedimentos de uma história acadêmica, mas com a construção de uma narrativa que permitisse o entendimento e o prazer de seus leitores.

Apesar de a história ser um componente curricular das escolas secundárias³³⁶, a história veiculada nas páginas da revista infantil diferenciava-se daquela do cotidiano escolar de crianças e jovens. Matheus Pereira, em seu trabalho sobre o *Almanaque Abril*, observa que a história nas páginas de publicações impressas se situava no cruzamento entre o discurso jornalístico, o conhecimento histórico acadêmico e a história ensinada³³⁷. Nas páginas da revista *O Tico-Tico* observamos movimento semelhante, direcionado a um certo hibridismo como o descrito pelo autor de *A máquina da Memória*. Assim como no caso do *Almanaque*, a inspiração em publicações estrangeiras, assim como a circulação de materiais impressos, ajudou a constituir o padrão da publicação. O autor também observa a importância do uso escolar e da negociação entre os leitores e editores na definição do que deveria ser

336Segundo Katia Abud, a história como disciplina escolar aparece em 1837, com a criação do Imperial Colégio Pedro II. Durante todo o século XIX, o Colégio Pedro II e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foram as instituições responsáveis por definir os critérios para a história ensinada nas escolas. Ainda segundo a autora, após a Reforma Francisco Campos (1931) e a Reforma Capanema (1942), com a ampliação do ensino de história na grande escolar, o próprio ministério da educação passou a ser responsável pela elaboração dos programas de história da escola secundária. ABUD, Katia. Os currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004. P.30-34.

337PEREIRA, Matheus Henrique de Faria. **A máquina da memória/ Almanaque Abril: o tempo presente entre a história e a memória**. Bauru: Edusp, 2009. P. 134.

privilegiado no *Almanaque*. Ele percebe como a interação permanente entre a linha editorial e os espaços externos onde a leitura se realizava, notadamente a escola, a família, a leitura privada, ajudavam a construir os padrões e as estratégias de publicação.

Apesar destas aproximações observadas entre as duas publicações, ao contrário do que foi observado no *Almanaque*, que era destinado a um público mais amplo, a adaptação da linguagem foi algo importante na revista *O Tico-Tico*, reservada quase exclusivamente ao público infantojuvenil. O diálogo observado pelo autor com a história acadêmica não se dá na mesma natureza na revista *O Tico-Tico*. É bom observar que na primeira metade do século XX ainda não há um campo historiográfico plenamente desenvolvido e o diálogo é mais intenso com a história ensinada. Outro aspecto a ser considerado é que no contexto histórico trabalhado pelo autor (entre as décadas de 1970 e 2000), a imprensa e o mercado editorial brasileiro já se encontravam mais bem estabelecidos, enquanto nas primeiras décadas do século, o mercado de impressos ainda passava por um processo de modernização. Por isso, o aproveitamento das técnicas e das novas linguagens, em interação com o mundo infantil, era essencial para que o periódico se diferenciasse como um veículo moderno.

Ainda que nos seus mais de cinquenta anos de existência, a revista *O Tico-Tico* tenha afirmado seu compromisso com a educação de crianças e jovens e mantido contato permanente com o ambiente escolar, sua condição de impresso gerava novas demandas. Naquele espaço, a história servia para ser consumida, e ao leitor-consumidor, os conteúdos das disciplinas escolares deveriam ser mostrados de maneira interessante, leve e lúdica, de forma a prender a atenção e conquistar o público infantojuvenil. Na revista infantil observamos um uso público da história, que pressupõe a arregimentação de diversos recursos na criação de uma narrativa histórica mais interessante e adequada aos gostos infantis, como forma de dar sentido ao passado. As lições e narrativas históricas criadas pela revista apresentam-se, portanto, atravessadas por um contexto dinâmico de mudanças na imprensa e no consumo de massa que ela representa.

Para Jerome de Groot, a contemporaneidade trouxe uma série de mudanças nas formas de consumir a história. Ainda que o autor trabalhe com um tempo mais próximo do nosso, com o advento da internet e com a explosão de séries, documentários e games, o autor traz uma análise interessante do que ele chama de “*popular cultural manifestations of history*”,

que seriam manifestações populares, não acadêmicas da história³³⁸. O objetivo do seu trabalho é analisar as novas formas de se consumir a história como meio de compreender a cultura contemporânea e a sua relação com as novas formas de ler a história. O trabalho abre caminho para se pensar na transformação da história como um produto e nas implicações dessas mudanças na conformação de uma memória cultural. A experiência da revista *O Tico-Tico* nos permite pensar na historicidade dessa noção de história pública e nos aspectos específicos deste consumo em contextos determinados.

Apesar de ser incomum o uso do termo “divulgação histórica” nas ciências humanas, sendo preferível seu uso nas ciências naturais³³⁹, o que vemos na revista é justamente uma tentativa de criar e estabelecer critérios para tornar atrativo o conhecimento histórico, entendido como essencial na formação do jovem republicano. Longe de ser apenas um processo de simplificação da linguagem, a publicização da história envolve interesses e dinâmicas próprias, que neste contexto, se relacionavam também com a constituição de uma consciência histórica republicana entre os futuros cidadãos e a divulgação de uma moral moderna. Eliana de Freitas Dutra também observa o interesse em despertar uma consciência histórica entre os leitores do *Almanaque Garnier*³⁴⁰, como um respaldo necessário à consolidação do projeto nacional republicano. No esforço de romper com o projeto imperial, a publicação se engajou na criação e difusão de um panteão de heróis, na estabilização de um discurso sobre a história pátria e na defesa do ideal de integração nacional. A afirmação da cultura e identidade nacional a partir da história e da língua era entendido como essencial a construção do futuro da República.

Na revista *O Tico-Tico* vemos esforço semelhante para a conformação de determinada narrativa sobre a história do país. Em meio ao interesse de publicização da história ou divulgação histórica, observamos a predileção para a escrita da história da nação, ao lado da edificação de um panteão de heróis e da afirmação de um discurso de superação do passado colonial e imperial pela República. Em todas as fases da revista, não encontramos nenhuma seção destinada a história universal, geral ou estrangeira. Apenas conteúdos dispersos, publicados em datas comemorativas ou nas seções de biografias, que serão analisadas mais a

338GROOT, Jerome de. **Cosuming history: historians and heritage in contemporary popular culture**. New York, London: Routledge, 2009. P. 6.

339ALBIERI, Sara. História pública e consciência histórica. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. P. 24-25.

340DUTRA. Op. Cit., 2005.

frente. Por outro lado, a história nacional teve destaque durante toda a revista, com lições em seções de aconselhamento ou em seções específicas, em que a República recebia atenção especial. Os usos do passado na revista indicam determinadas leituras da história que garantem a criação de um sentido de identificação com a República.

A primeira seção voltada para a divulgação da história nacional aos leitores da revista *O Tico-Tico* foi publicada em histórias em quadrinhos, gênero que dava seus primeiros passos na imprensa estrangeira, sobretudo norte-americana³⁴¹. *História do Brasil em Figuras* foi lançada ainda nos primeiros números de 1905 e circulou até 1907 ou 1908³⁴². Foi escrita e ilustrada pelo caricaturista Leônidas Freire³⁴³, já conhecido em *O Malho* pelas tiras infantis. A seção apresenta algumas particularidades que denotam seu lugar de destaque no periódico. Além de ser publicada em página inteira, os quadrinhos de *História do Brasil em Figuras* eram coloridos, o que trazia impacto a publicação. Além da capa, poucos conteúdos eram publicados em cores na revista. Até 1907, somente o quadrinho *Desventuras de Chiquinho* e *Histórias de Vovô*, decalques de histórias em quadrinhos norte-americanas³⁴⁴, eram publicados totalmente em cores. Eventualmente, algumas histórias infantis que seriam posteriormente publicadas na *Biblioteca d'O Tico-Tico*, como a literatura de ficção *os mistérios de Dr. Alpha*, de Oswald Silva, também foram publicadas com ilustrações coloridas.

A seção também era uma das únicas publicações em quadrinhos assinada pelo seu criador e ilustrador. Como parte considerável das histórias em quadrinhos era adquirida por agências ou mesmo decalcadas de jornais e revistas estrangeiros, eram raras as assinaturas nesse tipo de publicação. A utilização deste tipo de linguagem para a elaboração de uma seção de história do Brasil por um artista nacional demonstra o interesse da publicação em criar conteúdo moderno. Além disso mostra o desejo em adaptar conteúdos escolares a linguagens

341SMOLDEREN, Thierry. **Naissances de la Bande Dessinée**. De William Hogarth à Winsor McCay. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2009.

342 Infelizmente não foi possível saber exatamente as datas de início e fim da seção. Os números de 1905 não se encontram disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, assim como os números relativos ao ano de 1908. A última publicação da seção em 1907 foi n número 113, de 4 de dezembro. Dada a irregularidade da publicação da seção, não é possível saber se ela continua sendo publicada em 1908.

343Leônidas Freire nasceu em 19 de novembro de 1882, em São Benedito, no Ceará. Teve uma longa carreira como jornalista e caricaturista, atuando nos periódicos *Correio da Manhã*, *A Noite*, *O Malho*, *O Tico-Tico* e *A Manhã*. Inicia seus trabalhos em *O Malho*, em 1904, e integra o primeiro corpo de caricaturistas da revista *O Tico-Tico*, a partir de 1905. Faleceu no Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1943.

344Como já foi pontuado, *Desventuras de Chiquinho* era decalque da história em quadrinho *Buster Brown*, de Richard F. Outcault, publicado no *New York Herald*. *Histórias do Vovô* era originalmente o cartoon *Foxy Grandpa*, de Carl E. Shultze, publicado no *New York Herald* e *New York American*. Os dois cartoons eram distribuídos pela Newspaper Feature Syndicate. Esses e outros quadrinhos serão trabalhados em outro capítulo.

de massa, que pudessem parecer mais interessantes aos leitores infantojuvenis.

História do Brasil em Figuras apresentava a história do Brasil em uma perspectiva cronológica, que se iniciava com a chegada dos portugueses no território e, até onde foi possível averiguar, terminava com a Guerra do Paraguai. Cada número da seção procurava dar conta de um evento histórico, em sua maioria revoltas, invasões, guerras e batalhas, o que demonstra uma perspectiva tradicional da narrativa histórica. Alguns eventos, no entanto, poderiam ser desenvolvidos em vários números, como a Guerra do Paraguai, a série mais extensa, que foi trabalhada em 19 números. Ao levar em consideração a história política do país, estas narrativas privilegiavam leituras heroicas do passado, com destaque ao protagonismo de alguns personagens sobre outros.

Um caso exemplar é o de Tiradentes nos dois números que tratam da Inconfidência Mineira. Nas duas histórias em quadrinhos, publicadas respectivamente no número 34 e 35 da revista, sua figura é exaltada, o que fica evidente pela escolha dos títulos, que deixam clara a mensagem de seu protagonismo: *Conspiração de Tiradentes* e *Condemnação e execução de Tiradentes*. Estas duas histórias são repletas de simbologias que sustentam a imagem heroica construída para Tiradentes durante a República³⁴⁵.

Logo no primeiro quadro, os editores fazem a associação entre o evento e a República. Uma estrela brilha no céu de Villa Rica representando a República, que ilumina toda a cidade. A imagem é complementada pela legenda que fala da “estrella das ideias libertadores” que aparece pela primeira vez em Villa Rica. A imagem ao lado mostra Tiradentes no centro do quadro, com os demais inconfidentes em torno de uma mesa. A ilustração de Tiradentes, que na imagem parece maior do que os outros personagens, também seguia a representação usual no contexto: o homem com barbas e cabelos compridos assemelha-se a Jesus Cristo. A imagem dos inconfidentes em torno do personagem-símbolo pode também fazer referência à representação bíblica da Santa Ceia.

345 Além do livro clássico de José Murilo de Carvalho, destaca-se a tese de doutorado de Thaís Nívia de Lima, sobre a construção de representações da Inconfidência Mineira na República. LIMA, Thaís Nívia. **Da infâmia ao altar da pátria: memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes**. 2001, Tese de Doutorado – Departamento de História Social da Universidade de São Paulo, São Paulo. CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit, 1990.



Imagem 24: História do Brasil em Figuras. A conspiração de Tiradentes.
O Tico-Tico, 29/05/1906. Nº34.

A legenda do segundo quadro ressalta a ideia de que a Inconfidência desejava a independência do país e que teria sido o evento fundador da ideia de República. Também reforça a ideia de que o movimento teria sido criado pelas elites ilustradas, destinadas a iluminar o povo. A centralidade de Tiradentes na imagem é acompanhada pelas descrições da legenda, em que ele seria “o mais entusiasta”, aquele que abraçara com “ardor juvenil o ideal republicano”. A semelhança com a figura de Cristo se torna ainda mais proeminente quando o personagem é retratado no contexto da prisão, já no número seguinte. Porém, na cena final, em que aparece acompanhado por uma multidão em direção ao cadafalso, ele aparece com barba e cabelos raspados, vestido de túnica branca e carregando um crucifixo, imagem que contrasta com a representação mais conhecida de Pedro Américo, de 1893. Nas legendas, é possível perceber a sua elevação ao lugar de herói:

Todos os culpados procuravam desculpar-se, mas *Tiradentes* com coragem heroica, declarou que assumia toda a responsabilidade da conspiração pedindo que só processassem a ele.

(...) O martyr, ia com uma cruz na mão, vestido de branco, descalço, tendo a cabeça e o rosto rapados, como era costume fazer

com os condenados a morte³⁴⁶.

A imagem do herói abnegado, que se entrega a morte em nome de um ideal é recorrente na cultura política da época³⁴⁷. Tiradentes, naquele momento, foi o personagem que melhor encarnou esse lugar de homem de bem, herói de caráter e honestidade de ideias³⁴⁸, sentimentos exaltados na educação cívica e moral republicana. Reforçando a importância simbólica do personagem para a República, Leônidas comenta ao fim do último quadro, ainda como parte da narrativa a homenagem do prefeito da capital: “Em homenagem à memória de Tiradentes o prefeito Dr. Passos mandou edificar uma escola que tem o nome do heroico alferes”³⁴⁹.

A imagem do herói ligado a ideia de patriotismo aparece também no número 49, sobre o processo de independência do Brasil³⁵⁰. Neste número, Pedro I é descrito como um “homem de tino”, responsável por efetivar a separação definitiva entre o Brasil e Portugal. Uma questão que chama atenção nesta história em quadrinhos é a diferença que faz o autor entre os portugueses e o futuro imperador. Enquanto o autor se refere a “grande má vontade dos portugueses com o Brasil”, ressaltando que a família real teria deixado os cofres públicos vazios e lutas partidárias acirradas, mesmo sendo português, o príncipe é exaltado pelo seu ato heroico de libertação. Sua nacionalidade é deixada de lado em nome da glorificação do evento sob seu comando e ele não é identificado aos outros portugueses. O objetivo é claramente ressaltar a ideia de rompimento com o passado colonial, questão importante para a afirmação da República, e estabelecer a Independência como um marco da construção do Estado-nação.

Assim como no número sobre a Inconfidência mineira, esta edição traz referências a monumentos construídos no Rio de Janeiro, em homenagem a personagens e momentos importantes da história nacional. Ao se referir a participação de José Bonifácio no processo de Independência, o autor da história em quadrinhos faz referência a sua estátua localizada no Largo do São Francisco³⁵¹. No último quadro, a ilustração reproduz um outro monumento da

346O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 6 de junho de 1906, nº 35, ano II.

347FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. Os heróis nacionais para crianças: ensino de história e memória nacional: In: ROCHA, Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & GONTIJO, Rebeca. Op. Cit., P. 109.

348Ibid. P. 114.

349Id.

350O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1906, nº 49, ano II.

351A estátua de José Bonifácio de Andrada e Silva foi criada pelo escultor francês Louis Rochet, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi inaugurada em 7 de setembro de 1872.

cidade, a estátua equestre de Pedro I³⁵², localizada na Praça Tiradentes. A imagem da estátua é emblemática pois representa a Proclamação da Independência pelo imperador e traz uma série de referências históricas que ajudam a mobilizar o culto à nação. Para Paulo Knauss, esses monumentos afirmam leituras históricas que permitem relacionar passado e presente³⁵³. As esculturas monumentais também podem ser definidas como imagens do civismo, funcionando como lugares de memória³⁵⁴. O autor ainda observa uma relação entre as duas estátuas, dentro da ideia de gratidão e homenagens a Independência. Ele afirma:

Enquanto o imperador foi representado a cavalo trazendo a Constituição para simbolizar a afirmação do Estado nacional, José Bonifácio foi representado como intelectual cercado de alegoria das virtudes clássicas, simbolizando a razão de Estado. As duas imagens se completavam, e a promoção da primeira imagem se estendida, assim, pela segunda imagem, constituindo um circuito narrativo que unia duas praças importantes na vida urbana, constituindo um texto urbano³⁵⁵.

Paulo Knauss também vê associação entre a estátua equestre de Pedro I e a figura de Tiradentes. Mesmo antes de sua afirmação como herói, posteriormente aludido à República, a escolha da Praça Tiradentes teve como objetivo traçar um fio condutor entre as duas personalidades por meio de uma lembrança do passado. A disputa de memórias sobre os dois personagens e sobre os sentidos da escolha do logradouro, segundo o autor, provoca o olhar sobre a escultura. Essas referências na revista podem indicar o interesse do autor da seção em reforçar o diálogo do passado a partir de uma experiência do presente. Esses monumentos eram parte da experiência cultural da cidade, onde se localizavam boa parte dos leitores da revista até aquele momento. Reforçar os laços com a cidade e seu patrimônio em um contexto de mudanças urbanísticas também pode ser um dos sentidos buscados pela revista na citação a esses objetos.

Os usos do passado em *História do Brasil em Figuras* não se resumiam às referências a tradição escultória da cidade-capital. Outras referências à memória cultural do país foram

352A estátua equestre de D. Pedro I foi criada pelo escultor francês Louis Rochet e inaugurada em 30 de março de 1862.

353KNAUSS, Paulo. A festa da imagem: a afirmação da escultura pública no Brasil do século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, V. 5, n.4, out/dez. 2010.

354Ver NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. São Paulo (10), Dez. 1993. P.7-28.

355KNAUSS, Paulo. Op. Cit.

usadas por Leônidas para garantir sentido de identificação das crianças com o passado e mostrar erudição na história e artes do Brasil. Na série de quadrinhos sobre os costumes no período em que a corte portuguesa se estabeleceu no Brasil, que integram três números de um total de seis sobre o reinado de D. João VI³⁵⁶, o artista usa como referência as pinturas de Jean-Baptiste Debret³⁵⁷.

O interessante, no entanto, é que a obra *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* ainda não tinha sido traduzida no Brasil, o que só ocorreu no ano de 1940, quando foi lançada pela Livraria Martins, com tradução de Sergio Milliet. As obras de Debret tinham uma circulação circunscrita a pequenos círculos intelectuais e artísticos, e até 1930, como mostra Anderson Trevisan, muitas de suas obras se encontravam dispersas nas mãos de pequenos colecionadores brasileiros e estrangeiros. Somente a partir de 1930 as obras de Debret começaram a ser objeto de interesse e passaram a ser adquiridas por colecionadores brasileiros de maneira mais sistemática³⁵⁸. A *Revista da Semana*, fundada por Álvaro de Teffé, em 1900, também chegou a estampar algumas gravuras e pinturas de Debret a partir de 1914. Elas eram utilizadas por Oliveira Lima para ilustrar a história da cidade do Rio de Janeiro, do Brasil à época colonial e imperial³⁵⁹.

Ainda que a imprensa fosse uma fonte de inspiração para Leônidas compor sua seção, este não parece ter sido o caso em relação às obras de Debret. É possível que o artista tenha tido contato com a edição francesa da obra do pintor ou tivesse acesso a algumas dessas obras através de colecionadores e acervo museológico. Mesmo que seja difícil precisar as referências utilizadas na composição da seção, já que neste momento não parecia importante aos artistas respaldar suas narrativas com citações a obras e fontes, é interessante perceber como a imprensa procurou utilizar registros diversos para dar mais sustentação a seu trabalho. É importante considerar que no período em que Leônidas produz *História do Brasil em Figuras* existiam poucos materiais escolares ilustrados disponíveis às crianças e jovens, e a

356A série sobre o reinado de D. João VI se inicia no número 36, de 13 de junho de 1906 e termina no número 43, de 1 de agosto de 1906. Outros números ainda tratam do contexto do governo joanino no Brasil, como aqueles acerca da Revolução Pernambucana e sobre o movimento constitucionalista em Portugal.

357Jean-Baptiste Debret foi um pintor francês que integrou a Missão Artística Francesa que chega ao Brasil, em 1816. Em 1831, retorna a Paris e entre 1834 e 1839 edita o livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, em três volumes, com litogravuras de seus trabalhos de observação durante sua estada no Brasil.

358TREVISAN, Anderson Ricardo. **Velhas imagens, novos problemas.** A redescoberta de Debret no Brasil modernista (1930-1945). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia. São Paulo, Universidade de São Paulo. P. 71-74.

359Ibid. P. 171-172.

pesquisa de imagens revela seu esforço em estruturar sua narrativa a partir de leituras diversas.



Imagem 25: História do Brasil em Figuras. Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI. O Tico-Tico, 17/07/1906. Nº 41.

O objetivo da série criada por Leônidas era mostrar o cotidiano da sociedade colonial, sobretudo dos escravos e da religiosidade cristã. Cada imagem apresentada na história é inspirada em uma pintura de Debret e a legenda explica o contexto das imagens e as práticas que elas representam. Essa série se diferencia das outras, portanto, por não seguir uma narrativa, limitando-se a apresentar os quadros e descrever os costumes cotidianos da sociedade colonial. Estes números também se diferenciam dos demais por dar ênfase a cultura e ao cotidiano, e não às guerras e batalhas como era costume na seção.

As ilustrações da seção seguem a representação estereotipada do negro, muito comum

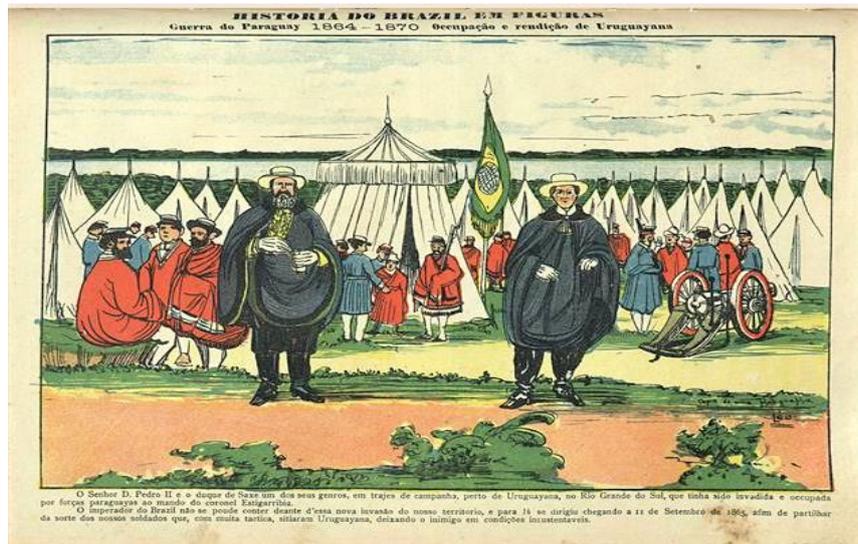
na imprensa e nas histórias em quadrinhos do início do século XX³⁶⁰. O negro é representado com os lábios grandes e pintados de vermelho, com cabeça e orelhas em muitos casos desproporcionais. As imagens de Debret selecionadas pelo autor para a reprodução na seção retratam os escravos em situação de submissão, geralmente relacionado ao trabalho³⁶¹. Nenhuma destas imagens exhibe os escravos em suas práticas culturais e religiosas, ao contrário, mostram a adesão desta camada da população às práticas religiosas cristãs. Não há, portanto, nenhuma referência a qualquer tipo de tensão nas imagens e as legendas também não procuram explicar ou relativizar o contexto da escravidão. Os escravos eram ora referidos como “pobres escravos” ou simplesmente como “pretos”.

Mais um exemplo da utilização de fonte de referência histórica em *História do Brasil em Figuras* pode ser encontrado no número 96, de 7 de agosto de 1907. Este número trata da Guerra do Paraguai e apresenta apenas um quadro que ocupa toda a página. Ilustrações de página inteira, com apenas um quadro, foram usuais nesta série sobre a Guerra. A ilustração retrata a visita de D. Pedro II e do Conde de Saxe a um acampamento militar brasileiro, próximo a Uruguaiana, no Rio Grande do Sul, durante a Guerra do Paraguai. No canto inferior direito, um pouco acima da assinatura do autor (Léo) lê-se a referência “cópia de uma photographia” escrita com sua própria caligrafia. Na verdade, a imagem aludida pelo autor não era uma fotografia, mas uma ilustração publicada na *Semana Illustrada*, de Henrique Fleuiss, em setembro de 1865³⁶².

360Sobre as representações do negro nas histórias em quadrinhos nacionais ver CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel**: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros. 2013, Tese de Doutorado – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

361Em sua tese de doutorado, Eneida Sela mostra a influência das concepções científicas elaboradas entre fins de século XVIII e início do século XIX nas obras de viajantes estrangeiros que produziram imagens sobre o negro no Brasil. A produção destas imagens demonstra que as teorias climáticas e raciais desenvolvidas pela comunidade científica penetraram no olhar e no imaginário destes viajantes, que tendiam a reproduzir em suas pinturas e aquarelas representações inferiorizadas do negro e certas interpretações sobre a África e o africano. Essas teses científicas chegavam aos artistas estrangeiros, segundo a autora, principalmente através das gravuras científicas, que se tornaram populares nas últimas décadas do século XVIII. SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de ser em modos de ver**: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro, Ca. 1808-1850). 2006. Tese (Doutorado em História). UNICAMP, Campinas.

362*Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1865. Nº 248.



Imagens 26 e 27: Ilustração da revista *O Tico-Tico* e *Semana Illustrada*, respectivamente. *O Tico-Tico*, 07/08/1907. Nº 96/ *Semana Illustrada*, 10/09/1865. Nº 248.

A imagem de D. Pedro I e do Conde de Saxe não foi a única produzida por Leônidas a partir das ilustrações da *Revista da Semana*. Outras imagens produzidas por Fleuiss na ocasião da Guerra serviram de fonte para esta série. O uso destas imagens, assim como a inspiração a partir de Debret, mostram a preocupação do artista em buscar referências para a elaboração da seção. Ainda que o autor da seção não tenha se interessado ou considerado

importante citar a fonte utilizada para a composição do número, ao contrário da série sobre o cotidiano da colônia, em que fez questão de fazer referência a Debret, a alusão a suposta fotografia mostra aos leitores o trabalho de pesquisa do autor. O trabalho de investigação e o uso de fontes ajudam a dar respaldo a seu trabalho de divulgação histórica entre os leitores.

O uso de retratos foi outra estratégia utilizada pelo artista na mesma série sobre a Guerra do Paraguai. Esse foi um recurso importante não apenas como método didático, mas principalmente para a promoção de heróis e personalidades históricas. Como a Guerra do Paraguai estava repleta de um protagonismo bastante caro à República, as figuras militares ganharam bastante relevância dentro da revista. A eleição de personalidades militares como heróis nacionais foi um artifício da república diante da necessidade de aproximar a figura do militar do povo³⁶³. O militar seria aquele que reuniria uma série de qualidades morais desejáveis ao futuro cidadão, como respeito às hierarquias e às instituições, força e valentia.

Além dos retratos, as principais personalidades recebiam também uma pequena biografia, com uma síntese de sua relevância para o acontecimento histórico. A conjugação das imagens com as pequenas biografias funcionava também como uma estratégia para fortalecer os laços dos leitores com os símbolos e heróis da República. As biografias tinham especial importância na revista *O Tico-Tico*, particularmente na ideia de formação infantil. Sua singularidade dentre as outras formas de usos do passado na revista é que além do sentimento de identificação com a nação, as trajetórias de personagens célebres ajudavam a compor a formação moral dos leitores.

3.2 As biografias na revista: aprendendo com a trajetória dos homens célebres

As biografias na revista *O Tico-Tico* eram um gênero híbrido: ao mesmo tempo que serviam a história, já que se constituíam como uma forma de uso do passado, uma maneira da história apresentar lições para o futuro, também desempenhavam uma função moral. Elas funcionavam como trajetórias exemplares que deveriam servir de inspiração para a construção do homem moderno e do cidadão republicano. Servindo à formação de crianças e jovens brasileiros, as biografias tiveram espaço garantido na revista, mas nem sempre estiveram

363SOUZA, Adriana Barreto de. Um herói para a juventude: o Duque de Caxias nas biografias e livro didáticos. In: ROCHA, Aparecida; MAGALHÃES & GONTIJO. Op. Cit. P. 127-148.

destacadas em uma seção.

Nos primeiros anos do periódico, a seção de aconselhamento chamada de *Lições do Vovô* foi um dos espaços destinados a narrativa das histórias de vida de pessoas célebres. Nesse espaço o uso de biografias era eventual, sendo mais comum a apresentação de conselhos aos leitores, curiosidades do mundo natural e científico e questões do tempo presente. No entanto, a publicação dessas histórias de vida são interessantes de serem analisadas, pois dialogavam com as intenções morais e cívicas da seção. Portanto, as trajetórias de personalidades publicadas por Vovô costumavam ser mobilizadas em duas ocasiões: para justificar comportamentos e valores que eram objeto de seus ensinamentos ou em razão de celebrações cívicas e homenagens pelo nascimento ou morte de personalidades, em que parecia importante trazer à tona os heróis e personagens que celebrizaram eventos históricos.

No primeiro caso, os dados biográficos geralmente eram incompletos e privilegiava-se elementos do caráter do personagem, que servissem de exemplos de comportamento aos leitores. Construía-se uma narrativa de superação que mostrasse que durante a sua vida o personagem precisou ultrapassar seus limites, geralmente socioculturais e econômicos, para construir sua trajetória vitoriosa. Essas narrativas eram, então, formas de justificar a disseminação de determinados valores e comportamentos morais desejados às crianças. Podemos citar como exemplo a edição número 400, em que o autor trata da vida de Leonardo Da Vinci para apresentar uma lição sobre a importância do estudo:

Homem de uma extraordinária intelligencia, Leonardo havia previsto o aeroplano. Inventou a machina de voar. Acreditava na possibilidade dos submarinos e dos escaphandristas.

(...)

Vêem meus netinhos que homens como este são a glória, não só da pátria, que lhe serviu como berço, como de toda a humanidade.

Procurem, portanto, pelo estudo se assemelhar a esses grandes vultos, para quem a historia tem páginas de ouro a consagrar os seus feitos³⁶⁴.

Para Vovô era importante registrar que os grandes vultos eram exemplos de homens de valor e que isso os tornava marcante não apenas para a história, mas também para a sua pátria. Como uma seção de aconselhamentos, a preocupação principal do autor era o

364 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1913, n° 400, ano VIII.

desenvolvimento moral e cívico de seus leitores, por isso a ênfase da mensagem se dirigia à ideia de que zelar pelos bons sentimentos e pela boa moral seria o caminho para construir o homem cioso de seus deveres de cidadão.

Essa característica é observada também nas publicações de tom comemorativo a datas históricas nacionais ou universais. Elas frequentemente funcionavam como mote para a análise de Vovô sobre a trajetória de vida de um personagem. A história de vida do personagem escolhido era tratada em suas “palestras” como uma espécie de síntese daquele acontecimento histórico. O autor costumava creditar a um personagem e sua verve heroica todo o sentido do fato. Na edição 888, publicada no ano de 1922, o autor homenageia o navegador Cristóvão Colombo ao tratar do Descobrimento da América, que naquela data completava 430 anos. Para recordar o fato, o autor faz breves descrições da vida de Cristóvão Colombo, ressaltando sempre seu caráter arrojado e determinado. Ao fim, lembra aos leitores que a trajetória do personagem histórico pode servir de inspiração: “Honrem, vocês a memória do illustre navegador genovez Christovão Colombo, que, como todo sabio, foi martyr da inveja e da calumnia dos ambiciosos”³⁶⁵.

A identificação infantil com traços de personalidade de figuras heroicas era acentuada pela revista. Paul Ricoeur³⁶⁶ define o caráter como um conjunto de marcas que distingue o sujeito e pelas quais ele se identifica. O caráter oferece um importante elo de identificação das crianças e jovens com pessoas e/ou comunidades, principalmente com figuras consideradas heroicas. Para Leonor Arfuch, o desejo de identificação é uma particularidade da trajetória do sujeito no tempo³⁶⁷. A emergência do privado como um espaço de interesse na sociedade moderna reforça ainda mais o entusiasmo pelas diferentes formas da escrita de si. A formação desse *espaço de interioridade*³⁶⁸ foi acompanhado da imposição de comportamentos e regras que afetam a todos mas são substancialmente fortes na infância, identificada com o momento de maturação e formação social. Não à toa, as crianças foram os principais focos de investimento de políticas que visavam o desenvolvimento de uma cultura histórica, que tinha a figura do herói como referência nacional³⁶⁹.

365 *O Tico-Tico*, 11 de outubro de 1922, nº 888, ano XVII.

366 RICOEUR, Paul. Identidade pessoal e identidade narrativa. In: **O si mesmo como um outro**. São Paulo Martins Fontes, 2014. P. 111-144.

367 ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

368 *Ibid*, P. 39.

369 André Barbosa Fraga busca pensar a formação de um panteão de heróis nacionais a partir da análise de políticas públicas durante o governo Vargas, voltadas para a publicação de biografias. Ainda que seu trabalho

Um outro uso frequente de trajetórias de vida nessa seção se dava através das celebrações da morte ou nascimento de um personagem, geralmente inventor, artista ou político célebre. Nessas homenagens costumava-se recordar aspectos da vida pública e privada da personalidade em questão e, assim como as demais histórias de vida narradas por Vovô, ressaltava-se aspectos da personalidade que pudesse servir de inspiração aos leitores. Na edição 910³⁷⁰, que trata da morte de Rui Barbosa, falecido em 1 de março, o autor faz questão de sublinhar alguns aspectos da vida do político e intelectual, como o gosto pela leitura e pelos estudos, ter sido cumpridor de seus deveres e o desejo de ver o Brasil grandioso. A homenagem que ocupou página inteira e ainda trazia um retrato/ ilustração de Rui Barbosa, iniciava a narrativa dirigindo-se aos leitores como “futuros cidadãos de amanhã”.

Outro espaço utilizado para a publicação de narrativas biográficas foi a seção de cartas, chamada de *Correspondência do Dr. Sabetudo*. Essa seção era um espaço de diálogo dos leitores com os editores da revista, que enviavam cartas a redação com questões diversas, que iam de curiosidades até dúvidas sobre questões políticas, históricas e científicas. Informações sobre personalidades históricas eram algumas das solicitações feitas por leitores ao *Dr. Sabetudo*, que respondia com breves biografias. A seção ocupava uma ou duas colunas de uma página e essas pequenas informações biográficas costumavam ter de 3 a 10 linhas. Mesmo não sendo um espaço específico para a publicação de biografias, o interesse demonstrado nas cartas pode indicar que havia uma demanda por esse tipo de publicação. Ou pode apontar que havia um desejo da revista em tornar este tipo de tema frequente em suas páginas, como forma de reforçar seu apelo educativo.

Não é possível verificar a autenticidade das cartas, no entanto, é possível dizer que essa curiosidade pelas histórias de vida foi sustentada e construída progressivamente também em *Lições do Vovô*, que como vimos acima, eventualmente apresentava trajetórias de personalidades históricas como modelos de virtude e referências para a constituição do caráter dos pequenos leitores. As informações publicadas como respostas às cartas de leitores eram rápidas e sucintas, restringindo-se a datas de nascimento ou morte, importância histórica e algum fato marcante da personalidade do personagem, como podemos observar na resposta a

não esteja concentrado na Primeira República, oferece reflexões interessantes sobre a produção política do herói no Brasil. FRAGA, André Barbosa. **Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no Governo Vargas**. Curitiba: Ed. Prismas, 2015. P. 48.
370 *Tico-Tico*, 14 de março de 1923, nº910, ano XVIII.

carta de Pedro Azamor, de Ilha Grande, que pergunta ao *Dr. Sabetudo* sobre Nero. O autor da seção responde: “Domicio Nero Ahenobarbeus foi imperador de Roma desde o anno de 54 até o anno de 68. Foi celebre pelas crueldades que cometteu. Entre outras barbaridades, incendiou Roma para ver como era uma cidade incendiada”³⁷¹.

Apesar de muito breves os dados biográficos apresentados aos leitores poderiam ser carregados de juízos de valor. Seguindo a lógica observada nas narrativas biográficas de *Lições do Vovô*, nas correspondências a questão do caráter também se mostrava importante. Na resposta à carta de Maciel Pinheiro de Melo Franco, publicada no número 225, o autor da seção parece condenar a obra de Lutero, objeto da carta do leitor:

Luthero era filho de camponezes; estudou philosophia, depois entrou para um convento. Mas, continuando seus estudos, começou a atacar a religião catholica, procurando reformal-a. Negou a autoridade do papa, o culto dos santos, o purgatório e o valor da missa³⁷².

Mesmo direta e curta, a resposta carrega um tom de repúdio ao personagem que contestava a fé e os valores cristãos defendidos pela revista. O desagravo dos editores a tal figura histórica fica nítido ao privilegiarem sua atitude de negação à Igreja católica. Ainda que *O Tico-Tico* não fosse uma publicação propriamente católica, os comportamentos e dogmas da religião eram defendidos como fundamentais à formação religiosa do futuro homem da nação. A revista chegou a publicar biografias de santos e uma seção denominada *História Sagrada*, que começou a circular no número 711, em 1909³⁷³.

Semelhante a seção do *Dr. Sabetudo, Gavetinha do Saber*, que foi publicada de 1933 até 1958, publicava pequenos relatos biográficos. Era destinada a curiosidades históricas e científicas, e informações sobre o cotidiano das principais cidades do país. Seu objetivo era apresentar de maneira sintética e objetiva temas diversos em no máximo 20 linhas. Ela ocupava página inteira e dividia-se em cinco colunas, contando com pequenas ilustrações.

371 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1909, n° 173, ano V.

372 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1910, N° 225. Ano VI

373 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 21 de maio de 1919, n° 711, ano XIV.



Imagens 28 e 29: Perfis biográficos de Antonio Vieira e José do Patrocínio, na *Gavetinha do Saber*. *O Tico-Tico*, 08/1941. N° 1881 e *O Tico-Tico*, 04/1944. N° 1901

Mesmo que o *Dr. Sabetudo* e, mais tarde, *Gavetinha do Saber* continuassem sendo a referência para a curiosidade dos leitores sobre a história de vida de grandes personalidades, e *Lições do Vovô* permanecesse com suas palestras sobre a vida de personagens históricos, *O Tico-Tico* publicou seções destinadas a biografias, iniciada em 1909. A seção denominada *Galeria dos Homens Célebres* circulou de maneira inconstante até 1941. A criação da seção foi propagandeada pela revista:

Os nossos queridos leitores escrevem constantemente ao <<Dr. Sabetudo>>, perguntando-lhe quem foi Alexandre, quem foi Nero; em summa, pedindo informações sobre homens que deixaram na história do mundo nome famoso.

É muito natural essa curiosidade das crianças pelos grandes vultos históricos; mas, como o <<Dr.Sabetudo>> não dispõe de espaço na seção para tão longas explicações, resolvemos criar uma nova seção que começa neste número com o título *Galeria dos Homens Célebres*.

Nesta seção daremos retratos e biographias de todos os homens notáveis, explicando o que eram e por que motivo se tornaram célebres³⁷⁴.

Segundo os editores, a nova seção teria nascido tanto do desejo dos leitores, como da impossibilidade de saciar a curiosidade infantil no pequeno espaço da seção de cartas. Apesar

374 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1909, N° 183, Ano V.

dessa localização privilegiada para biografias, as narrativas de vida não desapareceram de outros espaços da revista. Era comum encontrar biografias em lugares aleatórios, muitas vezes parecendo uma estratégia para preencher espaços vazios nas páginas do periódico. Ainda que tenha sido longa, eventualmente a seção aparecia com outras denominações, como *Galeria de personagens célebres*, *Galeria dos Personagens Célebres da história* ou *Galeria de personagens ilustres*, o que mostra que não havia um cuidado tão preciso com a seção. Além disso, em alguns períodos a seção simplesmente desapareceu da publicação sem que houvesse nenhuma explicação por parte dos editores.

Além de parecer que servia para preencher espaços em branco nas páginas, a seção se alimentava de uma tradição de “livros-galeria”, que apresentavam pequenos perfis biográficos de personalidades históricas, artísticas e científicas. Esses livros circularam no país ainda durante o Império, publicados na segunda metade do século XIX. No Brasil, a *Galeria Pitoresca de Homens Célebres*, de J. Ph. Anstett, foi publicado pela primeira vez em 1873, pela Editora Laemmert. O livro continha retratos e biografias de homens notáveis pelos seus feitos na história. No prólogo, os editores indicavam este tipo de leitura a todos aqueles que desejavam ocupar uma “posição digna” na sociedade, sendo imprescindível ao público ilustrado, que cultivava os estudos³⁷⁵. Outra obra de referência nesta tradição foi a *Galeria dos Brasileiros Ilustres*, escrita pelo francês Sébastien Auguste Sisson, editada entre os anos de 1959 e 1961. É possível que os editores utilizassem esses livros como fonte para compor as seções que, inclusive, repetiam no título essa referência.

O primeiro número da seção apresentou a biografia de Jacquard, inventor das máquinas de fiar na França. Publicada na forma de quadrinhos, ela parecia ter sido adaptado de uma versão estrangeira³⁷⁶. A biografia do inventor começa ainda em sua infância, quando o gosto pela mecânica começava a florescer. O autor do quadrinho enfatiza o gosto do personagem pela construção de máquinas, que o leva ao trabalho em uma tipografia ainda jovem. De família pobre, Jacquard é obrigado a deixar o trabalho na tipografia com a morte precoce do pai. Para sustentar a família, o futuro inventor encontra emprego em uma oficina de fiação, onde mais tarde, buscando se superar no trabalho, une seu gosto pela mecânica à técnica da fiação e cria a primeira máquina de fiar da França.

375ANSTETT, J. Ph. **Galeria Pitoresca de Homens Célebres de Todas as Nações e Épocas**. Rio de Janeiro: Laemmert & Co, [s/d].

376No primeiro número intitulado Jacquard – o inventor das máquinas de fiação aparece a assinatura “Geel” que indica que a origem da ilustração é estrangeira.

O autor da história em quadrinhos tem a preocupação de construir um relato biográfico com sentido teleológico. Cada fase da vida do personagem é apresentada como um momento decisivo em sua trajetória como inventor. A ideia que se constrói na narrativa é a do gênio que já se revela na infância e se conclui, com certa lógica e racionalidade na idade adulta. Não há espaço para transtornos, dúvidas e desvios, a trajetória de Jacquard é apresentada em tom moralista e pedagógico, reforçando valores como o trabalho e a dedicação. Como é possível observar no trecho a seguir, a superação das adversidades é ressaltada pelo autor: “Era muito pobre, mas, apesar d’isso, sua grande preocupação era fazer machinismos. Empregou se como aprendiz em casa de um typographo e alli passava as horas vagas, procurando um meio de fazer typos, sozinho”³⁷⁷.

Também nesta seção os traços de personalidade dos vultos históricos, artísticos e científicos foram os aspectos mais destacados, o que reforçava o caráter pedagógico deste tipo de publicação. No número 191, do ano de 1909, os editores destacaram as marcas do caráter de Affonso Albuquerque, figura importante para o Império Português, que o fizeram um grande conquistador: “Foi um homem justo, activo, trabalhador, desinteressado, leal, patriota, enfim, todas as excellentes qualidades que um homen[sic] deve ter para se tornar útil e indispensável á vida humana”³⁷⁸. Percebe-se o uso constante de adjetivos que qualificam o personagem como um célebre político e patriota.

Apesar de serem duas personalidades históricas muito diferentes, as duas biografias destacam a dedicação ao trabalho como um aspecto relevante da trajetória dos personagens. O esforço de ambos em suas áreas de atuação estaria relacionado diretamente à sua importância histórica. Tanto no caso do inventor como do político e conquistador, o gosto pelo trabalho ganha centralidade em suas personalidades e justificam o sucesso que alcançaram. É possível perceber, portanto, que a questão moral, é um traço marcante nos usos da biografia pela revista.

Na tentativa de difundir uma moral fundada na superação a partir do esforço e dedicação, os autores da seção procuravam enfatizar a trajetória de personagens que teriam ultrapassado a barreira da pobreza, assim como no exemplo de Jacquard. Na biografia do Cardeal Julio Alberoni³⁷⁹, por exemplo, a superação da pobreza é defendida como um aspecto

377O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1909, Nº 183, Ano V.

378O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1909, Nº 191, Ano V.

379O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1909, Nº 208, Ano V.

marcante em sua trajetória. Segundo a narrativa, os estudos no convento teriam sido momento crucial para a superação de sua condição social e garantia do êxito que o levou a ocupar um alto cargo na hierarquia da Igreja Católica.

Essa ideologia do homem que se faz pelo esforço, um *self made man*, aparece com ainda mais força nas biografias de inventores e cientistas. No número da *Galeria dos Homens Célebres* dedicada a Robert Fulton, criador do navio a vapor, mais uma vez o sucesso futuro do personagem é creditado a sua capacidade de superação após o falecimento do pai. A tragédia familiar teria garantido senso de responsabilidade ao jovem, que além de se esforçar nos estudos precisava também trabalhar para o sustento de sua família:

Nascido em uma família pauperrima, recebeu uma educação pouco esmerada, uma educação primária incompleta.
Ainda muito creança, faleceu-lhe o pai, tendo desde então a seu cargo uma família a sustentar, sua mãe e mais quatro irmãos.
Mal sabendo ler, escrever e contar, consagrava Fulton suas noites ao estudo, sem professor algum de sciencias, para as quais tinha bastante inclinação [...] ³⁸⁰.

Nas narrativas biográficas publicadas na seção é comum ver a associação entre o estudo, o trabalho e a superação das adversidades financeiras. Esses aspectos são constantemente mobilizados na defesa de uma moral liberal, em torno de valores meritocráticos. Essa relação sugere aos leitores que as condições materiais de vida não impediriam o sucesso individual, ao contrário da preguiça e do desinteresse, que levariam o homem a uma vida medíocre e insignificante.

Chefes militares, políticos e líderes conquistadores recebiam grande atenção dos autores da seção e suas biografias eram frequentemente solicitadas nas seções de cartas. Nestes perfis biográficos exaltava-se o gênio e o conhecimento de táticas militares, a coragem, a autoridade e a firmeza do caráter, tidos como princípios essenciais na formação de um grande líder. Um exemplo de líder venerado, George Washington ganhou uma edição especial ilustrada na seção, publicada no número 616. Ele é apresentado como figura principal no processo de independência norte-americano e no estabelecimento da República daquele país. Sua vocação militar, aliada à fidelidade à República, teria feito de George Washington um homem destacado no escol das personalidades históricas:

380 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1909. Nº 214.

Ha, com efeito, poucos exemplos de homens que tendo exercido o poder militar e o poder civil com faculdades soberanas, não tivessem abusado de sua autoridade. Julio Cesar, Cromwell e Napoleão não souberam resistir a essa tentação; collocados no mais alto posto de Repúblicas florescentes, quizeram fazer-se imperadores e sacrificaram a liberdade do povo à sua própria vaidade.

Washington assim não foi; dispozo de autoridade sem limites, não teve orgulho, nem ambição³⁸¹.

Um aspecto interessante da biografia de George Washington, para além da afirmação de sua figura heroica, é a associação da República à ideia de liberdade. Essa analogia esteve presente em outras seções da revista que faziam uso do passado, como vimos em *História do Brasil em Figuras*, em que personalidades históricas do país, como Tiradentes e Duque de Caxias aparecem relacionados à ideia de República e liberdade. Neste caso, mais do que sua personalidade, a importância simbólica do personagem encontra-se no contexto político de sua atuação. A independência, e a consequente superação da dominação colonial com a implantação de uma república eram temas bastante caros à revista nas primeiras décadas de circulação.

As narrativas biográficas da seção seguiram um padrão bem característico das narrativas históricas positivistas. Neste tipo de biografia, acentuava-se o caráter exemplar do biografado e o foco da narrativa se dirigia à dimensão pública, ao invés da dimensão privada do personagem. Aspectos da vida privada, quando utilizados, serviam apenas para reforçar o caráter do biografado e ressaltar a construção de sua personalidade que, sob uma perspectiva teleológica, determinava seu lugar heroico na história. Segundo Giovanni Levi, nessas biografias positivistas, havia uma confiança de que aquela descrição representava os aspectos mais significativos de uma vida. Os desvios nesse modelo exemplar e a complexidade da identidade do biografado não eram aspectos relevantes nessas narrativas³⁸². Sabina Loriga observa que esta tendência de redigir biografias exemplares foi marcante entre os historiadores europeus no século XIX. Estas biografias, a serviço da história política, se tornavam significantes na medida em que afirmavam o culto à nação. Estas figuras, ao mesmo

381 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1917, nº 616, Ano XII.

382 LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. P. 171.

tempo em que refletem os valores do Estado-nação que representam, também procuravam atingir uma dimensão histórica universal³⁸³.

Na *Galeria dos Homens Célebres* essa dimensão histórica universal esteve expressa na publicação de histórias de vida de personalidades estrangeiras, que representavam valores e princípios modernos provenientes das nações mais avançadas do globo. A seção não publicou biografias de vultos históricos nacionais, o que chegou a ser criticado por leitores, como Maria Paula Fleury Curado, no número 193³⁸⁴. Ainda que a resposta indicasse uma possível publicação de biografias de personalidades brasileiras no futuro, isso nunca ocorreu. Com o pretexto de propagar valores universais, a seção publicou perfis biográficos de algumas personalidades pouco conhecidas entre os brasileiros, como o compositor espanhol Pablo Sarasate ou o poeta francês Violet-le-Duc. Essa pode ser uma indicação de que a seção servisse como uma espécie de “tapa-buraco” para a falta de conteúdo para fechar o número. Mostra também que essas biografias possivelmente seriam copiadas dos livros citados ou de publicações estrangeiras.

Um possível indício de que esta seção seria uma transposição de uma revista estrangeira é a assinatura nos retratos publicados junto as biografias. Em alguns deles é possível visualizar a assinatura estrangeira de A. Kreisler. Essa mesma assinatura foi encontrada em ilustrações de contos infantis, como *A mala voadora*, sem identificação de autoria. No exemplo abaixo da biografia da Imperatriz Maria Luiza aparecem duas assinaturas: uma reprodução da assinatura da própria biografada e a assinatura do artista, juntamente com o ano em que foi produzida.

383LORIGA, Sabina. “A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. Pp. 225-249.

384O *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 06 de junho de 1909, N° 193, Ano V.



Imagens 30 e 31: Retrato da *Galeria de personagens Célebres da História* e ilustração do conto *A Mala Voadora*, respectivamente.
O Tico-Tico, 24/01/1912. Nº329; *O Tico-Tico*, 06/03/1912. Nº 335.

O relato biográfico de Maria Luiza ilustra também outro dado da seção: o pouco interesse pela história de vida de mulheres. A primeira biografia feminina publicada pela seção foi de Maria Stuart, e foi publicada no número 325, de 1911³⁸⁵. A biografia dessa personagem foi solicitada por uma leitora na *Correspondência do Dr. Sabetudo*, de 1909. Segundo a revista, sua biografia seria publicada em breve “*conquanto se trate de uma mulher*”³⁸⁶, mas só apareceu na seção quase dois anos depois. A biografia da imperatriz Maria Luiza revela um certo desprezo pela trajetória da personagem e uma oportunidade para estabelecer um modelo de feminilidade a partir da crítica a essa personalidade histórica:

Maria Luiza nem foi boa esposa, nem boa mãe; como esposa, ella nunca deveria ter abandonado o marido no momento do perigo, como fez em 1814, partindo para Áustria quando Napoleão lutava, quasi sem esperança para salvar a França; como mãe, o seu dever era zelar pelos interesses de seu filho no lugar de abandoná-lo nas mãos dos inimigos de Napoleão, indo ella viver tranquillamente em Parma [...] ³⁸⁷.

Em 1918, uma seção também esporádica passa a figurar na revista. Chamada de *Brasileiros Illustres* ou *Galeria dos Brasileiros Illustres*, esta seção ganhou menos espaço na revista do que a *Galeria dos Homens Célebres*. Ela ocupava apenas uma coluna da página da

385 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1911, Nº 325, Ano VII.

386 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 9 de junho de 1909, Nº 196, Ano V.

387 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1912. Nº 324, Ano VIII.

revista, que nesta época dividia-se em três. Publicava sempre um retrato, geralmente a ilustração simples de um busto do biografado. O primeiro número da seção foi dedicado a André Vidal de Medeiros, general brasileiro que se destacou na luta contra os invasores holandeses em Pernambuco³⁸⁸. Assinado por Pinheiro Chagas, essa biografia dividia a página com a história dos membros ilustres da família Noailles, da França, publicada na seção sob o título *Galeria dos Personagens Illustres*.

Outras personalidades da história e artes brasileiras foram objeto das breves biografias da seção. Uma que se destaca, não tanto pelo seu conteúdo, mas pela sua localização na revista é a biografia de Duque de Caxias. Publicada no número 677³⁸⁹, a imagem do busto de Caxias e a narrativa de sua trajetória heroica aparecem ao lado, levemente acima, da fotografia de dois leitores em seções denominadas *Galeria de nossos leitores* e *Galeria da Infância*. A proximidade da história de vida do militar e das fotografias dos jovens leitores pode ter sido a intenção dos editores. Aproximar os consumidores da revista, futuros cidadãos, de personalidades da relevância de Caxias sempre foi uma das características dessas narrativas, dado o seu apelo moral. A localização da seção junto das fotografias pode indicar uma “moral da história”, uma indicação de que qualquer jovem com dedicação e trabalho podem no futuro ganharem a expressão do herói.

Outra biografia de destaque na seção foi a de Tiradentes³⁹⁰, publicada em meia página, com três colunas e um retrato do personagem ilustre no canto superior esquerdo. Abaixo do título da seção, um subtítulo “Tiradentes, o martyr da Independência do Brasil”. Esta seção reaparece depois de muitos anos sem ser publicada, mas este é o único número publicado naquele ano e a seção desaparece da revista com este número. A escolha de Tiradentes não parece ter sido motivada por nenhuma data comemorativa ou acontecimento específico da época, o que pode demonstrar um interesse dos editores em retomar a seção. O tom da biografia também se diferenciou dos demais perfis biográficos publicados na seção, que costumavam ser muito mais sintéticos. A trajetória de vida de Tiradentes é apresentada aos leitores em uma perspectiva moralista, apelando para o civismo. Após a descrição breve da vida do personagem e dos acontecimentos da Inconfidência que levaram a sua condenação, a narrativa se encerra com um claro apelo cívico:

3880 *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 6 de março de 1918, Nº 648, Ano XIII.

3890 *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1918, Nº 677, Ano XIII.

3900 *Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1917, Nº 1149, Ano XXII.

O Brasil, no culto ardente de seus filhos, não esquece nem esquecerá Tiradentes, que soube ser forte, leal para com seus companheiros e sobretudo cercar-se de estoica coragem diante da fereza de seus juízes e algozes, Glória, assim meninos, ao martyr da Independência, ao precursor da liberdade tão majestosamente alcançada em 1822³⁹¹.

Entre as décadas de 1920 e 1930, essas seções perderam espaço no interior da revista e foram raras as suas aparições nas páginas d' *O Tico-Tico*. Isso não significa, no entanto, que as biografias tenham desaparecido totalmente. Elas continuam a aparecer em homenagens nas *Lições do Vovô* ou em outros espaços, de maneira secundária, como em seções sobre a história pátria. Em 1939, as publicações da *Galeria dos Homens Célebres* ganham novo fôlego, mas ainda investindo em biografias estrangeiras. O espaço se torna maior na revista, geralmente ocupando meia página. Ainda assim, até 1941, quando a seção deixa de ser publicada permanentemente, poucos números foram lançados. Podemos destacar a biografia de Garibaldi, publicada no número 1841, de 1941³⁹². Na descrição da trajetória de vida do personagem, sempre apelando para sua defesa da liberdade e dos valores republicanos, o autor não comenta a participação de Garibaldi na Guerra dos Farrapos, somente sua importância na unificação da Itália. O autor comenta apenas o casamento com a brasileira Anitta, a quem teria amado “como irmã”. A ausência da participação de Garibaldi em um evento histórico nacional, só reforça a ideia de que essas biografias não teriam sido criadas por colaboradores da revista, mas importadas ou mesmo copiadas de publicações infantis estrangeiras.

Apesar do desaparecimento da seção exclusiva de biografias nacionais e estrangeiras, nas edições de 1939 e 1940, um concurso dedicado a desenhos dos vultos históricos brasileiros por leitores tomou a página da publicação. Durante várias edições, propagandas do concurso aconselhavam os leitores a recortar e montar uma página com as personalidades históricas publicadas na revista. Completada a página, os leitores deveriam trocá-la por cupões de sorteio. Na edição de 1801, no entanto, os editores publicaram nas páginas centrais da revista, ou seja, bem no meio da publicação, em página dupla, um mapa dos vultos históricos. Segundo os editores, o objetivo é que mesmo após trocar sua página por cupões, os leitores deveriam ter o direito de guardar de recordação um mapa que sintetizava as

391Id.

392 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1941, N° 1841.

personalidades mais importantes da história do país. A publicação do mapa em um momento em que a revista passava por dificuldades de aquisição de papel e tinta demonstra a importância do gênero biográfico na revista, ainda que nem sempre houvesse um local específico para o seu desenvolvimento. Mostra também os diferentes usos das biografias na revista, que também encontravam espaço nos concursos.

O concurso Grandes Vultos do Brasil se tornou foco da revista neste período, que para ganhar respaldo entre seus leitores e a comunidade fez questão de oficializá-lo junto ao Departamento de Educação. O ato de oficialização, assinado em 27 de março de 1939, foi publicada na edição de 2 de agosto de 1939, ao lado da descrição das regras do novo concurso. O ato ainda recomenda a utilização do material entre os professores da escola pública na disciplina de ciências sociais:

Considerando que é de grande vantagem para os fins colimados pelos poderes públicos, na parte educacional, facilitar e estimular a circulação ampla dos órgãos de literatura infantil, desde que os mesmos se enquadrem dentro do princípio da sã moral.

Considerando que o órgão infantil intitulado O TICO-TICO corresponde inequivocamente a todas essas condições, mantendo sempre estreita e patriótica colaboração com a escola pública.

(...)

Resolve oficializar o concurso “Grandes Vultos do Brasil”, intitulado pelo semanário infantil O TICO-TICO, com a finalidade de vulgarizar biografias sintéticas dos mais notáveis brasileiros, recomendando aos Srs. diretores de escola que prestem ao referido concurso toda a cooperação e apoio, providenciando para que o mesmo se articule e se desenvolva de acordo com o programa de ciências sociais.



Imagem 32: Mapa resultado do Concurso dos Grandes Vultos do Brasil. O Tico-Tico, 10/04/1940, Nº 1801, Ano XXXV.

3.3 A construção do cidadão diante da redefinição da identidade nacional republicana

Nos primeiros anos da República, a relação entre passado, presente e futuro nas narrativas sobre a história nacional ganhava novo sentido. A experiência recente da República alterava e interferia nas leituras do passado e estabelecia novos olhares e objetivos em relação ao futuro. Estabelecer as raízes da República, revisitando o passado colonial e imperial, era movimento essencial para a afirmação do novo regime. A legitimação do Estado Republicano dependia da eleição de heróis e figuras emblemáticas do passado nacional, mas significava também reinterpretar determinados acontecimentos, dando a eles novos sentidos, estabelecendo outras relações, que ajudavam a formar um quadro lógico que demonstrasse a inexorabilidade do advento da República.

Marcelo Magalhães e Rebeca Gontijo mostram que temas como a Inconfidência Mineira, a Abolição da Escravidão, a Guerra do Paraguai e o Manifesto Republicano de 1870 ganharam novos significados na educação histórica nos primeiros anos da República. Estes movimentos foram reconectados na tentativa de escrever uma história da República que

demonstrasse o seu caráter democrático³⁹³, e portanto, moderno. A realidade do novo regime ainda muito atual para aqueles que escreviam a história voltada para um público escolar, forçava a criação de uma narrativa que, apoiada nos procedimentos acadêmicos de verossimilhança, legitimasse o presente e o futuro da República.

Passadas as primeiras décadas de instituição do novo regime, cabia escrever a história da República não apenas buscando no passado a sua origem. Diante de uma República que trazia desafios complexos, como a expansão da escolarização, diminuição do analfabetismo, incorporação de setores sociais antes alijados da cidadania política, dar sentido de coisa pública a práticas políticas orientadas por interesses privados, parecia necessário realizar as críticas dos avanços e estagnações diante da renovação de expectativas de futuro.

Neste espaço optamos por trabalhar duas seções que tratavam exclusivamente da história nacional: *História da Nossa Pátria*, publicada nos últimos anos da década de 1920, e *Grandes Episódios da Nossa História*, nos primeiros anos da década de 1940. Essas duas seções circularam em dois momentos diferentes, separados por quase uma década, no entanto, representam momentos de redefinição das identidades nacionais e históricas do país. Além de procurar observar o que cada seção entende pela chamada história pátria, em especial seu olhar sobre a República, nosso objetivo é também analisar como questões do presente incidiam sobre essa percepção.

História da Nossa Pátria circulou entre 1927 e 1929. Era ilustrada por Cícero Valladares³⁹⁴, que publicava na revista também sob o pseudônimo Dudu. Infelizmente a maior parte dos textos não apresentam autoria, sendo impossível saber quem escrevia a seção, no entanto, as ilustrações pareciam ter grande importância já que a cada número publicava-se a legenda “Desenhos de Cícero Valladares” próxima ao título. As ilustrações eram sempre coloridas e a seção ocupava uma página inteira, sendo publicada entre as páginas 8 e 11³⁹⁵. Apesar de não figurar em todos os números, sendo substituída eventualmente por contos ilustrados, foi bastante frequente durante estes anos.

393GONTIJO & MAGALHÃES. Op. Cit. P. 90.

394Cícero Valladares nasceu na Bahia e veio para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como ilustrador e caricaturista. Trabalhou na revista O Malho e O Tico-Tico, nos primeiros anos assinando como Dudú. Já com seu nome verdadeiro, ilustrou seções de Viriato Correia sobre história e adaptações de obras clássicas da literatura infantojuvenil, como Robinson Crusoé. Também trabalhou em campanhas publicitárias e na revista Fon-Fon. Faleceu em 10 de setembro de 1937.

395Nestes anos as edições da revista contavam com 35 a 40 páginas.

Mesmo diante da ausência da autoria, alguns números chegaram a apresentar referências. Os números acerca da história de Caramuru e Paraguassú eram inspirados no poema épico do Frei Santa Rita Durão, conhecido pela exaltação indianista. Já os últimos nove números foram retirados do livro *Contos da História do Brasil*, escrito por Viriato Corrêa. As histórias *Laços de Fita*, *Terra de Santa Cruz* e *Boi Melchior* apresentavam os acontecimentos históricos de maneira romaneada, ao contrário das demais marcadas por uma preocupação com o factual. Viriato Correia, que assina essas histórias, era um conhecido escritor de livros infantojuvenis³⁹⁶.

Nos primeiros números, a seção era publicada em quadros, semelhante a *História do Brasil em Figuras*. No entanto, a partir do número 1167, cujo tema era a escravidão, a seção passa a ser publicada em texto com ilustrações espalhadas pela página. A nova organização estética da seção criava um diálogo com as páginas voltadas a literatura infantojuvenil, que na ocasião também eram ilustradas por Cícero Valladares. As obras *Viagens Maravilhosas de Gulliver*, de Jonathan Swift, e *História de Um Boneco de Páu, o Pinóquio*, de Carlo Collodi foram publicadas nas páginas anteriores e posteriores à seção. É possível que o objetivo fosse relacionar os dois conteúdos, a literatura infantil e a História. Em *História da Nossa Pátria*, no entanto, as ilustrações eram mais objetivas, variando entre retratos e reprodução de cenas cotidianas, paisagens e batalhas. Na seção de história, seu objetivo era chamar atenção do leitor, mas também servir de complemento pedagógico ao texto.

Ao contrário do que observamos em *História do Brasil em Figuras*, os temas desta seção não eram apresentados de maneira cronológica. Eles eram publicados de maneira aleatória, sendo difícil encontrar um sentido na escolha dos assuntos. Para citar um exemplo, entre os números 1173 e 1180, parecia que o autor iniciaria uma série sobre as invasões estrangeiras no Brasil, no entanto, as invasões holandesas aparecem nos números 1188 e 1210. Entre estes publicaram-se temas do período imperial e republicano. As narrativas seguiam um tom patriótico, buscando ressaltar a natureza heroica da história pátria.

A seção se inicia no número 1152, com a chegada de Pedro Álvares Cabral no território americano³⁹⁷. A narrativa segue a interpretação tradicional do assunto: seguindo o caminho para as Índias, a esquadra de Cabral acabou sendo arrastada por correntes que o

396 Sobre a obra infantil de Viriato Correia Ver FERNANDES, José Ricardo Oriá. **O Brasil contado às crianças**: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de história (1934-1961). Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

397 *O Tico-Tico*, 02 de novembro de 1927, n° 1152, ano XXII.

levaram a costa de um novo território, que chama de Brasil. Ao ancorar, o navegador português encontra homens nus, de pele avermelhada e penas na cabeça. Logo manda rezar a primeira missa e retorna a Portugal para contar a descoberta do novo território ao rei. Percebe-se no texto a centralidade de Pedro Álvares Cabral no enredo e a ideia de superioridade do homem branco e europeu sobre os nativos. Ao se referir a missa e a cruz erguida no território, o autor escreve que Cabral “ordenou que todos se ajoelhassem e a beijassem”, indicando a pronta submissão dos indígenas ao português conquistador.

Apesar do pouco-caso com os indígenas no primeiro número, a seção dedicou duas edições às práticas e costumes indígenas. Publicadas sob o título “Os nossos indígenas”³⁹⁸, traziam aspectos linguísticos das tribos indígenas, suas crenças, características de sua vida política e social. Privilegiaram o gosto pela guerra característico das tribos que vivam no território, que segundo o texto “viviam em guerras contínuas umas com as outras”³⁹⁹. A ideia de superioridade dos brancos “civilizados” em relação aos índios selvagens permanece conduzindo a narrativa ao descreverem, por exemplo, a moradia indígena caracterizada pela “promiscuidade”, onde várias famílias viviam juntas, ou sobre as práticas alimentares, em que “comiam e bebiam sem regra”⁴⁰⁰. No número dedicado à escravidão, interpreta-se a utilização da mão de obra do africano em decorrência do “genio livre e indomável e refractario ao trabalho”⁴⁰¹, característico das populações indígenas.

Também em relação ao escravo negro utilizaram a mesma qualificação de selvagem. Porém, o texto informa aos leitores que diferente do indígena, que era livre, os africanos eram escravizados por seus governantes, que os vendiam como se fossem cabeças de gado. O texto responsabiliza os próprios africanos pela escravidão, enquanto os colonos compravam os escravos por mera necessidade. O texto ainda fala do bom coração do negro que fez com que não odiassem seus algozes, mas se tornassem amigos, prestando grandes serviços a pátria. A narrativa reproduz a ideia da passividade do escravo e ainda ajuda a construir a ideia do negro como um outro, como um irmão da pátria, mas não parte integrante da nacionalidade.

Para além destas representações do civilizado e do selvagem, um aspecto marcante foi a integração de fatos históricos da República aos temas da seção. Naquele momento, já havia se passado mais de 30 anos da Proclamação da República e já era possível tanto fazer uma

398 Foram publicados nos números 1193, de 15 de agosto de 1928 e 1198, de 19 de setembro de 1928.

399 *O Tico-Tico*, 15 de agosto de 1928, nº 1193, Ano XXIII.

400 *O Tico-Tico*, 19 de setembro de 1928, nº 1198, ano XXIII.

401 *O Tico-Tico*, 15 de fevereiro de 1928, nº 1167, ano XXIII.

avaliação dos primeiros anos do novo regime, como escolher aqueles que seriam alçados a heróis da República, completando o panteão formado por Tiradentes e Frei Caneca. Os números que trataram da República procuraram construir uma narrativa que relacionasse os eventos com a construção da pátria. Mas do que fazer parte da história, os eventos relacionados à República diferenciavam-se dos anteriores por terem sido inspirados por valores e ideias que ajudavam a construir o Brasil que se modernizava.

O primeiro número sobre a história da República trata da Proclamação. Publicado em 17 de outubro de 1928⁴⁰², provavelmente em ocasião da comemoração da data, ele trazia no topo da página, separados apenas pelo título, retratos de D. Pedro II, à esquerda, e de Marechal Deodoro da Fonseca, à direita. As três colunas de texto são interrompidas com uma ilustração oval, no meio da página, que retrata marechal Deodoro sendo saudado por suas tropas. O número trata a Proclamação como uma revolução comandada pelo militar que tinha como objetivo destituir o poder da família real, terminar com o regime monárquico, e a construção de um regime cuja missão era garantir a ordem pública, a liberdade e os direitos do cidadão. O texto apresenta características mais descritivas, sendo pouco laudatório aos homens responsáveis pelo desencadeamento do evento, como era costume na seção.

No número seguinte sob o título “O Banimento da Família Imperial”, o autor apresenta tom elogioso ao imperador e sua família. Ele ressalta que ao ser enviado ao exílio o monarca teria dito que “conservaria do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos pela grandeza e prosperidade de sua Pátria querida”⁴⁰³. Também cita o falecimento de D. Thereza Christina, pouco depois da chegada em Lisboa, a quem chamam de “Mãe dos Brasileiros”.

Esse tom benevolente com a família imperial, em especial com o monarca Pedro II, diz muito sobre o período em que a seção foi escrita. As agitações políticas e sociais da década de 1920 indicam que o período de lua de mel com a República dava lugar a crise do modelo político vigente. A República não mais parecia aquela dos sonhos dos intelectuais, que nos primeiros anos após a Proclamação confiavam na superação do atraso a partir da mudança política. No início da década, a Reação Republicana, que tornou clara as disputas intraoligárquicas em torno da sucessão de Epitácio Pessoa, e a eclosão do Movimento Tenentista demonstravam o desgaste do sistema⁴⁰⁴. Mesmo que os conflitos em torno do

402 *O Tico-Tico*, 17 de outubro de 1928, nº 1202, ano XXIII.

403 *O Tico-Tico*, 24 de outubro de 1928, nº 1203, ano XXIII.

404 FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930.

pleito eleitoral de 1929 não tivessem ainda se manifestado, já havia um indicativo claro das insuficiências do modelo republicano.

Após décadas do fim do regime monárquico e diante da desilusão com a República, a imagem do monarca se modificara. Se em *História do Brasil em Figuras*, no início do século XX, o período imperial simbolizava o atraso, em *História da Nossa Pátria*, o governo de D. Pedro II aparece como parte importante da construção da pátria. Durante toda a Primeira República, a imagem simbólica do ex-imperador sofreu transformações, cujo símbolo foi a repatriação de seus restos mortais para o Brasil, em 1921, que procurava representar o conagraçamento entre o Império e a República⁴⁰⁵. A crise política que se acentuaria com a campanha da Aliança Liberal, ajudou a reforçar a imagem de Pedro II como um patriota, em contraposição às práticas e vícios que marcavam a experiência republicana⁴⁰⁶.

Na seção, a imagem desgastada da República é refletida também nos perfis de seus presidentes. No número 212, que trata do governo de Floriano Peixoto⁴⁰⁷, ainda que a ilustração siga uma representação patriótica do seu retrato com a bandeira nacional ao lado, a descrição de seu governo privilegia apenas os conflitos enfrentados pelo presidente. Segundo o autor, a marca do governo de Floriano Peixoto teria sido as agitações políticas e comerciais. Após a descrição dos conflitos que marcaram seu governo, como a deposição de governadores de estado, as revoltas das fortalezas de Santa Cruz e Lajes, no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, o texto ainda cita rapidamente a ditadura do seu antecessor Marechal Deodoro da Fonseca. Não apresenta, portanto, as loas costumeiras aos chefes de Estado, nem ressaltam sua importância no culto cívico e patriótico da nação.

Além de Floriano Peixoto, a seção ainda trata de mais três presidências: a dos civis Prudente de Moraes, Rodrigues Alves e Campos Salles. Sobre Prudente de Moraes⁴⁰⁸, a narrativa segue a linha descritiva observada anteriormente para Floriano Peixoto, privilegiando os acontecimentos mais marcantes do governo. No entanto, ao fim do texto, o autor descreve o governo de Prudente de Moraes como “o melhor” e ainda que não apresente também contumaz tom laudatório, a ilustração no centro da página, retrata a morte do

In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves & FERREIRA, Jorge (orgs). Op. Cit., P.387-415.
405 GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Os funerais de D. Pedro II e o imaginário republicano. In: SOHIET, Rachel [et al.]. **Mitos, projetos e práticas políticas**. Memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. P. 81.
406 Id. P. 82.
407 *O Tico-Tico*, 29 de dezembro de 1928, nº 1212, ano XXIII.
408 *O Tico-Tico*, 02 de janeiro de 1929, nº 1213, ano XXIV.

Marechal Bittencourt, que entra na frente do presidente impedindo o atentado perpetrado por Marcelino Bispo de Mello. Mesmo diante da narrativa didática, a ilustração do episódio dá sustentação heroica aos personagens retratados e, conseqüentemente, ao governo de Prudente de Moraes.

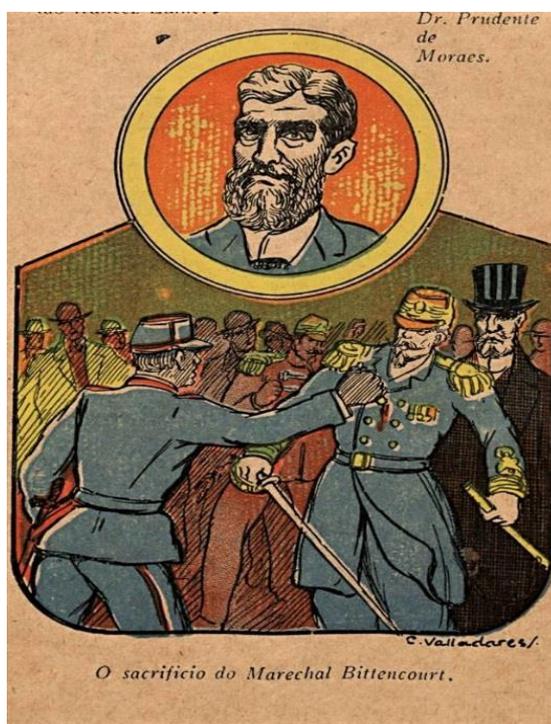


Imagem 33: História da Nossa Pátria, sobre o Presidente Prudente de Moraes.
O Tico-Tico, 02/01/1929, Nº 1213, Ano XXIV.

No governo de Rodrigues Alves, os autores privilegiam um aspecto marcante de sua política: o higienismo. Ressaltam o interesse do presidente em sanear o Rio de Janeiro, o que teria sido possível graças ao apoio de dois outros personagens importantes, o prefeito Pereira Passos, descrito como de “rara energia, ainda que despótica” e Oswaldo Cruz, o homem que “concluiu brilhantemente a campanha contra a febre amarela”⁴⁰⁹. Além destes aspectos, o autor sublinha episódios que considera tristes para o período, como a Revolta da Vacina, em 1904, e a tragédia do Aquidaban, em 1906. A explosão do encouraçado que levou a morte mais de 200 vítimas foi muito noticiada na revista, que chegou a realizar uma campanha entre os leitores para levantar fundos para ajudar os familiares das vítimas⁴¹⁰.

409 *O Tico-Tico*, 24 de julho de 1929, nº 1242, ano XXIV.

410 Sobre a campanha ver *O Tico-Tico*, 7 de fevereiro de 1906, nº 18, ano II.

No número sobre Campos Salles, o autor oferece uma leitura interessante sobre seu governo. Logo no primeiro parágrafo o autor fala da dificuldade em governar o Brasil diante uma situação financeira desesperadora desde os primeiros anos da República. Diante do quadro desenhado, Campos Salles é elogiado por sua tentativa de garantir a paz e, ao mesmo, tempo, enfrentar a questão econômica de maneira dura. Aproximando-se da narrativa de Rodrigues Alves, na qual se procurou ressaltar os pontos positivos do governo e chamar atenção para outros personagens envolvidos, o governo de Campos Salles é descrito como um momento positivo da história da República, a despeito da grande insatisfação popular:

As economias empreendidas e os impostos aumentados provocaram muitas queixas, mas o governo seguiu implacável no seu benemerito programma, cuja execução fôra entregue ao grande Brasileiro Joaquim Murinho, homem de extraordinária firmeza de resoluções e de cega confiança em seus próprios conhecimentos e estudos⁴¹¹.

Vê-se que no caso de Campos Salles há uma tentativa de suavizar a memória do presidente, defendendo que ele teria vivenciado “condições especiais” que teriam levado a adoção de medidas duras. A despeito do “ódio do povo” sobre Campos Salles, seu governo teria sido uma referência importante para a história pátria na construção de um país mais moderno no que diz respeito ao enfrentamento de suas finanças. No último parágrafo, o esforço em fazer sobressair o mérito deste governo, os autores falam de uma reestruturação de Campos Salles e Joaquim Murinho, que passados anos de República, teriam passado a ser venerados pelo povo.

Além de tratar desses governos, outro importante episódio da República retratado pela seção foi a Revolta de Canudos. Neste número, a interpretação do autor aparece na narrativa, na qual estabelece diversas críticas ao teor religioso do movimento. O líder de Canudos, Antonio Conselheiro, que é representado em uma ilustração de corpo inteiro, no meio da página dividindo as duas colunas do número, é apresentado como um “supersticioso matuto, como os há muitos no Brasil, que conseguiu fama de profeta e santo, reunindo em torno de si grande quantidade de gente ignorante e fantástica sobre a qual exercia domínio absoluto”. Apresenta, portanto, uma visão depreciativa dos revoltosos, em contraposição a atuação dos

411 *O Tico-Tico*, 04 de setembro de 1929, nº 1248, ano XXIV.

militares na repressão, onde ressaltou-se bravura dos homens que combateram o bando de “criminosos”, “fanáticos e ignorantes”. Durante o texto, o autor fez questão de destacar também que os revoltosos se alimentavam pelo desejo de ver restaurada a monarquia, caracterizando seu líder como “adversário da República”. Para o autor da seção, a Revolta de Canudos teria sido um evento emblemático de como na República subsistiam valores e atitudes arcaicas, que se contrapunham a modernidade republicana.

A modernidade republicana foi, aliás, um dos temas da seção *Quadros na Nossa História*, publicada em *O Tico-Tico*, entre os anos 1941 e 1943. Essa seção era produzida pelo artista Seth, pseudônimo de Álvaro Marins⁴¹². Ela começa a ser publicada no mês de agosto, quando a revista passa por uma reestruturação, uma nova fase de circulação mensal. A nova seção foi anunciada ainda no número anterior como uma “linda e patriótica coleção”, ressaltando também o seu valor educativo para as crianças jovens⁴¹³. No primeiro número, ela é apresentada aos leitores:

“O Tico-Tico” na sua nova fase, que hoje se inicia, vai oferecer aos seus leitores uma bela coleção de páginas sobre a História nacional, desde o descobrimento, na mais maravilhosa das sínteses. São elas os “Quadros da Nossa História”, excelente trabalho de Seth, através do qual vocês muito terão o que aprender. Reunidas, estas páginas formam um álbum precioso e os concitamos a colecioná-las carinhosamente⁴¹⁴.

A estrutura da seção seguia uma organização bastante didática, com uma grande quantidade de ilustrações, entre retratos, reprodução de cenas e mapas. A seção, que era numerada para facilitar a coleção entre os leitores, contou com 28 números, publicados em temas que seguiam uma orientação cronológica. A seção privilegiou fatos da história colonial e imperial, iniciando com as navegações europeias que levaram ao Descobrimento da América. Nos últimos seis números tratou da história política e cultural da República⁴¹⁵.

412 Álvaro Marins nasceu em Macaé em 18 de janeiro de 1891. Em 1908 começou a colaborar com as revistas *O Malho* e *O Tico-Tico*, onde assinava caricaturas com o pseudônimo Guido. Também atuou nas revistas *O Gato* (1911), *Figuras e Figurões* (1913), *Fon-Fon* (1917-1920) e *D. Quixote* (1920-1927). Entre os anos 1930 e 1940 publicou as “Coleções Seth”, uma série de álbuns ilustrados voltados ao consumo escolar. Álvaro Marins também se envolveu com animação, produzindo em 1917 o primeiro curta de animação denominado “O Kaiser”. Faleceu no Rio de Janeiro em 28 de Janeiro de 1949.

413 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 23 de julho de 1941, nº 1868, Ano XXXVI.

414 *O Tico-Tico*. Agosto de 1941, nº 1869, Ano XXXVI.

415 Infelizmente apenas quatro dos seis números dessa série estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira,

Nessa seção observamos novamente a mudança de perspectiva acerca do domínio português no território, com a valorização de certa noção de progresso trazida pelos portugueses. A valorização do branco conquistador, se contrapunha a vida selvagem e primitiva dos índios, e teria sido o elemento que permitiu a mistura das três raças que formam a identidade racial brasileira⁴¹⁶. O reconhecimento da importância dos portugueses no Brasil ganha ainda mais força a partir da vinda da família real portuguesa, em 1808. Em número sobre o assunto, o autor celebra a “Trasladação da família real para o Brasil” que teria tornado capaz aquilo que os “inconfidentes mineiros não conseguiram realizar” - a independência. A seção traz elogios a figura de D. João VI, que teria conseguido evitar o domínio de Napoleão Bonaparte em Portugal, além de ter sido responsável por uma série de importantes transformações no país: “Durante esse período proporciona ao país não só autonomia como progresso intelectual e material. Cria escolas e tribunais superiores, imprensa, erário régio e incentiva a indústria e o comércio do Brasil”⁴¹⁷.

Além das melhorias destacadas acima, o autor ainda destaca outras nas ilustrações da página, como o Jardim Botânico, Escola de Belas Artes e a Faculdade de Medicina.

da Biblioteca Nacional.
416 *O Tico-Tico*. Setembro de 1941, nº 1870, Ano XXXVI.
417 *O Tico-Tico*. Julho de 1942, nº 1880, Ano XXXVII.



Imagem 34: *Quadros da Nossa História*
O Tico-Tico, 07/1942, Nº 1880, Ano XXXVII.

A figura libertadora de Tiradentes, imagem tão disseminada durante a Primeira República, é substituída pela de D. João VI e D. Pedro I. No número seguinte, sobre a Independência do Brasil, novamente o monarca português é elogiado por prever que logo a independência ocorreria, deixando seu filho como regente. D. Pedro I é destacado como um príncipe “muito popular e querido dos brasileiros”⁴¹⁸. O gênio “impetuoso e autoritário” do primeiro imperador do Brasil só aparece no número seguinte sobre sua abdicação⁴¹⁹. Mas ainda assim, o autor ressalta que a impopularidade do monarca teria sido favorecida por

418O *Tico-Tico*. Agosto de 1942, nº 1881, Ano XXXVII.

419O *Tico-Tico*. Setembro de 1942, nº 1882, Ano XXXVII.

conflitos entre portugueses e brasileiros naquele contexto, e não de falhas em seu caráter ou em suas ações. A autoridade do monarca não aparece como uma falha moral do imperador.

A exaltação da família real continua com D. Pedro II, que ganhava destaque inclusive no número sobre a Proclamação da República. Ao contrário do que observamos nas seções de história dos primeiros anos da República, em que o movimento de identificação das ideias republicanas remontaria o período colonial, para Seth, as ideias republicanas só teriam encontrado espaço no país nos últimos anos do Segundo Reinado. Isso se deveria a figura do imperador “cuja bondade e modéstia sempre o tornaram amado dos brasileiros”. O advento da República, segundo a seção teria sido motivado pelo cansaço e doença do imperador, que “já não podia exercer a sua autoridade como devia”⁴²⁰. A inevitabilidade da República não vinha mais da força das ideias republicanas no país, mas na ausência de autoridade do monarca. É interessante perceber que no contexto do Estado Novo, o caráter autoritário dos governantes, assim como suas posturas rigorosas e mesmo antidemocráticas são valorizadas.

A Proclamação e o estabelecimento da República ganharam poucas linhas do autor, que fez questão de retratar o exílio da família real como o primeiro ato da República e os confrontos do Marechal Deodoro da Fonseca e de Floriano Peixoto em relação ao federalismo no país. O último parágrafo ressalta que a consolidação do regime republicano só viria anos depois com a atuação do presidente Getúlio Vargas, indicando que todo o período que antecede seu governo teria sido de instabilidade: “Posteriormente, o regime foi plenamente consolidado e, graças a ação do Presidente Vargas, o Brasil hoje progride e se impõe ao respeito das demais nações, no pleno vigor do regime republicano”⁴²¹.

A verve centralizadora de Getúlio Vargas aproximava-o mais do antigo imperador do que dos posteriores líderes republicanos. A crítica aos presidentes da Primeira República e a proximidade de Vargas com os Imperadores, aparece novamente no número 1893, sobre “As Constituições Brasileiras”. Apesar do título, o número não apresenta a Constituição de 1824, somente as Constituições republicanas de 1891, 1934 e 1937. As mudanças constitucionais de 1937 aparecem como um esforço do presidente em unificar o país, ideia recorrente também durante o Império, quando se fazia necessária a identificação do país com o Estado Nacional recém-criado e diante do medo de fragmentação territorial. No entanto, na seção Vargas

420 *Tico-Tico*. Junho de 1943, nº 1891, Ano XXXVIII.

421 Id.

aparece como o verdadeiro criador do Estado Nacional, o que se dá a partir da formação do Estado Novo:

O Ppresidente[sic] Getúlio Vargas, colocando-se acima dos partidos políticos e inspirado no desejo de unificar o país, dando-lhe a fôrma de govêrno que convém ao povo e à Nação, promulgou nova Constituição, que está em vigor, criando o Estado nacional, extinguindo as bandeiras, escudos e hinos dos Estados e assumindo temporariamente a direção centralizadora dos órgãos e poderes creados pela Constituição de 1891⁴²².

É importante considerar que o culto à personalidade de Getúlio Vargas nesses números e a defesa de uma narrativa oficial dos fatos pelo Estado Novo, não significa necessariamente que o autor endossasse o projeto do governo. É necessário refletir sobre as complexas relações existentes naquele contexto entre os impressos e o Departamento de Imprensa e Propaganda que, através da figura de Lourival Fontes, procurava controlar as manifestações culturais de diversos segmentos da sociedade, entre elas as revistas. Ainda que por vezes os intelectuais da imprensa mantivessem relações harmoniosas com o Estado, funcionando como porta-vozes do novo regime, ou mesmo acreditando-se em portadores de uma missão vanguardista⁴²³, o controle do DIP também envolvia troca de favores e censura, já que a imprensa estava subordinada ao Estado⁴²⁴.

3.4 A história pátria no cruzamento entre dois regimes de historicidade

“Pátria”, que não quer dizer simplesmente a terra em que se nasce, mas abrange tudo: o passado, as tradições, a história.

Pátria é o solo em que pisamos, é a água que nos desentenda, é a árvore, que nos dá sombra, é o fructo, é o lenho, é a ave, que vem cantar a alvorada no teto palhiço da nossa cabana; é o animal que vive na floresta, é a cantilena com que a jovem mãe adormece no berço o filho pequenino e é o hymno forte, que a multidão entôa.

Deus está todo na hostia e na menor particula – pois a Patria é como Deus⁴²⁵.

422 *O Tico-Tico*. Agosto de 1943, nº 1893, Ano XXXVIII.

423 VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO & FERREIRA. Op. Cit., P. 153.

424 Ibid. P. 158.

425 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 6 de dezembro de 1916, nº 583, Ano XI.

O trecho acima foi retirado da seção *Histórias e Legendas*, de 6 de dezembro de 1916⁴²⁶. A história pertence ao conto *O Inválido*, de Coelho Neto⁴²⁷, publicado em um pouco mais de duas páginas na revista. *O Inválido* integra uma seleção de contos destinados às crianças do livro *Apólogos*, publicado pela primeira vez em 1904. Na revista, o conto foi publicado com as mesmas ilustrações do livro original⁴²⁸ e aparece na seção como uma publicação dedicada à “campanha pela defesa nacional”, iniciada por Olavo Bilac, em 1915.

O texto conta a história de um homem velho que sempre que caminhava pela estrada era alvejado por frutos e galhos secos jogados por um grupo de meninos. Diante da maldade dos jovens, o homem que andava com dificuldades e a quem faltava um braço, resolve dar uma lição de pátria e civismo. Explica que quando jovem esteve na guerra para proteger seu país de um inimigo cruel que ameaçava as fronteiras. Sua invalidez teria sido resultado de seu ato heroico, de anos dedicados ao bem e à segurança de sua pátria. O texto de tom comovente é publicado em um momento delicado, em que a Primeira Guerra Mundial se encontrava no auge. Entre 1915 e 1918, a revista publicou uma série de reportagens e fotografias sobre as tragédias da guerra. Nestas imagens descortinavam-se os horrores da guerra⁴²⁹, os homens mutilados⁴³⁰, inclusive o cotidiano das crianças nos países palco dos conflitos⁴³¹.

Ainda que o texto de Coelho Neto tenha sido escrito anos antes da deflagração da guerra, sua publicação naquele momento certamente causava comoção entre os leitores. E essa provavelmente foi a ideia, já que com ele buscava-se chamar atenção para a campanha de Bilac, lançada três meses antes, em ocasião da comemoração do 7 de setembro. Como foi possível verificar no capítulo anterior, Olavo Bilac, ao lado de Pedro Lessa e Alvaro Alberto

426Essa seção circulou de maneira inconstante entre os anos 1913 e 1921 e publicava desde contos infantis, lendas folclóricas europeias e brasileiras, até curiosidades históricas.

427Henrique Maximiano Coelho Neto nasceu em 21 de fevereiro de 1864. Foi escritor, político, professor e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, onde se tornou diretor em 1926. É considerado um dos principais expoentes do Parnasianismo, movimento artístico que prezava pela forma, com a utilização de diversos artifícios retóricos. Seu trabalho literário, inclusive voltado ao público infantil, se destacou pelo nacionalismo exacerbado e pelo elogio ao culto cívico. Faleceu no Rio de Janeiro em 28 de novembro de 1934.

428NETO, Coelho. **Apólogos**. Contos para crianças. Porto: Livraria Chardron, de Léo Irmãos Ltda, 1924.

429*Horrores da Guerra* foi o título da capa da revista, publicada no número 530, de 1 de dezembro de 1915. A capa mostrava ilustração e um militar despedindo-se de seus filhos antes de partir para a guerra.

430*Os mutilados pela guerra* foi título da seção *Lições do Vovô*, número 533, de 22 de dezembro de 1915. Nesta seção, o autor comenta as mutilações e a recuperação de feridos de guerra, inclusive com a publicação de fotografias.

431*As crianças na Guerra* foram uma série de fotografias publicados em diversos números da revista. Elas mostravam de filhos de príncipes, como os herdeiros do trono da Inglaterra e Itália, até crianças que sobreviveram a guerra e/ou perderam seus pais em batalha.

criaram a Liga de Defesa Nacional com o objetivo de levar a cabo um projeto de modernização que visava a difusão do sentimento patriótico entre os brasileiros, fomentado a partir de uma educação cívica. Ela recebeu amplo apoio da revista *O Tico-Tico* que destacava o mérito da instituição em lutar pelo objetivo de “tornar o Brasil forte e, portanto, capaz de manter respeitados, perante o mundo inteiro, nossos créditos de nação livre e altiva”⁴³². Os colaboradores também ressaltavam a importância do movimento para o progresso da educação⁴³³ e na propagação do escotismo no Brasil⁴³⁴.

No texto, um dos muitos de Coelho Neto publicados no periódico, o autor define a pátria como um conjunto de coisas relacionadas ao país. Além daquilo que sustenta e alimenta o homem, em uma imagem característica da literatura cívico pedagógica naquele contexto⁴³⁵, para Coelho Neto a pátria também englobava o passado, as tradições e a história do país. O texto do escritor está repleto de representações da relação entre passado e futuro. O encontro do homem velho com as crianças é um encontro entre dois tempos: o inválido como o passado, que apesar da imagem decrépita, esconde uma trajetória heroica, repleta de ensinamentos; os meninos que, apesar da vitalidade da juventude, de um futuro aberto, estão suscetíveis ao aprendizado capaz de dar solidez às ações futuras. Coelho Neto apresenta a imagem de dois Brasis: um Brasil pretérito, fonte de conhecimento e experiência, mas ultrapassado, obsoleto, e um Brasil em infância, o país que se concretiza no futuro. São também duas concepções de história, uma que aponta para o caráter pedagógico do passado e outra que aponta para o futuro, uma história voltada para o progresso.

A história pátria nas páginas da revista agrega essas duas concepções de história: o passado é fonte de informação sobre as nossas tradições, nossos heróis, nossa constituição enquanto Estado, e como forma de identificação com o novo regime. Nas páginas anteriores procurou-se mostrar como as seções de história da revista buscavam cumprir um objetivo formativo, fornecendo aos leitores o conhecimento do passado histórico do país através da memória de seus monumentos, da eleição e ressignificação de fatos históricos e heróis. Ao mesmo tempo que essa história pátria oferecia ensinamentos através de leituras dos erros e acertos do nosso percurso histórico, ela também apontava para a necessidade de superação de problemas e da construção de cidadãos modernos e moralizados.

432 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1916. Ano XI, Nº 577.

433 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1916. Ano XI, Nº 585.

434 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 27 de junho de 1917. Ano XII, Nº 612.

435 HANSEN, Op. Cit, 2007. P. 76.

Angela de Castro Gomes chama atenção para a centralidade do período que vai do fim do século XIX até o início dos anos de 1940 para a definição de uma história pátria. Segundo a autora, a escrita da história pátria esteve diretamente relacionada com a consolidação de uma cultura política republicana. Respalhada por uma cultura cívico-patriótica, ela ajudaria a dar sustentação a produção de novos cidadãos⁴³⁶. Ao lado da história acadêmica, a história ensinável, ou seja, aquela responsável pela produção de manuais escolares, organização de celebrações de datas cívicas e outros tipos de narrativas voltadas para a imprensa ou para o grande público, buscava assegurar a produção de um passado comum, estabelecendo uma origem que garantiria a comunhão e o sentido de continuidade entre os cidadãos da jovem República⁴³⁷.

Uma das formas de uso do passado que visava garantir, de um lado, esse sentimento de comunhão em torno da República, e de outro, o sentido pedagógico do passado, eram as celebrações de datas históricas. Todos os anos desde o seu lançamento, a revista dedicava espaços variados a celebrações de datas cívicas. Fosse na capa, nas *Lições de Vovô* ou em espaços especialmente separados para essa função, a celebração era uma forma de construir um universo simbólico que dava sentido de união aos leitores em relação ao seu passado, formando um diálogo deste com o presente e futuro.

Como mostra a historiadora Lucia Lippi de Oliveira em artigo já clássico sobre as festas e comemorações na República, ao lembrar de fatos do passado nacional, de passagens consideradas heroicas no imaginário da nação, construía-se uma ideia de legitimidade e coesão nacional necessária aos novos projetos políticos e regimes recém-instituídos⁴³⁸. Se os primeiros anos da República se destacaram na construção de um imaginário, sustentado por símbolos, alegorias e ritos que visavam definir as novas identidades e organizar o passado, presente e futuro da nação⁴³⁹, esta prática também se tornou recorrente em projetos de modernização posteriores, sendo expressiva no Governo Vargas⁴⁴⁰ e com outras características entre os anos 1950-1960⁴⁴¹.

436GOMES, Angela. Op. Cit., 2009. P. 85.

437Ibid, P, 87.

438OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As festas que a República manda guardar. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.172-189, 1989.

439CARVALHO, José Murilo. Op. Cit., P. 10.

440FRAGA, Op. Cit.

441Para André Botelho os anos 1950, em comparação aos anos 1920 e 1930, também se caracterizou por introduzir novos paradigmas e fundamentos, novos olhares sobre o passado e perspectivas de futuro, que buscavam dar sentido à relação entre indivíduos e grupos na sociedade brasileira. Ainda que defenda um

As celebrações de datas históricas, por constituírem também um momento de reflexão cívico-patriótica, não possuíam compromisso com a descrição dos fatos. As narrativas criadas com esse fim buscavam, à luz do presente, construir uma interpretação sobre a data celebrada. Ao contrário de outras publicações de história da revista, mais importante do que buscar a “verdade histórica” e respaldá-la através de imagens e fontes, é garantir que estes textos funcionassem como espaços de reflexão sobre os significados do passado para a construção do presente e futuro do país. O conteúdo moral e a mensagem patriótica são os principais referenciais para esses textos.

Beatriz Sarlo argumenta que as narrativas históricas voltadas para a circulação de massa, como as histórias nacionais de difusão escolar, modelo que se aproxima do que vemos na revista, obedecem a parâmetros diferentes da história acadêmica, que a levam a um trabalho de síntese diretamente articulado com as questões do presente. As marcas do presente nestas narrativas não seriam indesejáveis, ao contrário, reforçariam a mensagem porque se alimentam das crenças do público e mesmo se orientam por ela. Em vez de um sistema de hipóteses, como nas narrativas acadêmicas, estas histórias trariam um sistema de certezas que encontrariam respaldo no público⁴⁴².

Um exemplo dessa relação entre presente e passado é o texto comemorativo sobre a Proclamação da República publicado em *Lições do Vovô*, de 14 de novembro de 1906. Nesta narrativa não havia preocupação com a descrição dos acontecimentos que levaram a ocorrência da República, e sim com a importância da data para a configuração político-social do presente. Abandonando o tom de celebração, a seção utilizou a data comemorativa para realizar uma espécie de aula sobre as diferenças entre a monarquia e a república, indicando o porquê desta última ser considerada melhor para o país do que a primeira. No texto, Vovô afirma:

Mas, afinal, a monarquia é sempre o governo de uma família privilegiada imposto às nações, dependendo do acaso, da boa ou má fortuna de cada uma, ter um rei bom ou um rei mau. Essa é que é a verdade.

sentido universalista mais afluído na modernidade dos anos 1950, o autor compreende que movimentos como esse são frequente na formação de identidades e comunidades políticas. BOTELHO, André. Uma sociedade em movimento e sua inteligentsia: apresentação. In: BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Gláucia Villas & BOTELHO, André (orgs.). **O modeno em questão**. A década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks: 2008. P. 17.

442SARLO, Op. Cit, 2012. P. 15-17.

Já a republica não é assim: o povo escolhe um homem para tomar conta do governo; si esse homem é bom e capaz, os quatro annos em que elle governa parecem quatro semanas, si é máo e não tem capacidade, esses quatro annos parecem quatro seculos (...)

A grande vantagem é essa. Na monarchia, o povo tem de aguentar o máo rei enquanto este quizer ou viver. Na república só se atura o máo presidente durante quatro annos⁴⁴³.

Escrito em linguagem coloquial, no intuito de aproximar o público infantojuvenil do assunto, o texto pretende apresentar argumentos que demonstrem a superioridade do regime republicano sobre o monárquico. O principal argumento seria o de que a monarquia representaria o governo de uma família de privilegiados, enquanto na república, o Estado é governado por um homem escolhido pelo povo. A ideia de *escolha* ressaltada ao se referir a república contrasta com a ideia de regime *imposto* em se tratando da monarquia. Apesar desse contraste entre escolha/imposição, ao se referir a *povo*, o autor faz alusão ao conjunto de cidadãos com direito ao voto, e não ao conjunto da população. É importante lembrar que durante a Primeira República, a obrigação do “saber ler e escrever” para o exercício pleno da cidadania política foi um impedimento ao amplo direito ao voto⁴⁴⁴.

Outro argumento apresentado no texto é o da longevidade da monarquia em relação a república. Para o autor, o mandato de quatro anos na República favoreceria o povo, que não precisaria lidar com a possibilidade de “maos governos longevos”. Ainda que o tom da escrita seja de crítica à monarquia em detrimento da República, as palavras do autor são elogiosas quando dirigidas ao Imperador D. Pedro II, que define como “um homem modesto, honrado, patriota e sabio”. Mais a frente no mesmo texto, Vovô também defende como outra vantagem da república o fato dela ser composta de cidadãos, onde todos são iguais e, por isso, um homem comum poderia almejar o mais alto cargo do governo.

O autor segue sua exposição com exemplo de homens, como Lincoln, nos Estados Unidos, Loubery, na França, e Marechal Floriano, Prudente de Moraes, entre outros brasileiros, que mesmo não pertencendo a famílias privilegiadas, a partir de seus esforços e dedicação alcançaram a presidência. A ideia de esforço e dedicação, assim como do estudo e do trabalho como forma de superação das dificuldades financeiras é recorrente no ideário moral da revista, como vimos ao tratar das biografias. Evidenciar estas características e

443 *O Tico-Tico*. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1906. Ano II. Nº 58.

444 CARVALHO, José Murilo. Op. Cit, 2006. P. 64-65.

relacioná-las ao mérito de conquistas econômicas futuras está associado com as aspirações quanto a implantação da república liberal no Brasil. A ideia do homem que assume a presidência do país a partir de suas qualidades interiores e de sua dedicação contraria a noção de privilégio aplicada pelo autor à monarquia.

O autor encerra sua argumentação com uma última reflexão sobre a importância da superação da monarquia pela república, que possibilitou “que o Brasil deixasse de ser uma nação diferente de todas as outras do continente americano”. Com esta frase ele indica que sob o regime monárquico, o Brasil encontrava-se na contramão da história, solitário diante da marcha ao progresso que levava todos os países civilizados à república. O regime republicano seria, então, a concretização da modernidade no Brasil e sua equiparação histórica diante as demais nações. Emília Viotti da Costa comenta como para os republicanos, desde o Manifesto de 1870, o regime sempre fora uma aspiração nacional e uma anomalia dentro das Américas. A República teria sido a solução natural para os problemas nacionais, identificados com a Monarquia⁴⁴⁵.

Na edição comemorativa de 1926, o assunto novamente é destaque em *Lições do Vovô*. Mais uma vez, o autor da seção prefere oferecer aos leitores uma reflexão sobre o regime republicano, em vez de narrar os acontecimentos que levaram à Proclamação, em 1889. Mais uma vez ressalta-se o caráter justo e democrático da república em contraposição à monarquia. E novamente a monarquia é identificada como um regime de privilegiados, enquanto a república é “o governo do povo feito pelo próprio povo, que escolhe por votação, um delegado seu, para gerir os destinos da nação”⁴⁴⁶.

Em 1939, já sob o regime do Estado Novo, as publicações comemorativas refletem o interesse da revista em ser consumida nas escolas. As publicações da revista ganharam um perfil mais didático e as celebrações de datas históricas seguiram este mesmo direcionamento, com abundância de imagens que procuravam dar respaldo aos textos. É possível que essas imagens fossem usadas para trabalhos escolares, podendo ser decalcadas pelos alunos, ou mesmo pelos professores em aulas ou atividades comemorativas na escola. A homenagem à Proclamação da República aparece logo na capa e contracapa, por meio de um dos seus maiores símbolos: Marechal Deodoro da Fonseca.

445COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999. P. 387.

446O *Tico-Tico*, 17 de novembro de 1906, Nº 1102, Ano XXI.

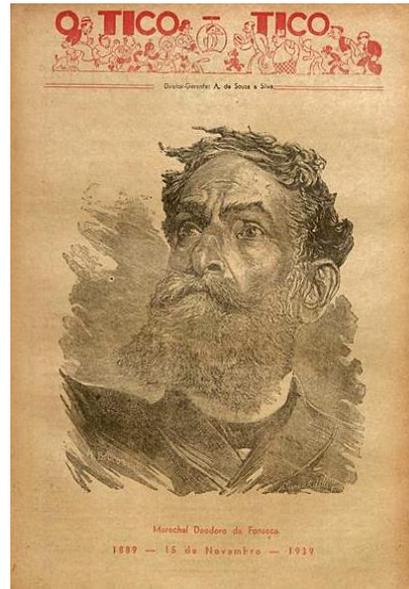


Imagem 35: Capa e contracapa em homenagem ao meio centenário da Proclamação da República. O Tico-Tico, 15/11/1939, Nº 1780.

A imagem fazia referência ao recém-construído monumento em homenagem a Marechal Deodoro. Desde 1892, na ocasião de sua morte, Epitácio Pessoa apresentou um projeto de lei para a construção de uma estátua ao Marechal, no entanto, o projeto nunca saiu do papel. Na Assembleia Constituinte de 1933, o tema volta novamente a discussão e a construção de um monumento em homenagem a Deodoro na capital da República se torna obrigatório. Após a promulgação da carta constitucional, em 1934, formou-se uma comissão e um concurso para a escolha do projeto. A estátua equestre foi inaugurada na Praça Paris, no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1937. A criação do monumento ajudou a estabelecer a figura de Deodoro como “proclamador da República”, que inicialmente havia sido preterido em favor do nome de Benjamin Constant, celebrado pela Constituição de 1891 como “fundador da República”⁴⁴⁷.

Em comemoração ao meio centenário, *Lições do Vovô* também publica texto em que retoma a memória dos acontecimentos da Proclamação. Em sua narrativa, o autor procura ressaltar a participação dos “*grandes Brasileiros que fizeram o novo regime*”, identificando no “*grupo de entusiastas dessa forma de Governo, moços cheios de calor patriótico e de*

447FERNANDES, José Ricardo Oriá. O altar da pátria republicana: embates políticos em torno da memória nacional (1891-1937). In: **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História**, 2017, Brasília: Anpuh, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502740484_ARQUIVO_TEXTOANPUH2017.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2019.

ideias modernas”. O autor insere o Marechal Deodoro na centralidade das ações militares que levaram ao movimento de implantação da República e estabelece o Estado Novo como uma nova etapa na história do sistema republicano no Brasil:

Durante estes cinquenta anos a nossa Patria tem prosperado e progredido sob o regime republicano federativo, tendo recebido ultimamente, no Estado Novo, nova vitalidade e novo impulso na sua marcha para um grande destino⁴⁴⁸.

Essa celebração é emblemática desta tentativa de fazer uso do passado tomando-o como um manancial de exemplos, ao mesmo tempo apontando para o futuro da experiência republicana, que se renova com a adoção no novo regime. A ideia de República como sinônimo de liberdade ou uma tentativa de comparação com a monarquia não aparecem nesse número, que prefere fazer referência a experiência presente como o novo. Como vimos anteriormente, nas seções de história publicadas durante o Estado Novo, ao falar sobre a República procurava-se afastar da experiência dos primeiros anos, encontrando maior proximidade com a noção de centralização existente na monarquia. Essa relação entre a república e a liberdade volta a aparecer nos textos comemorativos após o fim do Estado Novo. Na edição número 2004, de 1952, durante o governo democrático de Getúlio Vargas, que se estende de 1951 até seu suicídio em 1954, a república volta a ser descrita como um regime construído pelo povo:

República, aliás, não quer dizer outra coisa. É o regime de governo ideal em que os atos dos administradores são fiscalizados, comentados, criticados e condenados livremente, sendo todos os cidadãos considerados iguais perante a lei.

No próximo dia 15 passa o aniversário da proclamação da República no Brasil, fato histórico que marca um dos maiores acontecimentos da vida nacional. Adotando o novo regime, mostramos ao mundo que não só nos sentíamos empolgados por um ideal de liberdade e democracia, como, também, que não nos faltava coragem para enfrentar nosso destino de povo livre⁴⁴⁹.

Essa reaproximação com os ideais republicanos defendidos pela revista em seus primeiros anos também encontra familiaridade através da capa. Em mais um exercício

448 *O Tico-Tico*, 15 de novembro de 1939, Nº 1780, Ano XXXV.

449 *O Tico-Tico*, novembro de 1952, Nº 2004, Ano XLVIII.

comparativo, podemos observar que os personagens das principais histórias em quadrinhos voltam a figurar como símbolos da revista. Observando a capa de 1917, vemos mais uma vez Chiquinho como portador da bandeira em comemoração a data histórica. Parece que os personagens da revista voltam a ser os condutores da mensagem patriótica aos leitores.



Imagem 36: Capas em comemoração a Proclamação da República. O Tico-Tico, 14/11/17, N° 632 e O Tico-Tico, 11/1952, N° 2004.

As diferentes leituras em torno das comemorações de fatos históricos não se restringiram às comemorações da República. Também observamos como o tempo presente e diferentes expectativas de futuro interferem na construção de narrativas celebrativas sobre o passado da Independência. Nas comemorações do Sete de Setembro observadas durante a República, D. Pedro I é alçado a herói por se contrapor ao domínio português que limitava nossa liberdade. A independência teria significado o primeiro movimento de libertação, que abriria caminho mais tarde para a liberdade definitiva com a Proclamação da República. Na edição 831, de 7 de setembro de 1921, o artigo de Lições do Vovô sugere que emancipado da tutela portuguesa, o país caminharia livre para se tornar finalmente moderno e civilizado.

Durante o Estado Novo, as comemorações da Independência ganharam sentido renovado, já que o próprio regime naquele momento era visto como fruto de um processo de

libertação e renovação. Assim como nas celebrações à República, a revista se esforçou em relacionar o Estado Novo à Independência do país. Em setembro de 1942, o número é todo dedicado a data comemorativa. Ela traz ilustrações inspiradas em monumentos e quadros históricos relacionados a Independência, textos em saudação ao 120º aniversário da Independência do Brasil, fotografia do monumento a D. Pedro I, localizado na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro e uma espécie de história em quadrinhos sob o título “O Grito do Ipiranga”, que apresenta ilustração inspirada no quadro *O Grito do Ipiranga*, de Pedro Américo, concluído em 1888. No ano seguinte, o artigo de *Lições do Vovô* apresenta uma homenagem a Independência do Brasil, trazendo a imagem de quatro homens que teriam sido fundamentais no processo de Independência: Tiradentes, Pedro I, José Bonifácio e Getúlio Vargas. A presença dos três primeiros personagens não parece incomum, já que costumam ser associados ao processo de independência, somente a presença do atual presidente parecia fora do lugar. No entanto, o autor da seção esclarece: “O presidente Getúlio Vargas que, à frente do governo nacional, é continuador da obra idealista dos que lutaram pela independência nacional”.

Com uma nova cultura política em processamento, novos símbolos pátrios e rituais cívicos eram criados ou transformados. Os vultos ou personagens célebres da história nacional também são ressignificados. Nas edições comemorativas publicadas entre os anos 1955 e 1958, após a traumática morte de Getúlio Vargas, falar sobre a Independência passou a ser narrar os fatos que levaram José Bonifácio e D. Pedro I a decretarem a separação de Portugal. Estes dois personagens voltam a ser os únicos heróis e artífices da Independência. O culto cívico permanece, mas as instabilidades políticas pareciam não deixar claro no horizonte as expectativas de futuro. A própria revista já em dificuldades parecia ter pouca clareza de seu destino.

Como foi possível observar, *O Tico-Tico* utilizou uma série de recursos na construção de uma cultura histórica para a revista. A tentativa de mobilizar aspectos diversos desses usos do passado pelo periódico, como as seções em quadrinhos, as narrativas de história pátria, biografias e celebrações de datas históricas, não é capaz, no entanto, de esgotar as diversas manifestações da temática na revista. A forte presença da história também nos textos ficcionais, nos concursos, calendários e passatempos ajuda a respaldar a ideia de que este era um aspecto essencial da formação do leitor, a quem se imaginava futuro cidadão moderno. Moderno e instruído, esse futuro cidadão idealizado pelos editores necessitava estar imerso

em uma cultura histórica que, ao mesmo tempo em que desse conta da sua formação moral, demonstrasse uma nação em progresso, um país em construção, mesmo que constantemente reconfigurado pelas realidades políticas que se impunham.

CAPÍTULO 4

A Biblioteca d'O Tico-Tico: o ensino da língua e a criação, difusão e canonização da literatura infantil

Uma bibliotheca é um thesouro e um thesouro é sempre um motivo de felicidade para quem o possui⁴⁵⁰.

Desde seus primeiros anos de circulação, a revista *O Tico-Tico* procurou evocar na criança o gosto pelo estudo da língua portuguesa. Através da publicação de um grande número de contos em suas páginas, por meio do incentivo à produção escrita pelos leitores ou de constantes elogios ao vernáculo, o estudo e a prática da língua eram reforçados pela revista como uma obrigação a toda criança e jovem brasileiro. Mais que uma atribuição escolar, o conhecimento da língua era um dever patriótico, uma maneira de fortalecer os laços com a comunidade nacional ainda na infância. Em um país de proporções continentais, a padronização da língua através da escrita e da leitura era tarefa difícil porém, na visão dos editores, essencial na formação da nacionalidade. A afirmação da língua portuguesa era um dos fatores primordiais para a consolidação da modernidade nacional.

A unificação linguística do território já estava plenamente constituída naquele contexto. Apesar das variações linguísticas existentes até os dias atuais, a língua portuguesa acabou se impondo, deixando para trás os projetos das “línguas gerais” e as variações da cultura oral⁴⁵¹. Seu estabelecimento foi um dos pilares para o fortalecimento dos programas educacionais da Colônia ao Império, que mais do que disseminar uma ideia de instrução, visava sobretudo estabelecer normas e valores e determinar formas de controle sobre o que se lia e escrevia. A reforma da sociedade por meio da educação e dos costumes, com vimos anteriormente, atingia tanto as elites quanto as “classes inferiores”⁴⁵² e, ainda que durante séculos os projetos educacionais não tivessem sido objeto de muitos investimentos, o controle sobre a língua falada e escrita foi se estabelecendo como prioridade, como forma preferencial

450 *O Tico-Tico*, 25 de fevereiro de 1920, N° 751, Ano XV.

451 VILALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e NOVAIS, Fernando A. (orgs.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

452 FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes**. Civilidade, ordem e sociabilidades na América Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. P. 17-18.

de garantir a autoridade sobre a terra e o domínio sobre as gentes.

O estudo da língua ganhara grande impulso com a expansão da escolarização entre os séculos XVIII, com a Reforma Pombalina (1750-1777), e XIX, a partir da Independência do Brasil (1822). No entanto, formas descentralizadas e diversas de instrução, que não obedeciam a um programa centralizado de alfabetização, atrapalhavam o pleno estabelecimento de um método comum de estudos da língua no território⁴⁵³. Se por um lado os projetos de instrução imperial não tinham o fôlego esperado, o século XIX assistiu ao desenvolvimento da imprensa e do mercado editorial, meios importantes de propagação da língua nacional.

Mesmo que o número de leitores e consumidores de livros no Brasil fosse pequeno, existiam diversas formas de manter contato com o universo letrado, para além da leitura privada, do ambiente escolar ou acadêmico. A leitura também se dava nos momentos de fruição, através dos folhetins, da participação em saraus e em peças de teatro, práticas que ajudavam a inaugurar uma cultura letrada no país⁴⁵⁴. Jornais, revistas e almanaques também ajudaram, à sua maneira, a difundir a leitura e a literatura⁴⁵⁵. Esse processo de expansão do mundo das letras, apesar de tímido, possibilitou a formação de “círculos de leitores”, que se estabeleciam com hábitos culturais e sociabilidades que passavam não só por práticas mas também por lugares de sociabilidades, nos encontros em livrarias, bibliotecas, cafés e jornais⁴⁵⁶. Essas sociabilidades letradas deram impulso à produção, seleção e circulação de livros e impressos nunca antes experimentado no país, que durante séculos precisou lidar com as dificuldades impostas pelas proibições e censura.

A formação desses círculos de leitores demonstra que apesar das altas taxas de analfabetismo entre fins do século XIX e XX, havia uma grande expectativa de consumo por grupos variados de pessoas - de políticos, boêmios e literatos, até médicos, professores e demais profissionais liberais. Além do consumo que se estabelecia de maneira variada nos diversos espaços de sociabilidades espalhados pelo centros mais urbanos do país, era cada vez mais comum a aquisição de livros e impressos para a formação de bibliotecas particulares. A

453GONDRA, José Gonçalves & SCHUELLER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008. P. 39.

454LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002. P. 77.

455MOLLIER, Jean-Yves. História cultural e história literária. **Revista Sociedade e Estado**. V. 31, N°3, Set/Dez 2016, P. 626.

456BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. P. 19-22.

constituição dessas bibliotecas revela uma nova forma de atribuir valor ao livro, que obedecia a regras de seleção motivadas por interesses afetivos, letrados e de status essencialmente privados⁴⁵⁷. A formação dessas bibliotecas privadas também ajudava a deslocar as atividades letradas do espaço exclusivo dos grandes centros, permitindo novas formas de produção e consumo da cultura letrada.

Esta diversidade de espaços e circulações revela que o contato com a língua nacional através da leitura se estabelecia a partir de práticas diversas, que vão se solidificando a partir do século XIX no país. Essas práticas, que ajudavam a reforçar um programa educativo⁴⁵⁸, revelam também diferentes formas ler: da leitura silenciosa e privada até as formas de leitura pública e coletiva. Os espaços de leitura e suportes dos textos incidiam sobre as formas de ler e propagar a leitura. Os livros de bolso, os folhetins, ou as revistas, por exemplo, possibilitavam a leitura em espaços ao ar livre, nos transportes, em grupos nas salas de aula, enquanto as enciclopédias, os dicionários, os compêndios científicos ocupavam o espaço das bibliotecas, privadas ou públicas, destinando-se a pesquisas coletivas ou individuais e a um consumo mais prático do objeto impresso. Essas diferentes formas de leitura se atravessavam e não eram excludentes. Ao mesmo tempo que se realizava a leitura íntima, a leitura coletiva, em voz alta e didática permanecia importante no conjunto de práticas, principalmente as escolares.

É também importante sublinhar que a presença do livro e do impresso no cotidiano da família burguesa era garantia de status. Podiam representar objetos de valor, com publicações em edições de luxo, ricamente ilustrados nas mais modernas técnicas de impressão. Muitas vezes essas obras eram adquiridas através de importação, podendo ser lidos em língua estrangeira. Nesse caso não simbolizavam apenas o prestígio da cultura letrada, mas representavam a integração de seus consumidores em uma comunidade internacional de leitores e seu desejo de pertencer a uma sociedade de consumo, que também tinha o livro e o impresso como objeto de fascínio. A leitura de livros e impressos ultrapassava, portanto, o consumo e aquisição de habilidades da língua portuguesa, ainda que a proximidade linguística favorecesse as trocas culturais do mercado livreiro editorial entre Brasil e Portugal.

Com a sedução dos impressos pelas famílias burguesas, as crianças passavam a ser também objeto do interesse de editores e livreiros e as principais casas comerciais do ramo

457Id.

458GONDRA & SHUELLER, op. Cit. P. 91.

contavam com um número expressivo de títulos destinados a esse público⁴⁵⁹. Em sua maioria impressos na Europa, onde os custos do papel e da edição eram bem mais atraentes que no Brasil, os livros voltados para as crianças se tornaram objetos de atenção especial. O cuidado com a capa, a encadernação e as ilustrações faziam desses objetos excelentes presentes para datas comemorativas. A visualidade, que vai se tornando característica nos livros e impressos infantis, dotava-os de cuidados especiais e chamava a atenção das classes burguesas para a literatura destinada às crianças.

A edição destes livros em tipografias e editoras estrangeiras e a circulação de livros e impressos de origem alemã, mas sobretudo francesa, no Brasil desde o século XIX, demonstra relações fluentes entre editores nacionais e estrangeiros⁴⁶⁰ e indica grande receptividade das classes mais abastadas aos produtos de origem europeia. Os livros chegavam ao Brasil sobretudo em edições de luxo, com capas e sobrecapas em tecidos, couro, papel texturizado, letras e imagens coloridas e vibrantes. A qualidade e diversidade de modelos demonstra o interesse crescente nesse tipo de impresso e, assim como no caso do livro destinado aos adultos, a qualidade gráfica e material determinava o envolvimento físico da criança com o livro e a sua conservação nas bibliotecas familiares, particulares ou públicas⁴⁶¹.

Essa circulação de livros e impressos estrangeiros, em boa parte mobilizado pelo desenvolvimento técnico e dos transportes, ajudava a impulsionar o mercado livreiro e a estimular internamente a diversificação e segmentação dos negócios. A variedade de produtos e públicos disponíveis, ao lado de uma maior valorização da criança na sociedade, deu impulso a afirmação do público infantil como potencial consumidor desses objetos tão caros ao mundo adulto. No entanto, a leitura pela criança de clássicos estrangeiros em sua língua original era em muitos casos tarefa difícil, por isso, o contato inicial com muitos textos clássicos da literatura infantil se deu através de traduções portuguesas.

É importante sublinhar o relevante papel da livraria e editora Garnier na circulação de obras literárias clássicas, assim como os chamados livros piedosos e obras cristãs voltadas às crianças. A circulação dessas obras teria sido fundamental para que se criassem condições

459HOHLFELDT, Anonio. Na história das publicações brasileiras, a criança também tem vez... In: ABREU, Márcia & BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. P. 363-380.

460Esses livros chegavam principalmente a partir da Livraria Granier, Casa Garraux e Livraria Universal, dos irmãos Laemmert.

461POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa**. História ilustrada da literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

monetárias para a publicação de artistas nacionais⁴⁶². O objetivo dos editores estrangeiros, portanto, não eram apenas ampliar sua atuação na América mas também possibilitar a formação de novos gostos, com o enriquecimento da vida intelectual e da prática da escrita⁴⁶³.

Aos poucos, livreiros e escritores brasileiros começaram a ver o mercado de livros para a infância como um negócio interessante, tanto pela procura por estes objetos mediada pelos adultos, mas também em função do mercado escolar que ganhava impulso entre os séculos XIX e XX⁴⁶⁴. Durante muitos anos foi comum a leitura de textos de origem portuguesa, relacionados em sua maioria ao mundo adulto, nas aulas de língua nacional. A necessidade de livros de leitura adequadas ao universo infantil e adaptados a nossa língua tornou crescente o interesse de escritores e editores pela produção de um gênero genuinamente nacional⁴⁶⁵. A livraria e editora Quaresma foi um dos espaços de expansão do mercado de livros para crianças, assim como na popularização das obras com catálogos de livros em edições populares. Notando as dificuldades de leitura do português de Portugal pelas crianças, crítica, aliás, manifestada também por Monteiro Lobato⁴⁶⁶, a empresa publicou traduções de obras clássicas da literatura europeia e dos contos da carochinha, traduzidos por Figueiredo Pimentel⁴⁶⁷.

A criação de um novo gênero – a literatura infantil nacional – esteve diretamente relacionado com a ascendente República. Por isso, as temáticas e os espaços de circulação dessa nova literatura estiveram integrados ao novo regime que se estabelecia. A literatura infantil produzida no Brasil e as ações voltadas para a formação de leitores relacionavam-se com a estrutura escolar que se fortalecia e a ideia da formação de futuros cidadãos

462LEÃO, Andrea Borges. A Livraria Garnier e história dos livros infantis no Brasil – gênese e formação de um campo literário (1858-1920). **História da Educação**. Nº 21. Pelotas, ASPHE, FaE, UFPel, Jan/Abr., 2007. P. 168.

463Id. P. 179.

464LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita**. Leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 2002.

465LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil: história e histórias**. São Paulo: Ática, 1985. P. 29-30.

466As críticas de Monteiro Lobato aos “termos do tempo da onça” ou àqueles utilizados apenas em Portugal, aparecem na edição de *Reinações de Narizinho*. Ver LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986. É importante esclarecer no entanto, que ao criticar as obras infantojuvenis escritas até a década de 1930, o autor e editor buscava reforçar o seu lugar e o de sua produção no mercado editorial e no campo literário. Para saber melhor sobre as estratégias e sobre o investimento literário e editorial de Monteiro Lobato, ver BIGNOTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor**. As práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

467SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

republicanos⁴⁶⁸. Com o maior investimento na formação escolar, livros e impressos infantojuvenis se tornaram artigos imprescindíveis no cotidiano das aulas e essa demanda ajudou a impulsionar a produção.

A língua portuguesa era considerada uma língua de aprendizado difícil, com regras pouco estabelecidas, ainda mais diante das diferenças linguísticas da matriz europeia e dos regionalismos no próprio território nacional. Daí a necessidade de material de leitura adequado para o aprendizado das crianças e jovens brasileiros. A melhor maneira de enfrentar as dificuldades aplicadas ao aprendizado do vernáculo era através da prática frequente da leitura e da escrita em sala de aula e da dedicação também nos momentos livres. Por isso, para além dos livros, traduções ou originais infantojuvenis começaram a aparecer também com frequência nas revistas voltadas ao público, que prometiam apoiar a educação das crianças através da publicação de textos e contos. O estímulo à leitura foi uma das principais características do gênero, não sendo incomuns também em revistas criadas por grupos de estudantes, geralmente de circulação e longevidade restrita. Parecia que se criava uma afinidade especial entre as crianças e o gênero revista, estimulada por pais e professores justamente por sua capacidade de favorecer o processo de aprendizagem.

Buscando oferecer entretenimento sem descuidar da instrução infantil, a revista *O Tico-Tico* viu na publicação de textos infantojuvenis a possibilidade de estimular a leitura e a produção de histórias pelas próprias crianças. Os editores defendiam que a língua portuguesa era uma das mais importantes disciplinas do currículo escolar e seu estudo pelas crianças seria essencial no processo de formação intelectual e cidadã. Neste sentido, procuraram fortalecer os elos entre a leitura e a formação cívica, se aproximando de uma produção literária infantojuvenil de perfil cívico pedagógico, produzida por autores como Olavo Bilac, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida e, mais tarde, Viriato Correia.

4.1 O ensino da língua portuguesa na formação do futuro cidadão

As dúvidas acerca da língua portuguesa eram bastante comuns na publicação e apareciam com mais frequência na seção de cartas, onde apontava-se sobretudo questionamentos sobre a grafia de palavras e a sintaxe. Nestes casos, as lições sobre a língua

468SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear Horizontes**: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. P. 156.

estavam diretamente relacionadas à vida escolar ou a prática de colaboração de leitores na revista, estimulada pelos editores. Ainda que as cartas dos leitores não fossem transcritas, sendo possível apenas conhecer a resposta dos colaboradores, percebe-se certa frequência nas solicitações relacionadas à língua. Mesmo sem poder afirmar a veracidade destas cartas, sua presença naquele espaço indica ao menos a importância das questões em torno da língua no projeto formativo que a revista buscava construir. Os questionamentos presentes nas cartas eram regularmente respondidos com a sugestão de leituras e consultas a gramáticas, como ocorre na resposta ao leitor Arthur Castro na seção *Scientia Fácil*:

O portuguez é uma das línguas mais diffíceis que se conhecem porque, por assim dizer, não está ainda definitivamente formada. Muitas partes da sua syntaxe e mesmo de sua orthographia estão ainda incertas. Ha muitos homens de grande estudo que vivem a ensinar a escrever de um modo e outros tambem muito competentes que julgam de outro modo.

De modo que são raríssimos os que podem se gabar de escrever a língua portugueza com absoluta correcção. Para estudal-a, o melhor meio é aprender a ortographia, lendo dictionarios dos quais um dos mais seguros é o de Vieira. Para a syntaxe a grammatica de Julio Ribeiro e a leitura de bons escriptores⁴⁶⁹.

A seção *Scientia Fácil*, que também aparece pelo título *Correspondência do Dr. Sabetudo* era um dos principais canais para esse tipo de solicitação. Nesta publicação, o autor da seção recomenda não apenas a consulta a gramáticas e dicionários a partir de um estudo mais formal, mas também a leitura de bons escritores como garantia de desempenho na língua. A ideia implícita no texto é de que a língua portuguesa, ainda carente de grandes estudiosos e regras rígidas, era feita pelos seus maiores escritores. Os homens de letras, que para a revista não eram apenas os literatos, mas também políticos como Rui Barbosa, eram os verdadeiros homens comprometidos com o ofício da língua e, por isso, seriam capazes de estabelecer com maior clareza e correção as normas linguísticas.

A alegação das complexidades da língua portuguesa, defendida em diversos outros momentos na seção, pode ser também fruto das dificuldades observadas pelos próprios jornalistas no exercício de sua função. Afinal, o trabalho jornalístico é feito diretamente através do uso da palavra e as críticas a erros gramaticais ou a possíveis maus usos da escrita

469 *O Tico-Tico*, 10 de fevereiro de 1909, Nº 175, Ano V.

não deviam ser infrequentes. Mesmo na revista *O Tico-Tico*, onde essa preocupação ficava mais evidente em função do comprometimento com a educação dos leitores, erros desta natureza eram habituais.

Comentar as dificuldades do aprendizado da língua nacional pelas crianças era um dos caminhos encontrados pelos redatores para defender a prática da língua, que se daria através da frequência da leitura e da escrita entre os leitores. No número 628, de 1917, esse assunto é tema da seção *Lições do Vovô*, em que o autor argumenta em direção à máxima:

Mas às crianças eu direi apenas: *Lendo e escrevendo se alcança aprender.*

Explicarei melhor: Ha muitas creanças que, pelos recursos que seus pais possuem, podem fazer um curso inteiro, isto é, um estudo completo, em varias escolas.

No fim d'esse curso devem ficar sabendo muito ou pelo menos o bastante para terem o conhecimento da língua patria.

Mas há tambem muito maior numero de creanças que só podem ter um estudo muito resumido, porque seus pais não são ricos ou ainda por outros motivos. A estas é que se applica o meu – *Lendo e escrevendo se alcança aprender.*

Muito simples.

É ler o mais que for possível e, já se sabe, prestar a maior atenção ao que se lê. Depois, num momento qualquer de folga, passa-se a mão na penna e escreve-se qualquer cousa... aquillo que vier a cabeça... seja lá o que fôr⁴⁷⁰.

Na argumentação de Vovô, o aprendizado da língua através da leitura e da escrita era imprescindível, sobretudo àqueles que não teriam condições de receber uma educação formal de qualidade através do estudo em boas escolas. A partir da sua premissa meritocrática, bastante comum no discurso liberal da Primeira República, a falta de oportunidades não seria um entrave ao conhecimento da língua, nem motivação para o seu mal uso. Ele sugere a utilização do tempo ocioso do estudante para a prática através da escrita.

Na sequência do texto, o autor recomenda aos leitores que submetam esses escritos a um adulto conhecedor da língua para que este possa corrigir os erros e realizar a crítica do texto escrito. Indica a própria revista *O Tico-Tico* como um canal para a submissão destes textos que poderiam, inclusive, virem a ser publicados de acordo com a sua qualidade, que dependeria, é claro, do empenho do leitor/escritor. O autor da seção não deixa, portanto, de

470 *O Tico-Tico*, 17 de outubro de 1917, N° 628, Ano XII.

estimular a colaboração dos leitores, prática regular e essencial para a manutenção da revista durante seus primeiros anos. Ao fim, o autor ainda defende o sentido patriótico do aprendizado da língua. Elemento capaz de garantir a unidade da nação: “a língua pátria não pôde ser esquecida, e cada qual, dentro de suas forças, de seus recursos, deve procurar sabel-a e honral-a, por capricho próprio e por patriotismo”.

A dificuldade inerente ao aprendizado do português já tinha sido assunto de outro número das *Lições do Vovô*, publicado ainda em 1906⁴⁷¹. Neste número, o autor cita a carta de um leitor chamado Ernesto que reclamava que não conseguia aprender a língua com a mesma velocidade que seus colegas pois não tinha livros. No entanto, Vovô começa a desenvolver sua argumentação negando a afirmação do leitor: “É certo que a falta de livros pôde retardar um pouco, mas nunca impedir que se aprenda o que se quer. Já vos tenho dito muitas vezes: *Quem não tem cão caça com gato...* E agora vos direi mais: sem cão e sem gato também se caça...”. Para reforçar seu argumento, ele apresenta o caso de escritores, professores e cientistas que na infância tiveram que enfrentar dificuldades financeiras, conseguindo superá-las a partir do estudo e dedicação. Vimos em capítulo anterior que as biografias de personalidades públicas eram frequentemente utilizadas como argumento em lições morais. Mesmo diante das dificuldades, o redator defende que a criança procure outras formas de estudar o português, como através da própria revista, indicando que mesmo o contato informal é capaz de instruir e garantir a prática da língua. O artigo se mostra, desta maneira, uma forma de defender o uso educativo da revista.

O tom moralista da lição segue novamente a premissa meritocrática ao defender que nenhum obstáculo deveria ser capaz de impedir o alcance dos objetivos individuais. Trajetórias de homens de sucesso no mundo das letras ajudam a sustentar a ideia de que mesmo diante de uma infância pobre, da impossibilidade de adquirir bons livros e frequentar boas escolas, o homem perseverante atinge sucesso nos seus objetivos. Portanto, o menino que reclama por não conseguir estudar é visto como “medroso e fraco, ao dizer que por falta de mais alguns livros não pode aprender o que os outros aprendem...”.

A argumentação do autor é interessante ainda se pensarmos nas recorrentes dificuldades de aquisição de livros pelas crianças. Para além do espaço escolar, poucas cidades do país contavam com bibliotecas públicas ou privadas e livrarias. A situação ficava

471 *O Tico-Tico*, 12 de setembro de 1906, N° 49, Ano II.

ainda mais complicada no interior, onde era necessário solicitar o catálogo de uma livraria, fazer o pedido e ainda pagar pelo transporte. Muitos pais não entendiam a necessidade de aquisição de livros pelas crianças, que muitas vezes já dispunham dos livros de leituras adotados nas escolas. Se para um adulto era difícil manter contato com os livros, para as crianças essa aproximação era ainda mais difícil e se restringia a escola. Esse contato envolvia uma mudança cultural profunda, na qual a revista estava disposta a se envolver e incentivar. Publicar textos como esse seria uma maneira da própria revista se vender como uma solução aos pais interessados e às crianças dispostas a aprofundar suas leituras e o estudo da língua portuguesa. Não podemos esquecer que a revista gostava de se vangloriar de alcançar leitores tanto nas capitais, como no interior dos estados.

Para dar estímulo ao estudo da língua portuguesa e garantir seu aprendizado pela criança, além da prática da leitura e da escrita, a revista propunha também a utilização de jogos. No número 324, de 1911⁴⁷², na seção chamada *Brinquedos para os dias de chuva*, é proposto um jogo chamado “A Grammatica Vivente”. Como o jogo recomenda a participação de cerca de 10 crianças, sua realização seria preferível em grupos em sala de aula. É importante sublinhar que a revista pretendia chegar não apenas às crianças e jovens individualmente, mas também esperava funcionar como apoio didático nas escolas, alcançando um número maior de leitores e garantindo novas práticas de consumo. Segundo as regras, cada aluno/jogador deveria escolher uma parte da gramática (verbo, pronome, nome, advérbio, adjetivo, preposição, conjunção, interjeição, particípio e artigo) e uma palavra que correspondesse a sua parte escolhida da gramática a fim de formar uma frase correta e inteligível no final. Aquele que escolhesse uma palavra sem sentido ou errada deveria pagar uma prenda.

Conforme vimos anteriormente, a revista *O Tico-Tico* procurava difundir material que demonstrasse seu comprometimento com os debates contemporâneos acerca da pedagogia da aprendizagem, em especial as Lições de Coisas, que buscava explorar a experiência do aluno, em vez de atividades de memorização, identificadas a uma pedagogia tradicional. O uso do jogo, portanto, se justifica por ser um método lúdico e interativo que facilitaria o aprendizado da língua.

Se o objetivo nestas publicações era promover o estudo da língua portuguesa, era

472 *O Tico-Tico*, 20 de dezembro de 1911, N° 324, Ano VII.

importante também mostrar aos leitores os inconvenientes de sua má utilização. O uso incorreto da língua era não apenas condenado pela revista, como era também estereotipado, tido como comportamento de gente incivilizada, sem cultura. No texto de *Lições de Vovô* citado anteriormente, o autor usa esse argumento, indicando ser uma vergonha que crianças não saibam usar adequadamente o vernáculo.

As críticas aos textos enviados para correção pelos leitores eram por vezes muito duras e, ao que parece pelas respostas, nem sempre eram acompanhadas da devida correção, somente da crítica. Na *Gaiola d'O Tico-Tico*, de 1906, por exemplo, o redator da seção responde ao leitor de nome Zarico, que esperava ver seu texto publicado no periódico: “Far-lhe-emos a vontade quando souber escrever melhor. Um menino de 10 anos já deve saber escrever regularmente”⁴⁷³. Na resposta a carta de Jorge Dias Brandão à seção *Sciencia Fácil*, em 1910, lê-se: “Sua carta tinha muitos erros. Além da calligraphia, que é quasi absolutamente incompreensível, a orthographia deixa muito a desejar (...)”⁴⁷⁴. É claro que nem sempre essa era a postura adotada, já que o objetivo da seção não era desaconselhar os leitores a enviar colaborações e sim incentivá-los, mas demonstra que a dureza no tratamento da questão não era incomum. O objetivo desta rigidez nas respostas aos textos para colaboração de leitores pode ser mostrá-los que o uso da língua era assunto sério e que os meninos e meninas em idade escolar deveriam se dedicar a conhecer a língua e escrever corretamente. Deveria também funcionar como um incentivo para que os meninos e meninas leitoras se dedicassem ao seu estudo, demonstrando como o mal uso poderia ser humilhante para a criança. A firmeza das respostas também aproximava os editores do tom usado pelos professores em sala de aula, ajudando a reforçar a ideia de que a revista poderia ser também educativa.

Em *As aventuras de Chiquinho*, o alvo da crítica ao uso incorreto da língua é Benjamin, amigo negro do personagem Chiquinho. Na história intitulada “Eil-a! Lili em casa!”⁴⁷⁵, escrita e ilustrada por Loureiro, Chiquinho recebe a visita de sua prima Lili. Depois de uma calorosa recepção, Lili diz ao primo que o uso da língua portuguesa na fala de Benjamin era assunto no colégio, indicando que ele seria alvo de chacota entre os colegas porque cometia muitos erros de português. Benjamin se defende das acusações de Lili com

473O *Tico-Tico*, 17 de janeiro de 1906, N° 15, Ano II.

474O *Tico-Tico*, 26 de outubro de 1910, N° 264, Ano V.

475O *Tico-Tico*, 22 de janeiro de 1919, N° 694, Ano XIV.

português arrevesado: “Qui o quê! Seu Chiquinho é qui não qué ensiná...”. A resposta de Benjamin deixa explícita que talvez o menino não frequentasse a escola e que Chiquinho seria responsável pela sua educação. Poderia demonstrar também que Benjamin tinha dificuldades em se adaptar ao padrão formal da língua, adotando expressões e jargões da oralidade, e precisava de ajuda para as lições de português.

A história termina no número seguinte em “Benjamin não pode falar direito”⁴⁷⁶. Chiquinho fica envergonhado com a crítica de sua prima e, temendo ser responsabilizado pela ignorância de Benjamin, pede que o amigo mostre sua língua para provar que o problema de fala se devia ao tamanho pequeno da língua do amigo. No entanto, ao abrir a boca, Benjamin mostra ter uma língua grande. Assustados, Chiquinho e Lili correm atrás de Benjamin com uma faca e uma tesoura nas mãos, convencidos de que o problema era o tamanho incomum de sua língua. A história acaba bem. Benjamin não perde sua língua e Chiquinho mostra a Lili que a culpa não era sua, mas exclusivamente do menino negro. Jagunço, o cachorro, ainda fala “Bonito! Agora mesmo é que o moleque não aprende a falar...”.

Essa história de Chiquinho é povoada de estereótipos. O principal é o do menino negro que não sabe falar corretamente a língua. Ora culpa-se a falta de empenho, ora a própria constituição física da raça. A forma que Benjamin se comunica no quadrinho lembra muito a fala dos escravos e neste mesmo número, a legenda diz ser Chiquinho “patrão” de Benjamin, gerando dúvidas sobre a relação dos dois personagens, geralmente vistos como amigos. A relação entre Chiquinho e Benjamin mostradas no quadrinho demonstra a permanência de relações características da sociedade escravista nas famílias de elite do país. No número 693, Benjamin chama Chiquinho de “Sinhô”, expressão comumente associada à relação entre escravos e patrões. O personagem também era costumeiramente ilustrado com roupas vulgares e descalço, reforçando a sua identificação com um escravo doméstico.

Os estereótipos em torno de Benjamin continuam na sequência de *As Aventuras de Chiquinho*, que retomam esse mesmo tema a partir do número 728. Na história “As boas intenções de <<Chiquinho>>”, o personagem resolve apresentar uma montanha de livros ao amigo e manda-o estudar. Benjamin examina bem uma gramática portuguesa mas encontra dificuldades. A legenda diz:

4760 *Tico-Tico*, 29 de janeiro de 1919, N° 695, Ano XIV.

Para começar uma grammatica. Benjamin, seriamente embaraçado, não podia compreender como seria possível metter tantos livros na sua cabeça tão pequena. Se para estudar a questão era essa, então ele, Benjamin, não se julgava capaz de tal cousa. E a maior tragédia para o moleque foi a gramática...⁴⁷⁷

Enquanto Chiquinho foi despertado pela curiosidade ao se dedicar a leitura daquela montanha de livros, Benjamin não conseguia avançar nos estudos. Até que ele ouviu uma música que veio de longe, uma polka tocada no piano em um sobrado da esquina: “Gentes... não posso mais estudá! Que “Chôro” bão tá tocando lá na esquina...Ulalá!”. No números seguintes, descobrimos que Benjamin acaba fugindo dos livros e indo dançar a polka em uma matinê na “Sociedade Dansante carnavalesca Rolinha Mimososa do Sertão”⁴⁷⁸. O baile era frequentado apenas por mulheres e homens negros, como podemos ver na ilustração, e Benjamin fica encantado com o pianista que era tratado com grande prestígio. Nos números seguintes, enquanto Chiquinho se entrega aos livros, Benjamin os deixa de lado, como se naturalmente o mundo letrado não fosse possível para ele, acreditando ter encontrado sua grande vocação: a música.

Como juridicamente só eram considerados cidadãos os homens alfabetizados, supõe-se que a revista sugeria que Benjamin não era o futuro cidadão ideal almejado por aquela República. Negro, pobre, descendente de escravos, fazia parte da parcela da população marcada por séculos de violência e subtração de direitos. A abolição e a República não conseguiram garantir aos descendentes de escravos assistência social, direito ao trabalho e à educação⁴⁷⁹. Isso fica claro no caso de Benjamin, que tem identidade ambígua no quadrinho. Se a igualdade entre negros e brancos era garantida legalmente, na prática, ainda era objeto de resistência pelas elites, inclusive parte das elites intelectuais, que não viam crianças e jovens negros como modelos de futuros cidadãos. O cidadão almejado pela revista era branco, pertencente às classes médias e elites, educado nos padrões de civilização e progresso europeus. E, nesse caso, Benjamin não tinha vez. Restava a ele o mundo da rua, do entretenimento mundano ou do trabalho braçal. O mundo das letras de cara já lhe subtraía.

477 *O Tico-Tico*, 17 de setembro de 1919, N° 728, Ano XIV.

478 *O Tico-Tico*, 1 de outubro de 1919, N° 630, Ano XIV.

479 CARVALHO, José Murilo. Op. Cit., 2008, P. 62.

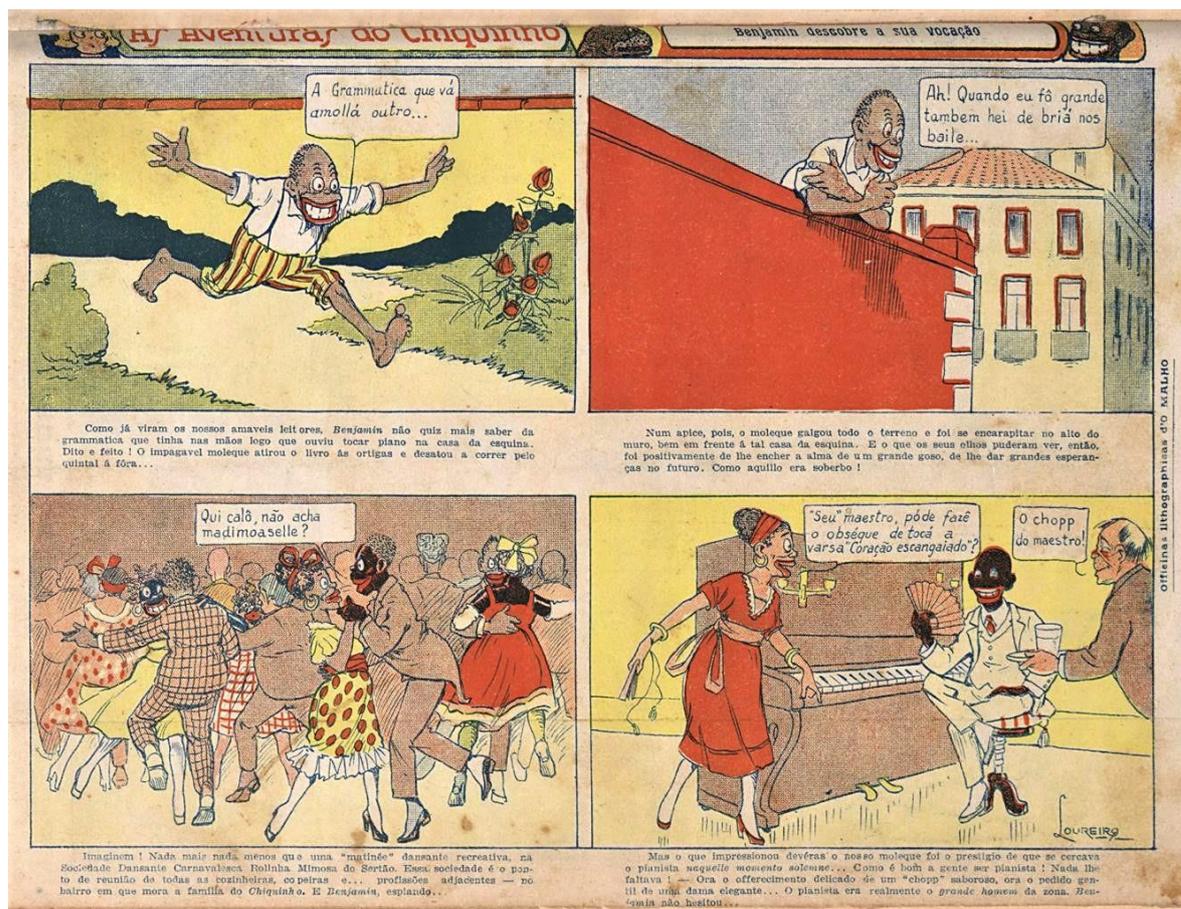


Imagem 37: As aventuras de Chiquinho
O Tico-Tico, 01/10/1939, Nº 630, Ano XIV.

4.1.1 Os acordos ortográficos e a afirmação da língua nacional

A preocupação com a língua estava disseminada, como vimos, por diversas seções da revista, nos contos e histórias infantis, na colaboração dos leitores que antes passavam pelo crivo crítico dos editores, nas seções de cartas e nas histórias em quadrinhos. Em 1931, a revista publicou o primeiro acordo ortográfico da língua portuguesa, aprovado pela Academias de Letras do Brasil e pela Academia de Ciências de Portugal. Este acordo esperava unificar as regras linguísticas entre os dois países, garantindo uniformidade da língua e facilitando as circulações de pessoas e produtos, como livros. O acordo foi objeto de quatro números da seção *Lições do Vovô*⁴⁸⁰ e pretendia pormenorizar as novas regras adotadas, diante

480Os comentários de Vovô sobre a reforma ocuparam a revista do número 1346, de 22 de julho de 1931 até o

das grandes dificuldades observadas nos estudantes quanto a sua adoção.

Uma das principais mudanças do acordo, mostra Vovô, se deu no próprio alfabeto, com a retirada do k, w e y, e os grupos consonantais th, rh e ch (com o som de k) e a mudança na grafia de algumas palavras, com a supressão de consoantes não pronunciadas e consoantes repetidas (com exceção do s e r). Apesar das dificuldades na adequação das novas regras, a revista fez questão de aceitá-las prontamente, indicando aos seus leitores que a revista já estaria sendo publicada de acordo com as novas normas estabelecidas pelo governo. Também começou a publicar propagandas de livros já adequados à “moderna ortografia”⁴⁸¹.

A Reforma Ortográfica voltou a ser assunto da seção *Lições do Vovô*, em 1938⁴⁸². Segundo o autor, um decreto governamental estabelecia a obrigatoriedade do uso das novas regras em repartições públicas e escolas do país, mas muitas crianças não estariam ainda adaptadas às mudanças, sendo necessário ocupar-se novamente do tema. Era necessário reforçar a necessidade da adoção do acordo, enfatizando a disposição legal do governo em vê-lo cumprido. Mais uma vez, a discussão ocupou vários números da seção⁴⁸³. O autor da seção voltou a sistematizar as novas regras estabelecidas em 1931, mas, ao que tudo indica, a adequação às novas diretrizes da língua não era tão simples e bem aceita pela população.

Apesar da atenção dada ao assunto em *Lições do Vovô*, demonstrando o apoio da publicação ao decreto, no número 1696, Max Yantok em sua história ilustrada *Kaximbown da Pandegolândia*, reclama da reforma ortográfica. Graças a ela, o personagem Kaximbown teria se atrapalhado no momento da escrita de seu discurso. A reforma não era o assunto principal da história de Yantok, que começou a ser publicada em folhetim no número de 22 de dezembro de 1937. Nessa história Kaximbown, seu cão Tufão e seu criado Pipoca saem em uma aventura de caça às pulgas no reino da Pandegolândia. Durante o trajeto até o “Reino da República Imperial” se envolvem em várias trapalhadas no navio comandado pelo Capitão Rasgacueca, que na verdade era um pirata famoso. Na chegada a Pandegolândia são saudados e convidados a fazer um discurso. Pipoca, que segundo a história havia sido um acadêmico, teria sido atrapalhado em seus estudos pela “ortografia moderna”. A Reforma aparece no

número 1350, de 19 de agosto de 1931.

481Referência à publicidade dos livros infantis da Edição de Freitas Bastos & C., publicada em 18 de novembro de 1931, N° 1363, Ano XXVIII.

482A reforma voltou a ser assunto da seção entre os números 1695, de 30 de março de 1938, e 1701, de 11 de maio de 1938.

483Os números da seção *Lições do Vovô* descritos na nota acima foram apresentadas sob o título “A ortografia Oficial”.

folhetim apenas como citação, mas não deixa de ser curioso que a crítica apareça no mesmo número em que a seção de Vovô se ocupe de uma lição sobre o tema. Apesar do tom de crítica, a citação ajuda a reforçar a ideia de que era necessário adequar-se às novas regras.

Reforçar a importância do vernáculo diante destas dificuldades de adaptação era importante para difundir o uso correto da língua. Por isso, no ano seguinte, a mesma seção volta a defender a relevância da língua portuguesa na formação moral e patriótica do pequeno brasileiro. Segundo Vovô, a revista *O Tico-Tico*, enquanto publicação voltada à infância e comprometida com sua formação, deveria ajudar as autoridades empenhadas na educação nacional a divulgar o ensino da língua. Como vimos nos capítulos anteriores, a revista costumava ressaltar vez ou outra o trabalho do Ministério da Educação e Saúde no progresso da educação infantil, mostrando-se alinhada aos interesses da instituição. Intensificar o discurso em torno da ideia de que o estudo do idioma nacional era dever de todo cidadão, para os editores, era responsabilidade patriótica da revista. Na lição de 19 de julho de 1939, Vovô indica que a criança ou o jovem que mostra desconhecimento na fala ou escrita da língua portuguesa seria causa de grande vergonha para todo o país:

O essencial é que quem fale ou escreve domine perfeitamente o idioma que está usando: não erre nos tempos de verbo, nas colocações de pronomes, nas pronúncias dos vocábulos ou no seu emprego e significado.

E isso só se consegue pelo estudo, pelo permanente cuidado em falar corretamente, não se esquecendo que é pelo apuro da linguagem que o homem culto se revêla e que se distinguem os indivíduos que sabem e têm valor daqueles que aprenderam simplesmente a “falar”, como falam os papagaios...

Estudem o nosso idioma, meus netinhos, certos de que é um belo meio de honrar e servir ao Brasil⁴⁸⁴.

Relacionar a vergonha ao mau uso da língua tem grande força neste discurso patriótico. Se a língua portuguesa é fator de integração nacional, dominá-la em seus usos e regras é essencial para o sentimento de unidade e pertencimento à nação. Esse discurso carrega a ideia de que aqueles homens e mulheres que não tivessem domínio da língua seriam párias, ou seja, estariam, de alguma maneira, excluídos da experiência da nação.

Seguindo nesta ideia de dever imposto à própria revista de difundir a língua entre seus

484 *O Tico-Tico*, 19 de julho de 1939, N° 1763, Ano XXXV.

leitores, entre os anos de 1945 e 1949, *O Tico-Tico* publicou a seção *Gramática Infantil pela Imagem*⁴⁸⁵, assinada pela Prof^a Leonor Posada⁴⁸⁶. Leonor Posada já publicara contos na revista e no Almanaque e livros pela *Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico*, também teve livros adotados nas escolas públicas, o que lhe garantia legitimidade para conduzir uma seção cujo objetivo era ensinar a gramática aos leitores da revista infantil. Apesar da seriedade do tema, objeto de tantas dificuldades para os estudantes, a seção buscou tratar do assunto de maneira lúdica e divertida. Publicada em uma ou duas páginas inteiras, a seção era bastante colorida e ocupava, em geral, a página central da revista.



Imagem 38 : Gramática Infantil pela imagem
O Tico-Tico, 01/1946, N° 1922.

485 Infelizmente não tivemos acesso às edições publicadas em 1945, que estão indisponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, e na Biblioteca Nacional. No entanto, no primeiro número de janeiro de 1946, a seção começa pela lição 3, o que nos faz acreditar que ela começa a ser publicada nos últimos meses de 1945. O mesmo ocorre em relações às edições publicadas em 1948, também indisponíveis.

486 Leonor Posada foi professora, escritora e poetisa. Nasceu na cidade de Cantagalo, em 3 de fevereiro de 1893. Começou a colaborar na revista *O Tico-Tico*, em 1932, onde publicou contos, assinou seções e livros pela Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico. Faleceu em 1960.

O título da seção já sugere que o conteúdo trazia uma nova forma de tratar a gramática, ao enfatizar que as lições seriam trabalhadas “pela imagem”. No entanto, o uso da imagem na seção é meramente ilustrativo e busca chamar a atenção dos leitores fazendo analogia entre as palavras e sua representação pictórica. As lições apresentadas abaixo das palavras/imagens, no entanto, tendem a reproduzir a maneira tradicional do estudo da língua. A marca da seção eram os pequenos corpinhos, desenhados como palitos, que davam vida as palavras, sentenças, imagens, como se a língua portuguesa estivesse viva. A interação das palavras com os bonecos palitos faz com que a criança leitora possa, inclusive, reconhecer o gênero das palavras, já que nas palavras femininas, o corpo/palito usa saia e sapatos.

A seção se destacava não apenas pelo uso da imagem como recurso didático, mas também porque buscava se aproximar de elementos caros à realidade dos leitores/alunos para ensinar os conteúdos das lições de língua portuguesa. Dois exemplos têm grande destaque neste sentido. No primeiro, ao tratar das famílias de palavras, Posada faz uma pequena digressão, usando o significado tradicional de família para explicar como ele se aplica na gramática:

As criaturas grupam-se em famílias. As aves, os insetos, os animais, em suma, também formam famílias, dados os característicos que lhe são comuns.

Você, lembrando as pessoas que compõem sua família, vê, em primeiro lugar o papai, depois a mamãe, os irmãos, os avós, os tios em seguida, etc. Têm eles os mesmos característicos ou sinais: são parecidos, têm os mesmos costumes, usam o mesmo nome...

Com as palavras dá-se a mesma coisa. Elas se grupam, formam famílias, de acôrdo com a sua aparência, conforme se apresentam⁴⁸⁷.

No outro exemplo, semelhante a este primeiro, a lição era sobre a classificação das palavras. No intuito de explicar porque se classificam as palavras, Posada mostra como a ideia de classificação está difundida na nossa sociedade:

Na vida, as pessoas se distinguem uma das outras pela posição que ocupam; operários, comerciantes, professores, médicos, dentistas, etc. Cada um têm a sua função e aptidão e é útil à sociedade e à Pátria.

487 *O Tico-Tico*, novembro de 1946, Nº 1942, Ano XLII.

As palavras, menino, também têm, por assim dizer, a sua função, profissão ou finalidade.

Do mesmo modo que há homens que só tratam de negócios, outros que são artistas, outros que estabelecem comunicações, etc, podemos dizer que as palavras têm funções variadíssimas.

Umam dão ideias de nomes; outras referem-se, representam as qualidades desses nomes; outras, finalmente, servem para ligar, unir os nomes e os feitos desses nomes⁴⁸⁸.

Não podemos deixar de mencionar que ao se dirigir aos leitores, Leonor Posada faz sempre referência ao sexo masculino. Tanto na citação acima ao se referir ao “menino”, como na citação anterior, em que coloca o pai como referência primeira da família, a autora indica ser o gênero masculino o leitor preferencial de sua seção. Ainda que a revista tivesse seções destinadas ao público feminino e não houvesse a priori nenhuma orientação de gênero nas suas publicações, fica explícito em várias seções que a criança do sexo masculino é o alvo das publicações, principalmente aquelas que fazem apelo à ideia de pátria e cidadania.

Ao colocar o foco na visualidade, Posada esperava despertar o interesse do leitor/aluno. O poder das imagens como ferramenta educativa tem uma longa história. Pelo menos desde Jan Amos Comenius (1592-1670) e seu *Orbis sensualium pictos*, a imagem apresenta funções que vão além da ornamentação, ajudando a atrair a atenção do leitor, facilitando sua sensibilização e capacidade de aprendizado⁴⁸⁹. Na educação e literatura infantil, a ilustração sempre teve um papel fundamental, ora complementando o texto, ou mesmo substituindo-o, ora reforçando seu objetivo pedagógico⁴⁹⁰. Na seção de Posada, vemos que a imagem, ainda que pouco dinâmica e complexa, parecia ter um lugar fundamental nas lições da língua. Além disso, em uma revista ricamente ilustrada, com a presença de importantes artistas gráficos, a tentativa da autora de unir o aspecto pedagógico às imagens ganha ainda mais peso.

Ao elaborar a seção, Posada coloca o leitor como ponto central da lição, já que ela foi elaborada especialmente para cativar e, dessa maneira, facilitar o aprendizado infantil. Devemos sublinhar que naquele momento leituras acerca dos métodos da Escola Nova e da Escola Ativa orientavam a prática de intelectuais, docentes e pedagogos no campo da

488 *O Tico-Tico*, fevereiro de 1947, Nº 1935, Ano XLIII.

489 RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis**: caminhos para ler o texto visual. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 50.

490 *Ibid*, P. 90-91.

educação⁴⁹¹. Ainda que não houvesse uma orientação quanto ao uso de imagens na educação e letramento infantil, a perspectiva de transformação da educação tradicional através da realocação da criança como centro do processo de ensino, possibilitou uma maior utilização de elementos lúdicos nos materiais didáticos. Esses elementos eram empregados com o intuito de despertar o interesse e a sensibilidade da criança, facilitando o processo de ensino e aprendizado.

Assim como a revista *O Tico-Tico*, outras revistas e suplementos infantis utilizavam suas páginas para transmitir aos leitores lições de ciências, história, geografia, entre outras disciplinas escolares. Nestas seções didáticas, o uso das imagens e dos jogos eram uma forma de incentivo ao estudo de temas comuns nas salas de aula. Um exemplo a ser considerado é o do popular suplemento infantil de *A Gazeta*⁴⁹², que assim como a revista *O Tico-Tico* publicou seções voltadas a curiosidades na área de ciências e história, que ao lado dos almanaques, ajudavam as crianças nos trabalhos e pesquisas escolares. No entanto, em movimento inverso ao da revista *O Tico-Tico*, a partir da década de 1930, o suplemento passou a publicar preferencialmente histórias em quadrinhos, populares entre o público infantil leitor dos suplementos, e clássicos da literatura infantojuvenil estrangeira em folhetim, em especial histórias de aventura e mistério. Como já foi observado, o caminho contrário de *O Tico-Tico* estava relacionado a escolhas empresariais e a perda de prestígio da publicação entre os leitores.

Outro caso relevante é o da revista *Recreio*, publicada pela Editora Abril a partir de 1969. Apesar de posterior a revista *O Tico-Tico*, seu caso é emblemático, já que a publicação foi concebida como uma “revista brinquedo”, em que os leitores pudessem ler, mas também recortar e colorir. Apesar disso, seu objetivo era não apenas recreativo, ela também se destacou nos materiais que auxiliavam os leitores nas pesquisas escolares. A revista contava com publicações variadas, em especial voltada para o ensino de ciências e curiosidades históricas e geográficas. Assim como *O Tico-Tico*, *Recreio* teve uma grande influência também na divulgação da literatura infantojuvenil, contando com a contribuição de autoras

491 PERES, Eliane. A Escola Ativa na visão de Adolphe Ferrière. Elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. In: BASTOS, Maria & STEPHANOU, Maria Helena Camara. Op. Cit. P. 114-128.

492 O Suplemento infantil do jornal *A Gazeta* foi publicado em São Paulo e circulou entre os anos 1929 e 1950. Inicialmente era chamado de *A Gazeta, Suplemento Infantil* e depois adotou o título *A Gazetinha*, pelo que ficou mais conhecido.

como Ana Maria Machado e Ruth Rocha⁴⁹³. Ainda hoje em circulação, a revista mantém algumas das características dos primeiros anos e nos ajuda a pensar como esses primeiros impressos infantis, em diálogo com a produção estrangeira, ajudaram a delinear modelos de publicação para o público em vigência até hoje.

A seção de Posada estava, naquele momento, bem integrada às demais seções da revista, que nesta nova fase iniciada em 1941⁴⁹⁴, compreendia um número maior de conteúdos e seções voltados a lições escolares. As aulas de gramática dividiam as cerca de 40 páginas das edições mensais com seções de história, biografias, folclore, botânica e zoologia, curiosidades, corografia nacional, com as já tradicionais histórias em quadrinhos, contos, passatempos e concursos. Nessa fase da revista havia pouco espaço para a interação com os leitores, com exceção dos concursos que continuavam ativos na publicação. A ausência de seções de cartas neste período nos impede de saber sobre a receptividade da seção entre os leitores, mas diante da sua longevidade em um momento delicado da revista, é possível que a sua integração com os demais conteúdos ajudasse a sustentar a nova feição do periódico.

Ainda que neste período a revista tenha optado por reduzir a colaboração dos leitores, esta foi uma das marcas mais sólidas da revista em muitas décadas. Ela ajudava a impulsionar a comunicação da revista com seus leitores, a ter sempre conteúdo novo disponível para a composição de suas edições e cumpria seu papel formador, na medida em que incentivava a escrita pelas crianças e jovens. Incentivar a escrita era também incentivar a prática da leitura, já que mesmo os textos infantis são povoados de outros textos, das histórias ouvidas por avós, pais e professores, dos contos lidos em sala de aula ou no tempo livre, dos livros encontrados na casa ou na biblioteca.

A ausência deste espaço de colaboração infantil a partir de 1941 nos ajuda a refletir sobre esse novo momento da revista, em que ela parecia mais comprometida com a formação escolar do que com uma ação educativa informal. Muitas publicações desse período pareciam material paradidático, adequados para o uso pelos professores em sala de aula. É possível que estas edições circulassem nas bibliotecas escolares e fossem consumidas entre os professores.

493MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. A importância das revistas *O Tico-Tico* e *Recreio* para a história da literatura infantil e a formação de novos leitores. **Letras em Revista**, Teresina, V. 3, Nº 1, Jan-Jul 2012.

494No número 1868, de 1941, a seção *Lições do Vovô* apresenta para o número seguinte uma nova fase da revista *O Tico-Tico*. Ela passa a ser publicada uma vez ao mês e tem o número de páginas aumentado, com 40 a 50 páginas por edição. A revista também apresenta novo projeto gráfico e maior parte do conteúdo voltado para literatura infantil e lições relacionadas a conteúdos escolares. Apesar do renovado projeto gráfico, com a quase totalidade das páginas coloridas, é possível perceber diversos problemas de colorização nesta nova fase do periódico.

É importante lembrar que neste período havia outras publicações periódicas voltadas ao público infantojuvenil, como as revistas das editoras Ebal e Globo, mais comprometidas com o entretenimento e com uma nova feição do consumo infantil. Essa preocupação com o ensino da língua portuguesa não aparece em nenhuma destas revistas. Ao contrário, estas, em muitos casos, eram criticadas pelos estrangeirismos, gírias, e mal uso da língua nas HQ's que publicavam.

4.2 Ler e escrever na revista *O Tico-Tico*

A formação de uma comunidade de leitores na revista era vista não apenas como uma tarefa cívica, mas também pedagógica. A leitura e a escrita pelas crianças ajudavam na apreensão de competências da língua, essenciais para a afirmação dos laços com a comunidade nacional. Mas era também uma maneira privilegiada de apreender valores e comportamentos considerados essenciais aos futuros cidadãos modernos e civilizados. A criação desse coletivo de crianças instruídas e letradas era um desejo dos editores e essa tarefa envolvia a própria revista no papel de mediador das leituras infantis. Ao mesmo tempo em que ela ajudava a difundir um “cânone” literário, a partir da seleção de obras nacionais e estrangeiras consideradas adequadas às crianças brasileiras, difundia-se também modelos de infância.

Definir “cânonos” não parecia uma tarefa fácil já que a crítica literária se voltava exclusivamente às obras destinadas ao público adulto. É bom sublinhar que o público infantil interage de maneira diferenciada com os textos, sendo que a escolha das leituras são geralmente mediados por adultos, não havendo, portanto, uma resposta padrão a textos considerados bons ou ruins. Ao contrário do que ocorre na literatura adulta, a criança não é consultada na seleção dos cânonos e são os adultos responsáveis pela definição do que seria um bom livro infantil⁴⁹⁵. O que a revista definia como cânone era uma seleção de obras que passavam por juízos de valor dos editores, as obras deveriam ser consideradas instrutivas, construtivas, sadias e de “bom gosto”. Havia ainda uma concepção da literatura infantil como um gênero menor, efêmero, destinado ao crescimento intelectual e com “vocação

495HUNT, Peter. Op. Cit. P. 38.

pedagógica”.⁴⁹⁶ Essa leitura sobre a literatura infantil é ainda hoje fruto de debates acadêmicos e literários⁴⁹⁷.

A infância letrada imaginada pelos intelectuais da revista seria moralmente instruída, ou seja, capaz de equilibrar seus comportamentos e desejos de acordo com os padrões socialmente constituídos e compreender sua importância como cidadão no futuro da nação. Era também iluminada pelos conhecimentos científicos acumulados, essenciais para a vivência e o desenvolvimento do mundo moderno. Tanto a moral como o saber científico eram conhecimentos a serem apreendidos através de um contato aprofundado com o mundo letrado, cabendo aos adultos selecionar e dispor os textos considerados adequados a essa infância.

Nessa perspectiva ao mesmo tempo cívica e pedagógica, a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita era entendida como um momento de inversão, de mudança em sua vida infantil, onde ela passava do mundo privado, da casa, cercado de cuidados familiares, para o mundo público letrado, onde se mantinha em contato com outros sujeitos, outras ideias e sensibilidades, capazes de agir na formação intelectual, moral e ainda patriótica da criança. A partir da descoberta deste novo mundo, a criança se aproximava das expectativas públicas. Passava a ser fruto do interesse da escola, do Estado, e de outros agentes, também leitores, renovando suas formas de pensar e agir no mundo.

E neste mundo adulto, os pais, mas também a escola, a Igreja e, em alguns casos, os bibliotecários tinham uma grande importância na difusão daqueles que seriam os “bons livros” para a infância. Difundir a cultura do livro não era uma forma de levar erudição aos menos letrados, mas uma maneira de selecionar, controlar e transmitir leituras que não ferissem as boas maneiras e os valores cristãos. Diante do crescimento do mercado editorial e de uma massa de livros e impressos que propagavam textos populares, eróticos e políticos, difundir a leitura entre as crianças e jovens era também uma maneira de impedir leituras “ruins” e combater a ociosidade, que levava aos maus hábitos. Se em outros países, como na França⁴⁹⁸, as bibliotecas escolares e públicas cumpriam em parte este papel, no Brasil, a ausência destes locais criara a necessidade de outros espaços de referência para a seleção e indicação de livros e práticas de leitura.

496MENNA, Lígia, Op. Cit., 2012. P. 96.

497Ver HUNT, Peter. Op. Cit.

498HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. P. 10-15.

O ato da leitura e da escrita pela criança era um momento reverenciado pela revista *O Tico-Tico* como uma fase especial de abertura da criança para o mundo. Entendida como uma espécie de tábula-rasa, um recipiente vazio pronto a ser preenchido, a alfabetização seria uma fase determinante na vida infantil, a partir da qual se tornaria possível pertencer igualmente a uma comunidade de leitores e introjetar comportamentos, valores, ideias e padrões sociais. As crianças que terminavam seus primeiros livros de leitura na escola mandavam cartas para a redação e eram prestigiadas pelos editores:

A nossa gentil leitora Sylvia Pinho Baptista, dirigiu-nos uma carta muito galante, comunicando-nos que terminou agora seu Primeiro Livro de Leitura, tendo apenas dous mezes na escola. Isso mostra o quanto a pequena Sylvia é inteligente e aplicada. Apresentamol-a, como exemplo, à nossos amiguinhos e felicítamol-a pela maneira correcta por que já escreve⁴⁹⁹.

Essa cumplicidade da revista com seus leitores, tornando público as pequenas conquistas infantis, deveria estimular os outros leitores não apenas a seguir o exemplo mas também a se aperfeiçoar no mundo da leitura e da escrita. É interessante notar que a jovem Sylvia é elogiada pela leitura do livro indicado pela escola. O Livro de Leitura, selecionado por um grupo de professores e intelectuais envolvidos na educação pública e privada, era reconhecido como um farol para as leituras infantojuvenis. Contava com textos de escritores de referência no país e eram selecionados de acordo com o nível escolar dos estudantes. Além de fazer parte das obrigações escolares dos alunos, era considerado objeto de valor moral e intelectual na vida do estudante.

Sylvia é parabenizada também pela escrita da carta enviada à revista. Assuntos relacionados a vida escolar dos leitores eram constantemente publicados na revista e era uma maneira de valorizar a educação, a disciplina escolar, a vida intelectual infantil. Mas enaltecer a carta da leitora era também uma maneira de incentivar a participação dos leitores. Escrever para a revista, ainda que através de cartas, e não propriamente da colaboração de textos, seria outra forma de reforçar a prática da escrita.

Mesmo que uma das características mais marcantes do periódico tenha sido sua visualidade, para os editores e colaboradores era importante que as crianças superassem o

499 *O Tico-Tico*, 14 de agosto de 1907, N° 97, Ano III.

“mundo da imagem” para adentrar também no “mundo das letras”. Esses mundos não eram excludentes e conseguir complementá-los era, inclusive, uma das exigências para uma compreensão multifacetada da revista. Aprender a decodificar o mundo letrado era um dos caminhos fundamentais para a entrada no mundo adulto e possibilitava uma série de conquistas, como a diversificação e complexificação da linguagem, necessária para a expressão de ideias, sentimentos, desejos.

No conto “A utilidade das Letras”, publicado na revista *O Tico-Tico*, de 1913, o pequeno Arthur se surpreende quando toma em suas mãos um livro que o pai tinha acabado de terminar. Ele ficara intrigado como seu pai ria ao folhear o livro e esperava encontrar figuras engraçadas. O texto deixa explícito que a compreensão do menino se limitava unicamente a imagem. Aquele conjunto de sinais em preto sobre o papel branco era completamente ilegível ao menino, que se mostra incapaz de compreender o porquê do interesse dos adultos pelo objeto livro:

Esparso pelo chão alguns livros, poz-se o lindo cherubin a folheal-os, um por um, soffregamente, algumas vezes, com muito vagar, várias outras!

Mas, como da primeira vez, nem uma figura! Encontrava-se ainda diante de um mundo incomprehensível de signaes!

Não podendo soffrear por mais tempo a curiosidade, correu á mamãi:

Querida – disse-lhe – que é isso aqui tão preto?

São letras, meu amor.

E para que servem?

Para que possas dizer num papel tudo o que quizeres que a tua maninha se chama Laura, que irás jantar com o Gustavo, que terás doce à sobremesa...

É essa, meu anjo, a *utilidade das lettras*.

A bôa senhora pretendia continuar, quando muito risonho perguntou-lhe o menino: - Também ellas dizem que hei de ser homem, como o papai, usar de calças compridas, ter bigode, barbas, oculos e fumar cigarros?

– Tudo, tudo!

– Ah! - Disse suspirando a criança – agora sim, agora compreendo a utilidade das lettras!⁵⁰⁰

O referido conto foi enviado à redação por uma professora adjunta da Escola Modelo

500 *O Tico-Tico*, 22 de janeiro de 1913, Nº 381, Ano VIII.

Gonçalves Dias. Infelizmente, seu nome não foi publicado, no entanto, indicar sua função como profissional da educação ajudava a dar respaldo a publicação de seu conto pela revista. A narrativa sugere que o livro que o menino Arthur tentava ler era divertido, provavelmente repleto de anedotas e humor, já que provocara riso em seus pais. Mesmo sem imagens, sua leitura podia ser agradável e recreativa, o que incentivava a prática pelos pequenos que, inicialmente poderiam achar monótono se concentrar em um texto sem nenhuma imagem. O conto enviado pela professora se mostrava adequado aos interesses da revista, na medida em que servia como lição para que os leitores investissem nas leituras de histórias infantis não ilustradas, material abundante no periódico.

Neste mesmo número, uma outra história aborda o mesmo tema, desta vez um quadrinho ilustrado por Léo. Em “Manduca castigado por ser desmazelado”, o personagem consulta a biblioteca do pai a procura de livros com figuras. Ele joga ao chão cada livro que encontra sem imagens. Ao ver a bagunça e o desrespeito do filho com seus livros, o pai lhe dá uma surra que o faz ver “figuras e estrelas a contra gosto”⁵⁰¹. A publicação de duas histórias que tem como tema a leitura e a decodificação do mundo não pela imagem, mas pelas letras, não deve ser mera coincidência, e indica que esta poderia ser uma preocupação dos editores. Ela também indica que havia uma dinâmica entre os redatores na confecção de material para as edições ou mesmo na seleção de temas em determinados números.

4.2.1 A ciência da leitura e da escrita

Participar da cultura letrada exigia o domínio de uma série de códigos pela criança, que não se restringia apenas ao domínio da língua portuguesa. A revista apresentava a leitura como um ato solene, que exigia dedicação, tempo e prática do leitor. Era essencial, por isso, observar a postura no momento da leitura e da escrita. A postura correta ajudava na apreensão do texto lido e representava uma demonstração de respeito por parte do leitor. Assim como a leitura, a escrita também exigia um posicionamento ideal do corpo da criança. Não bastava cuidar da ortografia e da caligrafia, elementos também importantes para uma boa redação, era necessário ter uma atitude correta em relação a folha de papel e o lápis.

Em *Lições do Vovô*, de 1910⁵⁰², o autor defende uma postura “higiênica” da criança no

501Id.

502O *Tico-Tico*, 13 de abril de 1910, Nº 236, Ano VI.

ato de escrever. Após um breve histórico sobre como os homens escreviam na Antiguidade e na Idade Média, ressaltando os materiais utilizados à época para desenvolver a caligrafia, o autor destaca a necessidade de manter o tronco ereto ao escrever. Ele esclarece que nesta postura, a respiração pode fluir livremente pelos pulmões chegando ao coração, o que facilitaria o ato da escrita. Comprimir os pulmões através de uma postura incorreta, o que ocorre ao curvar a coluna, impediria a plena atenção no texto. Como mostrava Vovô, existia uma ciência para a leitura e para dar maior respaldo a seus argumentos, a seção apresenta duas imagens que mostram a postura incorreta e correta no ato da escrita pela criança.



Imagem 39: Lições do Vovô.
O Tico-Tico, 13/04/1910, Nº 236

Esse tema volta a aparecer na mesma seção em 1916⁵⁰³, quando Vovô critica a prática da leitura em posição deitada na cama. Ainda que parecesse confortável, a prática era desaconselhável e ainda poderia causar, segundo o autor, moléstias graves, como a deformação dos globos oculares. Utilizando termos técnicos e um esquema ilustrativo, ele se remete a pesquisas realizadas em estudantes que teriam mostrado como esse tipo de leitura poderia afetar a visão daquele que lê. Existia também uma maneira saudável, portanto, de praticar a leitura.

503O *Tico-Tico*, 07 de junho de 1916, Nº 557, Ano XII.

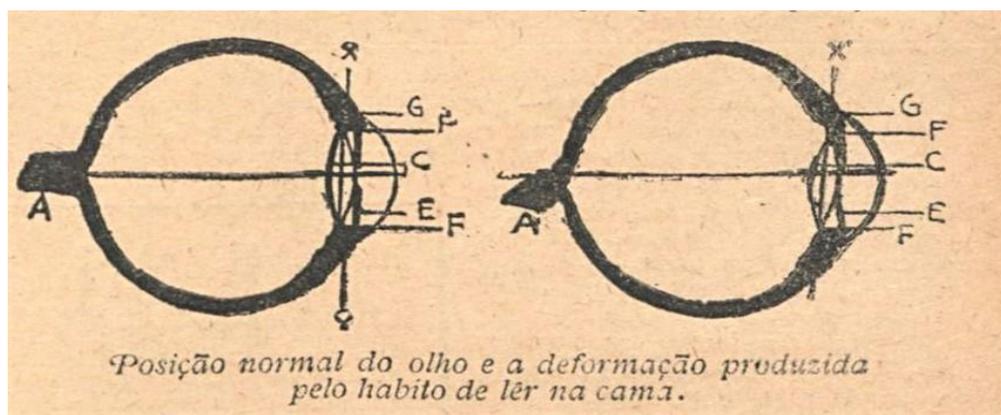


Imagem 40: Lições do Vovô
O Tico-Tico, 07/06/1916, Nº 557

No mesmo número, o assunto reaparece em um artigo avulso, sem assinatura, sob o título “Como se deve ler”. Esse artigo, no entanto, aborda um outro tipo de leitura – a leitura de jornais e revistas. O argumento principal do artigo é a tentativa de um professor de jornalismo da Universidade do Kansas, nos Estados Unidos, que buscava introduzir o uso de jornais e revistas nas escolas. Segundo ele, era importante ensinar as crianças e jovens a ler esse tipo de impresso, despertando-lhes a curiosidade e, ao mesmo tempo, demonstrando a sua utilidade na expansão do conhecimento sobre determinados assuntos.

Segundo o professor, a tendência entre as crianças e jovens era restringir a leitura ao que chama de “ninharias”, ou seja, escândalos, notícias graves, sensacionalistas. Revistas e jornais, no entanto, apresentariam uma gama maior de informações importantes para a formação do estudante. Caberia ao professor dirigir a leitura para os assuntos de política nacional e estrangeira, ciências, literatura e artes, promovendo a leitura de artigos em sala de aula, que complementariam o conhecimento recebido nas escolas e universidades: “A leitura das revistas dará, pois, aos rapazes leitura variada e de actualidade, que não se pode ter nos livros de ensino”⁵⁰⁴.

Neste caso, o foco do artigo não era a conduta postural em relação à leitura ou à escrita, mas os procedimentos para uma leitura correta dos textos. Cada um dos artigos mostra diferentes abordagens sobre um texto, mas demonstram, em especial, a necessidade de se aprender a ler. Se nos primeiros casos enfatizava-se um controle sobre os corpos infantis na prática da leitura e da escrita, este último buscava incentivar o uso pedagógico do jornal e da

⁵⁰⁴O Tico-Tico, 7 de junho de 1916, Nº 557, Ano XI.

revista, ajudando a difundir a importância deste tipo de leitura. É essencial considerarmos que, para além da revista *O Tico-Tico*, *O Malho* publicava outras revistas de variedades, com conteúdo científico e literário, como a *Leitura para Todos*. Alavancar a leitura desses outros impressos em sala de aula, aproveitando o público privilegiado de professores e demais profissionais do ensino que se esperava que lessem a revista *O Tico-Tico*, era também um dos objetivos da revista que dessa forma garantia também publicidade para as demais publicações da empresa. Em texto curto publicado no pé de página do número 745, de 1919, os editores indicam a leitura dos jornais ilustrados e semanários para aqueles que “não podem ficar duas ou três horas a ler livros”⁵⁰⁵. Os impressos seriam um tipo de leitura leve e instrutiva para aqueles que não tinham tempo para leituras mais prolongadas.

Além da postura adequada no ato da leitura, a revista oferecia lições práticas acerca da guarda e manutenção dos livros. O livro, mesmo o escolar, era um objeto de prestígio e não era um artigo tão comum nas casas brasileiras nos primeiros anos do século XX, sobretudo o livro infantil. Ao contrário da revista e do jornal, cujos usos permitiam, em muitos casos, recortar, pintar e escrever, o livro era um objeto idolatrado e, por isso, deveria ser repleto de cuidados especiais. Sendo um livro-presente, publicado em edição luxuosa com capa dura e ilustrações, ou um livro de leitura escolar, que era utilizado pelo estudante durante todo o ano letivo, era importante mantê-lo em bom estado. Além disso, era muito comum que o livro passasse por várias mãos, sendo consumido por irmãos, primos, filhos e netos, ou seja, era um objeto que poderia ser passado de geração em geração.

Na seção *O Sr. X e sua página*, destinada a ensinar experiências químicas, construção de pequenos objetos e brincadeiras, o autor oferece um modelo de estante para os pequenos guardarem seus livros. O livro, segundo o autor, era

(...) um companheiro e um amigo completo. Tendo-o não se precisa de mais cousa alguma para passar algumas horas divertindo-se. O teatro, o cinematographo, um passeio ao ar livre, são excelentes diversões; mas durante um passeio pode começar a chover, ou torna-se o sol demasiadamente quente; em um cinematographo, nosso divertimento depende de um desarranjo na machina, de uma interrupção da corrente electrica, do máu humor do operador, que póde precipitar as scenas com demasiada rapidez ou arrastal-as com tal vagar, que as torne aborrecidas.

505 *O Tico-Tico*, 14 de Janeiro de 1920, Nº 745, Ano XV.

Com a leitura não acontece isso. A sós, com um bom livro, não depende de mais pessoa alguma. O livro é o bastante para nosso goso⁵⁰⁶.

Nesse número da seção, o autor leva mais tempo discorrendo sobre a importância do livro e sua preferência como diversão infantil em lugar do cinematógrafo e do teatro, do que ensinando a construção da pequena estante improvisada. Enquanto os elogios tomam seis parágrafos, a descrição da montagem da estante se dá em dois parágrafos curtos. Isso mostra que o assunto livro era considerado importante, levando a descrições apaixonadas que muitas vezes superavam o objetivo do artigo. Para além da finalidade concreta do artigo, o que se esperava neste tipo de publicação era ajudar a difundir o gosto pelos livros e a prática da leitura entre os consumidores do periódico.

Na *Secção para meninas*, publicado em 1918⁵⁰⁷, no entanto, o assunto é tratado de outra maneira. O objetivo é semelhante: ensinar as leitoras um modelo de capa de livro, cujo propósito é igualmente ajudar a conservar e guardar adequadamente o objeto. Dedicada exclusivamente às meninas, essa seção se destinava a oferecer lições de trabalhos manuais, geralmente de costura. Diferentemente da anterior, não há uma descrição sobre a importância do livro para as meninas, nem se diz que este poderia funcionar como seu “melhor amigo”. A ênfase, na verdade, recai sobre detalhes acetinados da costura e a beleza dos detalhes do bordado. O autor da seção ressalta que a capa do livro poderia servir tanto para o livro de leitura, de estudo, quanto para o livro da missa.

É possível perceber que há diferença na abordagem do assunto para os diferentes gêneros. Enquanto no caso dos meninos fala-se do livro de leitura escolar, do livro de aventuras e dos romances, quando voltado às meninas, o “livro da missa” aparece como uma das leituras características do gênero feminino. Além disso, a atenção dada ao trabalho da costura, tido como uma função tipicamente feminina, como uma instrução necessária à formação da “futura mãe de família”, supera a importância do livro.

Na edição de 6 de novembro de 1918, os editores abordam o tema da preservação dos livros de outra maneira. Em “Os animaes inimigos dos livros”, o autor escreve sobre insetos que costumam ser danosos aos livros. Publicado em página inteira, com a respectiva ilustração destes insetos, o artigo descreve a ação de nove insetos capazes de destruírem não

506 *O Tico-Tico*, 22 de agosto de 1917, N° 620, Ano XII.

507 *O Tico-Tico*, 11 de dezembro de 1918, N° 688, Ano XIII.

apenas o papel, mas a encadernação em couro e a madeira das estantes: “ha-os, enfim, para todos os gostos, menos para o do dono dos livros”⁵⁰⁸. Após a descrição minuciosa dos danos causados por cada uma dessas pragas, ele sugere o cuidado com o uso de veneno, inseticidas e desinfetantes.

Cuidar do livro e conhecer os rituais necessários ao seu manuseio e uso eram meios de demonstrar a importância da leitura e da escrita pela criança. Outra maneira de reforçar o valor dessas práticas na cultura ocidental era através do conhecimento de sua história, afinal conhecer a historicidade da leitura e da escrita era uma forma de compreender o esforço da humanidade em aperfeiçoar as formas de comunicação e seus suportes. No ano de 1943, a revista publicou uma série sobre a história do livro e da escrita, de autoria de Ariosto Espinheira⁵⁰⁹. No primeiro número da série, publicado em fevereiro daquele ano, o autor apresenta uma breve história da escrita, em duas páginas coloridas, com ilustrações do próprio autor. Antes de iniciar sua lição sobre a história da escrita, passando dos sinais deixados pelos antepassados pré-históricos até a escrita hieroglífica, o alfabeto fenício, grego e romano, Espinheira faz uma introdução para ambientar o pequeno leitor ao assunto e reforçar sua importância na história da civilização:

Vocês, pequenos leitores, são mais felizes que outras crianças, que viveram há muitos anos, que não podiam ler, não podiam aprender com a facilidade com que vocês aprendem hoje, que não tinham livros nem jornais, porque estes não existiam. É verdade. Os primeiros homens, não conhecendo a “escrita”, recordavam os fatos de sua vida por meio de “sinais” feitos nos troncos das árvores, de “desenhos” nas paredes das cavernas em que habitavam, de “nós” dados em cordas, de “talhos” feitos em pedaços de madeira, de “conchas” e “sementes” em forma de colares⁵¹⁰.

Além de mostrar a importância e praticidade dos materiais hoje disponíveis para a leitura e comunicação, o autor faz questão de construir sua narrativa de modo a deixar claro

508 *O Tico-Tico*, 6 de novembro de 1918, Nº 683, Ano XIII.

509 Ariosto Espinheira foi professor, diretor de instrução pública do município de Vassouras e responsável pela rádio difusão do Departamento de educação do Distrito Federal. É o autor da série de livros *Viagem através do Brasil*, publicado pela Editora Melhoramentos, a partir de palestras proferidas pela rádio no “Programa Infantil”. Nasceu no Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1904, e faleceu na mesma cidade, em 7 de novembro de 1961.

510 *O Tico-Tico*, fevereiro de 1943, Nº 1887, Ano XXXVIII.

como esses objetos – o manuscrito, o livro e o jornal – acompanham o desenvolvimento cultural e o progresso da humanidade. Diante das facilidades disponíveis aos leitores naquele momento, seria impensável que meninos e meninas não se esforçassem para adquirir conhecimento. Apesar de procurar abordar os assuntos de maneira didática e objetiva, a condução da série também é acompanhada, por vezes, de certo tom moralista. Era necessário reforçar todo o tempo a tarefa educativa deste tipo de publicação.

No número seguinte, no qual o autor discorre sobre a história do papel, a lição sobre os materiais utilizados para a escrita até a invenção do papel, acaba sendo uma oportunidade para a exaltação nacional ao falar da nascente indústria de papel no Brasil. Segundo o autor, “possuindo imensas florestas, onde se encontram as preciosas madeiras que fornecem “celulose”, substância empregada no fabrico do “papel”, o nosso país poderá ser um grande produtor desse elemento indispensável a todos os povos cultos”⁵¹¹. Mostrar aos leitores como o país poderia se tornar expoente da indústria do papel poderia ajudar a sensibilizar a criança quanto ao seu dever como consumidores de impressos.

O número seguinte, publicado na edição de abril, trata dos manuscritos e materiais utilizados para a escrita, como o pincel e a pena. Em maio, o autor comenta o surgimento da imprensa, iniciando seu texto com uma breve biografia de Guttenberg. Depois de comentar o funcionamento dos tipos móveis de Guttenberg, que levou a impressão da Bíblia – o primeiro livro impresso da história –, ele comenta algumas técnicas de impressão até a utilização dos linotipos. A lição apresentada termina com o surgimento da Imprensa Régia no Brasil, em 1808.

A edição de junho é dedicada especialmente ao livro e a imprensa. A invenção da imprensa de tipos móveis por Guttenberg, e anteriormente a do papel, teriam, segundo o autor, animado escritores e cientistas que viram no impresso uma forma de divulgar as letras e as ciências. A importância do livro e do impresso para o progresso da ciência, no entanto, não se restringiria a divulgação da ciência, das artes e da cultura. Após um breve relato sobre os primeiros livros publicados no mundo, o autor comenta como o livro foi essencial para as viagens marítimas, já que teria sido pela leitura de relatos de aventuras, por vezes fantasiosos, que os “descobridores” empreenderam suas expedições. Sobre o livro, o autor termina afirmando: “são os livros que nos permitem adquirir conhecimentos novos, ter ciência dos

511 *O Tico-Tico*, março de 1943, Nº 1888, Ano XXXVIII.

fatos da vida dos povos, reproduzir novas edições de obras antigas”⁵¹².

O autor ainda comenta neste número o surgimento dos primeiros jornais, em especial no Brasil, com a *Gazeta do Rio de Janeiro*, do Frei Tibúrcio da Rocha, marco do início da imprensa no país. A publicação termina citando as publicações infantis, como a revista *O Tico-Tico*, sublinhando sua longevidade no mercado brasileiro como já era frequente nesta fase da revista. É interessante perceber como a trajetória do livro, da escrita e da leitura realizada por Espinheira culmina com a invenção da imprensa e as transformações características da modernidade que experimentavam. A série é também uma maneira do autor reverenciar a imprensa e marcar o lugar do periódico nesta história recente. Articulada aos novos interesses da revista naquela década, a série de Espinheira é construída de maneira didática, repleta de referências históricas, que poderiam ajudar o estudante em possíveis trabalhos escolares.



Imagem 41: História do livro – O Jornal.
O Tico-Tico, 06/1943, Nº 1891, Ano XXXVIII

Mais dois números compõe a série de Ariosto Espinheira⁵¹³: em agosto, *O que nos contam alguns manuscritos*⁵¹⁴, sobre o que os textos antigos nos revelaram sobre a história da Grécia, e em setembro, *Os antigos manuscritos contam*⁵¹⁵, traz a importância dos manuscritos antigos para o conhecimento da história romana. A partir de novembro⁵¹⁶, percebemos que Ariosto continua a contribuir com textos para a revista, mas eles possuem outra característica, sendo, em sua maioria, biografias de personalidades históricas. Neste mês, ainda em referência a série anterior, o autor fala de *Marco Polo e suas viagens*⁵¹⁷, sobre o manuscrito deixado por Marco Polo que teria influenciado as viagens marítimas dos séculos XV e XVI. O autor chega a falar de algumas das traduções e edições do livro de Marco Polo, mas o foco principal é a sua biografia. As contribuições deixam de figurar nas páginas centrais da revista, sendo publicadas até a página 15, e passam a conter apenas uma página com uma ilustração central, no modelo das biografias já publicadas anteriormente na revista.

4.3 O que ler na infância: indicação de leituras e construção de cânones

Além de fazer os leitores compreenderem a importância do livro e da leitura ao longo da história, ajudando a difundir também comportamentos saudáveis e respeitosos em relação ao objeto livro, era importante definir claramente o que seria uma leitura adequada à criança. O livro, como esse item especial cercado de atenção, deveria auxiliar na formação moral e intelectual da criança sem deturpar sua inocência ou orientá-la para caminhos que não fossem os da virtude, dos bons sentimentos e do conhecimento sadio. Se existiam os bons livros, existiam também aqueles inadequados, por isso, era indispensável procurar estabelecer critérios para a escolha do livro que significasse uma leitura prudente e explicar, sempre que possível, a função do livro na vida infantil:

513Infelizmente o nº 1892, de julho de 1943, não está disponível na Hemeroteca Digital Brasileira e na Biblioteca Nacional.

514*O Tico-Tico*, agosto de 1943, Nº 1893, Ano XXXVIII.

515*O Tico-Tico*, setembro de 1943, Nº 1894, Ano XXXVIII.

516Também não foi possível consultar a edição de outubro de 1943, que está indisponível na Hemeroteca Digital Brasileira e no acervo da Biblioteca Nacional.

517*O Tico-Tico*, novembro de 1943, Nº 1896, Ano XXXVIII.

[...] É elle um dos nossos melhores amigos, que nos aconselha, illumina a nossa intelligência, depura as nossas almas, fortalece o nosso espirito na pratica do Bem; conforta-nos nos momentos de aborrecimento e de tristeza; estimula-nos para o conhecimento de um mundo que não vemos mas que podemos gozal-o e sentil-o, pela leitura de um bom autor! Eu quero crer que, depois dos mestres, das escolas, ninguém melhor nos póde orientar e dirigir-nos na vida, que um livro didactico, científico, philosóphico, civico e, sobretudo, moralista; as obras sobre economia, indústrias, interesses políticos-financeiros, a cultura, em os seus mais variados ramos, emfim, o livro, em qualquer de seus attributos e virtudes que propaga, é o mais indispensável dos amigos e companheiros! [...]⁵¹⁸

No texto chamado “Um bom livro”, assinado por Eulina Dutra, o livro mais uma vez é descrito como um amigo indispensável na vida da criança. Ao mesmo tempo em que é visto como companheiro, é também comparado a um mestre ou à própria escola, por sua capacidade de dirigir bons ensinamentos aqueles que o leem. Esses ensinamentos acompanhariam a vida da criança, marcando também a sua vida adulta, já que mesmo depois de muitos anos de suas primeiras leituras, as lições apreendidas seriam objeto de boas lembranças, podendo ser também transmitidos aos filhos e aos netos como uma herança de família. Se o bom livro, reflete a autora, é sobretudo aquele capaz de apresentar orientações para a vida, o melhor deles seria o livro moralista, capaz de revelar as lições necessárias ao crescimento humano. Ainda que livros científicos, didáticos e políticos também fossem importantes, a autora dá especial valor ao livro que contém uma moral, chegando a dizer que mesmo passada a fase da infância, o livro seria o “anjo consolador da velhice”⁵¹⁹.

O mesmo defende Antonio Reddo, em texto publicado em 11 de janeiro de 1928. Para ele, o bom livro é aquele que contém uma moral, ou seja, aquele que de alguma maneira garante ao leitor lições de bom comportamento, boa convivência, e valores, como respeito, paciência, dedicação aos estudos, etc. Os pais, segundo o autor, seriam as melhores referências para determinar aqueles livros que deveriam ou não serem lidos pelos seus filhos. No mesmo texto, ele expõe as consequências da leitura de um bom e um mau livro na vida da criança e aconselha que ela nunca deixe de consultar pessoas mais experientes no momento de escolher uma leitura, afinal, um livro poderia ser um objeto perigoso e prejudicial nas mãos de uma criança:

518O *Tico-Tico*, 14 de novembro de 1923, N° 945, Ano XVIII.

519Id.

O bom livro, isto é, o livro de uma moral sã e de conhecimentos solidos, é o melhor e o maior amigo, de quem não devemos nos afastar jamais...

O máo livro, tendencioso, de uma moral equivocada e vazio de ensinamentos uteis, é um inimigo vulgar, que se embuça com a capa de amigo para nos prejudicar, se suas páginas nos transmite, sorrateiro e hipócrita, a serpe venenosa de suas theorias satanicas e crueis: - e, se lhe damos atenção, elle vai, dia após dia, demolindo todos os nossos sentimentos nobres, até nos reduzir a condição insignificante de um farrapo humano!⁵²⁰

A tutela dos adultos na seleção das leituras infantis parecia essencial para que livros contendo ideias perigosas não povoassem a formação da criança. Não podemos esquecer que a associação do livro às ideias perigosas e revolucionárias levou a séculos de perseguições, prisões e queima de livros. Colocou em polos separados escritores, cientistas e homens de letras – defensores do conhecimento iluminado e da liberdade de expressão –, e a Igreja e o Estado, que em diversos momentos mobilizaram aparato repressivo através, por exemplo, das atividades de censores⁵²¹. Essa desconfiança com os livros, suas ideias e leitores não é algo superado, ao contrário, é constantemente renovada diante de novos interesses políticos. Como bem pontua Robert Darnton, “quando faladas ou escritas, as palavras exercem poder”⁵²². Ou podem enlouquecer, como sugere Miguel de Cervantes, com seu Dom Quixote entregue à ficção de seus romances de cavalaria⁵²³.

A leitura foi constantemente vista com certa desconfiança. Essa suspeita era especialmente marcante entre as autoridades, mas foi também compartilhada por diversos grupos, inclusive nas camadas populares, no meio rural e urbano, nos quais, muitas vezes, onde o leitor era visto como um traidor⁵²⁴. Ainda hoje, a leitura é frequentemente um ato secreto. Por ser identificada como uma experiência íntima, individual e sensível, é vista como potencialmente subversiva. O que se teme não são só as ideias, mas o próprio gesto da leitura.⁵²⁵

520 *O Tico-Tico*, 11 de Janeiro de 1928, Nº 1162.

521 DARNTON, Robert. **Censores em ação**. Como os estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. P. 20.

522 *Ibid.* P. 14.

523 CANFORA, Leonardo. **Livro e liberdade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. P. 19.

524 PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013. P. 21.

525 *Ibid.* . 51

O perigo dos livros se tornou sensível com o surgimento de uma nova classe de leitores, advindos das políticas de enfrentamento do analfabetismo e com a consequente ampliação do processo de escolarização. Essa classe era essencialmente formada pelas crianças, mulheres e indivíduos das classes populares, que passaram a disputar o acesso a estes objetos, antes restritos a uma elite cultural e social, essencialmente adulta e masculina.⁵²⁶ Para esses novos grupos, a leitura era também fruto de prazer, uma atividade de ócio, onde não havia um compromisso estrito em garantir proveito moral ou cultural. Ela concorria diretamente com outras formas de entretenimento, como o cinema e o rádio. Para o mercado editorial e livreiro, esse público trazia novas demandas que ajudavam, ao lado do desenvolvimento técnico, a impulsionar suas atividades. Para aqueles que se atribuíam da função de regular e selecionar leituras a esses públicos, se fazia necessário equilibrar prazer e instrução moral.

Se existiam os “bons” e os “maus” livros, as crianças, esse novo grupo de leitores que despontava como potenciais consumidores de livros, deveria ser cercada de cuidados. *O Tico-Tico*, como promotor da leitura infantojuvenil, se investia da função de publicar textos considerados sãos em suas páginas, assim como de indicar leituras apropriadas às crianças. Neste caso, a revista fazia o papel de mediador do mundo adulto na indicação das leituras infantis. Era importante afirmar aos leitores, sendo pais, professores ou as próprias crianças, que a revista era feita por homens experientes, ratificando seu compromisso com a formação total de seus leitores. A revista se colocava, desta maneira, ao lado dos pais e da escola na recomendação de uma agenda de leitura para as crianças e jovens.

A insistência em demarcar a existência de leituras prejudiciais aos leitores infantis ajudava a estabelecer o espaço da revista na disseminação da leitura e na formação de um público leitor. Indicar leituras foi uma das maneiras encontradas pela revista de cumprir esse papel educativo. A seção de cartas, em especial a *Correspondência do Dr. Sabetudo*, era o espaço preferencial para essas indicações. As crianças buscavam referências sobre livros e autores e recebiam não apenas recomendações de leituras, mas direcionamento acerca dos assuntos que deveriam ou não ser objeto de sua atenção.

As indicações dos editores revelam que, em muitos casos, as referências de leitura do mundo adulto predominavam nas orientações aos pequenos leitores, principalmente nas

526GUÉCO, Christine Rivalan. *Lecturas gratas o la fábrica de lectores?* Sevilla: Calambur, 2007. P. 17-18.

primeiras décadas de publicação. Ainda não parecia estar claro para os editores como deveriam ser os livros para crianças e como temas do mundo adulto deveriam ser abordados. É necessário assinalar que a ideia de infância e suas particularidades como uma fase da vida separada do mundo adulto, ainda não estava plenamente constituída naquele contexto⁵²⁷. Na realidade, o que observamos é justamente uma tentativa dos editores em definir, neste caso, um tipo de leitura aconselhável na infância.

A literatura infantil nacional ainda dava seus primeiros passos. Poucos autores aventuravam-se no universo dos livros para crianças e, por isso, um cânone literário voltado para esse público ainda estava em construção. Predominavam entre as crianças as leituras de livros franceses, alemães e portugueses e suas traduções que, segundo Arroyo, estavam relacionadas em grande parte com uma certa tradição na educação infantil das classes burguesas. A literatura escolar começava a despontar como uma forma de reação a essas traduções, mas nos primeiros anos do século XX, essa produção ainda era pouco expressiva⁵²⁸. A carta do leitor Jayme Vianna, da Bahia, publicada em 29 de setembro de 1909, nos revela justamente a dificuldade encontrada pelos editores da revista em sugerir leituras adequadas ao seu público leitor, que por isso, acabam indicando autores que, apesar de escreverem para adultos, possuíam textos considerados por eles mais leves ou mais didáticos, adequados às crianças:

Perdão, eu já respondi a sua pergunta sobre a história da Revolução Franceza. Indiquei-lhe Michelet. É o melhor autor se o meu amigo ainda é creança e precisa apenas de uma relação dos factos. Mas se já tem inteligência para comprehender e estudar a significação dos factos, leia um livro recentemente publicado pelo escriptor russo Pedro Kropotkine, com o título *La Grande Revolution*. Esta obra está publicada em francez, não há traducção portuguesa e considero-a muito profunda para uma creança. Para ter conhecimentos geraes de Historia parece bom o compendio de Souza Berquó⁵²⁹.

Para o redator da seção, Jules Michelet era um autor que seria facilmente compreendido pelas crianças em idade escolar. Sua leitura, segundo a resposta, era indicada para aqueles que procurariam apenas um conhecimento superficial acerca da Revolução

527COHN, Clarice. Op. Cit. P. 14.

528ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

529O *Tico-Tico*, 29 de setembro de 1909, Nº 208, Ano IV.

Francesa. Já a leitura de Kropotkin, provavelmente por seu caráter político, era considerada de difícil compreensão para o público infantil, ainda mais diante da ausência de tradução do livro indicado em língua portuguesa. A referência a esta obra é de sua tradução francesa. Ainda assim, não pareceu ao redator incorreto indicar a obra ao leitor, sendo sua sugestão preferível à do compêndio. Sua recomendação pode ter sido uma forma do jornalista demonstrar sua erudição no universo literário, demonstrando que estava informado sobre os recentes lançamentos em língua francesa. Poderia ser também uma maneira indireta de indicar a leitura do referido livro aos pais ou professores que passavam os olhos sobre a revista.

É preciso ponderar que o contato das crianças com leituras do mundo adulto não eram incomuns naquele contexto. O mercado editorial de livros para crianças e jovens, mesmo em pleno desenvolvimento, não contava com uma variedade de títulos, ainda mais quando se tratava de assuntos específicos como a história da Revolução Francesa. No ambiente escolar, sobretudo, as crianças e jovens acabavam mantendo contato com obras referenciais da literatura adulta, ainda que estas obras pouco dialogassem com o universo infantil.

No mesmo número desta seção, podemos observar que as indicações são mais condizentes com os interesses infantis quando a solicitação do leitor se refere ao gênero romance. Em resposta a leitora Arthemisia Lima, de Belo Horizonte, o redator da seção sugere as aventuras de autores como Julio Verne, André Lamie, Paul d'Ivoi, Louis Boussenard, Maine Reid e Capitain Daurit. Segundo ele, os livros desses autores seriam, ao mesmo tempo, “instructivos e muito interessantes; quer para meninas quer para meninos e mesmo para os mais crescidos”⁵³⁰. As indicações parecem adequadas aos interesses de uma menina de 13 anos, no entanto, as obras sugeridas são de autores franceses e não há clareza se havia tradução desses autores para o português, sendo muito comum a indicação da leitura na língua original. Segundo o autor, naquele momento ele não seria capaz de indicar nenhum romance de autores nacionais, talvez por seu desconhecimento da produção nacional, ou pela escassez do gênero.

Se dentro do gênero aventura havia pouca produção de autores nacionais, outros livros poderiam ser indicados aos leitores infantojuvenis, principalmente se o objetivo fosse a expansão do conhecimento da língua portuguesa. Em resposta a carta de Ulysses Maia, publicada na mesma seção, em 12 de maio de 1915, o redator indica autores clássicos da

530Id.

língua portuguesa:

Para o ponto de vista de conhecer a língua, tem leitura agradável. Recomendo-lhe entre os portugueses, Almeida Garret, Herculano, Camillo, Fialho de Almeida e padre Antônio Vieira; entre os brasileiros, Ruy Barbosa, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu e Silvio Romero⁵³¹.

Novamente podemos observar a resistência em indicar autores de textos voltados ao público infantojuvenil, preferindo a referência ou de autores clássicos e já consagrados, como os portugueses Camilo Castelo Branco e Alexandre Herculano, ou de escritores que naquele momento eram aclamados pela crítica e tiveram algumas de suas obras publicadas pela imprensa, como Euclides da Cunha e Silvio Romero. Com exceção de Capistrano de Abreu e Ruy Barbosa, todos os outros autores citados já eram falecidos em 1915, o que ajuda a estabelecê-los enquanto importantes figuras do campo literário. Os dois autores ainda vivos eram membros da Academia Brasileira de Letras, e sua inserção institucional ajudava a reforçar sua posição intelectual prestigiada.

A referência a estes grandes escritores também ajuda a fortalecer a ideia, já mencionada anteriormente, de que a língua portuguesa era construída pelos grandes seus escritores, por isso, o ideal era conhecê-la através do contato com seus livros, ainda que esta operação de leitura fosse por vezes difícil para o público infantojuvenil. Os textos produzidos diretamente para esse público poderiam ser vistos como demasiadamente simplificadores da língua, estigma que acompanhou a literatura infantil durante muitos anos⁵³². Ainda assim, os editores e colaboradores da revista se empenhavam em divulgar e publicar textos com uma linguagem mais adequada aos seus leitores, mesmo que no momento das sugestões de leitura acabassem reforçando as leituras canônicas.

4.3.1 Os perigos dos romances e das histórias de aventuras

Através da seção de cartas, observamos que os livros de aventura eram muito populares entre os leitores. As obras de Julio Verne eram as mais recomendadas pelos redatores, em especial pelo seu caráter científico. Para os editores e colaboradores da revista,

531 *O Tico-Tico*, 12 de maio de 1915, N° 501, Ano X.

532 HUNT, Peter. Op. Cit. P. 48

a obra do escritor dialogava perfeitamente com a juventude imaginada por eles para o país. Julio Verne foi um escritor que soube unir o gênero romance ao fascínio e curiosidade pelas descobertas científicas vivenciadas naquele contexto. Seus livros ajudavam a fornecer um conhecimento enciclopédico, uma moral moderna e estimulavam o gosto pela ciência. Além disso, o autor era um sucesso de vendas na Europa⁵³³ e seu consumo pelas crianças brasileiras ajudava a aproximá-las dos gostos europeus e de uma comunidade internacional de leitores. A euforia pelas obras de Julio Verne fazia os editores recomendarem não apenas seus livros aos meninos e meninas, como obras cinematográficas com adaptações de seus livros⁵³⁴.

Apesar de cobiçado pelos leitores, que se viam empreendendo a mesma trajetória que os heróis dos romances, percorrendo lugares exóticos, conhecendo pessoas de origens diversas e perigos inimagináveis, esse gênero era visto com desconfiança ou como um gênero menor⁵³⁵. Mesmo com a indicação frequente de obras no estilo das publicadas por Julio Verne, a leitura desse tipo de literatura deveria ser cercada de cuidados. Era importante que os adultos conhecessem bem os autores antes de indicá-los às crianças.

A leitura de livros de aventuras sem o crivo de leitores experientes era desaconselhada principalmente às meninas, a quem se destinariam preferencialmente as obras voltadas ao engrandecimento moral. O acesso a este tipo de livro, assim como aos romances, deveria ser controlado, já que as meninas deveriam se dedicar preferencialmente às leituras escolares, religiosas e moralistas. Além dos livros serem capazes de desvirtuar a moral e o comportamento feminino desde a mais tenra idade, poderiam acabar por afastar a mulher de seu dever principal, que era o cuidado da casa e dos filhos. A leitura de livros foi, durante muitos séculos, considerada uma atividade essencialmente masculina⁵³⁶, e o gênero aventura parecia se restringir a esse gênero.

Para os editores, esse tipo de leitura aguçava em excesso a imaginação das meninas e, por isso, seriam poucas instrutivas. Elas eram recomendáveis apenas como “ornamentos do espírito”, e nesse caso preferiam a indicação de romances, também vistos com desconfiança.

533MOLLIER, Jean-Yves. **O dinheiro e as letras**. História do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010. P. 346.

534Na edição de número 583, de 6 de dezembro de 1916, os editores noticiam um filme baseado na adaptação do romance *Vinte mil léguas submarinas*, de Julio Verne. A obra seria reproduzida no cinema pelos irmãos Williamson.

535VIANA, Maria. Jules Verne e Pierre-Jules Hetzel. O encontro entre um escritor visionário e um editor combativo. In: **Livro**. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição. Nº3, Novembro de 2013. P. 131.

536BATTICUORE, Graciela. **Lectoras del siglo XIX**. Imaginarios y prácticas em la Argentina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2017. P. 25

Indicavam os livros de Julio Diniz, de *As pupilas do Sr. Reitor*⁵³⁷, pseudônimo do médico e escritor português Guilherme Gomes Coelho, que eram particularmente adequadas para a juventude casta⁵³⁸, em especial para as meninas que estavam em “idade perigosa”. Julia Lopes de Almeida era também uma autora considerada apropriada à menina que queria aprofundar suas leituras sem corromper o espírito⁵³⁹. Interessante notar que, ao indicarem livros às leitoras, os editores não veem problema em selecionar obras consideradas infantojuvenis, como os livros de Julia Lopes de Almeida. Neste caso, não parece ser um problema que as obras escritas diretamente para esse público parecessem, como já foi sublinhado, simplificadoras tanto no conteúdo, como no uso da língua.

A obra *Coração*, de Edmundo de Amicis também é uma referência em conteúdo moral, e segundo os redatores seria um “livro magnífico de emoção e ternura”, que “deve ser familiar a todos os nossos meninos”⁵⁴⁰. Edmundo de Amicis foi autor venerado pela revista. Suas obras eram indicadas às meninas e meninos nas seções de cartas e de Escotismo⁵⁴¹. A primeira edição da obra saiu pela Editora Francisco Alves, em 1891, e o livro continuou a ser editado pela mesma editora até a década de 1960. Mas traduções portuguesas já circulavam anteriormente no país, sendo, inclusive, adotadas nas escolas⁵⁴². Logo que começou a circular no país, foi adotado como livro de leitura por seu caráter cívico e patriótico, com a presença de lições morais que tornavam o livro perfeito para o consumo escolar. Apesar de ser uma obra italiana, acreditava-se que ela trazia um modelo exemplar de amor pela pátria e formação da cidadania⁵⁴³.

Um caso interessante de indicações literárias aos leitores ocorreu com as obras de José de Alencar. Mesmo sendo uma referência canônica na literatura brasileira, o autor não costumava ser recomendado às meninas. Em resposta a carta publicada em 1914⁵⁴⁴, José de Alencar é descrito como um dos maiores romancistas brasileiros, apesar de seu “portuguez

537O *Tico-Tico*, 19 de julho de 1916, N° 563, Ano XI.

538O *Tico-Tico*, 11 de fevereiro de 1925, N° 1010, Ano XX.

539O *Tico-Tico*, 29 de junho de 1927, N° 1134, Ano XXII.

540O *Tico-Tico*, 18 de fevereiro de 1920, N° 750, Ano XV.

541O *Tico-Tico*, 2 de dezembro de 1914, N° 477, Ano IX; 8 de novembro de 1922, N° 892, Ano XVII; 16 de junho de 1937, N° 1654, Ano XXXIII.

542ARROYO, Leonardo. Op. Cit. P. 107.

543BELO, Milena Domingos. **Amigos do Coração**: representação de criança, infância e educação na obra de Edmundo de Amicis.. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. P. 81-82.

544O *Tico-Tico*, 8 de Julho de 1914, N° 456, Ano IX.

muito incorreto”⁵⁴⁵. No entanto, alguns de seus livros eram desaconselhados às leitoras do periódico. *Senhora* não é indicada à leitora Iditt Salles⁵⁴⁶, assim como *Lucíola*⁵⁴⁷. Apesar de não indicar os livros, os autores não revelam o porquê da interdição. Sabemos que as protagonistas dos livros em questão não eram modelos femininos que os editores gostariam de ver seguidos por suas jovens leitoras, por isso, seria melhor ficar longe destas obras que não traziam padrões de virtude. Se *Senhora* e *Lucíola* eram desaconselháveis, *O Guarany*, por outro lado, poderia ser lido por qualquer menina⁵⁴⁸.

Apesar dessa dualidade quanto ao mérito de suas obras, há uma mudança quanto ao valor dos livros de Alencar para o público infantojuvenil com o passar dos anos. O autor chegou a ser publicado na França em coleções populares voltadas a este público⁵⁴⁹, mas na revista, ele só passou a ser indicado para crianças e jovens após a década de 1920. Em 1920, um trecho do livro *Iracema* foi publicado na seção *Pedaços Alheios*⁵⁵⁰ e *O Guarany* recebe uma adaptação em quadrinhos, em 1927⁵⁵¹. Em 1928, algumas obras de José de Alencar, como *O Guarany*, *O Tronco do Ipê*, *O Sertanejo* e *A Guerra dos Mascates* são indicadas a meninos e meninas de 12 a 15 anos de idade pela Associação Brasileira de Educação⁵⁵², revelando que pelo menos algumas das suas obras começam a se destinar ao público infantojuvenil⁵⁵³, acompanhando o movimento ocorrido na Europa. Em 1930, em texto de Rachel Prado em homenagem ao autor, ele é admirado por sua “prosa admirável”⁵⁵⁴. Já celebrado como grande autor romântico, não há mais da parte dos redatores nenhuma crítica ao estilo de sua escrita.

545 *Tico-Tico*, 12 de agosto de 1914, N° 462, Ano IX.

546 *Tico-Tico*, 28 de abril de 1915, N° 499, Ano X.

547 *Tico-Tico*, 29 de março de 1916, N° 547, Ano XI.

548 *Tico-Tico*, 20 de outubro de 1909, N° 211, Ano V.

549 HEINEBERG, Ilana. Um Brasil para Francês ler: das traduções de *O Guarany* e de *Inocência* ao exotismo dos romances de Adrien Delpeche. In: ABREU, Márcia (org.). **Romances em movimento**. A circulação transatlântica de impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016. P. 194.

550 *Tico-Tico*, 7 de julho de 1920, N° 770, Ano XV.

551 *Tico-Tico*, 22 de novembro de 1927, N° 1155, Ano XXII.

552 A Associação Brasileira de Educação foi criada em 16 de outubro de 1924. Seu objetivo era debater e propor políticas educacionais para os estados e a federação. Era formada por professores, jornalistas, políticos, escritores e funcionários públicos interessados no tema da educação. Sua atuação se dava, principalmente, através das conferências e congressos organizados pela própria instituição. As atividades da ABE em defesa da educação nacional tiveram importância significativa na ocasião da elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, após a Conferência de 1932.

553 O relatório da Associação Brasileira de Educação é publicado na edição N° 1170, de 7 de março de 1928, Ano XXVIII.

554 *Tico-Tico*, 5 de fevereiro de 1930, N° 1270, Ano XXVI.



Imagem 42: Adaptação de *O Guarany*, de José de Alencar O Tico-Tico, 22/11/1927, Nº 1155, Ano XXII.

Apesar das críticas aos romances de aventuras, algumas obras eram consideradas saudáveis “pelo conhecimento que nos dão por uma fórmula fácil e agradável e pelo exercício mental e de psychologia”⁵⁵⁵. *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe⁵⁵⁶, foi altamente recomendado por conter os “melhores ensinamentos morais e de litteratura”⁵⁵⁷, assim como as obras de Robert Louis Stevenson, Walter Scott e Almeida Garret. *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift⁵⁵⁸ também costumava ser recomendado, mesmo para as meninas⁵⁵⁹.

555 O Tico-Tico, 12 de setembro de 1917, Nº 623. Ano XII.

556 *Aventuras de Robinson Crusoe* foi publicada como folhetim na seção Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico, a partir do número 268, em 23 de novembro de 1910. O livro de Daniel Defoe também foi oferecido como prêmio aos vencedores de concursos em diversas ocasiões na revista.

557 Id.

558 A primeira e segunda viagem de *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, foram publicadas em folhetins pela Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico em duas ocasiões: entre os anos de 1909 e 1910, a partir de 12 de setembro de

Acreditavam que as obras destes autores provocavam a curiosidade nas crianças, explorando o interesse por diferentes culturas e valores, ainda que de uma perspectiva civilizacional.

Os romances mais populares, no entanto, não eram aconselháveis por serem considerados leitura banal, e que só serviam para intoxicar o cérebro dos leitores. As séries *Fantômas* e *Nick Carter* eram, para a revista, exemplos dessa leitura popular e foram classificados como “detestáveis”.⁵⁶⁰ Elas circularam nos mercados de impressos na França e Estados Unidos, respectivamente, como revistas de mistério e crime. Logo se tornaram sucesso em outras partes do mundo, sendo traduzidos para as línguas locais.

No Brasil, *Nick Carter* foi publicado em volumes semanais, a partir de 1910, na revista *Fon-Fon*⁵⁶¹. É possível que após essa tradução, outros volumes da série circulassem pelas livrarias e bancas da capital. No caso específico do *Fantômas*, a adaptação cinematográfica realizada entre os anos de 1913 e 1914 possibilitou a difusão internacional do universo da série⁵⁶². Foi precisamente nesse período que se iniciaram as citações ao *Fantômas* na revista. De qualquer maneira, apesar de desaconselhada em algumas ocasiões na seção de cartas, é difícil imaginar sua leitura por crianças e jovens leitores d'*O Tico-Tico*. A resposta do editor pode se basear em suas próprias leituras desses materiais ou pode significar até mesmo uma crítica à venda desse material estrangeiro por comerciantes e negociantes de impressos e seu consumo pelos pais.

Em resposta a carta de Themistocles Reis da Silva, de Porto Alegre, na *Correspondência do Dr. Sabetudo*, o editor dirige suas críticas aos romances populares, no caso, romances de origem francesa, que independente do gênero, seriam “perniciosos” por ajudar a difundir “mentiras” e “ilusões” entre os jovens⁵⁶³. Para definir a boa leitura, o editor utiliza, inclusive, o critério de classe, ajudando a determinar um recorte hierárquico entre seus leitores:

Não há dúvidas de que os romances históricos são muito úteis,

1909, com ilustrações de Dudu, e em 1927, com ilustrações de Cícero Valladares, iniciada em 28 de dezembro de 1927.

559 *O Tico-Tico*, 2 de setembro de 1914, N° 465, Ano IX.

560 *O Tico-Tico*, 15 de julho de 1914, N° 457, Ano IX.

561 *Fon-Fon!*, 8 de Janeiro de 1910, N° 2, Ano IV.

562 ARTIAGA, Loïc. “Em busca ...” da história das circulações das ficções de grande consumo. In: **ArtCultura**. Uberlândia, V. 16, N° 29, Jul-Dez 20014. P. 132.

563 A discussão sobre a leitura de Michel Zevaco e outros autores populares de origem francesa com o leitor Themistocles Reis da Silva continua mais tarde na seção, na edição N° 436, de 11 de fevereiro de 1914.

tanto como os romances de base científica. Creia que não os condeno, não sou um velho retrogrado que censure a leitura dos romances. Considero-os muito favoráveis ao desenvolvimento cerebral dos adolescentes. Mas, julgo que é preciso escolher com muito cuidado, porque as primeiras leituras podem viciar para sempre a mentalidade da criança, embotando-lhe a faculdade de apreciar devidamente o que é bom. Michel Zevaco e os outros acima citados em Pariz são considerados escriptores para cocheiros de carros e cozinheiras. Ninguém os toma a serio. É claro que vendem muito seus livros, porque os fazem enormes e muito baratinhos, ao alcance da bolsa de seus admiradores⁵⁶⁴.

Além de Michel Zevaco, o editor também cita outros autores bastante populares no gênero de folhetins “folhetinescos”⁵⁶⁵, como Ponson du Terrail, Xavier de Montepin e Paul Feval. O folhetim, que inicialmente designava um espaço específico do jornal ou revista, o rodapé, geralmente destinado ao entretenimento, contendo piadas, charadas, receitas, passa a designar um gênero novo de romance. O romance folhetinesco se tornou um gênero muito popular, voltado a um público geralmente formado por trabalhadores. Ao mesmo tempo em que era considerada uma leitura de qualidade duvidosa, sendo mesmo perigosa, era também muito amada e foi responsável pelo lançamento de grandes escritores e protagonista de uma grande mudança na história da imprensa⁵⁶⁶. No Brasil, os folhetins eram uma marca das revistas ilustradas, que publicavam tanto autores nacionais, como traduções de livros estrangeiros. Ainda que grandes nomes da literatura nacional tenham começado a sua trajetória como escritores publicando nos folhetins, o gênero “folhetinesco” ficou conhecido como um tipo de leitura menor, popular e, por consequência, de baixa qualidade.

Esses autores pouco recomendados pelos editores eram publicados em edições populares vendidos na Livraria Garnier⁵⁶⁷ e em folhetins e fascículos nas revistas *Fon-Fon*, *Eu sei Tudo* e *Ilustração Brasileira*⁵⁶⁸. Ainda que o próprio grupo editorial *O Malho* publicasse essas obras em folhetins em suas outras revistas, era importante reforçar entre os leitores d'O Tico-Tico que este tipo de leitura de crime, além de ser considerado um gênero menor, de pouca qualidade, estava restrito ao mundo adulto e não deveria estar acessível aos

564 *O Tico-Tico*, 31 de dezembro de 1913, Nº 430, Ano VIII.

565 MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 59.

566 Id. P. 61.

567 *Fon-Fon*, 14 de maio de 1910, Nº 20, Ano IV.

568 CARDOSO, Athos Eichler. Fascículos semanais de literatura popular: bem cultural do início do século XX. In: Intercom. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Vol. 15, Nº2, Jul/Dez 1992, P. 168-178.

jovens e crianças. Das crianças leitoras da revista infantil esperavam leituras que levassem ao engrandecimento moral e pessoal, e a formação intelectual necessária ao jovem republicano que projetavam para o futuro.

Nem todos os romances e aventuras do gênero policial eram, no entanto, desaconselháveis. *As aventuras de Sherlock Holmes*, de Sir Arthur Conan Doyle, e *Arsène Lupin*, de Maurice Leblanc, eram bem recomendadas aos leitores do semanário. Pelo uso da investigação científica, este tipo de novela policial poderia ser de grande valor aos leitores, despertando seu interesse pela ciência moderna, semelhante ao que acreditavam acontecer com a leitura da obra de Jules Verne. No entanto, ao contrário das aventuras científicas do autor francês, os romances policiais poderiam também trazer prejuízos aos leitores impressionáveis, principalmente se fossem por demais “sangrentas”.

Histórias destes autores foram adaptadas para serem publicadas na revista. Os dois personagens chegaram a protagonizar uma série de histórias em quadrinhos chamada *Sherlock Holmes contra Arsenio Lupin*⁵⁶⁹, criada por Guido⁵⁷⁰, na qual eram representados, respectivamente, como uma raposa e um tigre. A substituição dos personagens por animais pode ter sido uma forma de amenizar o conteúdo, aproximando-o do universo infantil, já que histórias de crime geralmente não eram vistas como adequadas ao interesse infantil. A adaptação dos personagens dos livros como animais na revista pode ter tido também a função de distanciar a narrativa ficcional da realidade.

569Provavelmente essa história foi baseada na coleção de duas histórias *Arsène Lupin contre Herlock Sholmès*, escritas pelo próprio *Maurice Leblanc*. Estas histórias são publicadas pela primeira vez na revista *Je Sais Tout*, a partir de novembro de 1906. Ela ganha popularidade com diversas traduções posteriores e com uma adaptação ao cinema, realizada em 1910, pelo alemão *Viggo Larsen*. Herlock Sholmes era uma referência ao personagem principal das aventuras de Sir Arthur Connan Doyle. Ele aparece com o nome original de Sherlock Holmes ainda na primeira série *Arsène Lupin, gentleman-cabrioleur*, publicada por Maurice Leblanc, na *Je Sais Tout*, em 1915. Mas os advogados de Connan Doyle protestaram contra a utilização do personagem nas histórias escritas pelo autor francês.

570Guido foi o pseudônimo usado por Seth, como ficou mais conhecido o artista Álvaro Marins, em sua produção publicada na revista *O Malho e O Tico-Tico*.



Imagem 43: *Sherlock Holmes contra Arsenio Lupin*, de Alvaro Marins. O Tico-Tico, 21/12/1910, Nº 272

No Brasil, as leituras de histórias de crimes ganharam grande popularidade a partir de fins do século XIX, acompanhando uma mudança significativa na imprensa diária e periódica, cada vez mais dedicada as notícias cotidianas de crimes e aos *fait divers*. Elas inspiraram, inclusive, o gosto pela “ciência do crime”, levando ao desenvolvimento de métodos modernos de investigação criminal no país. Tanto romances nacionais, como traduções de livros estrangeiros sobre o tema, ganharam cada vez mais espaço privilegiado nos folhetins e catálogos de livrarias. Estes romances eram consumidos ao lado da leitura de crimes reais que ocorriam nas principais capitais do país e que ganhavam as manchetes dos diários e revistas

por todo o território nacional⁵⁷¹.

Se por um lado poderiam trazer benefícios, eram acompanhadas de outros males que as superavam. Além de trazer à tona uma realidade violenta, em muitos casos expondo um problema muito comum enfrentado pelas grandes cidades, para a revista, esse tipo de narrativa confundia as crianças, que tinham dificuldades em separar realidade e ficção. Era necessário, então, a todo momento reforçar que tais personagens não eram reais, mas se tratavam de personalidades criadas pela imaginação de seus escritores⁵⁷². Na seção de cartas, não era incomum ver leitores pedindo biografias ou maiores informações sobre os personagens Sherlock Holmes, Arsênio Lupin, ou mesmo Nick Carter. O editor precisava esclarecer que esses personagens só existiam nas narrativas ficcionais e não se tratavam de personalidades históricas, como muitos acreditavam.

Outra questão importante era a maneira como essas histórias afetavam a imaginação fértil da criança. Algumas histórias em quadrinhos publicadas na revista ajudavam a reforçar essa ideia de que as histórias poderiam agir de maneira confusa na imaginação infantil. *Viagem à China*, publicada em 6 de agosto de 1913⁵⁷³, conta a história do menino Emílio, que após a leitura de romances de aventura, resolve sair de casa disposto a chegar “à terra dos chins”. Depois de muito caminhar e se assustar com tudo que encontrava pelo caminho acabou voltando para casa, onde foi recebido com as palmadas de seu pai.

Sem saber discernir realidade da ficção, a criança poderia correr perigos na ânsia de viver as aventuras que travava contato a partir dos livros. Em *Eusébio, o <<detective>>*, a criança resolve assumir o lugar dos personagens prediletos de seus livros. Entusiasmado com a leitura de romances policiais, “o pequeno Eusébio ficara com a mania de ser *detective*”⁵⁷⁴. Resolveu investigar o sumiço de uma galinha mas durante a investigação, acaba levando a culpa pela morte do animal.

Essas histórias ilustram como os livros, ao mesmo tempo, companheiros e instrutivos, poderiam influenciar a cognição infantil. Movidas por uma imaginação fértil e pela euforia causada por essas leituras de aventuras e detetives, as crianças seriam levadas a reproduzir essas narrativas. Nestas histórias publicadas na revista, guiadas pelo desejo aventureiro

571PORTO, Ana Gomes. “Sherlock Holmes e suas imitações mais ou menos grosseiras”: literatura de crime no Brasil. In: **Revista de Letras**. São Paulo, Volume 51, Nº2, Jul-Dez 2011, P. 191-208.

572Um exemplo deste tipo de resposta pode ser encontrado em O Tico-Tico, 19 de abril de 1911, Nº 289, Ano VI.

573O *Tico-Tico*, 6 de agosto de 1913, Nº 409, Ano VIII.

574O *Tico-Tico*, 11 de outubro de 1916, Nº 575, Ano X.

despertado pelos livros, as crianças foram punidas ao final de maneira pedagógica.

É possível perceber que entre os editores da revista não havia um consenso muito claro dos limites dessas leituras para as crianças e jovens. As indicações eram uma forma de controlar e estimular leituras saudáveis, mas o posicionamento da revista sobre elas era muitas vezes divergente. Por isso, era interessante buscar sempre apoio nos cânones já estabelecidos, evitando os gêneros e publicações mais populares.

Se nas duas primeiras décadas de circulação da revista, as recomendações de leituras eram muito frequentes nas seções de cartas, é possível perceber que a partir da década de 1920, essas indicações passam a ser substituídas pelas propagandas mais frequentes de catálogos de livrarias. Desde os primeiros anos da revista, os editores publicam catálogos de livros infantojuvenis. O catálogo da *Livraria Laemmert* era propagandeado como “Livros do Chiquinho”, e vinham acompanhados de uma ilustração do personagem do principal quadrinho da revista. Também era frequente a publicação do catálogo da *Quaresma e C. – Livraria do Povo*, anunciado como “Livros para Crianças”. Esse catálogo apresentava coleções de contos infantis tradicionais, como as histórias de Perrault e dos irmãos Grimm, traduzidas para o português por Figueiredo Pimentel⁵⁷⁵.

A partir de 1924, passou a predominar na revista anúncios da *Livraria Pimenta de Mello*. Em uma clara estratégia de marketing, os editores indicavam a livraria para a compra de livros supostamente pedidos pelos leitores na seção de cartas. Interessante notar que nem todos os livros indicados na seção ou publicados nos catálogos e anúncios eram destinados ao público infantil. Livros escolares e de leitura se misturavam com livros científicos, discursos, livros de direito. Alguns anúncios eram direcionados em especial às professoras, porque contemplava materiais que poderiam ser utilizados junto aos alunos, e às mães, como instruções sobre maternidade, alimentação infantil, moda e bordado.

Como já foi comentado no primeiro capítulo, as empresas *O Malho* e *Pimenta de Mello* formavam uma sociedade desde 1921, sendo, portanto, do interesse da revista propagandear o catálogo da Livraria, que ficava na Travessa do Ouvidor, 34, antiga Rua Sachet. No catálogo da *Livraria Pimenta de Mello* também apareciam algumas obras da Biblioteca Infantil d’O Tico-Tico, da qual falaremos em seguida. Um exemplo é o anúncio do

⁵⁷⁵O catálogo infantil da Livraria do Povo ou Livraria Quaresma, como passou a ser chamada em 1910, era denominado de *Biblioteca Infantil de Figueiredo Pimentel*.

“Theatro d’O Tico-Tico”, de Eustórgio Wanderley, um dos redatores da revista⁵⁷⁶, que aparecia frequentemente no pé de páginas. Anúncios da Livraria foram frequentes durante toda a década de 1920, mas foram se tornando mais escassos na década de 1930, até desaparecerem em 1937. Das edições Pimenta de Mello passaram a aparecer apenas as revistas de moda e bordado, tanto na revista, como no Almanaque.

Entre os primeiros anos da década de 1930 até a década de 1940, outros anunciantes começam a aparecer na revista, como a *José Olimpio*, do Rio de Janeiro, e a *Livraria do Globo*, de Porto Alegre. No caso destes dois anunciantes, era comum que os livros fossem acompanhados de uma breve resenha, apresentados em uma caixa sob o título “Os bons livros para a infância”. O catálogo infantil destas duas editoras/livrarias era formado por grandes nomes da literatura nacional, como Graciliano Ramos e Lucio Cardoso. Além de publicidade para as empresas, a presença da resenha e de um título, como se fosse uma seção específica da revista, faz com que os livros selecionados parecessem também indicações dos editores.

Outro anunciante de prestígio que passou a ser frequente a partir de 1930 foi a *Companhia Editora Nacional*. O anúncio de seu catálogo infantil ocupava página inteira e dava especial espaço aos livros de Monteiro Lobato. Ele era bastante ilustrado, com reproduções das ilustrações dos livros do autor e das capas de obras clássicas da literatura infantojuvenil, muitos traduzidos e/ou adaptadas por Lobato para a língua portuguesa. Além das obras de seu editor, o catálogo publicado na revista costumava dar destaque também aos livros da Condessa de Segúr, muito populares à época, e de Yantok e Viriato Corrêa, colaboradores d’O Tico-Tico. Os livros de Lobato chegaram a ser oferecido como prêmios em concursos da revista em parceria da revista com a Livraria Civilização Brasileira, que distribuía os livros da Companhia Editora Nacional no Rio de Janeiro⁵⁷⁷.

576 Um dos exemplos da publicidade em torno do livro *Theatro d’O Tico-Tico* pode ser visto em *O Tico-Tico*, 18 de janeiro de 1933, Nº 1424, Ano XXX.

577 Muitos livros de Monteiro Lobato foram ofertados como prêmios nos concursos da revista. Um exemplo é o livro “A História do Mundo para crianças”, distribuído aos vencedores do concurso de fevereiro de 1943. *O Tico-Tico*, abril de 1943, Nº 1889, Ano XXXVIII.



AS REINAÇÕES DE NARIZINHO

Um livro de 350 páginas, formato grande e lindos desenhos, onde Monteiro Lobato, o amigo das crianças, conta todas as aventuras da celebre Menina do Narizinho Arrebitado e seus companheiros — Pedrinho, o malandrisssimo marquês de Rabicó, a doceirinha Emília, o sábio visconde de Sabugosa, o peixinho príncipe, o doutor Caramujo, o barão de Minkhausen, o burro falante e tantos e tantos outros personagens já conhecidos de todas as crianças brasileiras. Trezentas e cinquenta páginas. Imaginem! É a primeira vez em nossa língua que aparece um livro para crianças dum só autor desse tamanho, tão bom e tão barato. Volume cartonado, cada

10 \$ 000

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

COMPANHIA EDITORA NACIONAL - Rua dos Gusmões, 26 e 28 - SÃO PAULO

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
SÉRIE I - LITERATURA INFANTIL - VOL. I

OUTROS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

MONTEIRO LOBATO

A menina do Narizinho Arrebitado —

Um livro colorido onde começam as aventuras das netas de D. Bento. 18

A caçada de onça — Mais uma aventura das netas de D. Bento. 18

Fabulas — Livro tanto para escutar como obra recreativa. 4000

Aventuras do Príncipe. 4500

Cara de Coruja. 4500

O urso de Pinóquio. 4500

O circo de cavacalhão. 4500

O pai de Polítopo. 4500

Peter-Pan — É a história do menino que não queria saber de crescer. 18

Penna de Papagaio. 1500

Aventuras de Robinson Crusó — organizada por Lobato. 4500

O Marquês de Rabicó — A caçada do porquinho Rabicó. 4500

Jeca-Tatuinho — Belíssimo álbum com 100 ilustrações. 2500

O Garimpeiro do Rio das Garças — História moral, verdadeiramente bonita e interessante. 2500

Alice no país das maravilhas. 2500

BURGER

Aventuras do Barão de Münchhausen —

O homem que não sabia mentir. 15000

VANTOCK

Trezeças do Capitão Faróla — Capítulos livro ilustrado pelo autor. 4500

FERGAN DI FERREZONA

Os tres mosqueteiros de pau — Livro encantador de muito gosto. 1500

CONDESSA DE SEGUIR

Blondina — Álbum ilustrado. 2500

O bom Henriquinho — Outra história interessante. 2500

A princesa Rosita — Fada encantada e misteriosa. 2500

Diamondô negro — Aventuras que fazem a felicidade das crianças. 2500

Urado — Outras aventuras. 4500

VIRIATO CORREA

No reino da Barbante — Histórias humorísticas de grande aliteração. 1500

Arca de Noé — Outras histórias. 2500

pelo correio. Em números especiais ou concursos extraordinários, no entanto, os prêmios poderiam variar, dependendo da parceria mantida pela revista com outras empresas.

Os livros oferecidos como prêmio nos concursos também eram apresentados aos leitores da revista com breves resenhas. Muitos deles eram lançamentos e essa era uma forma de promovê-los junto aos leitores. Aqueles que não eram obras recém-lançadas promovidas por editoras ou livrarias, pareciam ser parte do acervo da própria redação, que costumava receber edições dos próprios autores. A revista chegou a chamar esse acervo de *Bibliotheca d'O Tico-Tico*⁵⁷⁹, que era igualmente o nome da coleção de obras publicadas pela própria revista, inicialmente em folhetim, e posteriormente em livro.

Os livros resenhados eram sempre obras destinadas ao público infantojuvenil. A prática de indicar livros consagrados pelo cânone do mundo adulto ficava restrita à seção de cartas. Aos poucos, no entanto, parecia que um cânone infantojuvenil foi se constituindo. Ana de Castro Osório, escritora portuguesa, era celebrada pela revista como uma das mais eminentes autoras de textos para este público. Suas obras eram conhecidas do público infantil brasileiro. Foram selecionados como livros de leituras para as escolas e eram indicados pela Associação Brasileira de Educação para as crianças abaixo dos 12 anos de idade. A autora portuguesa costumava enviar alguns de seus livros para a revista⁵⁸⁰ e suas obras eram ofertadas como prêmios aos mais bem colocados nos concursos⁵⁸¹. Ana de Castro Osório foi colaboradora frequente da revista entre os anos 1918 e 1921, publicando contos e trechos de suas obras. Alguns de seus textos ainda aparecem na revista entre 1925 e 1928.

As resenhas não se restringiram apenas aos livros dos concursos, muitos eram também das parcerias da revista com autores, editores e livrarias. Um exemplo é o artigo escrito em ocasião do lançamento do livro “Contos e lições de moral”, de Charles Armstrong. O livro, editado em três volumes, é descrito como uma grande obra da literatura infantil, comparada a dos escritores Olavo Bilac, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida e Zalina Rolim. Segundo o artigo

ninguém melhor do que o Sr. Charles Armstrong seria capaz e

579 *O Tico-Tico*, 4 de dezembro de 1918, Nº 687, Ano XIII.

580 Dois exemplos em que a revista acusa o recebimento de livros da autora portuguesa Ana de Castro Osório podem ser vistos em *O Tico-Tico*, 18 de abril de 1906, Nº 28, Ano II e 16 de janeiro de 1907, Nº 67, Ano III.

581 Os livros de Ana de Castro Osório foram ofertados em concursos da revista em diversas ocasiões. Um dos mais frequentes era o livro *Contos Tradicionais Portugueses*. Um exemplo pode ser visto em *O Tico-Tico*, 9 de outubro de 1918, Nº 679, Ano XIII.

estaria apto a traçar a urdidura de contos patrios ao gosto de paladores[sic] mais exigentes, agradando e prendendo a atenção das inteligências mais irrequietas ou produzindo lições de moral – verdadeiros ensinamentos práticos para a vida, formadores do carácter e do sentimento⁵⁸².

Armstrong era diretor e fundador do Ginásio Anglo-Brasileiro, que também chegou a oferecer prêmios nos concursos da revista, como matrícula gratuita na instituição e uniforme completo⁵⁸³. Os livros eram editados pela Livraria Alves, que como já foi comentado acima, era anunciante frequente na revista.

Outro exemplo é a resenha do livro “Histórias da Nossa Terra”, de Viriato Corrêa⁵⁸⁴. O livro é elogiado, assim como o autor que além de escrever contos para crianças, aventurava-se neste livro como historiador. Ele seria indicado para os leitores que, como futuros cidadãos, deveriam conhecer bem a história do Brasil e cultuar sua pátria. Naquela ocasião, Viriato Corrêa era redator da revista, publicando com frequência textos inéditos e trechos de livros seus já publicados. As obras do autor também apareciam nas recomendações publicadas em anúncios de livrarias. Viriato Corrêa também escreveu a seção *Histórias da Nossa Pátria*⁵⁸⁵, com narrativas históricas, em sua maioria retiradas do livro “Contos da História do Brasil”, de 1921. Contos e trechos de obras do autor foram publicadas na revista até a década de 1940.

Os livros resenhados e indicados aos leitores d’O Tico-Tico também procuravam dialogar com ideias e práticas defendidas pela revista. Neste sentido, muitas obras versavam sobre conteúdo moral e cívico, e com práticas estimuladas pela revista, como o escotismo e a Juventude Brasileira. É o caso do “Livro da Juventude”, de Moacyr Faião de Abreu, que funcionava como um manual de instrução pré-militar, com orientações para a formação da Juventude Brasileira⁵⁸⁶. O livro, publicado pela Livraria Editora Zelio Valverde, prometia oferecer “ensinamentos preciosos de instrução militar, teóricos e práticos”.

Com um cânone literário infantojuvenil se configurando a partir das primeiras décadas do século XX, que permitia o abandono das indicações de títulos voltados aos adultos para a promoção de livros para o público leitor da publicação, a revista passou a se articular melhor

582O *Tico-Tico*, 7 de maio de 1919, Nº 709, Ano XIV.

583O *Tico-Tico*, 11 de outubro de 1922, Nº 888, Ano XVII e 24 de outubro de 1923, Nº 903, Ano XVIII.

584O *Tico-Tico*, 5 de janeiro de 1921, Nº 796, Ano XVI.

585A seção *Histórias da Nossa Pátria*, de Viriato Correia, era ilustrada por Cícero Valadares, e circulou no ano de 1929.

586O *Tico-Tico*, março de 1943, Nº 1888, Ano XXXVIII.

com a produção literária para crianças. Como vimos acima, os catálogos das editoras permitiam a divulgação de uma vasta obra literária tanto nacional, como estrangeira, e o oferecimento de livros como prêmios pela redação facilitava seu conhecimento pelo público leitor. A publicação na revista de trechos de obras e narrativas inéditas por artistas conhecidos pela sua produção infantil também é indício do apoio da revista a um campo literário que se configurava.

A revista procurou dialogar com a produção de obras infantis de outras maneiras, tanto publicando os *Contos da Carochinha* em seus primeiros anos de circulação, como através de referências a personagens populares no universo da literatura infantojuvenil, como *Pedro Malazartes*, *Barão de Munchausen*, *Juca e Chico*, dentre outros, que chegavam ao país através de traduções estrangeiras. É o caso, por exemplo, de *João Felpudo*, do livro de Heinrich Hoffmann⁵⁸⁷, que aparece na capa da edição de 18 de março de 1925⁵⁸⁸, caracterizando um menino com cabeleira maltratada e mãos sujas, que não queria estudar.

4.4 A Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico

Desde o primeiro número de lançamento, a revista *O Tico-Tico* publicou uma diversidade de histórias e contos infantis. A origem destes textos era variada, podendo ser colaborações de autores da própria revista, textos de colaboradores eventuais, textos enviados por leitores, trechos de livros publicados com a anuência dos autores e traduções de contos e livros estrangeiros. A temática destes textos também era variada. Nas primeiras décadas da publicação, muitos contos, poemas e colaborações de leitores versavam sobre moral, boas ações e bons sentimentos. Eram comuns os “contos da carochinha”, baseados nas histórias de Perrault, Andersen e do folclore europeu. Estes textos dividiam o espaço da revista com as histórias em quadrinhos e cartoons, que nos primeiros anos eram predominantes na revista.

Ainda em 1906, a revista começa a publicar histórias de maior fôlego em capítulos.

587Com exceção de Pedro Malazartes, personagem do folclore ibérico, os demais personagens se tornaram conhecidos no Brasil a partir das edições publicadas por Eduardo e Henrique Laemmert, ainda no século XIX. *Juca e Chico*, de Wilhem Busch chegou a ser traduzido para o português por Olavo Bilac. Além das edições da editora Laemmert, essas obras ganharam edições também pela Livraria Francisco Alves e Melhoramentos. Sobre a publicação no Brasil de obras infantojuvenis alemãs ver ZORZATO, Lucila Bassan. **A Presença da literatura infanto-juvenil alemã no Brasil**: Estudo da circulação de obras entre o público leitor. (1835-2005). São Paulo. Tese de Doutorado. UNESP. 2014.

588*O Tico-Tico*, 18 de março de 1925, Nº 1015, Ano XX.

Essas histórias duravam vários números, ocupavam uma ou mais páginas e eram ricamente ilustradas, em cores ou preto e branco. O primeiro título neste formato a ser publicado foi *A Arca de Noé*, que se iniciou no número 39, em 4 de julho de 1906. A partir do segundo número ganhou o subtítulo “Historia em varios capitulos, relatando varios episodios, passados antes, durante e depois do Diluvio”. A história é contada como uma lenda antiga, não como uma narrativa religiosa. As ilustrações coloridas ocupavam parte central da página, mas não havia indicação de autoria. Essa história terminou no número 63, em 19 de dezembro de 1906.

Apesar da *A Arca de Noé* ter sido a primeira narrativa a ocupar vários números, a revista apresenta *A Ilha do Tesouro* como o primeiro romance em folhetim d’O Tico-Tico. A publicação do livro nas páginas da revista é celebrada como uma espécie de presente aos leitores pelo aniversário de um ano da revista. Sobre o título, escreve o anúncio:

Pois fiquem sabendo que o proximo numero para festejar o primeiro aniversario d’O Tico-Tico terá 24 paginas em vez de 16 e alem de outras novidades comemorativas comecaremos nelle a publicação do sensacional romance *A Ilha do Tesouro*, historia de alto interesse, cheia de aventuras capazes de prender a atenção dos leitores mais exigentes.

É uma linda historia em que o principal personagem, o menino José Harkins, de 12 annos de idade se porta heroicamente vencendo os mais pavorosos perigos, graças ao seu esforço, dedicação e coragem.

Este romance foi escripto na Inglaterra, onde a educação infantil merece a maior atenção: é um primoroso trabalho do romancista R. Steferson e está sendo traduzido, com grande zelo especialmente para os leitores d’O Tico-Tico⁵⁸⁹.

A Ilha do Tesouro começou a ser publicada em 10 de outubro de 1906. Cada número apresentava um capítulo com o subtítulo “Grande romance de aventuras...(Para crianças)”. É provável que a indicação entre parênteses fosse uma maneira de dizer ao leitor que o texto era adaptado e, portanto, teria sido reduzido ou simplificado para ser publicado em folhetim na revista. A cada novo capítulo apresentavam um resumo dos anteriores, de maneira a facilitar a leitura da história pelas crianças, que ocupava pelo menos duas páginas ilustradas em preto e branco. Mais uma vez não foi possível identificar a autoria das ilustrações, que não eram assinadas. A ilustração, no entanto, não se identificava com o traço de nenhum artista da

589O *Tico-Tico*, 3 de outubro de 1906, Nº 52, Ano II.

revista na época e pode ser que tenha sido apenas decalcada do livro original.

Pela apresentação transcrita acima percebemos que a história foi traduzida pelos próprios editores ou colaboradores da revista, prática, aliás, bastante comum nos folhetins do periódico. É possível que até aquele momento, a tradução de *A Ilha do Tesouro* da revista *O Tico-Tico* fosse a única disponível em língua portuguesa. Em resposta a carta de leitor, os editores dizem só ser possível encontrar o livro em inglês ou francês através de encomendas a livrarias⁵⁹⁰. Algumas obras de Stevenson foram publicadas também em folhetim pela revista *Eu Sei Tudo*, a partir de 1925⁵⁹¹, mas são posteriores em décadas à publicação de *A Ilha do Tesouro* na revista *O Tico-Tico*.

Ao que parece, a revista não costumava se preocupar com os direitos autorais e traduzia livremente os textos escolhidos para serem publicados nos folhetins. Em carta publicada na edição 769, de 1920, o editor da *Correspondência do Dr. Sabetudo* responde a dúvida da leitora Dora Sampaio acerca das traduções. Segundo ele:

Os tratados literarios entre as nações obrigam a que se peça licença ao autor de um livro para se o traduzir. Pode ser diretamente ou por intermedio da livraria depositaria da obra. Geralmente, porém, não se faz isso. Prefere-se ficar arriscado a pagar multa ou coisa que o valha...⁵⁹²

É claro que pela carta não é possível saber qual é a política da revista em relação às traduções, mas pelo volume de livros traduzidos para a publicação de folhetins é pouco provável que a revista respeitasse os direitos autorais. Outra carta publicada no número 538⁵⁹³ indica, por exemplo, que a revista publicou em folhetim a única tradução para o português do livro *Aventuras de Lavarède*, de Paul D'Ivoi, que começou a ser publicado em 24 de março de 1915.

A Ilha do Tesouro voltou a ser publicado na revista a partir do número 1524, de 19 de dezembro de 1934, através da seção “Os romances d’O Tico-Tico”. A tradução, no entanto, não era a mesma publicada em 1906, e as ilustrações eram assinadas por Cícero Valladares. É possível que a adaptação da obra para a revista, que já contava com inúmeras edições

590 *O Tico-Tico*, 22 de agosto de 1917, N° 620, Ano XII.

591 O primeiro conto do autor a ser publicado pela revista foi O ladrão de mortos, na edição de julho de 1925, N° 98.

592 *O Tico-Tico*, 30 de junho de 1920, N° 769, Ano XV.

593 *O Tico-Tico*, 26 de janeiro de 1916, N° 538, Ano XI.

traduzidas, deva ser do próprio artista, já que era muito comum que adaptasse e ilustrasse textos publicados n'O Tico-Tico.

Na edição que aparece na revista quase 30 anos depois parece os editores pareceram mais cuidadosos com o desejo dos leitores de guardarem estas obras publicadas em fascículos. Na capa do número 1520, a revista publica uma ilustração feita por Cícero Valladares, que serviria de capa para o livro que começaria a ser publicado quatro números depois. A ideia era que os leitores pudessem destacar a capa para guardá-la juntamente com os encartes da obra publicados pela revista.



Imagem 45: Capa para o romance A Ilha do Tesouro. O Tico-Tico, 21/11/1934, Nº 1520, Ano XXXI

Não era incomum que a revista publicasse mais de um folhetim por vez. No mesmo número em que termina a publicação de *A Ilha do Tesouro*, em 02 de outubro de 1907, se inicia a publicação de *A Princesa Medusa*, que os editores qualificam como um romance fantástico, cujos personagens principais seriam fadas, gênios, monstros e gigantes. A revista não apresentou a autoria deste romance, então não é possível saber se ele é uma tradução,

adaptação ou criação de colaboradores da revista.

Outro romance de aventuras – *Viagens Maravilhosas do Dr. Alpha* – já estava sendo publicado desde 9 de janeiro de 1907. Esse título foi o primeiro de ficção científica publicado pela revista. Escrito e ilustrado por Osvaldo Silva, a obra contava a história de um cientista que fazia viagens planetárias, chegando até a lua. As aventuras do Dr. Alpha foram publicadas até 29 de outubro de 1907, com ilustrações coloridas em espaço central da página, sendo substituída por *Ali Babá e os quarenta ladrões*, ilustrada por Dudu, pseudônimo de Cícero Valladares, que já trabalhava na revista neste momento. Não há registro da publicação desta história em outra revista ou livro. Ao que parece, foi escrita pelo autor para ser publicada exclusivamente n'O Tico-Tico.

Estas duas obras, no entanto, apesar de serem publicadas em série, não seguiam o mesmo padrão das histórias publicadas com o título de folhetim. Nestas obras, as ilustrações ganham centralidade em detrimento do texto. Ao contrário dessa primeira versão de *A Ilha do Tesouro*, essas histórias foram publicadas em cores, provavelmente com o objetivo de chamar atenção dos leitores para o seu conteúdo. É possível que no caso da obra de Stevenson, os editores acreditassem que a própria obra e a estrutura da publicação servissem como estímulo para os leitores.

Os folhetins publicados na revista foram reunidos em 1909 em uma mesma seção denominada *Biblioteca d'O Tico-Tico*. A seção teria sido criada por sugestão de uma série de leitores em carta respondida pelos editores na *Gaiola d'O Tico-Tico*, na edição número 180, de 17 de março de 1909. O volume de estreia da seção foi o romance fantástico *Abelha*, publicado em uma espécie de fascículo separado da revista, para que os leitores pudessem destacar e guardar o volume separadamente. Essa também teria sido uma solicitação de um leitor, conforme carta respondida no número 183 daquele ano⁵⁹⁴. A denominação da seção, no entanto, podia ser vaga. Alguns romances eram publicados fora da seção, em outro formato, ocupando uma página da revista, e não em formato livro para ser destacado e guardado pelo leitor. A publicação de obras em outros formatos e espaços mostra a elasticidade desse tipo de publicação na imprensa brasileira⁵⁹⁵. Em alguns casos, os editores também chamavam de *Bibliotheca d'O Tico-Tico*, as obras enviadas por autores e leitores para a redação da

594 *O Tico-Tico*, 7 de abril de 1909, N° 183, Ano V.

595 GRANJA, Lucia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. **Floema**: Cadernos de teoria e história literária, Uesb, v. 7, n. 9, Jan-Jul, 2011. p.147-158.

revista⁵⁹⁶.

Assim como *A Princesa Medusa*, *Abelha* não apresentava indicação de autoria, algo frequente em outros títulos publicados como folhetins na revista. Sem fonte de onde eram retiradas essas histórias, elas eram publicadas na seção através de denominações vagas, como “romance fantástico”, “romance de aventuras”, “romance de guerras e viagens”. Apesar desses romances sem autoria, a revista publicou também traduções de romances infantojuvenis consagrados. Além de *A Ilha do tesouro*, citado anteriormente, publicou *Viagens de Gulliver*, em duas ocasiões. Tanto na primeira, iniciada em 22 de setembro de 1909, como na segunda, que ocorreu entre 1927 e 1928, a história foi ilustrada por Cícero Valladares. Na primeira versão, o ilustrador ainda em início de carreira assinava como Dudú, e na segunda, ele procurou reproduzir as ilustrações da primeira versão com seu traço já modificado pela experiência, apenas com pequenas modificações no texto.

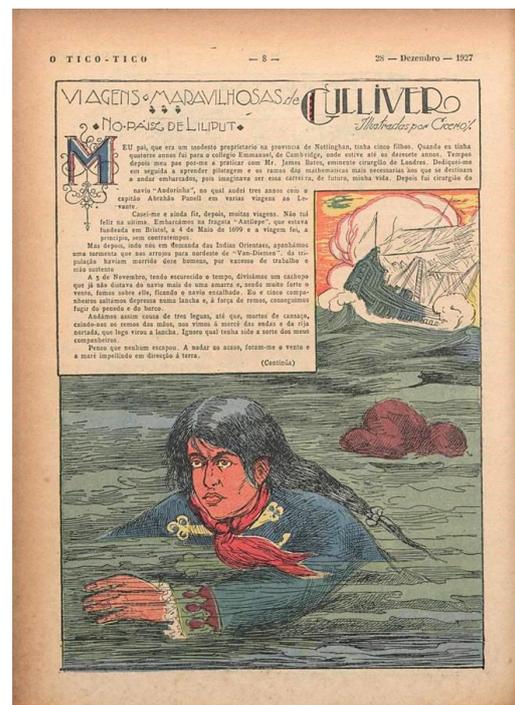
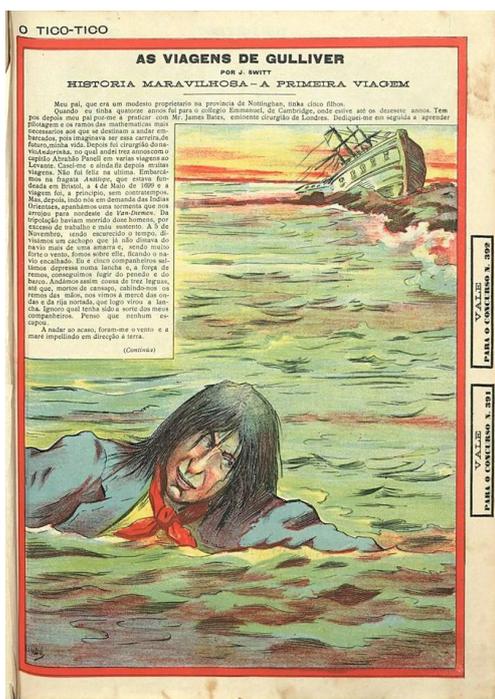


Imagem 46: Folhetim de Viagens de Gulliver
O Tico-Tico, 22/09/1909, N° 207, Ano IV e O Tico-Tico, 28/12/1927, N° 1160, Ano XXII.

Nas duas ocasiões, somente as duas primeiras viagens foram publicadas. Questionados por um leitor em carta de 27 de outubro de 1909, os editores responderam que não seria

596O *Tico-Tico*, 4 de dezembro de 1918, N° 687, Ano XIII.

possível publicar a história de Gulliver na íntegra, porque além de muito longa, “tem muitas considerações filosóficas que não podem interessar às crianças. O nosso fim é apenas fazer ficar conhecendo as aventuras em suas linhas gerais e o personagem, que é muito citado”⁵⁹⁷. Ao que parece, portanto, havia não apenas uma seleção por parte dos editores das obras que deveriam ou não ser publicadas, como também uma tentativa de adaptação desses livros ao que a revista imaginava ser do interesse de seus leitores.

Alguns meses após a publicação de *Viagens de Gulliver*, a revista publicou outro clássico infanto juvenil: *Robinson Crusóe*, de Daniel Defoe. O livro era indicação certa dos editores aos leitores da revista, em especial aos meninos. Fazia parte também da seleção de leituras dos escoteiros, sendo mencionado com alguma frequência na seção da revista sobre escotismo⁵⁹⁸. Uma adaptação da história foi publicada mais tarde, mas em outro formato. Ela saiu em quadrinhos no *Almanaque O Tico-Tico*, de 1921⁵⁹⁹. Nesta edição, os editores investiram nas imagens. Além das ilustrações que acompanhavam o texto, em alguns números da série, uma ilustração colorida de uma das cenas em página inteira. As ilustrações procuravam causar impacto, como a do encontro entre Robinson Crusóe e o nativo Sexta-feira, publicada em 15 de fevereiro de 1911. Mesmo não tendo indicação de autoria, a publicação dessas ilustrações era, não apenas uma demonstração das técnicas de impressão disponíveis na revista à época, mas também, uma maneira de se aproximar da publicação da obra em livro. É necessário lembrar que, mesmo que o primeiro contato de muitas crianças e jovens com essas obras tenham se dado através de folhetins de revistas ilustradas⁶⁰⁰, o livro ainda era o suporte de referência para a leitura.

Com o fim do romance de Daniel Defoe, a revista começou a publicar *Robinson Suíço*⁶⁰¹. Segundo os editores, a publicação das aventuras de Robinson Crusóe teria sido um grande sucesso na revista e apostavam em uma nova história de naufragos⁶⁰², desta vez, escrita pelo pastor suíço Johann David Wyss. Outro livro que fazia referência a Robinson Crusóe foi publicado pela revista em 1919. *Herdeiros de Robinson*⁶⁰³ foi traduzido pela

597 *O Tico-Tico*, 27 de outubro de 1909, Nº 212, Ano IV.

598 Um exemplo pode ser visto em *O Tico-Tico*, 28 de novembro de 1923, Nº 947, Ano XVIII.

599 *Almanak do Tico-Tico*, 1921, P. 91.

600 No poema Fim, Carlos Drummond de Andrade retrata seu encontro com a obra Robinson Crusóe a partir das páginas da revista *O Tico-Tico*. ANDRADE, Carlos Drummond. Fim. In: **Boitempo**: menino antigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. P. 228.

601 Robinson Suíço começou a ser publicado em 12 de abril de 1911, no número 288.

602 *O Tico-Tico*, 5 de abril de 1911, Nº 287, Ano VI.

603 *Os Herdeiros de Robinson* começou a ser publicado em 5 de março de 1919, no número 700.

revista diretamente do francês, mas a autoria da obra não foi divulgada pela revista. O livro foi publicada no original sob o título *L'Héritier de Robinson*, por Paschal Grousset, sob o pseudônimo André Laurie. A publicação de tantas obras correlatas demonstra o sucesso do personagem entre os leitores infantojuvenis.

A maioria dos romances publicados n' *O Tico-Tico*, eram traduções de obras estrangeiras. Através das cartas, propagandas e dos próprios folhetins, ficamos sabendo que boa parte dos títulos eram traduções de livros ou revistas francesas. Em 1919, os editores informam ao leitor que *As aventuras de Lavarède*, de Paul D'Ivoi, publicada em 1915, havia sido traduzida de uma revista francesa, não sendo possível encontrá-lo em livro⁶⁰⁴. *Aventuras Extraordinárias do Capitão Castanhola*, de H. L'Epine, também era uma tradução direta do francês realizada por Herman de Castro Lima⁶⁰⁵, mais tarde conhecido por sua importante obra em quatro volumes dedicada à *História da Caricatura no Brasil*.

Mesmo que a autoria de muitas dessas obras sejam por nós desconhecidas, essas leituras parecem ter sido significativas para que crianças e jovens mantivessem contato com obras literárias para além do universo escolar. Câmara Cascudo, em crônica publicada no jornal *A República*, de 1949, relembra que ele e muitos outros meninos teriam aprendido a ler n' *O Tico-Tico* a partir de romances como *Pássaro de Aço*, *A Princesa Medusa e Abelha*⁶⁰⁶. Tais narrativas de autores nem sempre creditados, com nomes de personagens estrangeiros transmitiam uma experiência de leitura diferente dos textos cívico-pedagógicos, predominantes nas leituras escolares até a segunda metade do século XX⁶⁰⁷.

Após uma breve interrupção na publicação de romances, a revista voltou a publicar obras consagradas do cânone literário infantojuvenil nos últimos anos da década de 1920. *Viagens de Gulliver*, já citado acima, e *História de um Boneco de Pau*, como foi traduzido *Pinóquio*, de Carlo Collodi, foram as obras publicadas em série pela revista entre os anos 1927 e 1928. Na década de 1930, outros títulos foram publicados em folhetim, como *As Vinte Mil Léguas Submarinas*, em 1934, com adaptação e ilustração de Cícero Valladares. Apesar da publicação destas obras de grande popularidade entre os leitores infantojuvenis, observa-se uma diminuição na publicação de folhetins em relação às primeiras décadas do periódico.

604 *O Tico-Tico*, 12 de novembro de 1919, Nº 736, Ano XIV.

605 *O Tico-Tico*, 24 de fevereiro de 1915, Nº 490, Ano X.

606 *O Tico-Tico*, maio de 1949, Nº 1962, Ano XLIV.

607 HANSEN, Patrícia Santos. A Biblioteca dos Jovens Brasileiros: do caráter didático da literatura infantil aos usos dos livros pelas crianças no início do século XX. **Escritos**: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p.77-94, 2011.

A diminuição na publicação dos folhetins coincidiu, no entanto, com o aumento do volume de contos e histórias curtas publicadas na revista. Outras seções procuraram manter a prática de publicar textos literários na revista, mas não de maneira seriada. *Histórias e Legendas* começou a ser publicada em 1913 e circulou até 1921. Nesta seção publicavam lendas de origem europeia, contos de Andersen e Perrault, histórias bíblicas, curiosidades históricas e até trechos de livros, como *O cão e o burro*⁶⁰⁸ e *Os escravos felizes*⁶⁰⁹, de Ana de Castro Osório. Os textos eram geralmente ilustrados, sem indicação de autoria e ocupavam duas ou mais páginas da revista.

Pedaços Alheios começou a ser publicada em 5 de maio de 1920. Seu objetivo era “educar o gosto” dos leitores, oferecendo a eles trechos “dos mais eminentes dos escriptores da língua portugueza e trechos que estejam mais ou menos esquecidos”⁶¹⁰. O trecho de estreia era *Agulha e Linha*, de Machado de Assis. A seção também publicou Julia Lopes de Almeida, Luiz Guimarães, João Ribeiro, Graça Aranha, Viriato Corrêa, entre outros. Mas além dessas seções, muitos contos e trechos de obras apareciam na revista sem figurar em uma seção definida.

Os folhetins deixaram de sair pela seção criada em 1909. A *Bibliotheca d'O Tico-Tico* deixa de circular na década de 1920 e ressurge anos depois como uma coleção de livros que passa a ser publicada em 1932. Um anúncio do primeiro livro da coleção – *Contos da mãe preta*, de Osvaldo Orico – começa a circular na revista a partir de 9 de novembro de 1932. Denominada de *Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico*, os editores prometem publicar a cada mês um livro diferente, impresso pelas edições Pimenta de Mello. O primeiro livro saía pelo preço de 5.000 reis e poderia ser adquirido na Livraria Pimenta de Mello, onde ficava também a redação da revista infantil. O livro ilustrado contava com os desenhos de Luiz Sá.

O novo empreendimento foi celebrado pela revista e apresentado formalmente através da seção *Lições de Vovô*, que como já frisamos, era um dos principais canais de diálogo entre o editor e seus leitores. Em tom auto elogioso, a criação da Biblioteca ainda ajuda a reforçar a memória da revista como um veículo de apoio contínuo à educação nacional:

Ninguém ignora o formidável trabalho de educação nacional que
O TICO-TICO, desde o seu aparecimento vem realizando com

608 *O Tico-Tico*, 26 de agosto de 1920, N° 777, Ano XV.

609 *O Tico-Tico*, 1 de setembro de 1920, N° 778, Ano XV.

610 *O Tico-Tico*, 5 de maio de 1920, N° 761, Ano XV.

estupendo successo. Centenas de milhares de crianças aprenderam a ler, por effeito deste jornal; milhares de estudantes enriqueceram o patrimonio de seus conhecimentos lendo as lições e notas d'O TICO-TICO. Mas O TICO-TICO, meus netinhos, não descansa sobre os louros desta grande conquista. Dia a dia novos incentivos despertam-lhe novos alentos e novos ideais são attingidos em beneficio da infância.

Jornal feito para a creança, vivendo do amor da creança e para o bem dessa mesma creança, O TICO-TICO sempre se agita, num movimento, numa razão de utilidade e protecção ao mundo infantil. Ainda agora, meus netinhos, O TICO-TICO acaba de tomar uma iniciativa digna dos melhores aplausos dos que se interessam pelas creanças. Essa iniciativa foi a criação da “Bibliotheca Infantil d'O Tico-Tico”, que se propõe a editar mensalmente um livro para a leitura e recreio da infância.[...] ⁶¹¹

Além de anunciar a criação da coleção de livros infantis, *Lições do Vovó* também antecipa o título do próximo livro, que se chamava *No mundo dos bichos*, de autoria de Carlos Manhães, editor-chefe da publicação. Ilustrado por Luiz Sá, o livro de Manhães era uma reunião de contos sobre como a vida dos animais poderia oferecer exemplos aos homens. Além destes dois, a coleção ainda editou: *Reco-Reco, Bolão e Azeitona*, de Luiz Sá, uma reunião das aventuras destes personagens publicados na revista; *Chiquinho d'O Tico-Tico*, também de Luiz Sá, outra reunião de aventuras do personagem na revista; *Quando o céu se enche de balões*, de Leonor Posada, com ilustrações de Cícero Valladares; *Histórias Maravilhosas*, de Humberto de Campos, com ilustrações de Théo; *Minha Babá*, de J. Carlos; *Pandareco, Parachoque e Viralata*, de Max Yantok; *Papae*, de Joracy Camargo e ilustrações de Monteiro Filho; *Zé Macaco e Faustina*, de Alfredo Storni, com a reunião de histórias publicadas na revista; *Histórias de Pae João*, de Osvaldo Orico; *Vovô d' O Tico-Tico*, de Carlos Manhães; *Aventuras de Katrapuz e Rastassusto*, de Max Yantok; *Meu livro de Histórias*, sem indicação de autoria, com uma reunião de contos de fadas, contos religiosos e patrióticos; *Lucilia*, de Noemia Carneiro, com ilustrações de Luiz Gonzaga; *Para os garotos*, de Juvenal M. Mesquita e ilustrações de Luiz Gonzaga; *O circo dos animais*, de Gaspar Coelho, com ilustrações de Arnaldo Mendes; *Reportagens de Pitusquinho*, de Galvão Queiroz; *Entrou por uma porta e saiu por outra*, de Tostes Malva; *Pedro, o pequeno corsário*, sem autoria, uma narrativa de episódios da guerra travada entre França e Inglaterra, em 1758,

611 *O Tico-Tico*, 21 de dezembro de 1932, N° 1420, Ano XXIX.

com ilustrações de Cícero Valladares; *O tesouro de D. José*, de Josué Montello e ilustrações de Paulo Afonso; *A guerra dos Animais*, de F. Acquarone; *No país da fantasia*, de Carlos Manhães; *O bicho do circo*, de Josué Montello; *As Aventuras do calunga*, também de Josué Montello; *Aventuras de Reco-Reco, Bolão e Azeitona*, de Luiz Sá; *Os sinais misteriosos*, de Galvão de Queiroz; *Coração de Criança*, de Max Yantok; *A muleta de ouro*, Leonor Posada e *Pinga Fogo, o detetive errado*, também de Luiz Sá; *A viagem fantástica*, de Josué Montello; *A árvore que falava*, de Galvão de Queiroz; *Aventuras de Chiquinho*, de Paulo Afonso; *Um menino de Coragem*, de Leão Padilha; *Na furna da Onça*, de Eustórgio Wanderley; *Fábulas Sertanejas*, de Gustavo Barroso; *A cabeça de ouro*, de Josué Montello⁶¹².

A coleção foi publicada de 1932 à 1949. Com exceção de *Meu Livro de histórias*, que foi feito em edição de luxo, um livro presente para as festas de fim de ano, todos os demais livros mantiveram o preço de 5\$000 por volume, atualizados para Cr\$ 4,0 a partir de 1942. Algumas coleções podiam ser adquiridas em um estojo, vendidos a Cr\$ 35,00. Ele poderia ser encontrado em livrarias da capital e estados, na Livraria Pimenta de Melo, até 1943, e, a partir de então, na *S. A O Malho*, na Senador Dantas, nº 15.

Os livros da coleção também eram oferecidos pela revista nos concursos. Alguns livros publicados pela coleção já eram conhecidos dos leitores, como aqueles que eram reuniões de contos e narrativas quadrinizadas anteriormente publicadas na revista. É o caso dos livros de personagens como *Chiquinho, Reco-Reco, Bolão e Azeitona, Pandareco, Parachoque e Viralata e Zé Macaco e Faustina*. Outros livros foram também publicados em folhetins anteriormente na revista, como *Pedro, o pequeno Corsário*, publicado em 1932, e *Jaguary*, de Yantok, publicado em 1941.

⁶¹²Infelizmente, não foi possível saber como foi a aceitação destes livros entre os leitores, já que as coleções não apareciam como assunto nas seções de cartas. Também não foi possível analisá-los individualmente, já que os títulos encontram-se dispersos nos acervos. Analisar a coleção e os livros separadamente demandaria um esforço de pesquisa que foge ao escopo desta tese.

CAPÍTULO 5

A Gaiola d'O Tico-Tico: consumo e interação infantil

Escrever artigo... É esta a minha aspiração...

Desde os seis anos brinco de escrever artigo...Papae foi meu mestre...corrigia os meus rabiscos. Animava-me. Previa um futuro literato em seu amado filhinho.

Papae morreu. Antes de morrer fez-me presente dois livros: “Contos de Malba Tahan” e “Lua Crescente” de Rabindranath Tagore. Recomendou-me a leitura desses livros. Faz hoje nove meses que papae morreu e eu leio sempre os livros que ele me deu.

Quando vivia – aquella doce creatura – que foi meu papaezinho – todas as noites ele rezava ao bom Deus, pedindo a saúde e a felicidade de seu filhinho.

Agora eu rezo, também ao bom Deus, pedindo um lugar no céu para papae e intelligencia bastante para mim, porque si eu for intelligente escreverei muito artigo para “O Tico-Tico”, artigo bonito e curto, como os de D, Rachel Prado.

Escrever artigo... É esta a minha aspiração...⁶¹³

O texto acima foi publicado pelo leitor Helio Flores, de 10 anos, na edição de 21 de novembro de 1928. No texto, o menino revela que escrever artigos era um desejo profundo, incentivado pelo pai que lhe dava livros de presente. Ele teria encontrado na revista *O Tico-Tico* um local para a concretização de sua aspiração, para a preparação, quem sabe, de um futuro no mundo das letras. Para ser publicado, o menino escreve um pequeno texto edificante, de fundo moral, bem no estilo que costumava agradar a revista. O menino, cujo nome aparecia como participante costumeiro nos concursos, já havia publicado um outro artigo na revista naquele mesmo ano⁶¹⁴. A possibilidade de colaborar no periódico era um dos aspectos que animava também outros leitores, que questionavam na seção de cartas sobre o envio de textos, desenhos, adivinhações, fotografias e brinquedos de montar.

O envio de colaborações pelos leitores tinha uma dupla função: ajudava a alimentar a revista, que sempre precisava de material variado para as suas edições, e fazia com que os leitores se sentissem construtores ativos da publicação. Através das ilustrações, textos, cartas,

613 *O Tico-Tico*, 21 de novembro de 1928, Nº1207, Ano XXIII.

614 *O Tico-Tico*, 21 de março de 1928, Nº 1172, Ano XXIII.

concursos e brinquedos de montar enviados à redação, a revista enriquecia suas páginas de conteúdo diversificado. Através dessa troca entre leitores e editores, O Tico-Tico concretizava a promessa de que seria uma revista feita para crianças e pelas crianças. A colaboração na revista também ajudava os leitores a ganhar visibilidade. Em um momento em que a criança assumia importância na família como indivíduo, na esfera pública como futuro cidadão, e nas cidades como consumidor, aparecer através desses materiais era uma grande oportunidade.

Mesmo que destinada ao público infantojuvenil, a revista O Tico-Tico era consumida por toda a família, e, por isso, a visibilidade dos filhos era também uma maneira da família exibir sua educação, seus modos e valores. Da mesma forma que o sobrenome ajudava a dar prestígio aos meninos bem-comportados que posavam para as fotos, muitas vezes ao lado de seus pais e mães, as conquistas dos pequenos também mostravam publicamente o êxito de seus familiares na criação dos futuros homens e mulheres do país. Mostrava também que a família se preocupava com a formação de seus pequenos, estimulando o contato com o lúdico e com o divertimento que a revista proporcionava, ou com as lições que davam fortalecimento moral e educativo ao trabalho realizado em casa e na escola.

As colaborações eram incentivadas pelos editores, que faziam questão de escrever que O Tico-Tico tinha “sempre suas páginas abertas para receber a colaboração de seus inteligentes e amáveis leitores”⁶¹⁵. Mas para garantir a qualidade do periódico e seu papel pedagógico, nem sempre recebiam de maneira amável as contribuições de materiais considerados “muito fracos”⁶¹⁶, “nada bons”⁶¹⁷, com histórias repetitivas, pouco criativas e com erros gramaticais e de pontuação. Ao leitor Tônico Filho, os editores preferiram dar a dica: “Estude, por enquanto, e deixe os versos para mais tarde”⁶¹⁸. O mesmo acontecia com as ilustrações, que deveriam ser bem feitas e claras ao público.

Os editores lembravam seus leitores que para colaborar em um impresso era preciso levar a sério o trabalho, investindo no estudo e na qualidade dos materiais. Dessa forma, faziam com que as crianças se sentissem um pouco adultos, mostrando a eles a responsabilidade do trabalho jornalístico. Além disso, publicar um impresso que circulava em todo o país exigia também critérios técnicos, sendo necessário obedecer a certas normas para

615Resposta a carta do leitor Alindo Moniz Garcia. *O Tico-Tico*, 19 de agosto de 1914, Nº 463, Ano IX.

616Resposta a carta de leitor que se identifica como King and Queneu. *O Tico-Tico*, 29 de julho de 1931, Nº 1347, Ano XXVIII.

617Resposta ao leitor Vitor da Cunha Móra *O Tico-Tico*, 29 de setembro de 1915, Nº 521, Ano X.

618*O Tico-Tico*, 7 de março de 1906, Ano II.

que a reprodução fosse possível e material de qualidade chegasse aos lares de milhares de crianças brasileiras. Em resposta a carta do leitor Astrogildo Cezar, publicada na *Gaiola d'O Tico-Tico*, temos um bom exemplo do que esperavam os editores: “É necessário que seja a historia instructiva e moral, o desenho bom, feito a tinta nankin ou bem vermelha”⁶¹⁹. Com isso, os editores da revista atribuíam valor ao seu trabalho, mostrando a necessidade de compromisso e dedicação mesmo para uma publicação voltada ao público infantil.

É possível perceber, portanto, que mesmo a colaboração infantil tinha caráter educativo. Aceitando ou recusando material, havia uma lição a ser ensinada e aprendida. A rigidez no aceite de material enviado à redação pelas crianças também ajudava a reforçar a relação entre visibilidade e prestígio que se buscava construir naquele espaço. Significava que os trabalhos publicados pela revista passavam por uma rigorosa seleção e somente os meninos e meninas com composições literárias e artísticas de melhor qualidade ganhavam espaço na ilustre publicação. Os editores enfatizavam que os trabalhos que não eram bons não encontrariam espaço na revista, e que todas as crianças, mesmo aquelas que não eram assinantes, poderiam enviar cartas e colaborações ao Tico-Tico. Com isso, a revista procurou reforçar a relação de confiança, integrando a diversidade de leitores, não só os mais fiéis, formando uma espécie de círculo íntimo de afinidades.

Através das colaborações, os leitores eram convertidos em atores sociais, afinal, ao terem seus textos, cartas, desenhos e fotografias publicados na revista, suas opiniões, leituras do mundo, sua imaginação e mesmo suas imagens passavam a ser compartilhados por milhares de outros leitores⁶²⁰. Na revista, as crianças ganhavam um protagonismo que nem sempre tinham em casa ou na escola. As palavras carinhosas e de incentivo dos editores ao aceitarem as colaborações ajudavam a criar essa relação de confiança. Ao Leitor Francisco Cardoso Coelho, por exemplo, escrevem: “O seu conto, feito aos 12 anos, mostra que o menino poderá ser o que deseja, <<um escriptor>>, e famoso”⁶²¹. Para a leitora Olga Gabriel Mocauchar, os elogios são enviados em nome de Chiquinho, personagem símbolo da publicação: “Chiquinho agradece a amavel participação, que lhe enviou e deseja que seja

619 *O Tico-Tico*, 11 de novembro de 1914, Nº 475, Ano IX.

620 CUNHA, Maria Teresa Santos & SANTOS, Luciana Mara Espíndola. Infâncias por escrito: cartas escolares em um suplemento infantil catarinense (1972-1987). **Revista de História e Historiografia da Educação** [s.l.], v. 1, n. 3, p.232-254, 27 ago. 2017. Universidade Federal do Paraná.

621 *O Tico-Tico*, 14 de fevereiro de 1906, Ano II.

coroado de exito brilhante seu amor aos estudos”⁶²².

Mesmo quando não aceitavam a contribuição das crianças por não acharem adequada aos padrões perseguidos pela revista, através das respostas às suas cartas, os editores buscavam estimular os leitores a continuarem submetendo colaborações para que através do hábito, pudessem melhorar a escrita e as técnicas de desenho. Procuravam utilizar sempre uma linguagem informal, ao mesmo tempo afetuosa e firme, criando uma familiaridade, parecida com a fala de um pai, tio ou professor. Para o leitor Domingos L. Amador, escrevem: “Não desanime; não há motivo para tal; continue a nos enviar trabalhos, que, se estiverem bons, serão publicados”⁶²³. Como já foi sublinhado no capítulo anterior, estimular especialmente o envio de textos pelas crianças era também uma maneira de reforçar o aprendizado da língua e impulsionar a adesão dos leitores à cultura escrita.

Estando dentro dos padrões desejados para publicação, que levava em conta uma série de regras, tanto técnicas, de escrita, como nas formas de submissão pelo correio ou na entrega à redação, os editores se empenhavam para encontrar espaço nas páginas da revista para todo tipo de contribuição de seus leitores. As contribuições eram frequentes e recebidas em grande volume, tanto que em muitos casos era difícil saber se a colaboração era de um adulto da redação ou de um pequeno leitor, já que muitos contos, histórias e textos curtos não eram assinados. Geralmente, os desenhos eram publicados com o título “collaboração” e os textos com o nome e idade do leitor, mas essa regra não era rigidamente seguida. Em alguns números da seção de cartas, os editores listam as colaborações recebidas mas esses materiais ainda seriam apreciados, e não necessariamente eram publicados nos números posteriores.

É possível que a dúvida sobre a autoria do material fosse intencional. Ao misturar a colaboração de crianças e adultos, a revista dava ainda mais destaque aos materiais enviados pelos seus leitores, sugerindo que seus trabalhos poderiam alcançar a mesma qualidade que a de colaboradores mais experientes. O espaço dado a colaboração infantil demonstrava o respeito da publicação pelos seus leitores e indicava que o trabalho de autoestima com a criança fazia parte de seu processo formativo.

A seção que fazia a ponte entre os editores e os leitores, respondendo a solicitações e dúvidas sobre as colaborações era a *Gaiola d’O Tico-Tico*. Essa não era a única seção de cartas da revista. Havia também a *Correspondência do Dr. Sabetudo*, que como já foi

622 *O Tico-Tico*, 2 de março de 1910, Nº 230, Ano VI.

623 *O Tico-Tico*, 27 de agosto de 1913, Nº 412, Ano VIII.

sublinhado, funcionava como um canal para dúvidas diversas, ligadas a literatura, história, geografia, ciências e curiosidades gerais. A utilização d' *A Gaiola* era uma maneira de difundir aquele que seria o principal canal de comunicação entre a revista e seus leitores, e de estimular também a escrita epistolar. No seu número de apresentação, ela é assim apresentada:

Parenta próxima da famosa Caixa do Malho servirá esta gaiola para responder a todas as creanças que nos quizerem[sic] honrar com a sua collaboração artística ou litteraria.

É uma gaiola que falla e canta: não rufa como a Caixa, na pelle dos camaradinhas. Apenas tem um alçapão onde cahirá tudo que não servir...⁶²⁴

A referência a *Caixa d'O Malho* é uma forma de mostrar aos leitores que, ao contrário da seção de cartas da revista *O Malho*, conhecida pelo tom irônico e ferino das respostas aos leitores, a *Gaiola d'O Tico-Tico* procuraria ser amigável com seus colaboradores. Como já foi comentado, a revista não publicava as cartas recebidas pela redação. Sendo assim, na *Gaiola* só era possível conhecer as curtas e diretas respostas dos editores. As respostas eram tão direcionadas ao questionamento do leitor, que, em muitos casos, era impossível saber de que assunto tratavam. As cartas, portanto, guardavam um mistério, em muitos casos só desvendado pelo leitor que indagava a revista e pelo editor que a respondia. Essa característica da seção reforça ainda mais a ideia de que a revista se esforçava para construir uma relação de proximidade e mesmo cumplicidade com o leitor.

Assim como as colaborações, a seção de cartas era uma forma dos leitores ganharem voz. Ainda que suas opiniões, críticas, desejos estivessem silenciados pela estrutura da seção e não pudessem ser compartilhadas pelos demais leitores, elas chegavam até os editores criando um canal de diálogo essencial para a própria manutenção do periódico. Conhecer as reações dos leitores sobre aquilo que se publicava, era uma maneira privilegiada de compreender a recepção da revista pelas crianças. A partir das cartas dos leitores era possível conhecer também os hábitos e as práticas envolvidos em seu consumo⁶²⁵.

Podemos dizer, então, que também as cartas eram uma forma de contribuição, na medida em que aquele era o primeiro espaço, e talvez o mais franco, de diálogo entre leitores e editores. Para a revista era a partir das cartas que conheciam seus leitores, que através de

624 *O Tico-Tico*, 11 de outubro de 1905, Nº 1, Ano I.

625 MIGNOT, Ana Crystina (org). **A ilusão do leitor**: cartas, imprensa e educação. Curitiba: Editora CRV, 2018.

uma espécie de escrita de si revelavam seus interesses e questionamentos. Para as crianças era através de seção de cartas que davam publicidade a seus pensamentos, e podiam conhecer melhor os homens que pensavam o periódico, tomavam as decisões editoriais, escolhiam os materiais a serem publicados semanalmente nas páginas da revista. Através das cartas, os leitores ainda podiam se reconhecer uns nos outros pela percepção de práticas e valores comuns.

A interação entre as revistas e o público leitor foi uma das características mais marcantes nas publicações ilustradas. A participação de leitores não apenas através das cartas, mas também de seções de aconselhamento, da publicidade, de jogos, concurso e outras formas de entretenimento ajudavam a reforçar o caráter moderno destas publicações⁶²⁶. Como veículos preferenciais de construção e veiculação do ideário moderno, as revistas ilustradas atendiam a uma demanda cada vez maior do público por visibilidade e receptividade⁶²⁷. As revistas não funcionavam apenas como espaço de informação e leitura variada, mas de difusão de modelos de civilidade e modernidade, e neste sentido, o diálogo com o público leitor reforçava as revistas como espaços de formação e aprendizado.

Pelas revistas era possível ter informações rápidas de acontecimentos do país e do mundo, conhecer realidades e curiosidades de diferentes partes do planeta, saber dos principais eventos da cidade, manter contato com as novidades da moda, do cinema, da literatura e eventualmente ter a possibilidade de acessar traduções de obras populares de autores recém-publicadas na Europa. Vivendo na capital ou no interior do país, ao leitor era possível conhecer o pensamento dos principais intelectuais nacionais, travar contato com novas linguagens e formatos de publicação experimentados em impressos no “mundo civilizado”. As revistas eram, portanto, mais do que apenas lugares de entretenimento, do contato com frivolidades, de ócio descompromissado. Seu projeto formativo envolvia a disseminação de uma série de conteúdos que envolviam a educação dos gostos, dos gestos, do olhar. Era uma maneira de transformar o tempo dedicado ao ócio em momento de reflexão e aprendizado.

Através da inauguração de novas formas de comunicação com os leitores, as revistas renovavam as maneiras de consumir e interagir com os impressos. A publicidade, as seções de cartas, a publicação de fotografias, aniversários, festas e colaborações de leitores eram

626VELLOSO, Op. Cit. P. 50.

627Ibid. P. 46.

campos de diálogo mútuo e demonstravam a intenção dos editores e colaboradores em aproximar-se de seu público. Ao mesmo tempo, também eram capazes de mostrar como este mesmo público via a revista, interpretava e respondia criativamente às intenções de seus editores. A relação de interação e troca estabelecida entre leitores e editores, autores e artistas nas revistas ilustradas de variedades se tornou uma das marcas distintivas do novo processo de comunicação que elas encerravam.

Falar de uma moderna cultura de massas relacionada às revistas significa dizer que a maneira como as pessoas passaram a consumi-las influenciava na afirmação de uma nova cultura, capaz de ressignificar, por exemplo, os códigos de vestimenta, as formas de portar-se em público, a dinâmica do tempo destinado ao ócio, os locais frequentados em família, as relações com a cidade e com as novas formas de entretenimento, como o cinema, e, mais tarde, o rádio. Com isso, instaurava-se também uma nova cultura de consumo, em que bens, imagens e símbolos, mas também comportamentos e formas de pensar e sentir eram recriadas⁶²⁸.

O consumo nesses periódicos deve ser pensado, então, de maneira ampla, não apenas associado às coisas em si, mas ao que elas são capazes de produzir e comunicar. Como lembra Daniel Roche, as relações físicas e humanas que os objetos criam não podem ser reduzidas a sua materialidade, nem a simples instrumentos de comunicação e distinção social⁶²⁹. Como mostra o autor, a relação do indivíduo com o social passa pela objetificação, por isso, não podemos reduzir o objeto ao local de nossa alienação, é importante pensar em um mundo exterior dos objetos como fruto de um processo criativo, em que há a união entre representações e realidades⁶³⁰.

As mudanças nas relações de consumo tiveram impacto profundo na vida das famílias, modificando não apenas as necessidades de ordem objetiva, mas também as identidades, valores e comportamentos sociais e culturais. As crianças foram profundamente afetadas por essas mudanças, que impactaram suas vidas privadas e a própria concepção de infância⁶³¹. Objeto de investimento afetivo pela família, que passa a se preocupar com a sua educação e futuro, a criança não demorou muito a adentrar nessa nova cultura de consumo, inclusive

628TASCHNER, Gisela. Raízes da cultura do consumo. **Revista Usp**, São Paulo, v. 32, p.26-43, Dez-Fev, 1996-1997. P. 28

629ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Nascimento do consumo nas sociedades do século XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. P. 13.

630Ibid. P. 19.

631Ibid. P. 34.

como foco de interesse de empresas e marcas que viam nesse pequeno ser um potencial consumidor e possível perpetuador da lógica do consumo. Como parte de uma comunidade de consumidores, as crianças também foram atraídas pela redefinição das noções de lazer, prazer e de lúdico, que serviam como técnicas eficazes de sedução do consumidor⁶³², e como formas de consumo e pertencimento aos valores modernos.

E esse sentimento de pertencimento a uma comunidade de consumidores modernos se expressava através da publicidade, importante forma de sustento das revistas desde o século XIX, onde se veiculava a expectativa pela aquisição de bens de consumo que carregavam valores simbólicos.⁶³³ Aparecia também através da divulgação na revista de espaços de sociabilidades, das festividades e de práticas cotidianas da cidade, em especial da capital, espelho para o resto do país. A adesão nessa comunidade passava também por mostrar-se publicamente como parte dela através das fotografias, dos eventos e da participação nos concursos, onde era possível mostrar o engajamento com as formas de consumo, os valores e com o modo de vida modernos. Uma modernidade ambivalente, onde procurava-se mostrar a ordem familiar, a autoridade, a atualidade nos eventos em espaços da cidade, mas também por vezes revelava a desordem do mundo familiar e urbano, e a permanência de valores arcaicos e rurais.

Partindo do entendimento de que a revista O Tico-Tico permitia aos leitores formas diversas de consumo e interação, optamos por realizar neste capítulo, um recorte de alguns aspectos que, no nosso entender, evidenciam como a comunicação entre leitores, editores e anunciantes serviam também aos objetivos formativos da revista. Dessa forma, neste espaço privilegiamos, em primeiro lugar, pensar a cidade como espaço de consumo, através dos seus novos e antigos espaços de sociabilidades, assim como refletir sobre as formas de circular e se comportar no espaço urbano. Em um segundo momento, procuramos analisar a publicidade na revista e as formas em que ela procurou se articular com os interesses e objetivos da publicação. Por fim, apresentamos os concursos como uma forma diferenciada de interação e consumo.

632TASCHNER. Op. Cit. P. 43.

633SANTA' ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**, São Paulo, V. 14, p. 89-112, Fevereiro, 1997.

5.1 O consumo da cidade: espaços de sociabilidades e festividades

Em 1905, ano em que a revista *O Tico-Tico* foi lançada, o Rio de Janeiro, cidade-capital, passava por um intenso processo de transformação urbana. O então prefeito Pereira Passos recebera do presidente Rodrigues Alves a incumbência de levar a cabo um conjunto de medidas que visavam a modernização da capital, com a remodelação do traçado do centro com a abertura de novas vias e avenidas e o enfrentamento da questão sanitária, para afastar o foco de diversas moléstias que há séculos assolavam a cidade. Este projeto ainda incluía tentativas de mudanças nos costumes, com a proibição do comércio ambulante, das práticas de cuspir e urinar nas ruas, dentre outros comportamentos considerados primitivos e pouco saudáveis. O principal símbolo das transformações urbanas da cidade, a Avenida Central, totalmente remodelada para se tornar endereço chique e abrigar os negócios e o comércio mais distinto da cidade, foi inaugurada em 15 de novembro de 1905, pouco mais de um mês de lançada a revista infantil.

O interesse pela cidade naquela ocasião era natural. Capital e maior cidade do país, centro aglutinador de intelectuais e artistas vindos de várias partes do Brasil, em processo intenso de modernização, que mostrava a disposição em se construir um futuro de progresso. Como aponta o historiador Afonso Carlos Marques dos Santos, desde o século XIX o Rio de Janeiro era um laboratório da civilização⁶³⁴, que tinha a Europa como padrão de civilidade e progresso. Os planos de remodelação da cidade e as reformas urbanas e sanitárias carregavam, cada um a seu momento específico, ideais de nacionalidade inspirados na racionalidade burguesa e liberal europeia, e esbarravam nas contradições de uma sociedade de origem arcaica, colonial e escravista. Ainda que as transformações da cidade durante o governo de Rodrigues Alves tivessem o objetivo de extirpar tudo que lembrasse o atraso, tendo como referência os padrões de conforto e consumo burgueses, as mudanças no traçado das ruas e a derrubada das casas de aluguel não deixariam de revelar a tensão entre os diversos grupos que tradicionalmente ocupavam a região central da cidade.

As mudanças na capital eram também uma forma de repudiar o passado colonial e imperial e marcar a república com um novo conceito de cidade, mais racional, que

634SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. A cidade do Rio de Janeiro: de laboratório da civilização à cidade símbolo da nacionalidade. In: **A visão do outro**: seminário Brasil-Argentina. Brasília: FUNAG, 2000. P. 150.

incorporava as inovações urbanas dos países mais civilizados⁶³⁵. Tendo a Paris de *Hausman* como perspectiva, esperava-se reconstruir uma cidade que combinasse mais com as pretensões de modernidade que marcaram nossa *Belle Époque* tropical⁶³⁶. A cidade civilizada precisava demolir as áreas insalubres e remover as partes decadentes do centro. A ligação entre esse novo espaço embelezado, que deveria servir como porta de entrada para os estrangeiros que chegavam no porto, e a população trabalhadora, se daria a partir de um sistema de túneis e vias expressas, que interligariam os subúrbios e bairros operários ao centro de comércio e negócios.

Após Pereira Passos e sua obsessão por fazer do Rio uma Paris nos trópicos, a reforma urbana foi continuada por Carlos Sampaio e Henrique Dodsworth Martins, com a derrubada do Morro do Castelo, símbolo do passado colonial, a construção do Aterro do Flamengo, da Avenida Presidente Vargas e o fim da Praça XI. A extinção dos espaços da cidade que representavam o atraso, e a separação do ambiente burguês e civilizado daqueles que representavam as classes fragilizadas e trabalhadoras não deixaram de trazer consequências para a cidade. Os efeitos dessa segmentação eram sentidos na balbúrdia cotidiana, no medo das multidões, na segurança urbana.

Apesar das dificuldades de implantação da sonhada civilização nos trópicos, a cidade do Rio de Janeiro, “lugar síntese onde se desenrola o drama da construção da civilização e da sua inserção na ocidentalidade”⁶³⁷, parecia o palco perfeito para uma revista disposta a conformar um projeto formativo que visava, igualmente, a instauração de uma cultura moderna e do progresso no país. Para aqueles que viviam o cotidiano da cidade, no entanto, o processo de remodelação era excludente, autoritário e assustador, e revelava o descompasso entre a euforia das autoridades e a cultura, as tradições e as necessidades, sobretudo, da população mais humilde.

Nos primeiros anos da revista, a cidade do Rio de Janeiro aparece nesse ambiente contraditório, entre a euforia e apoio aos projetos de melhoramento da cidade, e o incômodo com a inadequação de grupos sociais com as transformações em curso. O prefeito Pereira Passos, responsável pelas mudanças na cidade, é exaltado na revista em mais de uma ocasião. No número 29, O Tico-Tico informa aos seus leitores que recebera uma lista de subscrição,

635LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001. P. 237.

636CAMARGOS, Marcia. Uma República nos moldes franceses. **Revista Usp**, São Paulo, n. 59, p.134-143, Setembro-Novembro, 2003.

637SANTOS, 2000. P. 174.

cujo objetivo era arrecadar fundos para a construção de um monumento em homenagem ao então ex-prefeito Pereira Passos. Na nota, os editores estimulavam os leitores a enviar dinheiro para a causa e ressaltavam a importância da figura de Passos para o país:

Como naturalmente a maioria dos petizes ha de admirar e amar esse grande velho que vale por muitos moços e é sem duvida um brasileiro que honra o nosso pais é de esperar que não fique em branco a lista remetida a O Tico-Tico⁶³⁸.

Em número posterior no mesmo ano, Vovô dedica uma de suas lições ao ex-prefeito, usando como mote o incêndio a um “kiosque” no centro da cidade, cujo dono protestara contra Pereira Passos. Durante o seu governo, o prefeito tentou retirar esses quiosques, mas a questão dividia opiniões. Para os trabalhadores e a população mais pobre, esses estabelecimentos representavam o comércio popular tradicional da cidade. Para os grupos mais elitizados, deveriam ser eliminados pois ajudavam a piorar as condições sanitárias da cidade e representavam um passado a ser superado pelo projeto urbano de Passos. Para o Vovô d’O Tico-Tico, o incêndio do quiosque que teria insultado o ex-prefeito foi uma lição contra o atraso:

Não foi avante essa affronta á maioria da opinião da cidade do Rio de Janeiro e do Brazil: o povo limpo, a mocidade sempre generosa e justiceira, castigou o próprio kiosqueiro perverso e, o que é melhor ainda – a sucia de indivíduos contrariados pela energia do Dr. Passos, na lucta que elle teve que sustentar contra todos os máos costumes, contra os habitos atrasados de uma cidade secular, onde cada um fazia o que muito bem entendia, só para seu proveito particular e em prejuizo do proveito geral: onde muita gente, pelo facto de ter dinheiro e posição, julgava o Rio de Janeiro uma feitoria sua e se oppunha, por todos os meios ao progresso que hoje em dia apresentam as capitaes civilisadas, como se o Rio de Janeiro devesse ficar sempre sepultado nos seus becos escuros e sujos, que aliás, foram a última moda...ha trezentos annos!⁶³⁹

No texto de Vovô, Passos é descrito como uma espécie de herói, que lutou contra o

638O *Tico-Tico*, 26 de abril de 1906, Nº 29, Amo II.

639O *Tico-Tico*, 21 de novembro de 1906, Nº 59, Ano II.

interesse de homens poderosos para modernizar a capital. A visão do ex-prefeito disseminada no texto é, portanto, positiva. Ao lado da coluna da seção *Lições de Vovô*, ainda publicam um desenho de um leitor com os personagens Chiquinho e Jagunço dentro de um destes quiosques. Na legenda lê-se o seguinte comentário: “Sou incapaz de faltar com o respeito a um homem como o Dr. Passos. Todo mundo sabe disso e foi por isso que o meu kiosque nada sofreu”⁶⁴⁰. O desenho do leitor ajudava a reforçar o argumento de Vovô de que o incêndio e o “quebra-quebra” ocorridos na cidade teriam sido uma forma de justiça feita por populares e autoridades. A opinião do editor nas *Lições* e do leitor agraciado com a publicação de sua colaboração indicava que esta seria a opinião que os demais leitores deveriam partilhar sobre o assunto.

Outra figura política que recebe homenagens dos editores da revista é Henrique Dodsworth. Em uma edição de *Lições do Vovô*, de 1938, o redator felicita o prefeito pela criação de parques públicos destinados ao divertimento infantil. Vovô inicia seu texto reclamando que no Brasil, ao contrário das partes mais civilizadas do mundo, os *playgrounds* eram espaços importantes para a convivência das crianças e para as brincadeiras ao ar livre. O anúncio da abertura de parques com essas características na capital seria um grande avanço para a o divertimento das crianças:

A Cidade Maravilhosa é rica de belas praias, possui recantos primorosos onde os parques infantis podiam ser creados e nêles certamente a administração pública, prosseguindo na obra iniciada, ha de instalar outros play-grounds, que constituem motivos de amparo à criança, principalmente áquela que, na falta de maiores recursos, só pode recrear o espírito, se lhe derem motivos de recreio⁶⁴¹.

Apesar das publicações em homenagem aos prefeitos da capital, nem sempre a experiência do centro da cidade aparecia de forma positiva na revista. No cartoon *Um susto*⁶⁴², uma família vinha de Mangaratiba para conhecer os melhoramentos da capital. Depois de passear pela Avenida Central, sentam-se em um banco no Passeio Público e são surpreendidos com uma figura mal encarada. Esperavam que o homem fosse sacar uma arma, pois teria cara de assassino, mas só puxava o seu cachimbo. A história, sem assinatura, traz

640Id.

641*O Tico-Tico*, 5 de outubro de 1938, Nº 1722, Ano XXXII.

642*O Tico-Tico*, 14 de março de 1906, Nº 23, Ano II.

certa ambiguidade sobre o ambiente da cidade. De um lado, ela ridiculariza a família do interior, que se depara com o centro moderno, ao mesmo tempo com estupefação, embaraço e medo. Por outro lado, usa a figura ambígua do homem da rua, que se confunde entre um mero passante, um trabalhador, um pedinte ou mesmo um bandido, sempre muito frequente nas ruas da capital.

A situação de insegurança da cidade deixa os leitores preocupados, o que faz com que Vovô fale, em uma de suas lições, sobre um assalto a uma casa de joias, na Rua do Ouvidor, na edição de 24 de outubro de 1906. Vovô, no entanto, se mostra otimista com a situação, mostrando se tratar de um assalto movido pelas más companhias que levaram dois meninos que trabalhavam na loja, sobrinhos do dono, a serem enganados por bandidos, que além de levarem as joias, ainda estrangularam os dois rapazes. Neste caso, Vovô usa a própria cidade como espaço de experiência, mostrando como uma situação corriqueira como o roubo à joalheria pode ajudar a informar sobre a situação de insegurança urbana, ao mesmo tempo em que é motivo para uma lição de moral aos meninos e meninas consumidoras da revista.

Outra história que aborda o tema da inadequação com as modernidades da capital está em *Os apuros de Zé Fagundes*⁶⁴³. Nesta narrativa quadrinizada, o personagem Zé Fagundes vai ao Rio de Janeiro visitar a nova “Avenida”. Hospeda-se em um hotel de luxo da cidade e, antes de dormir, tenta apagar a luz do quarto. Ele assopra, joga água, mas a luz não apaga. O “pobre roceiro”, como é descrito o personagem, não sabia que se tratava de um abajur com luz elétrica. Novamente o personagem que, ao que tudo indica, vinha do interior, ou de outro estado, não consegue lidar bem com as novidades da vida moderna. O humor desse tipo de situação foi frequente na revista nesse contexto de transformações urbanas.

Apesar de suas contradições, a cidade é também espaço de experiência e para os modernos leitores da capital conhecê-la e frequentá-la é ter a oportunidade de ver de perto as possibilidades do progresso. No quadrinho *Desventuras de Chiquinho*, a Avenida Central se torna cenário para as traquinagens do personagem principal. É o que acontece já no número 16, de 1906, em que a rua, especificamente a Avenida Central, se torna ambiente de suas aventuras, que habitualmente se concentravam na casa. Na história, em passeio com o seu cão Jagunço pela nova avenida, Chiquinho resolve pregar uma peça em um carteiro, colocando rãs na caixa do correio.

643 *O Tico-Tico*, 26 de junho de 1907, Nº 90, Ano III.



Imagem 47: Desventuras de Chiquinho
O Tico-Tico, 24/01/1906.

Ainda que nenhum aspecto da Avenida Central fosse retratado na história em quadrinhos, que possui cenário simples, sem muitos detalhes ao fundo, percebemos o interesse do artista em situar a história nesse espaço. Como é possível ver na versão original da história em quadrinho, o cenário é bastante semelhante, com a modificação da caixa de correio em que o “U. S. Mail” é trocado pelo brasão da República⁶⁴⁴. Provavelmente, objetivo do artista brasileiro que adaptou o quadrinho original foi chamar a atenção das crianças para essa nova região da cidade. É possível também que uma outra preocupação do artista tenha sido nacionalizar a história de Chiquinho, inserindo-o em um ambiente conhecido da cidade.

⁶⁴⁴A história em quadrinho em questão foi publicada entre 1902 e 1906. Infelizmente, não foi possível encontrar a referência completa mas é possível que este quadrinho de Buster Brown integre ao livro *Buster Brown and his resolutions*. New York: Frederick A. Stokes Company, 1903. A imagem aqui publicada está disponível em <https://library.syr.edu/digital/exhibits/c/cartoonists/outcault.htm>. Acesso em 22/05/2019.

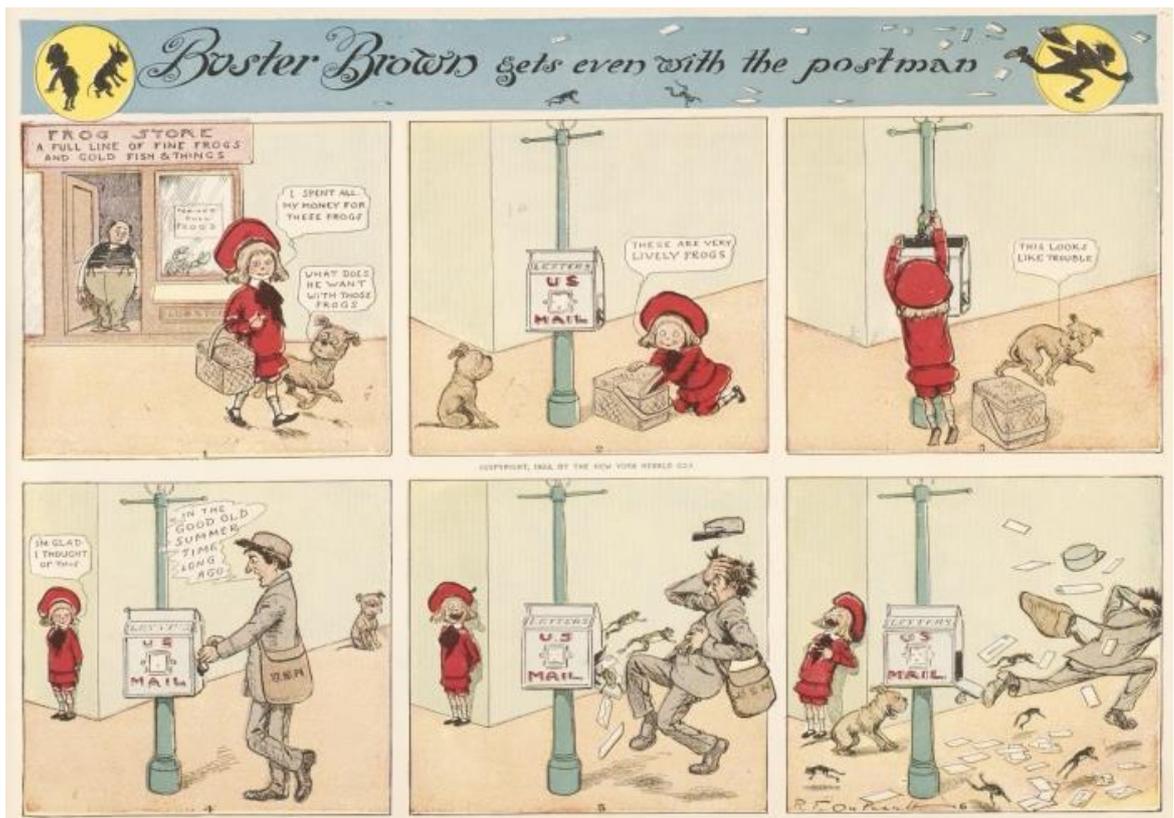


Imagem 48: *Buster Brown sets even with the postman* (1902-1906)

Em outra história de Chiquinho, o personagem passeia pela Avenida Central e acaba entrando em uma matinê infantil em um café concerto, onde artistas faziam malabares com pratos, copos, garrafas e outros objetos. Apesar do passeio singular do personagem, esta história de *Desventuras de Chiquinho* novamente coloca a avenida como cenário de sua narrativa, ressaltando no primeiro quadro figuras típicas das ruas das grandes capitais, como o guarda, o cocheiro e o vendedor. Através de sua história com desfecho mirabolante, ele acaba mostrando ao leitor as diferentes possibilidades de divertimento infantil no centro da cidade⁶⁴⁵.

Outra história em quadrinhos faz algo semelhante. Em *O talento do Juquinha*, de J. Carlos, o personagem que dá nome a história e seu amigo Giby vão conhecer o cinematógrafo no centro da cidade. Encantados com a experiência, os meninos voltam para casa e constroem também uma espécie de cinematógrafo, brincando com luz e sombra⁶⁴⁶. Assim como Chiquinho, o quadrinho ajuda a divulgar um possível espaço para o divertimento infantil,

645O *Tico-Tico*, 16 de janeiro de 1907, Nº 67, Ano III.

646O *Tico-Tico*, 4 de dezembro de 1907, Nº 113, Ano III.

incentivando as famílias a conhecer o moderno entretenimento. Se pensarmos que esses quadrinhos se articulavam com os anúncios e com os concursos, esse aspecto fica mais evidente. No mesmo número, a revista publica um concurso em que um dos prêmios é uma entrada gratuita em um espetáculo de cinematógrafo. No caso, é possível que ao mesmo tempo que a revista quisesse disseminar entre seus leitores a ideia do divertimento infantil, buscava também deslanchar o concurso. Na mesma edição também publicam um convite recebido pela redação para a inauguração do *Cinematographo de Santa Ana* e um anúncio com o personagem Chiquinho chamando os amigos para conhecer o Cinematógrafo *Rio Branco*. É importante pensar que investir no consumo das famílias era também uma maneira de ajudar a definir comportamentos, normas e conhecimentos, difundindo-os entre as crianças.

Em uma história de Zé Macaco, novamente o tema dos divertimentos familiares no centro da cidade recebe atenção. Zé Macaco e sua esposa Faustina saem para dar um passeio no Centro. Depois de passar pela Avenida Central e ir ao cinema, pararam para tomar sorvetes no “café da Avenida”. Faustina, que nunca tinha tomado sorvete em sua vida, acaba gelada e dura. Zé Macaco é obrigado a interromper a caminhada com a esposa e levá-la para casa⁶⁴⁷. Nas histórias de Zé Macaco, a cidade sempre aparece como atrativo para passeios em família. Não apenas o centro, com seus cafés, cinemas e boutiques, mas também outros espaços como a praia, o Pão de Açúcar, o Jardim Zoológico, a serra de Teresópolis, são cenários para o divertimento e para uma série de confusões que demonstram a inabilidade dos personagens com o estilo de vida moderno.

5.1.1 Zé Macaco e Faustina e a inadequação à cidade moderna

Dois personagens que encarnam essa desarmonia entre valores e padrões de vida arcaicos e a modernidade são *Zé Macaco e Faustina*, criados por Alfredo Storni⁶⁴⁸. Em suas aventuras, o casal, acompanhados ou não de seu filho Baratinha, estão sempre envolvidos em

647 *O Tico-Tico*, 22 de março de 1911, Nº 285, Ano VI.

648 Alfredo Storni nasceu em 4 de novembro de 1881, na cidade de Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul. Foi caricaturista, atuando em diversas revistas no Rio de Janeiro, como *Careta e D. Quixote*. Começou a trabalhar na revista *O Malho* como colaborador ainda no Rio Grande do Sul, em 1906. Ainda na revista *O Malho* começa a ilustrar contos e histórias para crianças, o que continuará fazendo na revista *O Tico-Tico*. Faleceu no Rio de Janeiro em 20 de março de 1966.

alguma confusão na cidade. Nos primeiros números da história em quadrinhos de Zé Macaco, percebemos que ele vinha do interior, tinha modos rústicos, vestindo-se sempre com roupas maltrapilhas. Ainda sem a família, o personagem tentava se adaptar a dinâmica da cidade. Ali vivendo, ele vai se transformando, passando a usar roupas à moda urbana e procurando integrar-se às modernidades da capital. No entanto, suas visitas ao centro do Rio de Janeiro sempre expõem sua inadequação à rapidez, ao barulho, a agitação, aos modos e modas da cidade.

Por estar sempre em dissonância com a cidade, as histórias de Zé Macaco acabam abordando os problemas da capital. Na edição de 20 de janeiro de 1909⁶⁴⁹, o personagem vai visitar o centro do Rio. Ao desembarcar na Central, iniciaram-se suas peripécias pela cidade. Ao pegar o bonde para o Largo de São Francisco, ele foi surpreendido por uma violenta manifestação contra a Light. A “massa popular” incendiava os bondes aos gritos de “Morra a Light! Queima! Queima!”. Nervoso, começou a ameaçar os manifestantes com seu guarda-chuvas. Na confusão, que se estende até o número posterior, Zé Macaco acaba agredido na cabeça pelos policiais que tentavam dispersar a confusão.

A confusão retratada por Storni através do seu personagem parecia algo frequente nas ruas da cidade. A Light era responsabilizada pela qualidade das viagens nos bondes elétricos. A falta de corrente elétrica para alimentar os bondes levavam a constantes interrupções, o que deixava os passageiros enfurecidos. O quadrinho de Zé Macaco, neste sentido, traz uma outra perspectiva da capital, rompendo com a ideia de uma cidade moderna, bela, próspera e aprazível. Na experiência de Zé Macaco, ao mesmo tempo em que o Rio de Janeiro é capaz de trazer uma série de atrativos, também é marcado pela desordem, pelo tumulto, pela falta de qualidade dos serviços, pela violência das autoridades.

649O *Tico-Tico*, 20 de janeiro de 1909, Nº 172, Ano V.



Imagem 49: Zé Macaco
O Tico-Tico, 20/01/1909, Nº 172

Outro problema corrente na capital é representado no quadrinho de Storni: as enchentes. Tema constante nas caricaturas publicadas nas revistas de variedades, as chuvas que inundavam a cidade pareciam um problema que nenhum visitante deixaria de conhecer. Ao caminhar pelas ruas, Zé Macaco é surpreendido por um dilúvio causado por uma chuva torrencial⁶⁵⁰. Cansado e com fome, senta-se na rua para comer umas frutas e é levado pela correnteza. Sua sorte é que tinha comprado um grande chapéu “moderno de senhora” em uma boutique com nome francês⁶⁵¹. O chapéu acabou se tornando barco para Zé Macaco navegar pelo centro, em meio a enchente, seguindo pela rua do Matoso. Em meio a espaços

650 *O Tico-Tico*, 10 de fevereiro de 1909, Nº 175, Ano V.

651 *O Tico-Tico*, 3 de fevereiro de 1909, Nº 174, Ano V.

conhecidos da capital, temos a sensação que as transformações e o embelezamento que sofreu não teriam conseguido livrá-la deste problema crônico. E Zé Macaco, sempre despreparado para o ambiente urbano, parecia suscetível a todo o tipo de inconveniências da cidade.

Se por um lado a cidade era este lugar de transtornos constantes na vida de Zé Macaco, era também terra de oportunidades, onde as possibilidades de consumo poderiam trazer uma vida de privilégios e distinção. Após ganhar uma herança que o deixou rico, o personagem resolveu aproveitar os benefícios da cidade grande. Mudou-se para um belo palacete, comprou um automóvel e roupas modernas. Chegou a viajar para a Europa, período que, na realidade, as aventuras do personagem são interrompidas⁶⁵². Assim como no caso da cidade-capital, esse deveria ser um momento de transformações na vida de Zé Macaco, mas ao que parece, sua origem interiorana e sua condição aparentemente mestiça, o impediam de civilizar. Mesmo com dinheiro, Zé Macaco não conseguia se transformar em um homem moderno, culto e civilizado.

O quadrinho de Zé Macaco foi encerrado provisoriamente em 1909 e ressurgiu em 1911, com a esposa Faustina e o filho Baratinha. O enredo das aventuras de Zé Macaco continua transitando em torno de sua inadequação na capital, agora acompanhado da família. Definitivamente instalado no Rio de Janeiro com esposa e filho, Zé Macaco procura criar diferentes maneiras de se integrar às novidades de seu tempo, em passeios ao cinema, ao teatro, ou mesmo em reuniões e festas em seu palacete em Copacabana. O bairro da cidade que mais tarde se tornara referência para o turismo internacional, na década de 1910 ainda é um recanto isolado e mesmo provinciano da cidade⁶⁵³, tanto que Zé Macaco mesmo sendo um burguês, constrói um galinheiro em seu quintal⁶⁵⁴. Ainda que more em uma residência luxuosa, Zé Macaco continua habitando um espaço menos urbano da cidade.

Essa união entre os valores arcaicos dos personagens e a vida moderna da capital aparece de diversas maneiras nas histórias. Em vez de voar em um avião, por exemplo, Zé

652Na revista não há qualquer informação sobre os reais motivos que levaram a interrupção das histórias em quadrinhos do personagem, que até aquele momento figurava na capa.

653Segundo Julia O' Donnell, somente após a década de 1930, Copacabana começa de fato a receber investimentos que a transformam em principal destino turístico da cidade do Rio de Janeiro, que até então, ficava restrito ao centro da cidade. O'DONNELL, Julia. Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio atlântico. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1 - 14. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300882269_ARQUIVO_anpuh2011-texto.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

654O *Tico-Tico*, 6 de outubro de 1915, Nº 522, Ano X.

Macaco viaja em um *aero-burro*, por ele mesmo construído⁶⁵⁵. Cria uma bicicleta com um chuveiro para fazer o trajeto entre Cascadura e Leblon e sentir menos os efeitos do clima⁶⁵⁶. Suas invenções, outra característica do personagem que tinha “fecunda inteligência inventiva”⁶⁵⁷, costumavam ser associações entre animais ou objetos da vida cotidiana e máquinas arrojadas.

Outra característica importante das histórias de Zé Macaco são os problemas com as autoridades. Mesmo que as constantes prisões da família se dessem em função das confusões que eles sempre acabavam por iniciar, em muitos casos, fica evidente o tom de crítica sobre as autoridades policiais. Elas costumavam ser descritas como violentas, autoritárias e inflexíveis. No número 349, de 1912⁶⁵⁸, o guarda civil prende Faustina por achar que ela não era uma mulher. Mesmo bem vestida em suas roupas femininas da última moda, ela é obrigada a sair da delegacia com roupas masculinas. Ainda que este seja mais um caso da inadequação da família, já que a esposa de Zé Macaco, mesmo bem vestida, não conseguia ficar elegante e feminina, há uma crítica ao policial que a apreende porque “fazia já oito meses que ele não prendia pessoa alguma, resolveu aproveitar a ocasião para mostrar seu zelo”. Esse tom jocoso com os guardas da cidade era frequente e mostrava sua crítica aos agentes públicos, tidos como autoritários, violentos e preguiçosos.

No quadrinho de Storni, a questão racial também é algo evidente. Os personagens vadios, malandros, desonestos, e mesmo bandidos costumavam ser representados como negros. O policial que prende arbitrariamente Faustina é negro, assim como os assaltantes que arrombam sua casa⁶⁵⁹. Zé Macaco e Faustina também possuem um criado negro, cujo nome é simbólico: Chocolate. O personagem é sempre retratado como burro, indolente e comparado a um macaco, referência frequente no discurso racista. O próprio nome do personagem principal pode ser interpretado, ao mesmo tempo, pela sua tentativa de imitar os gestos e práticas dos homens modernos da cidade, e também pela sua condição mestiça. Acompanhando a tese da inadequação aos padrões de vida e valores modernos, a questão racial pode ser analisada como mais um fator que estabelece as dificuldades, tanto da família como da cidade, para o estabelecimento da civilização e modernidade no país.

655 *O Tico-Tico*, 11 de janeiro de 1911, Nº 275, Ano VI

656 *O Tico-Tico*, 21 de fevereiro de 1917, Nº 594, Ano XII.

657 *O Tico-Tico*, 20 de outubro de 1915, Nº 524, Ano X.

658 *O Tico-Tico*, 12 de junho de 1912, Nº 349, Ano VII.

659 *O Tico-Tico*, 15 de maio de 1912, Nº 345, Ano VII.

As histórias de Zé Macaco foram ficando menos frequentes a partir de 1915. Em 1919, na *Correspondência do Dr. Sabetudo*, os editores chegam a falar da morte do personagem, sem descartar, no entanto, uma possível ressurreição⁶⁶⁰. Ele chegou a aparecer em algumas histórias com Chiquinho, de 1920 a 1922, e continuou a ser referência na revista, em capas, brinquedos de montar e concursos. Em 1928, suas histórias voltam a frequentar as páginas do Tico-Tico. O quadrinho passa a ser publicado em preto e branco, muitas vezes em meia ou um terço de página, com enredos menos elaborados e histórias mais rápidas. Elas também passam a girar preferencialmente em torno da casa, e não mais da rua, como anteriormente, a não ser quando Zé Macaco tentava se passar por policial investigativo, uma das novas obsessões do personagem. Os personagens, no entanto, tornaram-se emblemáticos na revista, e mesmo que o quadrinho não apresentasse o mesmo fôlego de antes, as histórias de Zé Macaco e Faustina chegaram a se tornar livro editado pela coleção *Biblioteca Infantil d' O Tico-Tico*.

Em 1940, Zé Macaco e Faustina voltam a ser publicados em cores, geralmente preto, branco e outra cor. As histórias dos personagens voltam a tratar das invenções de Zé Macaco e suas aventuras pela cidade. Em uma delas, como foi comum durante suas histórias na Primeira República, Zé Macaco aprende mecânica e constrói um carro para descer com mais rapidez as ladeiras de Santa Teresa: “Pôs patins na carroceria e deu-lhe uma forma moderna. Êle seria excelente para descer a ladeira de Santa Tereza, o fáto de transportá-lo até lá no Silvestre era o de menos”⁶⁶¹. Como de costume, sua invenção não dá muito certo e o carro desce tão rápido que se espatifa ao chegar no Largo da Carioca.

Nesta nova fase, Zé Macaco e Faustina continuam sendo apresentados como um casal que procura estar engajado com as últimas modas, no entanto, tem dificuldades em vivenciar a modernidade. Ao contrário da narrativa das primeiras décadas de circulação, o problema não parece mais estar relacionado a identidade racial de Zé Macaco e a seus valores identificados à vida do campo. Suas dificuldades de adequação à vida moderna da cidade estariam relacionadas a sua condição socioeconômica e a localização de sua residência na geografia da cidade. Se nos quadrinhos da primeira década o casal morava em um palacete em Copacabana, na década de 1940, eles moravam longe do Centro, em Cascadura. Seus passeios na cidade são sempre marcados pelo incômodo com o calor, pelo cansaço da viagem e pelas despesas com bondes ou ônibus. Zé Macaco e Faustina passaram a comunicar outras

660 *O Tico-Tico*, 16 de abril de 1919, Nº 706, Ano XIV.

661 *O Tico-Tico*, outubro de 1942, Nº 1883, Ano XXXVIII.

dificuldades da cidade, que com o adensamento populacional se expandia para a zona norte. Os personagens deixam de ser “novos ricos” para integrar a classe trabalhadora da cidade que vivia nos subúrbios, seus valores e estilos de vida.

As histórias de Zé Macaco e Faustina figuraram na revista em vários formatos, cores e estilos até 1958, e, ao lado de Chiquinho, foram os personagens mais longevos da revista. Mesmo nos períodos em que suas histórias não foram produzidas, os personagens apareciam em homenagens, datas comemorativas e, principalmente, no carnaval. Em função do humor e irreverência de suas histórias, as máscaras de Zé Macaco e Faustina eram frequentemente publicadas na revista para que seus leitores as usassem nos dias de festa.



Imagem 50: Máscaras de carnaval. O Tico-Tico, 19/03/1930, Nº 1272.

5.1.2 Carnaval e interação infantil

Não era apenas através de Zé Macaco e Faustina que o carnaval aparecia na revista. Pela quantidade e frequência das publicações, o carnaval parecia um dos eventos mais aguardados pelos leitores e editores. Nas datas próximas à festa, os personagens da revista se fantasiavam para aparecer na capa e os enredos de suas histórias costumavam se ambientar nos dias de brincadeira carnavalesca. Além de ser uma festa bastante popular, ela era identificada a criança, pela alegria e irreverência. Em casa com a família, nos clubes ou

mesmo na rua, a publicação incentivava que os seus leitores aproveitassem os dias de folia, inclusive se fantasiando dos personagens mais populares do periódico.

Eles também estimulavam as crianças que viviam na cidade do Rio de Janeiro a comparecer a redação, o que alguns faziam em grupos, formando uma espécie de bloco ou cordão de leitores d'O Tico-Tico⁶⁶². Segundo os editores, em 1906, os *Carnavalescos Leitores d'O Tico-Tico de Todos os Santos*, bloco formado por crianças, adentraram na redação em uma segunda-feira de Carnaval cantando o hino: “O dia é nosso devemos folgar. Para o Deus Momo nos ajudar! E para todos os concursos decifrar. Que O Tico-Tico vae publicar!”⁶⁶³. Ainda que não possamos afirmar a veracidade dessa informação, já que se tratava de um bloco informal criado por crianças, é interessante notar o esforço da revista em integrar seus leitores às festividades, se colocando, inclusive, como espaço para a manifestação carnavalesca. Estabelecer a redação como um espaço para a livre circulação das crianças, incentivando-as a conhecer os artistas e festejar com eles os dias de Carnaval, reforçava a ideia de criação de um vínculo pessoal com os leitores que ultrapassava as relações de interação tradicionais, como as cartas, colaborações e fotografias. Dessa forma, os editores estreitavam seu relacionamento com o público para além da própria revista.

Nas páginas do periódico, os leitores também eram informados sobre os significados da festa. Os redatores esclareciam que festas populares como o carnaval sempre existiram e representavam um momento de liberdade, onde as pessoas brincavam pelas ruas e se vestiam como quisessem⁶⁶⁴. Através das lições e das seções de cartas, os leitores ficavam sabendo sobre a origem da festa. Os quadrinhos também podiam funcionar como outro espaço de informação sobre as lendas do carnaval. No número 281, de 1911⁶⁶⁵, publicam a história *Carnaval de Napoles – A legenda de Polichinello e Pierrot*, que conta a história de dois meninos que fugiram da Calábria para conhecer o carnaval de Nápoles. Das peripécias dos meninos teriam surgido as fantasias de Pierrot e Polichinelo, populares durante a Primeira República, sobretudo para os meninos.

Instruir as crianças era importante para estabelecer uma agenda de comportamentos aceitáveis nos dias de folia carnavalesca. Mais do que preservar entre as crianças o caráter popular do carnaval, a intenção era fazer dele uma festa familiar, ordeira, civilizada. Para isso

662 *O Tico-Tico*, 28 de fevereiro de 1906, Nº 21, Ano II.

663 *O Tico-Tico*, 7 de março de 1906, Nº 22, Ano II.

664 *O Tico-Tico*, 17 de fevereiro de 1909, Nº 176, Ano V.

665 *O Tico-Tico*, 22 de fevereiro de 1911, Nº 281, Ano VII.

costumavam publicar em suas páginas, em seções como *O Tico-Tico Mundano*, espaços e festas para o entretenimento familiar, como blocos infantis, e também como clubes, teatros e cinemas, onde, ao contrário da rua, a folia era controlada. Essa era também uma oportunidade para dar visibilidade a estes espaços, que fora do carnaval, apresentavam programação voltada para as crianças e para a família. Fora do carnaval, esses espaços de sociabilidade infantil eram constantemente indicados para reuniões entre famílias ou viravam assunto através de festividades escolares, cívicas e de entretenimento.

Em publicação de 1913, Eustórgio Wanderley, colaborador da revista, publica um texto chamado *O Carnaval antigo. O entrudo*⁶⁶⁶. No artigo, ele explica que durante o período colonial, as práticas do carnaval eram outras. No entrudo, como chamavam, as pessoas costumavam passar pelas ruas molhando os transeuntes com água. Também era costume, segundo o autor, jogar farinha, polvilho ou goma de mandioca nos outros, sobretudo na população negra. Essas práticas, de tom agressivo e racista, teriam sido proibidas pela polícia, que só liberava o uso do lançaperfume, dos confetes e serpentinas. O autor dá a entender que os costumes do carnaval de outrora eram condenáveis, antiquados e grosseiros, em contraposição com o carnaval da época mais civilizado e gracioso. Ao comentar que os negros eram os principais escolhidos para esse tipo de brincadeira, também indica que o carnaval contemporâneo teria superado o racismo existente neste tipo de prática.

Em outra publicação de 1918, nas *Lições do Vovô*, essa conduta é descrita como um “costume bárbaro”, uma “brutalidade”. O autor reconhece a importância do carnaval como festa popular capaz de reunir durante três dias pessoas de todas as classes, mas orienta os leitores a festejar de maneira saudável e com “espírito tranquilo”: “Nada de impertinências que desgostem e amofinem os seus progenitores! Quando muito a sahida para a rua, para os logares onde se junta o povo, é já um sacrifício não pequeno para quem tem a responsabilidade caríssima da família”⁶⁶⁷. É possível que o texto se dirigisse também aos pais, para que evitassem exageros e cuidassem de seus filhos durante os dias de folia.

A boa festa carnavalesca, segundo os redatores era aquela que deixava para trás os costumes antigos, como o entrudo, que lembravam as bacanais e luperciais romanos e as festas pagãs. O bom carnaval trazia um novo espírito de festa, alegre e descontraído, com os desfiles de fantasias dos cordões e seus carros alegóricos que atravessavam as ruas do centro da

666 *O Tico-Tico*, 12 de fevereiro de 1913, Nº 384, Ano IX.

667 *O Tico-Tico*, 6 de fevereiro de 1918, Nº 644, Ano XIII.

cidade. A referência para esse carnaval moderno era, naturalmente, o carnaval europeu, sobretudo os novos carnavais italianos e franceses, que conseguiam unir a tradição da festa à civilidade dos costumes.

Na década de 1930, o carnaval continuava aparecendo em algumas capas e nas histórias dos principais personagens da revista. As máscaras de Chiquinho, Jagunço e Zé Macaco também continuam frequentes, assim como a ideia de que o carnaval, apesar da bela festa, deve ser brincado com “comedimento e reflexão”⁶⁶⁸. Mas, enquanto na Primeira República a questão religiosa não aparecia como impeditivo para que as crianças e suas famílias curtissem os dias de festa, a partir desta década, percebe-se certa aproximação da revista com os preceitos católicos e isso interferia na leitura dos editores sobre o carnaval. Na capa da edição de 14 de fevereiro de 1934, por exemplo, no lugar de celebrar o carnaval com uma grande ilustração colorida, como era costume, os editores publicam uma parábola cristã chamada *O Filho pródigo*, com ilustrações de Cícero Valladares⁶⁶⁹. Alguns números depois, findo o carnaval, a história *A menina faceira*, de Lourdes Pereira de Freitas, conta a história da menina Nininha, que não gostava de brincar, só queria crescer para frequentar bailes de carnaval e usar batom como suas irmãs mais velhas⁶⁷⁰.

Em 1937, a celebração do carnaval pela revista também é bastante curiosa. Nos dias de folia, a revista não apresenta capa em homenagem a festa, mas apresentam uma bela ilustração de capa quando a folia chega ao fim. No pé da página, um poema sugere a importância que os meninos e meninas deveriam dar ao carnaval: “Nos três dias de folia levou o palhaço a brincar! Acabou-se o Carnaval, vae o palhaço estudar. A vida, saibam, meninos, não é apenas folgar! É preciso mais que isso, é necessário estudar”. Nestes anos, a moral, a religião e os estudos pareciam se sobrepôr a alegria descompromissada, a socialização e o contato com o lúdico que a festividade possibilitava.

A tensão entre o carnaval e a religião aparece de maneira mais clara em duas outras publicações. Em 1938, o artigo *Uma festa*, do leitor Snalca Ryana, de 13 anos, assíduo colaborador da revista, faz duras críticas ao carnaval⁶⁷¹. Segundo o autor, era uma festa perigosa, onde ocorreriam muitos acidentes e transmissão de doenças. A verdadeira festa, segundo o texto, era o Natal, quando se comemorava o nascimento de Jesus Cristo. Ainda que

668 *O Tico-Tico*, 13 de fevereiro de 1935, Nº 1532, Ano XXXII.

669 *O Tico-Tico*, 14 de fevereiro de 1934, Nº 1480, Nº XXXI.

670 *O Tico-Tico*, 25 de abril de 1934, Nº 1490, Ano XXXI.

671 *O Tico-Tico*, 2 de novembro de 1938, Nº 1726, Ano XXXV.

nem todos os redatores estivessem totalmente alinhados com a opinião do autor, já que eventualmente dedicavam textos, ilustrações e quadrinhos ao carnaval, sua publicação mostra que, pelo menos aos editores, pareceu pertinente deixar esta reflexão para as crianças e famílias leitoras. Em 1953, um artigo chamado *O carnaval*, sem assinatura, comenta a posição da Igreja Católica sobre os festejos e enfatiza que a instituição não condenava a participação de seus fiéis, mas que as pessoas deveriam brincar sem ofender a moral cristã, atraindo para si as punições que Deus destina aos pecadores⁶⁷².

Após esse artigo, uma história edificante chamada *O carnaval de Alberto*, de Juraci Correia⁶⁷³, ajuda a reafirmar a moral anterior. Ela conta a história de Alberto, menino pobre, órfão de mãe, que sonhava em pular o carnaval com fantasia, confetes e serpentinas. Um belo dia próximo a data da folia, Alberto achou 200 cruzeiros na rua. Ele seguiu para o armazém, onde compraria artigos de festa mas descobre que seu pai tinha uma dívida no mesmo valor com o dono do estabelecimento. Mesmo triste por perder a oportunidade de pular o carnaval como as crianças mais bem afortunadas, Alberto paga a dívida do pai. Em casa, se alegra pela visita de sua mãe em sonho e pelo beijo de agradecimento de seu pai.

Nas primeiras décadas de publicação, ainda que ficasse clara a filiação religiosa com os preceitos da Igreja Católica, a publicação infantil preferia propagar a ideia de uma formação republicana laica, por isso, a moral cristã ficava em segundo plano. Mas nas décadas de 1930, 1940 e 1950, a revista passa a apostar em publicações educativas e o discurso moral acabava atravessando também as festividades carnavalescas, com maior atenção ao período da quaresma, que se seguia ao carnaval. Ainda assim as referências à festa continuam frequentes. No carnaval de 1941, os editores noticiam que a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ornamentara a antiga Avenida Central, que passara a se chamar Avenida Rio Branco, em 1912, com imagens dos principais personagens d'O Tico-Tico, como Chiquinho, Jagunço, Zé Macaco, Faustina, Reco-Reco, Bolão e Azeitona, e outros estrangeiros publicados pela revista, como Mickey Mouse, Donald, Gato Felix e Popey. A revista também não deixou de estimular seus leitores a formarem blocos carnavalescos, que como se vê na imagem abaixo, era formado também por adultos:

672 *O Tico-Tico*, fevereiro de 1952, Nº 2007, Ano XLVII.

673 Id.

A PASSEATA DO BLÓCO D'OTICO-TICO PELO CARNAVAL

Uma das notas mais interessantes do último Carnaval foi, sem favor, a passeata que o "Blóco d'O Tico-Tico" realizou pelas ruas desta Capital no domingo e na segunda-feira-gorda.

Os alegres foliões, componentes do Blóco, uma pleiade de alegres companheiros de serviço nos trabalhos d'O TICO-TICO, apresentaram-se ricos e espiritualmente fantasiados, carregando estandartes com todos os personagens desta revista. O cortejo, que desfilou sempre sob os aplausos do povo, era precedido de uma imponente banda marcial e outra de música, tocando as últimas canções do Carnaval.

Ao regressar à sua sede, após a passeata realizada, o estandarte do



"Blóco d'O Tico-Tico", representando o nosso Chiquinho fantasiado de dragão militar, estava coberto de valiosas corôas de louro, ofertas da petisada carioca.

Imagem 51: Bloco carnavalesco d'O Tico-Tico.
O Tico-Tico, 23/03/1938, Nº 1694

Além de incentivarem seus leitores a formarem blocos e visitarem a redação, os editores também pediam aos meninos e meninas que enviassem fotografias fantasiados para o carnaval. Durante o período da festa e nas edições posteriores, as páginas da revista eram inundadas com imagens de crianças vestidas das mais diferentes maneiras. Boa parte das fotografias eram de crianças da capital, posando em frente a teatros tradicionais na festa carnavalesca, como S. Pedro, Recreio e República, mas também apareciam fotografias de carnavais no interior do Rio, em outras capitais e cidades do país. As fotografias também mostram desde carnavais luxuosos, como no Club Diário, que oferecia um chá às crianças, como carnavais populares organizados nas ruas ou em clubes do próprio bairro.

Muitos retratos mostravam crianças com suas famílias, na escola ou em bailes carnavalescos, mas na maioria das vezes, as crianças estão posando com suas fantasias. As fotografias revelam como as crianças se divertiam durante o período da folia. As imagens em grupo mostram as crianças brincando em vilas, um dos espaços onde ocorria a socialização infantil, substituídas nos dias atuais pelos condomínios. Também mostram a diversão infantil nas sociedades carnavalescas, algumas criadas pelas próprias crianças e em espaços que também eram destinados as festas dos adultos. Outras imagens trazem crianças organizando desfiles com carros alegóricos de papel, referência símbolo do carnaval carioca.

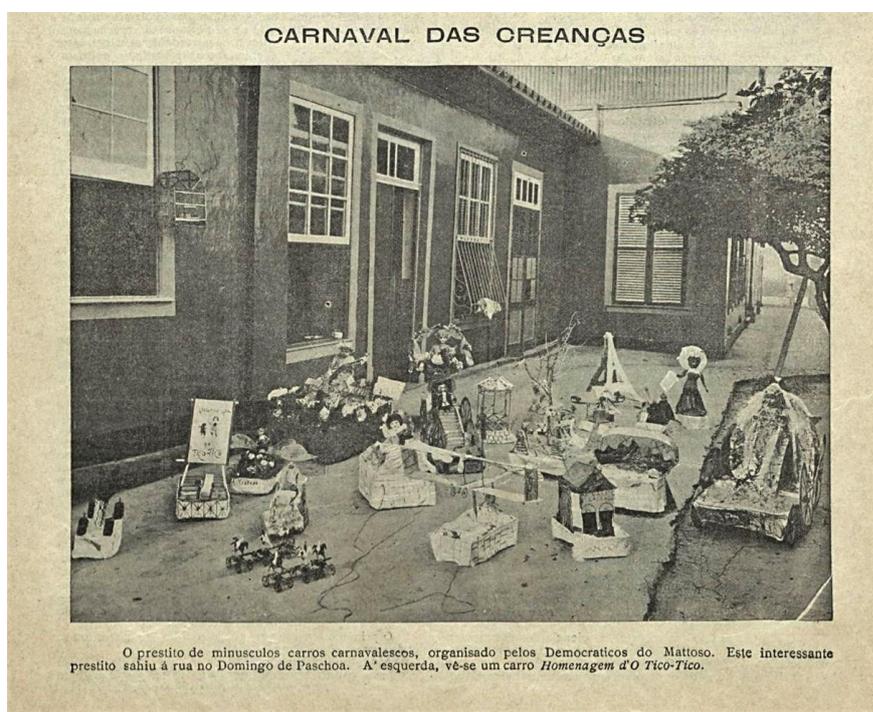


Imagem 52: Carros carnavalescos infantis
O Tico-Tico, 27/04/1910, Nº 238.

Essa era uma maneira da revista dar protagonismo às crianças e delas aparecerem como parte da comunidade de leitores. Era também uma oportunidade de mostrar os leitores consumindo a publicação, como em uma das imagens abaixo, em que os leitores usam as máscaras dos personagens publicadas no próprio periódico e um deles com a revista nas mãos. As fotografias de crianças foram abundantes em especial até os primeiros anos da década de 1930. Após esse período ficaram menos frequentes na revista, que abria mais espaço para publicações educativas e para quadrinhos nacionais e estrangeiros. É possível que a diminuição das fotografias pudesse estar relacionada com fatores técnicos e econômicos, já

que mesmo com fôlego renovado nos anos 1940, a revista já não apresenta mais a qualidade gráfica de outrora.



Imagem 53: Crianças fantasiadas para o carnaval
O Tico-Tico, 12/04/1911, Nº 288 e 19/03/1930, Nº 1276

Durante o período do carnaval, a revista costumava publicar também moldes e ideias de fantasias para as crianças brincarem no carnaval. Ela também utilizava esse espaço para a publicidade de outras revistas do grupo O Malho que apresentavam modelos mais diversificados de fantasias para crianças e adultos, como Para Todos, Cinearte e Moda e Bordado. A publicidade na revista também costumava estar orientada para a festa durante este período, com lojas vendendo tecidos, fantasias e artigos para os três dias de folia. A Casa Colombo foi um dos estabelecimentos mais frequentes em propagandas no carnaval durante a Primeira República. Seus reclames, que ocupavam página inteira, chamavam atenção porque além de anunciar máscaras, fantasias e lança-perfumes, ainda ofereciam assinaturas de revistas do grupo O Malho para seus consumidores de acordo com a quantia que gastassem na loja. Ficava claro que o estabelecimento comercial, que já era anunciante assíduo da revista, mantinha uma parceria com as revistas do grupo.

Outro estabelecimento comercial que vendia fantasias, a Casa Gonçalves, situado na

rua 7 de setembro, também criou uma estratégia comercial para o carnaval, convidando os consumidores a participar do Bloco da Casa Gonçalves, cuja fotografia com direito a carro alegórico era publicada na revista⁶⁷⁴. Além das lojas que vendiam fantasias, as mudanças nas práticas culturais na primeira metade do século abriam espaço para outro tipo de publicidade. Em 1932 há um anúncio de uma rádio-vitrola da RCA, onde era possível ouvir diversas marchinhas de carnaval⁶⁷⁵.

5.2 A publicidade e a construção de uma noção de consumo para as crianças

Em seu primeiro ano de circulação, *O Tico-Tico* não contava com anunciantes. Ao que parece, essa era uma decisão dos editores que não achavam que a publicidade contribuía para os objetivos da revista, ligados a formação da criança leitora. Mas já a partir do número 15, em 1906, apresentavam aos leitores uma nova configuração da revista com páginas extras de anúncios. Segundo os editores, a presença de anúncios atendia a várias solicitações, não ficando claro se elas seriam de leitores, anunciantes ou da direção da empresa. Segundo os editores, as novas páginas, no entanto, não buscavam fugir do objetivo de educar e divertir as crianças, mas complementá-lo:

Para attender a varias solicitações *O Tico-Tico* apparece hoje com mais 8 páginas, que são de annuncios, mas de annuncios que, em grande parte, por sua natureza, podem ainda cumprir a nossa missão de divertir, estimular e ser útil ás crianças.

O Tico-Tico surgiu sem publicar annuncios, sendo uma das suas principaes novidades, pois que no Brasil, e não só no Brasil como em toda a parte, os jornais todos inserem annuncios.

Vejam os mesmos jornaes de crianças de Pariz e verão que não ha um só que deixe de acolher a materia paga.

Mas *O Tico-Tico*, jornal dedicado ás crianças do Brasil, resolveu não publicar annuncios; e agora como os pedidos para que o fizessem fossem muitos, para attender a esses pedidos e ao mesmo tempo não se afastar do seu programma, *O Tico-Tico* considerou deliberar as duas cousas, publicando annuncios, sim, mas sem prejudicar os seus queridos pequenos leitores. Os annuncios d'*O Tico-Tico* são publicados em páginas a maior, como se pode ver

674 *O Tico-Tico*, 23 de fevereiro de 1916, Nº 542, Ano XI.

675 *O Tico-Tico*, 27 de janeiro de 1932, Nº 1373, Ano XXIX.

neste número.

São paginas á parte e em muitas dellas se encontram annuncios que, pelo seu feitio interessante, podem ser ainda leitura agradável e própria para crianças. Entre esses annuncios ha, por exemplo, novos concursos que lhes dão direito a premios, etc.

Portanto, é preciso que fique bem accentuado que, com as nossas paginas de annuncios nada perdem os leitores d'*O Tico-Tico* e antes ganham.

São mais 8 paginas que lhes damos⁶⁷⁶.

Apesar de apresentar as novas páginas de anúncios como uma novidade interessante para os leitores, que teriam acesso a novos concursos e prêmios, os editores parecem um pouco incomodados em apresentar a novidade ao seu público leitor. A coluna servia não só para comunicar a mudança na revista, que passava a publicar cerca de 20 a 22 páginas em cada número, mas especialmente para justificar a decisão. Essa preocupação com os anúncios, que se verifica também na ideia de publicá-los à parte, em um formato diferente, demonstra que não havia certeza por parte dos editores quanto a validade deste tipo de publicação para as crianças. É provável que a ordem para a publicação dos anúncios tenha partido da direção da empresa, que temia que a revista não conseguisse manter-se apenas com as assinaturas e vendas avulsas. A justificativa que dá apoio a decisão é a de que as publicações francesas do gênero igualmente publicavam anúncios, e o que era bom para as crianças parisienses, era bom também para as crianças brasileiras.

Essa decisão, no entanto, não se mostrou tão simples para os editores. Nem todos os números posteriores contaram com páginas de publicidade e o aumento do número de páginas prometido não se cumpre totalmente⁶⁷⁷. A maioria dos números continuou com 16 páginas ao longo do ano de 1906. É possível que neste primeiro momento, a revista tenha encontrado dificuldades em atrair anunciantes para uma publicação infantil. A criança ainda não era o foco principal da publicidade, o que não demorou muito a ocorrer. É preciso salientar que a publicidade brasileira ainda dava seus primeiros passos e sequer existia como atividade profissional reconhecida. A publicidade voltada para um público específico, como o infantil, era, então, um campo aberto a experimentação. Enquanto a publicidade de artigos infantis não deslanchava, os anúncios se dirigiam a um possível público adulto, formado pelos pais e

676 *O Tico-Tico*, 17 de janeiro de 1906, Nº 15, Ano II.

677 A partir do número 20, de 21 de fevereiro de 1906, a revista volta a ter 16 páginas, sem as páginas a mais de anúncios, que passam a ser esporádicas.

familiares das crianças leitoras.

Boa parte dos artigos anunciados era voltado a esse público leitor estimado, sobretudo às mães, a quem se esperava que a preocupação com a leitura dos filhos as fizessem ao menos folhear as páginas, podendo, por isso, se tornar potenciais consumidoras da revista infantil. As empresas investiam em anúncios atrativos aos pequenos, com ilustrações e uso dos personagens da própria revista como “garotos-propaganda”, para atrair as crianças mesmo quando os produtos não eram a eles dirigidos. Imaginavam que, dessa forma, eles pudessem sugerir o consumo dos produtos que viam aos seus pais. E assim se estabelecia uma publicidade que nos primeiros números contava com medicamentos, produtos de higiene e beleza, farinha, cafés no centro da cidade, lojas de roupas e sapatos. Poucos produtos diretamente voltados para o consumo das crianças, apesar da tentativa dos anúncios de manter diálogo com a infância.

Outra dificuldade encontrada pelos editores foi a de manter a promessa de que os anúncios não tomariam as páginas da revista, sendo publicados em páginas à parte e em outro formato. No número seguinte ao anúncio do acolhimento de publicidade, a revista já estampava na parte inferior ou superior da página slogans dos “Sabonetes de Reuter”. No mesmo formato, logo aparecem também os anúncios da Drogaria Pacheco, do remédio Boro Boracica e dos Sabonetes New York⁶⁷⁸. No número 51, um anúncio da atração Ferro Carril Asiático aparece com destaque na página 6, ao lado de *A arte de formar brasileiros*, importante seção da revista. É possível que, neste caso, os editores não interpretassem o anúncio como publicidade e sim como um convite para que as crianças e seus pais visitassem o barracão da Avenida Central, onde se exibia a viagem à “Terra Santa”. Neste sentido, ele cumpria a ideia de ser interessante para as crianças.

Não era incomum que a publicidade se confundisse com material publicado na própria revista. Isso ocorreu, sobretudo, com os anúncios dos primeiros números, em que as peças publicitárias procuraram interagir com os leitores através dos personagens, de histórias curtas e grandes ilustrações, muitas vezes elaboradas pelos próprios artistas da revista. É o caso, por exemplo, da propaganda das Águas Caxambu da imagem abaixo.

⁶⁷⁸Os anúncios destes produtos apareceram ainda no ano de 1906. Nos anos seguintes, outros anúncios seguiram este mesmo padrão.

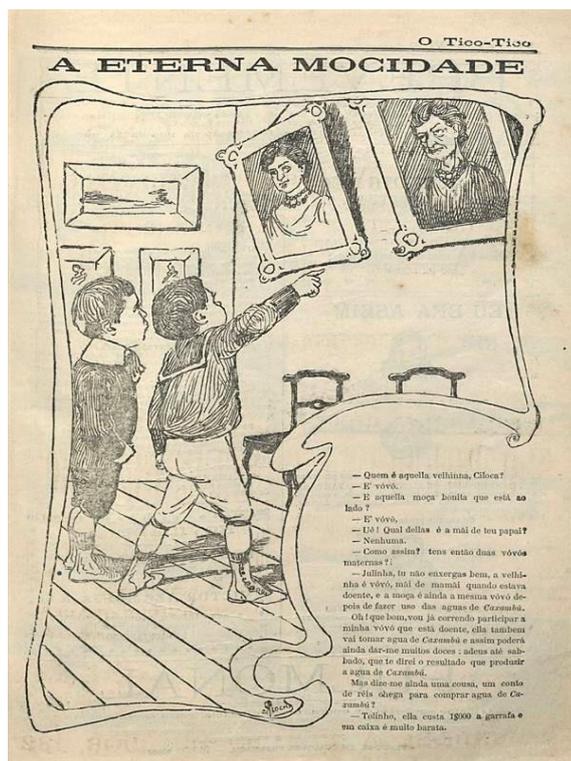


Imagem 54: Propaganda das Águas Caxambu
 O Tico-Tico, 07/02/1906, Nº 18

A ilustração de Augusto Rocha⁶⁷⁹, que também ilustrava histórias para O Tico-Tico, ocupava a página inteira e se confundia com facilidade com um conteúdo qualquer da revista. O anúncio, que conta até com um título, como em uma das histórias da revista, funcionava como um mistério ou uma surpresa para o leitor, que só poderia ser desvendado com a leitura do conteúdo da história. Este anúncio, como outros que seguiram o mesmo estilo, contava com uma ambiguidade, ele só revelava o produto aquele que participa da história que lê. Mesmo que o anúncio não fosse dirigido à criança, esperava-se que ela interagisse com ele, talvez recontando a história aos seus pais ou passando a eles a informação que revelava.

Na história, o menino mostra ao seu amigo duas fotos de sua avó. Na primeira ela aparece jovem e na segunda já idosa. Ele explica que na segunda fotografia ela estava doente e a primeira foi após tomar a Água Caxambu, que a fez rejuvenescer. Anúncios como este foram bastante frequentes na revista não apenas neste primeiro ano de publicação de anúncios. Eles se diferenciavam por inaugurarem um diálogo direto com o público infantil e

⁶⁷⁹Infelizmente dispomos de poucas informações biográficas sobre Augusto Rocha. Foi caricaturista e ilustrador, especialista em ilustração de animais. Começou a trabalhar em *O Tagarela*, em 1902, depois foi para a revista *O Malho* e *O Tico-Tico*.

por servir aos interesses da revista, na medida em que os editores esperavam que os anúncios não apenas vendessem produtos, mas fossem interessantes e agradáveis, nem que visualmente, às crianças. Mesmo com a publicidade havia a possibilidade dos consumidores da revista praticarem a leitura e exercitarem o olhar pelas imagens.

A publicidade infantil procurava uma interface com a literatura voltada às crianças. O apelo visual e emocional era uma das estratégias para conquistar o público infantojuvenil. Mesmo que o produto não fosse voltado ao seu consumo, a utilização de personagens e ilustrações conhecidas pelas crianças facilitava a identificação do produto ou marca com o imaginário infantil. Os anúncios utilizavam também outras estratégias para conquistar a criança, como o humor, o jogo, o mistério, o desafio, elementos presentes também na literatura infantojuvenil⁶⁸⁰. Os anúncios da revista testavam a adesão de seu público leitor a partir de elementos conhecidos e disponíveis para eles na própria publicação.

Se havia a expectativa por parte dos editores de que a publicidade não prejudicasse as crianças, divulgando hábitos saudáveis, também não foi possível cumprir inteiramente com esse compromisso. Logo no número 18, a revista publicou dois anúncios de cigarros da Tabacaria Santa Rita e outro de página inteira da Grande Fábrica de Cigarros e Fumos do Globo. Este segundo caso é curioso. O ilustrador, provavelmente J. Carlos, desenha uma série de crianças fazendo uma roda em volta do anúncio. Na parte inferior da página, fora da ilustração, lê-se: “Vamos todos fazer roda a este anúncio para que ninguém o veja. Vamos!”⁶⁸¹. Percebe-se que o ilustrador procurou pensar em uma estratégia para a publicação de anúncios deste tipo na revista, indicando que, apesar da aparente naturalidade com que publicaram propagandas de cigarros nesta edição, havia uma preocupação de que não fossem bem recebidos pelo público. A estratégia, no entanto, não tinha como dar certo, já que a roda de crianças ajudava a chamar a atenção do público infantil para o anúncio.

680SOUZA, Livia Silva de; BAADER, Cinira. Estudos mediáticos da publicidade infantil: proposta de análise do discurso publicitário na interface com o discurso literário. **Revista Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.55-69, jan. 2011. P. 62.

681O *Tico-Tico*, 7 de fevereiro de 1906, Nº 18, Ano II.

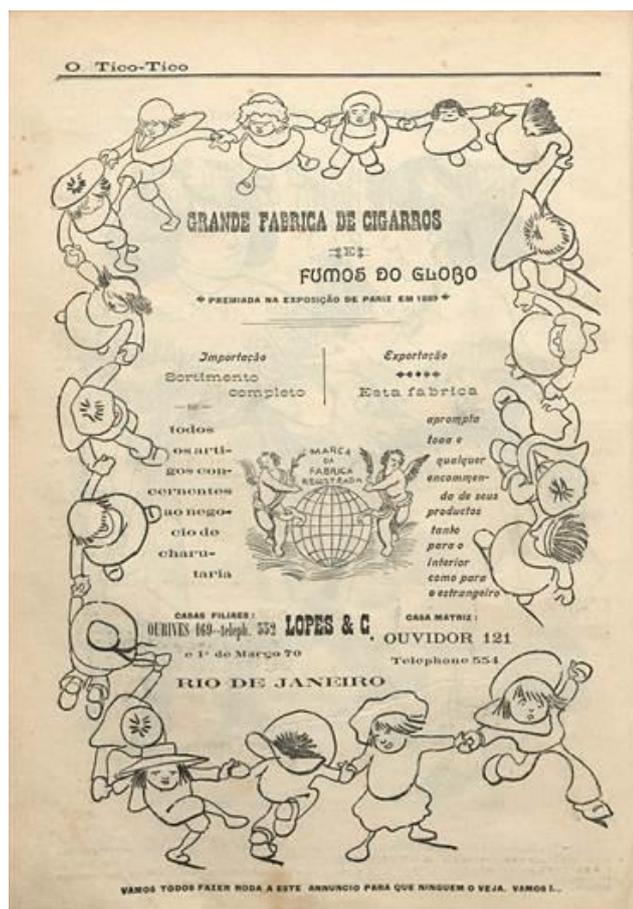


Imagem 55: Propaganda de cigarros
O Tico-Tico, 07/02/1906, Nº 18.

Na Gaiola d’O Tico-Tico do número 20⁶⁸², uma criança questiona o editor sobre o anúncio. Infelizmente não sabemos ao certo qual foi a pergunta feita pelo leitor, mas pela resposta é possível perceber a saia justa do editor e a falha da estratégia no anúncio. A resposta dizia: “Pois o menino não percebeu o que diziam os petizes que estavam ao redor do anuncio? Faziam roda para o anuncio não ser visto, o que significava que um menino não deve nem póde fumar!”. A resposta indica ao leitor que havia uma maneira correta de ler o anúncio, sinalizando a necessidade de interpretá-lo, assim como os conteúdos habituais da revista. É possível que a carta do leitor não tenha sido a única crítica recebida pela redação. Alguns números depois a revista publicou um texto na seção “O que os meninos não devem fazer” sobre o fumo⁶⁸³. No texto explicavam os males do cigarro e mostravam como ele poderia ser especialmente danoso para o organismo da criança.

682O *Tico-Tico*, 21 de fevereiro de 1906, Nº 20, Ano II.

683O *Tico-Tico*, 13 de junho de 1906, Nº 36, Ano II.

Outra promessa da revista ao acolher anúncios foi de que a publicidade seria também uma outra maneira de interagir com as crianças, através de novos concursos e prêmios. Além da Casa Colombo, que como foi citado, dava assinaturas das revistas do grupo O Malho para os consumidores em suas lojas, outros anunciantes prometiam premiações aos consumidores. Logo no primeiro número com a publicação de anúncios, o dentifrício Odol lançou um “concurso extraordinário” com o apoio da revista, que prometia dar 100 frascos de Odol aos leitores que enviassem à redação a solução de um problema. Neste caso, o anunciante não escondia que o objetivo era tornar o produto conhecido pelos leitores. Os concursos eram uma grande oportunidade para as empresas se tornarem conhecidas entre o público, estimulando o consumo de seus produtos pelos leitores da revista. A farinha Manah, em 1909, por exemplo, chegou a oferecer prêmios em dinheiro aos ganhadores do concurso⁶⁸⁴

Alguns prêmios pareciam bastante atraentes ao público infantil, como os concursos realizados pela Nestlé. No primeiro, ainda em 1906, os meninos e meninas deveriam escrever a solução do concurso em um rótulo de farinha láctea e enviar a redação da revista O Tico-Tico. Elas deveriam tentar adivinhar o horário marcado em um relógio lacrado dentro de uma lata. Os prêmios iam de caneta com pena de ouro a relógios, e até um carro para crianças vindo de Paris⁶⁸⁵. Ao que parece o concurso foi um sucesso, com cerca de 1000 respostas, e foi grande a expectativa para a abertura da lata, que ocorreu em 19 de abril, às 10:30, na agência da fábrica da Nestlé, na Rua São José, 77⁶⁸⁶. Na ocasião, o ganhador do relógio de ouro foi um leitor de Diamantina, Minas Gerais. Além de tornar seu produto conhecido entre os leitores, a empresa ajudava a alavancar o consumo da farinha láctea, já que cada solução enviada à redação deveria ser acompanhada de um rótulo do produto que, provavelmente, seria consumido pela família.

A Nestlé foi uma das empresas com a publicidade mais agressiva na revista. Além de concursos, que costumavam sair no natal, ela costumava dar brindes a colecionadores de rótulos e realizar sorteios com o apoio da publicação. No natal de 1920⁶⁸⁷, a empresa voltou a promover um concurso, que além de prêmios, prometia aos leitores consumidores de farinha láctea e Leite Moça, uma farta distribuição de bombons àqueles que não ganhassem o concurso. Na ocasião, o anunciante também lançava outra ação, com a doação de livros à

684 *O Tico-Tico*, 27 de outubro de 1909, Nº 212, Ano V.

685 *O Tico-Tico*, 4 de abril de 1906, Nº 26, Ano II.

686 *O Tico-Tico*, 23 de maio de 1906, Nº 33, Ano II.

687 *O Tico-Tico*, 8 de dezembro de 1920, Nº 792, Ano XV.

revista para que fossem distribuídos às mães de leitores. Os livros em questão comentavam sobre a necessidade de que a mãe cuidasse da saúde e higiene de seus filhos. A revista saudava o espírito filantrópico da empresa na promoção de uma ação que visava o bem da infância:

Num país como o nosso, onde a infância e os problemas que lhe dizem respeito, pouca ou nenhuma atenção merecem dos poderes públicos, uma iniciativa generosa como esta prestará, incontestavelmente, um valioso serviço á nossa população, sobretudo às jovens mães inexperientes⁶⁸⁸.

Com esse tipo de ação, a empresa buscava colar a marca a uma preocupação com a saúde infantil. O leite Moça, por exemplo, era vendido como “garantia de saúde e robustez para a infância” e a farinha láctea ideal para crianças e pessoas “convalescentes”. Os anúncios frequentemente ainda vinham acompanhados de receitas para tornar os produtos ainda mais agradáveis ao gosto das crianças. A publicidade da Nestlé foi frequente na revista até o fim da década de 1920, mas ainda aparece com promoções mais esporádicas até a década seguinte. Em um dos últimos concursos, realizado em 1936, a empresa chegou a oferecer uma bicicleta como prêmio principal⁶⁸⁹.

Boa parte dos anúncios da revista, em especial durante as primeiras duas décadas, era de produtos de saúde e higiene. Remédios para o fortalecimento dos músculos, xaropes, tônicos para as crianças engordarem, laxantes, remédios para evitar o alcoolismo, se misturavam entre as páginas de quadrinhos, concursos, histórias infantis. Muitas vezes esses anúncios ganhavam espaço destacado na revista, com histórias curtas que falavam de sua importância na vida cotidiana da família ou com imagens que mostravam o seu consumo por ela. A presença constante desses produtos nos anúncios mostra a importância que as famílias pertencentes as classes médias davam a saúde, assim como a presença maciça de produtos de higiene, como sabonetes, anticépticos, cremes para o corpo da mulher, mostram também uma grande preocupação com o asseio e com a limpeza, característicos de tempos de crença no higienismo.

Corpos saudáveis, crianças robustas, livres de fraquezas e moléstias era a imagem perfeita do futuro cidadão que se buscava construir, em contraposição ao Jeca Tatu, não

688Id.

689O *Tico-Tico*, 10 de junho de 1936, Nº 1601, Ano XXXI.

aquele incapaz de evoluir pela marca da raça, mas aquele que Monteiro Lobato mostra condenado pela doença, pelo descaso com a saúde, pela falta de higiene⁶⁹⁰. Os anúncios são repletos de imagens que mostram pessoas fracas, doentes, sendo regeneradas pela ação dos medicamentos. Mulheres com a aparência envelhecida, milagrosamente rejuvenescem com apenas um frasco das águas milagrosas. Essas imagens potentes, fortes, dramáticas, eram características da publicidade deste tipo de produto na primeira metade do século XX. Ao contrário dos dias atuais em que os corpos são sempre belos, não há dor, e mesmo o uso de medicamentos é fruto de prazer, os anúncios na revista não hesitavam em mostrar a realidade “crua e ameaçadora”⁶⁹¹. Afinal de contas, os anúncios também cumpriam um papel pedagógico, educativo, buscando passar uma sensação de veracidade, de reprodução de problemas reais e cotidianos que, no entanto, poderiam ser facilmente resolvidos através do consumo dos produtos criados pela ciência médica.

A partir da década de 1930, a publicidade ganha espaço mais determinado na revista, ocupando as primeiras e as últimas páginas da publicação. O uso mais racional das páginas para a publicação dos anúncios tem a ver com outra noção de consumo, não apenas dos produtos oferecidos pelos anunciantes, mas da própria revista pelos leitores. Se anteriormente valorizava-se a interação dos anúncios com a revista, esse novo tipo de organização acabava dando destaque aos anúncios, na medida em que esse era o primeiro e o último conteúdo visto pelos leitores ao folhearem o periódico. Somente o quadrinho *Desventuras de Chiquinho*, que tradicionalmente era publicado na última contracapa permanece neste lugar de destaque. A única interação dos anúncios se dava com os concursos da revista, já que alguns desses anúncios também aproveitavam o espaço para lançar concursos aos consumidores.

Havia, no entanto, exceções dentro dessa estrutura com as publicações da própria empresa. Os Almanques d’O Tico-Tico, e eventualmente da revista O Malho, ganhavam lugar de destaque em anúncios de página inteira nos primeiros e últimos números do ano. A

690 André Vieira de Campos mostra uma mudança no discurso de Monteiro Lobato sobre seu personagem O Jeca Tatu. Até 1919, o autor estaria marcado pelas leituras das teses racistas do século XIX, o que o fazia caracterizar seu personagem como passivo, preguiçoso, ignorante, incapaz de evoluir, progredir por fatores biológicos, hereditários. Como síntese da nacionalidade brasileira, com Jeca Tatu, Lobato decretava a impossibilidade do progresso do país. Após 1919, no entanto, se afasta destas concepções que pensam o atraso brasileiro como um problema de raça, passando a pensar a nacionalidade brasileira a partir de uma nova organização médica higienista e da disciplina do trabalho. O Jeca Tatu é remodelado, sendo seu progresso possível pela ação higienista e pela ética e organização do trabalho. CAMPOS, André Luiz Vieira de Campos. **A República do Picapau Amarelo**: ma leitura de Monteiro Lobato. São Paulo: Martins Fontes, 1986. P. 36.

691 SANT’ANNA, Op. Cit., P. 15.

revista Cinearte, em especial o Cinearte Álbum, também uma publicação anual, eventualmente apareciam em anúncios em páginas no meio da revista, ou em slogans do tipo “Leiam Cinearte”, “Toda moça quer ler o Cinearte-Album” nas partes inferiores e superiores das páginas. O mesmo ocorria com *Ilustração Brasileira*, *Moda e Bordado*, *Arte de Bordar* e *Anuário das Senhoras*. Os livros da coleção *Biblioteca Infantil d’O Tico-Tico* também costumavam aparecer em slogans ou em páginas no interior da publicação.



Imagens 56 e 57: Propagandas do Cinearte Álbum e de livro da Biblioteca Infantil d’O Tico-Tico O Tico-Tico, 18/02/1931, Nº 1324 e 03/05/1933, Nº 1439

O espaço reservado na revista para as publicações da empresa aumentou consideravelmente após os anos 1930. Ao lado dos anúncios habituais de produtos de saúde e higiene, como a Camomilina, o Elixir Nogueira, Emulsão Scott, Eucalol, Pílulas Virtuosas, apareciam as demais publicações da empresa O Malho que, em sociedade com a Editora Pimenta de Mello, aumentou bastante seu universo de impressos. Por ser consumida não apenas pelas crianças mas por toda a família, em especial pelas mães, as publicações em destaque na revista infantil eram, principalmente, aquelas voltadas para o público feminino, como *A arte de bordar*, *Moda e Bordado* e *Anuário das Senhoras*. Estas publicações ofereciam modelos de roupas para o público feminino, mas também para as crianças. O Tico-Tico também aproveitava o espaço da revista para publicar moldes de roupas infantis ajudando a fazer referência a publicação específica do grupo. Além destas publicações, a empresa

também tinha publicações de caráter esporádico, como álbuns com edições especiais para enxovais de bebê, noivas, lingerie bordada, com moldes de pontos de cruz e filet, também anunciados na revista infantil. A empresa começava a investir nas publicações voltadas ao público feminino e O Tico-Tico era um espaço privilegiado para esses anúncios.

Quando se torna um mensário a partir de agosto de 1941, os anúncios praticamente desaparecem da revista. Apesar do grande número de páginas que passa a publicar, entre 45 e 50, os anúncios que permanecem na revista passam a ser esporádicos, como os dos medicamentos Kolatol, Codeinol, Juventude Alexandre, Elixir de Inhame e Pílulas virtuosas. Eles também não tem mais um espaço reservado nas primeiras e últimas páginas, podendo aparecer também nas páginas centrais da revista. Anúncios de espaços de diversão da cidade, como cafés, cinemas e teatros, mais frequentes durante a Primeira República, também não aparecem nesse período. A exceção são os anúncios de livrarias e coleções de livros infantis, que também se tornam eventuais.

Os mais comuns continuavam sendo os anúncios das publicações d'O Malho, ainda que também não tivessem o mesmo fôlego da década anterior, o que mostra que, apesar da renovação gráfica apresentada pela revista infantil nessa nova fase, a empresa não vivia seu momento de maior êxito. Nos anos 1950, a empresa ainda tentou se reerguer com a publicação de novas revistas infantis: Cirandinha, Tiquinho e Pinguinho. Elas eram anunciadas em O Tico-Tico, inclusive o anuário de Tiquinho, que das três foi a mais longeva, circulando de 1950 a 1961. Havia a expectativa que a revista mais tradicional do grupo O Malho naquele momento ajudasse a alavancar essas novas publicações, o que parece só ter se efetivado com Tiquinho.

5.3 Os concursos: interação e atividade educativa

Já no primeiro número, os editores se dirigem aos leitores explicando que os concursos fariam parte do cotidiano da revista, marcando uma das formas de relação entre os dois. Como já foi apontado no primeiro capítulo, a realização de concursos já era prática na revista O Malho e funcionava como uma estratégia para consultar seus leitores sobre variados assuntos. O primeiro concurso da nova publicação infantil chamado de “Que é que o menino quer ser” foi iniciada ainda em O Malho como forma de verificar o interesse e as expectativas do

público com a nova publicação, uma das primeiras experiências de segmentação da empresa.

Através desse primeiro concurso, a revista comunicava aos leitores seu interesse em servir não apenas como uma publicação voltada ao entretenimento das crianças, mas comprometida com a formação moral de homens e mulheres para o futuro. Nesse sentido, declaram que o concurso seria um importante instrumento para conhecer a verdadeira inspiração dos participantes: “o menino, ao dizer o que deseja ser, e pela maneira por que o disser, revelará suas tendências, o seu animo e seu valor”. Complementam mais a frente que “o espírito e as aspirações” dos pequenos leitores ajudariam a revelar as possibilidades futuras do país: “já nós poderemos calcular o que será o Brasil de amanhã, já poderemos prever se essa nova geração que ahi vem apontando terá a seiva e os ideais capazes de conduzirem esta grande pátria ao futuro que sonhamos brilhante”⁶⁹².

Alguns concursos da revista tinham objetivos semelhantes a esse, conhecer os leitores, saber de seus interesses, seus objetivos, como se viam e como se imaginavam no futuro. Como no concurso lançado no início do segundo ano de publicação, em que os editores queriam saber “Que é o que o menino ou a menina mais desejam no novo anno de 1906?”⁶⁹³. As respostas selecionadas pelos editores tinham tom patriótico, mostrando aos leitores como eles construíam a ideia de infância e como esperavam que fosse o padrão das respostas nos futuros concursos do gênero. Reforçam essa leitura ao afirmar em comentário sobre o concurso que “a maioria das respostas vibra de patriotismo: – o que os meninos e as meninas mais desejam em 1906 é o progresso e a felicidade do Brasil”⁶⁹⁴.

Os concursos logo se estabeleceram como uma seção das mais populares da revista. Eles começaram a ser assunto constante na seção de cartas, tanto entre os leitores que por motivos diversos não tiveram suas soluções contempladas, como por aqueles que queriam propor assuntos para os concursos futuros. Isso, aliás, não era incomum. Os editores costumavam usar ideias dos próprios leitores para compor os concursos, o que mais uma vez dava protagonismo às crianças, difundindo a ideia de que eles faziam a revista junto com os editores adultos. Outro fator que mostra a importância que a seção vai ganhando na revista é a presença de logotipos ilustrados. Em 1910, a seção ganha dois logotipos, primeiro de

692O *Tico-Tico*, 11 de outubro de 1905, Nº 1, Ano I.

693O *Tico-Tico*, 3 de janeiro de 1906, Nº 13, Ano II.

694O *Tico-Tico*, 31 de janeiro de 1906, Nº 17, Ano II.

Kalixto⁶⁹⁵, depois substituído pelo de Yantok⁶⁹⁶. Em 1917, o logotipo é novamente substituído por outro feito por Ivan⁶⁹⁷. No número 818, de 1921⁶⁹⁸, o logotipo é novamente abandonado pelo título em letras desenhadas em estilo *art nouveau*. Em 1928, surge um logotipo ilustrado com um macaco observando um catavento. Esse permanece até 1931, quando é novamente modificado. O macaco permanece, mas, em vez de brincar com um catavento, ele lê um livro⁶⁹⁹. Em 1934, ele é substituído por uma esfinge⁷⁰⁰, que continua sendo a ilustração base do novo design do logotipo de 1941⁷⁰¹ e que permanece na seção até o início da década de 1950.

A cada número era publicado o nome das crianças que enviavam soluções a redação e os respectivos ganhadores. Nos concursos mais populares, destinavam cerca de duas páginas inteiras aos nomes dos participantes. Em alguns casos foi necessário publicar a lista de participantes por vários números. Inicialmente, os prêmios eram pagos em dinheiro, entregues às crianças na própria redação da revista, o que dificultava para o leitor de cidades e estados mais distantes da capital de participarem dos concursos. Era necessário mobilizar agentes em outras regiões para pagar os valores, o que criava problemas constantes. Com o tempo, os prêmios em dinheiro foram sendo substituídos por livros, entradas de cinema, brinquedos e outros produtos, que eram enviados com mais facilidade pelos Correios. Outro problema para aqueles que não moravam na capital era o extravio ou a demora na chegada da carta com a solução. Muitos leitores reclamavam na seção de cartas sobre a não publicação de seus nomes e eram advertidos sobre o atraso no recebimento das soluções.

Em alguns concursos, os editores pediam aos leitores que criassem histórias para ilustrações. As melhores narrativas eram publicadas, ensejando mais uma possibilidade de colaboração para os leitores na revista. Neste tipo de concurso, no entanto, havia muita reclamação de fraude. Os leitores denunciavam na seção de cartas que muitas das soluções teriam sido escritas por adultos. Nesses casos, os editores procuravam pedir ainda na descrição do concurso que os pais e mães zelosos evitassem interferir no concurso, deixando seus filhos revelar seu espírito através da escrita, mesmo que seus textos fossem simples,

695 *O Tico-Tico*, 16 de fevereiro de 1910, Nº 228, Ano VI.

696 *O Tico-Tico*, 9 de novembro de 1910, Nº 266, Ano VI.

697 *O Tico-Tico*, 25 de julho de 1917, Nº 616, Ano XII.

698 *O Tico-Tico*, 8 de junho de 1921, N 818, Ano XVI.

699 *O Tico-Tico*, 21 de janeiro de 1931, Nº 1320, Ano XXVIII.

700 *O Tico-Tico*, 24 de março de 1934, Nº 1485, Ano XXXI.

701 *O Tico-Tico*, setembro de 1941, Nº 1870, Ano XXXVI.

menos empolados e pretensiosos que o dos adultos.

Com o intuito de estimular os leitores a produzir textos, exercitando a prática da escrita em língua portuguesa, os editores também lançavam concursos de contos. Em 1912, o concurso convocava os participantes de até 15 anos de idade a escrever contos infantis com assuntos que remetessem a uma lição de moral⁷⁰². Os contos que mais impressionassem a redação da revista receberiam ilustrações e seriam publicados, juntamente com a fotografia de seu autor. O vencedor do concurso ainda ganharia prêmios em dinheiro e assinaturas de revista do grupo O Malho.

Concurso com objetivo semelhante foi lançado em 1930 e foi chamado de “Torneio Escolar”. Ele era exclusivo para os estudantes das escolas primárias da capital. Os participantes deveriam escrever uma composição sobre a Descoberta do Brasil. O objetivo é que exercitassem a escrita utilizando seus conhecimentos sobre a história pátria. A composição deveria ir acompanhada do nome do autor e da escola que frequentava. Os editores tinham interesse também em dar visibilidade às escolas que já apareciam com frequência nas fotografias publicadas na revista.

Em 1943, O Tico-Tico lançou uma modalidade diferente de concurso – um concurso literário para os adultos. Escritores novos ou já experientes deveriam criar histórias infantis de assuntos gerais, com fundo patriótico, folclórico ou contos voltados para o público feminino. Os mais bem colocados em cada categoria ganhavam prêmios em dinheiro. No lançamento do concurso, os editores esclarecem que o objetivo seria ajudar a dar ainda mais fôlego à literatura infantil e “colaborar na campanha de saneamento mental da Juventude Brasileira”⁷⁰³. Os vencedores do concurso tiveram suas histórias publicadas na revista no ano posterior. Como foi visto no capítulo 2, em 1940, o presidente Getúlio Vargas criou o projeto da Juventude Brasileira que tinha entre seus principais objetivos garantir a obrigatoriedade de ações de fomento para a educação moral, cívica e patriótica dos jovens brasileiros. A revista logo se alinhou ao projeto oficial e passou a divulgar a iniciativa, mesmo quando ela foi alvo de críticas. O concurso literário foi veiculado como uma iniciativa de apoio ao projeto, na medida em que buscava estimular a produção literária para crianças, com especial atenção aos textos de caráter patriótico.

É possível que a revista buscasse se juntar ao Estado nas políticas de incentivo e

702 *O Tico-Tico*, 26 de março de 1913, Nº 390, Ano VIII.

703 *O Tico-Tico*, fevereiro de 1943, Nº 1887, Ano XXXVIII.

promoção da literatura infantil nacional, iniciadas durante o governo de Vargas⁷⁰⁴. Concursos literários voltados para o público infantil ocorreram no âmbito do Conselho Nacional de Literatura Infantil⁷⁰⁵, mas, dessa maneira a revista se colocava como um protagonista informal, ditando esse tipo de ação na imprensa. Ela também não se furtava em reforçar para o público sua importância para o desenvolvimento e divulgação de uma literatura infantil genuinamente nacional, tanto nas publicações da revista, como na criação da coleção de livros da Biblioteca Infantil d'O Tico-Tico. As histórias criadas pelos autores vencedores do concurso também ajudaram a alimentar a revista, que precisava de material inédito a cada novo número, o que não deveria ser operação muito fácil. Desde a década de 1930, as colaborações de leitores diminuíram progressivamente, até que na década seguinte restaram apenas os materiais produzidos pelos leitores para os concursos.

Os prêmios dos concursos recebiam apoio de anunciantes, sendo esta também uma forma de fazer publicidade. Livros, enxoval completo, bicicletas e bonecas eram anunciados como prêmios nos concursos acompanhados de suas marcas e lojas apoiadoras dos concursos. No Grande Concurso de Natal, do ano de 1922⁷⁰⁶, por exemplo, declaravam como prêmio uma matrícula gratuita por três anos no *Gymnásio Anglo-Brasileiro*, localizado na Praia do Vidigal, no Leblon. O concurso era seguido de uma página de *armar*, que representava a bela vista do colégio. Nesse caso, parece que o concurso servia a dois propósitos: dar visibilidade ao colégio, tornando-o conhecido pelos leitores da revista, que podiam admirar sua bela vista e instalações, e servir aos propósitos da revista que reforçava, dessa forma, sua preocupação com a educação dos leitores. Um prêmio como esse em um concurso de natal, um dos mais populares e esperados da revista, era perfeito para a publicação reafirmava seu compromisso educativo.

Outro caso curioso ocorreu em 1928, no Grande Concurso de São João⁷⁰⁷, outra data tradicional para os concursos de grande porte da revista. Neste concurso, os editores prometiam 86 prêmios que seriam distribuídos por sorteio público. Os prêmios eram bastante atraentes para as crianças, como uma estrada de ferro elétrica, locomotivas, máquina de

704 Em 1936 é criado o Conselho Nacional da Literatura Infantil pelo então Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Além dessa iniciativa, que tinha como objetivos principais realizar um levantamento das obras infantis nacionais, promover a literatura infantil e elaborar um plano de bibliotecas infantojuvenis no país, o ministro também criou o Instituto Nacional do Livro, em 1937, e a Comissão Nacional do Livro Didático, em 1938. Estas instituições também planejavam ações voltadas para o público infantojuvenil.

705 GOMES, Angela de Castro. Op. Cit, 2008. P. 218.

706 *O Tico-Tico*, 8 de novembro de 1922, Nº 892, Ano XVII.

707 *O Tico-Tico*, 14 de março de 1928, Nº 1171, Ano XXIII.

costura, vitrolas e aparelhos cinematográficos, segundo os editores, todos adquiridos na Alemanha. Mas o interessante, neste caso, era o primeiro prêmio: um terreno de “10 metros de frente por 40 de fundo” em São João de Meriti, estado do Rio de Janeiro. O terreno era oferecido pela empresa de terrenos e construções “Lar Econômico” de Farrulla & Cia Ltda. Ainda que a cidade de São João de Meriti fosse uma parte distante e, como afirmaram na revista, “pitoresca” do estado, não deixa de ser atraente ter a possibilidade de ganhar por sorteio um terreno distante há cerca de 50 minutos da capital. Para convencer os leitores, a revista publicou uma fotografia com um panorama da cidade. Esse não foi o único caso em que a revista oferecia prêmios eram curiosos. Outros concursos ofereceram, por exemplo, apólices de seguro de vida e até um burro com arreios. A fotografia do animal foi, inclusive, publicada com destaque na revista⁷⁰⁸. O “concurso do burrico arreado” acabou se tornando tão popular que o burro acabou se tornando personagem de uma história do quadrinho de *As Aventuras de Chiquinho*⁷⁰⁹.

Casos como esses mostram a diversidade dos prêmios oferecidos, que iam de livros e assinaturas da própria revista à grandes e curiosos prêmios. Também nos ajudam a compreender a relação da revista com uma ampla cadeia de anunciantes, interessados em divulgar suas empresas e produtos entre um público formado em sua maioria pela classe média burguesa. Os concursos de São João costumavam ser concursos grandiosos, com prêmios mais generosos, assim como os do Natal e das férias. Os sorteios, que contavam com a participação de crianças costumavam ocorrer no salão da Associação Brasileira de Imprensa ou na Associação dos Empregados do Comércio, geralmente com a participação de um fiscal do governo para garantir a lisura do processo.

708 *O Tico-Tico*, 17 de Janeiro de 1934, Nº 1476, Ano XXXI.

709 *O Tico-Tico*, 14 de março de 1934, Nº 1484, Ano XXXI.

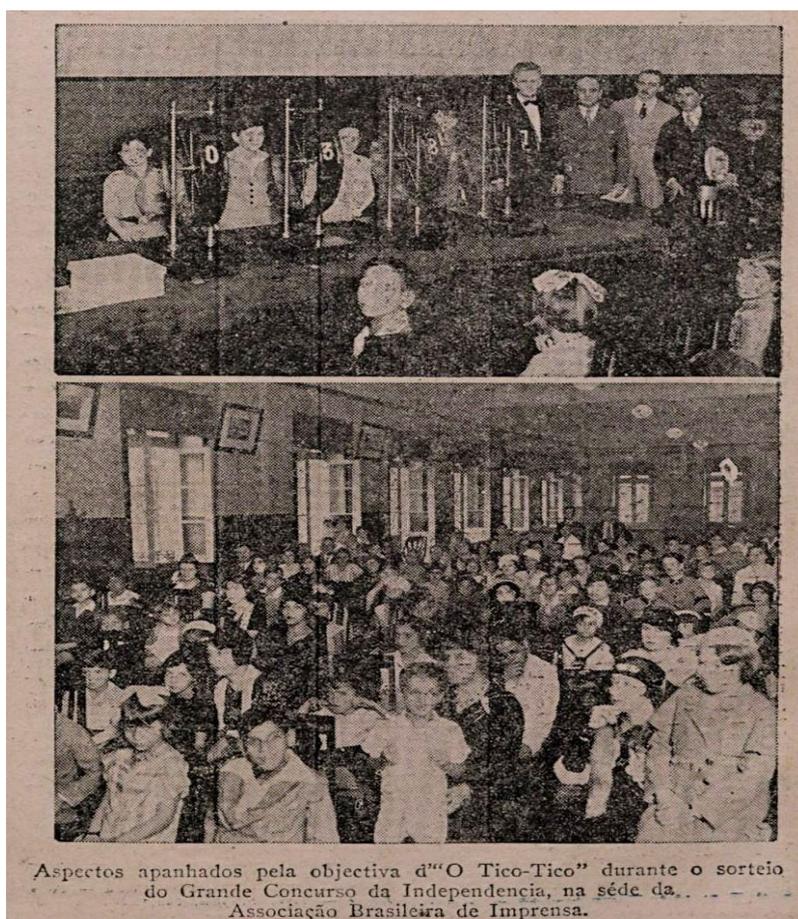


Imagem 58: Fotografia do sorteio do Grande Concurso de Independência de 1933. O Tico-Tico, 11/10/1933, Nº 1.462.

Em 1935, ocorreu o Grande Concurso Patriótico, que prometia um grande número de prêmios aos participantes. Esse concurso aproveitava de um lado a verve educativa da revista, e de outro o clima cívico-patriótico característico da cultura política varguista. Neste primeiro concurso, os concorrentes deveriam montar um álbum chamado “Quadros da nossa pátria” com ilustrações sobre a história do Brasil e cupons que vinham espalhados nos números das revistas. Essas ilustrações eram de autoria do artista Seth⁷¹⁰ e reproduziam passagens da história do Brasil. Segundo a revista, este esforço do artista em reproduzir cenas históricas teria se iniciado há cerca de 20 anos, em parceria com Manoel Bomfim. O artista teria retomado o projeto especialmente para o novo concurso da revista. Os editores também

710Os álbuns da coleção Seth eram constantemente anunciados na revista. O objetivo desses álbuns seria oferecer conhecimentos de história, geografia e de outras disciplinas escolares através de imagens.

ressaltam que o álbum teria passado pela aprovação dos departamentos de educação do Distrito Federal e de São Paulo⁷¹¹, mostrando que a revista mantinha relações próximas com as principais autoridades educacionais do país e que elas davam respaldo à realização do concurso.

Para garantir a adesão ampla das crianças, os editores chamavam os professores a aderir ao concurso divulgando e estimulando a participação dos estudantes. É importante lembrar que a revista era utilizada como material de apoio por professores em sala de aula e que, por isso, se considerava que os professores também eram leitores da publicação infantil. Os editores ressaltavam que o objetivo principal do concurso não era apenas entreter as crianças, mas principalmente estimular seu patriotismo. Também sublinhavam seu desejo de levar instrução aqueles que não poderiam pagar por uma boa escola e, por isso, anunciavam a parceria com o Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro, que daria como primeiro prêmio uma matrícula no internato por cinco anos⁷¹². Assim como ocorreu no concurso cujo prêmio era a matrícula no Ginásio Anglo-Brasileiro, o concurso servia para dar publicidade ao colégio de referência na capital. O sorteio do concurso foi realizado em 21 de dezembro de 1935, com a presença do fiscal Amaro Abdon, na Associação de Empregados de Comércio.

Além do concurso descrito acima, outros concursos cívicos ocorreram na revista: como o Grande Concurso Brasil⁷¹³, patrocinado pela empresa anunciante da Emulsão Scott, que dava ao ganhador uma matrícula em qualquer escola do Brasil a escolha da criança, o Concurso de escudos e bandeiras do Brasil⁷¹⁴, os concursos da Independência⁷¹⁵, o Concurso Grandes Vultos do Brasil⁷¹⁶, patrocinado pelo sabonete e creme dental Eucalol, Concurso Cívico⁷¹⁷, Concurso Naval d'O Tico-Tico⁷¹⁸, Concurso das Estrofes Patrióticas⁷¹⁹, Concurso O Dia da Pátria⁷²⁰ Todos esses concursos eram oficializados pelo Departamento de Educação dos estados e do Distrito Federal e recomendado por associações educacionais, que reconheciam sua validade na vulgarização da história pátria e na difusão do espírito patriótico

711O *Tico-Tico*, 6 de maio de 1936, Nº 1596, Ano XXXIII.

712O *Tico-Tico*, 29 de abril de 1936, Nº 1595, Ano XXXIII.

713O *Tico-Tico*, 29 de maio de 1935, Nº 1547, Ano XXXII.

714O *Tico-Tico*, 2 de dezembro de 1936, Nº 1626, Ano XXXIII.

715Concursos da Independência foram lançados em dois momentos na revista, em 16 de julho de 1930, Nº 1293 e em 12 de julho de 1933, Nº 1449.

716O *Tico-Tico*, 16 de agosto de 1939, Nº 1767, Ano XXXV.

717O *Tico-Tico*, 22 de janeiro de 1941, Nº 1842, Ano XXXVI.

718O *Tico-Tico*, 19 de março de 1941, Nº 1850, Ano XXXVI.

719O *Tico-Tico*, 9 de abril de 1941, Nº 1853, Ano XXXVI.

720O *Tico-Tico*, julho de 1942, Nº 1880, Ano XXXVII.

entre as crianças e jovens. Esses concursos patrióticos foram mais comuns entre os anos 1930 e 1940 e coincidiu com o período de governo do Presidente Getúlio Vargas, momento em que esse tipo de atividade era não apenas valorizada, como também estimulada. Após 1945, os concursos continuaram fazendo parte da dinâmica da revista, em especial os concursos de Natal e concursos escolares, que buscavam mobilizar professores e estudantes.

Apesar da gama variada de concursos, educativos, patrióticos e literários, o mais comum era que funcionassem também como jogos e passatempos para os leitores. Montar um dominó, achar palavras escondidas, desembaralhar figuras, adivinhações eram algumas das formas mais comuns assumidas pelos concursos. Os registros deste tipo de interação no acervo trazem surpresas interessantes que mostram, de um lado, como o arquivo é composto a partir de coleções de leitores, que revelam suas experiências privadas com a revista. Por outro lado, nos ajuda a perceber como as crianças leitoras se apropriavam e consumiam a revista, recortando, desenhando, escrevendo na publicação, sem a formalidade que exigia, por exemplo, o livro ou o material escolar. Dada a efemeridade do suporte, o consumo da publicação pela criança podia ser mais livre de cerimônia mais lúdico e instintivo.

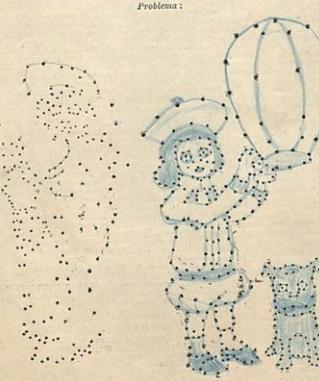
O Tico-Tico

MISSAO HONROSA

Ainda que fosse mais uma vez esquecida pela sorte, a que tanto fugiu-lhe, torpon-se digna de menção particular a nossa assistente e insistentíssima leitora e colaboradora Aracy Flores e o bom trabalho que mandou como solução do nosso concurso n. 146, cujo resultado publicamos logo. Felicitamos a por mais esse sucesso.

CONCURSO DE S. JOÃO E S. PEDRO N. 155
PARA A RAFAELADA D'ESTA CAPITAL E ESTADOS PROXIMOS

Problema:



Muito simples e muito engraçado. Vejamos: É preciso que os caminhos obedecendo a indicação desses pontos, assim profusamente esparsos nesse *chick*, obtenham o desenho de tres figuras muito conhecidas e muito queridas de todos os leitores dos *O Tico-Tico*.

Os premios reservados para o sortido, são oito, os quezes listaram assim constituídos:

1º premio 15000
2º premio 10000
3º premio 10000

4º premio: um baldo de papel de seda, representando a figura do *terrestre* *Chiquinho*, oferecida pelos Srs. Paulino A. Pereira, & Irmão, proprietários da Casa Paulino, em S. Paulo.

5º premio: uma linda coleção de cartões postais, oferecida pela menina Nereia Ribeiro.

6º premio: um baldo de papel de seda, representando a figura de nossa valente *Assandá*, oferecido pelos mesmos Srs. A. Pereira & Irmão.

7º premio: um lindo brinquedo que oferece os Srs. Henry Lombarde & C., proprietários da Maison Rose e que consta de um interessante jogo denominado *A primeira de sorte*, onde os nossos estudantes amiguinhos terão occasião de conhecer um pouco de geographia de terras até então quasi inexploradas e que se tornaram famosas pelas bellas surpresas descobertas apenas ha meia dúzia de annos. Compõe-se o brinquedo de uma caixa contendo bella carta geographica de parte da Canada e do Territorio do Alasca, e onde estão pontilhados os diversos caminhos maritimos, fluviaes e ter-

restres que conduzirão os jogadores á cidade do ouro, a celebrada Klondike, e trar mais vapores, boates, tendas para acampamento, dadas e bilhetes de passagem. Depois da sorte, que indicará qual o caminho que o viajante-ministre tomará, cauecena as respectivas do jogo, que entrarão a se memos com que difficuldade se chega á quasi inaccessivel terra aurifera. A viagem por mar tem o encontro de tempestades nevoeiros, tempestades de neve, e temozos pelias diabulantes; os que viajam nos rios têm a difficuldade dos naufragios nas passagens das cascadas, e a impossibilidade de seguir navegando as difficuldades que getão de um momento para outro; em terra apparecem as grandes distancias inabitadas e sem recurso algum, e os amontoados de neve onde se delatam, sem poder proseguir, os viajantes.

Para os amiguinhos calcularem as difficuldades que tiveram de superar os primeiros mineiros americanos que foram por terra, através do Canada, até pelo mar de Bhering, á Klondike, haverá lençular que succumbiram nas viagens noventa e cinco por cento dos audazes aventureiros.

8º premio — Uma elegante mobilia para boates, de fabricação japonesa, oferecida pelos mesmos senhores.

As soluções, com o valor, nos devem ser enviadas até o dia 27 do corrente.

CONCURSO N. 156
(PARA OS LEITORES DOS ESTADOS PROXIMOS E DOS ESTADOS)

Problema:

1º — Eu sou branco e pouco forte,
De corações amarello,
E meu palheiro de a rito,
Cantor de primo carullo.
Minha mãe não tinha dentes
E assim são os meus parentes.

Que é?

Enviada pelo menino Anastasio Queiroz.

2º — Que é, que é? — Elle é flor, e ella fina.
(Enviada pelo menino Lulu Medrado).

3º — Qual é a fructa que metada voa e metada apoece.
(Enviada pelo menino Edgario Silveira).

4º — Qual é a palavra de que se tirando a base, fica uma porção de bicho.
(Enviada pela menina Maria de Lourdes de Oliveira).

5º — Que é, que é? — Elle é um coelho e ella guarda uma conta indispensavel.
(Enviada pelo menino Renato dos Reis Paes Leme).

6º — Que é, que é?
Elle é leve e está no chão
Elle corre e não pula.
(Enviada pelo menino Olavo Cardona).

Este tambem, como era de esperar, ajudou-me melhor do que a enigma. Está mesmo um primor!... A meninada collaboradora é realmente do principissimo occid.

Vejamos, agora, o resto. Os premios destinados ao sortido são tres, sendo dois de 150 cada, um e um de 100.

As soluções, com o valor, nos devem ser remetidas até o dia 18 de julho.

Problemas aos leitores dos *O Tico-Tico* que nos enviarem as soluções dos concursos em papéis separados, assignados pelos proprios concorrentes e com a declaração da cidade e residência, si e a capital ou não que Estado.

A falta d'essa declaração tem impedido e impedirá sempre a entrada das soluções nos sortidos para premios.

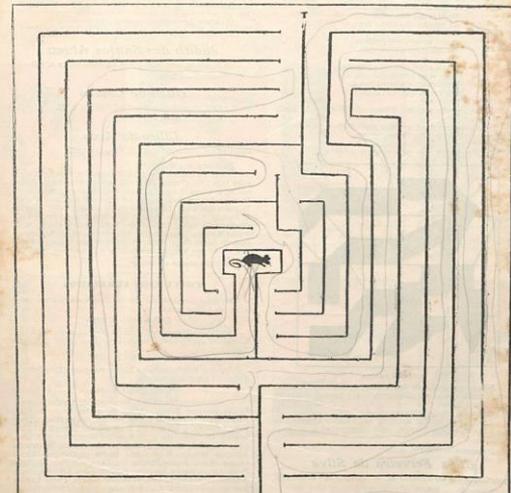
BORO-BORACIA — Cara assadura nas crianças.

21 O TICO-TICO

Provae a saborosa MANTEIGA MINEIRA e aprecia o seu sabor

OS NOSSOS CONCURSOS

CONCURSO N. 203
PARA OS LEITORES DA CAPITAL E DOS ESTADOS



Abri está um ratinho, que escappo de ser devorado pelo velhudo, um gato muito finoiro... mas que d esta vez foi emburalhado.

O ratinho entrou pelo labirinto, que vocês estão vendo, pelo caminho mais curto, enquanto que o velhudo, não o encontrando, se foi embora, fido de raiva.

Agora queremos que vocês nos indiquem o caminho mais curto, para que o velhudo vá pegar o ratinho. Recorrem os as indicações com os respectivos valores, até o dia 24 de julho.

Distribuímos dois premios de 100, por sortido.

CONCURSO N. 204
PARA OS LEITORES DA CAPITAL E DOS ESTADOS PROXIMOS

Problema:

1º — Elle adorno; ella está nas poesias,
Que é?
(Enviada por José Mesquita Junior)

2º — Algumas fructas o tem,
Muitos capões tambem;
De talpaz á empedalinho,
De fructa, não, amiguinho,
Que é?
(Enviada pelo menino Estevão Peltoso Medrado).

O CIRCO THEATRO dará «matinées» aos domingos e dias de festa.

Imagem 59: Concursos – soluções de leitores
O Tico-Tico, 19/06/1907, Nº 89 e 12/05/1909, Nº 189

5.4 O consumo e a interação infantil como estratégia educativa

Como vimos, a revista O Tico-Tico permitia aos leitores diversas formas de consumo e interação com a revista. Através do envio de textos, fotografias e ilustrações as crianças ganhavam visibilidade e mostravam publicamente sua capacidade criativa, seu compromisso com os estudos, seus corpos saudáveis, sua preocupação moral e escolar. Para a revista, a colaboração era uma oportunidade ímpar para conhecer melhor os seus leitores, compreendendo seus desejos, inspirações e necessidades, para alimentar a revista com material novo e para mostrar aos pais, professores e demais leitores adultos, que seu trabalho formativo, que visava ajudar a construir o futuro cidadão brasileiro, alcançava êxito. Apesar dos imensos problemas nacionais, o futuro dispunha de uma classe de meninos e meninas comprometidas com um país civilizado e moderno.

A cidade do Rio de Janeiro, capital da República que se firmava e se refundava com os acontecimentos políticos ao longo dos anos, passava por intensas transformações. As mudanças em seu traçado, as tentativas de superar seu passado colonial e a urbanização e o adensamento populacional das diversas regiões da cidade, mostravam que a capital, assim como o país, procurava avançar e progredir. Para isso, as famílias comprometidas com o progresso da nação, e seus filhos que seriam seu futuro, precisavam consumir seus espaços, ocupando os passeios, os cafés, os cinemas, as lojas e parques que simbolizavam a modernidade da capital. As festas populares ou cívicas precisavam igualmente ser tomadas pela população elitizada da cidade que se comprometia com a construção um tipo de socialização mais ordeira, organizada, moderada, sem as paixões e a desordem provocadas pelas classes mais desfavorecidas.

Apesar de O Tico-Tico pretender alcançar todas as regiões, se vangloriando de chegar aos recantos mais distantes do país, era importante valorizar a cidade-capital moderna através de suas festas, seus espaços, suas belezas. Era essencial mostrar ao resto do país que a revista se situava no “laboratório da civilização” e que seus leitores, mesmo distantes, poderiam participar desta experiência através das páginas da revista e do contato com outros leitores do resto do país. Lendo a revista do interior do país ou de sua capital, os leitores faziam parte de uma mesma comunidade e partilhavam de interesses, habilidades, práticas e valores comuns.

Participar dessa comunidade de leitores era também ter acesso aos mesmos produtos

anunciados na revista. Era chupar as balas Futebol, colecionar as estampas Eucalol e se deliciar com Leite Moça. Consumir a revista era, portanto, ler as histórias, se divertir com os quadrinhos e cartoons, montar quebra-cabeças e locomotivas de papel. Havia uma gama variada de possibilidades de consumo, que passava pela aquisição de produtos, participação de concursos, e até a formação de grupos de ajuda com doações às famílias da tragédia do Aquidaban⁷²¹ e aos afetados pela seca do nordeste⁷²². Consumir a revista era, em vários níveis, também uma atividade educativa.

721A tragédia do Encouraçado Aquidabã aconteceu em 21 de janeiro de 1906, em Angra dos Reis. Após uma explosão no paiol, o navio afundou levando a óbito mais de 200 pessoas. A tragédia causou grande comoção da revista, que abriu uma lista de subscrição para que os leitores enviassem somas em dinheiro para ajudar as famílias dos marinheiros mortos no naufrágio. *O Tico-Tico*, 7 de fevereiro de 1906, Nº 18, Ano II.

722Em 1920, a revista abre uma lista de subscrição às crianças que se dispusessem a enviar quantias em dinheiro para as vítimas da seca no nordeste. A cada número, o “apello do Chiquinho” apresentava a lista de doadores e os valores remetidos por cada um. *O Tico-Tico*, 16 de agosto de 1920, Nº 777, Ano XV.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que dar fim a histórias?
Quando Robinson Crusoé deixou a ilha,
que tristeza para o leitor do *Tico-Tico*.

Era sublime viver para sempre com ele e com
Sexta-Feira
na exemplar, na florida solidão,
sem nenhum dos dois saber que eu estava aqui.

Largaram-me entre marinheiros-colonos,
sozinho, na ilha povoada,
mais sozinho que Robinson, com lágrimas
desbotando a cor das gravuras do *Tico-Tico*⁷²³

No poema *Fim*, Carlos Drummond de Andrade expõe a frustração infantil ao ver terminada a leitura de uma história de aventuras que o acompanhou durante vários capítulos. O menino de Itabira teve seu primeiro contato com as aventuras de *Robinson Crusoé*, grande clássico da literatura infantojuvenil universal, através de uma adaptação publicada na revista *O Tico-Tico*. Ao revelar as memórias de suas leituras infantis, ficamos sabendo que o futuro poeta recebia semanalmente a assinatura da revista infantil desde o interior de Minas Gerais. Daí podemos inferir que, a partir dela, manteve contato não apenas com clássicos como o de Daniel Defoe, mas com uma grande variedade de contos, histórias em quadrinhos, narrativas morais, curiosidades sobre ciência, história, geografia e atualidades.

A narrativa do poeta sinaliza para o complexo mundo das leituras infantis, que ao contrário do que durante muito tempo se acreditou, não ficava restrito ao livro, muito menos às leituras obrigatórias realizadas na escola. No Brasil, os periódicos foram importantes meios de divulgação da literatura nacional, sobretudo da literatura infantil. O caráter ilustrado e lúdico, presente nas revistas ilustradas como *O Tico-Tico*, fez delas um suporte ideal para a propagação das leituras infantis⁷²⁴. Além de diversas formas de ler e de um público também diverso, os relatos de leitura da revista, como o deixado pelo poeta, nos remete às diferentes maneiras de publicar e difundir textos para o público infantil. As leituras infantis não se

723ANDRADE, Carlos Drummond. *Fim*. In: **Boitempo**: menino antigo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. P. 228.

724MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. Op. Cit. P. 85.

restringiam, portanto, a textos literários, mas abrangiam obras adaptadas, poemas, contos, histórias em quadrinhos, cartas e textos escritos pelas próprias crianças.

Este trabalho pretendeu colaborar com uma série de outros estudos sobre leituras infantis e sobre a literatura infantojuvenil produzida e em circulação no Brasil, entre os séculos XIX e XX, que permitem romper com os diagnósticos em torno da mediocridade da literatura para crianças no país⁷²⁵. Estes trabalhos vêm mostrar, por exemplo, a importância da literatura infantil produzida no país, assim como atenta para as traduções de obras estrangeiras e sua circulação, em diferentes formatos, na língua original. Ainda que os trabalhos sobre impressos infantis sejam mais raros em função da própria natureza do suporte, que dificulta sua preservação em acervos, um estudo mais aprofundado mostra a importância da segmentação de impressos para o desenvolvimento da imprensa empresarial e diversificação dos impressos.

O diálogo constante com a produção estrangeira demonstra a intensa circulação de projetos e ideias, atentando também para o dinamismo do mercado. Também indica que estes espaços serviam tanto para as disputas em torno da consolidação de cânones literários para o público infantojuvenil, como para a própria circulação de artistas e escritores, que buscavam estabelecer seu lugar em um novo campo em abertura.

No primeiro capítulo, procuramos partir da experiência da *Sociedade Anônima O Malho*, que publicava a revista *O Tico-Tico*, para refletir sobre como o desenvolvimento de uma imprensa empresarial possibilitou a diversificação de projetos de impressos, dentre eles, aqueles voltados ao público infantojuvenil. Com maiores disponibilidades técnicas, e com relações próximas com o campo artístico-cultural e político, a empresa conseguiu se constituir no mercado com a promessa de um produto moderno, destinado ao entretenimento e a formação dos homens e mulheres do futuro.

No capítulo seguinte, nos debruçamos sobre um dos aspectos mais destacados no projeto formativo da revista – a educação cívica e moral. Através de um recorte sobre algumas seções da revista, procuramos analisar como o periódico procurou publicar conteúdos dirigidos a uma educação voltada para a construção de um tipo ideal de brasileiro. Inicialmente partilhando das orientações de um modelo liberal, dirigido a aquisição de valores e padrões de comportamento individuais, progressivamente as publicações parecem se

⁷²⁵Ver, por exemplo, os trabalhos de Patrícia RAFFAINI (2008), Andrea Borges LEÃO (2007) e Patrícia Santos HANSEN (2007).

direcionar a uma ideia de coletividade, por vezes, de caráter autoritário, ajustando-se às orientações do Estado Vargasista.

No terceiro capítulo, trabalhamos os usos do passado e a construção de uma cultura histórica singular pela publicação infantil. Os conteúdos voltados ao ensino da história do Brasil mobilizavam artifícios lúdicos e ilustrações para chamar a atenção de seu público leitor e garantir um aprendizado diferencial do conteúdo. As seções de história pátria tinham uma importância fundamental no projeto formador do periódico: elas serviam como fonte de ensinamentos, sobretudo aquelas destinadas a comemorações de datas cívicas e as seções de biografias, e como forma de superação do passado.

No capítulo quatro, buscamos analisar outro aspecto destacado do projeto educativo da revista: a formação de leitores. Constituir uma comunidade de leitores era um fator essencial para a formação do indivíduo moderno idealizado pela revista. Através da leitura, os meninos e meninas aprofundavam o contato com a língua portuguesa, fator de integração e identificação nacional, além de se familiarizar com um conjunto de valores, padrões de comportamento, práticas e sensibilidades universais. A leitura tinha uma função educativa primordial, sendo essencial para o crescimento civilizacional do país, marcado por altas taxas de analfabetismo. Adentrar o universo da leitura permitia tanto a aproximação da criança com as coisas nacionais, alimentando uma cultura cívica que permitia maior conhecimento da história, geografia e dos símbolos do país, como possibilitava seu reconhecimento dentro de uma comunhão de princípios modernos tidos como parte da experiência universal. Aprender a ler tanto os textos como as imagens era o primeiro degrau no caminho formativo elaborado pelo impresso infantil.

E, finalmente, no último capítulo buscamos refletir sobre as diversas formas de consumo na revista. Consumir a revista era uma atividade educativa, em que era possível ler os contos e histórias, aprender com as seções, divertir-se com os quadrinhos e *cartoons*, jogos e passatempos. Era possível também interagir com a publicação através da submissão de cartas, textos, ilustrações, fotografias, participando dos concursos. Assim como uma comunidade de leitores, a revista possibilitava a criação de uma comunidade de consumidores, que através da publicação tinham acesso a produtos, espaços de entretenimento, valores, padrões de comportamento e erudição. A revista ainda garantia espaço para que esse grupo privilegiado de meninos e meninas pudessem se ver e serem vistos. O caráter lúdico da publicação ainda possibilitava que ela servisse a vários usos,

podendo ser recortada, rabiscada, transformada. A entrada das crianças na sociedade de consumo em implantação no país era indício de uma sociedade que se modernizava. E ensinar a consumir não só os produtos veiculados na revista pelos anunciantes, mas a própria revista, era uma das funções do *Tico-Tico*.

Através de um olhar amplo pelos anos de circulação da publicação foi possível perceber que, a despeito das transformações políticas, culturais e econômicas no país, a noção de pedagogia cívica do *Tico-Tico* pouco se transformara. Mesmo as transformações no grupo empresarial não foram suficientes para impactar o perfil conservador da publicação que parecia se aprofundar ao longo dos anos. Desarticulado com uma infância e juventude também em transformação, a noção de formação da revista parecia atrelada a uma leitura cívica e moral das primeiras décadas da República.

Na ocasião do cinquentenário da revista, o poeta escreveu que *O Tico-Tico* era “muito da escola em brincadeiras”⁷²⁶. E mais uma vez sua descrição permite nossa aproximação com o universo da revista, pois nos possibilita identificar uma estratégia editorial essencial para que seu projeto conseguisse ampla adesão de leitores. “Ensinar brincando” era a principal estratégia da publicação para garantir que seu projeto formativo penetrasse em uma camada da população ainda pouco explorado no universo das revistas ilustradas. Procurando se articular com teorias e práticas pedagógicas renovadoras, dialogar com uma literatura que apelava para o imaginário infantil e afirmar um espaço na tradição da imprensa ilustrada, *O Tico-Tico* investiu na interatividade, na visualidade e no humor para compor sua *pedagogia da nacionalidade*. Dessa forma, a revista infantil funcionava ao mesmo tempo como espaço formativo, de aperfeiçoamento cultural e moral e opção de leitura⁷²⁷.

A crença na educação como o caminho de redenção para os séculos de atraso nacional guiou o projeto de criação da revista, que se inspirava em um novo contexto político – a recém-criada República – que parecia trazer um horizonte de possibilidades. Ainda que esse contexto tenha orientado o projeto formativo elaborado pelo periódico, ele precisou se reconfigurar diante de novas conjunturas políticas e culturais e também de tensões empresariais e editoriais nos mais de cinquenta anos de circulação da revista. E quando o projeto parecia não mais responder aos interesses e desejos de um público que ganhava cada

726Cinquentenário de *O Tico-Tico*. Op. Cit.

727DUTRA, Eliana. Almanaque Garnier: ensinando o Brasil a ler, ensinando a ler o Brasil. In: ABREU, M (org.). *História, leitura e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2000. P. 485.

vez mais espaço no mundo da cultura de massas, *O Tico-Tico* se manteve em circulação através da celebração de sua memória e da afirmação contundente de seu caráter educativo.

Mas “Por que dar fim a histórias?”, indaga Drummond no início de poema. O fim de toda história assinala uma perda, marca o fim das expectativas do leitor. “Frustradas, exacerbadas ou satisfeitas”⁷²⁸, essas expectativas levam sempre a última página. O desejo de viver sempre com os personagens, de morar com os livros, de que fala o poeta, são indícios do pacto que se realiza entre leitor e leitura, da relação de intimidade que foi construída⁷²⁹. Mas o fim de uma história é também a possibilidade para que outras sejam contadas, para que outros espaços de intimidade possam ser criados e ampliados.

728LAJOLO, Marisa. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. P. 12.

729PÉTIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Artigos publicados em periódicos

ARTIAGA, Loïc. “Em busca ...” da história das circulações das ficções de grande consumo. In: **ArtCultura**. Uberlândia, V. 16, Nº 29, Jul-Dez 20014.

CAMARGOS, Marcia. Uma República nos moldes franceses. **Revista Usp**, São Paulo, n. 59, p.134-143, Setembro-Novembro, 2003.

CARDOSO, Athos Eichler. Fascículos semanais de literatura popular: bem cultural do início do século XX. In: Intercom. **Revista Brasileira de Comunicação**. São Paulo, Vol. 15, Nº2, Jul/Dez 1992, P. 168-178.

_____. Le Petit Journal Illustré de la Jeunesse: a verdadeira origem francesa d’O Tico-Tico. In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN, 2008.

CARLI, Alberto. Paola Lombroso. Tradition and innovation in the planning of Corriere del Piccoli. In: **SIGNS** – Studies in graphic narratives, s./v., n. 2, jan.-jul. 2010, p. 63-68.

CUNHA, Maria Teresa Santos & SANTOS, Luciana Mara Espíndola. Infâncias por escrito: cartas escolares em um suplemento infantil catarinense (1972-1987). **Revista de História e Historiografia da Educação** [s.l.], v. 1, n. 3, 27 ago. 2017, P.232-254,

GOMES, Ângela de Castro. “A cultura histórica do Estado Novo”. **Projeto História**. São Paulo, Nº 16, fevereiro de 1998, P. 121-141.

GOMES, Ivan Lima. Angelo Agostini como primeiro autor de quadrinhos no Brasil? Notas críticas em torno do debate sobre as origens das histórias em quadrinhos. In: **Viñetas Serias**. Congresso Internacional de Historietas y humor graphico. Buenos Aires, 2014. Actas 2014. P. 16-30.

_____. & GONÇALVES, Roberta Ferreira. Imagens de uma república infantil: Angelo Agostini nas revistas O Malho e O Tico-Tico. **Revista Maracanan**, Vol 12, nº 14, jan/jun 2016, p. 225-240.

GONTIJO, Rebeca. “Sobre cultura histórica e usos do passado: a independência em questão”. **Almanack**, Nº 8, 2º Semestre de 2014, P.44-53.

HANSEN, Patrícia Santos. Sobre o conceito de “país novo” e a formação de brasileiros nas primeiras décadas da República. In: **Iberoamericana**, XII, 45 (2012), P. 7-22.

HEROLD JÚNIOR, Carlos. Corpo e educação no escotismo a partir da revista O Tico-Tico (1921-1933). **Movimento**. Porto Alegre, V. 12, n° 2, abr/jun,2013. P.303-316.

KNAUSS, Paulo. A festa da imagem: a afirmação da escultura pública no Brasil do século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, V. 5, n.4, out/dez. 2010.

LEÃO, Andréa Borges. A Livraria Garnier e história dos livros infantis no Brasil – gênese e formação de um campo literário (1858-1920). **História da Educação**. Nº 21. Pelotas, ASPHE, FaE, UFPel, Jan/Abr., 2007.

_____. Publicar contos de fadas na Velha República: um compromisso com a Nação. **Comunicação & Educação**. Ano XII, Número 3, Set.-Dez. 2007, P. 15-22.

MENNA, Lígia Regina Máximo Cavalari. A importância das revistas O Tico-Tico e Recreio para a história da literatura infantil e a formação de novos leitores. **Letras em Revista**. Teresina, V. 3, Nº 1, Jan-Jul 2012, P. 92-104.

MOLIER, Jean-Yves. História cultural e história literária. **Revista Sociedade e Estado**. V. 31, Nº3, Set/Dez 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. São Paulo (10), Dez. 1993. P.7-28.

O'DONNELL, Julia. Uma Copacabana para o mundo: a década de 1920 e a invenção do Rio atlântico. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo: Anpuh, 2011. P. 1 – 14.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. As festas que a República manda guardar. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 1989, p.172-189.

ORY, Pascal. Mickey Go Home! La Desaméricanisation de la bande dessinée (1945-1950). In: **Vingtième Siècle**. Revue d'Histoire, n° 4, octobre 1984.

PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era vargas (1930-1945). **Artefilosofia**. Ouro Preto, Nº 1, Jul. 2006. P. 151-159.

PIMENTA, João Paulo et al. “A independência e uma cultura de história no Brasil! **Almanack**. Guarulhos, Nº 8, 2º Semestre de 2014, P. 5-36.

PIRES, Flavia. Pesquisando crianças e infância: abordagens teóricas para o estudo das (e com as) crianças. In: **Cadernos de Campo**. São Paulo, 2008.

PORTO, Ana Gomes. “Sherlock Holmes e suas imitações mais ou menos grosseiras”: literatura de crime no Brasil. In: **Revista de Letras**. São Paulo, Volume 51, Nº2, Jul-Dez

2011, P. 191-208.

RANQUETAT JÚNIOR, Carlos Alberto. A campanha cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga de Defesa Nacional. **Publicatio UEPG**. Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes. Ponta Grossa, 19, N° 1, Jan-Jun. 2011. p. 9-17.

SANTA' ANNA, Denise Bernuzzi de. Propaganda e História: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**, São Paulo, V. 14, Fevereiro, 1997, P. 89-112.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, N° 112, Março/2011.

SOUZA, Livia Silva de; BAADER, Cinira. Estudos mediáticos da publicidade infantil: proposta de análise do discurso publicitário na interface com o discurso literário. **Revista Pensamento & Realidade**, São Paulo, v. 26, n. 1, jan. 2011, P. 55-69.

SOUZA, Rosa Fátima. A militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. **Caderno Cedes**. Campinas. N° 52, nov. de 2000.

TASCHNER, Gisela. Raízes da cultura do consumo. *Revista Usp*, São Paulo, v. 32, Dez-Fev, 1996-1997, P. 26-43.

VIANA, Maria. Jules Verne e Pierre-Jules Hetzel. O encontro entre um escritor visionário e um editor combativo. In: **Livro**. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição. N°3, Novembro de 2013.

Teses e Dissertações

ALENCAR, Patricia Maria Garcia. **A revista O Tico-Tico e a escrita infantil em circulação no encarte Meu Jornal: seus autores e leitores (1935-1940)**. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá

BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro (1864-1888)**. 2005. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CHINEN, Nobuyoshi. **O papel do negro e o negro no papel: representação e representatividade dos afrodescendentes nos quadrinhos brasileiros**. 2013, Tese (Doutorado em Comunicação e Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura**

escolar para o ensino de história (1934-1961). 2009. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo.

GONÇALVES, Roberta Ferreira. **A escola disfarçada em brincadeiras:** intelectuais e ideias na criação da revista O Tico-Tico. 2011. Dissertação (Mestrado em História Política), UERJ, Rio de Janeiro.

HANSEN, Patrícia Santos. **Brasil, um país novo:** literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – USP, São Paulo.

LIMA, Thaís Nívia. **Da infâmia ao altar da pátria:** memória e representações da Inconfidência Mineira e de Tiradentes. 2001, Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

LOPES, Silvana. **Lima Barreto e a educação:** os limites históricos de uma concepção crítica da educação escolar Brasileira. 2002. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

LUCAS, Taís Campelo. **Cinearte:** o cinema brasileiro em revista (1926-1942). 2005. Dissertação (mestrado), Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói.

MENNA, Lígia Regina Cavalari. **A literatura infantil além do livro:** as contribuições do jornal português O Senhor Doutor e da revista brasileira O Tico-Tico. 2012. 314f. Tese (Doutorado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-graduação em estudos comparados de literaturas de língua portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo.

MERLO, Maria Cristina. **O Tico-Tico.** Um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962). 2003. Dissertação (mestrado em comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo.

PATROCLO, Luciana Borges. **As mães de famílias futuras:** a revista O Tico-Tico na formação das meninas brasileiras (1905-1921). 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, PUC-Rio, Rio de Janeiro.

RAFFAINI, Patrícia Tavares. **Pequenos poemas em prosa:** Vestígios da leitura ficcional na infância brasileira, nas décadas de 30 e 40. 2008. Tese (Doutorado em História Social) - USP. São Paulo.

SELA, Eneida Maria Mercadante. **Modos de ser em modos de ver:** ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro, Ca. 1808-1850). 2006. Tese

(Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.

STEIN, Cristiane Nunes. **Por Deus e pelo Brasil: a Juventude Brasileira em Curitiba**. 2008. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, Curitiba.

TREVISAN, Anderson Ricardo. **Velhas imagens, novos problemas**. A redescoberta de Debret no Brasil modernista (1930-1945). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia). USP, São Paulo.

ZORZATO, Lucila Bassan. **A Presença da literatura infanto-juvenil alemã no Brasil: Estudo da circulação de obras entre o público leitor. (1835-2005)**. 2014. Tese de Doutorado. UNESP. São Paulo.

Livros e capítulos de livros

ABREU, Marcia (org.). **História, leitura e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

_____. **Romances em movimento**. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

_____. & BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). **Impresso no Brasil**. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ABUD, Katia. Os currículos de história e políticas públicas: os programas de história do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

ALBERTI, Verena; GOMES, Angela de Castro & PANDOLFI, Dulce Chaves (coord.). **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (orgs.). **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Boitempo: menino antigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

ARMANI, Paulo Henrique. **Discursos da Nação: historicidade e identidade nacional no Brasil em fins do século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

- ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**, volume 1. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBOSA, Marialva. **História da Imprensa: Brasil, 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARROS, Mariana Monteiro de & MOREL, Marco. **Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BASTOS, Maria Helena Camara & STEPHANOU, Maria (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**, Vol. III: século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BATTICUORE, Graciela. **Lectoras del siglo XIX**. Imaginarios y prácticas em la Argentina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand, 2017.
- BESSONE, Tania Maria. **Palácios de destinos cruzados: Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BIGNOTO, Cilza Carla. **Figuras de autor, figuras de editor**. As práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Wanda Maria Ribeiro & SCHWARTZMAN, Simon. **Tempos de Capanema**. 2ª Edição. São Paulo: FGV, Paz e Terra, 2000.
- BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil: a Nação em busca de seus portadores sociais**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. Uma sociedade em movimento e sua inteligentsia: apresentação. In: BASTOS, Elide Rugai; BÔAS, Glaucia Villas & BOTELHO, André (orgs.). **O modeno em questão**. A década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Topbooks: 2008.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de Campos. **A República do Picapau Amarelo: ma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- CANFORA, Leonardo. **Livro e liberdade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARDOSO, Athos Eichler. **Memórias d'O Tico-Tico**. Juquinha, Giby e Miss Shocking. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **A cidadania no Brasil: o longo caminho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. **Formação das almas: o imaginário da República no Brasil**.

São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA & MARTINS (orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

CRÉPIN, Thierry & HACHE-BISSETTE, Françoise. **Les presses enfantines chrétiennes au XX siècle**. Paris: Artois Presse Université, 2008.

DARNTON, Robert. **Censores em ação**. Como os estados influenciaram a literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 1930**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. **Rebeldes Literários da República**. História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____ & MOLLIER, Jean-Yves (orgs.). **Política, nação e edição: o lugar dos impressos na vida política do Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX**. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília. **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e Letra**. Introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada. São paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

FLORES, Jorge Rojas. **Historia de la infancia em el Chile Republicano, 1810-2010**. Santiago: JUNJI, 2010.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **Letras, ofícios e bons costumes**. Civilidade, ordem e sociabilidades na América Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. Os heróis nacionais para crianças: ensino de história e memória nacional: In: ROCHA, Aparecida Bastos; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & GONTIJO, Rebeca, **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. v. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FRAGA, André Barbosa. **Os heróis da pátria**: política cultural e história do Brasil no Governo Vargas. Curitiba: Ed. Prismas, 2015.
- FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2016.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Ângela de Castro. Cultura política e Cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel. e GONTIJO, Rebeca (orgs.). **Cultura política e leituras do passado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Faperj, 2007.
- _____. **Essa gente do Rio...**: Modernismo e Nacionalismo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOMES, Ivan Lima. **Os novos homens do amanhã**. Projetos e disputas em torno dos quadrinhos na América Latina. (Brasil e Chile, anos 1960-1970). Curitiba: Editora Prismas, 2018.
- GONDRA, José Gonçalves & SCHUELLER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONTIJO, Rebeca & MAGALHÃES, Marcelo de Souza. O presente como questão: a República nas histórias do Brasil de João Ribeiro (1860-1934) e a proposição de uma ética da atualidade. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & ROCHA, Helenice. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. P. 366-389.
- _____. "Identidade nacional e ensino de história: a diversidade como patrimônio cultural". In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. P. 55-79.
- GORDON, Ian. **Comic strips and consumer culture, 1890-1945**. Washington/London: Smithsonian Institution, 1998.
- GROOT, Jerome de. **Cosuming history**: historians and heritage in contemporary popular culture. New York, London: Routledge, 2009.
- GUÉCO, Christine Rivalan. **Lecturas gratas o la fábrica de lectores?** Sevilla: Calambur, 2007.

- GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Os funerais de D. Pedro II e o imaginário republicano. In: SOHIET, Rachel [et al.]. **Mitos, projetos e práticas políticas**. Memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- HANSEN, Patrícia Santos & GOMES, Angela de Castro. **Intelectuais Mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- _____. “A arte de formar brasileiros”: um programa de educação cívica nas páginas da revista O Tico-Tico. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo & XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- HÉBRARD, Jean. **As bibliotecas escolares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.
- HEIZER, Alda & VIDEIRA, Antonio Augusto Passos (orgs.). **Ciência, civilização e República nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2010.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- JOHNSON, Phil Brian. **Rui Barbosa e a reforma educacional: “as lições de coisas”**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- JUNIOR, Gonçalo. **A Guerra dos Gibis**. A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964. São Paulo Companhia das Letras, 2004.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL, 2004. P. 12-24.
- LESSA, Carlos. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- LINS, Vera; OLIVEIRA, Claudia de & VELLOSO, Monica Pimenta. **Moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1889 a 1930**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- LIPPI, Lucia de Oliveira. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LOREDANO, Cássio (org.). **O vidente míope**. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2008.

- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. P. 225-249.
- LUSTOSA, Isabel. (Org.). **Agostini: obra, paixão e arte do italiano que desenhou o Brasil (1843-1910)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014.
- MARESCA, Peter (org). **Society is nix**. Gleefull anarchy at the down of the america comic strips. 1895-1915. Palo Alto, CA: Sunday Press Books, 2013.
- MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- _____. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MIGNOT, Ana Crystina (org). **A ilusão do leitor: cartas, imprensa e educação**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- _____. **O dinheiro e as letras**. História do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010.
- NASCIMENTO, Adalson de Oliveira. Movimento escoteiro e cultura política nacionalista no Brasil na primeira metade do século XX. In: MOTTA, Rodrigo de Patto Sá (org.). **Culturas Políticas na História: Novos Estudos**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.
- NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell: cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado no Brasil**. Porto Alegre: Imago, 2008.
- PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- _____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- PEREIRA, Matheus Henrique de Faria. **A máquina da memória/ Almanaque Abril: o tempo presente entre a história e a memória**. Bauru: Edusp, 2009.
- PIRANDELLO, Luigi. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.
- POWERS, Alan. **Era uma vez uma capa**. História ilustrada da literatura infantil. São Paulo: Cosac Naify.2008.
- RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2001.

RICOEUR, Paul. Identidade pessoal e identidade narrativa. In: **O si mesmo como um outro**. São Paulo Martins Fontes, 2014. P. 111-144.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**. Nascimento do consumo nas sociedades do século XVII-XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico**: meio século de ação recreativa e pedagógica. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

RÜSEN, Jörn. “Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão”. In: BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende & SCHMIDT, Maria Auxiliadora (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: UFPR, 2011.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as reações renovadas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. A cidade do Rio de Janeiro: de laboratório da civilização à cidade símbolo da nacionalidade. In: **A visão do outro**: seminário Brasil-Argentina. Brasília: FUNAG, 2000.

SCHAPOCHNIK, Nelson & VENÂNCIO, Giselle Martins (orgs.). **Escrita, leitura e edição na América Latina**. Niterói: PPGHistória-UFF, 2016.

SCHWUARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Roberto Elísio & VERGUEIRO, Waldomiro. **O Tico-Tico**: centenário da primeira revista em quadrinhos do Brasil. São Paulo: Ópera Gráfica, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tiempo pasado**: cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SMOLDEREN, Thierry. **Naissances de la Bande Dessinée**. De William Hogarth à Winsor McCay. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2009.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Semear Horizontes**: uma história da formação de leitores na

Argentina e no Brasil, 1915-1954. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Adriana Barreto de. Um herói para a juventude: o Duque de Caxias nas biografias e livro didáticos. In: GONTIJO, Rebeca; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & ROCHA, Helenice. **A escrita da história escolar: memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.P. 127-148.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Demerval [et al.]. **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

VELLOSO, Monica Pimenta. **Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VERÍSSIMO, Érico. **Solo de Clarineta**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras: 2005.

VILALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: língua, instrução e leitura. In: SOUZA, Laura de Mello e NOVAIS, Fernando A. (orgs.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Fontes

– Livros

BILAC, Olavo. **A defesa nacional**. Rio de Janeiro: Liga de Defesa Nacional, 1917.

CELSO, Afonso. **Porque me ufano do meu país**. Laemert & C. Liveiros – Editores, 1908.

Cinquentenário de O Tico-Tico, retrospecto da vida de O Tico-Tico, da sua fundação até nossos dias. Noticiários e homenagens diversos a tradicional publicação. Rio de Janeiro: Sociedade Anonyma O Malho, 1956.

DUQUE-ESTRADA, Luiz Carlos. **Lições de cousas**. Sentidos, formas e cores. Methodo Calkins. Rio de Janeiro: Typ. A Tribuna, 1902.

EDMUNDO, Luís. **O Rio de Janeiro do meu tempo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

LOBATO, Monteiro. **A caricatura no Brasil**. In: Ideias do Jeca Tatu. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

NETO, Coelho. **Apólogos**. Contos para crianças. Porto: Livraria Chardron, de Léo Irmãos Ltda, 1924.

– Periódicos:

Fon-Fon, 1910

Gazeta de Notícias, 1902, 1909, 1923.

O Gato, 1912.

O Malho, 1904-1930.

O Tagarela, 1902-1903.

O Tico-Tico, 1905-1962.

ANEXO I – BIBLIOTECA D'O TICO-TICO

ANO	NÚMERC	DATA DE INCÍCIK	NÚMERC	DATA DE FIM	TÍTULO	AUTOR/ ILUSTRADOR
1906	39	04/07/1906	63	19/12/1906	A arca de Noé*	
1906	53	10/10/1906	104	02/10/1907	A Ilha do Tesouro*	
1907	66	10/01/1907	108	30/10/1907	Viagens Maravilhosas do Dr. Alpha*	
1907	104	02/10/1907			A Princesa Medusa*	
1907	110	13/11/1907			Ali Babá e os quarenta ladrões	Com ilustrações de Dudu (Cícero Valladares)
1909			183	07/04/1909	To-Ho, o matador de ouro	
1909	174	03/02/1909	196	07/07/1909	A pesca maravilhosa*	Com ilustrações de Dudu (Cícero Valladares)
1909	184	14/04/1909	194 (?)	23/06/1909	Abelha	
1909	195 (?)	30/06/1909	222 (?)	05/01/1909	O Pássaro de Aço	
1909	207	23/09/1909	240	12/05/1910	Viagens de Gulliver*	Com ilustrações de Dudu (Cícero Valladares)
1909	211	20/10/1019	232	16/03/1910	Viagem pelo infinito**	
1910	222	05/01/1910	226 (?)	02/02/1910	Perlino	
1910	226	02/02/1910	251	27/07/1910	Semeadores do Gelo	Paul d'Ivoi
1910	252 (?)	03/08/1910			O Planeta Artificial	
1910	254	17/08/1910	271	14/12/1910	O Homem da Mascara Negra*	
1910	268	23/11/1910	285	23/03/1911	Robinson Crusoe	
1911	274 (?)	04/01/1911	?		Capitão farofa	
1911	288	12/04/1911	340 (?)	10/04/1912	Robinson Suisso	
1911	298	21/06/1911	301	12/07/1911	Miudinho	
1911	302	19/07/1911	314	11/10/1911	Yayá, história de uma menina bahiana	Escrita por T.B.
1911	314 (?)	11/10/1911	345	15/05/1912	Sobre o Gelo Errante	
1912	346	22/05/1912	355	24/07/1912	A Ilha das Jóias	
1912	346	22/05/1912	356	31/07/1912	Memórias de uma boneca egypcia	
1912	356	31/07/1912	371	13/11/1912	Aventuras Extraordinárias de Tom Balikan	Yantok
1912	372 (?)	20/11/1912			A rocha dos guinchos	
1913	392	09/04/1913	400	05/06/1913	O Annel de Jade	Jean Rosnil (Pseudônimo de Ulysse Rossillon?)
1913	400	05/06/1913			O thesouro do diabo	L. Lambry
1913	406	16/07/1913	416 (?)	24/09/1913	O Tesouro Maldito***	
1913	409	06/08/1913	480	16/12/1914	As aventuras do Conde de Chavagnac** ***	Georges Omry**
1913					A Estrela de Oriana	
1914	457	15/07/1914	462	12/08/1914	Aventureiros Famosos	
1914	463	19/08/1914	489	17/02/1915	Tom Playfair	
1914	481	23/12/1914	554	17/05/1916	A rainha dos Corsários**	Georges Omry**
1915	490	24/02/1915	493	17/03/195	Aventuras Extraordinárias do Capitão Castanhola	E. L' Epine
1915	494	24/03/1915	536	12/01/1916	As aventuras de Lavarede	Paul d'Ivoi
1916					O Mysterio do Castello	Kerjonc
1916	536	12/01/1916	539	02/02/1916	O Falso D. Sebastião	
1916	539	02/02/1916	593	14/0/1917	O Rei do Egypto	
1917	594	21/02/1917	613	04/07/1917	A cidade das águas azues	
1917	614	11/07/1917	632	14/11/1917	A noite de São João	

ANEXO I – BIBLIOTECA D'O TICO-TICO

1918	659	22/05/1918	663	19/06/1918	Rodrigo de Villandrando	
1918			680	16/10/1918	Viagens e Aventuras	
1919	700	05/03/1919	756	31/03/1920	Os Herdeiros de Robinson	
1927	1160	28/12/1927	1186	27/06/1928	Viagens de Gulliver*	Ilustrado por Cícero Valadares
1928	1187	04/07/1928	1235	05/06/1929	História de um boneco de pau	Ilustrado por Cícero Valadares
1929	1236	12/06/1929	1242	24/07/1929	Olavo	Ilustrado por Cícero Valadares
1929	1244	07/08/1929	1250	18/09/1929	Os Três Fios de Cabello do Diabo	Ilustrado por Cícero Valadares
1929	1258	13/11/1929	1263	18/11/1929	Façanhas Extraordinárias de um Escoteiro	A. R. De Romoele, ilustrações de Cícero Valladares
1929	1264	25/11/1929	1277	26/03/1930	A Pastoria D'Orleans Joana D'arc	Ilustrado por Cícero Valadares
1930	1267	15/01/1930	1275	12/03/1930	Fú Tcheú, campeão de turismo	A. R. De Romoele, ilustrações de Cícero Valladares
1930	1276	19/03/1930	1294	23/07/1930	O Homem da Mascara Negra*	
1930	1296	06/08/1930			Uma conspiração no tempo de Bonaparte**	
1932	1380	16/03/1932	1399	27/07/1932	Pedro, o Pequeno Corsário	Ilustrado por Cícero Valadares
1932	1398	20/07/1932	1433	22/03/1933	Semeadores do Gelo	Paul d'Ivoi, ilustrações de Cícero Valladares
1932	1385 (?)	20/04/1932			Irene, a filha das águas	
1933	1435	05/04/1933	1469	29/11/1933	O Pássaro de Aço	Ilustrado por Cícero Valadares
1933	1470	06/12/1933	1483	07/03/1934	O Matador de Ouro	Ilustrado por Cícero Valadares
1934	1484	14/03/1934	1495	23/05/1934	A Princesa Castigada	
1934	1496	06/06/1934	1508	29/08/1934	Pedro Bombacha	Yantok
1934	1498	20/06/1934			As Vinte Mil Léguas Submarinas**	Adaptação e ilustração de Cícero Valadares
1934	1509 (?)	27/06/1934	1523	12/12/1934	A Grande aventura de Julita	
1934	1524	19/12/1934	1567	18/09/1935	A Ilha do Tesouro	R.I. Stevenson e ilustrado por Cícero Valadares
1935	1568	23/10/1935			A vida de Napoleão Bonaparte	M. Tarbell
1938	1711	20/07/1938	1721	28/09/1938	Haroldo e os Katumirins	
1938	1734	28/12/1938	1748	05/04/1939	Coração de Criança	Yantok
1939	1750	19/04/1939	1759	21/06/1939	O País dos garotos	Yantok
1941	1844	05/02/1941	1862	11/06/1941	Jaguary	Yantok
1949	1965	08/1949			A ilha dos três mistérios	Galvão de Queiroz e ilustrações de Miguel

* Ainda não era publicado sob a denominação Biblioteca d'O Tico-Tico

** Romances em série publicados em quadrinhos

*** Publicado originalmente n'O Juquinha

GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRES				
NÚMERO	ANO	DATA	TÍTULO	AUTOR
648	XIII	06/03/1918	André Vidal de Negreiros	Pinheiro Chagas
650	XIII	20/03/1918	Henrique Dias	Pinheiro Chagas
651		27/03/1918	Arariboia	Pinheiro Chagas
666	XIII	10/07/1918	José Bonifácio de Andrada e Silva	
672	XIII	21/08/1918	Diogo Antônio Feijó	
673	XIII	28/08/1918	José Maria da Silva Paranhos	
675	XIII	11/09/1918	Marquez de Caravellas	
677	XIII	25/09/1918	Duque de Caxias	
679	XIII	09/10/1918	Castro Alves	
684	XII	13/11/1918	Diogo Antônio Feijó	
749*	XV	11/02/1920	João Caetano	
1149	XXII	12/10/1927	Tiradentes	
1164**	XXIII	25/01/1928	Barão do Rio Branco	
1905***	XXXIX	01/08/1944	Duque de Caxias	Goulart
1905***	XXXIX	01/08/1944	Oswaldo Cruz	Goulart
1905***	XXXIX	01/08/1944	Gonçalves Dias	Goulart
1905***	XXXIX	01/08/1944	Pereira Passos	Goulart
1906***	XXXIX	01/09/1944	André Gustavo Paulo de Frontin	Goulart
1906***	XXXIX	01/09/1944	Manoel Antonio Alvares de Azevedo	Goulart
1906***	XXXIX	01/09/1944	D. Pedro I	Goulart
1906***	XXXIX	01/09/1944	J. Fransisco da Rocha Pombo	Goulart
1908***	XXXIX	01/11/1944	Couto Magalhães	Goulart
1908***	XXXIX	01/11/1944	Rui Barbosa	Goulart
1908***	XXXIX	01/11/1944	Lauro Muller	Goulart
1908***	XXXIX	01/11/1944	Gomes Carneiro	Goulart
1909***	XXXIX	01/12/1944	Quintino Bocaiuva	Goulart
1909***	XXXIX	01/12/1944	Olavo Bilac	Goulart
1909***	XXXIX	01/12/1944	José Elói Ottoni	Goulart
1909***	XXXIX	01/12/1944	Max Fleiuss	Goulart
1922***	XLI	01/01/1946	Casimiro Abreu	Goulart
1922***	XLI	01/01/1946	Garcia Redondo	Goulart
1922***	XLI	01/01/1946	Duarte de Azevedo	Goulart
1922***	XLI	01/01/1946	José Higinio	Goulart
1923***	XLI	01/02/1946	Nunes Pires	Goulart
1923***	XLI	01/02/1946	Coelho Neto	Goulart
1923***	XLI	01/02/1946	Visconde de Taunay	Goulart
1923***	XLI	01/02/1946	General Gurjão	Goulart
1924***	XLI	01/03/1946	Afonso Celso	Goulart
1924***	XLI	01/03/1946	Lucio de Mendonça	Goulart
1924***	XLI	01/03/1946	Velho da Silva	Goulart
1924***	XLI	01/03/1946	Mário Barreto	Goulart
1925***	XLI	01/04/1946	José Verissimo	Goulart
1925***	XLI	01/04/1946	Francisco Braga	Goulart
1925***	XLI	01/04/1946	Soares de Souza	Goulart

ANEXO II – GALERIA DOS BRAZILEIROS ILLUSTRES

1925***	XLI	01/04/1946	Alberto de Oliveira	Goulart
1926***	XLI	01/05/1946	Afonso Arinos	Goulart
1926***	XLI	01/05/1946	Pedro Massena	Goulart
1926***	XLI	01/05/1946	Visconde de Icó	Goulart
1926***	XLI	01/05/1946	Barão de Aquiraz	Goulart
1927***	XLI	01/06/1946	Martins Fontes	Goulart
1927***	XLI	01/06/1946	Barbosa Rodrigues	Goulart
1927***	XLI	01/06/1946	Andrade Figueira	Goulart
1927***	XLI	01/06/1946	Lauro Sodré	Goulart
1928***	XLI	01/07/1946	Carlos Gomes	Goulart
1928***	XLI	01/07/1946	Cândido de Oliveira	Goulart
1928***	XLI	01/07/1946	Franklin Dória	Goulart
1928***	XLI	01/07/1946	Alcindo Guanabara	Goulart
1929***	XLI	01/08/1946	Conde de Parnaíba	Goulart
1929***	XLI	01/08/1946	David Canabarro	Goulart
1929***	XLI	01/08/1946	Victor Meireles	Goulart
1929***	XLI	01/08/1946	Silva Jardim	Goulart
1930***	XLI	01/09/1946	Vital de Oliveira	Goulart
1930***	XLI	01/09/1946	Marquês de Barbacena	Goulart
1930***	XLI	01/09/1946	Bernardino de Campos	Goulart
1930***	XLI	01/09/1946	Francisco Castro	Goulart
1931***	XLI	01/10/1946	Vicente de Souza	Goulart
1931***	XLI	01/10/1946	David Campista	Goulart
1931***	XLI	01/10/1946	Florencio de Abreu	Goulart
1931***	XLI	01/10/1946	Capistrano de Abreu	Goulart

* Publicado na seção figuras e factos da nossa história

** Publicado na seção lições do vovô

*** Publicado na seção Brasileiros notáveis

ANEXO III – GALERIA DOS HOMENS CÉLEBRES

NÚMERO	ANO	DATA	TÍTULO	
183	V	08/04/1909	Jacquart – o inventor das máquinas de fiação	cientista e/ou inventor
184	V	15/04/1909	Cicero	filósofo e/ou pensador
185	V	22/04/1909	Alexandre, o grande	político e/ou conquistador
186	V	29/04/1909	Darwin	cientista e/ou inventor
187	V	06/05/1909	Cromwell	político e/ou conquistador
188	V	13/05/1909	Eschylo	filósofo e/ou pensador
189	V	20/05/1909	Luiz Daguerre	cientista e/ou inventor
190	V	27/05/1909	Alcibiades	político e/ou conquistador
190	V	27/05/1909	Duque de Alba	político e/ou conquistador
191	V	03/06/1909	Affonso de Albuquerque	político e/ou conquistador
191	V	03/06/1909	Alfieri	escritor e/ou poeta
192	V	10/06/1909	Bolívar	político e/ou conquistador
193	V	17/06/1909	Boissy d'Anglas	político e/ou conquistador
194	V	24/06/1909	Bossuet	filósofo e/ou pensador
195	V	31/06/1909	Catão, o antigo	político e/ou conquistador
196	V	07/07/1909	Catão de Utica	político e/ou conquistador
197	V	14/07/1909	Francisco Banone (Carmagnola)	político e/ou conquistador
198	V	22/07/1909	Pablo Sarasate	político e/ou conquistador
199	V	29/07/1909	Nero, o imperador	político e/ou conquistador
200	V	05/08/1909	Newton	cientista e/ou inventor
201	V	12/08/1909	Carlyle	escritor e/ou poeta
202	V	19/08/1909	Almirante Nelson	político e/ou conquistador
203	V	26/08/1909	Imperador Tito	político e/ou conquistador
204	V	02/09/1909	Ticiano	artista plástico e/ou arquiteto
205	V	09/09/1909	Voltaire	filósofo e/ou pensador
206	V	16/09/1909	Leonardo Da Vinci	cientista e/ou inventor
207	V	23/09/1909	São Vicente de Paulo	religioso
208	V	30/09/1909	Julio Alberoni	religioso
208	V	30/09/1909	Villier	político e/ou conquistador
209	V	07/10/1909	Deocleciano	político e/ou conquistador
210	V	14/10/1909	Perrault	escritor e/ou poeta
211	V	21/10/1909	Vitellius	político e/ou conquistador
212	V	28/10/1909	Viollet-le-Duc	artista plástico e/ou arquiteto
214	V	11/11/1909	Robert Fulton	cientista e/ou inventor
216	V	28/11/1909	Miguel Angelo	artista plástico e/ou arquiteto
217	V	02/12/1909	Michelet	filósofo e/ou pensador
219	V	16/12/1909	Giacomo Meyerbeer	músico e/ou compositor
224	VI	10/01/1909	Victor Hugo	escritor e/ou poeta
226	VI	03/02/1910	Lamartine	escritor e/ou poeta
227	VI	10/02/1910	Lamennais	filósofo e/ou pensador
228	VI	17/02/1910	Linneu	cientista e/ou inventor
229	VI	24/02/1910	Litre	filósofo e/ou pensador
230	VI	03/03/1910	Livingstone	filósofo e/ou pensador
231	VI	10/03/1910	Mario Caio	político e/ou conquistador
232	VI	17/03/1910	Hugo Capeto	político e/ou conquistador
233	VI	24/03/1910	Frederico Humboldt	filósofo e/ou pensador
234*	VI	31/03/1910	Lafayette	cientista e/ou inventor

ANEXO III – GALERIA DOS HOMENS CÉLEBRES

236	VI	14/04/1910	João Marat	político e/ou conquistador
237	VI	21/04/1910	Garibaldi	político e/ou conquistador
238	VI	28/04/1910	Lycurgo	político e/ou conquistador
242*	VI	26/05/1910	Alexandre Herculano	escritor e/ou poeta
249	VI	14/07/1910	Carnegie	industrial e/ou empresário
256	VI	01/09/1910	Hippocrates	filósofo e/ou pensador
258	VI	15/10/1910	Gustavo Adolpho	político e/ou conquistador
260	VI	29/10/1910	Julio Massenet	músico e/ou compositor
261	VI	06/10/1910	Abrahão Lincoln	político e/ou conquistador
262	VI	13/10/1910	João Guttemberg	cientista e/ou inventor
263	VI	20/10/1910	Henrique Régnault	artista plástico e/ou arquiteto
274	VII	05/01/1911	Bernadotte	artista plástico e/ou arquiteto
300	VII	06/07/1911	Jorge Frederico Handel	músico e/ou compositor
307	VII	23/08/1911	Heliogabalo	político e/ou conquistador
308	VII	31/08/1911	Henrique II	político e/ou conquistador
309	VII	06/09/1911	Henrique III	político e/ou conquistador
311	VII	21/09/1911	Heraclio	político e/ou conquistador
318	VII	09/11/1911	Rodrigo Diaz de Vivar (O Cid)	político e/ou conquistador
320	VII	23/11/1911	Dante Alighieri	escritor e/ou poeta
323	VII	14/12/1911	Alexandre, o grande	político e/ou conquistador
324	VII	21/12/1911	João Bart	político e/ou conquistador
325**	VII	27/12/1911	Maria Stuart	político e/ou conquistador
326* **	VIII	04/01/1912	Napoleão I	político e/ou conquistador
328**	VIII	18/01/1912	Imperatriz Josephina	político e/ou conquistador
329***	VIII	25/01/1912	A Imperatriz Maria Luiza	político e/ou conquistador
330* **	VII	01/02/1912	Napoleão II (Duque de Reichstadt)	político e/ou conquistador
333***	VII	22/02/1912	Pelágio, fundador do reino das Astúrias	político e/ou conquistador
334***	VII	29/02/1912	Pedro Corneille	escritor e/ou poeta
336***	VIII	14/03/1912	Germanico	político e/ou conquistador
338***	VIII	28/03/1912	Ludovico Ariosto	escritor e/ou poeta
339****	VIII	04/04/1912	D. Damião Cosme de Churruca	político e/ou conquistador
340* ****	VII	11/04/1912	Publius Virgilius Maro	escritor e/ou poeta
343****	VII	02/05/1912	Jorge Washington	político e/ou conquistador
344****	VII	09/05/1912	Guilherme Shakespeare	escritor e/ou poeta
345****	VIII	16/05/1912	Maria Thereza da Áustria	político e/ou conquistador
346****	VIII	23/05/1912	Joana D'Arc	político e/ou conquistador
347****	VIII	30/05/1912	Nero	político e/ou conquistador
348****	VII	05/06/1912	Raphael Sanzio	artista plástico e/ou arquiteto
349****	VII	13/06/1912	Jorge Luiz Leclerc de Bufon	filósofo e/ou pensador
350****	VII	20/06/1912	Homero	escritor e/ou poeta
351****	VIII	27/06/1912	A Infanta Isabel	político e/ou conquistador
352* ****	VIII	03/07/1912	João Francisco Galoup de la Pêrouse (navegador)	político e/ou conquistador
355****	VIII	25/07/1912	Annibal	político e/ou conquistador
358* ***	VII	14/08/1912	Fernando, o cathólico	político e/ou conquistador
360* ****	VII	29/08/1912	Catharina de Médicis	político e/ou conquistador
362	VII	12/09/1912	Laplace	cientista e/ou inventor
363	VII	19/09/1912	Ampéré	cientista e/ou inventor
365	VII	03/05/1912	Galileu	filósofo e/ou pensador
366*****	VII	10/05/1912	A vida de um menino prodígio (Mozart)	músico e/ou compositor

ANEXO III – GALERIA DOS HOMENS CÉLEBRES

370	VII	07/11/1912	La Fontaine	escritor e/ou poeta
371	VII	14/11/1912	Lavoisier	cientista e/ou inventor
374	VII	04/12/1912	Foucault	cientista e/ou inventor
377	VII	26/12/1912	Buffon	filósofo e/ou pensador
379	VII	09/01/1912	Cromwell	político e/ou conquistador
380	VIII	16/01/1913	Cavaignac	político e/ou conquistador
381	VIII	23/01/1913	Brutus	político e/ou conquistador
382	VIII	30/01/1913	Jacques Cujas	escritor e/ou poeta
384	VIII	13/02/1913	Cervantes Saavedra	escritor e/ou poeta
386	VIII	27/02/1913	Danton	político e/ou conquistador
387	VIII	06/03/1913	Dumouriez	político e/ou conquistador
388	VIII	13/03/1913	Malheshervas	político e/ou conquistador
389	VIII	19/03/1913	Conde de Custine	político e/ou conquistador
391	VIII	02/04/1913	Papin	cientista e/ou inventor
393	VIII	17/04/1913	William Penn	político e/ou conquistador
395	VIII	01/05/1913	Alexandre Volta	cientista e/ou inventor
396	VIII	08/05/1913	Salvator Rosa	artista plástico e/ou arquiteto
397	VIII	15/05/1913	Annibal	político e/ou conquistador
398*	VIII	22/05/1913	Epicuro	filósofo e/ou pensador
400	VIII	05/06/1913	Matternich	político e/ou conquistador
400	VIII	05/06/1913	Cyrano de Bergerac	escritor e/ou poeta
401	VIII	12/06/1913	La Bruyère	escritor e/ou poeta
402	VIII	19/06/1913	Condé	político e/ou conquistador
403	VIII	26/06/1913	La Quintinie	cientista e/ou inventor
405	VIII	10/07/1913	Bacon	filósofo e/ou pensador
409*****	VIII	07/08/1913	Cristovão Colombo	político e/ou conquistador
410*****	VIII	14/08/1913	O Almirante de Coligny	político e/ou conquistador
502**	X	19/05/1915	Catharina de Médicis	político e/ou conquistador
504**	X	02/05/1915	Nero, imperador de Roma	político e/ou conquistador
506**	X	16/06/1915	Catarina II, da Rússia	político e/ou conquistador
520**	X	22/09/1915	Catharina I	político e/ou conquistador
523**	X	13/10/1915	Graham Bell	cientista e/ou inventor
549**	XI	12/04/1916	Isaac Newton	cientista e/ou inventor
552**	XI	03/05/1916	S. Gregório Nazianzeno	religioso
624	XII	19/10/1917	Américo Vespúcio	político e/ou conquistador
625	XII	26/10/1917	Augusto, primeiro imperador romano	político e/ou conquistador
626* **	XII	03/10/1917	Marco Antonio	político e/ou conquistador
629**	XII	24/10/1917	Simon Bolívar	político e/ou conquistador
630**	XII	31/10/1917	Kosciusko	político e/ou conquistador
632**	XII	14/11/1917	Martinho Lutero	religioso
634**	XII	28/11/1917	Abrahan Lincoln	político e/ou conquistador
635**	XII	05/12/1917	Antonio José de Sucre	político e/ou conquistador
636**	XII	12/12/1917	Miranda	político e/ou conquistador
637	XII	19/12/1917	O Fundador da Jovem Itália – Mazzini	político e/ou conquistador
638**	XII	26/12/1917	O Fundador da Independência do Peru	político e/ou conquistador
640**	XIII	09/01/1918	O inventor do gaz – Felipe Lebon	cientista e/ou inventor
641**	XIII	16/01/1918	Garcia Moreno	político e/ou conquistador
642	XIII	23/01/1918	Commodo	político e/ou conquistador
644**	XIII	30/01/1918	San Martín	político e/ou conquistador

ANEXO III – GALERIA DOS HOMENS CÉLEBRES

646**	XIII	20/02/1918	George Canning	político e/ou conquistador
647**	XIII	27/02/1918	Alfredo Nobel	cientista e/ou inventor
648**	XIII	06/03/1918	Noailles	político e/ou conquistador
649**	XIII	13/03/1918	Julio Cesar	político e/ou conquistador
650**	XIII	20/03/1918	Torquato Tasso	escritor e/ou poeta
651**	XIII	27/03/1918	Luís Pasteur	cientista e/ou inventor
652**	XIII	03/04/1918	François Bichat	cientista e/ou inventor
653**	XIII	10/04/1918	Cumberland (Guilherme Augusto)	político e/ou conquistador
655**	XIII	24/04/1918	Flammarion	cientista e/ou inventor
656**	XIII	01/05/1918	Luiz Adolpho Thiers	político e/ou conquistador
658**	XIII	15/05/1918	Marquez de Pombal	político e/ou conquistador
659**	XIII	22/05/1918	Sallustio	político e/ou conquistador
660**	XIII	29/05/1918	Rouget de Lisle	músico e/ou compositor
661**	XIII	05/06/1918	Tolstoi	escritor e/ou poeta
662**	XIII	12/06/1918	Julio Verne	escritor e/ou poeta
663**	XIII	19/06/1918	Vasco da Gama	político e/ou conquistador
664**	XIII	26/06/1918	Thomaz Edison	cientista e/ou inventor
665**	XIII	03/07/1918	Rogério bacon	filósofo e/ou pensador
666**	XIII	10/07/1918	Alphonse Daudet	escritor e/ou poeta
668**	XIII	24/07/1918	Esopo	escritor e/ou poeta
670**	XIII	07/08/1918	Galileu	cientista e/ou inventor
681**	XIII	23/10/1918	Cristovão Colombo	político e/ou conquistador
687**	XIII	04/12/1918	José Clemente Pereira	político e/ou conquistador
715**	XIV	18/06/1919	Copérnico	cientista e/ou inventor
720**	XIV	23/07/1919	Salomão, o rei dos israelitas	político e/ou conquistador
722**	XIV	06/08/1919	Sócrates	filósofo e/ou pensador
727	XIV	10/09/1919	Xenophonte	filósofo e/ou pensador
732**	XIV	15/10/1919	Daniel na caverna dos leões	religioso
738**	XIV	26/11/1919	Vespasiano	político e/ou conquistador
766	XV	09/06/1920	Catão, o antigo	político e/ou conquistador
1785	XXXIV	21/12/1939	Alexandre, o grande	político e/ou conquistador
1788	XXXV	10/01/1940	Nelson	político e/ou conquistador
1791	XXXV	31/01/1940	Mario Caio	político e/ou conquistador
1792	XXXV	07/02/1940	Licurgo	político e/ou conquistador
1797	XXXV	13/03/1940	Tito	político e/ou conquistador
1798	XXXV	20/03/1940	Vinci	cientista e/ou inventor
1841	XXXVI	15/01/1941	Garibaldi	político e/ou conquistador
1845	XXXVI	12/02/1941	João Chaptal	cientista e/ou inventor
2030**	L	00/01/1955	Luiz Daguerre	artista plástico e/ou arquiteto
2031**	L	00/02/1955	Alfredo Nobel	cientista e/ou inventor
2032**	L	00/03/1955	Fabre	cientista e/ou inventor
2036**	L	00/07/1955	Renato Reaumur	cientista e/ou inventor
2037**	L	00/08/1955	Gaspar Monge	cientista e/ou inventor
2041**	L	00/12/1955	Buffon	cientista e/ou inventor
2042**	LI	00/01/1955	Julio Verne	escritor e/ou poeta

* O número ou números seguintes não estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira.

** Publicada na seção pelo título Galeria dos Personagens Célebres.

ANEXO III – GALERIA DOS HOMENS CÉLEBRES

*** Publicada na seção pelo título Galeria dos Personagens Célebres da história.

**** Publicada na seção pelo título Personagens Célebres da história.

***** Publicada na seção pelo título Galeria dos Personagens Ilustres.

***** Publicada na seção pelo título Galeria de Celebridades.

***** Publicada na seção pelo título Nomes e Datas Notáveis Ou Nomes e factos Notáveis..

ANEXO IV – GRANDES EPISÓDIOS DA NOSSA HISTÓRIA

NÚMERO	ANO	DATA	TÍTULO
1876	XXXVII	03/42	Antonio João. O herói de Dourados.
1878		05/42	O martírio de Frei Caneca
1879		06/42	Os Holandeses na Paraíba*
1891	XXXVIII	06/43	Joana Angélica. Heroína da Independência**
1893		08/43	Abdicação de Pedro I**
1899	XXXIX	02/44	As batalhas de Guararapes e a expulsão dos Holandeses**
1901		04/44	A morte de Dias Velho**

* Texto de Paulo Batista. Desenho de Luiz Ribeiro.

** De Américo Palha.

ANEXO V – GRANDES FIGURAS DO MUNDO

1960	XLIV	1/3/1949	Mark Twain
1960	XLIV	1/3/1949	Bach
1961	XLIV	1/4/1949	Jack London
1961	XLIV	1/4/1949	Américo Vespúcio
1962	XLIV	1/5/1949	Franz Liszt
1962	XLIV	1/5/1949	Daguerre
1964	XLIV	1/7/1949	Miguel Angelo
1964	XLIV	1/7/1949	Samuel Morse
1967	XLV	1/10/1949	Sir Walter Raleigh
1967	XLV	1/10/1949	Rimsky Korsakov
1968	XLV	1/11/1949	Leonardo da Vinci
1968	XLV	1/11/1949	Guilherme Morton
1969	XLV	1/12/1949	Haendel
1969	XLV	1/12/1949	Herschel
2064	LIII	1/11/1957	Lavoisier
2063	LIII	1/10/1957	D. Henrique
2067	LIII	1/2/1958	Bach
2068	LIII	1/3/1958	Mark Twain

ANEXO VI – HISTÓRIA DO BRAZIL EM FIGURAS

Número	Ano	Data	Assunto
6	I	15/11/1905	Martin Affonso de Souza e a colonização
7	I	22/11/1905	Catequização dos índios pelos Jesuítas
8*	I	29/11/1905	Fundação do Rio de Janeiro
14	II	11/01/1906	Tomada e Restauração da Bahia – 1624 a 1625
15	II	18/01/1906	Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1639)
16	II	25/01/1906	Invasão e estabelecimento dos holandeses em Pernambuco (1630 a 1635)
17	II	01/02/1906	Prosperidade dos holandeses no Brazil – Mauricio de Nassau (1635-1644)
18	II	08/02/1906	Revolta dos Pernambucanos – Expulsão dos holandeses (1645 a 1654)
19	II	15/02/1906	Insurreição Pernambucana – Os holandeses expulsos (1645 a 1654) – O caso de Amador Bueno (1640)
20	II	22/02/1906	Revolta de Manuel Beckman, no Maranhão 1648 a 1685
22	II	08/03/1906	Revolta de Manuel Beckman, no Maranhão 1684 a 1685
23	II	14/03/1906	Palmares – sua destruição (1697)
24	II	22/03/1906	Palmares – sua destruição (1697)
25	II	29/03/1906	A guerra entre os paulistas e os emboabas (1708 a 1709)
26	II	05/04/1906	Os emboabas e os bandeirantes (1708 a 1709)
27	II	12/04/1906	Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)
28	II	19/04/1906	Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)
29	II	26/04/1906	Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)
30	II	03/05/1906	Novas invasões dos francezes no Rio (1710 a 1711)
31	II	10/05/1906	As Missões – Sua sublevação (1756 a 1759)
32	II	17/05/1906	As Missões – Sua sublevação – Expulsão dos Jesuítas (1756 a 1759)
34	II	30/05/1906	Conspiração de Tiradentes
35	II	07/06/1906	Condemnação e execução de Tiradentes
36	II	14/06/1906	Chegada de D. João VI
38	II	28/06/1906	Alguns fatos do tempo de D. João VI
39	II	06/07/1906	Alguns costumes do tempo de D. João VI
40	II	12/07/1906	Outros costumes e factos do tempo de D. João VI
41	II	18/07/1906	Mais alguns factos e costumes do tempo de D. João VI
43	II	02/08/1906	O reinado de D. João VI
44	II	09/08/1906	Reacção Nativista – Revolução de 1817
46	II	23/08/1906	Continuação da Revolução de Pernambuco em 1817
47	II	30/08/1906	Continuação da Revolução de Pernambuco em 1817
48	II	06/09/1906	O Constitucionalismo e o regresso da família real
49	II	13/09/1906	Independencia do Brazil de 1821 a 1822
50	II	20/09/1906	Aclamação e Coroação de D. Pedro I
51	II	27/09/1906	O 2 de Julho na Bahia – 1823
52	II	04/10/1906	Abertura e dissolução da Assembleia Constituinte. Confederação do Equador – 1823-1824
53	II	11/10/1906	Alguns factos do reinado de D. Pedro I – 1825-1827
54	II	18/10/1906	Um episódio da Guerra com a Argentina 1828
55	II	25/10/1906	Acontecimento do fim do reinado de D. Pedro I
56	II	01/11/1906	A abdicação de D. Pedro I – 7 de abril de 1831
57	II	08/11/1906	Aclamação de D. Pedro II – 7 de abril de 1831
59	II	22/11/1906	Capítulo XXXV – Reinado de D. Pedro II
60	II	29/11/1906	Factos da minoridade de D. Pedro II
62	II	13/12/1906	Reinado de D. Pedro II
63**	II	19/12/1906	Sublevação da Ilha das Cobras, em 7 de outubro de 1831
66	III	10/01/1907	Guerra do madeira, no Ceará

ANEXO VI – HISTÓRIA DO BRAZIL EM FIGURAS

67***	III	17/01/1907	Fim da Guerra do Madeira, no Ceará
83	III	08/05/1907	A guerra do dictador Rosas - seu fim – 1852
87	III	06/06/1907	A Questão Christie – 1861-1863
88	III	13/06/1907	A Tomada de Paysandú – 1865
89	III	20/06/1907	Episódies (sic) da tomada de Paysandú
90	III	27/06/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870
91	III	04/07/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870
92	III	11/07/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865
94	III	25/07/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha naval do Riachuelo – 11 de junho de 1865 (continuação)
95	III	01/08/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Batalha naval do Riachuelo (continuação)
96	III	08/08/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Ocupação e rendição de Uruguayana
97	III	15/08/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Rendição de Uruguayana
98	III	22/08/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 O Passo da Pátria
99	III	29/08/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 A Batalha de Tuyuty – 24 de maio de 1866
102	III	12/09/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Um episódio da grande batalha de Tuyuty – 24 de maio de 1866
104	III	03/10/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Bombardeio e Ocupação de Curuzú
106	III	17/10/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 A chegada do Duque de Caxias ao campo do nosso exército no Paraguay
108	III	31/10/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Arrebanhamento de gado – Contornamento da Fortaleza de Humaitá
110	III	14/11/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Uma prova de bravura e sangue-frio de Ozorio
113	III	05/12/1907	Guerra do Paraguay 1864-1870 Uma ascensão de balão

* Os números de 1905 não estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira.

** O número 64 não consta na Hemeroteca Digital Brasileira, não sendo possível saber se a seção foi ou não publicada neste número.

*** Na Hemeroteca Digital Brasileira há uma interrupção entre o número 67 e 82.

ANEXO VII – HISTÓRIA DA NOSSA PÁTRIA

NÚMERO	ANO	DATA	TÍTULO
1152	XXII	02/11/1927	Sem título – Viagem de Pedro Álvares Cabral
1156	XXII	30/11/1927	João Ramalho
1157	XXII	07/12/1927	Fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro
1158	XXII	14/12/1927	Caramuru*****
1159	XXII	21/12/1927	Caramuru – conclusão
1161	XXIII	04/01/1928	Paraguassú e a fundação da Bahia*****
1164	XXIII	25/01/1928	Anchieta Apóstolo do Brasil
1165	XXIII	01/02/1928	Anchieta Apóstolo do Brasil (conclusão)
1166	XXIII	08/02/1928	Roberio Dias ou As minas de prata
1167	XXIII	15/02/1928	A escravidão
1169**	XXIII	29/02/1928	Os bandeirantes
1171	XXIII	14/03/1928	Tiradentes
1172	XXIII	21/03/1928	As primeiras revoltas do Brasil
1173	XXIII	28/03/1928	A primeira invasão estrangeira no Brasil
1174	XXIII	04/04/1928	Os francezes no Maranhão
1175	XXIII	11/04/1928	A primeira invasão holandesa
1176	XXIII	18/04/1928	Francezes no Rio de Janeiro Duclerc
1180	XXIII	16/05/1928	Duguay-Trouin
1181	XXIII	23/05/1928	O primeiro governo do Brasil
1182	XXIII	30/05/1928	Zumbi o rei dos Palmares
1183	XXIII	05/06/1928	Os mascates (1710)
1184	XXIII	13/06/1928	Revolução de Pernambuco (1817)
1186	XXIII	27/06/1928	D. João VI no Brasil
1187	XXIII	04/07/1928	Fim da Revolução de Pernambuco em 1817
1188	XXIII	11/07/1928	Holandeses em Pernambuco (1630)
1189	XXIII	18/07/1928	O Arraial do Bom Jesus
1190	XXIII	25/07/1928	O Brasil sob domínio da Espanha
1191	XXIII	01/08/1928	Maurício de Nassau
1192	XXIII	09/08/1928	“As entradas”
1193	XXIII	15/08/1928	Os nossos indígenas
1197	XXIII	12/09/1928	O juiz do povo
1198	XXIII	19/09/1928	Os nossos indígenas – seus usos, costumes e industrias
1200	XXIII	03/10/1928	Os “Emboabas”
1202	XXIII	17/10/1928	A proclamação da República
1203	XXIII	24/10/1928	O banimento da família imperial
1204	XXIII	31/10/1928	A Batalha de Riachuelo
1205	XXIII	07/11/1928	A epopeia de Parnahyba
1206	XXIII	14/11/1928	Confederação do Equador
1207	XXIII	21/11/1928	A morte do Dicator do Paraguay
1208	XXIII	28/11/1928	D. Pedro II
1210	XXIII	12/12/1928	Derrota e fim do domínio holandez no Brasil
1212	XXIII	29/12/1928	Floriano Peixoto
1213	XXIV	02/01/1929	O governo do Dr. Prudente de Moraes
1214	XXIV	09/01/1929	Um heróe de 18 anos – episódios da Batalha de Avahy
1215	XXIV	16/01/1929	Rio Branco
1216	XXIV	23/01/1929	O anhanguera
1217	XXIV	30/01/1929	O supplicio de Frei Caneca

ANEXO VII – HISTÓRIA DA NOSSA PÁTRIA

1218	XXIV	06/02/1929	A Guerra dos Farrapos
1220	XXIV	20/02/1929	O Brasil contra Rosas e Oribes
1221	XXIV	27/02/1929	Nossas lutas no Prata
1222	XXIV	06/03/1929	Soror Joana Angelica de Jesus
1224	XXIV	20/03/1929	Santos Dumont
1225	XXIV	27/03/1929	Augusto Severo
1226	XXIV	03/04/1929	A Sabinada ou a Proclamação da República da Bahia
1227	XXIV	10/04/1929	A Batalha de Pirajá
1229	XXIV	24/04/1929	Maria Quitéria
1230		01/05/1929	A abertura dos portos
1231		08/05/1929	Como morreu Francisco Camerino
1232		15/05/1929	José Bonifácio Patriarcha da Independência
1233		22/05/1929	Nova Era 13 de maio
1235		05/06/1929	Hilário Gurjão
1236		12/06/1929	Destruímos a tyrania de Lopez
1237***		19/06/1929	Bartholomeu de Gusmão
1238***		26/06/1929	O ouro do Brasil
1240		10/07/1929	Carlos Gomes
1241		17/07/1929	As Luctas da Independência
1242		24/07/1929	Presidencia Rodrigues Alves
1243		31/07/1929	Canudos
1244		07/08/1929	Heroínas Brasileiras
1245		14/08/1929	Retirada de Laguna
1246		21/08/1929	D. Pedro II ou Segundo Reinado
1247		28/08/1929	Os Jesuítas
1248		04/09/1929	Campos Salles e Joaquim Murtinho
1249		11/09/1929	Abdicação de D. Pedro I
1250		18/09/1929	Hollamdezés e Pernambucanos
1251		25/09/1929	O castigo da Traição. Episódio da Revolta dos Bekman, no Maranhão
1252		02/10/1929	Laços de Fita****
1253		09/10/1929	Laços de Fita****
1254		16/10/1929	Terra de Santa Cruz*****
1255		23/10/1929	Terra de Santa Cruz*****
1256		30/10/1929	Terra de Santa Cruz*****
1257		06/11/1929	Terra de Santa Cruz*****
1258		13/11/1929	O Boi Melchior****
1259		20/11/1929	O Boi Melchior****
1260		27/11/1929	O Boi Melchior****

* Essa seção aparecia eventualmente sob o título História da nossa terra.

** O número anterior não se encontra na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

*** Na Hemeroteca Digital Brasileira, os números 1237 e 1238 encontram-se juntos.

**** Escrito por Viriato Corrêa.

***** Dos Contos da História do Brasil, de Viriato Corrêa.

***** Baseado no poema épico de Santa Rita Durão.

ANEXO VIII – QUADROS DA NOSSA HISTÓRIA

NÚMERO	ANO	DATA	TÍTULO	Nº NA SEÇÃO
1869	XXXVI	08/41	Os tempos heroicos da navegação	1
1870	XXXVI	09/41	O Brasil na época de seu descobrimento	2
1871	XXXVI	10/41	Os primeiros tempos coloniais	3
1872	XXXVI	11/41	Catequese dos índios e defesa da colônia	4
1873	XXXVI	12/41	Aspectos da Civilização Brasileira. A fase do açúcar.	5
1874	XXXVII	01/42	Os Holandeses no Brasil	6
1875	XXXVII	02/42	Os Bandeirantes	7
1876	XXXVII	03/42	A fase do ouro	8
1877	XXXVII	04/42	Protestos e lutas nativistas	9
1878	XXXVII	05/42	A colônia de Sacramento. Expulsão dos Jesuítas.	10
1879	XXXVII	06/42	Anseios de Independência	11
1880	XXXVII	07/42	Trasladação da Família Real para o Brasil	12
1881	XXXVII	08/42	A Independência do Brasil	13
1882	XXXVII	09/42	Abdicação de Pedro I – Regências	14
1883	XXXVII	10/42	Revoluções Republicanas do Norte – Guerras no Sul	15
1884	XXXVII	11/42	Aspectos da Civilização Brasileira. Populações do litoral e do interior	16
1885	XXXVII	12/42	Aspectos da Civilização Brasileira. Transporte.	17
1886	XXXVIII	01/43	Aspectos da Civilização Brasileira. A vida rural no Segundo Reinado.	18
1887	XXXVIII	02/43	Lutas do Segundo Império	19
1888	XXXVIII	03/43	Guerra do Paraguai	20
1889	XXXVIII	04/43	A retirada da Laguna	21
1890	XXXVIII	05/43	Progresso do Brasil	22
1891*	XXXVIII	06/43	A República	23
1893	XXXVIII	08/43	As Constituições Brasileiras	25
1894*	XXXVIII	09/43	Aspectos da Civilização Brasileira. O Brasil no exterior.	26
1896	XXXVIII	11/43	Aspectos da Civilização Brasileira. A evolução da casa.	28

* O número seguinte não está disponível no acervo da Hemeroteca Brasileira da Biblioteca Nacional.